Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

Secretário
José Joaquim Gaita

Director e Proprietário
Isidoro Duarte Santos

Editor
Pedro C. Dias de Sousa

ANO 1.º LISBOA, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1940 N.º 3

# AOS IRMÃOS DO BRASIL

por Isidoro Duarte Santos

Meus prezados irmãos em crença :

ESTA carta é mais confissão, que narrativa, e por isso vos peço a delicadeza da vossa atenção. ¡Quem dera que pudesse tornar-me compreendido ! Penetrai bem no sentido das minhas palavras simples, mas cheias de entusiasmo, cheias de esperança no progresso do Espiritismo, de que sou o último dos arautos. Prouvera a Deus conseguisse transmitir-vos o anseio que me vai na alma, a alegria que me domina, ao falar de assunto que me é tão querido !

Prometi a mim mesmo que escreveria aos meus irmãos do Brasil, levando-lhes as saüdações de Aquém-Atlântico, as saüdações de tantos irmãos que conhecem a vossa obra, e aqui estou ante vós a penitenciar-me do arrojado cometimento, da temeridade da emprêsa, sem dúvida superior às minhas possibilidades. Aqui estou, irmãos, para vos dizer, em linguagem de amigo, tôda a admiração que os espiritas lusitanos sentem pelos triunfos dos seus irmãos brasileiros, tão generosos, tão magnânimos, tão cientes das responsabilidades contraídas, que difícilmente haverá quem os iguale, quanto mais exceda, em altruísmo e compreensão do seu papel de pioneiros do Bem, escudados em virtudes excelsas, que são o móbil principal de suas vitórias.

Aqui estou, inteiramente convencido da vossa dedicação inexcedível, maravilhado com o anelo que votais a tôdas as ideas elevadas e a rapidez com que as materializais, embora semelhantes realizações, pela sua grandeza, pareçam a muita gente inacreditáveis.

¡Mas, não! Quando os projectos são inspirados pelo Alto, quando vai neles a alma, em volutas de fé, em vibrações de amor e caridade, não valem obstáculos, que servem, em geral, de estímulo salvador, porque obrigam a esforços admiráveis.

O Centro Espiritualista Luz e Amor não alimenta desmarcados planos, pois deseja viver modestamente e trabalhar segundo as energias de que dispõe. Entendeu, no entanto, que esta carta fôsse escrita para essa terra maravilhosa, no veemente afã de estreitar os laços espirituais que nos unem, extinguindo para sempre um desconhecimento mútuo que tem tocado as raias do inverosímil.

Portugal e Brasil são duas sentinelas do Atlântico, duas guardas-avançadas duma ci-

vilização que marcou e continuará a marcar na história das nações heróicas e cavalheirescas. Devem, pois, dar as mãos e marchar para novos rumos, em busca de conquistas novas, não de armas aperradas e ciosas de poderio, mas empunhando bandeiras brancas de paz e entoando legendas de renúncia à violência que está na moda e ensangüenta dois terços da velha Europa.

Desconhecermo-nos, propositadamente, é menosprezar os benefícios da comunhão de pensamentos, tão necessária nesta conjuntura, em que as raças afins tentam aproximações económicas e culturais em ânsia de expansão que deixa a perder de vista a política dos séculos transactos.

Assim, quando em Portugal fundamos uma revista de Espiritismo, imediatamente evocamos o Brasil, onde procuramos excelentes colaboradores, solícitos aos nossos rogos, porque os seus escritos nos trazem a camaradagem esplêndida, o abraço sincero, a certeza de que podemos contar com êles. E não há nada mais benéfico do que esta companhia honrosa, que não trai, que não alimenta ideas inconfessáveis e que, pelo contrário, é a prova inequívoca dos grandes milagres do Espiritismo.

¿ Haverá, porventura, coisa mais bela, mais edificante do que a harmonia resultante da afinidade espiritual que liga duas criaturas ? Não há, certamente. Disso estão convencidos todos aqueles que se entregaram ao trabalho de espalhar a Doutrina, pela palavra e pela pena, num campo ou noutro, entre humildes ou opulentos. Encontrar uma alma que vibre na freqüência em que vibramos é precioso achado que vem aumentar o entusiasmo que nos impulsiona.

Eis por que escrevo esta carta. A minha missão é procurar amigos dedicados e concertar com êles a maneira de sermos úteis ao Espiritismo, pela intensificação de pensamentas bons que fortaleçam os nossos laços de amizade, prolongando-os para além da morte, se possível. E assim tomo parte na propaganda em que estais empenhados e carreio uma pedra para o edifício que desejais erguer, à fôrça de atitudes elevadas. Venho juntar a voz às vossas vozes, para que o côro aumente de volume ; venho trazer-vos a certeza de que a vossa obra é imortal e transcende o limite das vossas fronteiras geográficas.

* * *

Não vale a pena repetir aqui a parábola do molho de varas. Melhor a conheceis do que eu. Ela é, porém, o símbolo de quanto vale a união dos homens, principalmente quando um grande ideal os liga, quando uma doutrina como a nossa os concita e os atrai.

O homem prudente não despreza qualquer auxílio, por mínimo que seja. Da união de todos é que resulta a fôrça colimada. Assim pensando, assim agindo, o verdadeiro espirita fortalece, pouco a pouco, a sua obra, lançando apêlos e nada repelindo do que possa consolidar aquilo que se pretende erguer. Busca adeptos e não prosélitos. Os primeiros são esteios utilíssimos, sem os quais não vingam as causas, por mais nobres que sejam ; os segundos são ramagem frondosa que o menor sôpro desmantelada e vergasta. Nós queremos adeptos operosos e honestos, dispostos ao sacrifício comum, que propaguem o ideal de sorriso nos lábios e recebam os motejos com a serenidade própria de espíritos fortes, a quem não atingem vilipêndios, nem opróbrios. Queremos adeptos espontâneos, que venham pelo raciocínio, depois de estudarem e meditarem e compreenderem que o Espiritismo não é dogmático, não faz imposições, não cerceia a liberdade individual e muito menos constrange quem quer que seja a crer num só dos seus postulados. Isso fica à consciência de cada um, pois quando a verdade é evidente, quando ela se instala na consciência e afirma, tenazmente, o seu prestígio grandioso, o homem não pode fugir ao seu influxo.

Às vezes, para obedecer ao que alguns chamam de coerência, teima-se em manter ideas falsas e absurdas, que não resistem à menor discussão. Mas essa gimnástica cerebral não dura sempre e o que é infundado é transitório, está condenado irremediàvelmente.

O adepto sincero é senhor de arma certeira, com que vai minando o velho reduto materialista. Com êsse instrumento eficaz e um pouco de senso prático usado oportunamente, enfrenta a dialética dos letrados, a rectórica dos falaciosos. Porque não há obstáculos que valham, quando os argumentos são irrespondíveis. E os nossos argumentos são de tal modo consistentes, possuem tão inquebrantável solidez, que os adversários, ou encolhem os ombros, ou batem em retirada.

* * *

O nosso Centro e a nossa revista desejam pôr em prática a parábola a que há pouco me referi.

¿ Poderemos nós conseguir tão alto objectivo ? O nosso entusiasmo cresce dia a dia, porque dia a dia sentimos à nossa volta maior número de elementos que não deixam extinguir o fôgo sagrado que nos invade, inteiramente, o coração. Tenho, pois, esperança, a mais arreigada esperança de que a confraternização luso-brasileira será um facto, mais ou menos distante. Tudo depende das circunstâncias e da maneira como encaminharmos os nossos passos.

Nós conhecemos, mais ou menos, a obra das vossas federações, através dos seus órgãos de propaganda. Temos ouvido falar nesses ninhos de amor, onde a infância desvalida e a velhice desamparada encontram caridoso auxílio, mercê de generosos protectores que fazem da filantropia o seu lema de todos os instantes.

Nós também temos ideas generosas, que desejamos dinamizar, logo que os nossos recursos o permitam. E nenhum molde nos poderá servir melhor do que o vosso, por motivos vários, o primeiro dos quais assenta na igualdade de raças que procedem do mesmo tronco genealógico.

Conhecemos, da mesma forma, o desinteressado trabalho dos vossos médiuns e a estoicidade com que encaram as perseguições malévolas de irmãos desconhecedores do verdadeiro sentido da mediunidade. Graças a Deus, há justiça nessa terra, porque os tribunais absolvem os réus injustamente acusados e os amigos do Alto continuam a transmitir os seus fluidos curadores, na faina de aliviar o sofrimento humano. Não é sem motivo que o espírito de Humberto de Campos chama ao Brasil a «Pátria do Evangelho», onde os discípulos do Cristo se encontram representados em magníficos instrumentos que tão bem sabem exemplificar os preceitos que eternizaram o Meigo Nazareno.

Sim ! Os vossos médiuns, os vossos verdadeiros médiuns, são os mais lídimos expoentes da revelação espirita.

Nesta altura, quero salientar o gesto do Dr. Inácio Ferreira, Director do Sanatório Espirita de Uberara, confessando a sua inferioridade, em relação aos médiuns do mesmo Sanatório, os quais, sendo quási analfabetos, conseguiram, com seus passes e suas preces, dar lições edificantes a um cientista de reconhecida autoridade profissional. Desde então, o clínico transformou-se em apóstolo do Espiritismo.

¿ Onde poderíamos encontrar depoïmento mais valioso e autorizado e que melhor exteriorizasse o pensamento dum sábio que aportou ao Espiritismo, em virtude de factos irrefragáveis, de que a sua inteligência não podia duvidar um só momento ? ¿ Onde poderíamos encontrar depoïmento mais oportuno para justificar a necessidade de expandir a doutrina, de a levar aos mais ignorados recantos do globo ?

O Dr. Inácio Ferreira, com a sua atitude desassombrada, deve ter atraído muita gente às nossas fileiras e os seus artigos devem ser transcritos por todos os jornais e revistas que defendem a Causa.

* * *

Voltando, porém, ao assunto desta carta, quero referir-me à obra que serve de cúpula ao edifício que erguestes e que está a produzir sazonados frutos.

Em meu entender, a criação de escolas espiritas é a obra mais importante de quantas tendes realizado.

Os asilos são úteis, os sanatórios são necessários. Mas a escola é mais do que necessária e útil : é indispensável.

Já dizia Danton que «depois do pão, a educação é a primeira necessidade do povo». Não se podem modificar os costumes, não se pode alterar a estrutura social, sem o auxílio da escola, sem o concurso dêsse obreiro humilde que é o professor primário. A escola é o laboratório onde se plasmam as almas, onde se prepara a juventude para os combates do porvir. Os conhecimentos bebidos no ensino das primeiras letras abrem sulcos profundos na memória e nada consegue apagá-los, durante a vida planetária. Estão sempre presentes, como se fôssem de ontem, como se fôssem de hoje, como se fôssem de há um instante.

Prègar doutrina aos adultos é coisa meritória ; mas prègá-la às crianças, na idade escolar, doutrina que sirva de orientação na vida e que facilite a aquisição de virtudes imperecíveis, doutrina que exalte, que nobi-

lite o progresso e liberte a idea de Deus de incongruências que não devem ser impostas à humanidade; prègar esta doutrina, difundi-la entre os pequeninos, para que aprendam a amar a Deus e se habituem a raciocinar como homens livres, é tarefa que todos devemos abraçar, incondicionalmente.

Por isso, meus irmãos brasileiros, eu enalteço o vosso esfôrço educativo e o tenho proclamado aos quatro ventos, em muitos artigos vulgarizadores, em jornais e revistas europeus. Por isso, eu defendo e preconiso a vossa orientação doutrinária, de efeitos positivos e dignos de admiração, capazes de estimular beneméritos e fortalecer os timoratos que encaram a vida e a morte, como se ambas fôssem visões aterradoras: a primeira, pelos obstáculos que levanta; a segunda, pelos quadros com que amedronta.

Vós procurais o meio termo em tudo, porque no meio termo está a verdade.

O Espiritismo é campo tão vasto, assume aspectos tão variados, tão estranhos cambiantes, que tôdas as ciências nele cabem, porque êle está ligado a tôdas as ciências. Podem vir os sábios, com os seus cadinhos. Têm cá muito e muito que estudar. E se vierem com boas intenções, prestes reconhecerão que aportaram a uma filosofia sem retórica, que dá as mãos à ciência, a quem fornece elementos de estudo sério, digno de preocupar as mais doutas academias.

Mas a beleza que se desprende da sua moral é qualquer coisa de atraente e consolador, tão consolador e atraente, que até os criminosos nela encontram motivos de contrição, de renúncia ao mal, de abandono dos caminhos tortuosos, em que deram largas ao instinto, esquecendo a voz da consciência.

Vós procurais o meio termo dêstes dois extremos e conseguis o que raros conseguem e que não é mais necessário encarecer, neste momento.

* * *

Meus irmãos espirituais:

Permiti que me refira também à colónia portuguesa, que é das mais importantes, quer pelo número, quer pelos serviços prestados ao Brasil, cuja bandeira respeita e cujo prestígio fortalece com o seu trabalho probo e constante. Êsse punhado de lusitanos que aí mourejam, que aí estabeleceram seus lares, aí criaram e educaram os filhos, não esquecendo nunca a terra que os viu nascer, são do melhor que existe na nossa raça. Para êles, pois, as minhas saüdações, as saüdações do Centro Espiritualista Luz e Amor, que nutre por êles a maior admiração, não olvidando que dêles nos vieram auxílios preciosíssimos, sem os quais não poderíamos levar a bom termo a nossa missão.

Assim, impossível me seria esquecê-los nesta Carta escrita ao sabor das espontâneas impressões que me brotam do espírito.

Os confrades portugueses residentes no Brasil constituïrão uma espécie de guarda-avançada que saberá manter o afecto que nos liga aos espiritas de Santa-Cruz. Desejamos viver com êles e para êles, visto conhecermos a sua índole, a sua fé, a sua tenacidade, capazes de realizações inconcebíveis. Êles têm mantido hospitais, têm construído escolas modelares, jardins, parques, estradas, marcos fontenários, tudo, emfim, que traduz progresso e amor à sua terra e representa generosidade simples, que tanto nobilita quem a exerce, como êles a têm exercido. Estou certo, pois, de que aplaudirão, com a maior simpatia, os nossos desejos de confraternização.

* * *

Estais inteirados dos fins e razão da minha carta. Se lestes as minhas palavras, se as medistes e compreendestes, na singeleza que revestem, sabeis que estais em presença de alguém que não vos é de todo desconhecido, dalguém que vibra no mesmo sentimento fraternal, na mesma ânsia de progresso que vos domina a todos.

A vossa aspiração é a minha aspiração, o vosso fim é o meu fim. Portanto, somos soldados das mesmas fileiras, mineiros da mesma galeria, dispostos ao sacrifício que ennobrece e à dor que purifica.

A fé do apostolado é couraça contra a qual se voltam as flechas ervadas da impotência. Quando se tem fé, quando se sabe querer, quando se é animado de energias indomáveis, os obstáculos desaparecem, como por encanto, e não há barreiras, por mais íngremes, que se esquivem à influência dos nossos passos. A tôda a parte chegamos e em tôda a parte exercemos a nossa influência. A ques-

tão é haver paciência, a questão é haver tenacidade.

E a nossa situação é especialíssima, porque temos a escudar-nos uma falange de espíritos bemfazejos que não deixam extinguir a fé a que me referi. Êles querem modificar a sociedade pela intuição de ideas moralizadoras e construtivas e servem-se de nós para a efectivação de tal desejo. Não temos, pois, que recear quaisquer ataques, venham donde vierem.

Esta é a nossa grande fôrça. É ela que tem ateado o fogo da nossa propaganda. Sem ela, nada teríamos feito de útil, devido à grandeza dos obstáculos. Com ela, as próprias montanhas se reduzem a simples outeiros, franqueáveis aos mais inexperientes.

Esta é a nossa grande fôrça. Podemos, até, dizer que dela depende o triunfo da Causa, visto que os bons espíritos estão àlerta e imprimem coesão ao nosso movimento espiritualista.

Com tão magníficos esteios, não há peleja que se não vença, não há dificuldade que se não transponha.

A crise é grave e a doutrina espirita atravessa um período em que tôda a dedicação será pouca, senão soubermos unir-nos como um só homem e trabalhar desinteressadamente, mesmo sob os doestos da turba ignara, para quem ainda não soou a hora da redenção espiritual.

Sejamos, pois, unidos. Formemos muralha inexpugnável, para que as ideas retrógradas não alimentem pruridos de hegemonia e recolham, eternamente, à poeira das criptas donde sairam e onde deviam repousar, como objectos de museu.

O caruncho do passado não pode enfrentar a luz do presente e o sol do porvir. E nós, os arautos, os pregoeiros da Revelação Nova que há de transformar o mundo e regenerar o homem, assumiríamos a mais condenável atitude, se contemporizássemos com as velharias que pretendem entravar a marcha ascensional das gerações novas e relegá-las a épocas pre-históricas.

* * *

Para terminar, sabei que o Centro Espiritualista Luz e Amor e o seu órgão *Estudos Psíquicos* vos estendem os braços, por sôbre as águas claras do Atlântico. Êste abraço não é protocolar, não obedece a fórmulas preconcebidas, que não estão no ânimo dos que tanto vos admiram e estimam, procurando imitar os vossos exemplos, seguir as pègadas de quem bem merece da nossa ideologia. Êsse abraço é semelhante ao do irmão ausente que regressa ao lar, após muitos anos de luta pelas sete partidas do mundo. É um abraço veemente, em que pomos tôda a alma, em que vai a nossa maior aspiração, o nosso mais sentido anelo. Podeis recebê-lo confiadamente, pois confiadamente vô-lo transmite o vosso humilde servo

*Isidoro Duarte Santos*

# Princípios doutrinários do Espiritismo

Pelo Dr. Gustave Geley

*O universo inteiro, no mínimo e no máximo, está sujeito a uma evolução constante e progressiva.*

*Há evolução para o princípio material; há evolução para o princípio psíquico.*

*

*À base da evolução, a alma é um simples elemento de vida, uma inteligência em germe. É a fôrça difusa que associa e mantém as moléculas minerais numa forma definida.*

*

*No cimo da evolução, a Alma é um princípio vivo, consciente e livre, guardando apenas, da sua associação à matéria, o mínimo orgânico necessário à conservação da sua individualidade.*

*

*No decurso da sua evolução progressiva, a Alma passa por organismos cada vez mais aperfeiçoados, numa série imensa de encarnações e desencarnações.*

*

*Na morte natural, o Espírito abandona o corpo por êste lhe ser inútil à sua evolução.*

*

*Durante as fases da vida espiritual, o Espírito pode manifestar-se, em certas condições, cujo estudo é objecto do Espiritismo experimental.*

# O mistério das cruzes indianas

pelo Dr. Gabriel Gobron

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em França)

(Tradução de I. D. S.)

*O Dr. Gabriel Gobron, redactor-correspondente de* Estudos Psíquicos *em França, inaugura hoje a sua colaboração nestas colunas, com o interessante trabalho «O Mistério das Cruzes Indianas».*

*Como já tivemos ocasião de acentuar, na análise do seu livro «Notre Dame des Neiges», o Dr. Gabriel Gobron é um escritor inconfundível, cuja independência e vontade firme de progredir são apanágio do seu espírito, sempre pronto a auxiliar os fracos e os desprotegidos contra a sanha dos orgulhosos. Por esta razão, viu-se obrigado a ser editor das suas obras, tôdas de grande interêsse literário, servidas por estilo terso e vigoroso. A-pesar disso, nunca desanimou; e os livros «Les Couarrails de Pont-à-Mousson», «Yvon, fils de Maroussia», «Histoires Lorraines», «Contacts avec la Geune Génération Allemande» e «La Hongrie Misterieuse» têm corrido mundo e alcançado as mais belas referências.*

*Gabriel Gobron é também distinto poliglôta e redactor de* La Revue Spirite, *a primeira revista mundial no género, fundada e dirigida longo tempo por Allan Kardec, e colabora em quási tôdas as grandes revistas estrangeiras de Espiritismo.*

Estudos Psíquicos *honra-se, pois, com a camaradagem dêste intelectual de escol, a quem apresenta as suas carinhosas saüdações, ao mesmo tempo que felicita os leitores, pelo ensejo que vão ter de apreciar tão curioso e douto articulista!*

Dr. Gabriel Gobron

---

A-pesar das grandes preocupações que me assediam, algo aumentadas pelo estado de guerra em que nos encontramos, consegui ler algumas obras àcêrca dos Índios, tais como: o «Manuscrito de Chichicastenango (Popel Bey)», de António Villacorta C. e Flávio Rodas N., «Geneonomia Maya — Quiché», de David Vela, «Religiões Ameríndias» e «Artes Ameríndias», ambas do professor Jorge Bahlis, «Senzala e Macumba», etc., etc.

Quando se lê, sem preconceitos, a história da civilização indiana, fica-se estupefacto ao verificar que, por obra e graça do pontífice romano, os índios só começaram a ter alma em 1537 («Reformador», 1-7-37). Ora, já é tempo, muito tempo mesmo, de rehabilitar os índios pre-colombinos, amesquinhados por aquela afirmação e pelas pretenções materialistas, como faz, corajosamente, o Prof. Jorge Bahlis, a quem sòmente exprobo o ter procurado, para justificar as suas explicações, uma Atlântida geográfica e não uma Atlântida espiritual. Valerá a pena, a cada descoberta de núcleos espirituais, seguirmos viagens comerciais, trocas marítimas, negócios com êste ou aquele povo longínquo, em vez de procurar uma solução espiritual, isto é, a Inspiração, a Iluminação, a ponto de o Homem ser o médium do Homem, comunicando, directamente, com Deus.

Eu detesto, em absoluto, esta explicação universitária, materialista, ocidental, que consegue explicar sempre a ciência espiritual de alguns, pela luz divina de outros — ainda que, em certos casos, não me seja

possivel explicar a sua realidade psicológica. Mas teria Jesus, acaso, necessidade dos Essénios, dos Egípcios e dos Hindus, para encontrar a luz verdadeira? ¿Onde é que Gautamah-Boudha a descobriu, senão em si próprio? ¿Porque quereis, então, que os Celtas ou os Celtiberos tenham recebido dos Egípcios e dos Hindus o seu sistema de crenças elevadas, principalmente as vidas sucessivas? ¿Não poderiam descobri-la os seus grandes sacerdotes ou magos ou druídas, a exemplo dos místicos muçulmanos ou nórdicos, indianos ou hindus? Esta teoria «geográfica» reduz-se, a-final, a uma escapatória que nada explica, pois que, admitindo, por exemplo, que tôda a ciência espiritual do mundo só provenha da Índia (segundo uns), do Egipto (segundo outros), da Atlântida ou da Lemúria (ainda segundo outros), ¿não é necessário que os místicos hindus ou egípcios ou atlantes ou lémures tenham bebido noutras fontes a sua ciência divina? ¿Então? Após tantos tratos de imaginação, temos de voltar à Inspiração, à Iluminação, à comunhão com Deus e as fôrças divinas.

Sabendo, por outro lado, quão elevadas são, geralmente, as preocupações mercantis dos traficantes de 1940, é lícito preguntar se, em boa verdade, êles jámais puderam personificar, mesmo em tempos mais animosos, os corretores da cultura, os caixeiros-viajantes da Civilização, na sua expressão mais elevada: a Ciência das relações da alma com Deus. Longe de mim a idea de, procurando o Egipto, a Índia ou a Atlântida para explicar o grau de civilização dêste ou daquêle povo, pretender impôr pais ou tutores a pessoas adultas, susceptíveis, por si próprias, de tratar dos seus negócios. Eis, porque eu não podia deixar de apresentar os meus reparos ao Prof. Jorge Bahlis, em virtude da sujeição dêste senhor ao preconceito «geográfico» que assinalei e do qual o mesmo professor não conseguiu desembaraçar-se inteiramente.

Mas, em compensação, ¡que de louvores êle não merece pela coragem de que deu provas (sobretudo nas «Artes Ameríndias»): os factos que apresenta são eloqüentes e falam por si próprios. Êstes povos bárbaros, selvagens, primitivos, não teriam sido muitas vezes ultrapassados em muitos pontos. As descobertas arqueológicas dos irmãos Wagner na República Argentina, mostram bem o simbolismo iniciático a que haviam chegado êstes grandes Mestres duma antiguïdade que só fragmentàriamente conhecemos, em virtude da fúria branca que queimou aos milhares os misteriosos *quipos* que descrevem a história dos místicos e iluminados pre-colombinos. Contudo, mesmo no plano material, como demonstrou há pouco Mr. Donald Maclean, em *The Argus* (Melbourne, 9-9-33) e *The Harbinger of Light* (10/39), órgão tão interessante da Associação Espirita Australiana, êstes bárbaros, êstes selvagens, êstes primitivos resolveram problemas técnicos complicadíssimos com extrema falta de meios, assim como de aparelhos e máquinas aperfeiçoadas. Ainda hoje se ignora, por exemplo, como conseguiram deslocar e transportar as colunas gigantescas, macissas e pesadas, que existem em profusão na Ilha da Páscoa.

Ante o espírito ocidental, o «Império das Planícies» argentinas põe em equação problemas materiais e espirituais da mais flagrante actualidade, pela importância e verdade eterna que revestem.

O Prof. Jorge Bahlis não é qualquer romântico que negligencie os factos ou deturpe a realidade e por isso a largueza de vistas com que expõe certas questões enche de encanto as suas obras. ¡E dizer-se que os civilizados brancos queimaram toneladas de *quipos*, para que ignorássemos tudo, ou quási tudo, quer da Ilha da Páscoa e de seus tesouros religiosos, quer da civilização pre-colombina do continente sul-americano e americano! ¿De que lado está, pois, a barbárie? O «Cântico de Nezahualcóyolt», essa lamentação magnífica àcêrca da vaidade das vaidades, ultrapassa o «tout passe!» de Goethe e de muitas páginas bíblicas, pelo seu acento de frescor eterno. ¡Que de tesouros espirituais brutalmente destruídos pelos Judas do Ocidente! É que, mesmo simbólico, o culto do sol não era muito simpático a certas potências que preferiram destruír tôda esta documentação expressa, directamente, pela literatura e, indirectamente, pelas artes (música, pintura, escultura, cerâmica sagrada, arquitectura, etc.) de que hoje nos restam tão poucos vestígios!

* * *

Esta rehabilitação dos selvagens apaixona-me verdadeiramente. Assim, aplaudo com entusiasmo o govêrno mexicano, por ter financiado progressivamente as investigações e escavações que arqueólogos clarividentes ali dirigem todos os anos no solo e sub-solo, ambos tão ricos em testemunhos do mais elevado interêsse espiritual.

Mas o Espiritismo que, decididamente, caminha sempre na vanguarda do progresso humano, acaba, mais uma vez, de ser assinalado por um facto surpreendente. É possível que alguns leitores conheçam o livro espirita de Mr. Hamlin Garland, intitulado «O Mistério das Cruzes Indianas» (já me referi a êste assunto na *Revue Spirite* de Paris, na crónica «À Travers le Monde»).

Há muitos anos que Mr. Hamlin Garland teve conhecimento da mediunidade da senhora Violet Parent, que, em sonho e por clarividência, recebeu, de 1914 a 1923, instruções de espíritos indianos e católicos

(prelados e missionários) ao mesmo tempo, desejosos de colaborar, a-fim-de atestarem a prova irrecusável da sobrevivência humana. Esta cooperação dos Índios e dos R. P. da Igreja Romana representa qualquer coisa de emocionante e constitue sinal dos tempos novos que surgirão mais cêdo do que se pensa, se soubermos ser dignos da Luz que aguarda o dia em que a possamos receber...

Mr. Garland teve tempo de apreciar esta história mediúnica. Quando a pôde apreciar devidamente, já a médium e o marido haviam desencarnado. Felizmente, tinham escrito as suas memórias, razão por que Mr. Hamlin Garland encarou a emprêsa de escrever esta história extraordinária.

Os esposos Parent eram criaturas vulgares e de pouca instrução. A-pesar disso, foram escolhidos pelos *Espíritos* — dos Indianos e dos Padres da Missão — para as descobertas e escavações realizadas em cêrca de quatrocentas milhas quadradas. Sendo-lhes impossível realizar êste gigantesco trabalho de investigação durante longos anos, em virtude da sua quási extrema pobreza, os *Espíritos* indicaram-lhes, muitas vezes e com rigor, os sítios onde poderiam descobrir dinheiro — moedas de ouro ou notas de banco — ali escondidas meio século antes por mineiros da região. Parece inverosímil, mas é verdadeiro.

Assegurada a questão material (la *matérielle* assurée) (1), como se diz em francês, e confiados nos seus *Espíritos,* os esposos Parent lançaram-se na descoberta das misteriosas cruzes indianas e encontraram mais de mil e novecentas em condições prèviamente indicadas, em sonho ou clarividência: a forma das cruzes, as suas inscrições, os lugares onde estavam enterradas, as suas particularidades, etc.

Sabe-se que estas cruzes simulam, por vezes, cabeças de animais e serviam aos Índios para cultuar o Sol. ¿ Teriam sido, na verdade, enterradas pelos Índios, com receio de que fôssem destruídas pelos missionários católicos? Eis uma hipótese muito plausível. Em todo o caso, as cruzes que os esposos Parent enviaram, para identificação, a diversos museus da Califórnia e doutras partes da América, não chamaram a atenção, quer dos sábios, quer dos arqueólogos, visto que semelhantes cruzes com cabeças de animais enroladas numa espécie de turbante jámais existiram nos estreitos limites do seu fraco saber.

¿Já viram? ¡Cruzes que teriam servido ao culto do Sol, à religião do mito solar, quando os cristãos sabem que a cruz é um símbolo cristão! Sem dúvida que os pagãos se serviam delas como instrumentos de suplício; mas, depois, a cruz tornou-se inseparável da imagem do Cristo.

Mas vós podeis objectar-me, com razão: ¿ Quem nos garante que Mr. Hamlin Garland não tivesse sido vítima de truque ou de fraude por parte da senhora Violet Parent e de seu marido? Em verdade, as notas escritas pelos esposos Parent são tão simples, tão «directas», que se lhes não pode atribuir retórica, pretenção ou *tripatouillage* (2). Redigidas dia a dia, estas notas penosamente escritas são autêntico reflexo da alma pura dos esposos Parent.

Por outro lado, Mr. Hamlin Garland retomou, para sua edificação pessoal, o próprio meio psíquico que os Parent empregaram, durante nove anos: a via mediúnica, a via espírita. E por intermédio dos *Espíritos* conseguiu descobrir dezasseis novas cruzes indianas enterradas no solo, havia séculos e séculos. Portanto, a prova está feita.

Finalmente, as numerosas pessoas que conheceram a senhora Violet Parent e seu marido e que assistiram à descoberta do dinheiro e das cruzes são unânimes em reconhecer a honestidade incontestável dêstes dois apaixonados investigadores que, em sonho ou por clarividência, entenderam dever seguir as instruções dos *Espíritos* comunicantes, com o objectivo de *provar, com factos irrecusáveis, a sobrevivência pessoal.*

Efectivamente, descobrir cruzes, de cuja existência ninguém suspeita, constitue realidade que nem os metapsiquistas, nem os animistas, sofistas e negadores de verdades podem denegrir. Tal realidade fala, franca e claramente: é um facto espírita.

Devemos, pois, agradecer a estes inimigos de ontem — Indianos e missionários católicos — o se haverem reconciliado no Além, com o fim de prègar aos vivos, em meio das desgraças do presente, trazendo-lhes a Vida, nas horas de morte que vivemos, nesta Europa civilizada e cristã...

---

(1) As angústias financeiras da existência.

(2) Em francês popular: *grosseira falsificação.*

## OS FENÓMENOS TELEPÁTICOS

No decorrer dos fenómenos telepáticos, o homem projecta ao longe, instantaneamente, uma parte de si próprio, uma espécie de emanação, que vai ter com um amigo ou um parente. Estende-se assim a longas distâncias, atravessa o oceano, continentes inteiros, num espaço de tempo demasiado curto, para que seja possível calculá-lo. É capaz de encontrar no meio da multidão aquele a quem deve dirigir-se. Faz-lhe então certas comunicações. Sucede também que descobre, na imensidade e no tumulto duma cidade moderna, a casa, o quarto daquele que procura, embora nem dela, nem dêle, tivesse o menor conhecimento. O indivíduo que possue esta forma de actividade comporta-se como um sêr extensível, uma espécie de amiba capaz de enviar um pseudópodo a distância prodigiosa.

*Dr. Alexis Carrel*

# Classificação dos fenómenos supranormais

pelo Dr. Lôbo Vilela

A classificação dos fenómenos supranormais depende, naturalmente, do ponto de vista em que nos colocamos, como nota Flournoy. Assim se compreende que tenham sido propostas diversas classificações, algumas delas demasiado complexas porque atendem, quási exclusivamente, ao aspecto formal dos fenómenos, sem atenderem à sua natureza íntima, ou ao mecanismo da sua produção. Isto dá lugar a que se reünam, numa mesma categoria, fenómenos essencialmente diferentes, e se separem, em categorias distintas, outros fenómenos que apresentam analogias profundas, quando se procede a uma análise minuciosa.

Uma classificação qualquer, para ser rigorosa, não pode desprezar a interpretação dos fenómenos a que diz respeito, ainda que essa interpretação seja dada como simples hipótese de trabalho. Os metapsíquistas materialistas preocupam-se, em especial, com a eliminação da hipótese espiritista, atitude esta que transparece, nìtidamente, das classificações que propõem. Por sua vez alguns espiritistas, mais incultos que fanáticos, obstinam-se em atribuir aos espíritos a maior parte dos fenómenos supranormais. Qualquer destas atitudes extremas nos parece insustentável, pois se há fenómenos que podem explicar-se independentemente da intervenção dos espíritos, outros há que parecem implicá-la.

As classificações mais empregadas pelos metapsiquistas são a de Maxwell *(Les phénomènes psychiques)*, a de Richet *(Traité de Métapsychique)*, e a de Sudre *(Introduction à la Métapsychique Humaine)*, que dividem os fenómenos supranormais em dois grandes tipos, subdivididos em classes.

Maxwell divide primeiro os fenómenos metapsíquicos em *físicos* e *intelectuais*. Ao primeiro tipo pertencem as seguintes classes: 1—*telequinésia* (movimentos sem contracto); 2—*paraquinésia* (movimentos com contracto, mas insuficiente para os produzir); 3 — *raps* (ruídos supranormais); 4 — *apports* (interpenetração da matéria); 5 — *fenómenos visuais* (eflúvios, luzes, formas materializadas); 6 — impressões digitais, moldagens, alteração do pêso dos objectos, levitações, etc. O segundo tipo compreende: 1 — *tiptologia* (pancadas vibradas pela mesa, manifestando uma inteligência); 2—*gramatologia* (obtenção de frases sôltas); 3—*escrita automática* (produzida inconscientemente); 4)—*escrita directa* (obtida sem intervenção de qualquer pessoa); 5 — *encarnações* (alteração da personalidade e encorporação espiritista); 6 — *vozes directas;* 7 — *automatismos diversos* (visão no cristal, telepatia, telestésia, clarividência).

Richet [1] considera também dois tipos de fenómenos: *objectivos* e *subjectivos*. Os primeiros, que parecem produzidos por fôrças desconhecidas, revelam um «carácter inteligente»; os outros, «exclusivamente intelectuais», parecem devidos a uma «faculdade misteriosa de conhecimento» — a *criptestésia* [2] *(criptos,* oculto; *oesthesis,* sensação). Na metapsíquica objectiva, Richet considera apenas três classes: *telequinésia, ectoplasmia, e assombramento (hantise);* na subjectiva exclue a maior parte das classes propostas por Maxwell.

René Sudre simplifica mais estas classificações, admitindo, no entanto, os dois tipos principais. Criticando a designação de fenómenos subjectivos, porque em metapsíquica não há introspecção, propõe a designação de fenómenos *mentais* e *físicos*. A metapsíquica mental compreenderia apenas 3 classes: *telepatia* (diapsiquia, transmissão do pensamen-

---

(1) *Traité de Métapsychique*, pág. 3.

(2) A *criptestésia* compreende as sensações que não dão lugar a percepções, mas entram na *criptomnésia* (nome pelo qual Flournoy designa a memória subliminar de Myers). A criptomnésia (memória oculta) abrange: 1.° — o que impressiona o *sensorium* sem atingir o «eu» consciente; 2.° — o que, depois de ter sido consciente, se esqueceu.

to, leitura do pensamento, sugestão mental), *metagnomia* (clarividência, lucidez, telestésia, criptestésia, panestésia), e *prosopopese* (possessão, encarnação, divisão e alteração da personalidade). Na metapsíquica física distingue duas únicas classes, admitindo que todos estes fenómenos «são devidos a uma substância proveniente do corpo vivo e sob a dependência do espírito» : *telergia* (efeitos mecânicos, físicos e químicos da fôrça psíquica : telequinésia, hiloclastia); *teleplastia* (modelação de formas animadas dando a ilusão de vida: ectoplásia de Myers, ectoplasmia de Richet ou ectoplastia).

Como se vê, Sudre na classificação da metapsíquica mental abstrai da causa provável dos fenómenos, limitando-se às suas analogias formais, mas na metapsíquica física já postula a hipótese da «fôrça psíquica» e por-isso atende às analogias causais, incluíndo no mesmo grupo fenómenos aparentemente diferentes.

Uma classificação é tanto mais complexa e imperfeita quanto mais se confinar ao aspecto formal dos fenómenos a que respeita e mais se desinteressar da investigação das suas causas prováveis, ou dos seus caracteres essenciais. Um exemplo disso está na classificação que Morzelli fêz nos fenómenos físicos observados com Eusápia, e nos quais distingue 9 classes e 42 ordens, afirmando ter esquecido alguns. Mackenzie [1] distingue também elevado número de grupos. A classificação de Bret peca por excessivamente complexa e minuciosa, estabelecendo algumas distinções inúteis.

Lebiedzinski considera quatro categorias : 1 — alteração do estado psíquico e físico do homem (êxtase, transe, hipnose, encarnação, etc.); 2—percepção supranormal (telepatia e clarividência); 3—acção supranormal do psiquismo sôbre o seu próprio organismo (estigmas, transposição dos sentidos, irradiação energética, exteriorização de duplos, materializações); 4 — acção supranormal do psiquismo sôbre a matéria e a energia, fora do seu organismo (acções fisiológicas, telequinésia, raps, desmaterialização da matéria, etc.) Estes fenómenos estariam relacionados com quatro faculdades : *ideoplastia do psiquismo*, que dava lugar à criação de personalidades ; *faculdade de perceber* as coisas independentemente dos sentidos ; *ideoplastia da matéria*, que permitia transformar e modelar a matéria ; *ideoplastia da energia*, que produzia a transformação e emissão de energia.

Boirac, na primeira classificação que apresentou [2], considerava apenas duas ordens de fenómenos — *hipnóides* e *magnetóides* — subdivididas em famílias. Supunha êle que os fenómenos espiritas podiam integrar-se nessas duas ordens. Só mais tarde [3] completa aquela classificação, introduzindo-lhe uma nova ordem — a dos fenómenos *espiritóides*, depois de afirmar que as suas ideas tinham evolucionado.

Assim Boirac estabeleceu três categorias de fenómenos :

1.° — *Fenómenos hipnóides*, que não implicam a hipótese de nenhum agente ainda desconhecido, de nenhuma causa distinta das já admitidas pela ciência, mas que parecem poder explicar-se por agentes já conhecidos, por causas já admitidas, operando apenas em condições novas, ainda mal ou incompletamente definidas.

«2.° — *Fenómenos magnetóides*, que parecem implicar a hipótese de causas ainda desconhecidas, não catalogadas, mas de natureza *física*, e mais ou menos análogas às fôrças radiantes da física, luz, calor, electricidade, magnetismo, etc.

«3.° — *Fenómenos espiritóides*, que parecem implicar a hipótese de agentes ainda desconhecidos, mas agora de natureza *psicológica*, mais ou menos análogos a inteligências humanas, talvez mesmo situadas fóra do nosso mundo habitual, num plano da realidade, exterior àquele em que vivemos» [4].

À 1.ª ordem, pertencem os fenómenos do hipnotismo e da sugestão ; à 2.ª, os do magnetismo animal e da telepatia ; à 3.ª, os fenómenos do Espiritismo que não possam reduzir-se às categorias anteriores.

A 1.ª ordem, abrange dois grupos :

a) *Psicopatia (psyché*, alma ; *pathos*, modificação) «compreende todos os fenómenos que têm essencialmente por ponto de partida uma certa modificação quer do estado mental, quer do estado nervoso dos sujeitos nos quais se produzem, e que consistem ora na exaltação, ora na inibição anormais das fa-

---

[1] *Metapsichica moderna*, Roma, 1923.
[2] *Annales des Sciences Psychiques*, 1893.
[3] *La Psychologie Inconnue*, cap. IV.
[4] *Op. cit.*, introdução.

culdades psicológicas ou das funções vitais». (Fenómenos de sugestão estudados pela escola de Nancy; fenómenos de hipnotismo estudados pela escola de Salpêtrière).

b) *Criptopsiquia (criptos,* oculto; *psiché,* alma, «compreende todos os fenómenos em que parece manifestar-se uma acção inteligente, uma acção psíquica, sem que, entretanto, o sujeito em que ela se manifesta tenha, em qualquer grau, consciência de exercer tal acção» (1). (Fenómenos de escrita automática; profetismo).

A segunda ordem abrange três grupos:

a) *Psicodinamia (dynamis,* poder) «compreende todos os fenómenos em que um ser animado parece agir quer sôbre outros sêres animados, quer mesmo sôbre a matéria bruta, por intermédio duma fôrça *sui generis,* distinta de tôdas as fôrças conhecidas, ainda que análoga às fôrças radiantes ou circulantes, tais como o calor, a luz, a electricidade e o magnetismo. Quando esta acção se exerce a grandes distâncias, sem intermediários visíveis, os fenómenos produzidos são *telepsíquicos.* (Fenómenos do magnetismo animal, levitação, materialização). Boirac subdivide ainda êste grupo em *psicodinamia vital* e *material,* conforme se exerce sôbre seres animados ou sôbre a matéria.

b) *Telepsiquia (tele,* a distância), «compreende os fenómenos em que a acção psicodinâmica se exerce a grandes distâncias sem intermediários visíveis». (Fenómenos telepáticos, estudados principalmente pela *Society for psychical research* e reünidos na bela obra de Gurney, Myers e Podmore — *Phantasms of the living,* 2 vol.; dupla vista ou clarividência, verificadas pelos antigos magnetizadores e estudadas cientificamente pelo Dr. Osty; telestésia, incluíndo a exteriorização da sensibilidade descoberta por Rochas; sugestão mental, observada por Ochorowicz, P. Janet e Giber, etc.).

c) *Hiloscopia (hylé,* matéria, *scopein,* perceber) «compreende todos os fenómenos em que a matéria parece exercer, sôbre seres animados, principalmente sôbre seres humanos, uma acção que não parece completamente explicável pelas suas propriedades físicas ou químicas já conhecidas, e que parece, por conseqüência, revelar nela uma fôrça irredutível a tôdas as que a ciência tem estudado até agora.» (Percepção de correntes subterrâneas; influência do imã sôbre os sujeitos hipnóticos, reconhecida pelos antigos magnetizadores e pela escola de Charcot; influência dos metais, estudada pelo Dr. Burcq sob os nomes de *metaloscopia* e *metaloterapia;* acção de medicamentos a distância, observada nas experiências de Bourru e Burot, etc.) (2).

Pelo que respeita aos fenómenos espiritóides, Boirac não propõe nenhuma divisão em grupos, atribuindo-lhe dois caracteres próprios: 1.° — serem *essencialmente espontâneos*; 2.° — implicarem a intervenção de *personalidades* estranhas aos assistentes.

«Em primeiro lugar estes factos, diferentemente dos do hipnotismo, da sugestão, do magnetismo animal, etc., não podem ser obtidos à vontade por experimentações propriamente ditas.

«Em segundo lugar — e êste carácter está estreitamente ligado ao primeiro — estes factos sugerem, à primeira vista, a todos aqueles que os observam, quer implicitamente, quer mesmo explicitamente, a hipótese de personalidades invisíveis distintas das do médium e dos assistentes que interviriam na sua produção. Por outras palavras, êles próprios *parecem* ter uma personalidade; mais ainda, êles apresentam-se, *afirmam-se* mesmo como tendo efectivamente uma personalidade própria. Que esta aparência seja ilusória ou conforme à realidade, que esta afirmação seja verdadeira ou falsa, eis um ponto sôbre que as opiniões podem ou não ser conformes; mas que esta aparência e esta afirmação existem e são características desta ordem de factos todos os observadores são unânimes em reconhecê-lo» (3).

Embora procure atender ao grau de complexidade dos fenómenos e pareça considerar de certo modo, as suas causas prováveis, a classificação de Boirac está muito longe de satisfazer. Com efeito ela dá lugar a confusões lamentáveis porque não é possível delimitar-se o campo dos fenómenos hipnóides, magnetóides e espiritóides. Sabe-se bem que os fenómenos espiritas exigem, quási todos, que o sujeito se encontre num estado especial chamado *transe* o qual apresenta profun-

---

(1) Boirac, quando propôs esta classificação pela primeira vez, pensava que a maior parte dos fenómenos espiritas podia ser incluída nêste grupo.

(2) *La Psychologie Inconnue,* cap. IV.

(3) *La Psychologie Inconnue,* cap. IV, págs. 96-97.

das analogias com o «sono nervoso» dos antigos magnetizadores ou «sono hipnótico», como passou a chamar-se-lhe, depois da descoberta de Braid. Êle pode ser provocado pelos mesmos processos da hipnose, desde os processos mesméricos aos processos braidicos, e apresenta características idênticas, em qualquer dos casos. Seria difícil saber onde deviam figurar, por exemplo, os fenómenos de *polimorfismo* produzidos por sugestão, desde que êles se apresentam como *personificações*. Além disso, Boirac atende antes aos *meios* de produção dos fenómenos e ao seu aspecto, do que pròpriamente às *causas* que os determinam.

Em todos os fenómenos supranormais, mesmo nos de aspecto físico, manifesta-se sempre uma causa inteligente. O que sucede é que alguns dêles só podem ser explicados admitindo a existência de inteligências estranhas aos assistentes; outros, porém, compreendem-se sem necessidade dessa intervenção; noutros ainda, parece haver uma íntima colaboração dos assistentes com inteligências estranhas. Parece-nos pois que devem ser estas características essenciais a servirem de base a uma classificação racional.

Por isso consideraremos três classes fundamentais de fenómenos metapsíquicos—*anímicos, espiritas* e *mixtos* — para usarmos a nomenclatura de Aksakof, mas subdividi-las-emos em novos grupos empregando, quanto possível, designações já conhecidas. Teríamos assim o seguinte esquema:

*Fenómenos anímicos:* 1 — *polimorfismo* (personificações subconscientes); 2 — *metagnosia* (Bret) (conhecimento supranormal, de natureza ciptomnésica ou telestésica); 3— *metagrafia* (Bret) (escrita automática); 4 — *metergia* (Bret) (deslocação de objectos, efeitos orgânicos ou biológicos); 5—*metapsiquia* (transmissão do pensamento e telepatia); 6 — *metaplásia* (materialização de duplos, impressões mentais produzidas sôbre a chapa fotográfica e moldagens obtidas pelos duplos).

*Fenómenos espíritas:* 1 — *xenonoísmo* (aparição fantasmática de falecidos, não provocada); 2 — *psicofonia* (voz directa); 3 — *criptografia* (escrita directa); 4 — *psicofotismo* (luzes que acompanham as aparições).

*Fenómenos mixtos:* 1 — *metacinésia* (deslocamento de objectos, quando dirigido por um espírito, aproveitando a energia física dos circunstantes); 2 — *psicoplásia* (materialização espirita feita, em parte, à custa da diminuïção de pêso do médium, moldagens transcendentais, fotografia espirita); 3 — *tiptologia* (comunicação espirita obtida por meio de pancadas); 4 — *metaglóssia* (comunicação espirita obtida por meio dos órgãos vocais do médium); 5 — *psicografia* (comunicação espirita obtida pela escrita mecânica ou semi-mecânica); 6 — *metanoísmo* (encarnação ou encorporação espirita, possessão).

# MÁXIMAS DE KRISHNAMURTI

Quando teu corpo desejar alguma cousa, detem-te e reflete: «Será realmente o meu «EGO» que manifesta êsse desejo?» Perscruta as profundezas do teu sêr para poderes encontrar Deus em ti e ouvir a sua voz.

---

Não cometas o êrro de tomar os teus corpos por tua individual propriedade, ou como tua própria individualidade. Esta não é nem o teu corpo *físico*, nem o *astral*, nem o *mental*. Cada um dêles pretende ser o «EGO», a-fim-de obter o que deseja. Por isto mesmo, deves conhecê-los bem para poder dominá-los.

---

Quando temos de executar alguma tarefa, o corpo físico entra em cena, pretextando necessitar de repouso, de passeio, de comer ou de beber. Então, o homem desprovido de conhecimento diz para consigo: «*Eu preciso* fazer tais coisas; é preciso, pois, que as faça!» Mas o homem que sabe, dirá: «É o meu corpo que deseja e não Eu; por conseguinte, espere».

---

O *homem* e o seu *corpo* são dois: — A vontade daquele nem sempre está acorde com os desejos dêste.

---

Freqüentemente, quando se apresenta ensejo para auxiliar alguém, o corpo diz: «Que aborrecimento êste! ¡ Melhor será que um outro cuide disso!» Mas o homem consciente responde ao seu corpo: «Tu não me impedirás de praticar uma bôa acção!»

# Alguns aspectos da crise da morte e do mundo astral [1]

pelo dr. António J. Freire

NUMA futura revisão de valores e de juízos, o significado macabro e apavorante da crise da morte não terá mais razão de subsistir. As experiências e observações anímicas e espiritas, quer dentro do espiritismo, quer em outros sistemas neo-espiritualistas, confirmar esta asserção.

A morte é, em última análise, o ponto de partida para um renascimento astral, numa mesma linha de continuïdade evolutiva para cada alma humana a-fim-de transmutar, por síntese, as experiências terrestres em novas faculdades e tendências inatas para cada nova reencarnação planetária.

A ciência materialista perdeu o fio de continuïdade palingenésico e kármico que liga cada berço ao passado, e cada túmulo ao futuro. Sendo a evolução, no seu significado espiritual, talvez a essência e razão de ser do Divino Plano da Criação, a sua mecânica e dinamismo só podem ser compreensíveis perante os dois princípios subsidiários: o reencarnacionismo (palingénese), traduzido numa série de renascimentos, alternantes e sucessivos — terrestres e astrais —, orientados pela Justiça imanente, expressa no Karma, num prolongamento indefinido de acções e reacções, abrangendo tôdas as actividades de cada alma humana. Só dentro desta trilogia se podem comprender racionalmente a evolução nos seus múltiplos aspectos; a acção providencial da Justiça Divina; e as dissemilhanças morais e intelectuais de alma para alma, de personalidade para personalidade, nas suas asceses evolutivas.

A morte não é um aniquilamento total, como supõem, errada e irreflectidamente, os materialistas e agnósticos, mas uma libertação e ascese dos valores morais e mentais contidos nos corpos psíquicos e espirituais, individualizados para cada consciência.

O mecanismo da morte só pode ser compreendido depois do estudo do complexo humano e das suas correlações com os mundos hiper-físicos, estudo teórico e experimental incomparàvelmente mais vasto, profundo e trancendente do que supõem certas ciências, filosofias e religiões. O estudo dos fenómenos supra-normais anímicos, espiritas e metapsíquicos fornecem provas irrefutáveis para a demonstração da sobrevivência humana. A exteriorização dos corpos psíquicos, a projecção no espaço e no tempo das suas faculdades supranormais (telepatia, clarividência, ideoplastia telestesia, premonições, etc.), e a materialização terrestre (ectoplasmia) das almas desencarnadas ou falecidas, são hoje factos rigorosamente observados, verificados por sábios de renome mundial, desde William Crookes a Oliver Lodge, cuja negação só pode porvir da ignorância ou da má-fe.

A compreensão da sobrevivência humana, repetimos, requere o conhecimento do complexo humano, assim como a trajectória e evolução da alma humana, depois da crise da morte, impõe o estudo dos mundos hiperfísicos que envolvem o nosso planeta terrestre. Para cada corpo psíquico e espiritual do complexo humano existe um mundo supraterrestre da mesma essência, natureza e afinidade onde cada alma desenvolve as suas faculdades correlativas a êsses meios meios imateriais, *mas substanciais e etéreos,* que a ciência não pode, por emquanto, captar e analisar dentro da sua orientação materialista, seja qual fôr o progresso dos seus instrumentos laboratoriais de visão, pêso e medida, limitados, no seu incessante aperfeiçoamento, às múltiplas e complexas modalidades da matéria terrestre. Para o estudo do supranormal exige-se, como é lógico, novas aparelhagens, técnicas adequadas e métodos diferenciados. Será a ciência do futuro século, como vaticinou o sábio professor, dr. J. Grasset. Os neo-espiritualistas e metapsiquistas são, em última análise, os vanguardistas e precursores das novas ciências espiritualistas e anímicas que hão-de determinar um fecundo e vigoroso elan evolutivo às gerações futuras.

Às correntes espiritualistas compete expurgar do mundo as falsas ideas e preconceitos materialistas e agnósticos que tanto têm contribuído para a expansão do egoísmo humano com o seu cortêjo de lutas sangrentas, de rapinas, de conturbação dos espíritos, das lutas de classe, de perseguições à civilização cristã, de

---

(1) *Resumo da conferência realizada na Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, em 19 de Outubro p. p., pelo autor.*

retrocesso ao paganismo e do triunfo do agnosticismo maçónico com as suas maléficas ramificações mundiais, dominando povos e nações em nome duma falsa profissão de fé — *de livre pensamento, de liberdade* e *de igualdade* — acobertando métodos e fins inconfessáveis e o mais sórdido e grosseiro materialismo.

Sejam quais forem os sarcasmos e os sorrisos olímpicos de alguns cientistas profissionais e catedráticos, de facto, o pensamento—a mais nobre faculdade humana—é mais alguma coisa de complexo e transcendente do que uma simples secreção cerebral, à imagem da secreção de bílis do fígado. Os fenómenos — mundialmente experimentados e comprovados—de telepatia, de telestesia, de ideoplastia, de clarividência e outros, demonstram, clara e insofismàvelmente, que o pensamento ultrapassou os domínios anatómicos de todo o sistema nervoso, dominando o espaço e o tempo, projectando-se no passado e no futuro, por vezes manifestando capacidades supranormais, excedendo na sua actividade a maior transcendência e complexidade. Felizmente, também passou de moda a não existência da alma humana, baseando êsse ridículo negativismo no facto de não se ter encontrado na ponta do escalpelo. Graças ao Espiritismo e a outras correntes neo-espiritualistas, a observação e experiências dos fenómenos psíquicos e metapsíquicos, levaram à conclusão de que a alma humana ultrapassa tôdas as concepções abstractas, entrando o seu estudo no domínio do método positivo, dentro da realidade objectiva. Os novos conceitos científicos da alma humana são, talvez, uma das maiores e mais fecundas conquistas do Espiritismo.

O Espiritismo, baseado na observação e na experiência dos fenómenos supranormais anímicos e espiritas, adopta a constituïção ternária do complexo humano: o corpo físico (incluindo o duplo etérico ou corpo vital), o perispírito (abrangendo o corpo astral e o mental inferior ou concreto) e o espírito. A alma e o espírito são têrmos sinónimos, equivalentes, dentro da terminologia clássica do Espiritismo.

Os corpos de que é organizado o género humano têm a sua contra-partida e relação directa nos mundos, globos, esferas ou planos da Natureza, do Cosmos: mundo físico ou terrestre, mundo astral, mundos espirituais e divinos.

É dêstes mundos, interpenetrando-se gradualmente os mais quintessenciados nos menos subtilizados que é extraída, por afinidades psíquicas, as substâncias diferenciadas que constituem as estruturas orgânicas dos corpos do complexo humano, desde o corpo físico material aos corpos psíquicos: emocional ou astral, mentais e espirituais. A sua diferenciação de origem, de composição e de funções específicas está correlacionada e subordinada a cada unidade de consciência que imprime a todo o aglomerado dos diversos corpos psíquicos de cada individualidade, no seu conjunto, a continuïdade evolutiva que lhe é própria, focando-se, ora num, ora noutro, desde a alma passional à alma espiritual, consoante o grau de progresso de cada indivíduo, indo, sucessiva e gradualmente, da emoção grosseira, egoística, instintiva, *(tipo selvagem e primitivo)* à intelectualidade e mediana moralidade e afectividade *(tipo civilizado)*, da mentalidade desenvolvida e intuitiva à espiritualidade crística *(tipo super-humano)*; e da alta espiritualidade à divindade *(Demiurgos, Logos solares e cósmicos, Logos planetários)*.

O complexo problema da Evolução da Humanidade, no seu duplo aspecto—Espírito-Matéria, Vida-Forma, Individualidade-Personalidade —, reduz-se, em última análise, à dinamização do potencial divino contido no espírito de cada unidade — consciência através das flutuações dos sucessivos renascimentos terrestres e astrais, orientados numa trajectória de continuïdade progressiva (desde a proporção aritmética e geométrica à progressão esotérica), mas tendo sempre, como coeficiente determinativo e impulsor, o esfôrço individual de cada alma para o seu desenvolvimento emocional — fraternal, mental e cultural, acentuando-se a um alto expoente a evolução de cada indivíduo pela prática das virtudes cristãs. A abnegação e a humildade, o altruísmo e o cumprimento da Lei Áurea do Duplo-Amor de Jesus (amando a Deus e à Humanidade, sincera, fervorosa e dedicadamente) constituem os elementos de combate contra o egoísmo e o orgulho e os seus mais eficazes antídotos psíquicos, ocupando a luminosa doutrina e os redentores ensinamentos de Jesus Cristo o vértice da evolução da Humanidade e a curva de transição progressiva para a evolução supra-humana. Tôda a evolução, no seu significado mais geral, na complexa estrutura das suas infinitas modalidades, na sua latitude integral, demanda o exacto cumprimento das leis divinas, imutáveis e eternas, reflectidas, mais ou menos claramente, em cada unidade — consciência *(super-consciente)* em função do seu grau evolutivo. A prática das virtudes cristãs conjugada com a concentração mental, com as meditações espirituais e, particularmente, pela acção decisiva das preces fervorosas, radicadas em nobres sentimentos, mais florindo e frutificando na inteligência, impondo à fé dogmática uma fé positiva e raciocinada, constituem os meios mais fecundos para acelerar a evolução da Humanidade.

Saber viver e aplicar a redentora e progressiva doutrina de Jesus Cristo, é avançar em perfeita harmonia e íntima comunhão com o Divino Plano da Criação, libertando-nos das dores e sofrimentos inerentes ao baixo nível moral e evolutivo que domina, por em-

quanto, a maioria da Humanidade, para, assim, triunfar da morte e conquistar a suprema felicidade espiritual na plenitude da Vida eterna.

* * *

O estudo do mecanismo da morte requere um profundo conhecimento analítico e sintético do complexo humano que se torna mais necessário ainda para a compreensão da trajectória da alma, através dos diversos planos dos mundos hiper-físicos e espirituais, depois da sua dupla libertação do corpo orgânico ou somático e do *duplo etérico* ou corpo vital durante a crise da morte planetária.

O duplo etérico, pelas importantes e delicadas funções que exerce nos pontos de vista—*fisiológico* e *supranormal*—, deveria merecer um estudo mais cuidado e completo dentro do Espiritismo.

É ao duplo etérico que compete a função de captar a energia e vitalidade solar *(jiva)*, humanizando-a *(prana)*, a-fim-de alimentar e vivificar o corpo orgânico e os corpos psíquicos. É nessa energia solar transformada e humanizada, como que digerida, que reside o misterioso poder curativo do magnetismo quando se opera uma transfusão vital de indivíduo para indivíduo.

O duplo etérico é o traço de ligação entre os encarnados e desencarnados. Sem a sua comparticipação não se poderia efectuar a intercomunicação entre os dois mundos — terrestre e astral. A sua acção é capital na produção dos fenómenos supranormais de ordem física.

Na crise da morte desempenha o duplo etérico um papel importantíssimo.

A morte, no seu significado literal, corresponde, de facto, a duas mortes: a desagregação do corpo físico orgânico e, num intervalo geralmente de dois a cinco dias, à desagregação do seu sósia e irmão siamês — o *duplo etérico* — com quem manteve as mais íntimas ligações durante a vida terrena. Os tradicionais fogos-fátuos, que qualquer mediano clarividente pode observar nos cemitérios, flutuando ao de cima de sepulturas recentes, simulacro do falecido, são constituídos precisamente pela desagregação dos elementos do duplo etérico, cujo aspecto e natureza divergem profundamente dos fogos-fátuos dos pântanos provenientes da formação e decomposição da *metana*.

A morte planetária marca dois períodos distintos: 1.º a exteriorização do duplo etérico envolvendo o perispírito e espírito, caracterizado pela cisão do cordão etérico que ligava o corpo orgânico ao duplo etérico, e, como lógica e fisiológica conseqüência, a imediata decomposição e desagregação celular do corpo orgânico ou somático; 2.º a separação do duplo etérico do perispírito (corpo astral) pelo rompimento do cordão astral que ligava o duplo etérico ao perispírito. O corpo orgânico e o duplo etérico, de natureza terrestre, desagregando-se após a morte, vão integrar-se nos reservatórios que lhe são similares pelas suas afinidades físico-químicas. Os éteres, de que é constituído o duplo etérico, são de natureza e origem diversa do éter clássico da ciência que preenche a totalidade do universo e que os sábios divinizaram (o Éter-Deus) talvez por desconhecerem a sua origem, natureza, estrutura e as potencialidades divinas que o dinamizaram. De facto, a denominação de duplo etérico presta-se a certas confusões que só um estudo atento pode evitar, mas tem a vantagem de indicar que êsse corpo é um duplicado completo e integral, do corpo orgânico, e, ainda, a sua natureza etérica planetária, com os seus quatro éteres diferenciados cujo mecanismo e acção tem por limite o Mundo astral para onde ascende o perispírito e o espírito após a dupla morte terrestre. A ascese dos espíritos para o mundo astral e mundos superiores é função do seu pêso específico, traduzido na depuração e perfectibilidade da sua alma inferior e passional e na maior ou menor dinamização do potencial divino contido na sua alma superior e espiritual e, ainda, na prática das virtudes cristãs, representativas duma das facetas mais luminosas das leis divinas que impregnam, mais ou menos profundamente, tôdas as consciências. Seguir a linha crística é caminhar harmoniosamente no Divino Plano da Criação, preparando a almejada transição para a evolução supra-humana.

O fenómeno mais importante, que se observa após a morte do corpo orgânico, está intimamente ligado à estrutura funcional do duplo etérico. Referimo-nos à «*visão panorâmica*» de todos os acontecimentos de que o falecido foi o protagonista que êle vê, já liberto dos liames que o ligavam ao seu corpo físico, como decorrendo num caleidoscópio ou num *écran* cinematográfico. É o momento mais solene, grave e delicado para tôdas as almas que acabam de desencarnar. A sua consciência reconstitue, nos mínimos pormenores, todos os factos ocorridos durante a sua vida terrestre, submetendo-os à sua análise e julgamento por um automatismo providencial, inerente a tôdas as almas no acto da morte ou, melhor, da desencarnação, a-fim-de compreenderem a razão determinante do mundo hiper-físico e respectivo sub-plano que vão ocupar pela lei das afinidades psíquicas conjugada com a Lei da justiça imanente, função do estado evolutivo que conquistaram nessa vida terrena nos domínios da sua actividade mental, cultural, moral e espiritual.

A «*visão panorâmica*» requere da alma desencarnada uma análise rigorosa, uma atenção profunda a-fim-de formar um juízo seguro e imparcial no ba-

lanço de todos os pensamentos, actos, sentimentos, intenções e aspirações que estruturaram a sua vida terrena. Impõe-se, pois, que tôdas as manifestações de pezar e de saüdade das pessoas que assistam ao desenlace final dos seus entes queridos, sejam calmas, serenas, afectuosas, evitando a todo o transe essas explosões de dor, de arrebatamento, de revolta, que, embora sinceras, vão perturbar profundamente o espírito desencarnado, criando, por vezes, um ambiente vibratório nefasto ao seu morto querido a-ponto-de impossibilitá-lo de examinar com o devido cuidado a «*visão panorâmica*» da sua vida terrena. As consequências dessa perturbação, neste momento solene, podem ser prejudicialíssimas e até muito difíceis de reparar e equilibrar logo que a alma desencarnada penetre no mundo astral sem o prévio e integral conhecimento e análise rigorosa da «*visão panorâmica*» que lhe diz respeito.

Em nome dos mais nobres e afectuosos sentimentos de família, de amizade e de dedicação, todos os neo-espiritualistas recomendam insistentemente a máxima calma, serenidade e resignação em tôdas as câmaras funerárias.

Saüdade afectuosa, confiança absoluta nos desígnios de Deus, resignação cristã, *preces sentidas e fervorosas* são as melhores manifestações que podem e devem ser tributadas a tôdas as almas no acto solene da sua desencarnação, na sua passagem do mundo terrestre para o mundo astral. As preces, quando sinceras e afectuosas ,são o mais poderoso auxiliar confortativo para a alma desencarnada pelo seu poder vibratório nos planos astral e mental. A oração pelos mortos, recomendada por tôdas as religiões, merece todo o apôio e aplauso. O lado científico da prece está ligado ao complexo estudo das afinidades psíquicas e vibratórias, correlativas a todos os planos ou mundos hiper-físicos da Natureza, do Cosmos. O estudo da T. S. F., da televisão e da radiofonia dão uma pálida idea, num certo paralelismo, do mecanismo e difusão vibratória da prece, das formas-pensamentos, das egrégoras, etc.

Segundo o conceito rosacruz e doutros sistemas neo-espiritualistas, é no duplo etérico que está localisado o *subconsciente (o éter reflector)*, como o *superconsciente* está integrado no *corpo causal* já nos domínios da alma superior e espiritual, donde partem as intuições no seu mais alto significado espiritual. Assim como no corpo causal estão arquivados todos os progressos realizados nas vidas anteriores *(superconsciente)*, assim também o duplo etérico é o detentor e arquivo de todos os acontecimentos ocorridos em cada vida planetária. Nesta orientação, o corpo causal é o reservatório e arquivo geral permanente do progresso individual para cada espírito, emquanto que o duplo etéreo é apenas um arquivo transitório destinado a cada vida terrestre. Compreende-se, assim, a capital importância que tem a «*visão panorâmica*», provocada por uma projecção automática do *éter reflector* do duplo etérico após o rompimento do cordão etérico ou vital que o ligava ao corpo orgânico no acto da desencarnação.

Sendo dado que a desagregação do duplo etérico pode, por vezes, efectuar-se horas depois da sua libertação do corpo orgânico, compreende-se que, não havendo a devida atenção no exame da «*visão panorâmica*» projectada, mais ou menos, imediatamente depois da desencarnação, desapareceria grande parte dos elementos ligados aos acontecimentos dessa vida terrestre, sem ficarem devidamente registados nos corpos anímicos superiores. E, assim, o espírito desencarnado seria impotente para compreender devidamente a sua verdadeira situação no Mundo astral, desconhecendo as causas determinantes do nível a que ficaria ligado nesse plano hiper-físico, determinado pelas suas afinidades psíquicas e grau evolutivo, resultantes da forma intelectual e moral como se orientou e agiu na sua vida terrestre. O segundo e último acto da desencarnação terrestre, representado pela libertação do perispírito do duplo etéreo, é incomparàvelmente mais delicado e importante do que a fase inicial, expressa na exteriorização integral e definitiva dos corpos anímicos.

* * *

Os fenómenos supranormais que, habitualmente, sucedem no período pre-agónico, no período agónico e após a morte: clarividência, projecção do duplo, fenómenos telepáticos e telestésicos, assistência do espírito guia e dos espíritos tutelares e familiares, música transcendental, etc., relatados numa vasta bibliografia espírita, pela sua extrema variedade e valor documental, poderiam talvez ser suficientes para fundamentar as duas ciências: Animismo e Espiritismo, diferenciadas na sua orígem, mas correlativas e complementares no seu desenvolvimento e finalidade, sendo a segunda o prolongamento lógico e natural da primeira.

* * *

A todos os estudiosos que desejem iniciar-se no mecanismo da morte, nas suas conseqüências póstumas, e no valor e dinamização do Pensamento e da Vontade no ponto de vista supranormal, peço licença para lhes recomendar a leitura das duas magníficas monografias, recentemente traduzidas em português, do eminente mestre, o prof. Ernesto Bozzano: «A Crise da Morte» e «Pensamento e Vontade».

# Balzac e os fenómenos supranormais

pelo Coronel Faure da Rosa

II

## SWEDENBORG

Manuel Swedenborg, filósofo místico, nasceu em Estocolmo em 1688. Primeiramente dedicou-se ao estudo de letras e ciências. Decorrido pouco tempo renunciou ao mundo e às funções que exercia para cumprir — dizia êle — uma missão divina. Pretendia comunicar com entes sobrenaturais, com o próprio Deus, com os anjos, com as almas dos mortos e dêles receber revelações àcêrca do culto divino e das Sagradas Escrituras.

Swedenborg ficou conhecido pelo nome de «Profeta do Norte», e a sua doutrina tem a designação de *Suedemborgismo* que, como tôdas as doutrinas espiritualistas, distingue o mundo material do espiritual. Procura demonstrar: que a Trindade divina está tôda inteira em Jesus Cristo e que nêle se deve distinguir a humanidade, a divindade e a sua união numa única pessoa; que as Escrituras apresentam três sentidos,— o divino ou celeste, o espiritual e o literal; que o sentido divino só de Deus é conhecido; que o espiritual — perdido depois de Job — foi novamente revelado a êle Swedenborg. Um dos principais pontos do suedemborgismo é a comunicação contínua dos homens com os espíritos dos desencarnados. (1)

A. Aksakof veio para o Espiritismo depois de ter passado pelo suedemborgismo, do qual só se desligou — como êle próprio conta na sua autobiografia — por entender necessário recorrer a métodos mais nitidamente experimentais.

Henrique Geymuller, publicou, há anos, um livro em que reconhece as afinidades existentes entre a doutrina suedemgorgista e a espirita, não obstante ser adversário confesso do Espiritismo.

Geymuller resume assim a lição psicológica contida nas experiências supranormais do Profeta do Norte:

1 — O espírito humano concebido como uma espécie de campo fechado, isto é, como entidade absolutamente autónoma e subsistindo por si mesma e bastando-se a si mesma, — não é mais que uma ficção psicológica.

2 — Na realidade, a actividade do nosso espírito provém da vida que nêle influe, isto é, da vida espitual que capta e transforma. Esta energia é-lhe transmitida pela colectividade dos sêres pensantes que povoam o mundo espiritual, mas, em última análise, emana de Deus que é a orígem de tôda a vida.

3 — As relações que, normalmente, existem entre os espíritos e os homens, são as duma simbiose inconsciente, simbiose que constitue um dos principais factores da actividade psíquica dos dois mundos.

4 — O carácter essencialmente inconsciente desta simbiose é a condição *sine qua non* do funcionamento normal das nossas faculdades mentais que nos põe ao abrigo das conseqüências funestas a que conduziria a intervenção consciente dos desencarnados na nossa vida psíquica.

5 — A maior parte dos fenómenos espiritas, podem efectivamente ser provocados, consciente ou inconscientemente, pela influência dos espíritos no homem, e é precisamente isto que constitue perigo.

Como se vê, é, sobretudo, nas alíneas 3, 4 e 5 que Geymuller — não contesta a possibilidade das comunicações espiritas, embora as não aconselhe por as reputar perigosas.

O metapsiquista René Sudre — na apreciação do livro de Geymuller — reconhece que «os sábios executam freqüentemente experiências perigosas, das quais muitos dêles têm sido vítimas e, por certo, outros o virão a ser. Mas, ¿ deveremos nós, por tal motivo, renunciar à experimentação? — Ou, pelo contrário, ¿ devemos antes afrontar o perigo corajosamente, esforçando-nos por evitar êrros e só compreendendo essas investigações armados, quanto possível, dum sólido alicerce de conhecimentos psico-fisiológicos?

«Nós não podemos satisfazer-nos com as experiências dum único homem — curvando-nos servilmente ao *magister dixit*—quaisquer que sejam as faculdades dêsse homem. Devemos, antes, esforçar-nos por alargar o mais possível o domínio das nossas experiências; e, assim, todos nós, tanto espiritistas como metapsiquistas, somos menos dogmáticos, mais «científicos» que os suedemborgianos».

Nos fins do século XVIII — escreve Balzac em «Os abutres de Nemours» — a aparição de Mesmer dividiu a ciência profundamente.

---

(1) *Bescherelle.*

Mesmer em Paris, como em tôda a França, teve adeptos e antagonistas fervorosos.

Antes da sentença, a Faculdade de Medicina proscreveu em massa o pretendido charlatanismo de Mesmer, a sua celha, os seus fios condutores e as suas teorias. Mas «aquêle alemão comprometia desgraçadamente a sua magnífica descoberta com enormes pretensões pecuniárias».

Mesmer sucumbiu pela incerteza dos factos, pela ignorância do papel que desempenham na natureza os fluidos imponderáveis, então inobservados, e ainda pela sua inaptidão em procurar os lados duma ciência de tríplice face.

Nas mãos de Mesmer o magnetismo foi, em relação ao seu futuro, o que o princípio é para os efeitos. Mas se ao descobridor faltou o génio, não deixa de ser triste para a razão humana e para a França saber-se que uma ciência contemporânea das sociedades, ao mesmo tempo cultivada no Egito e na Caldeia, na Grécia e na Índia, teve, em Paris, em pleno século XVIII, a mesma sorte que tivera a Verdade na pessoa de Galileu no século XVI: o magnetismo foi ali repelido pelos duplos ataques dos religiosos e dos filósofos materialistas, igualmente espantados.

A ciência favorita de Jesus — um dos poderes divinos entregues aos apóstolos — parecia não ter sido prevista pela Igreja, como o não era pelos discípulos de João Jacques e de Voltaire, de Lockes e de Condillac.

Os milagres dos convulsionários (1) sufocados pela Igreja e pela indiferença dos sábios, a-pesar dos escritos preciosos do conselheiro Carré de Montgeron, fôram o primeiro passo para as experiências sôbre os fluidos humanos que dão o poder de opor fôrças interiores bastantes para anularem as dores causadas por agentes exteriores. Mas seria necessário reconhecer a existência de fluidos intangíveis, invisíveis, imponderáveis, três negações nas quais a ciência da época queria ser uma definição do vácuo. Na filosofia moderna o vácuo não existe. Dez pés de vácuo e o mundo desapareceria. Sobretudo para os materialistas o mundo está cheio, tudo se sustem, tudo se encadeia.

Locke e Condillac retardaram, então, 50 anos o grande progresso das ciências naturais.

Alguns indivíduos de bom senso, convencidos por factos conscienciosamente estudados, perseveraram na doutrina de Mesmer que reconhecia no homem a existência duma influência penetrante, dominadora do indivíduo, posta em acção pela vontade, curativa pela abundância do fluido e cujo jôgo constitui um duelo entre duas vontades, entre um mal a curar e o desejo de curar.

Os fenómenos de sonambulismo, suspeitados por Mesmer, devem-se a Puysegur e Deleuse. A revolução de 1789 deteve o avanço destas ciências com gáudio dos antagonistas.

O corpo de médicos de Paris desenvolveu contra os mesmerianos os rigores das guerras religiosas e foi tão cruel no seu ódio contra êles quanto era possível sê-lo naquêle tempo de tolerância voltairiana. Os doutores ortodoxos recusavam relacionar-se com os doutores que seguiam a heresia mesmeriana.

Nem as desgraças, nem as tempestades revolucionárias (1789) extinguiram o ódio científico dos sábios.

«Não há como os padres, os magistrados e os médicos para odiarem assim». As ideas, porém, são mais implacáveis que as coisas: as ideas ficam e coisas e homens desaparecem.

A frenologia e a fisognomia, a ciência de Gall e a de Lavater que são gêmeas e das quais uma é para a outra o que a causa é para o efeito, demonstraram aos olhos de mais dum fisiologista as provas do fluido imponderável, base dos fenómenos da vontade humana e de que resultou as paixões, os hábitos, as formas do rosto e as do crâneo.

Os factos magnéticos, os milagres do sonambulismo, os da adivinhação e do êxtase, que permitem perscrutar o mundo espiritual, acumulam-se.

O conhecimento das relações de Swedenborg com os mortos, tão sèriamente estabelecido na Alemanha; as narrações de Walter Scott sôbre os efeitos da *dupla vista*; o exercício das prodigiosas faculdades de alguns dos que lêem a *buena dicha* e que confundem numa única ciência a quiromância, a cartomância e a horoscopia; os casos de catalepsia e os das propriedades do diafragma para certas afecções mórbidas, todos êstes fenómenos curiosos, emanados da mesma

---

(1) Balzac refere-se aos célebres *Convulsionários de St. Medard*, (1727-1789). Jansenistas, — de Jansenius, teólogo holandês, bispo de Ypres, criador e prègador duma doutrina de redenção contrária ao catolicismo. Os jansenistas ficaram conhecidos pela designação de «Convulsionários de St. Medard», porque eram acometidos de violentas e terríveis convulsões no cemitério de St. Medard onde se reüniam e se operavam os «milagres». Certo é que curas reputadas «milagrosas» se produziram. O grande Pascal, que depois de um acidente se tornou mais místico que a irmã Jaquelina, tomou o partido dos jansenistas. São de Pascal as famosas 18 cartas anónimas — as «Provinciais» — em que defende o jansenismo e ataca os jesuítas com cáustica mordacidade.

As reüniões dos jansenistas no cemitério de St. Medard tornaram-se tão desordeiras e tumultuosas — e, às vezes, escandalosas — que, por ordem do rei, foi fechada a porta do cemitério. No dia seguinte apareceram na porta êstes versos humorísticos:

*«De par le Roi défense à Dieu*
*De faire miracle en ce lieu».*

orígem, impeliam os mais indiferentes para o terreno das experiências.

Em 1820 existia em Paris um mesmeriano perseguido, dotado de incalculável poder psíquico e dispondo de todos os meios magnéticos em tôdas as suas aplicações. Não sòmente curava, por si mesmo, a distância, as doenças mais crueis e inveteradas, ràpidamente e radicalmente, como outrora o Salvador dos homens, mas ainda produzia instantaneamente os mais curiosos fenómenos de sonambulismo... Exalava-se dêle uma energia concentrada, irresistível.

Um dia, êste mesmeriano, que se recolhera a uma impenetrável solidão, foi procurado por um médico partidário do mesmerismo que ali conduzia um velho colega acérrimo antagonista de tal doutrina.

Junto do mesmeriano estava a médium em transe: uma mulher que parecia pertencer a uma classe inferior. Ao vê-la, o velho adversário do mesmerismo preguntou se ela dormia.

— O seu corpo está anulado... respondeu o desconhecido. Os ignorantes consideram êste estado como sono; mas esta mulher vai provar-lhe que existe um universo espiritual onde o espírito não reconhece as leis do universo material.

E agarrou na mão do velho incrédulo e, depois de a conservar nas suas durante uns momentos de concentração, colocou-a na da médium. Em seguida estendeu a sua mão por cima da cabeça da médium e ordenou-lhe que obedecesse ao velho doutor.

— Vá a minha casa na rua dos Burgueses, em Nemours, — mandou o doutor.

Decorridos instantes, a médium disse com voz fraca e como quem estivesse olhando para dentro de si com a maior atenção:

— Vejo um riacho e um pequeno jardim onde está a bonita rapariga, sua pupila, em quem o senhor pensa e que muito lhe quere. Entrando no jardim pelos degraus que vão dar ao riacho, encontra-se, à direita, uma galeria, espécie de biblioteca, em cujas paredes vejo estantes com livros catalogados. À esquerda corre um muro revestido dum massiço de plantas trepadeiras, brionias e jasmins. Ao centro está um relógio de sol. Há muitas jarras e flores. Neste instante a sua pupila está examinando essas flores... mostra-as à ama... excava o terreno com um sacho e nas pequenas covas lança sementes de resedá e de balsamina... e... de esporas também.

A descrição era perfeita. O doutor tomou nota da hora exacta em que a médium falara.

De frase para frase da médium decorriam instantes, minutos por vezes, durante os quais a sua atenção mais e mais se acentuava. Na fronte da médium desenhavam-se esforços interiores, e ora se iluminava, ora se contraía por um poder cujos efeitos tinham sido notados pelo doutor, nos moribundos, apenas, nos momentos em que são dotados do dom da profecia.

Logo que regressou a Nemours, o velho médico verificou que tudo se passara como a vidente anunciára, e isto abalou-lhe a incredulidade. E cismava...

Por maior que fôsse o poder que atribuísse à divisibilidade, à mobilidade da matéria, o que não podia era admitir-lhe qualidades quási divinas... Tôda a sua ciência, baseada nas asserções da escola de Locke e de Condillac, caía em ruínas... Mas, ainda que se sentisse atingido no coração, não se decidia...

Pensativo, melancólico, lia a *História das Variações*, de Bossuet, lia Bonald, lia Santo Agostinho, lia os *Pensamentos*, de Pascal, e leu também as obras de Swedenborg e de Saint-Martin, de que lhe falara, em Paris, o homem misterioso. E o edifício construído pelo materialismo estalava por todos os lados...

Uma noite, na habitual reünião da sua casa de Nemours, o velho doutor preguntou ao abade se acreditava em aparições...

O abade retorquiu-lhe que Cardan, o grande filósofo do século XVI, acreditava nelas e afirmava que as vira... que Jesus, após a sua morte, aparecera aos discípulos e que quanto a milagres não faltavam, o mais recente dos quais — então — era o do bispo Liguori que, estando ausente de Roma, nos fins do século XVIII, soube da morte do papa no próprio momento em que êste expirava, tendo até ouvido as derradeiras palavras do soberano pontífice, palavras que o bispo repetira na presença de muitas pessoas. Sòmente trinta horas depois chegou o correio com a triste notícia...

O abade citou Swedenborg que provara à evidência que comunicava com os mortos e, trazendo da biblioteca do doutor a edição de 1666 da *História de Henrique de Montmorency*, escrita por um eclesiástico, abriu-a a páginas 175, onde se lê o seguinte:

«O cêrco de Privas tornou-se notável pela perda de algumas pessoas de importância: dois marechais de campo ali morreram, a saber: o marquês de Uxelles duma ferida que recebeu quando estava nos estrincheiramentos, e o marquês de Portes dum tiro de mosquete na cabeça. No dia em que foi morto devia ser nomeado marechal de França.

«Pouco mais ou menos no momento da morte do marquês de Uxelles, o duque de Montmorency, que estava dormindo na sua barraca de campanha, acordou sobressaltado ao ouvir uma voz semelhante à do marquês, que dêle se despedia. A amizade que o duque consagrava àquêle homem, que era seu próximo parente, fêz com que êle atribuísse a ilusão dêste sonho à fôrça da sua imaginação; e o trabalho da noite, que, segundo o seu costume, o duque passara nas trincheiras, foi causa de que tornasse a adormecer sem

# O VALOR DA PRECE E A EFICÁCIA DA CONCENTRAÇÃO

pelo Dr. Pedro Dias de Sousa

COMO natural seqüência dos artigos anteriormente publicados (1), vamos hoje fazer algumas considerações à-cêrca da *prece* e da *concentração*.

Elas são tanto mais necessárias, quanto é certo que a confusão a respeito destas duas formas de actividade mental é bastante freqüente, chegando-se mesmo, nas sessões experimentais — onde devem ter constante aplicação — a usar duma, no momento em que a outra é que está naturalmente indicada.

Importa, por conseguinte, esclarecer um pouco o assunto, e ensinar a quem o não conheça ainda, ou a quem não possua ideas suficientemente claras, o modo como deve exercitar o pensamento no sentido de conseguir torná-lo apto para traduzir êsses dois estados psíquicos tão diferentes.

* * *

Se o pensamento, quando convenientemente emitido e devidamente orientado, é uma das fôrças mais poderosas, senão a mais poderosa, de que o homem pode dispôr em seu benefício e em benefício dos seus semelhantes, convém não despresar os processos mais eficientes — a *prece* e a *concentração* — de o pôr em movimento para atingirmos os estados de alma que melhor poderão proporcionar-nos o caminho da verdadeira felicidade.

Porque verdadeiramente feliz será o homem que consiga, pelo esfôrço da sua vontade, aproximar-se de Deus, e pelo completo domínio do pensamento ser inteiramente útil aos seus irmãos espirituais.

* * *

Está hoje suficientemente demonstrado, através de sucessivas e controladas vidências, que o pensamento, semelhante a ondas hertzianas, com a freqüência de 30 a 30.000 vibrações por segundo, tem forma, côr e vida próprias, dependendo as primeiras da natureza e qualidades dos sentimentos geradores e a última da intensidade com que os pensamentos são emitidos e alimentados (2).

O segrêdo do trabalho do pensamento reside, especialmente, em saber imprimir-lhe direcção, conhecimento que, *normalmente*, só um aturado exercício, aliado a uma grande fôrça de vontade, pode proporcionar. E dizemos «normalmente», porque indivíduos

(1) Vejam-se os n.os 1 e 2 desta revista.
(2) Os notáveis ensaios levados a efeito, por meios fotográficos, pelo Coronel Darget e Dr. Baraduc, são concludentes.

---

nenhum receio. Mas a mesma voz o interrompeu mais uma vez, e o fantasma, que êle da primeira vez apenas vira em sonho, obrigou-o a acordar de novo e a ouvir distintamente as mesmas palavras que pronunciara antes de desaparecer. O duque lembrou-se, então, de que um dia, ouvindo discorrer o filósofo Pitrat sôbre a separação da alma do corpo, ambos se tinham prometido despedirem-se um do outro, se o primeiro que morresse tivesse permissão para o fazer.

«Em resultado do que, não podendo duvidar da verdade do aviso, o duque enviou imediatamente um dos seus escudeiros à tenda do marquês, que ficava muito afastada da sua. Mas antes do regrêsso do mensageiro, gentes, enviadas pelo rei, entraram a consolá-lo da perda que êle tinha sofrido.

«Deixo aos doutores discutirem sôbre o motivo dêste acontecimento que muitas vezes ouvi narrar ao duque de Montmorency, e que eu julguei digno de notar aqui tanto pela sua maravilha como pela sua verdade».

---

ERROS TIPOGRÁFICOS — No artigo «Comunicações Supranormais», aponto os mais importantes que tornam impossível a compreensão do texto: página 22, primeira coluna, linhas 32 e 33, — onde se lê «novo entendimento» e «novo sistema», leia-se *nosso entendimento* e *nosso sistema*, respectivamente; páginas 22, segunda coluna, linha 47. onde se lê «ma sem», leia-se *mas em*.

há, embora, raros, que orientam os seus pensamentos sem que disso tenham a mais insignificante manifestação de consciência ou a mais rudimentar preparação mental.

Pela forma e pela côr — resultantes da natureza e qualidade — os pensamentos atraem-se ou repelem-se, com mais ou menos intensidade, obedecendo, portanto, à lei das afinidades, tão simples de compreender.

Um pensamento de ódio, de orgulho ou de inveja, é sempre alimentado pelos semelhantes que, infelizmente, existem, em grande profusão, no meio ambiente.

Se aquele que o emite não sabe dar-lhe direcção — como, por felicidade quási sempre sucede — o pensamento fica como que boiando, ao contacto com todos nós, fazendo os seus grandes ou pequenos estragos emquanto conserva suficiente vitalidade e, muitas vezes, atingindo, de preferência, a pessoa que o criou, que sentindo aumentarem êsses sentimentos inferiores, sofre intoleráveis suplícios.

Pelo contrário, pela emissão de pensamentos que traduzam apenas sentimentos nobres e elevados, criamos a paz para a nossa consciência e impedimos que os pensamentos de natureza e qualidades diferentes se abeirem de nós.

Compreende-se, agora, a razão porque os Instrutores constantemente nos aconselham a não termos outros pensamentos que não sejam de amor e de concórdia.

Apresentadas estas ideas, indispensáveis para uma proveitosa compreensão do que vai seguir-se, trataremos de estudar

A PRECE — A prece ou oração, é um pedido, uma súplica ardente, que fazemos, em ondas de pensamento, ao espírito puríssimo de Deus, ou dos seus Mensageiros. É também auxílio, confôrto, resignação que, à distância, podemos enviar aos que desfalecem, sofrem e desesperam.

Quem ora com fervor e com fé, quem ora compreendendo o alto significado e o extraordinário valor da prece, realiza o mais belo, o mais fecundo e o mais completo fim do pensamento.

Para ter valor, a prece — que consideramos a mais activa e a mais elevada manifestação mental — não precisa nem de ser longa nem de cingir-se a fórmulas especiais; basta-lhe ser sincera e verdadeiramente sentida.

Contudo, as *orações feitas,* são precioso e indispensável auxiliar das pessoas que não improvisam com facilidade.

A prece deve ser *silenciosa,* isto é, nascer unicamente no nosso pensamento, e não feita em voz alta ou mesmo simplesmente articulada num mexer de lábios, para que não perca nada da sua fôrça e eficácia.

Os pensamentos gerados pela prece, quando convenientemente emitidos, atravessam, num repente, os planos inferiores e, nos de alta espiritualidade, haurem as necessárias fôrças e condições indispensáveis à obra de paz, de amor e de concórdia, de perdão e caridade, a que estão destinados.

Felizes, verdadeiramente felizes, aquêles que sabem orar!

Uma prece, emitida com a necessária elevação, ao mesmo tempo que contribue para a *higiene psíquica* de quem a faz — por arrastar consigo uma quantidade maior ou menor dos seus fluidos inferiores — estabelece uma verdadeira comunicação entre o plano físico e os planos superiores, podendo, assim, aquêle que ora, receber os fluidos purificados das altas esferas da espiritualidade.

Segundo Allan Kardec, «são principais qualidades da prece: a clareza, a simplicidade e a concisão, sem fraseologia inútil, sem luxo de epítetos, que valem como lantejoulas. Cada palavra deve ter um alcance, despertar uma idea, comover uma fibra; finalmente, *deve fazer reflectir.* Sob esta condição sòmente é que a prece pode atingir o alvo; de outra forma será apenas como que um *sussurro.*» (1).

Verdadeiramente não se ensina a orar, porque estando a oração dependente de múltiplos factores, cada um manifestando-se de maneira diferente para cada indivíduo, só nós mesmos poderemos criar ou desenvolver as melhores condições para uma prece eficaz.

A título meramente informativo damos, a seguir, indicações sôbre um dos processos mais fáceis de compreender e de pôr em prática por quem deseje fazer uma oração proveitosa. É, aliás, aquele que usamos, e com o qual temos tirado excelentes resultados.

Fixado fortemente o nosso pensamento no objecto ou fim que determina a prece, imaginando, com os maiores detalhes, todo o trabalho a que vão ser sujeitas as formas-pensamentos criadas, focaliza-se, como que numa sobreposição de imagens, a figura de Cristo ou outra que desperte em nós particular emotividade.

Depois, sem perder o domínio do pensamento assim elaborado e num esfôrço grande da vontade, num impulso enérgico, deixemos a prece partir, estabelecendo-lhe como centro de atracção a idea de Deus.

Concluída a oração, mantenhamo-nos, por momentos, num estado de absoluta passividade mental.

Li algures que todo aquele que pretende explicar Deus, erra tanto como o que O nega pura e simplesmente.

---

(1) *O Evangelho segundo o Espiritismo.*

Embora não concorde inteiramente com esta opinião, por a considerar defeituosa pelo que respeita à sua segunda parte, concordo, com Prentice Mulford (1), que a natureza de Deus «é tão profunda que a mente se perde e esvai, quando tenta, ao menos, compreender a essência da fôrça que O anima, pois não tem princípio nem fim, nem no tempo nem no espaço.»

Mas embora reconheçamos a impossibilidade de dominar a idea de Deus, «todos devem convir em que o Universo está repleto dum Poder, uma Inteligência, um Espírito Infinito também, dividindo-se a potencialidade dêsse Espírito Universal, em miríades de gradações, desde a mais simples, até alcançar as maiores culminâncias, sublimidades e transcendências, como nem sequer agora podemos compreender. Dê-se a êsse poder o nome de Deus, de Infinito ou de Grande Espírito, como se chama na Índia. Tudo é o mesmo». (2).

Nesta ordem de ideas, todos nós devemos criar ou estar de posse de um processo de podermos dirigir as nossas preces para Deus. Por muito imperfeito que seja, é indispensável a quem ora.

A prece, ao contrário do que muita gente supõe, deve ser feita estando o corpo em posição cómoda, em local quanto possível isolado e onde a luz não seja muito intensa

Vejamos agora em que consiste

A CONCENTRAÇÃO — Tanto quanto nos é permitido fazê-lo, consideraremos a prece como *uma manifestação dinânima do pensamento* e a concentração como *uma manifestação estática* do mesmo pensamento.

Sômos os primeiros a reconhecer que é flagrante o êrro desta última definição, pois o pensamento sendo vibração é sempre movimento. Com as expressões *estática* e *dinâmica* pretendemos apenas fixar no espírito do leitor a idea de que, na concentração espirita, não carecem as formas-pensamento, para realizarem o seu trabalho, de se afastarem do meio físico ambiente onde se faz a concentração.

Na prece, pelo contrário, tôda a nossa fôrça de vontade, todo o nosso anseio, devem ser empregados em exteriorizar os pensamentos para os planos superiores.

Vem a propósito dizer, que tanto pelo que respeita à prece como à concentração — e especialmente quanto a esta última — apresentamos, quási sempre, pontos de vista próprios, talvês até em conflito com opiniões de autores consagrados. O leitor, porém, é livre, evidentemente, de os aceitar ou não, ou de os aceitar apenas em parte.

É conveniente, também, esclarecer, que não temos em mira fazer um estudo profundo dêstes dois importantíssimos problemas, mas ùnicamente focar os pontos que nos parecem essenciais para se conseguir, dentro das práticas espiritistas, a preparação e manutenção dum ambiente favorável à fenomenologia para que estejam indicados.

* * *

Segundo J. I. Wedgwood (3), «a concentração consiste em fazer convergir o pensamento sôbre uma idea, e fixá-lo nela».

Se sômos de opinião de que se não ensina a orar, — porque a oração deve nascer expontâneamente e depende, em primeiro lugar, da nossa emotividade — entendemos, pelo que respeita à concentração, que por sucessivos exercícios, convenientemente graduados, qualquer pessoa chegará a obtê-la perfeita.

Nos primeiros tempos, os exercícios de concentração devem fazer-se fixando o pensamento num objecto que esteja diante de nós, excluindo do espírito qualquer pensamento que lhe seja extranho.

Por ser um poderoso auxiliar da concentração, devem os principiantes repetir em voz alta as observações que o objecto escolhido lhes fôr sugerindo.

A princípio verificarão que lhes não é possível demorar o pensamento sôbre o objecto escolhido, mais que alguns segundos, tantas são as ideas diversas que, em turbilhão, lhes acodem ao cérebro. À medida, porém, que os exercícios fôrem sendo repetidos, os progressos serão sensíveis.

Obtido um notável e seguro domínio do pensamento sôbre objectos materiais, a concentração passará a fazer-se, *ainda em voz alta,* sôbre uma idea, uma virtude, um sentimento.

Depois, a concentração, passará a ser *silenciosa,* a princípio sôbre objectos materiais — mas agora idealizados — e, finalmente, sôbre ideas, virtudes ou sentimentos.

Os exercícios de concentração — e a própria concentração, a-final — devem ser feitos sempre às mesmas horas, estando o corpo em posição cómoda, mas só em casos raros deitado, as mãos unidas descançando levemente sôbre as pernas, os pés unidos, ou o pé direito traçado sôbre o esquerdo. A respiração não deve ser dificultada por cintas ou roupas demasiado justas.

* * *

Conclue-se, portanto, que não é possível fazer uma prece com valor, desde que se não consiga uma eficaz concentração.

---

(1) *A Prece através dos tempos.*
(2) Idem.
(3) *A meditação para uso dos principiantes.*

# ¿MORTOS OU VIVOS?

## MORS VICTA

por Manuel Tavares

COM os mortos e os vivos dá-se um facto curioso e paradoxal: emquanto nós, do Aquém, damos o nome de mortos aos que desencarnam, estes, do Além, consideram-nos mortos a nós! ¿De que lado está a razão? Com um pouco de raciocínio, verificaremos que a razão não está connôsco. Senão, vejamos:

Do bicho da sêda que tece em volta de si o seu casulo transformando-se depois em crisálida e da borboleta que rasga êsse casulo para voar — ¿qual delas tem mais aparência de morte? A crisálida — sem dúvida. Pois bem. Ainda que a comparação seja um pouco grosseira, a crisálida representará para nós a reencarnação da alma num novo corpo, e a borboleta a libertação dessa alma da prisão em que se tinha encerrado, isto é, do corpo velho.

Jesus também nos considerava mortos, pois que, quando um Seu discípulo Lhe pediu consentimento para ir enterrar um parente môrto, lhe respondera: «deixai que os mortos enterrem os seus mortos.»

Somos realmente os mortos da carne com a alma nela mergulhada e sujeita aos achaques daquela, às suas necessidades e até aos seus caprichos e apetites. Basta que um minúsculo órgão cerebral funcione mal ou se atrofie, para que sintamos tonturas, vertígens, mal-estar e até para que o espírito mais lúcido e sábio se transforme num cretino ou num doido. De tôda a lucidez que o nosso espírito possuia no Além antes de nascer, de todos os conhecimentos científicos e qualidades morais adquiridas em existências dolorosas, resta-nos uma velada inteligência e uma vaga recordação que necessita ser avivada pelo estudo e pelo trabalho. Por isso, o Dr. Maxwell afirmou que às disposições favoráveis do corpo correspondem condições favoráveis do espírito.

---

Da oportunidade de emprêgo duma ou doutra forma de actividade mental nas sessões espiritistas ajuizará o experimentador, tendo, principalmente, em conta, que os pensamentos gerados pela prece realizam o seu trabalho a partir das altas esferas de espiritualidade, ao passo que os pensamentos gerados pela concentração são eficazes desde a sua origem e devem ser, por si sós, capazes de manter liberto de influências inferiores o meio físico ambiente onde são criados.

Na verdade, por muito lúcido que o espírito seja, se as condições físicas do seu corpo não o auxiliarem nas suas manifestações, êle não pode produzir tanto e tão bem como produziria em condições normais. Tal qual um violinista exímio que não pode tirar dum péssimo violino a melodia que tiraria dum *Stradivárius*.

Sômos bem os mortos da carne, porém, o próprio véu que a matéria tece em volta do nosso espírito, cega-nos ao ponto de nos considerarmos os verdadeiros vivos e chamarmos mortos aos que alcançaram a liberdade espiritual, chorando e lamentando a sua desdita, quando, afinal, se encontram na sua verdadeira pátria, possuïdores de um acréscimo de vida exuberante, com as suas faculdades mentais íntegras, com órgãos visuais que abrangem horizontes mais vastos que os da Terra, livres, emfim, do pesado fardo da matéria e podendo transportar-se dum ponto ao outro com a facilidade e a rapidez do pensamento!

No Congresso Espirita Internacional realizado em Londres em 1928, André Ripert fez a seguinte afirmação, produto dos estudos psíquicos dos anos anteriores: *o homem real, integral, é infinitamente mais vasto e complexo que o homem que os nossos sentidos conhecem.*

Jesus também disse que os que acreditassem Nêle não morreriam, mas teriam a vida eterna, isto é, não teriam mais necessidade de reencarnar, por já terem evoluído, e viveriam a verdadeira vida: a vida espiritual.

* * *

No Além, quando é chegado para um espírito o momento solene da sua partida para a Terra, a-fim-de vir rehabilitar-se aonde prevaricou e na carne em que pecou, os seus amigos espirituais vêm despedir-se dêle com sentida comoção, animando-o e encorajando-o, chorando o amigo que entrou em perturbação e que partiu para o cativeiro. Nós, ao vermos renascer êsse espírito, exultamos de alegria e festejamos a sua vinda, porque é o nosso filho, a carne da nossa carne, o sangue do nosso sangue.

Quando um espírito desencarna, nós cobrimo-nos de luto, colocamos o defunto numa «câmara ardente» coberta de crespes e alumiada apenas pela luz triste e mortiça de algumas tochas, velamos o corpo, ciciando a nossa mágoa, exteriorizando a nossa dor e la-

# Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

## Médico que ausculta um espírito materializado

Há tempos, a revista semanal espirita *The Two Worlds* referiu-se à extraordinária experiência de auscultação a um espírito materializado, feita na presença de três médicos, entre os quais o Dr. Blatt, notável ginecólogo e cirurgião de Brooklin, e o Dr. A. Sturm, clínico de Nova York. O relato foi extraído do livro intitulado «Os Fenómenos das Salas de Sessões», do Doutor Edwin Bowers, que ali menciona as experiências de Sir William Crookes, expondo o desejo que o dominava de repetir, com o médium americano Frank Decker, as célebres sessões do sábio inglês com Florence Cook.

O Dr. Blatt declarou que a pulsação rítmica do coração duma entidade materializada fôra verificada por êle e outros facultativos em Outubro de 1935, durante uma sessão de materializações e experiências com trombetas luminosas, realizada pelo médium Frank Decker. Como o Doutor Bowers tivesse pedido uma demonstração dessa espécie, o doutor Blatt encostou o ouvido direito ao peito da forma materializada, que parecia coberto de cabelos ou de gaze, mas não pôde notar qualquer movimento respiratório. A-pesar-de tudo, ouvia bater, normalmente, um coração, embora a tonalidade muscular parecesse frouxa, como sucede na miocardite. Quanto aos ruídos cardio-apicais sistólicos e diastólicos, eram ouvidos com regularidade.

O Dr. Bowers preguntou ao espírito de John Benton se não poderia materializar ou simular dois pulmões que permitissem ouvir os ruídos respiratórios, como no caso de Katie King. A resposta foi categórica: «Na proxima sessão, traga um estetoscópio».

Munidos do aparelho, Blatt e Bowers realizaram uma sessão em 5 de Dezembro do mesmo ano. E à medida que o espírito movia o diafragma, sôbre o tórax, os dois médicos ouviam o ruído característico da fricção do aparelho. Colocando o estetoscópio junto ao coração, acusava imediatamente os ruídos cardíacos. Depois, a pedido dos facultativos, o diafragma foi colocado próximo do vértice do pulmão e o Dr. Bowers afirma ter ouvido claramente o som característico da respiração pulmonar e o levantar e abaixar causados por inspirações e expirações.

Eis como o Dr. Blatt conta as suas impressões da auscultação:

Em 5 de Dezembro de 1935, levei o meu estetoscópio à sessão realizada com auxílio do médium Decker, visto os seus guias haverem prometido facilitar a auscultação. Antes do início dos trabalhos, entreguei o aparelho ao Dr. Bowers e, quando se manifestou a entidade materializada, êste médico auscultou primeiro o coração e depois os pulmões, demonstrando que ouvia nitidamente os dois órgãos.

«Depois, foi a própria forma materializada quem me entregou o estetoscópio, tendo eu introduzido os tubos nos ouvidos, ficando o aparelho pendente e eu um pouco inclinado para a frente. Acto contínuo, sinto que alguém pega no instrumento e o coloca contra qualquer objecto. Novamente ouço os ruídos cardíacos, como sucedera quando auscultei o tórax do fantasma John Benton, em Outubro de 1935. Verifiquei que a regularidade do ritmo era um facto e que os movimentos de sístole e de diástote eram inconfundíveis embora denotassem alguma debilidade muscular.

«Logo que declarei ter ouvido as pulsações cardíacas do fantasma, foi retirado o estetoscópio. Ouvi então, apalpar de dedos que pretendiam colocar o instrumento na superfície pulmonar.

«Neste meio tempo, ouvi inspirar profundamente como na auscultação normal de tecidos pulmonares em bom estado de saúde. E o som da expiração era igualmente, claro, sem ruídos anormais.

«O aparelho foi, novamente, aplicado ao tórax e eu ouvi, com nitidez, inspirações e expirações.

«No fim dos trabalhos, examinei o coração e pulmões de Franck Decker, tal como Crookes, quando examinou Katie King, comparando os ruídos do pe

---

mentando o amigo que... coitado, morreu! No Além, nesse mesmo momento, acontece precisamente o contrário: amigos desvelados e o guia espiritual do falecido, acorrem pressurosos a dar-lhe as boas-vindas, festejando o regresso daquele que saíu vitorioso das provas a que se sujeitou e que volta ao convívio directo dos seus amigos e parentes, auxiliando-o a desprender-se dos laços materiais para o levarem depois em apoteose até ao local onde deve descansar e terminar a perturbação natural que o espírito sente após a morte do corpo físico.

¿Quais serão, pois, os verdadeiros mortos? ¿Nós, ou êles?

O leitor de boa-fé já fêz, de-certo, o seu juízo e já disse para consigo que, na realidade, aqueles que partiram para o Além estão mais vivos do que nós e que, portanto, não há razão para temermos a morte, a não ser que... tenhamos sempre procedido em desacôrdo com a nossa consciência e que o remorso nos macere a alma.

desta última com os da médium, e *verifiquei grande diferença entre êste exame e o que fiz à entidade materializada*. E isto pelos motivos seguintes:

1.º — A caixa toráxica de Frank Decker era muito menor, assim como a espessura das costelas. O relêvo do tórax era maior e a temperatura mais elevada.

2.º — O ruído do músculo cardíaco não dava indícios de degenerescência do miocárdio e os ruídos de sístole e diástole eram muito mais fortes e nítidos e a pulsação mais rápida.

3.º — Ao auscultar os pulmões de Frank Decker, directamente ou com o estetoscópio, notei muitos sons anormais, através dos pulmões, sons claros e precisos, que se não confundiam com os dos pulmões do fantasma John Benton, absolutamente isentos de ruídos anormais.

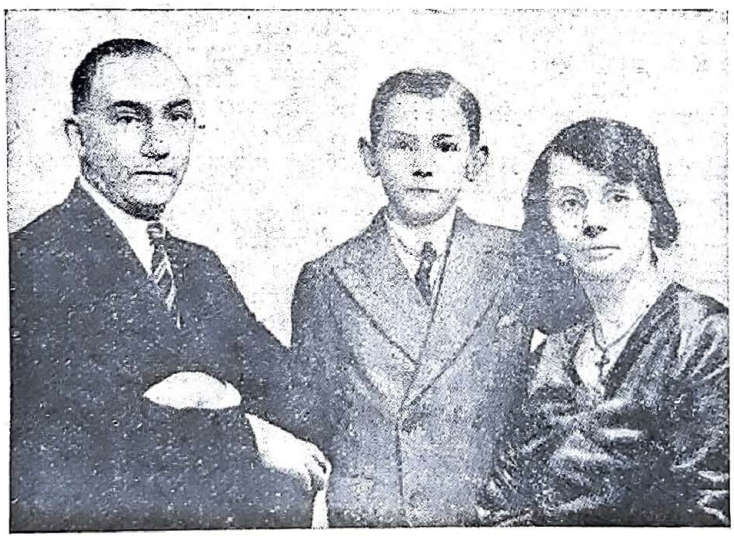
«Estas experiências foram as mais extraordinárias que realizei em tôda a minha vida.»

## Notáveis curas espiritas

*The Greater World* publicou um artigo deveras edificante, acêrca das curas obtidas pelo médium Mr. Mayne, controlado pelo seu espírito-guia, conhecido pelo «*Dr. Robin*».

Trata-se, realmente, de curas importantíssimas, a que não podemos deixar de dar o relêvo que merecem.

«De tempos a tempos — escreve o articulista sr. H. J., — temos aqui publicado notícias referentes a curas feitas pelos Espíritos, por intermédio de vários médiuns. Hoje, vamos contar aos leitores outra estupenda revelação de cura feita pelo poder dos Espíritos, demonstrado no Grupo Familiar de Mr. Mayne, em Guild Street, 29, Burton-on Trent, Londres.



Os esposos Mayne com seu filho Tommy

«O médium é o sr. Mayne, que costuma ser auxiliado pela espôsa; e o espírito-guia é um índio norte-americano conhecido no grupo pelo nome de «*Dr. Robin*» e que, durante cinco anos, tem trabalhado com êste médium, com a assistência doutros médicos desencarnados.

«A sessão a que me refiro começou com algumas preces dos esposos Mayne. Depois, o médium caiu em transe e logo o «*Dr. Robin*» entrou a falar em inglês próprio da sua raça, ocupando o seu lugar à mêsa, preparada com óleos e vários ingredientes, toalhas limpas e algodão hidrófilo.

«Um dos primeiros doentes sofria de cataratas e era curioso observar a delicadeza com que o Guia lhe limpava os olhos com algodão, a-pesar do médium ter os olhos completamente fechados. A perícia demonstrada pelo Guia, ao fazer pequenas operações cirúrgicas, revelava longa prática de semelhantes tratamentos. À medida que fazia o tratamento, proferia curtos «huns» de aprovação e satisfação, acompanhados de amáveis conselhos à doente que, antes desta intervenção, ficara pràticamente cega. Agora, porém, as cataratas começavam a desaparecer e a vista ia voltando à normalidade.

«Outro tratamento consistiu em *passes* e maçagens magnéticas numa rapariga que tinha um braço paralizado, por ter caído duma balaustrada e não haver conseguido curar-se no hospital. Após dois anos de cuidadoso tratamento pelo Guia do sr. Mayne, completou-se a cura e a rapariga pôde andar de bicicleta. Por aqui se avalia a importância do tratamento espírita. Era digno de atenção o facto de os músculos e os nervos do braço terem sido influenciados pelo tratamento magnético, sem haver contacto do médium com a paciente».

Mas as curas não ficaram por aqui. A senhora Mayne, por exemplo, sofreu de dois tumores da cabeça, que lhe foram extirpados, tendo a ferida sido curada sem auxílio de pontos; e o pequeno Tommy, de Derby, era quási imbecil, quando o levaram ao Grupo. Sofria de estrabismo e os especialistas tinham aconselhado os pais a interná-lo num manicómio. Pois, três tratamentos lhe bastaram para a cura. Já vai à escola e nada sente nos olhos.

Outro caso interessante: uma senho caíra à cama e não conseguia dar um passo, acometida de paralisia das pernas. A-pesar-de o sr. Mayne nunca a ter visto, o Guia receitou-lhe uma pomada que a curou, absolutamente. Como se vê, aqui, o tratamento foi feito a grande distância da enfêrma.

O articulista refere também uma conversa que teve com a senhora Bishop, de Horninglow, em que esta revelou espantoso facto passado com sua filha Rose, que fôra vítima de desastre sério. Eram tais os ferimentos, que se viu obrigada a fazer operação ao cérebro. E, embora melhorasse consideràvelmente, foi atacada de paralisia no braço e na perna direitos. Como perdesse a esperança da cura, tentada no hospital, dirigiu-se ao Grupo do sr. Mayne, apoiada a duas bengalas e andando com grande dificuldade. Pois, ao cabo de dois meses de tratamento magnético, a rapariga atirou fora as bengalas e, pouco depois, recuperou doze quilogramas de pêso, estando agora em vias de restabelecimento.

Os métodos usados pelo «*Dr. Robin*» eram seme-

lhantes aos usados na América do Norte. Em primeiro lugar, punha em acção os centros nervosos. Depois, movia o braço «paralisado», para a frente e para trás, sem que a doente sentisse a mais pequena dor. O mais extraordinário é que estes movimentos accionavam todos os nervos e músculos do membro paralisado.

Esta notável cura espirita, feita por intermédio do sr. Mayne, durou duas horas e meia, sem que o médium denotasse qualquer fadiga.

Com trabalhos dêstes, vai singrando o Espiritismo pelas sete partidas do mundo, persistindo na obra de curar doentes e aliviar os tristes que se acolhem à sua bandeira de paz e fraternidade, associando ao mesmo pensamento o espiritual e o material.

## Uma sessão chinesa

*Light*, a interessante revista espirita inglesa, inseriu há tempos curioso relato duma sessão chinesa, extraído do livro «Social Life of the Chinese», publicado em Londres, aí por voltas de 1868. É o seu autor o missionário Justus Doolittle, o qual estudou a língua, costumes e religião dos chineses, durante longa permanência naquele vasto país.

Embora as crenças religiosas dêste povo estejam imbuídas de superstição, os chineses acreditavam na sobrevivência, como ainda hoje atestam as suas cerimónias fúnebres. Não há dúvida de que os sacerdotes do Celeste Império sempre estiveram familiarizados com as fôrças psíquicas; e a descrição que segue dá-nos a mais clara impressão de como êles consultavam os médiuns. Segue o seu resumo, em tradução livre:

«O método singularíssimo da invocação aos deuses, seguido nos templos ou nas casas particulares, é análogo ao das sessões de tiptologia (mêsas de pé de galo) e pratica-se quási sempre de noite e no intuito de ser útil a qualquer pessoa, o que não impede de os interessados oferecerem um ou outro presente aos médiuns operadores.

«Além do interessado, são necessários, pelo menos, dois executantes da cerimónia, um dos quais se senta numa cadeira, em frente da mêsa, sôbre a qual ardem varas de incenso e velas iluminam o ídolo, emquanto o outro vai desenhando a lápis um amuleto em papel amarelado, que acende em seguida, movendo-o lentamente e de cima para baixo, defronte do suplicante, que está sentado, tudo com o fim de libertar o interessado de influências maléficas e preparar-lhe o corpo para residência temporária do deus invocado. Depois, êste médium levanta-se, de olhos vendados, e recebe do companheiro uma vara acesa de incenso, que êle abraça com as duas mãos e segura tranqüilamente, sempre de olhos fechados e de costas para a mêsa. O outro comparsa começa, então, a entrelaçar os dedos das duas mãos, na crença de que tais movimentos agradam à entidade invocada. Depois, aproxima-se do suplicante, que está de pé e ao qual faz uma espécie de *passe*, como se tivesse desejo de lhe bater na cara. Êste rápido movimento separa os dedos do operador, que novamente os entrelaça, fazendo-lhe mais *passes*. Parece que esta operação, que se repete muitas vezes, é de grande eficácia para atrair a vinda do deus.

«O médium, que se conserva de olhos fechados, durante a sessão, em breve dá indícios de estar possuído de poder invisível e sobrenatural: o corpo inclina-se para a frente e para traz, a vara de incenso cai-lhe das mãos e começa a andar em volta, com passos especiais e toma as atitudes características daquele deus, facto êste que indica, infalìvelmente, a presença da divindade. Se o indivíduo que dá origem à invocação declara que a divindade principal acedeu à sua consulta, então o médium, depois dum pequeno intervalo, assume, em geral, a atitude do invocado, como prova de que êste chegou, e o suplicante avança com três varas de incenso nas mãos, ajoelha em frente do médium e pede-lhe que se assente. Êste senta-se e o outro expõe, finalmente, o fim da consulta.

«Muitas vezes, segue-se conversação animada acêrca do assunto da invocação, pretendendo um dar a informação desejada, emquanto o outro a recebe com humildade e gratidão. Também não é raro o deus aplicar boa reprimenda, quando a invocação é feita para fins ilícitos».

## Anúncio de reencarnação confirmado pelos factos

O caso que vamos referir foi relatado em 1936 pela revista francesa *Survie* e transcrito nalgumas publicações mundiais do género. O que nos leva a inseri-lo nestas colunas, não é sòmente a sua importância probatória no tocante à hipótese da reencarnação, mas também o facto dos elementos nos virem do autor do relato e com maior somas de pormenores.

O nosso confrade José Ramos Corrêa, de Portimão, escreveu, naquela data, ao sr. Charles Brizzolara, pedindo informações acêrca do artigo da *Survie* e êste senhor respondeu-lhe em carta, da qual extraímos os parágrafos que seguem:

«No dia 13 de Outubro de 1926, morreu a *minha filha única* de oito anos, criança prendada e forte e demonstrando grandes qualidades morais e intelectuais, pois já aos sete anos fazia transposição musical. Sendo eu, nesta época, materialista convicto, imagine qual não teria sido a minha dor.

«Dois meses após esta catástrofe, visitei com minha espôsa um médico amigo, igualmente *antigo* materialista. Digo antigo materialista, porque só muito recentemente fôra atraído para o estudo do Espiritismo.

«Quando me informou da sua evolução espirita, julguei que falava assim para minorar a minha dor. O caso é que, a seu pedido, assisti com minha espôsa a uma sessão do grupo espirita de Donai, *onde ninguém nos conhecia*. Pusemos de lado o fato de luto para não chamar a atenção dos assistentes e lá fômos. Pois o médium disse-nos coisas tais a respeito de minha mãi, falecida em 1918, que a nossa incredulidade desapareceu imediatamente. Depois, o mesmo médium revelou a presença de outras entidades em tôrno de nós, entre as quais a nossa querida pequenina.

«Levado por tais resultados a estudar esta ciência, ¡imagine se não estaríamos ávidos de saber!

«Em 1927 tivemos uma comunicação de nossa filha e que dizia assim:

«—Mamã, não chores mais. Eu serei substituída por um irmão, no dia 22 de Março de 1928».

«E quando lhe preguntámos se voltaria, respondeu:

# POR ÊSSE MUNDO...

*Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, informa que o conhecido escritor espirita Pedro de Camargo (Vinicius) foi, há pouco, vítima dum acidente muito sério. Felizmente já se encontra livre de perigo e em franca convalescença. *Estudos Psíquicos* congratula-se com o facto de podermos contar, novamente, com o estimado propagandista, para a consecução dos elevados objectivos da Doutrina Espirita.

— A Editorial «Constância», de Buenos Aires, acaba de publicar a obra «Las Noúres», continuação de «A Grande Síntese», do inspirado professor italiano Pedro Ubaldi e ultimamente vertida em português pelo Dr. Guillon Ribeiro, Presidente da Direcção da Federação Espirita Brasileira.

— A Sinagoga Espirita «Nova Jerusalém» e «Cosinha dos Pobres», de S. Paulo, presididas por J. Trindade, lançaram em 24 de Dezembro último a primeira pedra dum grande Sanatório em Suzano, Município de Moggy das Cruzes. O acto foi revestido de certa solenidade, tendo assistido numerosas pessoas da localidade e arredores. Assistiu, igualmente, uma caravana de espiritas e oradores de várias associações. Foi, emfim, uma retumbante vitória espirita, que nos apraz registar, com grande satisfação.

— Segundo uma notícia de Londres publicada pelo *Revelador* de S. Paulo, a casa mais mal-assombrada da Inglaterra é a residência do vigário duma pequena vila do condado de Sussex e que está à venda por 1.000 libras, incluíndo os fantasmas... que, nos últimos quinze anos, não permitiram a habitação ali de qualquer vigário. Mais de 40 cientistas e «espantadores de fantasmas» lá permaneceram muitas noites sucessivas, tentando demover os invisíveis locatários a abandonar a casa, mas tudo foi em vão. Harry Price, da University of London Council for Psychical Investigation declarou que se tratava da «casa mais mal-assombrada da Inglaterra».

— A União Federativa Paulista resolveu abrir um interessante concurso, intitulado «Livro dos Espíritos». Os concorrentes deverão comentar quatro capítulos dêste livro e assinar os comentários com pseudónimo. A leitura das classificações será feita num sábado prèviamente anunciado, na presença dos frequentadores das aulas daquela Federação e os cinco primeiros classificados receberão um elegante exemplar do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec.

— Há quem preconise a substituïção da palavra *Espiritismo* por «heliosofia» e «nova psicosofia», como informam *Evolucion*, de Venezuela, e *Light*, de Londres. A *Evolucion* diz que vai ser publicado um livro acêrca daquela substituïção por «heliosofia».

— M. Chattey, presidente do Centro Espiritualista Científico de Marselha, fundou um Lar Espiritualista, onde os aderentes do Centro, *assim como todos os que sofrem*, encontrarão durante a guerra o apôio e o confôrto de que necessitam.

— O grande filósofo Henri Bergson acaba de fazer oitenta anos, na cidade de Saint-Cyr-sur-Loire.

— A Hora Espirita Radiofónica continua a exercer a sua actividade tôdas as semanas, no Rio de Janeiro, sob a direcção de Leopoldo Machado.

— A Federação Espirita Brasileira dispõe, actualmente, de oficinas próprias, onde executa o *Reformador* e as numerosas edições, a cargo da sua excelente e útil Livraria.

— A *Revue Spirite* mudou a Direcção e Redacção para Soual (Tarn), em virtude do estado de guerra em que se encontra a França.

— Em viagem de férias, saíu em fins de Dezembro para o Estado de Minas o infatigável polemista espirita Leopoldo Machado, presidente do Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, de Nova Iguassú, tencionando demorar-se em S. Paulo, onde realizará uma série de conferências.

---

«— Talvez, se me fôr possível.»

«Comuniquei o facto a amigos incrédulos, a quem pedi que tomassem nota daquela data. No dia 22 de Março de 1928, isto é, quinze meses depois, nascia-nos um filho.

«¡ Calcule se a nossa confiança não seria absoluta !

«Em 7 de Outubro de 1930, *eu próprio recebi* uma comunicação de minha filha. Minha espôsa esperava novo bébé em fins de Novembro e chorava muito, por lhe haverem predito outro rapaz. A comunicação dizia assim :

«— Mamã, não chores mais. Voltarei em 12 de Novembro. Sou ainda uma menina. Estou ligada.»

«Preguntei a mim próprio o que significaria esta última frase e nada disse a minha espôsa, para que ela não fôsse influenciada pelas minhas palavras. O certo é que, no dia 5 de Novembro, ás 5 horas da manhã, deu à luz uma menina que trazia uma mancha vermelha junto á nuca, exactamente como a primeira. Compreendi então a explicação da última frase, pois a criança teve à nascença um princípio de asfixia, em virtude do cordão umbilical se lhe haver enrolado ao pescoço.

«¿ Não é isto extraordinário, como comunicação ? ¿ Que dirão a isto os cépticos ?

«A nossa querida filhinha tem quási seis anos e faz-nos lembrar em tudo a primeira, pelas múltiplas reminiscências da sua vida passada, que verificámos, sem que nada dêste mundo tivesse contribuído para tal. Tem as qualidades da irmã desaparecida, a mesma bondade, o mesmo físico, as mesmas tendências para a música e as fotografias comparadas, na mesma idade, mostram inteira semelhança.

Declaro, sob palavra de honra, que tudo é rigorosamente exacto e emana dum homem considerado como pessoa equilibrada».

O sr. Charles Brizzolara declara, em *post scriptum*, que autoriza a publicação desta carta, no interêsse da verdade e destinada àqueles que possam viver ainda horas tão terríveis, como as que êle e sua espôsa viveram.

A publicação está feita e muito folgamos com a circunstância de ser veïculada pelas colunas de *Estudos Psíquicos*

# Notas & Comentários

## Psicose...

*O sr. Dr. Egas Moniz realizou há tempos uma conferência na Ordem dos Advogados, conferência que intitulou de «Psicoses Sociais» e à qual os jornais deram extraordinário relêvo, atendendo, certamente, à natureza do assunto e à notoriedade do conferente, que falou, por largo tempo, acêrca de algumas crendices populares, depois do que passou ao capítulo superstição, para carregar a fundo no Espiritismo, que S. Ex.ª detesta, no uso dum direito que ninguém pensa em lhe contestar.*

*Nós temos justificada admiração pelo Dr. Egas Moniz, verdadeira glória da medicina, psiquiatra, homem de pensamento e de laboratório, a quem se devem importantes descobertas, cremos que nos domínios da arteriografia cerebral. Merece bem os louvores, que ninguém lhe regateia. Em nome, pois, desta admiração por tão distinto sábio, seja-nos lícito preguntar quais e quantos foram os espiritas portugueses e estrangeiros que passaram pelo seu consultório a pedir assistência psiquiátrica.*

*Se o sr. Dr. Egas Moniz afirma que o Espiritismo é psicose, deve ter fortes razões para assim pensar. Sábio de tal envergadura nunca afirma sem argumentos irrespondíveis. Seria interessante, muito interessante mesmo, que o público fôsse elucidado a respeito e que, em vez de meias palavras ou de palavras dúbias, as estatísticas falassem a linguagem eloqüente dos números, que resistem à crítica de quantos sábios há e não há, debaixo da* rosa do sol.

*O Espiritismo Científico não teme as apóstrofes do sr. Dr. Egas Moniz, por mais sábio que êle seja. É fácil chamar* psicópatas *a pessoas, cuja única* psicose *é buscar a verdade por vias e com instrumentos diferentes dos usados por sábios que falam* ex-cathedra, *acêrca de ciências e doutrinas que não estudaram, por as julgarem indignas de comesinha meditação. De resto, quási todos os estudiosos que chegaram a conclusões, muitas vezes opostas a princípios estabelecidos que pareciam desafiar a eternidade dos séculos, foram considerados loucos varridos. Assim sucedeu com Stephenson, Arago e Galvani.*

*Com efeito, não consta que a população dos manicómios aumentasse com a afluência de espiritas, que são indivíduos normais, como quaisquer outros.*

*O Espiritismo, o verdadeiro Espiritismo, com maiúscula, nada tem que ver com certas* capelinhas *que vendem talismãs e abusam da credulidade pública. Assume a responsabilidade das suas práticas e ensinamentos e procura demonstrar, experimentalmente, a sobrevivência da alma humana, por métodos conhecidos de muitos colegas de S. Ex.ª. E se não fôsse blasfêmia convidar tão grande sábio a estudar coisa tão insignificante — ¿ os sábios saberão tudo ?... — faziamos-lhe, humildemente, êste convite. Talvez realizasse nova conferência e batesse no peito e exclamasse como o Prof. Richet, depois de haver escarnecido dos fenómenos espiritas :*

»— Pater, peccavi !...»

*Ou como Lombroso, o grande criminalista italiano:*

«— Depois de ter negado os fenómenos espiritas sem os observar, vi-me forçado a aceitá-los, quando as provas mais claras e manifestas cairam sob os meus olhos». *Ou como Ochorowics, professor da Universidade de Lemberga :* —«Quando penso que li as obras de Crooks, acêrca dos fenómenos mediúnicos, com o sorriso estúpido que iluminava o rosto dos meus colegas, ao simples enunciado destas coisas, coro de vergonha por mim e pelos outros».

*Alexis Carrel, outro colega do Dr. Monis, diz que «o génio é comparável a um tumor que se desenvolve num organismo normal», acrescentando que «a paixão dalguns indivíduos, a chama da sua inteligência, o seu ideal de ciência, de caridade e de beleza, é que fazem progredir a humanidade.» Donde se conclue a dificuldade, mesmo para os grandes sábios da Terra, de provar onde começa a* psicose espirita, *da invenção do sr. Dr. Egas Monis, e onde acaba outra* psicose *bem mais perigosa e que consiste na mania do psitacismo, tendente ao monopólio da Ciência, por certos intelectuais sedentos de mundana glória...*

## Léon Chevreuil

*Mais um pioneiro do Espiritismo que abandona o plano físico, após longa vida de peregrinação e de trabalho. Léon Chevreuil, engenheiro de minas e escritor de largos recursos, foi acérrimo propagandista da nossa doutrina e desempenhou até há pouco tempo o cargo de Presidente da União Espirita Francêsa. Era um dos melhores colaboradores de* La Revue Spirite *e os seus livros impunham-se aos amadores da boa literatura. «On ne meurt pas» obteve o prémio da Academia Francesa e «Le Spiritisme incompris» esgotou-se ràpidamente. O seu autor conhecia os segredos do estilo, aliando qualidades de escritor excelente à sólida cultura que o tornou admirado, mesmo nas fileiras adversas. Foi contemporâneo e amigo de Allan Kardec, de Léon Denis e Gabriel Delanne. Ultimamente, afastou-se da União Espirita Francesa, após a transformação sofrida por esta colectividade, em virtude da demissão de Hubert Forestier do cargo de seu vice-presidente.*

*Os artigos de Léon Chevreuil corriam mundo, traduzidos em várias línguas. Em tôda a parte encontrava leitores fiéis. ¡ Grande alma e grande escritor !...*

*O doce velhinho abandonou o plano terrestre, em demanda da pátria espiritual, onde seria aguardado prazenteiramente, certo de haver cumprido a missão que se impuscra. Tinha 87 anos...*

*Caros leitores : dois minutos de prece votiva pelo grande patriarca do Espiritismo que foi Léon Chevreuil.*

# Reunião de confraternização

por Estêvão Rodrigues

*COMO havia sido anunciado, realizou-se, no dia 14 de Janeiro, pelas 16 horas, no magnífico salão de conferências da Sociedade Teosófica de Portugal, a primeira festa de confraternização promovida pelo Centro Espiritualista Luz e Amor.*

*Num ambiente de confortante solidariedade e perante grande número de confrades, assumiu a Presidência da Mesa o consócio Vendrell i Mercadall, secretariado pelas antigas Directoras do Centro D. Emilia Marques e D. Elisa Lima, a quem a assistência dispensou uma carinhosa recepção.*

*Usando da palavra, o irmão Presidente proferiu o seguinte discurso :*

Meus prezados Confrades

Embora imerecidamente, fui designado para presidir a esta festa de confraternização. Não há dúvida de que sou o menos merecedor de semelhante honra, e a prova disto está no facto de me vêr obrigado a ler estas palavras, com muitas probabilidades de não ser compreendido. Se tal sucede, lendo, imaginai o que não seria, se tivesse de improvisar.

Assim, peço desculpa aos estimados confrades. De resto, como é grande a boa vontade que me anima, quero, em nome de todos os sócios e certo de que interpreto o seu pensamento, felicitar a nossa Direcção pela feliz iniciativa da organização de tão interessantes festas de confraternização espirita.

O nosso Centro E. Luz e Amor não é um Centro novo, visto ter sido fundado em 1923 por valiosos elementos, por espíritos elevados, alguns dêles de saüdosa memória, já desencarnados. Dêle saíram duas obras importantíssimas, as mais grandiosas do movimento espiritualista em Portugal: a fundação da Federação Espirita Portuguesa e a organização do 1.º Congresso Espirita Português, único celebrado em Portugal.

Um Centro que pôde realizar estas obras é porque tinha enorme vitalidade e guias muito elevados. A-pesar-de tudo, paralisou os seus benéficos trabalhos, em holocausto à sua mais bela criação: a Federação Espirita Portuguesa. Era, porém, tão grande a sua vitalidade, que bastou uma simples chamada, feita 15 anos depois, para conseguir cêrca de 400 sócios em poucos meses e todos dispostos para a luta, não luta guerreira, luta provocadora, mas luta contra o materialismo, contra a superstição, contra a ignorância, luta, emfim, espalhando Luz e Amor.

E dêste modo é que, sendo sócios dum velho Centro, sômos quási todos novos sócios e desconhecidos, em grande parte, uns dos outros. Por isso, estas festas de confraternização devem merecer o nosso maior elogio e apôio. Necessitamos de conviver, de nos conhecermos mutuamente, criando laços de amizade e simpatia que unam tôda a família que faz parte do nosso Centro, pois essa amizade produz laços de união, de confôrto e de mútua coragem para intensificar a propaganda da Ciência, da Moral e da Filosofia Espirita. Porque cada um de nós deve ser um propagandista do Ideal.

É inútil dizer aqui os graves motivos que obrigam os espiritualistas a intensificar ao máximo a propaganda. Será suficiente lembrar que, hoje mais que nunca, o mundo está a ser avassalado por vagas de imperialismo e materialismo, em que a fôrça impõe a ambição duns tantos ao bem-estar da maioria humana, estrangulando qualquer movimento espiritual e científico. Perante esta grave crise moral, devemos intensificar a propaganda.

¿Qual o procedimento a adoptar? Todos serão bons desde que se adaptem ao meio e às circunstâncias: Nas nossas conversas familiares, entre os nossos amigos e as pessoas das nossas relações.

Tôda a semente espalhada dará os seus frutos. Quem puder e souber, poderá fazê-lo em correspondência, em palestras, em artigos de jornal, nas nossas revistas e nas profanas, que é onde maior colheita poderemos fazer.

Eu posso dizer de mim que sempre, seja onde fôr e com quem fôr, em tôdas as ocasiões, emfim, faço profissão de minhas crenças espiritas. E por amor à verdade devo dizer que raros, muito raros contraditores tenho encontrado, pois verifiquei que o Espiritismo está latente em tôdas as camadas sociais. Infelizmente, é olhado com indiferença; e é interessante ver que a Humanidade, tão curiosa em saber o que faz o visinho do lado e o que faz o seu semelhante da China ou do Polo Norte, não quere saber como e por que vive êle e como continuará a viver depois da morte física. Devemos, pois, interessá-los neste problema.

Sem dúvida que encontraremos sempre a incredulidade do profano, como sucedeu com uns primos meus que, nada sabendo de Espiritismo, assistiram pela primeira vez a uma sessão, realizada em minha casa. E depois de se ter manifestado um irmão dêle que todos ignoravam desencarnado, andaram à procura dos fios com que tínhamos feito mover a mêsa...

Mas êstes incrédulos que de tudo desconfiam são mais tarde os adeptos mais entusiastas e convictos.

O maior inimigo da nossa Ciência não é apenas a ignorância; é o mêdo ao desconhecido.

Em geral, o problema da vida e da morte é demasiado sério e não se está habituado a tão complexas meditações. Não conhecendo o Bem e o confôrto que proporciona a comunicação dos espíritos desencarnados, teme-se ou treme-se, ao pensar na circunstância de que aqueles que consideram mortos e bem mortos possam ser vistos e ouvidos, demonstrar o que pensam e manifestar-se objectivamente. Demais, a base das suas práticas religiosas é o temor ao castigo depois da morte, desconhecendo, assim, a lei do progresso moral, evolucionando sempre pela irradiação do Amor e do Perdão.

Devemos, pois, fazer a nossa propaganda, dando a conhecer a sobrevivência da alma o que ensinam

as religiões, e isto não chocará com o rotineirismo a que estão familiarizados. Uma vez certos da verdade das comunicações dos espíritos, o resto virá pela sua própria dedução.

Para isto, devemos encaminhar os nossos esforços no sentido de que se associem em centros espiritas, realizando assim o primeiro lema do nosso Centro, ou seja: **Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo.**

Outra missão temos a cumprir, missão que devemos ver traduzida em factos pelo nosso Centro, dando, portanto, realização ao segundo dos seus lemas: **Pela União Fraternal da Família Espirita.**

Meus prezados Confrades

A desunião dos adeptos é a mais completa negação do Espiritismo, porque o verdadeiro espirita nunca poderá ter ódio ou rancor a qualquer irmão.

A moral espirita é formada pelos ensinamentos do Cristo de Deus e pelas comunicações dos espíritos elevados — Paz e Amor, Perdão e Caridade! Nestas palavras não cabem rivalidades, nem ressentimentos.

O espiritista deve tê-las sempre nos lábios e no coração, não as esquecendo nunca, porque, no dia em que as esqueça, deixará de ser Espirita, deixará de ser Cristão!

*A seguir, o Secretário Geral do Centro deu conta de todos os trabalhos até agora realizados, salientando quanto é próspera e prometedora a vida do* Luz e Amor. *Incitou os presentes ao estudo e prática da Doutrina espirita, afirmando que só pela comunhão dos pensamentos orientados no sentido do Bem, do Belo e do Verdadeiro e pela união da família espirita, se pode conseguir obra útil e perdurável. Disse que o Centro Espiritualista Luz e Amor, que vem cumprindo, afincadamente e sem desfalecimentos, o programa que se propôs, está em via de ser um dos maiores propulsores do Espiritismo em Portugal, pois em menos de seis mêses viu elevar-se o número dos seus filiados a perto de quatro centenas, facto, só por si, bastante elucidativo.*

*Ponto é que todos desejem êsse progresso, e o orador declara estar convencido de que todos o desejam.*

*Iniciou-se, então, o programa da festa, com um hino, cantado em côro pelos componentes do* Grupo Familiar N.º 1, *hino que muito agradou não só pela toada suave, apropriada ao fim a que se destina — abertura das sessões experimentais — como pelo cuidado com que estava ensaiado.*

*Seguiu-se a poesia «Ser Espirita», da autoria dum poeta cego, recitada com elevado sentimento pelo consócio Sr. Manuel Tavares.*

*A distinta pianista, Sr.ª D. Maria Luiza Cunha e Silva, executou, depois, a «Serenata», de Schubert, tendo sido longamente aplaudida, e a Sr.ª D. Maria Odette Sacavém Horta disse a poesia «O Ateu», de Isidoro Duarte Santos, revelando muito apreciáveis dotes de declamadora.*

*A conhecida professora D. Idalina Leite Pinto cantou, primorosamente, a seguir, a ária «Voi che sapete», de Mozart, e a canção «Felicidade», do compositor brasileiro Barroso Neto, acompanhada ao piano pelo Sr. Dr. António Penco de Almeida, ouvindo longos e merecidos aplausos.*

*O Sr. Manuel Tavares leu um conto espirita da autoria do confrade brasileiro sr. Leopoldo Machado e, para fechar a primeira parte do programa, a mesma pianista executou, impecavelmente, o «Momento Musical», de Schubert, e durante o intervalo quiz ter a gentileza de tocar ainda uma composição de Rui Coelho.*

* * *

*A segunda parte iniciou-se com outro hino, cantado pelos componentes do* Grupo Familiar N.º 1, *depois do que o confrade Isidoro Duarte Santos proferiu uma pequena palestra subordinada ao título «Um notável fenómeno de clarividência», que interessou vivamente todos os presentes.*

*Depois de mais algumas poesias ditas pela Sr.ª D. Maria Odette Sacavém Horta, a professora D. Idalina Leite Pinto cantou «Nina», de Pergolese, «Canção dos Abraços», de Herminio do Nascimento e, a pedido, a «Canção dos Beijos», do mesmo autor, ouvindo fartos aplausos.*

*O Dr. Pedro Dias de Sousa recitou a poesia «Quimera» da autoria de Isidoro Duarte Santos e a pianista D. Maria Luiza Cunha e Silva tocou, com geral agrado, a «Melodia Húngara», de List.*

*O consócio Sr. Manuel Tavares voltou a recitar algumas poesias e a explêndida festa terminou com a «Ave Maria», de Gounod, tocada pela mesma pianista.*

*Depois do Secretário Geral, em nome da Direcção do Centro, ter agradecido a dedicada colaboração de todos os elementos que haviam tomado parte na festa, de manifestar a sua satisfação pela comparência de tão elevado número de confrades e de ter anunciado que a próxima reünião de confraternização se realizará no dia 31 de Março, com uma sessão de homenagem a Allan Kardec, o Sr. Presidente deu por finda a reünião, fazendo votos para que estas festas sejam cada vez melhor compreendidas no seu alto significado e finalidade por todos os espiritas portugueses.*

*Seja permitido a quem escreve estas linhas congratular-se com tão simpática iniciativa como é esta das reüniões de confraternização e apresentar, em nome de todos os assistentes, sinceros agradecimentos à Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, pedindo-lhe que continue firme e serena no caminho que traçou,* para o progresso e prestigio do Espiritismo e união fraternal da família espirita portuguesa.

## BIBLIOGRAFIA

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número nos poderemos referir aos livros recebidos, da autoria de Márius e do Dr. Lucien-Graux e cuja análise já está composta.

**ATENÇÃO**

**Rogamos a tôdas as pessoas a quem temos enviado «Estudos Psíquicos» e não queiram ser assinantes o favor de devolver os números em seu poder.**

# NOTICIÁRIO

## Jornais e revistas

Continuamos a receber a visita de jornais e revistas estrangeiras, com os quais mantemos permuta, Hoje, anotamos os seguintes:

*O Revelador*, órgão da União Federativa Paulista; *Constância*, órgão da Sociedade Constância, de Buenos Aires; *Revista Espirita do Brasil*, órgão da Liga Espirita do Brasil; *Annales du Spiritisme Christique*, *A Rosacruz*, órgão da Fraternidade Rosacruz em Portugal e *Licht en Waarheid*, órgão da União Espirita *Lux Mundi*, filiada na Federação Espirita Holandesa «Harmonia».

Também recebemos o semanário londrino *Psychic News*, dirigido por Maurice Barbanell.

A todos agradecemos a amável visita, fazendo votos pelas suas prospriedades.

## Transcrições e referências

*Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, transcreveu o artigo «Livre-Arbítrio e Determinismo», do nosso companheiro José Gaita, publicado no 1.º número de *Estudos Psíquicos*.

Também a *Revue Spirite* se referiu ao artigo «Alguns aspectos da Evolução (Do Transformismo)», do Dr. António J. Freire, publicado no mesmo número e aludiu à «criação, em Lisboa, dum grande Centro espirita: «Luz e Amor», com a Velha-Guarda do Espiritismo lusitano» e à notícia do 2.º Congresso Espirita Português, extraída de *Estudos Psíquicos*.

A ambos, os nossos agradecimentos.

## A nossa obra

Do comunicado feito pelo Secretário Geral do Centro Espiritualista Luz e Amor, em 14 de Janeiro passado, por ocasião da primeira festa de confraternização, extraímos a parte referente aos trabalhos já realizados pelo mesmo Centro em cêrca de seis meses de actividade:

1.º — Reüniu em volta da sua bandeira quási todos os espiritas da Velha-Guarda e o número dos seus associados caminha já para a quarta centena.

2.º — Publicou dois números da revista *Estudos Psíquicos*, recebidos pela imprensa espirita nacional e estrangeira com inequívocas provas de aprêço.

3.º — Lançou a idea do 2.º Congresso Espirita Português e conta, para a sua efectivação, com o apôio de valiosos elementos marcantes no movimento espirita no nosso país.

4.º — Desde a inauguração dos seus trabalhos, em Novembro de 1939, promoveu a realização de três conferências. sôbre pontos fundamentais da Doutrina, e outras três estão anunciadas até o fim do próximo mês de Fevereiro.

5.º — Meteu ombros à criação e desenvolvimento dos Grupos Espiritas Familiares, de cuja acção muito há a esperar em benefício do Espiritismo.

6 — Encara já, de forma definitiva, o problema da instalação em sede que corresponda ao desenvolvimento do Centro e possa comportar a sua crescente actividade.

7.º — Já distribuiu, gratuitamente, pelos seus associados, o primeiro folheto de propaganda *(Reencarnação ou Palingenésia)*, dentro em pouco distribuïrá o segundo *(Ensinamentos Evangélicos em Espírito e Verdade)* e tem pronto a entrar no prelo o terceiro *(Os Fenómenos do Espiritismo)* faltando-lhe apenas a verba necessária à sua composição e impressão.

8.º — Realiza hoje (14 de Janeiro) a sua primeira festa de confraternização e anuncia a segunda para o dia 31 de Março, com uma sessão de homenagem a Allan Kardec.

9.º — Em princípios de Junho realizará a terceira reünião de confraternização, com um passeio aos arredores de Lisboa.

10.º — Já fêz as primeiras diligências no sentido de serem representadas pequenas peças espiritas por alguns sócios do Centro.

Julgamos que não se poderá produzir muito mais, em tão curto espaço de tempo...

## Os que nos deixam

No dia 27 de Janeiro p. p. desencarnou em Beja o nosso estimado consócio Caetano Martins Bravo, natural daquela cidade. Era empregado na Estação de serviço Guttierrez, onde gozava da estima geral, devido às suas qualidades de carácter.

À família dêste malogrado confrade apresentamos os nossos protestos de solidariedade.

— Também nos chegou a notícia de haver desencarnado no Brasil o sr. Marco Arguelles, primeiro delegado da Federação Espirita Portuguesa no Pará. Dedicadíssimo elemento, cujo desinterêsse se revelou em tôdas as emergências, êle próprio preenchia as cotas dos inúmeros sócios que trazia para a Federação. Era sôgro do nosso sócio-correspondente no Rio de Janeiro, sr. António José Alves, a quem enviamos os mais vivos sentimentos pela partida de tão esforçado pioneiro.

## Caixa de Propaganda

| | |
|---|---|
| Transporte... ... ... ... | 45$00 |
| Donotivo enviado pelo Natal à Federação Espirita Portuguesa e recusado por esta Agremiação... ... | 20$00 |
| E. M. ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 2$00 |
| M. C. ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 4$00 |
| Um assinante de *Estudos Psíquicos* | 5$00 |
| Um casal feliz ... ... ... ... ... ... | 5$00 |
| Capitão Estêvão Rodrigues ... ... | 10$00 |
| Total ... ... ... ... ... | 91$00 |

## Auxílio a «Estudos Psíquicos»

| | |
|---|---|
| Transporte ... ... ... ... | 1.150$00 |
| De M. J. G. do Rio de Janeiro... ... | 1.000$00 |
| De F. M. G. da mesma cidade... ... | 200$00 |
| De Pedro Gonçalves Dias de Sousa | 5$00 |
| Capitão Estêvão Rodrigues ... ... | 10$00 |
| Total ... ... ... ... ... | 2.365$00 |

Aos generosos beneméritos, os nossos mais vivos agradecimentos.

## Subscrição pró-Séde

| | |
|---|---|
| Fernando da Cruz Ferreira ... ... | 1.000$00 |
| D. Maria Preciosa Trigo ... ... ... | 50$00 |
| José Pereira Serra ... ... ... ... ... | 100$00 |
| António Castanheira de Moura ... | 100$00 |
| Total ... ... ... ... ... | 1.250$00 |

## Sessões cinematográficas

Em Maio, daremos início a pequenas sessões cinematográficas, destinadas exclusivamente, aos sócios e suas famílias. No próximo número indicaremos os dias e as horas em que essas sessões se realizam.

## Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obrigou-nos a retirar cêrca de cinco páginas de original já composto e que serão publicadas a seu tempo.

## Colaboração

No próximo número inseriremos um trabalho original do insigne escritor Doutor Lucien-Graux, que nos chegou às mãos já depois de organizado a presente edição de *Estudos Psíquicos*. Êsse trabalho, que é da mais flagrante actualidade, intitula-se: «Pela Vitória do Espírito».

## As nossas Conferências

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número nos poderemos referir às conferências realizadas pelos srs. Dr. Adriano Vieira Coelho e Fernando da Cruz Ferreira, na sede da Sociedade Teosófica. A estes amigos, pedimos desculpa desta falta involuntária.

## Reünião de Confraternização

A 3.ª Reünião de Confraternização promovida pelo Centro Espiritualista Luz e Amor, será levada a efeito no dia 2 do próximo mês de Junho, com um passeio à Quinta do Medlicot, em Cabo Ruivo, obsequiosamente cedida pelos seus proprietários. Durante a permanência na quinta e antes do almôço, além doutras distracções, serão feitas duas palestras, uma espiritualista e outra naturista. A inscrição é de dois escudos e cincoenta centavos por pessoa, e os pedidos podem, desde já, ser feitos ao Secretário Geral do Centro, Dr. Pedro Dias de Sousa, acompanhados da respectiva importância em sêlos do correio. Oportunamente, será enviada a todos os sócios uma circular com os pormenores da excursão, horário dos combóios, programa a executar, etc.

## Diplomas de Sócios — Cartões de Identidade — Estatutos

Comunicamos aos nossos consócios que iniciaremos, em breve, a distribuïção de diplomas de sócio do Centro Luz e Amor, cujo custo é de 2$00. Também o bilhete de identidade será fornecido ao preço de 1$00, devendo os sócios estar prevenidos com duas fotografias próprias para êsse fim. Os estatutos vão ser editados brevemente e o seu custo é de 2$00. Para não sobrecarregar demasiadamente os sócios, estas despesas serão pagas em três prestações mensais, com início em Maiço próximo.

## Donativo artístico

Da nossa dedicada irmã D. Cecília de Figueiredo, recebemos um elegante saco de trabalho, em setim de sêda bordado, a-fim-de ser vendido pela maior oferta. O produto reverterá, em partes iguais, para a *Caixa de Propaganda* e Fundo de Auxílio a *Estudos Psíquicos*.

## Programa dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor, a realizar em Março e Abril

*Dia 17 de Março.* — Conferência pelo Dr. José Joaquim Gaita, intitulada: *A palavra sem obras não frutifica...*

*Dia 31 de Março.* — Sessão de homenagem a Allan Kardec, com o concurso de vários oradores.

*Dia 7 de Abril.* — Conferência pelo Dr. Sebastião Elviro Martins, intitulada: *O problema da Morte.*

*Dia 21 de Abril.* — Conferência por Fernando da Cruz Ferreira intitulada: *O Espiritismo através das Escrituras Sagradas.*

---

Atendendo ao pedido de vários consócios que desejam aproveitar os domingos para visitar as famílias, os trabalhos passam a iniciar-se às 21 horas.

---

A reencarnação é uma idea cristã destinada à nossa época, uma idea que Deus mantém sob o veu dos mistérios evangélicos e que, pouco a pouco, se vai revelando ao homem, ás almas que dela necessitam.

*Senador Tancredo Canónico*

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

Secretário: José Joaquim Gaita | Director e Proprietário: Isidoro Duarte Santos | Editor: Pedro C. Dias de Sousa

ANO 1.º — LISBOA, MARÇO-ABRIL DE 1940 — N.º 4

# O ESPIRITISMO A TRATOS...

pelo Coronel Faure da Rosa

## I

De vez em quando, a imprensa político-religiosa, — representada por *A Voz da Verdade*, *A Voz*, de Lisboa, e *Novidades* — contende com o Espiritismo e acusa os seus adeptos de pertencerem a sectarismos execrados.

*Novidades* de 30 de Janeiro último, em artigo de fundo lá arranja maneira de encaixar o Espiritismo nos agrupamentos maçons-comunistas; é verdade que lhe dá por companhia *A Seara Nova*, *O Diabo* e — o que é muito curioso — põe-lhe *a latere* as ricaças actividades glutónicas do «clubismo social-gastronómico dos rotários».

*Novidades* não ataca pontos da doutrina espírita, nem a sua fenomenologia; não discute ideas nem factos: agride apenas, com aquela conhecida intolerância, apanágio do fanatismo.

Já o mesmo não acontece ao anti-religioso *Diabo* que, no seu número de 3 de Fevereiro, na «Correspondência dos leitores», a páginas 6, deturpa pontos doutrinários do Espiritismo e faz afirmações menos exactas na resposta que dá ao consulente J. P. A. F., *Luz de Tavira*.

> «...o hipnotismo pela sua aparência misteriosa, excitava a imaginação, procurando dar as mais disparatadas explicações com as mais disparatadas e obscurantistas conseqüências: presença do demónio, espiritismo, ocultismo, etc. Pode dizer-se que o hipnotismo entrou na fase de investigação verdadeiramente científica, no momento em que se abandonam as doutrinas fluídicas (doutrinas que para explicar o hipnotismo admitiam a presença de um fluido) e se procurou a explicação do fenómeno na psicologia ou na fisiologia, relacionando-o com a sugestão ou com alterações fisiológicas».

Ora o hipnotismo, antes de a ciência o admitir, chamou-se magnetismo animal ou mesmerismo: com êste nome foi repudiado, escarnecido, vilipendiado, e os seus partidários eram tidos e apontados como charlatães.

«Cem anos foram precisos para fazer aceitar os factos do magnetismo animal, se bem que tais factos sejam muito mais fáceis de obter e de estudar que os do mediunismo... A ciência teve que acolhê-lo e acabou por adoptar êsse filho bem legítimo, baptizando-o com o nome de *hipnotismo*» (1).

As doutrinas fluídicas explicativas do sono hipnó-

(1) *A. Aksakof — Animisme et Spiritisme*, pág. XXVI.

tico não foram abandonadas. A controvérsia ainda durava em 1937.

O Secretário Geral da Sociedade de Estudos Psíquicos, de Bordéus — George Clauzure (1) — aludia aos trabalhos do Dr. Max que se especializara no registo das corrente eléctricas emitidas pelo cérebro do homem adormecido, quando sonha.

«Parece que o «fluido dos magnetizadores» — escreve Clauzure — pode produzir, às vezes, uma carga ou descarga electrónica e provocar a ionização do ar na vizinhança de um condensador. Que êste «fluido» possa ser estudado nesta ou naquela parte da física conhecida ou desconhecida; que êste «fluido» seja de natureza eléctrica, magnética ou qualquer outra, pouco importa nesta discussão».

O que interessa, sobretudo, é registar o fenómeno. E o certo é que as coisas se passam como se o «fluido» existisse: deslocação de objectos sem contacto, mumificações, esterilizações, curas físicas e psíquicas...

O Dr. H. Baraduc conseguiu fotografar os fluidos que envolvem o corpo humano (2).

Charles Richet, ainda que não concorde com as ideas de Reichenbach sôbre o *od* (do sânscrito significando «que penetra tudo» — fluido magnético do homem), as de Baraduc sôbre os eflúvios, as de Chazarain sôbre a polaridade humana, entende que seria imprudente repelir *a priori* a hipótese dum fluido magnético (3).

As modificações fisiológicas produzidas nos organismos vivos, animais e vegetais, por meio de passes do magnetizador ou pela aposição das mãos, tem um valor probatório importante e «não hesitamos em dizer que tais modificações criam uma presunção a favor da existência dum fluido animal a que alguns pretendem chamar raio V» (4).

Numerosas experiências têm sido feitas, desde 1927. O Dr. Bertholet obteve a fotografia das mãos da magnetizadora Issaeff (5). Nessa fotografia vêem-se não só vagas auréolas envolvendo a imagem das extremidades digitais, mas ainda um sistema completo figurado de *linhas de fôrça* emanadas de um ou de muitos centros e irradiando dos dedos como que uma cabeceira luminosa. E, a-pesar-de tôdas as críticas, o valor documental dos clichés não pode ser negado — acrescenta o Dr. Bélard.

Até os padres católicos, nada atreitos a coisas espiritas — como é sabido — admitem a existência dum fluido: «Por ocasião da recente conferência (1937) feita em Milão, pelo Reverendo Padre Rafael Berri, o conferencista afirmou a existência duma energia fluídica capaz de originar «estranhas manifestações» e de explicar, «segundo as leis naturais», todos os fenómenos hipnóticos e a maior parte dos fenómenos das sessões espiritas» (6).

A «energia fluídica» a que se refere o Padre Berri, capaz de originar e explicar fenómenos espiritas, é o fluido espiritual ou psíquico, cuja objectivação se faz através do corpo etéreo ou astral (*perispírito* dos espiritistas, *linga-sharira* dos teósofos, *sarcosoma* de Lancelin).

Ponde de parte as experiências do Coronel de Rochas e de outros experimentadores, já antigas, outras experiências mais recentes, organizadas no laboratório do «Instituto de Investigações Psíquicas», de Nevada (Estados Unidos da América do Norte), provam a existência do corpo etéreo. Tais experiências, devidas ao Dr. Watter, foram sugeridas pela teoria «intra-atómica» da professora Sr.ª Gaskell, segundo a qual os átomos físicos constituítivos do organismo de qualquer criatura viva são interpenetrados por um «elemento vital», uma «certa vida», aos quais se deve a organização dos sêres vivos. Esta nova unidade ou essência, não possuindo as propriedades físicas do átomo, não entraria nas combinações atómicas, e, por conseqüência, não poderia formar combinações químicas, mas manter-se-ia intra e infra-atómica, e, á hora da morte, desprender-se-ia do sistema atómico que tinha organizado e vitalizado (7).

A professora Sr.ª Gaskell, no seu livro *¿What is Life?*, convidava os seus colegas de física e química a fazerem experiências de modo que, por ocasião da morte, pudessem aplicar métodos capazes de medir, registar e assinalar a «quantidade de vida» que, teòricamente, poderá escapar-se dum organismo vivo (isto é, dum sistema atómico) durante a crise da morte. O Dr. Water organizou as suas experiências pessoais, partindo do princípio de que se um «elemento vital» existe realmente, deve ser possível obter provas fotográficas da sua presença por meio de disposições especiais, em um laboratório, para a experimentação. Graças aos aparelhos criados, os experimentadores conseguiram obter fotografias de formas fantasmáticas, bem definidas, determinadas por *qualquer coisa* que se separa do corpo no momento da morte. Pois essas formas reproduziram exactamente o

---

(1) *Revue Spirite* de Março de 1937 — *A propos du «Fluide Magnétique»*.

(2) *Hippolite Baraduc — La Force curatrice à Lourdes et la Psycologie du Miracle.*

(3) *Charles Richet — Traité de Metapsychique*, pág. 120.

(4) *Dr. Octave Bélard — Magnetisme et Spiritisme*, pág. 34.

(5) *Dr. Octave Bélard — Magnetisme et Spiritisme*, pág. 33 e 38.

(6) *Ali del Pensiero*, pág. 119.

(7) *Ernesto Bozzano — Les Phénomènes de Bilocation*, pág. 167.

corpo físico do qual emanaram. As experiências foram feitas em pequenos animais, como grilos, ratos, rãs.

O Dr. Watter conseguiu, assim, demonstrar que, durante a crise da morte, um «corpo espiritual» se desprende do corpo físico, inferindo, lògicamente, que aquilo que se dá com animais inferiores, deve dar-se, também, com as formas superiores da vida, inclusivé a espécie humana — o que parece incontestável, declara Bozzano.

Dos doze livros que *O Diabo* indica para instrução materialista do seu consulente, há um que merece especial relêvo pela originalidade de que dá conta: «L'Hjpnotisme et la Suggestion», do Dr. Grasset. Possúo a 13.ª edição de 1909.

Para o Dr. Grasset, o homem psíquico total é um polígono e o centro psíquico superior, ou a consciência normal, está no centro O do dito polígono (1). Em duas das faces simétricas do polígono — que é um quadrilátero — estabelece seis centros, três para cada lado: auditivo, visual, táctil, «cinético» (movimentos gerais), verbal e gráfico. Encontram-se ainda no mesmo polígono: as vias centrípetas da audição, da visão e da sensibilidade; as vias centrífugas da escrita, da palavra, dos movimentos... e onze vias intra-poligonais.

Se nós dissermos que a fôrça psíquica é um fluido, é poesia; mas compará-la a um polígono com diagonais e projecções... é sabedoria! ¡Grande coisa é ser sábio!

Grasset, como Le Dantec, deixou-se seduzir pela matemática; como se as demonstrações matemáticas não se baseassem em puras abstracções, não dependessem de postulados criados pelo Homem!

A história do hipnotismo é muito singular, — escreve Charles Richet (2). «Durante muito tempo — de 1790 a 1875 — o sonambulismo e o magnetismo animal passavam por ciências ocultas e quási que era interdito aos sábios não só acreditarem em tais coisas, mas também ocuparem-se delas. Era um domínio maldito, uma terra infame».

Em 1875, Richet, ainda estudante, demonstrou que o hipnotismo não era um acto de ilusionismo, mas um facto tão natural e experimentalmente tão demonstrável, como o tétano provocado pela estricnina e o sono pelo ópio.

Actualmente o terreno maldito é o dos fantasmas; dizer que se acredita na existência dêles... isso faz rir certos sábios e a grande maioria dos... ignorantes.

A escola da Salpètrière, com Charcot à frente, afirmava que a hipnose é um estado mórbido que só pode ser provocado nos histéricos (3).

Se assim fôsse — comenta M. Sage — haveria, pelo menos, uma população de 90 % de histéricos entre os humanos: em 10.000 indivíduos, Bernheim hipnotizou 90 %; Wetterstand apenas teve 105 casos negativos em 6.500 indivíduos; Schrentk-Notzing em 8.705 casos tratados por quinze observadores, apresenta 6 %, sòmente, de mau êxito.

A escola da Salpètrière também afirmava que as crianças e os velhos não eram sensíveis ao hipnotismo. Demonstrou-se: que tôdas as crianças, entre os 3 e 15 anos, podem ser influenciadas; que nos adolescentes, e nos velhos a partir dos 63 anos, o insucesso fôra, apenas, de 10 e 13 %, respectivamente.

Veio depois a escola de Nancy que atribuía todos os casos hipnóticos á sugestão, sem excepção: «todos os fenómenos do hipnotismo, sem excepção, podem aplicar-se pela sugestão, unicamente», — dizia a escola de Nancy num dos seus corolários.

Mas, sabido como é, depois das célebres experiências do Havre — em que tomaram parte Frederic Myers, A. T. Myers, Ochorowicz, Pierre Janet, Gibert, Paul Janet e Jules Janet (4) — que os magnetizadores podem fazer dormir certos «sujets» a qualquer distância que estejam, sem que êles o saibam, ¿como explicar, neste caso, a hipnose pela sugestão?

¿Onde está a sugestão quando o adormecimento de animais é provocado por passes ou, simplesmente, pelo olhar do magnetizador?

¿Onde está a segestão quando o magnetizador adormece crianças de tenra idade?

E não só animais e crianças adormecem sob o fluido emanado do magnetizador, como até são curados de doenças, por meio de passes, precisamente como acontece com os homens.

Axel Munthe, médico distinto, conta como com a simples aposição das mãos conseguiu sossegar a leôa Leónia, da *Menagerie Pezon*, e, a seguir, lhe abriu um abcesso em uma das garras, donde extraiu uma lasquita de madeira. ¿Onde está a sugestão?

«O facto apenas pode explicar-se como um caso de anestesia local sob a influência duma ligeira hipnose» — escreve Axel Munthe (5). Era uma especialidade de Munthe, por êle mesmo reconhecida, pôr em estado de letargo serpentes, lagartos, tartarugas, papa-

---

(1) *Dr. Grasset — L'Hypnotisme et la Suggestion*, pág. 1 e 8.
(2) *Charles Richet — Traité de Metapsychique*, pág. 117.
(3) *Michel Sage — Le Sommeil naturel et l'hypnose*, pág. 66.
(4) *Bulletin de la Société de psychologie e physiologie*, tomo I, pág. 24.
(5) *Axel Munthe — O Livro de San Michel*, pág. 225.

gaios, corujas, ursos e grandes felinos. Também aqui não cabe a sugestão da escola de Nancy.

«...Mais surpreendente é ainda o efeito benefício do dêste método (a anestesia hinpótica) na mais dolorosa de tôdas as operações, que, regra geral, deve suportar-se sem anestesia: a morte.

«O que me foi dado fazer a muitos dos nossos soldados moribundos durante a última guerra, é suficiente para dar graças a Deus por me haver pôsto nas mãos tão poderosa arma. No outono de 1915 passei dois dias e duas noites inolvidáveis entre uns duzentos soldados moribundos, cobertos com capotes ensangüentados, agrupados no pavimento da igreja duma aldeia de França. Não havia nem morfina, nem clorofórmio, nem anestésico de nenhuma classe para aliviar os seus tormentos e abreviar a sua agonia. Muitos morriam sob o meu olhar, insensíveis e alheios, às vezes, com o sorriso nos lábios, a minha mão na sua fronte e nos ouvidos o som das minhas palavras de esperança e de consôlo... A pouco e pouco, dos seus olhos semi-cerrados ia desaparecendo o terror da morte.

«¿Que misteriosa fôrça era aquela que quási parecia emanar da minha mão? ¿Donde vinha? ¿Procedia da corrente de consciência que circulava em mim, sob a minha vida exterior, ou consistia, no fundo, no fluido magnético dos antigos mesmerianos? Naturalmente a ciência moderna prescindiu dos fluidos magnéticos, substituindo-os por uma dezena de novas teorias mais ou menos ingénuas. Conheço-as tôdas; e, até hoje, não me satisfez nenhuma... A palavra «sugestão» tal como foi usada pelos seus principais promotores, isto é, pela escola de Nancy, só no nome se diferencia daquela *fôrça odílica* de Mesmer, posta actualmente em ridículo» (1).

## II

«Assim como é radicalmente impossível, contra o que pretendem os espiritas e outros amantes do misterioso, que um indivíduo possa, pela sugestão hipnótica, falar línguas que não conhece ou que nunca ouviu...

O hipnotismo é o campo social para os milagreiros e espiritas a todo o transe, que vêem nêsse fenómeno mais do que um facto, um corpo de doutrina religiosa... Assim, não é exacto: que haja sugestão por telepatia, que um hipnotizado veja através de corpos opacos...»

*De «O Diabo» de 3-II-1940, pág. 6*

O articulista que responde ao consulente de *O Diabo*, ali designado, confunde, lamentàvelmente, fenómenos da mediunidade poliglota (xenoglóssia) com fenómenos de ordem sonambúlico-hipnótica (glossolália). Os primeiros — de xenoglóssia — são produzidos *por médiuns que falam ou escrevem em línguas que êles ignoram totalmente e, às vezes, são ignoradas de todos os presentes; os outros—de glossolália, que nada têm de comum com os primeiros—são aqueles em que os pacientes sonambúlicos falam ou escrevem em pseudo-línguas inexistentes, elaboradas nos recessos de suas subconsciências* (2).

De resto, a confusão já vinha de trás; porque o articulista não distingue o sono hipnótico do sono mediúnico. O sono hipnótico pode ser, simultâneamente, mediúnico, mas o sono mediúnico pode não ser hipnótico, como acontece na maioria dos casos.

Bozzano, no seu citado livro, narra trinta e cinco casos averiguados de xenoglóssia; o mais recente, porém, e, talvez, o mais perturbante, é o de Rosemary: uma jovem inglêsa de cêrca de 30 anos, que, periòdicamente, cai em transe, durante o qual fala em língua egípcia, tal qual se falava e pronunciava — afirmam os egiptólogos — na XVIII dinastia, isto é, há 3.300 anos.

Não é exacto que o Espiritismo seja «um corpo de doutrina religiosa»: já Allan Kardec dizia que o Espiritismo ou seria científico ou não teria razão de ser. O Espiritismo moderno, ou néo-espiritualismo, é todo experimental: provoca factos, controla-os, estuda-os, disseca-os e, só depois de averiguados, tira conclusões.

O Espiritismo nunca afirmou que há sugestão por telepatia: o que afirma é que um magnetizador pode fazer adormecer certos sensitivos, a distância, como atrás expus. Não há pois sugestão por telepatia, como não há telepatia por sugestão.

O médium, em transe, hipnotizado ou não, se tiver a faculdade de vidência, pode vêr através de corpos opacos — Pascal Forthuny, por exemplo — como pode vêr o que se passa a distância, quer de acção passada ou presente, quer futura.

Os sábios materialistas adquiriram o hábito de olhar para tudo pelo lado exterior, jactando-se de só terem confiança na experiência, cujos elementos lhes são fornecidos pelos sentidos físicos. Mas, além dêstes sentidos físicos, existe um senso íntimo, um olhar interior que nos dá algumas noções de nós mesmos, do nosso «eu».

¿Por que razão os sábios materialistas têm tanta confiança nos sentidos físicos e nenhuma no senso íntimo?

---

(1) *Axel Munthe — Obra citada*, pág. 224.
(2) *Ernesto Bozzano — Xenoglóssia*, pág. 5.

O materialismo considera a matéria como única realidade. Mas, ¿que é a matéria?

Até hoje, ninguém o disse e julga-se impossível sabê-lo.

Noções, concepções... tudo se modifica, se transforma. As verdades de ontem são hoje desprezadas.

O Dr. Eugène Osty, ao tratar do movimento do pensamento moderno, da grande modificação das concepções da vida no mundo científico, escreveu (1):

> O materialismo monista de Haeckel e o mamaterialismo mecanicista à Le Dantec, cada vez perdeu mais partidários... Ainda há pouco tempo o sábio que sustentasse que a Natureza tinha finalidades e que, conscientemente, empregava os melhores meios para as atingir, ter-se-ia desprestigiado. Hoje sucedem-se as publicações que testemunham uma marcha inquieta para o *finalismo*, de mais em mais afirmada, isto é, para a noção de inteligência e de vontade por trás das grandes manifestações da vida... Eis que um biologista de alto valor, L. Cuénot, professor da Universidade de Nancy, a propósito do fenómeno da *adaptação*, acaba de pôr o problema espiritualista e mecanicista da vida em plena biologia... Eis que um dos mais reputados biologistas modernos, G. Fano, professor da Universidade de Roma, não receia fazer profissão de fé finalista a propósito das funções do coração e do cérebro... Eis que um histologista — René Collin — professor da Faculdade de Medicina de Nancy, mostra que a Natureza emprega o que é mais apto para a consecução do fim, a conservação dos organismos e das espécies, e consegue-o. «A fobia do finalismo — diz êle — é muitas vezes geradora da timidez intelectual e, por conseqüência, nefasta aos grandes surtos científicos...» Eis que a Embriologia, ciência da criação das formas vivas, está em via de tornar finalistas os biologistas. Muitos dentre êles, já, sob a influência de novas verificações, perderam a crença de que o «meio» é a causa primordial da aparição das espécies e da sua evolução... E eis que a inquirição feita por E. Robert de Flers entre os membros da Academia das Ciências de Paris, acêrca dêste assunto: «¿A Ciência está em oposição ao sentimento religioso?» — acaba de revelar, contra o que se esperava, que a maior parte dos sábios que constituem esta assembleia já não pode aceitar a idéa de que o Universo, grandiosamente coordenado e harmoniosamente evolutivo, seja obra duma série ininterrupta de acasos sempre felizes!».

A função do pensamento deixou de ser uma análise introspectiva; integraram-na em o funcionamento do cérebro, primeiro, depois em todo o corpo, — diz ainda o Dr. Osty.

O próprio materialismo moderno ou dialéctico, está de acôrdo com esta reflexão de matepsiquista Dr. Osty: «Não se pensa com o cérebro, ou, pelo menos, só com o cérebro: pensa-se com todo o corpo, tôda a actividade, e, até, tôda a actividade social»; — afirma isto Marcel Prenant, professor da Sorbonne (2).

Declara êste materialista «moderno» que os antigos materialistas «vulgares», tais como Vogt, Büchner ou Moleschott, cometeram o êrro simplista de estarem dispostos a admitir que o cérebro segrega o pensamento como o fígado segrega a bílis.

O materialismo «moderno» — ¡como tudo se transforma! — rejeita as explicações químicas, físicas e mecânicas dadas aos fenómenos da vida por homens como Jacques Loeb, Haeckel, Le Dantec, Houssay, Giard, Delage.

O materialismo «moderno» — ¡como as concepções se transformam! — repeita a teoria do acaso: tudo tem causa, donde o implícito reconhecimento da Lei da Causalidade.

O materialismo «moderno» — ¡o que é a evolução! — reconhece a existência de leis naturais, embora se contente em verificar o facto sem se importar da procedência.

Os materialista, portanto, para serem coerentes — tanto os «modernos» como os «vulgares» — deviam satisfazer-se com a certificação dos factos espiritóides, de todos os factos supranormais, embora se desinteressassem, também, da procedência.

¡Mas não; rejeitam *a priori* e recusam-se até a vêr e a ouvir!

Daí os apôdos de uns, as negativas contumazes de outros e, até, doestos de alguns.

Como, porém, o materialismo «moderno» nos traz uma bela amostra de transformação, esperemos que a evolução continue e faça o resto.

---

(1) *Revue Metapsychique* de 1926, pág. 385.
(2) *Marcel Prenant — Biologie et Marxisme.*

---

Manifestação quere dizer acção. Para se chegar ao equilíbrio perfeito — que, para mim, é vida pura, ser puro — ninguém pode retirar-se do mundo da manifestação.

*Krihnamurti*

Nos sacerdotes, como no povo, a ignorância é muito mais de recear do que as luzes.

*Massillon*

# A LUTA DO ASTRAL CONTRA AS FALSAS NOTÍCIAS

(Tradução de I. D. S.)

pelo Doutor Lucien-Graux

*O Doutor Lucien-Graux, cujos trabalhos literários e científicos se contam às dezenas, quis distinguir-nos com a sua colaboração, que tanto realce vem dar às colunas de* Estudos Psíquicos. *Médico exímio, romancista, poeta, economista, converteu-se, finalmente, ao Espiritismo, a cuja propaganda se tem dedicado abertamente, desprezando os preconceitos, como homem de ciência que é, e seguindo na vanguarda dos paladinos da Terceira Revelação. O seu talento proteiforme estuda e analisa os mais variados assuntos e, desde o romance de ficção ao tratado científico, dá bem a medida do seu mérito invulgar.*

*Algumas das suas obras foram premiadas pela Academia Francesa e pela Academia de Ciências Morais e Políticas. Estão neste caso «Les Fausses Nouvelles de la Grande Guerre», em sete volumes, e «Le Maroc Économique».*

*Trata-se, em suma, dum extraordinário polígrafo, verdadeiro iluminado que escreve com espontaneidade assombrosa e cujos conceitos são normas de bom senso que muitos deviam meditar e seguir.*

*É também excelente poeta, cujo último trabalho: «Demain il fera jour...» é analisado noutro lugar desta revista.*

Estudos Psíquicos, *que tem um programa e deseja realizar uma obra, desvanece-se com a colaboração de tão sábio confrade, que quis emprestar a estas colunas o fulgor do seu engenho.*

*O artigo que a seguir publicamos substitue «Vers la Victoire de l'Esprit» (Pela Vitória do Espírito), anunciado no último número e que será publicado em melhor oportunidade.*

DOUTOR LUCIEN-GRAUX

---

Preguntais-me se, após os primeiros dias de Setembro, tenho recebido muitas e interessantes comunicações do Além. De-certo que não. Esperava-as, mas poucas vieram. E é tal a penúria de esclarecimentos, que, há pouco ainda, resolvi pedir informações aos meus Guias familiares, pois havia, desta vez, por assim dizer, grande diferença de «relações» entre os que vêem e sabem e os que consultam e esperam.

A resposta foi clara e o argumento merece tornar-se conhecido. Agradeço-vos, portanto, o ensejo de a publicar. Eis o que, resumidamente, me disseram:

«Se fôssemos qualificados para te falar... acêrca dos acontecimentos, bem sabes que o fariamos com particular interêsse, visto não esquecermos que és o autor do «Reencarnado» (1) livro que levou tantas

(1) *Reencarnado*, tradução de Guillon Ribeiro — Livraria da Federação Espirita Brasileira. Rio de Janeiro. 1925.

pessoas a crêr na vida futura e sobretudo aquelas que duvidavam dela ou não se decidiam a admitir a certeza da sua existência. Muitos dos recenchegados ao nosso plano declararam-nos, abertamente: «Não me admirei de coisa alguma, nesta nova condição de vida. Nenhuma surprêsa, nenhum temor. Depois de ler o «Reencarnado», abandonei o cepticismo e fiquei preparado para a grande viagem. Confesso que foi cheio de incredulidade que iniciei a leitura das primeiras páginas; mas, quando cheguei à última, estava convencido». Emfim, auxiliaste muitos a morrer tranqüilamente».

Tomei nota destas palavras, cuja autenticidade certifico, e devo dizer que fiquei profundamente emocionado e encantado de as receber. Todavia, insisti com os meus interlocutores invisíveis e preguntei-lhes a razão do quási silêncio do Astral, neste momento e em face do... que vai pelo mundo.

Foi tão clara a explicação, que a posso qualificar de... meridiana:

«É muito simples. Bem sabes o que foi a hecatombe de 1914-1918. Nós, os «veteranos do Além», recebíamos milhares e milhares de almas de adolescentes, trazidas, em desatino, pelo furação. E logo que retomavam consciência de si próprias, esforçavam-se por restabelecer o contacto com a terra, com suas famílias, seus lares, seus amigos, não sendo de admirar que os centros espíritas fôssem invadidos por comunicações. Para fazer uma idea do que, então, sucedia, basta lembrar como o público das vossas cidades assaltava correios e telefones, quando alguma infelicidade ou trágico acontecimento abalava os corações. Tomando a liberdade de prolongar a imagem, direi que as *comunicações* — é, de resto, palavra usual nas repartições dos correios — foram tais e tão abundantes, naquela época, porque havia «qualquer coisa» a dizer, a comentar, e muitas consolações a prodigalizar aos que viviam e choravam os seus mortos. Agora, os factos são, inteiramente, diferentes. Felizmente, e até à data em que te falo, a guerra, guardadas as proporções, tem sido pouco sangrenta e não tenho necessidade de insistir para te fazer acreditar que os nossos amigos recenchegados são, relativamente, poucos, e que os pedidos de «comunicações» são, conseqüentemente, muito raras».

A isto, objectei: «Contudo, recebem-se mensagens bem interessantes, que as revistas espíritas inserem, em França e noutros países. Eu próprio, tenho ido, por vezes, a certos meios experimentais de tôda a confiança e ali ouvido alguns médiuns transmitir, por diversos meios, indicações do Além, cuja maior parte são verdadeiras, embora tratando os assuntos na generalidade, tendo-me sido impossível recolher uma comunicação nitidamente explícita, acêrca da duração da guerra e da sorte das armas de qualquer dos adversários...».

Nesta altura, o espírito interrompeu a comunicação, para ditar, precipitadamente, ao médium, o seguinte trecho, escrito da direita para a esquerda, próprio para ser lido ao espêlho:

«Querer saber muito e depressa, é imprudente. Alguns espíritas têm a mania da curiosidade e tanto importunam os visitantes do Alto, que estes acabam por se aborrecer. Na outra guerra, ¡quantas mensagens, que pareciam verdadeiras, não foram desnaturadas e mal compreendidas, tendo, até, originado graves dissabores! Desta vez — e uma vez não são vezes — tirámos o exemplo das vossas instituïções terrestres e resolvemos organizar uma censura às comunicações e não fizemos mal. Se receberdes alguma que se espraie em pormenores acêrca do futuro, que mencione datas, nomes de terras; se houver espíritos frívolos e presunçosos que anunciem: «A guerra acabará em tal momento, combater-se-á aqui e além», desconfiai e não deis crédito a semelhantes indiscrições, que assumirão o carácter de mentira, A vossa censura pode contrariar muita gênte; mas, assim mesmo, acreditai que sempre terá alguma utilidade. Aqui, segue tudo da mesma forma. A guerra actual em nada se parece com a de há vinte e cinco anos e as comunicações que vos damos não têm, nem pretendem ter qualquer relação com as opiniões imprudentes e tantas vezes desastradas que vos foram transmitidas, nesses tempos longínquos».

Esta revelação não deixava de ser espirituosa e veio preencher uma lacuna que me serve aqui às maravilhas.

No fim da sessão, preguntei se, do mesmo modo, me não poderiam esclarecer, a respeito do curso eventual dos acontecimentos. Confesso que me responderam com recusa formal. A censura celeste era inexorável. ¿Pois, não é curiosa esta sabedoria organizada, êste espírito de previdência que, em 1939-40, se tem manifestado no Além, em tudo que se relaciona com os fins aventurosos, com as falsas notícias do Astral? Assim, julguei que haveria nisto matéria para um artigo que servisse de utilidade á família espírita. Do que fica exposto, parece que se deduz não devermos acreditar em *tudo* o que nos dizem do outro mundo, sob aparências de realidade. De resto, não esqueçamos que nem tôdas as entidades são bem intencionadas. As outras é que quiseram fazer a «polícia do céu» e não lhes agradeceríamos demasiadamente êsse facto, se deixássemos à Providência o cuidado de determinar o dia e o lugar em que se realizará a vontade de Deus.

# Manifestações espiritas

pelo Dr. Lôbo Vilela

NOS santuários antigos, desde as criptas do Himalaia aos hipogeus egípcios e às catacumbas de Roma, sempre a comunicação com os espíritos foi a base de tôda a liturgia. O *sintoismo* (via dos espíritos), que é a religião mais antiga do Japão, prescreve a evocação dos *Kamis*, os espíritos dos antepassados. Na China a evocação dos espíritos é uma prática vulgar do culto dos *Antepassados*. Os magos caldeus levavam uma vida de pureza e de oração constante para poderem comunicar com espíritos de elevada hierarquia. Entre os hindus, o *Angruchaña-Parikchai* tem uma parte consagrada à evocação dos *Pitris*. Na Grécia (1) e na Roma antigas, a evocação dos *Manes, Lares* e *Penates* fazia parte do culto doméstico. Os druidas gaulezes evocavam os espíritos nas florestas.

Ulisses, para consultar o adivinho Tirésias, recorre à mágica Circe que o põe em comunicação com as sombras do Hades. E a sombra do Elpénor, que primeiro se manifesta, suplica-lhe que faça consumir o seu corpo e as suas armas e lhe construa um túmulo (2). Orfeu evocou o espírito de Euridice. Os atenienses, apavorados com as repetidas aparições de espectros e de fantasmas que assombravam a cidade, mandaram vir de Creta Epiménides que «passava por ser um homem querido dos deuses, dotado de grande sabedoria, muito instruído nas coisas divinas, sobretudo versado na ciência das inspirações e nos conhecimentos dos mistérios» (3). A sombra de Creúsa aparece a Eneas para lhe dizer que morreu; e Andrómaca invoca os manes de Heitor junto do seu túmulo (4), Eneas, por intermédio da sibila de Cumas, consulta a sombra de Anquises (5). Tibulo (6) refere-se a uma mágica que fazia saír os Manes dos túmulos. Segundo Lucano (7), havia na Tessália uma célebre mágica, Erato, «que fazia entrar as *almas* no seu corpo» e foi por ela que Sexto Pompeu soube do desfêcho da rivalidade entre seu pai e César. Dante (8), segundo a tradição, atribue a Erato a evocação da alma de Vergílio pouco depois de êle ter morrido.

Plutarco (9), que era sacerdote no templo de Apolo Pítico, afirma que os espíritos se manifestavam nos Mistérios. Pitágoras recebe ensinamentos dos espíritos, através de Teocléa, adormecida. Cícero (10), conta que Ápio comunicava com os espíritos; e, segundo Plínio, o Antigo (11), êle evocou o espírito de Homero para se informar da sua pátria e da sua família. Pausânias, depois do assassinato involuntário de Cleonice, via tôdas as noites o seu fantasma, o qual lhe anunciou que deixaria de aparecer-lhe quando êle regressasse a Esparta. Cimon, filho de Milcíades, ia à caverna de Heracléa, na Propôntida, consultar a sombra de sua irmã defunta (12); e Periandro, um dos sete sábios da Grécia, falava com o espírito de sua mulher (13). Saul visita a pitonisa do Endor para falar com Samuel (14).

Epiménides (15), Lucano, Tácito, Apuleio e Filostrato, evocaram os mortos. Sócrates (16), Apolónio de Tiana, Filon e Plotino, tinham os seus espíritos familiares com quem comunicavam directamente. Porfírio, que escreveu a vida de Plotino, diz que o *génio* tutelar dêste era duma hierarquia muito elevada. Lamartine (17), falando de Sócrates, diz: «Sim, êle era inspirado; êle o diz, êle o repete; e porque recusaremos nós de acreditar no homem que deu a sua vida por amor da Verdade? ¿Há aí muitos testemunhos que valham a palavra de Sócrates moribundo?... Sim, êle era inspirado... A Verdade e a sabedoria não são nossas: elas descem do Céu aos corações escolhidos

---

(1) Os gregos chavavam *psicagôgos* aos padres encarregados de invocar as almas dos mortos.
(2) *Odisseia*, XI.
(3) Plutarco: *Sólon* (Cadernos «Inquérito»), trad. Lôbo Vilela.
(4) *Eneida*, II, 771, 788; III, 303-304.
(5) *Eneida*, VI.
(6) *Elegias*, 1, 2, 3 e 6.
(7) *Farsália*, VI.
(8) *Inferno*, IX, 25-27.
(9) *Isis e Osiris*.
(10) *Tusculanos*, I, 16-37.
(11) *Hist.* XXX, 6.
(12) Plutarco: *Cimon*.
(13) Heródoto, V, 92.
(14) *Reis*, I, 28.
(15) Fénelon: *Vie des Philosophes de l'antiquité*
(16) Platão: *Teageto;* Xenofonte. *Apologia de Sócrates;* Plutarco: *Do Demónio de Sócrates*, XX; Máximo de Tiro: *Philosophicae dissert.*, XIV, XV; Apuleio: *Do Deus de Sócrates*, t. V:
(17) *La mort de Socrate*.

que são suscitados por Deus segundo as necessidades dos tempos». Segundo Plutarco «aqueles que têm vivido várias existências virtuosas estão em condições de se elevarem ao estado de espíritos e vêem-se visitados por outros espíritos que os sustentam nas suas duras provas, porque êles são, geralmente, perseguidos entre os homens».

Os filósofos da antiguidade explicavam os oráculos (1) pela intervenção dos espíritos (2). A sibila de Cumas dava oráculos nas margens do lago Averno; e o oráculo de Trepózia ficava junto do Aquéronte. Os oráculos eram dados, em geral, na própria língua dos consulentes. A resposta do oráculo de Amon a Alexandre, foi dada em grego. Referindo-se ao oráculo de Apolo de Claros, na Jónia escreve Tácito (3): «O intérprete do deus não é uma mulher como em Delfos: é um padre escolhido em certas famílias e ordinàriamente em Mileto. Êle pregunta apenas o número e o nome das pessoas que se apresentam; depois, desce a uma gruta e bebe água duma fonte misteriosa; êste homem, alheio as mais das vezes às letras e à poesia responde em verso às preguntas que lhe fazem mentalmente». Os oráculos mais célebres da antiguidade (4) foram o de Júpiter em Dodona, no Epiro e o de Apolo Pítico em Delfos, na Fócida. Creso manda emissários aos principais oráculos do seu tempo e fica maravilhado com a resposta que lhe vem de Delfos (5). Minos, Licurgo e Solon, consultavam o oráculo de Delfos em emergências difíceis; Alexandre I e Pirro, reis do Epiro, recorriam ao oráculo de Dodona (6); e Numa Pompílio ia ao bosque de Arícia consultar a ninfa Egéria (7). «Há razão de acreditar, diz Plutarco, que a divindade não desdenha de comunicar com aqueles que são religiosos e santos. ¿Será justo acreditar que os deuses tenham honrado tanto os poetas e não tenham querido fazer a mesma honra a Zeleucos, a Minos, a Zoroastro, a Numa, a Licurgo, que todos têm fundado repúblicas e governado estados? (8)

Apolónio de Tiana passou sete dias na caverna de Trofónio, durante os quais o oráculo lhe ditou um livro inteiro, conta Filostrato (9). Tibério consultou o oráculo de Géryon que ficava perto de Pádua; Vespaziano, consultou o oráculo do monte Carmelo na Judeia e, quando passou a Alexandria, entrou sózinho no templo de Sérapis para consultar o oráculo; Tito consultava o oráculo de Pafos, na ilha de Chipre (10). Juliano recorria ao oráculo de Delos; e Trajano ao de Heliópolis, na Síria (11). Augusto, iniciado nos mistérios de Eleusis, via fastasmas, com freqüência especialmente na primavera; a vitória de Filipos foi-lhe anunciada por um tessaliano a quem o espírito de Júlio César havia aparecido e encarregado dessa missão (12). Otão luta, em sonhos, com o fantasma de Galba; o sono de Calígula é perturbado por fastasmas. (13).

Referindo-se a Juliano, diz o Abade Ducreux (14): «A sua tendência natural atraía-o para a filosofia que andava ligada com a religião dos *génios* de que os homens mais distintos pelo saber faziam o seu principal estudo. Chamou para junto de si os filósofos que julgou mais capazes de o auxiliarem. Libânio, Máximo de Tiro, Oribaze, que gozavam da mais alta reputação, foram dêste número, assim como muitos outros cujos nomes eram menos célebres. Foi com êles que assentou no sistema de religião filosófica que convinha substituir à idolatria grosseira do povo». Jamblico foi um dos mais notáveis conselheiros de Juliano, e, segundo o testemunho unânime dos alexandrinos, era afamado na ciência dos *demónios* e dos *deuses*, ultrapassando os seus antecessores e os seus sucessores na arte de os evocar.

O «*Livro do Pastor*» escrito por Hermas, ao qual se referem Clemente de Alexandria e Orígenes, encerra instruções claras e precisas, seguidas nas assembleias dos primeiros cristãos, que eram perfeitas sessões de Espiritismo. S. Paulo dá instruções aos fiéis sôbre as regras a atender nessas reüniões cultuais (15). S. João ensina a distinguir os bons dos maus espíritos. «Carissimos, não acrediteis em todo o espírito, mas

---

(1) A palavra «oráculo» tanto se emprega para designar a resposta dada aos consulentes como o indivíduo que a dá, ou o santuário.

(2) Fontenelle: *Hist. des Oracles.*

(3) *Anais*, II, § 54.

(4) A decadência dos Mistérios da Antiguidade acentua-se a partir dos meados do século III a. J. C. atingindo proporções inconcebíveis de depravação a ponto de, no ano 108 a. J. C., o senado romano intervir para extinguir os Mistérios Báquicos, origem dos mais escandalosos abusos. Diodoro de Sicília, referindo-se ao Templo de Eleusis, considera-o «*um verdadeiro lupanar*». Poucos foram os santuários que resistiram à onda avassaladora da decadência, mas os oráculos fizeram-se ouvir ainda por muito tempo. O oráculo de Delfos só foi encerrado no séc. IV da nossa era, por um decreto de Teodósio. (Plutarco: *Da Cessação dos Oráculos).* Bouché-Leclerq reúne abundantes documentos sôbre as práticas adivinhatórias da antiguidade na sua *Histoire de la divination dans l'antiquité* (4 vols., 1889).

(5) Heródoto: *Hist.* I, 47-48.

(6) Tito Livio, VIII, 21; Plutarco; *Pirro*, 7.

(7) Plutarco: *Numa Pompílio.*

(8) *Numa Pompílio.*

(9) *Vida d'Apollónio.*

(10) Suetónio: *Tibério*, 15; *Vespaziano*, 5, 7; *Tito*, 5.

(11) Macróbio: *Saturn.*, I.

(12) Suetónio: *Augusto*, 93, 91, 96.

(13) Suetónio: *Otão*, 7; *Calígula*, 50.

(14) *Les siècles chrétiens*, 1, 414.

(15) I, *Corint.*, XIV, 26-40.

verificai se os espíritos são de Deus» (1). «Nós não recebemos o espírito dêste mundo, mas sim o espírito que vem de Deus», afirma S. Paulo (2).

Os principais padres da Igreja Grega primitiva, Clemente de Alexandria (3), Orígenes, S. Gregório de Nyssa (4), etc., assim como alguns vultos eminentes da Igreja Romana, entre os quais mencionaremos Santo Agostinho (5), e S. Tomás de Aquino (6), comunicavam com os espíritos. S. Justino (7) apresenta como argumento decisivo a favor da imortalidade da alma, a possibilidade de evocar os mortos. Tertuliano (8), afirma: «Os anjos têm um corpo que lhes é próprio e pode transmutar-se em carne humana; êles podem tornar-se perceptíveis aos homens, por certo tempo, e comunicar com êles visivelmente». Lactâncio (9) diz que «se se ousasse negar a existência das almas depois da morte, bem depressa o mágico nos convenceria disso fazendo-as aparecer». Orígenes (10), que S. Jerónimo tanto admirava, apresenta os fenómenos espiritistas como factos incontestáveis. Quintiliano defende as práticas espiritistas num discurso célebre; e alguns papas da Igreja Romana a elas se dedicavam:—Benedito IX, Gregório VI e Gregório VII.

Santo Agostinho narra, nas suas obras, vários fenómenos espiritas. Entre êles avulta o que determinou a mudança profunda que se operou na sua vida. Uma voz misteriosa que dizia: «tolle lege» (toma, lê) conduziu-o a estudar as escrituras (11). Nas suas «*Cartas*» (12) fala de algumas aparições de mortos que lhe predisseram acontecimentos ulteriormente realizados; na «*Cidade de Deus*» trata de processos teúrgicos para a comunicação com os espíritos. S. Ireneu afirma a realidade dos fenómenos espiritistas. Na sua controvérsia com Vigilantius, S. Jerónimo pronuncia-se a favor da possibilidade de comunicação com os mortos. S. Tomás de Aquino (*Summa*, I) é bem explícito: «O espírito (*anima separata*) pode aparecer aos vivos». O abade Poussin (13), professor do seminário de Nice, afirma que êle «comunicava com os sêres do outro mundo, com mortos que o informavam do estado das almas pelas quais se interessava, com santos que o confortavam e lhe patenteavam os tesouros da sabedoria divina».

O cardial Bona na sua obra «*Da Distinção dos Espíritos*» diz: «É motivo de estranheza que se possam encontrar homens de bom senso que tenham ousado negar, em absoluto, as aparições e as comunicações das almas com os vivos, ou atribuí-las a uma fantasia da imaginação, ou à arte dos demónios». Na «*História das práticas supersticiosas*» (t. VI) escreve o padre Le Brun, do Oratório: «As almas que disfrutam a bemaventurança eterna, abismadas na contemplação da glória de Deus, não deixam de se interessar, pelo que respeita aos homens, cujas misérias suportaram; e, como atingiram a felicidade dos anjos, *todos os escritores sacros* lhes atribuem o privilégio de poderem, sob corpos etéreos, tornar-se visíveis aos seus irmãos que ainda se encontram na terra, para os consolar e lhes transmitir as divinas vontades».

---

(1) I, João, IV, 1-6.
(2) I, Corint., II, 12.
(3) *Discours aux gentils stromats.*
(4) *Discurso catequético.*
(5) *De cura pro mortuis*, t. VI.
(6) *Summa totius Theologiæ.*
(7) *Apologética*, livr. I, 18.
(8) *Da carne de Cristo*, cap. VI.
(9) *De Div. Institutionis*, liv. VII.
(10) *Contra Celso.*
(11) *Confissões*, liv. VIII, 12.
(12) *Lettre à Evodius* — Ep. CLIX (ediç. dos beneditinos, t. II).
(13) *Le Spiritisme devant l'Eglise.*

# NOVA SEDE

**Temos a maior satisfação de comunicar aos prezados consócios que o Centro Espiritualista Luz e Amor acaba de alugar o primeiro andar direito do prédio n.º 149 da Rua do Salitre, situado a cinco minutos da Avenida da Liberdade, onde se instalarão, brevemente, os seus serviços, bem como os da nossa revista. Êste facto representa mais um passo em frente na jornada que empreendemos e vem preencher grande lacuna, de que se ressentiam os nossos trabalhos.**

**A-fim-de que o problema da instalação seja resolvido com a maior urgência, de harmonia com as necessidades da propaganda e tendo em vista a eficiência dos trabalhos práticos, fica, desde já, convocada uma reünião de sócios para o dia 28 de Abril, às 15.30, na sede da Sociedade Teosófica, R. Passos Manuel, 20, cave.**

# Fenomenologia metapsíquica

pelo Dr. Rodrigo Sanz

III

18. — As vidências mais comuns, por pertencerem aos dois sentidos mais informativos, são as *visuais* e as *auditivas*, mas também as há olfativas e tácteis e as correspondentes a qualquer dos sentidos, bem como outras que o metagnomo não pode descrever por falta de sentido físico que lhe corresponda.

De tôdas e, especialmente, destas últimas, se serve o psicómetra para alcançar, ou *apreender*, as qualidades ou os defeitos da pessoa psicometrada.

É mistério o que o metagnomo experimenta, pois o que êle diz é, ordinariamente, a *tradução* ou *interpretação* daquilo que sente e, por isso, a explicação costuma ser simbólica e alegórica.

As vidências são de multiplas espécies e grupos, e dividem-se em vidências de *presente*, de *passado* e de *futuro*.

19. — As vidências de presente, ou de acontecimentos actuais, podem ser *entre presentes* ou *entre ausentes*.

As primeiras são as *leituras do pensamento* — quando o vidente adivinha um nome, um número, uma data, um objecto, que recordamos ou em que pensamos. Outras consistem na visão ou na descrição *dos próprios* órgãos corporais internos, casos assaz verificados pela ciência e a que se dá o nome de *autoscopia*. Outros consistem, ainda, na mesma visão de órgãos corporais internos, mas de *outra pessoa*, de um doente, por exemplo.

O nosso vidente do Ateneu Espirita de Madrid era notável nesta espécie de vidência. Presenciei o exame feito por êle a um convalescente, operado de úlcera do estômago. Tinha em meu poder, feito pelo operador, um esquema do perfil do estômago, tal como havia ficado após a operação, que lhe cortara uma porção considerável daquele órgão.

Desenhei no quadro um perfil *normal* e o vidente advertiu-me de que *não havia essa barriga* (referindo-se à curvatura maior) e, depois de eu igualar o meu traço ao do esquema, êle disse então: «assim mesmo» (1).

Em Maio de 1936, já êste vidente assistia, duas vezes por semana, á consulta de um nosso consócio médico, que me informou terem sido feitos quarenta diagnósticos por meio da vidência, todos êles confirmados por ulteriores explorações técnicas. O vidente dissera, por exemplo: «Esta doente tem lesões no pulmão e rim direitos» e a radiografia revelara lesão no pulmão direito, e a análise de urina (colhida do respectivo uretere, como hoje se faz), acusara lesão do rim direito.

As vidências de presente distante, ou entre ausentes, são sempre surpreendentíssimas. As mais freqüentes são as *premonições* de morte de entes queridos.

Há também as que descrevem naufrágios, incêndios, pessoas ou objectos, acontecendo ou estando a quilómetros ou centenas de quilómetros de distância.

Mencionemos e consideremos três casos de crescente assombro:

20 — Uma senhora, a meio dum jantar de cerimónia, dá um grito, estende os braços e diz: ¡«meu filho! ¡meu filho!» e cai com uma síncope. Ao voltar a si, conta, entre soluços, que a sala e os comensais haviam desaparecido da sua vista, para surgir o mar agitado e o seu filho sôbre as ondas, estendendo-lhe os braços. Tempo depois, a senhora tem conhecimento da morte do filho, oficial da marinha, e que, navegando no Oceano Índico, havia sido arrebatado por uma onda, no mesmo dia em que se dera a visão. (Êste é um dos factos, devidamente testemunhados, que Flammarion cita no seu livro «L'Inconnu», a páginas 130).

Se, neste caso, não admitirmos a metagnose, teremos que atribui-lo, pelo menos na questão da data, a uma coïncidência casual entre o desastre do jovem e a *alucinação* da mãi.

Calcula-se que há uma pessoa alucinável por cada 248, de modo que será de 1/248 a probabilidade de que a senhora o fôsse. Uma síncope dum dos comensais num jantar de cerimónia, confessemos que não se dará uma vez em 50 ocasiões: mas tomemos a probabilidade de 1/50. Uma mãi pode sofrer uma alucinação vendo o seu filho que é marítimo e está ausente, em perigo ou em segurança: se o vê em segurança, tanto o pode ver em serviço, como num divertimento

(1) Deu ainda informações sôbre a côr *achocolatada* de grande parte da parede *interna* do estômago e, sete dias depois, num novo exame, ao notar que o *achocolatado* era muito menor e já tinha manchas *cinzentas*, anunciou franca melhoria.

ou numa solenidade; se o vê em perigo, tanto pode ser lutando com as ondas, como ferido ou doente.

Suponhamos *dez* alucinações possíveis e teremos a probabilidade 1/10. Ignora-se quantas alucinações terá, em média, durante o ano, um alucinável, mas sabe-se que *as de aviso de morte* não se repetem em dez anos da vida do vidente: todos êles afirmam que lhes sucedeu uma vez, duas, três, quando muito. Aceitemos, portanto, uma por cada vinte anos, ou seja 1/20 × 365 por dia da sua vida, de maneira que será de 1/7.300 a probabilidade de coïncidência do dia do desastre com a *alucinação*. A probabilidade total resultante, é de 1/248 × 1/50 × 1/20 × 1/7.300 = = 1/1.810.400.000.

Quere dizer, é preciso que mais 1.800 milhões de marítimos sejam arrebatados por uma vaga, para que o acaso explique o facto da mãi ter a alucinação de ver o filho lutando com as ondas. E como desde todos os tempos ainda não morreu, dessa maneira, tal número de marítimos (seria preciso que em dez mil anos morressem quási 500 por dia) *temos de concluir pela realidade da vidência*, tanto mais que o facto se tem repetido não poucas vezes!

21 — O imediato dum navio regressava do Haïti para o Havre. Dormia, certa noite, no seu beliche, quando se sentiu sacudido e ouviu uma voz chamar: «¡Manuel! ¡Manuel!» Levantou-se e dirigiu-se ao Capitão — única pessoa a bordo que lhe conhecia o nome de baptismo — mas o Capitão não ligou importância ao facto. O imediato volta para a beliche e adormece novamente; torna a ouvir chamar e julga reconhecer a voz dum irmão de quem não tinha notícias havia anos. Reage, disposto a não adormecer e ouve, pela terceira vez, — agora completamente desperto — a voz que o chama. Levanta-se, então, e anota o dia e a hora do acontecimento.

Chega o navio ao Havre. Um amigo vai a bordo e o imediato diz-lhe, ao vê-lo: «Já sei o que aqui o traz; meu irmão faleceu tal dia e a tal hora...». Era exacto e o irmão tinha morrido chamando por êle, triste por não o ver (Excerto da mesma obra «L'Inconnu», pág. 191).

A probabilidade de o clariaudiente ser *um alucinável*, é de 1/248. Idem da alucinação, ouvindo chamar pelo seu nome de baptismo: supondo que só *dez* fôssem possíveis (por irmão, parente, amigo, antepondo ou pospondo outra palavra), a probabilidade será de 1/10. Mas a alucinação pode ser visual e ser dum objecto, dum lugar, etc.; poderemos admitir 50 alucinações possíveis e a probabilidade da alucinação experimentada será de 1/50 por uma só vez, mas experimentada três vezes, será de $1/(50)^3 = 1/125.000$. Idem da coïncidência da hora, (o relato não permite precisar melhor) entre a alucinação e o falecimento, igual a 1/20 × 365 × 24 = 1/175.200, supondo, como anteriormente, uma vidência desta natureza por cada vinte anos de idade do *sujeito*.

Resulta a probabilidade total de 1/248 × 1/125.000 × 1/75,200 = 1/5.431.200.000.000. Isto é, havia de dar-se alucinação idêntica mais de *cinco biliões* de vezes e, a-pesar disso, a explicação por casualidade não seria de admitir. Portanto, fica absolutamente demonstrado que todos os casos análogos são inexplicáveis pelo acaso.

22. — Relato firmado pelo Sr. Garling, homem culto e ponderado, negociante em Londres (pág. 207 da mesma obra).

«Uma quinta feira de Agôsto do ano de 1849, fui passar o dia com um amigo, o Reverendo Harrison e sua família. Todos estavam de perfeita saúde. Deixei-os, no dia imediato, para ir passar alguns dias com umas parentas minhas que viviam numa casa de campo, a 47 quilómetros de Londres. Na segunda feira seguinte, depois do almôço, saí para dar um passeio, a pé. De repente, surgiu, ante mim, uma figura — de carne e ôsso, a julgar pelo encontrão que me deu. Vi-a mover os lábios, como dizendo-me alguma coisa; os seus olhos fitavam-me tão fixamente, que instintivamente recuei alguns passos. E pensei, talvez em voz alta: «¡ Santo Deus, é Harrison !»

O espectro desapareceu. O sangue havia-se-me gelado nas veias, e nunca, na minha vida, senti uma tão grande sensação de frio, que tardou bem uma hora a desaparecer.

Nada disse em casa. À noite, recolhidos já os criados, e nós, que estávamos na sala, quási a retirarmo-nos também, ouvimos grandes pancadas na porta da casa. Ficamos alarmados. Vieram os criados, que igualmente haviam ouvido, e o cão que estava conôsco, meteu-se debaixo do sofá, e já dali não quiz sair. Abrimos a porta e não vimos nem ouvimos nada. A porta não tinha batente, mas não havia qualquer sinal de as pancadas terem sido dadas com uma pedra. Com dificuldade consegui que as senhoras e os criados se fôssem deitar. Não me ocorreu relacionar as pancadas com o espectro.

Na quarta-feira regressei ao meu escritório, em Londres. Um empregado disse-me que um senhor já ali estivera duas vezes e desejava falar-me com urgência. Voltou, pela terceira vez: era um amigo da família Harrison, que me disse: «O cólera devastou a casa do Sr. Harrison. Morreram a sua mulher, a Sr.ª Rosco, a ama e a menina; a cosinheira também foi atacada, mas está livre de perigo; o Sr. Harrison

há três dias que se encontra no Lazareto e pediu, instantemente, que o avisassemos a V., o que não temos podido fazer por ignorarmos o seu paradeiro.

Tomamos um trem, imediatamente, mas quando chegamos ao Lazareto Harrison havia falecido.

23. — ¡ É de pasmar o cálculo de probabilidades neste caso complexo!

Temos de contar com *quatro alucináveis*, pelo menos: Garling, que viu à tarde e ouviu à noite; as suas parentas, que ouviram à noite e que, para evitar a objecção da alucinação transmitida, consideraremos como uma só pessoa; os criados, que também ouviram e se levantaram alarmados, e que tomaremos também por uma só pessoa pela razão apontada; e o cão, que também ouviu e se escondeu, cheio de mêdo, debaixo do sofá.

Suponhamos que a proporção de cãis alucináveis seja *óctupla* das pessoas, ou de uma para $^{246}/_{8} = 31$, e então a probabilidade de os *quatro alucináveis* se juntarem, será de $^{1}/_{(248)^3} \times 31 = {}^{1}/_{472.842.752}$.

Suponhamos que as alucinações *auditivas* possíveis eram só *dez* para cada um dos quatro. As quarenta bem podiam ser tôdas diferentes, mas admitamos também que uma lhes era comum, precisamente a das pancadas na porta. A probabilidade desta alucinação idêntica, será de $^{1}/_{10^4} = {}^{1}/_{10.000}$.

Suponhamos que as possibilidades de alucinação visual de Garling fôssem só 50. A probabilidade daquela que teve à tarde, é de $^{1}/_{50}$.

Suponhamos que a coïncidência da alucinação de todos, com a doença do amigo, foi sòmente *quanto ao dia* (1).

E supondo uma alucinação por cada vinte anos de idade da pessoa e admitindo que nos cãis a freqüência seja *décupla*, ou de uma por cada dois anos da sua idade, teremos: probabilidade de coïncidir o *dia* da doença com a visão $^{1}/_{20} \times 365 = {}^{1}/_{7.300}$; e de coïncidir a doença com o ouvir das pancadas, $^{1}/_{(7.300)^3} \times 730 = {}^{1}/_{283.982.410.000.000}$.

A probabilidade total resultante e da ordem das *quinquilionésimas:* um número de mais de 20 algarismos contra a unidade! A metagnose é evidentíssima, e a idea do acaso faz rir.

24. — Aplicaremos aqui a observação que fizemos a princípio.

Nos três casos precedentes e em todos os análogos, *há metagnose e metaplasmia, simultaneamente:* o fenómeno é de conhecimento para uma alma percipiente, mas é de acção para uma agente.

O jovem marinheiro visto por sua mãi a meio de um jantar de cerimónia; o irmão de outro marinheiro que ouve chamar pelo seu nome de baptismo e o amigo que aparece ao Sr. Garling durante o seu passeio e que, certamente, bate, depois, as pancadas na porta, ouvidas por todos, *originam o fenómeno metagnósico mediante outro metaplásmico*, consistente em que, manejando as suas almas, de uma forma ignorada, a matéria ou qualidades materiais, se fazem ver, ou ouvir, ou produzirem-se ruídos de pancadas.

Tenhamos a convicção de que as aparições eram *fotografáveis*, porque o foram e são outras que os videntes percebem; e que os ruídos e as vozes eram *fonografáveis*. porque o são a voz directa e os «raps» das nossas sessões.

Convençamo-nos de que êstes fenómenos são impropriamente chamados *subjectivos*, porque não são ilusão nem alucinação, mas *alucinações reais* — como os cientistas, com ares ridículos, tiveram que denominá-los — ou seja com objecto ou causa exterior.

Dir-nos-ão que avançamos demasiadamente atribuindo à alma de um ausente a causa dos fenómenos.

Pois bem, atribuam-se ao próprio percipiente, se lhes agrada, mas não evitarão ter de admitir, então, que o indivíduo vê ou ouve o que préviamente *metaplasma fóra de si*, pois — repito — a sua evidência não é ilusão nem alucinação.

E veremos, afinal, quem avança mais depressa e mais a direito: se nós, à claridade e simplicidade da nossa concepção, se o adversário com a complicação, confusão e ineficácia de ideas.

---

(1) A visão a uma *segunda feira* depois da refeição e as pancadas depois da ceia. Na *quarta-feira* era o *terceiro dia* da doença. Logo, esta fôra na *segunda-feira*.

## O ESPÍRITO, DEPOIS DA MORTE

A situação do espírito, depois da morte, é a que para si preparou por sua vida corpórea. Uma vida mal preenchida é uma tarefa que precisa de ser feita de novo, em condições mais penosas. Aqueles que sofrem muito devem dizer que muito tinham de expiar. Muitas vezes, o nosso defeito dominante não é mais do que o resultado dos nossos hábitos preponderantes, numa vida anterior. Entretanto, os espíritos culpados não são réus condenados a galés perpétuas, mas, antes, doentes, conservados, temporàriamente, no hospital. Sofrem, simultâneamente, por causa da doença, que é culpa sua, e por causa dos meios curativos que ela exige. Assim, para todos está aberto o caminho da felicidade e franqueadas as condições que é preciso satisfazer para entrar nele. Deus, em sua justiça, fêz da felicidade o fruto do trabalho e não do pavor. A cada um, segundo as suas obras, tanto no céu, como na terra.

*P. V. Marchal*

# HOMENAGEM DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR AO MESTRE ALLAN KARDEC

NO vasto salão da Sociedade Teosófica realizou o nosso Centro no dia 31 de Março último e com farta assistência, mais uma festa de confraternização espírita para homenagear Allan Kardec por ocasião do 17.º aniversário da sua desencarnação.

Sôbre a mêsa da Presidência, ornamentada com lindas flôres, via-se, num quadro, o emblema do Centro pintado a côres, e, em volta, a seguinte inscrição: «Homenagem do Centro Espiritualista «Luz e Amor» ao grande Mestre Allan Kardec — 31 Março de 1940».

Presidiu o Tenente Isidoro Duarte Santos, secretariado pelos Drs. José Joaquim Gaita e Sebastião Elviro Martins.

Antes de aberta a sessão, foram feitas as preces habituais pelo Secretário Geral, acompanhadas mentalmente, como de costume, pelos assistentes, no meio do maior recolhimento. Em seguida, o Grupo Familiar n.º 1 entoou um hino religioso, cheio da maior unção. As suas vozes harmonizavam-se admiràvelmente, formando assim um aprciável conjunto vocal que deixou a assistência agradàvelmente impressionada.

ALLAN KARDEC

Aberta a sessão, com um pequeno discurso proferido pelo Presidente da Mêsa e alusivo ao Mestre que se ia homenagear, deu-se começo ao programa.

Primeiramente, o nosso confrade Manuel Tavares proferiu uma palestra biografando Allan Kardec e pondo em foco o trabalho meticuloso e sobrehumano do Mestre do Espiritismo, as suas lutas e as suas vitórias, terminando por convidar os presentes a elevarem o seu pensamento, honrando e glorificando o seu nome. Durante a sua palestra, êste confrade descerrou, no mesmo quadro onde estava o emblema de Centro, dois retratos de Allan Kardec, um quando êle tinha os seus 30 anos e outro quando já no apogeu da propaganda espirita.

Em seguida, a Senhora D. Arlindina Zany tocou ao piano uma composição intitulada «Le Lac du Côme». Ao terminar, a jovem pianista foi alvo duma grande ovação com a qual a assistência premiou o seu apreciável trabalho.

Depois, a Senhora D. Etelvina Magalhães acompanhou ao piano D. Marieta Esteves que cantou, com todo a sentimento, «Saüdade», com letra desta jovem cantora, sendo ambas muito aplaudidas.

O Dr. Elviro Martins proferiu, seguidamente, uma palestra sôbre a obra admirável de Allan Kardec e o alcance moral da doutrina que êle codificou, exortando os presentes a não esquecer o lêma que ela impõe: «Fora da Caridade não há salvação».

A menima Graciete de Melo recitou, depois, dois sonetos de Júlio Dantas: «Passos de dança» e «A Espada». A sua juventude, os seus gestos e o à-vontade com que recitou essas poesias, encantaram os assistentes que lhe prodigalizaram muitos aplausos.

Depois, D. Arlindina Zany tocou ao piano «Despedida», recebendo também muitas palmas.

Em seguida, o Dr. Pedro Dias de Sousa recitou uma interessante poesia do nosso consócio, sr. Capitão Estêvão Rodrigues, terminando assim a primeira parte do programa.

Intervalo pequeno, devido ao adiantado da hora,

# DO INVISÍVEL

## O ESPÍRITO DE GARRETT FALA ACÊRCA DOS DOIS MUNDOS...

Não sou pessoa que me faça rogar. Cedo, com prazer, ao teu desejo e cumpro, com gôsto, a minha antiga promessa. Vou, pois, desempenhar-me da primeira tarefa, visto que tenho para mim que, se nos dermos bem, outras teremos ao depois.

Há tanta coisa de novo a dizer, que mal sei por onda possa principiar.

Não esperes, nem ninguém, que, nestas pequenas miniaturas que daqui fazemos, possamos dar mais que ligeiros esbocetos ou insignificantes detalhes, da vida que levamos. É ela tão diferente da dai, que não encontramos termos apropriados, nem comparações, senão longemente semelhantes, que dêem uma fugidia idea do que aqui se passa.

A razão é óbvia e salta aos olhos ao primeiro golpe.

A vida na terra é tôda própria para o homem, feito em matéria pesada e incessantemente renovável. Essa matéria tem sensações que a magoam e sensações que a deleitam. Assim, pois, o homem passa aí o tempo a preparar elementos com que satisfaça a lei natural de evolução física do seu organismo e na procura incessante, melhor direi, na diligência incessante de se esquivar às sensações magoantes e de conquistar as sensações deleitosas.

Nisso se consome, nisso está a causa de tôdas as suas preocupações.

A vida aqui está isenta das pesadas exigências da matéria carnal. O homem, despojado do envólucro que aí arrastou e de que aí foi escravo, não tem, em regra, que obedecer à vontade do estômago, às ordens do mundo, nem às contingências da saúde. A sua matéria astral (deixa-me dizer assim, para dar uma idea compreensível), a sua matéria astral é mais leve, não é renovável, não tem, pois, exigência de refazimento próprio, nem da procriação da espécie. Contém-se, naturalmente e sem esfôrço, dentro dum limite quási inteiramente espiritual.

As sensações que a dominam, consoante concordes os infinitos graus de espiritualidade e do adiantamento em que cada u mse encontra, são, todavia, todas ou quási todas, de ordem moral. E tanto o são as sensações de desprazer, como as sensações de gôzo.

Dêste modo, a diferença da vida é tão grande, quão grande fôr a diferença entre os homens, no seu relativo grau de espiritualidade.

Não se suponha que a morte nivela todos. É isso uma das ilusões que aí escondem ao olhar supersticioso dos homens. É um dos muitos abusões da ignorância.

A morte iguala só no acto necessário do despojamento da carne; porque, assim como mata aí um sábio e um ignorante, um infante e um velho, um santo e um perverso, assim os fará ingressar aqui sábios e ignorantes, infantes e velhos, santos e perversos. Só ao depois é que cada um, prosseguindo na evolução interrompida aí pelo córte feito pela implacável Parca, ao fio da sua existência terrena, segue, segundo a orientação que traz, ao destino que as suas qualidades ou os seus defeitos o encaminham.

Mas não vão ficar inactivos. Não vão entregar-se à sonhada beatitude os bons, nem caír na temerosa caldeira os maus. Readquire cada um o seu arbitrio, conforme o seu aprazimento.

Têm os bons vasto ensejo de dar largas aos seus sentimentos caritativos, espalhando-se em todas as direcções, levando consôlos, aconselhando coragem, exemplificando paciência e prègando a resignação como veículo principal para se chegar à perfeição, onde só impera o amor e a paz da consciência; assim como os que não são bons têm ocasião de dar largas aos instintos ainda atrasados. E não se suponha que estes são inteiramente e eternamente maus. Não. Em-

---

e abriu a segunda parte o Dr. José Joaquim Gaita que, num elevado improviso, proferiu uma palestra sôbre a excelência da doutrina espirita, da Caridade e da Solidariedade que deviam unir todos os humanos, sôbre as faltas que nos obrigam a reencarnar e a Infinita Bondade de Deus que não castiga nenhum dos seus filhos. Para Allan Kardec teve palavras sentidas de admiração e respeito.

Ao piano, D. Etelvina Magalhães tocou, depois, o «Miserere», da ópera «O Trovador», de Verdi, escutada com geral agrado, sendo muito aplaudida ao terminar.

Em seguida,a menina Graciete Melo disse a poesia de Júlio Dantas «O Médico e a Duquesa», em que demonstrou mais uma vez as suas excelentes qualidades de declamadora.

Seguiu-se D. Marieta Esteves, acompanhada ao piano pela Sr.ª D. Arlindina Zany, cantando «Luz Redentora». A sua voz foi muito apreciada por todos, pelo que recebeu muitas palmas e cumprimentos pessoais de alguns confrades.

A mesma pianista acompanhou, depois, ao piano, a menina Graciete Melo, que cantou «Milagre», sendo também muito aplaudida.

O Tenente Isidoro Duarte Santos proferiu em seguida uma palestra, também sôbre a vida e obras de Allan Kardec, durante a qual teve ocasião de apreciar em tôda a sua grandeza o trabalho fecundo do Mestre e os benefícios que, da doutrina por êle ordenada, resultaram para tôda a humanidade.

O Grupo Familiar n.º 1 cantou seguidamente mais um hino religioso, depois do que, durante dois minutos de silêncio, a assistência fez uma prece mental.

E assim terminou esta sessão solene que a todos deve ter deixado recordações indeléveis.

Os retratos de Allan Kardec foram desenhados pelo confrade Manuel Tavares.

quanto a êles próprios, têm de evoluír, mais vagarosa ou apressadamente, segundo o empenho que puserem na sua vontade de fazerem ou não fazerem actos que, perante a justiça e a moral absolutas, se possam considerar bons e que, como tais, a sua consciência intencionalmente os tenha ou pratique. Nos actos que a mesma consciência reprove, êles podem fazer bem; mas não são como bons contados no seu activo de progresso, porque não correspondem à deliberada vontade de progredir, nem ao desejo, de como bons os fazerem. Se não aproveitam, porém, a quem os pratica, podem aproveitar àqueles contra quem são praticados.

Um homem que aí na terra for mau, a morte trá-lo-á aqui ainda mau. Se êle põe em sincero propósito o desejo de emendar-se e melhorar, pode começar desde logo o seu pesado noviciado, resignando-se no seu sofrimento e predicando a resignação aos insofridos. Pode, no meio inferior e penível em que for lançado, procurar aconselhar, mover ao arrependimento e à prática de boas acções os que têm em sua volta; e à proporção que vai apostolizando e firmando em sinceras bases a sua obra de converso, vai progredindo, vai aliviando o pêso da matéria astral de que é composto o seu organismo. E assim como se vai aliviando êsse pêso, a matéria vai perdendo a sua densidade; e como perde a densidade, vai branqueando a sua côr, e de como branqueia a côr se eleva na escala da perfeição e ascende a regiões mais puras, mais elevadas, mais belas.

Mas se o homem, com o desengano que a morte deu às suas ilusões terrenas, ou com a raiva que os sofrimentos, provocados pelas más acções que praticou, lhe ocasionam, em vez de se arrepender e humilhar, se rebela e prossegue na via dolorosa dessas más acções, então, sendo mau para si, pode ser bom agente de aperfeiçoamento para os outros. Despenha-se na enorme legião dos anjos caídos, que a lenda chama demónios e vai, por êsses mundos fora, a desempenhar o papel de tentadores de almas. Aos avaros, tenta-os na riqueza; aos vaidosos, pelo vício que os domina, etc. A cada pessoa tenta pelas fraquezas que lhe conhecer. Entra-lhe na vida por todas as frinchas que encontrar abertas. Se a pessoa tentada, resistindo à sedução, expulsar de si e fechar, após a sua saída, a frincha por onde êle entrou, terá dado um largo passo na sua carreira espiritual e ao tentador uma áspera lição, que o desgostará e punirá; se, ao contrário, se entregar ao deleite da tentação e adormecer docemente embalado nos braços do tentador, grande mal terá feito a si e grande prazer terá dado ao grande inimigo que se quedará alojado na sua vida, como um parasita numa árvore indefesa: Não soube resistir. Não tinha ainda a perfeição moral necessária para condenar o que era mau.

Não suponha o leitor medroso que está desprevenido e sujeito a essas ruins tentações. Ao contrário, está muito bem armado para a sua defensiva.

Em primeiro lugar, e como bem armada cidadela, para defesa tem a sua consciência. É como sentinela vigilante da sua alma e ela se encarrega de dar o grito de alarme contra o inimigo, quando êle se aproxima. Depois, há o raciocínio para nos dizer o que é bom e o que é mau; há o instinto sensitivo e artístico para nos indicar o que é belo. Há a inteligência natural de todas as pessoas a desimpedir-lhes a compreensão e a aferir, por esta, o grau de responsabilidade nos actos que pratica.

Tudo isso são elementos naturais de defesa; são, permite-me a imagem, a guarnição própria e efectiva da cidadela. Há, depois, elementos adquiríveis, que podem ser poderosos ou fracos, porque são relativos e partem de causas mais indirectas e muitas vezes até independentes da vontade de cada um. São os que têm origem no meio em que as pessoas nascem e vivem: os que são oriundos ou supervenientes da educação; os que dependem do melhor ou pior equilíbrio da vontade e da razão; os que se tomam dos exemplos que na vida aí mais se ajustam ao modo de ser de cada pessoa; e, finalmente, há mais, como fôrças a apreciar, ainda que invisíveis à vista incauta, às diligências que os espíritos melhores e abnegados põem sempre em jôgo contra as tramas e rêdes dos espíritos tentadores. Estas diligências são ainda consoante o modo como as pessoas as recebem e aproveitam, dependendo, portanto, da vontade dos interessados o grau de eficácia que delas promanar.

Como se vê, tem cada indivíduo um bem provido arsenal defensivo; e só se deixa vencer pelo desprêzo a que votar todos os meios de reagir que Deus põe à sua disposição.

Não é fácil nem possível dar-se, em rápido bosquêjo, uma idea aproximada da vida extra-terrena. É infinitamente mais complexa e mais variada nas suas múltiplas manifestações do que aquela que aí conhecem e usufruem.

Se lhe faltam as exigências materiais e correlativos gazos e desprazeres, tem, incomparavelmente, mais cambiantes por que se aprecie. E nem a ilusão da vida terrena, com as suas materialidades, as suas preocupações, as suas dores físicas, os seus gozos sensuais, todos os seus defeitos morais, todos os seus tormentos, falta; e às vezes — ai de nós! — notavelmente exagerada.

Há de tudo na baixa materialidade, desde a sensação da fome e da sêde, insaciáveis nos glutões, de mêdo ao roubo nos avarentos de imagináveis tesouros; de ciúme nos ciumentos amorosos; da insatisfação de desejos nos viciosos; dos horrores da hora extrema nos suícidas e da persistência dos motivos que os levaram a tentar a libertação pela morte, até ao amor sensual, apaixonado e violento por pessoas que aí deixaram, ou que aí encontram, já depois de estarem aquí.

Há como que uma outra humanidade terrena que passa e vive junto de vós, que não vêdes, mas que muitas vezes sentis, que goza, vive e sofre convôsco. Ajuda-vos ou contraria-vos nas vossas coisas. Dá-vos inspiração, colabora nas vossas obras, guia os vossos passos, anima-vos ou desalenta-vos. Incita-vos nas vossas descobertas; corrige-vos nos vossos defeitos, ou explora-os, se lhes derdes azo a isso. São estas entidades invisíveis que conduzem muitas vezes os acontecimentos na vossa vida por modo a que chamais — o acaso — a providência — a fatalidade.

Estas denominações e outras equivalentes, que vos esfalfais em rebuscar para explicar factos em que verificais uma causal inteligente e apropriada, para que não concorrestes, não representam, senão o vosso implícito reconhecimento pela existência e pela acção do mundo invisível que vos rodeia. Êste mundo também não obedece ao acaso e à inconstância: segue leis que tendem a um fim: — o aperfeiçoamento da humanidade.

Empregam esforços combinados; têm acção estabelecida e cada individualidade tem a sua acção pró-

# Notas & Comentários

## «¿ Doutrina nova ?»

*Pelo* Mundo Espirita, *do Rio de Janeiro, tivemos conheciemnto de um artigo intitulado «Espirito», publicado no órgão da Federação Espirita Portuguesa e subscrito por António A. D. Veiga.*

*Logo no princípio e, decerto, para firmar doutrina — a tal «¿Doutrina Nova?», com que ladeia o título do artigo — diz que «o progresso do Espirito, atribuído vulgarmente ao próprio Espirito não passa de um êrro comum», «que só pode levar a falsas conclusões», «como quando se afirma que, nas vidas sucessivas da alma, êle se vai aperfeiçoando e progredindo com o tempo e a experiência».*

*O director de* Mundo Espirita *não esconde o espanto, em face de tão estranha afirmação, que pretende deitar abaixo um edifício milenário, construído a expensas da própria entidade que se quere excluir da lei de progresso continuo, atribuindo-lhe a essência e os atributos da Divindade.*

*Um pouco adiante, o articulista concede: «É também certo que o espírito da humanidade, hoje, é muito diferente e melhor que o espírito que presidia à vida do troglodita; portanto, há um progresso inegável no seu desenvolvimento. Mas, sendo impossivel admitir-se aperfeiçoamento no que já de si é perfeito, é errónea a doutrina do seu progresso».*

*Confessamos a nossa perplexidade e ignorância, em presença de semelhante filosofia, apresentada, assim, à queima-roupa, sem mais aquelas, pelo ilustrado sr. António Veiga, e não nos atrevemos a comentá-la, mesmo ao de leve, com receio de aumentarmos, ainda mais, a nossa confusão. Pois, não diz êle, linhas abaixo, que Espírito e Matéria, conjugados, criaram Deus, a vida universal: «conjugados, porém, os dois princípios (espírito e matéria) produziram um terceiro estado superior e independente — a vida universal — Deus»?*

*¿Como não havemos nós de ficar atordoados e confusos? ¡É assim como se nos dessem com um martelo-pilão na cabeça! Então, não andamos nós há tantos anos a estudar, a meditar, a verificar o constante desenvolvimento do espírito humano, para, agora, num instante, mercê do decreto do sr. Veiga, tudo ficar desmoronado, sem cura possivel? ¿Não andaram tantos escritores e pensadores e filósofos a esquadrinhar os arcanos da criação e o profundo e largo oceano da psicologia, para chegar a conclusões erradas, absolutamente infantis?...*

*¡Ora, não há!... Se a «Doutrina Nova» do sr. Veiga atribue apenas à matéria o privilégio da evolução, ¿como explicar a existência de génios em corpos disformes, anormais e funcionando deficientemente? ¿Como explicar os génios da antiguidade, visto que a matéria, nessa época, estaria certamente, muito longe, em perfeição, da matéria de hoje? E todos sabem que ninguém suplantou ainda, em sabedoria, os velhos Aristóteles, Sócrates e Platão...*

Quod est...

*Não fazemos conmentários ao que não tem comentário possivel. Só lamentamos que esta «Doutrina» seja propagada no órgão duma Federação Espirita, com responsabilidades doutrinárias.*

*«Se é nova doutrina que se pretende lançar, — como diz* Mundo Espirita *—, que se previnam os espiritistas, sem se esquecerem de que há nos Evangelhos do Senhor uma advertência que diz:* Haverá falsos Cristos e falsos profetas...»

## «Vão lá entendê-los...»

*É assim que a* Região de Leiria *intitula um artigo de referência a certa fita cinematográfica e de crítica a certos críticos da fita. Tratava-se, nada mais, nada menos, que duma fita de combate ao Espiritismo, engendrada na América por doutores da mula russa que ficaram anchos ao ver quatro basbaques aplaudir a burundanga.*

*A coisa é fácil... E vai daí, toca a simular os fenómenos e a demonstrar a fraude mediúnica, com sencerimónia absolutamente americana e completo desprêso pela inteligência dos espectadores.*

*«E no écran — escreve a* Região de Leiria *— foi passando o filme, que cabalmente satisfez a quási totalidade dos assistentes, muitos dos quais não acreditavam, acreditam, nem jámais acreditarão na existência e na manifestação dos espíritos — mas têm mêdo dêles, como se o que não existe atemorizasse alguém.*

*«Verdade diga-se, — continúa — que há pessoas descrentes dessas coisas que, ao cair-lhes em casa desarranjo nervoso, desafinação mental, alucinações visuais ou auditivas, estalos em móveis e nas paredes, deslocação de objectos sem contacto, levando às vezes sua bofetada, sem verem nem saberem donde vem, — essas incrédulas criaturas vão ou mandam a lugares onde supõem poder existir explicação e remédio, a saber se aquilo serão espíritos e se os não poderiam mandar embora, como quem enxota incómodos mosquitos. Mas que façam isso, sem que o público saiba,*

---

pria. Trabalham todos para a mesma resultante, seja qual for o modo como trabalhem e o fim, aparentemente divirgente, de cada um.

Assim como podem aí os homens amar-se ou guerrear-se, que isso não influirá na lei que regula a rotação da terra, e a terra pode tremer ou arrazar-se, que êsses factos não terão influência na lei que faz gravitar os mundos e germinar a vida, assim a humanidade, aí e aqui, pode actuar como à sua vontade aprouver, que isso não impedirá que continue a existir, dentro da lei que o Criador lhe assinalou no Universo.

*(De «O País da Luz», de Fernando de Lacerda)*

# A BEM DOS HOMENS

por Pedro Cardia

AS doutrinas néo-espiritualistas cujos princípios derivaram directamente de deduções provocadas pela observação e análise da natureza intrínseca de fenómenos complexos que revelam à evidência uma manifestação transcendente do Espírito, embora em fases diferentes de evolução, levam-nos à adopção de preceitos de ordem social que são a lógica seqüência do enunciado dessas mesmas doutrinas.

Assim, encontramo-nos em face da premissa de que, pela sua essência espiritual, o homem se acha ligado aos outros homens por laços de solidariedade que os seus instintos egoistas não podem fazer romper e que nos impõem deveres indeclináveis como sejam o de assegurar a cada um, pelo esfôrço comum, conjugado sinèrgicamente, um mínimo de confôrto a que todos têm direito pelo facto mesmo de terem nascido.

Na época de desvairamento que estamos atravessando, ante o ciclópico gládio a que assistimos consternados, e que revela o máximo de inconsciência e a completa ignorância da natureza espiritual do homem e da sua posição no mundo. cumpre-nos a nós, que profundamente convencidos estamos dessas realidades espirituais, como as únicas subsistentes, pugnar pela aplicação prática no campo social dos princípios que nos orientam, a-fim-de contribuirmos com a nossa quota parte para melhorar o mundo em que habitamos.

Ora não nos parece que fôsse muito difícil melhorar as condições da vida, se desenvolvêssemos uma propaganda intensiva no sentido de garantir a cada um êsse mínimo de bem estar que, traduzido em dinheiro, representaria dada quantia diária, como e expressão do «Direito à Vida».

E calculada essa quantia, estabelecer-se-ia uma taxa experimental que caberia pagar a cada indivíduo para garantia dêsse mínimo, até que os elementos estatísticos permitissem estabelecer a taxa actuarial prevendo tôdas as contingências a que possa estar sujeito, impeditivas da valorização do seu esfôrço próprio, mas tendo sempre em linha de conta que aqueles que realizam proventos muitas vezes superiores ao mínimo indispensável, deveriam pagar tantas vezes essa taxa, quantas vezes os seus rendimentos fôssem divisíveis pela quantia por que se traduzisse o «Direito à Vida».

Estamos certos de que a constituïção de uma associação mutualista com esta finalidade conquistaria ràpidamente as maiores simpatias e poderia influenciar o início de um movimento de solidariedade que os próprios Estados poderão porventura fomentar no futuro, numa alta compreensão da sua função orientadora da vida social dos povos, para satisfação das suas justas necessidades.

Que esta sugestão, a bem dos homens, seja compreendida e perfilhada por muitos, são os nossos votos sinceros.

E seria com imensa satisfação que veríamos cerrar fileiras em torno desta idea, os que sinceramente sentem como nós o indeclinável dever de solidariedade que deve ligar intimamente todos os homens, para com êles sermos arautos do Bem, armados em Cavaleiros da Paz.

---

Eu creio que o fenómeno mais saliente e que milita mais em favor da reencarnação é o dos calculadores-prodígios, entre os quais as crianças de 3 a 7 anos.

*Engenheiro Giuseppe di Giorgi*

---

*por causa do ridículo da censura, pois tinha que vêr a sr.ª D. Fulana e o conceituado D. Beltrano terem em si próprios ou na família mais espíritos do que aqueles que Deus expressamente criou, quando os seus humanos progenitores lhes facultaram a vinda ao mundo.*

*«Ficaram, pois, satisfeitos os freqüentadores de cinema nessa noite, com tão invulgar filme e, como lá estávamos, podemos estampar uma das frases mais reveladoras de tal satisfação, da inteligência e, certamente, dos profundos conhecimentos da matéria, que possue o espectador que a proferiu:* É aquilo mesmo. Isto de espíritos e de Espiritismo não passa de uma intrujice.

*«De facto, o que se exibia no* écran *era uma completa, grosseira e descabelada intrujice».*

*E, depois de citar várias opiniões de sábios, como Crookes, Lombroso. Morgan, Zoellner e Ochorowics, conclue:*

*— ¡ Vão lá entender os doutores!... Os da* fita, *atribuem tudo à prestidigitação; êstes, de quem transcrevemos os depoïmentos, doutores de ciências e altas academias, dizem que há espíritos e que se manifestam no mundo físico».*

*É preciso que os néscios saibam que o Espiritismo não se destrói com...* fitas. *Quanto ao resto, tão párvulo é quem engendra o aleijão, como quem no exibe. O público, a-final, é quem menos culpa tem da* beberagem, *embora lhe sinta, de certo modo, os efeitos. Bem andou, pois, a* Região de Leiria, *pondo a calva à mostra ao charlatão. Nunca as mãos lhe dôam. A pedra, a quem toca...* — I. D. S.

# Potencialidade amorosa

(Tradução de I. D. S.)

pelo médium Ernesto Pérez Méndez

ERNESTO PÉREZ MÉNDEZ

*Ernesto Pérez Méndez é, talvez, o médium peninsular que mais vasta obra tem produzido. O seus trabalhos inéditos vão muito além de uma centena, incluindo escritos filosóficos de alta transcendência, romances, contos, diálogos, peças teatrais, artigos jornalísticos, etc., etc. O que hoje publicamos foi-nos enviado pelo próprio médium e pertence a uma colectânea de vinte e cinco contos, intitulados «Antorchas» (Luzeiros), escritos com intuitos morais e de propaganda espírita.* Estudos Psíquicos *alarga, assim, a lista dos seus colaboradores e procura ventilar todos os assuntos de interêsse, dentro do programa traçado.*

*Pérez Méndez resolveu participar da nossa obra e nesse sentido já nos enviou alguns artigos, que publicaremos, de harmonia com o espaço de que dispusermos.*

*Grande alma e grande amigo, está incondicionalmente ao nosso lado, no louvável desejo de bem servir.*

*«Potencialidade amorosa» encara um problema moral interessantíssimo e demonstra a necessidade de evolução espiritual, a que todos os sêres estão subordinados.*

*Bemvindo seja, pois, o confrade Ernesto Pérez Méndez.*

---

O amor, meus caros leitores, é uma paixão que nos afasta cada vez mais da animalidade, aproximando-nos da espiritualidade, dêsse amor do próximo, desconhecido das gerações primevas e que só à custa de dôres e sacrifícios foi conquistando o coração da humanidade. A amor do próximo é o mais puro dos amores.

O lar foi o seu primeiro alicerce. Com a constituïção da família, se atingiu o amor do próximo, e as almas encheram-se dessa virtude sublime, que tanto e tanto nos eleva.

¡Bemdito seja o amor, leitor amigo! Queira Deus que êle nasça na tua alma, mercê do teu esfôrço e vontade própria, pois só tu o poderás conseguir, visto que em ti êle tem o seu princípio fundamental.

Pôsto isto, vamos começar o nosso conto, alheio ao amor material, necessidade orgânica tão mal dirigida e encarada, sabido que essas deshonestas uniões se realizam, quási sempre, á margem do amor. O materialismo invadiu os lares, onde o amor ponti-ficava, transformando-os em qualquer coisa que não queremos nomear...

* * *

Adoração tinha trinta e cinco anos e encontrava-se no jardim dum vetusto palácio. Passeava muito abatida e preocupada. De vez em quando, parava, a contemplar as flores, sem lhes prestar atenção. É que, estando junto delas, o seu espírito vogava a grande distância do local.

¿Em que pensará? É necessário desvendá-lo, para irmos desenrolando a trama do nosso conto.

Está preocupada, porque a sua alma se deixou empolgar pela mais bela paixão da vida: o amor do próximo.

Nos primeiros anos da sua mocidade, quási ainda criança, teve um noivo a quem muito quis, mas não foi correspondida, visto que êle fôra dominado por

grosseiros sentimentos, em obediência às solicitações da matéria.

Guiada pelo amor do próximo, transformou o velho casarão em asilo, em condições de albergar trinta velhos e vinte e cinco crianças. Dêste modo, passava o tempo ocupada na administração da casa, prodigalizando carinhos aos pobres albergados.

Adoração não olhava a gastos, nem a sacrifícios, tal o entusiasmo que punha na sua obra meritória. Para ela, não existiam mais ilusões no mundo, do que tratar dos seus protegidos.

O pior é que os gastos aumentavam e as admissões deminuiam, sendo esta a causa da sua preocupação, pois chegava, até, a prescindir do mais necessário.

Dia e noite trabalhava no asilo, pondo tudo em ordem, para que nada faltasse; e, com esta prática de caridade, tornara-se mais sensível e gozava, exercitando o bem.

Encontrava-se, pois, no jardim, muito preocupada, porque as despesas haviam aumentado tanto, que os seu rendimentos não chegavam para as cobrir e sabia, por experiência, que lhe era impossível abrir a porta a mais asilados.

Êste pensamento fazia-a sofrer imenso. Pressentia que muito em breve teria de recusar a entrada a algum desgraçado e não podia conformar-se. O seu amor abrangia todos os semelhantes e era bem diferente daquela paixão amorosa que dedicara ao noivo, no despertar da adolescência.

Nesta conjuntura, interrogava-se muitas vezes, na ânsia de resolver o intrincado problema, e as lágrimas assomavam-lhe aos formosos olhos negros e o peito se lhe enchia de angústia.

— ¿Que devo fazer, meu Deus? ¡Isto é. espantoso!... ¿Como renunciar aos meus amores? ¡Quero-lhes tanto, tanto!...

E passeava e passeava pelo jardim, dir-se-ia animada de misteriosa fôrça. Parou junto duma roseira, para admirar as flores, mas lembrou-se, repentinamente, da capela do seu velho castelo e dum retábulo antigo que nela havia e no qual o seu avô costumava falar, encarecendo-lhe o valor artístico.

— ¡Ah! Talvez possa arranjar as coisas — murmurou —. Sim, sim. Devo vendê-lo. Primeiro, quero informar-me acêrca do seu valor. Não, não. As rosas indicaram-me o caminho. Ao contemplá-las, pensei na capela, porque, muitas vezes, em pequena, lá fui levar flores, para a ornamentar. Êsses tempos eram melhores. No meu castelo, tudo sobrava. De vez em quando, abria-se a capela ao público. Os meus avós tinham em casa dois velhos sacerdotes, que todos os dias diziam missa e pediam pelos desgraçados. Hoje, já não há nada disso, porque eu não desejo o supérfluo. ¿Estarei errada no modo de proceder? Não, não. Os meus antepassados pediam misericórdia para as necessidades; mas eu pratico-a. Não há dúvida de que lhes foi concedido o que pediam com tamanha pompa e toque de sinos.

«¡Que tonta que sou! ¿Porque relaciono isto com aquilo? Irei à capela, para vêr como está o retábulo. ¡Que pateta! Agora me lembro de que a transformei em dormitório dos meus nénés e, por sinal, muito me criticaram as raparigas da terra. ¡Pouco me importou! A-pesar disso, continuo a estimá-las e tratá-las-ia como aos asilados, se, porventura, um dia se vissem em igual situação. Mas a capela e o retábulo estão no dormitório. Vamos lá, que a situação não quere demoras. ¡Vamos! ¡Vamos!»

Dirigiu-se à capela, convertida em amplo dormitório; e, logo que chegou perto do retábulo, olhou-o com curiosidade, como quem abriga risonha esperança. Estava ela, porém, no auge do entusiasmo, quando se aproximou uma pessoa, de maneiras algo estranhas:

— Adoração, ¡muito trabalho tive para te trazer a êste lugar!

— ¿Quem é o senhor?

— Não te alarmes. Sou um espectro...

— ¿Que brincadeira é esta? — exclamou a rapariga, num mixto de admiração e de receio.

— Não é brincadeira. Conheço as tuas preocupações e trato de remediá-las.

— ¿Por onde é que o senhor entrou?

— Pela porta por onde entraste.

— ¡É impossível!

— ¿Que tem isto de particular? Sou um sêr espiritual que, pela fôrça das circunstâncias, se encontra ligado à tua obra.

— ¡Vá-se embora daqui! ¡Não o autorizo a permanecer neste lugar!

— ¡Espera um pouco! ¡Peço-te!

— ¡Não, não!

— ¿Que motivos te dei para isso? ¿Julgas-me um atrevido que te pretende molestar? Estás enganada. Eu não pertenço ao mundo material. Vivo a vida espiritual. Há 79 anos que abandonei a terra.

— ¡Não esteja com divagações!

— Peço-te que me atendas. Logo que me escutes, afastar-me-ei, da mesma forma por que me acerquei de ti.

— Então, diga o que deseja.

— Pouca coisa. Escuta. A minha vida foi tempestuosa e só com grande sofrimento a modifiquei, a pouco e pouco. Hoje, encontro-me relativamente aperfeiçoado e sou mensageiro de amor que vagueia pelo espaço, praticando a caridade e por esta razão vim a êste velho palácio, para consolar os agonizantes e dar-lhes a luz necessária, com o fim de lhes mostrar como podem progredir na vida espiritual. Gosto de receber os que chegam daí, porque alivio as suas amargas dôres, motivadas pela falta de razão.

«Não te assombres, Digo-te a verdade. O meu corpo é aparente, não contém matéria. Toca-o, se quiseres, e fá-lo sem temor. ¿Não queres?

— Não posso acreditar nas suas palavras.

— Olha bem para mim. Presta atenção. Um só momento.

A figura elevou-se, lentamente, e Adoração assistiu ao fenómeno, verdadeiramente assombrada. Era tal a sua impressão, que tremia como varas verdes.

— Não te assustes. Serena-te e acalma-te, minha filha, minha irmã em delicados sentimentos. Só duas palavras.

«Inspirei-te a idea de vender o retábulo da tua capela, idea que logo aceitaste, porque o amor do próximo te purificou a alma. Êste objecto tem pouco valor. O meu fim era trazer-te aqui. Olha, levanta essa tábua.

— ¿Que tábua?

— A que está à tua direita, perto da imagem de Jesus-Crucificado.

— ¿Esta?

# Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

## «Como meu filho provou a sobrevivência»

A senhora M. Y. Vickerman, presidente do Centro espirita Wibsey, de Bradford, publicou um depoimento interessantíssimo no semanário inglês *The Greater World*, em que se prova, mais uma vez, a sobrevivência. Esta senhora, há perto de meio século que faz experiências psíquicas. embora só há trinta anos tenha pensado a sério nas coisas do Além. A narração que se segue refere-se à época em que ela trabalhava com uma amiga dedicada que sofria duma chaga no tornozêlo, pouco mais ou menos da largura de um xelim.

— «Uma noite, quando ia deitar-me — diz a senhora Vickerman — parecia-me estar a suceder alguma coisa de extraordinário no ângulo do quarto. Olhando melhor, distingui a forma de um homem na escuridão. Bem apessoado, usava uma espécie de pele manchada que lhe descia abaixo dos quadris. A seus pés, uma tijela com líquido efervescente, para dentro da qual êle parecia lançar hastes de papoila e fôlhas semelhantes às da malva dos pântanos. Quando o líquido arrefeceu, banhou com êle o tornozêlo, onde notei uma ferida precisamente igual à da minha amiga».

Na manhã seguinte contou o facto à amiga, a qual resolveu fazer tratamento igual. O que é certo é que ficou inteiramente curada. Quinze dias depois, já não tinha vestígio algum de ferida no tornozêlo.

Esta experiência decidiu a senhora Vickerman a estudar ciências psíquicas, tornando-se espirita militante. Desde então, muitas visões e símbolos se lhe têm apresentado. É uma dessas visões que ela vai contar, tão gravada lhe ficou, para sempre, na memória, além de lhe fornecer a prova incontestável da sobrevivência.

— Essa visão apareceu-me na noite de 25 de Abril de 1937. Meu filho, desencarnado havia quatro anos, devia ter feito 29 anos nesse dia. Deitara-me um pouco triste, pensando nos aniversários que costumava festejar.

«Após o primeiro sono, fiquei acordada por longo tempo. Às quatro e meia da manhã, apagou-se, automàticamente, a iluminação pública e o meu quarto ficou em semi-escuridão. Notei logo um ruído especial e um anel de luz girante iluminou o aposento. Depois, as formas espirituais começaram a desenhar-se gradualmente, estabelecendo círculos iguais aos que as crianças fazem, quando brincam. Nesses círculos, vi meu filho e sua espôsa, que falecera, com o filhinho, cinco meses depois do marido: vi minha mãi, desencarnada há 14 anos; vi meu pai e outros parentes, emfim, verdadeira e feliz união familiar, como no tempo em que eram vivos da Terra.

— «¿Que significa isto, meu filho? — preguntei.

— «Hoje é dia do meu aniversário e por isso estamos contentes. De-certo, não se esqueceu...

«Entretanto, cantava alegremente, um passarinho.

— «¡Que bela canção da aurora! — pensei.

«A seguir, disse a meu filho que não me esquecera e por isso lhe trouxera algumas rosas, que lhe entreguei. Pegou nelas, elevou-as à altura do rôsto e exclamou:

— «Sete são esplêndidas. Não devia ter-se incomodado. Neste tempo do ano são raras, mas recuperá-las-á em breve».

Quando se desfêz a visão, a senhora Vickerman, olhou para o relógio: eram cinco horas e dez minutos...

Mais tarde, veio a confirmação da experiência.

---

— Sim. Não tremas. Já te disse que sou mensageiro de amor e que não pertenço ao teu mundo.

— Está bem. Mas eu não tenho fôrça. Não posso...

— Acalma-te. Faz esfôrço com as duas mãos.

— ¿Assim?

— Sim.

A tábua soltou-se do lugar onde estava pregada e a rapariga sentiu emoção desagradável.

— ¡Por Deus! ¿Que é isto? — exclamou, assustadíssima.

— ¿Não vês que é um esqueleto?

— ¡Que horror!...

— Acalma-te. É o envólucro de um sêr humano, que aí viveu noutra época. Debaixo dêsses ossos fossilizados, encontrarás o de que necessitas para atender às despesas do teu asilo. Leva-o, sem receio. Tôda essa riqueza me pertenceu. Adquiri-a com grande trabalho e enterrei-a no altar do meu corpo, antes de me sepultarem. Fui teu bisavô e sou, como disse, o teu inspirador.

«O lugar de perfeição que ocupo, consegui-o, praticando a caridade. Depois de ter acompanhado a vida de muitos avarentos, decidi-me a mudar de rumo.

«A tua alma é elevada. Por isso mesmo, libertou-se de novas e dolorosas provas. Sentes em ti o amor dos amores. ¡Bemdita sejas!... E eu, inteiramente livre, agora, do pêso do passado, vou para outros mundos de maior prazer.

«Nunca te esqueças de que só a dôr pode resgatar os erros produzidos pela insensatez. Foi a dor que fez nascer em mim os mais belos sentimentos.

«Prossegue na tua faina, Adoração, que és uma alma bondosa!

Certo médium, desconhecido da articulista, visitou o Centro Wibsey e fez entrega de uma rosa, obtida por *apport*, com a seguinte mensagem:

«Mãi, esta é a primeira rosa».

Note-se que o médium nada sabia acêrca da visão. Da mesma forma, a senhora Vickerman obteve as restantes seis. A última mensagem dizia:

«Esta é a última».

## Congresso de jornalistas espiritas brasileiros

Já nos referimos a êste Congresso e publicámos o título das teses ali apresentadas e bem assim o nome dos seus autores. Acompanhámos os congressistas, através de *Mundo Espirita* e *Revista Espirita do Brasil*, e ficámos satisfeitíssimos com a elevação que pairou na discussão de todos os assuntos. Os jornalistas espiritas brasileiros estiveram à altura da sua missão, demonstrando que há muito a esperar do seu bem ordenado esfôrço, em benefício duma causa, cujos adeptos se contam por dezenas de milhões em todo o mundo.

Na impossibilidade de relatar, pormenorizadamente, as sessões do Congresso, queremos, todavia, arquivar aqui as conclusões aprovadas, como homenagem àqueles ínclitos confrades. Por elas se avalia o progresso do Espiritismo em terras de Santa Cruz.

Os jornalistas e escritores espiritas do Brasil, reünidos no Rio de Janeiro, por ocasião do 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espiritas, resolvem:

1.º — Declarar que, amigo da Ordem e da Paz, empreendedor e realizador, o Espirita é tão patriota e tão digno como os que mais o sejam dentro do conjunto de homens que constituem a Pátria, a qual não é por êle tomada apenas no sentido geográfico, no seu esfôrço de mantê-la bem alto no conceito dos povos, dos quais se reputa irmão, pela origem e pela finalidade, ocorrendo-lhe, porém, o dever a que não fugirá, e nunca fugiu, de defendê-la por todos os meios, quando ameaçada nos seus direitos, quaisquer que êles sejam.

2.º — Sugerir, preconizar, recomendar a organização, no Rio de Janeiro, de uma associação de jornalistas e escritores espiritas, na forma que fôr julgada mais viável e eficiente, para o fim de promover e intensificar o intercâmbio de jornais e revistas e do noticiário referente ao movimento espirita no Brasil. Organizada essa Associação, o actual Congresso entregar-lhe-á tudo quanto ao mesmo se referir, incumbindo-lhe manter a exposição de jornais, organizar os futuros congressos e fazer imprimir os anais do actual.

3.º — Recomendar conjuguem esforços, não só os jornalistas, que devem ser os orientadores da opinião pública, como também as melhores organizações espiritas, no sentido de que não seja permitido pelas autoridades públicas a organização de agremiações espiritas que pretendam fazer sessões públicas, sem que os seus dirigentes sejam julgados idóneos, intelectual e moralmente, e como tal reconhecidos no meio espirita e no conceito público pelo seu passado.

4.º — Recomendar o emprêgo de esforços para que aqueles que têm a seu cargo a divulgação da doutrina, não só nos jornais e revistas pertencentes às associações espiritas, como nas colunas dos jornais ecléticos, se limitem, tanto quanto possível, aos postulados da mesma e às suas obras basilares, esforçando-se todos para que não haja guarida nos jornais para campanhas deprimentes, nem para colaboração prejudicial. Para selecção dos colaboradores espiritas na imprensa, recomenda aos jornalistas espiritas o registo, no Serviço de Identificação Profissional no Departamento Nacional do Trabalho, como «jornalistas profissionais», permitido pelo Decreto-lei n.º 1.698, de 23 de Outubro do corrente ano (1939) já regulamentado pelo Ministro do Trabalho, conforme portaria publicada no Diário Oficial.

5.º — Concluir que o Espiritismo, tal como é praticado e compreendido no Brasil, orientado como se acha pela codificação Kardeciana e servindo ao Evangelho, na difusão das leis do Amor, do Perdão e da Caridade, colimando a Fraternidade, para o que não se pode traçar limites à sua evolução, não pode deixar de ser encarado no seu triplice aspecto — científico, filosófico, religioso — e, como tal, se torna digno do respeito dos homens e merecedor do mesmo acatamento que a imprensa dispensa aos demais ramos filosóficos e credos religiosos.

6.º — Afirmar que a terapêutica dos Espiritos, posta em prática através dos médiuns, não colide com o exercício da medicina ou da arte de curar, nem o molesta, sendo, antes, exercida para fins nobilitantes, e não constitue, por isso, dada a sua gratuïdade, crime ou contravenção, ou, ainda, exercício ilegal da medicina.

7.º — Afirmar que o espirita, exercitando-se, científica, filosófica e religiosamente, na investigação de sua origem e finalidade, difundindo os princípios filosóficos da sua crença, ou exercendo a caridade evangélica, pelos múltiplos meios ao seu alcance, educando, confortando, socorrendo, exerce um direito legítimo, que não fere nenhum princípio de ordem social e não incide em qualquer sanção penal, que não existem nos códigos brasileiros, salvo aquêle que, ultrapassando as fronteiras do direito assegurado, se torna nocivo ao bem público.

8.º — Resolvem, ainda como demonstração de acatamento e respeito à ilustrada classe médica do país, notadamente aos psiquiatras, recomendar-lhes o estudo do Espiritismo, que, longe de os deshonrar e à Ciência, mais os engrandecerá, colocando-os ao lado de notáveis cientistas estrangeiros que com o assunto se têm ocupado.

9.º — Consignar seus aplausos às instituïções que da instrução e da educação têm cuidado, organizando escolas, asilos, cursos e conferências, e apelar para os mesmos espíritos no sentido de conjugar esforços para maior distribuïção da instrução e da educação nos centros espiritas, preparando uma sociedade que compreenda o Espiritismo nos seus três aspectos, como repositório e síntese das leis divinas e humanas e não apenas como veículo de consolação para as dôres físicas.

10.º — Concluem, finalmente, que os espiritas devem envidar esforços para pôr o Esperanto ao serviço dos altos ideais do Espiritismo e sugerem que os jornalistas e escritores espiritas sejam os primeiros a dar o exemplo de aprender e ensinar Esperanto em seus grupos e associações, de maneira que possam formar, quanto antes, o corpo de redactores necessários a uma revista espirita de Esperanto.

## Psicometrias e curas a distancia

A *Psychic News* de 3 de Fevereiro último narra fenómenos interessantes e curiosos atribuidos ao médium A. J. Steabben que, há cêrca de 16 anos, tem aplicado as suas faculdades em curas a distância, muitas vezes beneficiando doentes que nunca viu.

Os seus diagnósticos psicométricos costumam ser tão exactos, que uma vez recebeu certo questionário da Jamaica, a que deu resposta, devolvendo-o ao remetente, que ficou altamente surpreendido ao verificar que a resposta lhe não dizia respeito, mas sim a seu pai, por quem havia sido escrito o questionário. Quere dizer: o consulente enganou-se, remetendo o questionário doutra pessoa, em vez do dêle próprio; o médium, porém, não se confundiu e pôs-se em *relação psiquica* com o verdadeiro autor do documento, embora êste último não estivesse assinado.

Steabben e os seus guias já têm sido vistos, clarividentemente, pelos doentes, quando o médium se concentra nêles, embora êste não tente, nessas ocasiões, projectar o corpo astral, limitando-se a elevar a Deus intensos pensamentos, no sentido de obter as curas.

Um dia, chegou tarde à sessão e diferentes pessoas viram o corpo astral do médium subir a escada, antes dêle chegar ao edifício. Uma delas até abriu a porta e não encontrou ninguém.

Antes da Grande Guerra, já êle se interessava pelo Espiritismo. A própria vida lhe foi salva nas trincheiras, graças às suas faculdades psíquicas. O seguinte caso é de-veras edificante:

Estava para entrar num confortável ninho de metralhadoras, quando viu uma forma espiritual que o aconselhou a retroceder. Contou o fenómeno aos seus companheiros, mas êles não fizeram caso, achando loucura ficar cá fora ao frio. Uma hora depois, o esconderijo era atingido pelas granadas e os pobres soldados voavam em pedaços.

Steabben era muito amigo do famoso médium Alfredo Vout Peters, a quem descreveu uma velha afectada, chamada Ann, com um livro de orações na mão. Peters declarou que tinha uma tia dêsse nome, mas de carácter oposto e que nunca fôra à igreja. Pouco tempo depois, Steabben contou o caso à espôsa, que, por sua vez, lhe pediu que repetisse melhor a descrição. Satisfeito o seu desejo, exclamou:

— Eu tive uma tia Ann que me deu um livro de orações, quando fui à comunhão. Ainda o tenho.

Em determinada sessão, Steabben mencionou um nome que não podia ser revelado e fez uma descrição considerada incompleta. Em seguida, citou um livro, indicando o lugar onde êste se encontrava, na estante de certo assistente, e sugeriu que, no livro, devia haver qualquer indicação acêrca da identidade do espírito. O livro foi encontrado no lugar indicado. Dentro dêle estava uma carta do espírito manifestante, pelo que foi, imediatamente, identificado.

## ¿Terêsa Neumann não morreu?

Muitos jornais europeus noticiaram o falecimento de Terêsa Neumann, a estigmatizada de Konnezsreuth, analisada, freqüentemente, por médicos e eclesiásticos, sem que uns e outros conseguissem surpreendê-la em fraude. *Match*, o grande hebdomadário parisiense, inseriu um artigo, que *La Revue Spirite* transcreveu, no qual fazia o resumo histórico da estigmatizada, acabando por dizer que a sua vida se extinguira na primeira semana de Setembro último, sem proferir palavra e chorando lágrimas de sangue.

A-final, parece que a notícia não tinha fundamento. É o que se depreende da carta enviada por Guimel à citada revista e que, a seguir, transcrevemos:

«Não, Terêsa Neumann não morreu. A falsa notícia faz parte da campanha de mentiras do Reich e prova, mais uma vez, que se não deveria acreditar no que anunciam os alemãis.

«Logo que a notícia me chegou aos ouvidos, pareceu-me suspeita e escrevi a «Dorola», que eu sabia em correspondência permanente com Terêsa Neumann e o Cura Naber. Eis o que êle me respondeu:

«*3 de Outubro de 1939*. ¡Não, Terêsa Neumann não morreu! São sempre os mesmos absurdos que fervilham nos jornais e noutras partes. As últimas notícias *directas* recebidas são de 3 de Setembro e *tudo ia bem* (maneira de falar). Portanto, deve desmentir a notícia. E se alguns falam em 8 de Setembro, como data da sua morte, envolvem esta balela em tais circunstâncias, que estabelecem, automàticamente, a prova nítida da mentira.

.....

«Salta, pois, aos olhos que, se Terêsa anunciou ao supersticioso Hitler que êste morreria um mês depois dela, êle não a teria mandado matar, após a ter enviado para um campo de concentração...

Há cêrca de quinze dias que uma das minhas amigas foi a Bâle e ali viu uma carta de Terêsa Neumann dirigida a uma senhora daquela cidade.

«De resto, o bispado de Konnesrsreuth desmentiu há pouco a notícia desta morte».

## Sessão curiosa. A cada um o seu chapéu...

Ernesto W. Oaten fez, há pouco, em *The Two Worlds*, o relato de curiosa sessão com o médium Walter, muito conhecido em Inglaterra e ao qual os jornais da especialidade têm feito inúmeras referências. A bela revista *Constância*, de Buenos Aires, transcreveu a notícia do original inglês e nós trasladamo-la de *Constância*.

«O jovem Walter nunca realizava sessões na obscuridade, mas sim em plena luz. Na sua presença, vi e palpei luzes materializadas, formas, parcial ou totalmente materializadas, levitação de objectos com mais de 75 quilogramas, escrita directa sem contacto visível, à excepção da deslocação do lápis sôbre tôda a

superfície da mesa, escrita entre ardósias seladas, impressões de mãos e pés em farinha e argila de escultores, *apports*, etc.

«Mas a sessão mais curiosa, realizada por Walter, foi aquela em que havia catorze experimentadores à volta da mêsa, além de muitos outros assistentes fora do círculo.

«As portas e janelas estavam fechadas. Era noite de tempestade e chuva. Os homens tinham dependurado os sobretudos e os chapéus no vestíbulo e as senhoras haviam pôsto os seus noutra sala, em cima de vários móveis.

«Foi-nos pedido que experimentássemos em silêncio, durante alguns minutos. A seguir, a mesa ditou esta mensagem:

— Olhai para baixo da mesa.

«Todos olharam e viram um chapéu aos pés de cada assistente. E o que tem graça é que, cada qual, tinha na sua frente o próprio chapéu.

«Desafio quem quer que seja a distribuir os chapéus desta maneira, exactamente a cada um o seu próprio chapéu. Quando se preguntou ao espírito como pôde êle fazer tão curiosa distribuïção, respondeu que o fez, pelo conhecimento das auras. Nunca mais tornei a vêr semelhante fenómeno».

## Grandes faculdades curadoras duma mulher francesa

O caso vem referido no *Greater World* de 30 de Setembro de 1939. *Madame* Ana Desbordes é conhecidíssima em França como médium curadora e lê, sem jàmais ter aprendido o abecedário. Um dia, em fins de 1914, ficou maravilhada de poder ligar as sílabas e formar palavras com facilidade. Nesse tempo estava ela tuberculosa e teve a curiosa visão dum tribunal em que foi absolvida, facto que se veio a dar dezassete anos depois.

Em 1916-17, caiu de cama e recusou tomar alimentos. Deu-se, então, novo facto extraordinário na sua vida: curou-se, sem tomar medicamentos, simplesmente pelo poder supranormal.

*Madame* Desbordes iniciou em 1927 a sua missão curadora. Seu cunhado estava doente com pneumonia dupla. O estado de côma durava, havia quatro dias. Ela entrou, então, em cena e salvou-o, pela prece e pela imposição das mãos.

No ano seguinte, curou uma sobrinha parturiente, que estava em estado de inconsciência e sofria de meningite cerebral. Quinze dias bastaram para se operar o milagre, o que deixou boquiaberto o médico que a tratava.

O marido de *Madame* Desbordes proïbiu-lhe os trabalhos curadores. Um dia, porém, foi atacado de paralisia e consentiu que ela lhe fizesse imposições de mãos (passes magnéticos). Duas horas depois, as dôres haviam desaparecido e o doente conseguiu andar. Desde então, não mais se opôs ao exercício das faculdades curadoras da espôsa.

Em 1932, começou a romagem de doentes á casa de *Madame* Desbordes. Chega a tratar mais de cem por dia e a prever a data exacta das curas. Profetizou, também, o fim da guerra em 1918.

A Ordem dos Médicos de França moveu-lhe uma acção em princípios de 1933, por exercício ilegal da medicina. Compareceu no Tribunal e foi absolvida. O juiz, receando a classe médica, recusou o pedido da acusada, segundo o qual ela se propunha curar qualquer doente à escôlha do tribunal. Em virtude, porém, de milhares de testemunhos em favor da ré, o juiz foi obrigado a absolvê-la.

*Madame* Desbordes continúa a trabalhar e a exercer as suas faculdades curadoras, a ponto de muitas pessoas lhe atribuirem poderes milagrosos e sobrenaturais, sendo estimada por todos os que a conhecem, devido à sua humildade e veneração pelos sofredores.

## O Espiritismo e a Igreja Anglicana

*Psychic News* de 24 de Fevereiro traz uma notícia sensacional, com a promessa de a desenvolver, em números subseqüentes. Subordinado ao título «O Espiritismo é reconhecido pela Igreja» e ao sub-título «A Comissão secreta, nomeada pelo Cardial Primaz, reconheceu a sua veracidade, por nove votos contra três», Maurício Barbanell faz a história dos trabalhos da Comissão referida, com a autoridade que lhe dá o facto de haver lido o respectivo relatório.

Há cêrca de três anos, o Arcebispo de Cantuária nomeou doze individualidades de reconhecida competência para estudar os fenómenos do Espiritismo, depois do Rev. Maurício Elliot e o Dr. Underhill (actualmente bispo de Bath e Wells) terem exposto ao arcebispo de York a necessidade dêsse estudo. O arcebispo estava disposto a aceitar a sugestão, embora mais tarde declarasse ser indesejável que houvesse alguma prova experimental de sobrevivência.

O presidente da Comissão, que era o Dr. Underhill, que possue belas faculdades psicométricas e é muito prático em sessões espíritas, declarou à imprensa que os investigadores eram «homens e mulheres altamente qualificados para analisar e ponderar os factos» e que «o seu único objectivo era a descoberta da verdade».

O caso é que a verdade foi atingida, mas não revelada ao público, que aguardava ansiosamente os trabalhos da Comissão, sôbre os quais caiu... lousa de sepulcro. ¿E se o Espiritismo tivesse sido considerado mais uma patranha do século? ¿Que sucederia? É bem de vêr que se publicaria o relatório, com os mais significativos comentários..., pois a igreja anglicana combate a nossa doutrina, sempre que tem ensejo para isso. Há coisa de dois anos, por exemplo, o cónego Anson, um dos membros da Comissão, realizou certa conferência na União Espírita de Londres e os noticiaristas nada disseram a respeito, a pedido do arcebispado. A conferência intitulava-se: «As directrizes do Espiritismo na Doutrina da Igreja».

Pois o *Psychic News* trata do assunto com grande calor e entusiasmo, chegando ao ponto de escrever:

— Desafiamos o Arcebispo de Cantuária, Primaz de tôda a Inglaterra, a impugnar os factos que apresentamos. A isto, só poderá responder, com a publicação do relatório.

É claro que não devemos alimentar esperanças, quanto à publicação reclamada. Basta saber que a maioria da Comissão encara o Espiritismo com simpatia. Mais ainda: por haver «razões de estado» que se opõem a que o relatório abandone a cripta em que foi... encarcerado. Uma delas, baseia-se na pretensa heterogeneidade de opiniões reveladas, havendo, portanto, necessidade de investigações ulteriores...

Emfim, *Psychic News* promete não abandonar o assunto, que está assumindo grande curiosidade e in-

# PERISPÍRITO

por Manuel Tavares

ALMA, perispírito (ou corpo fluídico) e corpo material, eis a tríplice constituïção do homem. A alma, centro de tôdas as sensações e sede da inteligência, seria uma abstracção sem a existência do corpo fluídico — perispírito — que molda o corpo material e dirige tôdas as suas funções orgânicas, reconstituíndo, dentro das suas possibilidades, qualquer órgão atacado de lesão interna ou externa.

O perispírito é tão real como o corpo físico. Nas experiências de exteriorização da sensibilidade, essa realidade torna-se evidente, porque êle não está constantemente adstrito ao corpo material. Irradia em vários sentidos e é demonstrado pela *aura* estudada por Reichenbach, Boirac, Baraduc e Rochas. Em determinados casos e condições, pode transportar-se a distância, dando-se-lhe então o nome de duplo-etéreo. É o caso do taumaturgo Santo António — para não citar outros casos — quando, em Pádua, por ocasião dum sermão, ter aparecido em Lisboa para defender seu pai, acusado injustamente, e indicado o verdadeiro criminoso.

Nas aparições de fantasmas, é o perispírito que se torna visível captando do éter, e dos corpos dos sensitivos (médiuns), as partículas (ou o ectoplasma), necessárias para se tornar visível. No momento da morte do corpo material, é ainda o perispírito que os sensitivos vêem desprender-se da matéria e flutuar, por mais ou menos tempo, sôbre o leito mortuário.

As pessoas que têm a infelicidade de se lhes amputar um membro do corpo, sentem ainda durante algum tempo a sensação da existência do membro amputado, chegando algumas a sentir, por vezes, a dor que o membro doente lhes fazia sofrer, porque a perda duma parte do corpo físico não influe na integridade do corpo fluídico que continua existindo e transmitindo por algum tempo ainda, à alma, sensações que nêle ficaram impressas durante a vida e durante a doença ou o desastre.

Êsse corpo fluídico — ou perispírito, porque envolve o espírito ou a alma — desempenha na nossa existência um papel primordial. Êle não só dirige, como já dissemos, tôdas as funções orgânicas — tais como a respiração, a alimentação, a assimilação dos alimentos, a circulação do sangue e a eliminação dos produtos desnecessários ou nocivos à vida orgânica — como também nos garante, de parceria com a alma, da qual faz parte integrante, a nossa personalidade, não obstante de sete em sete anos, conforme já foi cientificamente provado, as moléculas do corpo material se renovarem e constituirem um novo corpo.

Êsse corpo fluídico é o produto de milhares de experiências adquiridas em outras tantas existências, desde o infusório até ao homem, desde a adaptação ao ambiente, desde a luta pela vida nas camadas zoológicas em que prevalece a lei do mais forte, até à expressão máxima do chamado homem civilizado. É êle que, na inconsciência da criança, a faz respirar e procurar o seio materno para se alimentar e nos mantém a vida, emquanto dormimos, fazendo-nos respirar. Êsse trabalho, depois de tantas lutas para o perispírito, tornou-se mecânico como tantos outros a que é chamado a presidir.

O perispírito é o traço de união entre o corpo e a alma; mas, quando os laços que o prendem à matéria se afrouxam, devido à doença ou á sensibilidade, contra as quais não pode combater senão até determinada altura, êle abandona então o corpo físico e sai dêle — como uma espada da bainha — por ter findado para a alma o tempo necessário para determinado progresso, expiação ou missão. E, como na Natureza *nada se cria e nada se perde,* o corpo desce ao laboratório da Natureza, e a alma, com o seu envoltório fluídico, retoma a sua liberdade, indo, portanto, cada um dêles para o meio que lhe é próprio. Se a matéria de que o corpo é constituído não deixa de existir e apenas, com a sua putrefacção — devida à ausência da alma — se transforma, ¿por que razão haveria de deixar de existir a alma? ¿Qual é mais importante e qual tem mais direito de existir: a alma ou o corpo?

Sendo a alma o repositório da inteligência, da memória, do afecto, da saüdade, como de tôdas as virtudes e vícios, sendo ela que comanda o corpo e lhe é soberanamente superior, ¿não terá mais direito de existir, que o corpo físico?

Para a alma, a morte não é senão a passagem dum estado a outro, dum mundo físico a um mundo etéreo, no qual os fluídos são tão rarefeitos que os nossos órgãos visuais são, duma maneira geral, incapazes de os divisar, como não divisam o fluido eléctrico que com tanta facilidade manipulamos, nem a evaporação da água, nem os gases que fabricamos, e apenas lhes sentindo os efeitos, por vezes bem terríveis e fatais.

Para quem fica na terra, a morte é a ausência do ente querido; mas se nos convencermos de que êle continúa existindo e sentindo o mesmo afecto que quando vivo, êsse sentimento de vácuo atenua-se, para dar lugar à esperança de um dia tornar-se a ver o ente querido que a Parca arrebatou; É essa esperança que os estudos psíquicos da actualidade se esforçam por fazer brilhar na alma da humanidade, encaminhando-a para melhores destinos.

---

terêsse para todos. Quanto a nós, acompanharemos os relatos do semanário londrino, certos de cumprir um dever, a que esta revista não pode faltar: informar bem os leitores.

Realmente, nomear uma Comissão de sábios para estudar determinada questão e «engavetar» o relatório pela mesma apresentado, é coisa digna de séria... meditação.

Seja como fôr, nada há oculto que não venha a ser conhecido, como se diz nos Evangelhos. Pretender negar a verdade aos olhos do século, quando ela teima em emergir do cáos, faz lembrar a madureza daquele bambino que queria extinguir o Sol, «com o apagador de lata duma igreja»...

# «Estudos Psíquicos» e a Imprensa

*Estudos Psíquicos* teve óptimo acolhimento, não só em Portugal, como no estrangeiro. A crítica foi unânime em reconhecer a nossa revista como elemento de grande utilidade na propaganda espirita. Isto se vê das transcrições, que passamos a fazer, de alguns jornais e revistas que nos visitaram. Verifica-se, pois, não ser errado o caminho que escolhemos. Os novos rumos que apontámos são, em verdade, os únicos que os espiritas devem seguir, se quiserem auxiliar e prestigiar a Causa.

Seguem as transcrições:

Do *Ideal Cristão*, de Lisboa:

Conquanto não tenha chegado a esta redacção o primeiro número da nova revista *Estudos Psíquicos*, — talvez por desculpável esquecimento da sua Direcção, — não podemos deixar de assinalar o seu aparecimento, como mais um baluarte na ofensiva que vamos movendo ao materialismo reinante.

Órgão do antigo Centro Espiritualista Luz e Amor, que reaparece no campo de acção após alguns anos de inactividade, êle apresenta-se pleno de interessantes artigos científicos — verdadeiros *estudos psíquicos* — e dum magnífico aspecto gráfico.

Aparte as *gralhas* tidas como apanágio das primeiras publicações, observa-se um meticuloso cuidado, não só na distribuïção das suas variadas secções, como na escôlha dos assuntos nelas tratados.

As nossas saüdações fraternais à nossa colega, à qual auguramos um futuro cheio de glória — E. R.

* * *

Do *Além*, do Pôrto:

Registamos com aprazimento e louvor a publicação da nova revista espirita *Estudos Psíquicos*, órgão oficial do *Centro E. Luz e Amor*, com séde na Rua 2 à Rua Pinto Ferreira, 8, 2.°, E., Lisboa.

É seu director o sr. tenente da Armada Isidoro Duarte Santos, figura de relêvo na imprensa espirita portuguesa, a quem foi confiada, há anos, a direcção dos órgãos da Federação Espirita Portuguesa — *Revista de Espiritismo* e *O Mensageiro Espirita* — de tradições gloriosas, infelizmente hoje ambos extintos, sem substituïção que valha ou compense aquela dupla perda para a cultura espirita portuguesa. Bemvinda seja, pois, *Estudos Psíquicos*.

*Estudos Psíquicos* tem como secretário de redacção e redactor-editor os srs. Dr. José Joaquim Gaita e Dr. Pedro C. Dias de Sousa, conceituados advogados em Lisboa, dois novos, tão competentes, como dedicados à causa espirita, já conhecidos e apreciados nas lides da imprensa espirita portuguesa, com quem devemos contar para a remodelação, depuração e prestígio do Espiritismo português.

*Estudos Psíquicos* apresenta-se admirável e proficientemente redigida, com secções variadas, interessantes e instrutivas, dentro duma orientação moderna e actualizada, tendo a colaborá-la a Velha-Guarda espirita portuguesa.

Sendo um facto incontroverso, de todos os dias, que o Espiritismo só acarreta dissabores e prejuízos aos seus elementos mais representativos, quando o sirvam com honestidade e dedicação desinteressada, aberta e lealmente, sem rebuços de qualquer espécie, devido à incompreensão dos seus princípios básicos por parte dos seus adversários e ao desconhecimento da acção fecunda e dominadora que o Espiritismo há de exercer na evolução espiritual da humanidade no próximo ciclo de civilização, quer pelo seu carácter científico e social, quer pelo seu aspecto humano e cristão, apraz-nos registar com incondicional louvor e aplauso a forma vibrante e sincera, franca e corajosa, como *Estudos Psíquicos* vinca dignamente a sua profissão de fé espirita. ¡ Que linda lição moralizadora, fecunda em ensinamentos, *Estudos Psíquicos* veio dar a todos aquêles que vão desfrutando o Espiritismo na satisfação das suas vaidades e interêsses, acobertando-se, nebulosa e encapotadamente, debaixo do pendão híbrido do «*Espiritualismo*»!

Bem haja *Estudos Psíquicos* pela sua profissão de fé espirita, sem embustes ou «ambages» que, obscurecendo o entendimento, conspurcam o sentimento de dignidade humana.

*Estudos Psíquicos* merece ser recebida de braços abertos por todos os espiritas sinceros e honestos.

A *Estudos Psíquicos* desejamos, desde já, tôdas as prosperidades e larga expansão para o prestígio e engrandecimento do Espiritismo português — J. C.

* * *

De *Luz e Caridade*, de Braga:

Recebemos o primeiro e segundo número desta interessante revista, órgão oficial do Centro Espiritua-

lista Luz e Amor, de Lisboa, e dirigida pelo distinto confrade sr. Isidoro Duarte Santos.

*Estudos Psíquicos* propõe-se defender e propagar as verdades neo-espiritualistas.

Gratos pela visita, com que nos honrou, saüdamos com cordialidade a nova colega com quem permutaremos, e fazemos votos pelas suas prosperidades.

* * *

De *A Rosacruz,* de Leiria :

Recebemos o 1° e 2.° números desta interessante Revista, publicada em Lisboa, contendo importante colaboração de carácter psíquico. Felicitamos o seu digno Director e distintos colaboradores, desejando feliz êxito à nova colega. Agradecemos a gentileza da visita e gostosamente permutamos.

* * *

De *Alvorada duma Nova Era,* de S. Paulo :

*Estudos Psíquicos* é o título do novo paladino espirita que acaba de aparecer em Lisboa, como órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor.

Revista bem apresentada e com o corpo de redacção que apresenta logo de início, estamos certos ela vencerá em tôda a linha, impondo o ideal sob cujo lábaro se coloca, o da propagação do lídimo espiritualismo cristão, baseado nos Evangelhos do Cristo.

E só quem conheça, como nós, o velho e heróico Portugal, sabe os esforços que êsses nossos confrades precisam fazer para espancar as densas trevas que por ali adejam, não permitindo que os de boa vontade se acerquem da mêsa do Senhor, ou sequer da escada de Jacó.

Porém, com a plêiade de confrades que integram *Estudos Psíquicos* esperamos que certas potências do mal arrefeçam em seus arreganhos, compenetrando-se de que os tempos são chegados e a lâmpada não pode ficar por mais tempo debaixo do alqueire.

Isidoro Duarte Santos e Dr. José Joaquim Gaita são nomes por demais conhecidos em Portugal, para que os adversários da Verdade não lhes abram alas no desbravar da iniqüidade a vencer.

* * *

De *O Pharol,* de Niterói :

Honra a nossa mêsa de trabalho o 1.° número da bem feita e útil revista espirita, cujo título encima estas linhas e que acaba de surgir em Lisboa, sob a direcção do seu proprietário, o conhecido jornalista luso Isidoro Duarte Santos, tendo como secretário o ilustre escritor Dr. José Joaquim Gaita.

Em *Estudos Psíquicos* pontificam as penas brilhantes dos vibrantes jornalistas da terra de Camões: Dr. António Lôbo Vilela, Dr. António J. Freire, Pedro Dias de Sousa e outros, além das dos seus esforçados directores.

Boas secções de estudo e farto noticiário, fazem da nóvel revista espirita uma das apreciadas publicações doutrinárias que nos vem de Portugal.

Gratos pela visita, retribuímos com prazer, almejando-lhe vida longa e próspera.

* * *

De *Constância,* de Buenos Aires :

Entrou na nossa redacção o primeiro número da revista *Estudos Psíquicos,* de Lisboa, correspondente aos meses de Setembro-Outubro de 1939. Tem, como editor, o sr. Dias de Sousa e traz material abundante e interessante. Desejamos-lhe acêrto e longa vida.

* * *

De *Mundo Espirita,* grande semanário do Rio de Janeiro :

«Sob a prestigiosa, segura e competente direcção de Isidoro Duarte Santos, uma das mais vibrantes expressões culturais da pátria portuguesa a serviço do bom Espiritismo, acaba de aparecer no cenário espirita *Estudos Psíquicos,* magnífica revista cultural, órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa.

Bastava, tão sòmente, saber-se que a sua direcção está confiada a Isidoro Duarte Santos, o mesmo que manteve em nível elevado e sadio a *Revista de Espiritismo* da Federação Espirita Portuguesa, hoje desaparecida com o seu desligamento daquela sociedade e, ainda, o mesmo Isidoro, que fêz ressurgir brilhantemente *O Mensageiro Espirita,* para se ter desde logo a certeza de que a *Estudos Psíquicos* está reservado um futuro brilhante.

O seu 1.° número bem revela o cuidado, a selecção e a boa ordem, a feliz disposição das matérias, de forma a dar-lhe um aspecto agradável e atraente, que lhe soube imprimir o seu responsável.

Lançar-se uma Revista dessa natureza, na época que estamos atravessando, sem podermos prever o dia de àmanhã, é arrôjo que merece amparo, é prova de confiança e fé na acção espiritual, é demonstração de fibra, de energia, de coragem, de compreensão, mòrmente quando se acaba de saír de uma refrega, como

a que feriu aquêle nosso companheiro e irmão, mas que não basta para intimidá-lo, nem para amedrontá-lo, antes lhe avigorou o espírito, fortalecendo-lhe, ainda mais, a fé que o acompanha.

Por isso, é dever nosso, como espiritas que sômos e que precisamos de aprender, tornarmo-nos assíduos leitores de *Estudos Psíquicos*, que se encontra à venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira, à Avenida Passos, 28-30.

---

Agradecemos, desvanecidamente, estas imerecidas referências. Se as transcrevemos, é por necessidade vital de provar que estamos no bom caminho e que o movimento de simpatia que se desenvolve em nosso derredor é sintoma eloqüente de que existe em Portugal a verdadeira fé espirita que tão belas obras tem produzido.

*Estudos Psíquicos* continuará a circular, em Portugal e no estrangeiro, na certeza de que não desmerecerá da confiança que nela depositaram os confrades da Velha-Guarda, tão sinceros e dedicados.

*Mundo Espirita* levou a amabilidade a inserir, em números sucessivos, anúncios da nossa revista, informando que a mesma está à venda na Livraria da Federação E. Brasileira.

A apreciação publicada no *Ideal Cristão* é da autoria do sr. Capitão Estêvão Rodrigues e da sua exclusiva responsabilidade, embora êste confrade exercesse, no momento, as funções de Secretário daquela revista.

A todos estes amigos enviamos fraternais saüdações, com os nossos protestos de profundo reconhecimento.

## AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Por absoluta falta de espaço, não pudemos referir-nos, no último número, às conferências realizadas pelo sr. Dr. Adriano Vieira Coelho e sr. Fernando da Cruz Ferreira, intituladas, respectivamente, «O Éter, alma universal e alma atómica» e «Amor, Deus, Evolução», do que, mais uma vez, pedimos desculpa.

Quer uma, quer outra, versaram assuntos de grande interêsse e tiveram numerosa assistência.

O primeiro conferente foi apresentado pelo coronel sr. Faure da Rosa e o segundo, pelo nosso Director.

Na segunda conferência, distribuiu-se o folheto editado por Cruz Ferreira, intitulado: «Ensinamentos evangélicos em espírito e verdade», extraído de «O Evangelho segundo o Espiritismo», de Allan Kardec.

Também no dia 3 de Abril o Dr. Sebastião Elviro Martins, presidente da Mesa da Assembleia Geral, realizou uma conferência intitulada «O Problema da Morte» e que constituiu assinalado êxito. Presidiu o nosso Director, que teve ensejo de frisar a excelência do trabalho do conferente.

## SUBSCRIÇÃO PRÓ-SEDE

**Estudos Psíquicos** insere hoje, com o merecido relêvo, o apêlo pró-**SEDE DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR**, cuja população associativa aumenta de dia para dia, num ritmo de maravilhosa regularidade.

À subscrição iniciada no último número, sob tão bons auspícios, vieram juntar-se os donativos de mais alguns esforçados obreiros, desejosos também de contribuir para a consolidação definitiva do Centro Espiritualista Luz e Amor e de **Estudos Psíquicos**, seu órgão oficial.

É preciso, porém, que **todos** concorram para a obra comum, consoante as suas posses.

Sem uma sede própria — que se não consegue apenas com o entusiasmo e a fé de que nos achamos possuídos — não pode a Direcção do Centro organizar eficientemente os seus serviços de propaganda e dar realização ao programa dos trabalhos práticos.

Ajudar o Centro Espiritualista Luz e Amor, é auxiliar a verdadeira propaganda da Causa Sagrada do Espiritismo e garantir a existência de **Estudos Psíquicos**, trincheira onde se bate, desassombradamente, a Velha-Guarda dos espiritas portugueses.

¡Que ninguém falte, pois, por muito modesto que seja o seu auxílio!

| | |
|---|---|
| Transporte do número anterior... | 1.250$00 |
| Capitão Estêvão Rodrigues..... | 120$00 |
| Dr. Pedro Dias de Sousa ..... | 150$00 |
| Isidoro Duarte Santos ..... | 60$00 |
| Um casal feliz ..... | 20$00 |
| D. Adelina Carvalhal ..... | 50$00 |
| Total..... | 1.650$00 |

## A expansão de «Estudos Psíquicos»

Verificamos, com o maior prazer, que a expansão da nossa revista excedeu tôda a expectativa. De São Paulo e Buenos Aires, recebemos, há pouco, algumas cartas, desvanecedoras e altamente características do conceito em que ali é tida *Estudos Psíquicos*. Isto nos incita a trabalhar e a velar pelo seu bom nome, na esperança de que o apôio que lhe dispensam aumente constantemente, de modo que possa viver com perfeito desafôgo. Para isso, bastaria que cada assinante conseguisse outro assinante. Neste sentido, apelamos para os prezados leitores.

# Por êsse mundo...

Henri Blondel publicou na *Revue Spirite* um artigo intitulado: «¿O Espiritismo conduz à loucura?», onde prova, com números edificantes, que o Espiritismo é científico e que, em vez de enlouquecer, cura muitos daqueles, a quem a medicina chama, impròpriamente, alienados mentais.

— Alguns jornais estrangeiros, entre êles, *La Flandre Liberale*, afirmam que Terêsa Neumann não morreu, mas foi encerrada num campo de concentração, por haver predito a queda de Hitler.

— Segundo o jornal *O Clarim*, de Matão, a Federação Espirita de São Paulo lançou um apêlo para a criação duma Universidade Espirita do Brasil.

— Parece ser um facto a aproximação entre espiritas e pastores anglicanos. Assim se verifica pelo sermão que o Rev. Leslie D. Weatherhead pronunciou na City de Londres, intitulado: «Dez minutos após a morte».

— A Comunhão Esotérica do Pensamento, de S. Paulo, combate a experimentação espirita nos «Tattwas».

— ¿Por que será que Hitler combate o Espiritismo? No seu livro célebre pode ler-se esta frase: «*Não queremos homens que espreitem o Além*».

—O Espiritismo australiano caminha triunfalmente, no livro, na rádio, na conferência, no jornal. Em Sydney, há 116 centros espiritas. A rádio-espirita tem mais de cem peças teatrais recebidas pelo médium Morrisson. O público rádio-ouvinte acolheu com entusiasmo as primeiras emissões.

— A revista holandesa *Spiritische Bladen* publicou um número dedicado ao Natal e cuja tiragem atingiu 4.000 exemplares.

— Na Inglaterra, apareceram, últimamente, duas obras reencarnacionistas: «*Through Clouds of Doubt*» *(Através das nuvens da dúvida)*, do Major Webstern antigo secretário particular do general French, e «*The Dark Star*» *(A estrêla tenebrosa)*, do romancista March Cost.

— O médico espanhol Humberto Tôrres, que se encontra homisiado em França, organizou um Curso de Psicologia Supranormal, na cidade de Montpellier, o qual teve êxito absoluto. A primeira parte dêste Curso fecha com esta concepção idealista:

«Estamos longe da velha alma imaterial da filosofia escolástica, entidade abstracta, filha do raciocínio e da introspecção. A alma, demonstrada e provada experimentalmente, pelos seus efeitos, impõe-se, hoje, a todos os sábios que, livres de preconceitos, tenham experimentado bastante. A noção de alma substancial e quási objectivável terá enorme alcance, pois será o fundamento dum novo sentido da vida, cujos horizontes se encontram, infinitamente, ampliados».

— O nosso prezado consócio sr. Agostinho Pereira de Sousa foi eleito, por unanimidade, presidente da Associação Espirita «Obreiros do Bem», cujo principal objectivo é a construção um Hospital Espirita no Rio de Janeiro. As nossas felicitações.

— O Delegado Auxiliar da Polícia Fluminense isentou de sêlo os alvarás destinados ao funcionamento de centros espiritas.

— Acaba de ser lançada a primeira pedra para a construção do *Abrigo de Jesus*, de Belo-Horizonte, Estado de Minas, o qual ocupará a área de 10.000 metros quadrados.

— Na Escócia, os casamentos espiritas foram legalizados pelas autoridades. Sempre gostávamos de saber em que consiste o ritual dêstes casamentos...

— *La Revue Spirite Belge* apela para os seus leitores no sentido de se sacrificarem pelo bem geral, afirmando que só o Espiritismo pode salvar a humanidade da tremenda crise que se aproxima.

— Na Universidade de Londres foi apresentada uma tese àcêrca de psicometria. Seguiram-se experiências, em que tomaram parte 150 estudantes.

— A União Espirita Belga prepara remessas de livros espiritas destinados a pequenas bibliotecas, organizadas pelos soldados dêste país.

— A Federação Espirita Brasileira nomeou o nosso amigo e colaborador Ismael Gomes Braga director da propaganda do Esperanto. Congratulamo-nos com o facto, na certeza de que o grande paladino da língua auxiliar internacional saberá honrar o idioma propagado e a Federação que tão justamente o distinguiu.

— A Hora Espirita Radiofónica, do Rio de Janeiro, inaugurada em 1 de Junho de 1939, prossegue na sua faina ininterrupta. Parabens aos seus directores e amigos.

— A Federação Espirita do Rio Grande do Sul continua a realizar palestras espiritas na Casa de Correcção de Porto Alegre, com grande freqüência de reclusos.

— No Estado de São Paulo, está a erguer-se a bela cidade Atlântida, cujo traçado insere largos arruamentos com jardins centrais. Entre as principais avenidas, encontra-se a Avenida Allan Kardec, no coração da nova cidade, ao lado das ruas de S. João e Voluntários da Pátria.

— Em quási tôdas as repúblicas sul-americanas se estão abrindo subscrições destinadas a minorar a sorte dos espiritas espanhóis que foram obrigados a expatriar-se, deixando em Espanha os seus lares e tudo o que possuíam.

— Segundo telegrama da Cidade do Vaticano, a Suprema Congregação do Santo Ofício inscreveu no «Index» a obra mediúnica «A Grande Síntese», escrita pelo professor italiano Pietro Ubaldi. Esta obra monumental é a mais importante de quantas, até hoje, foram veïculadas através da mediunidade e foi editada pela Livraria da Federação Espirita Brasileira. É composta por cem substanciosos capítulos em que a Ciência, a Filosofia e a Fé se entrelaçam admiràvelmente no mesmo conceito.

— O livro de Artur Findlay «No Limiar do Etério» foi traduzido em finlandês. Está, igualmente, traduzido em Braille, para cegos.

— A *Spiritualist National Union*, de Londres, presentemente uma das maiores agremiações espiritas inglêsas, tem 20.000 libras de fundo de reserva, ou seja a bagatela de 2.160 contos, ao câmbio do dia.

— O Dr. Harry Emmerson Fosdick, que é um dos maiores oradores protestantes dos Estados Unidos, fez a seguinte afirmação: «Não podemos provar a sobrevivência, sem o auxílio do Espiritismo».

— *La Revue Spirite* informa que há mais de 200 eclesiásticos na Inglaterra, ligados, abertamente, ao Espiritismo.

— A dar crédito à afirmação da *Psychic News*, o marechal Pilsudski era espirita.

— O govêrno brasileiro acaba de conceder os seguintes donativos: ao Centro Espirita Maranhense, 5 contos; à Tenda Espirita de Caridade Dr. Guterres, 3 contos; ao Centro Espirita William Crookes, de Nova Iguassú, 3 contos; à Federação Espirita do Estado do Rio, 10 contos. Estes donativos são referentes ao ano económico actual.

— Acaba de ser inaugurada a Sociedade Rádio Piratininga, PRH-3, estação emissora situada na rua Pai-Pirá, no bairro Brooklin Paulista, de São Paulo. Esta estação é exclusivamente espirita e demonstra bem o interêsse que a Doutrina desperta no Brasil.

— *Mundo Espirita* continua a inserir anúncios da revista *Estudos Psíquicos*, amabilidade espontânea que muito agradecemos ao Dr. Henrique Andrade.

— Uma das primeiras associações espiritas fundadas no Brasil foi a Associação Espirita Brasileira, cujo relatório alusivo a 1874 figurou na Galeria Histórica da Imprensa Espirita, que fazia parte do Congresso de Jornalistas Espiritas, realizado há pouco no Rio de Janeiro.

— *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira, entrou em 1 de Janeiro último no 58.° ano de existência, absolutamente melhorado no seu aspecto gráfico. Os anos remoçaram êste velho paladino, de que é secretário o nosso redactor-correspondente e consócio Dr. Carlos Imbassahy. As nossas saüdações ao *Reformador* e à Federação amiga, aos quais desejamos as maiores felicidades.

— O *Boletim do Sindicato Médico Brasileiro*, a páginas 2.797 do seu número de Junho de 1939, afirma que a Sociedade de Medicina e Cirurgia arrisca-se a afrontar o ridículo, se continuar a combater o Espiritismo, que é hoje uma actividade científica, perfeitamente legal e respeitável. O baixo Espiritismo é que deve ser vigiado pela polícia.

— O Dr. Francisco Klörs Werneck obteve os direitos de tradução em português das obras do Dr. Henri Regnault «Os vivos e os mortos», «A Realidade Espirita», «Só o Espiritismo pode renovar o mundo», «Não há morte», «Léon Denis e a experiência espirita» e «Tu Reviverás». Esperamos poder facultar estas obras aos nossos leitores, logo que estejam traduzidas.

— A «Editora Espirita Limitada», do Rio de Janeiro, que suspendera a sua actividade por motivos financeiros, vai reaparecer em breve, sob nova orientação.

— *Jornal Espirita*, de Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul, comemorou em Janeiro o seu 22.° aniversário com uma edição de dez páginas profusamente ilustradas e repletas de boa colaboração. É um dos mais belos órgãos espiritas brasileiros e talvez o de maior expansão nos Estados do Sul do Brasil. Felicitações e grande abraço ao Dr. Paulo Hecker, estrénuo lutador a quem a Causa deve assinalados triunfos.

— Em 22 de Janeiro desencarnou em Matão, Brasil, a espôsa do fundador e director da *Revista Internacional do Espiritismo*, sr.ª D. Maria Elvira da Silva Schutel, espirita fervorosa que muito auxiliou Cairbar nas suas investigações psíquicas.

— A *Revista Espirita do Brasil* publica, no seu número de Dezembro de 1939, esplêndido relato ilustrado do Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espiritas, realizado na Associação Brasileira da Imprensa.

— O nosso consócio e redactor-correspondente no Rio de Janeiro, Dr. Carlos Imbassahy, ofereceu, na sua pitoresca vivenda de Icarahy, próximo da capital brasileira, um almôço de despedida aos participantes do Congresso de Jornalistas Espiritas Brasileiros, tendo-se trocado amistosas palavras que muito satisfizeram os assistentes.

— A revista *Constância*, de Buenos Aires, abriu uma subscrição a favor dos confrades espanhóis que estão exilados em França.

— A mesma revista anuncia para breve o livro do grande propagandista espirita argentino Carlos Luiz Chiesa, intitulado «Lei Natural».

I. D. S.

## A VERDADE

O conhecimento é uma representação confusa da realidade no espêlho da consciência. Só no Absoluto o objecto e a imagem coïncidem e o conhecimento se identifica com a realidade. O real é apenas o limite para que tende indefinidamente a Verdade, ao deslocar-se através do Tempo. O conceito da Verdade não deve perder nunca o carácter relativista. A Verdade absoluta, a realidade plena seria a integração da inteligência humana na inteligência divina: a intuição de Deus. Somos insaciáveis de Verdade e contudo ela existe em tôda a parte; ela vive sob tôdas as formas, sem que nenhuma delas a consiga prender. Transfigura-se, conforme o tempo e o lugar. Depende essencialmente da psicologia dos indivíduos e varia com os seus horizontes intelectuais. É o fogo que abrasa o pensamento humano: para dar luz e calor precisa deixar cinza. Tem fascinações de vertigem e filtros dominadores. Consome a vida e resgata-a. Quem pensa possuí-la e quere conservá-la numa forma rígida, invariável, não soube compreender o seu espírito, nunca desvendou o seu segrêdo íntimo. O êrro é a sua caricatura trágica; ou melhor: é o cadáver de uma Verdade, porque a Verdade é espírito e não forma. Por isso, ela se revela sob formas tão variadas.

*Dr. Lôbo Vilela*

A hipótese da reencarnação parece-me muito aceitável.

*Dr. J. Maxwel*

# BIBLIOGRAFIA

FANTASMAS & C.ª, por *Marius*.

MARIUS é o pseudónimo adoptado por um antigo colaborador da extinta «Revista de Espiritismo». Com êste nome de empréstimo procura o autor, julgo eu, encobrir a sua individualidade de escritor que marcara posição entre os demais escritores néo-espiritualistas. Realmente, consegue-o: «êste ensaio de prosa fantástica» — como êle próprio considera as 31 páginas do opúsculo — mostra que o *fantasista* em nada se assemelha ao *escritor*.

Servindo-se dum estilo facêto e, por vezes, ironista, para fustigar actos egoístas, põe na bôca dos «seus» fantasmas algumas das verdades néo-espiritualistas.

A edição é do autor.

DEMAIN IL FERA JOUR..., par le *Docteur Lucien-Graux*, 97 pág. 1940.

MAIS uma vez se verifica que as Musas acamaradam bem com os médicos. O autor serviu no 93.º Regimento de Infantaria durante a Grande Guerra. É á memória dos seus camaradas mortos, dêste Regimento, e ao General Gamelin que o autor oferece o livro.

*La Cité sans enfants*, a páginas 48, sôbre a desolação actual de Paris sem crianças, contrasta com a alegria exuberante da poesia *Retour de la Paix (1919)*, a páginas 4.

De «*La Cité sans enfants*»:

Paris, tu n'est plus toi...; les enfants sont partis.
On nous a privés de leurs rires.
Où sont ils? Sous quels ciels, sous quels toits, les petits?...
La guerre n'est pour eux qu'un noir mystére encor.
.....
Ils sont partis... Où donc? Lá-bas, loin du danger,
Et qualque part, loin de la haine.

Assim é hoje, assim foi em 1914 e assim será amanhã... até que os homens, desvendando todo o negro mistério das guerras, se auxiliem mùtuamente, cristãmente, em vez de se odiarem e de se matarem uns aos outros.

O Dr. Lucien-Graux, além de poeta, é romancista e autor de vários estudos económicos de diversos países.

Na lista, já numerosa, dos seus livros, figuram quatro romances néo-espiritualistas: *Reincarné! — Hauté! — Initié!* e *Saturnin le Saturnien*.

Acêrca de «*Le Portugal économique*», elaborou e publicou um relatório dirigido ao Ministro do Comércio e Indústria do seu país.

Foi, certamente, durante a sua permanência em Portugal, para dar conta da sua missão de estudo, que o Dr. Lucien-Graux visitou o mosteiro da Batalha e acêrca do qual escreveu o poemeto «*Une nuit près des tombeaux de Batalha*», de páginas 71 a 85: setenta e um quartetos, dos quais transcrevemos os quatro primeiros:

Il est un lieu du monde où deux heros reposent,
De tout ce qu'ils ont fait devisant dans la nuit,
Et près desquels l'esprit voit la gerbe des roses
— Roses que rien ne fane et que rien ne détruit! —

Déposées à genoux en eternel hommage,
Contre ces fiers tombeaux, par le culte pieux
D'un peuple qui reçut, transmises d'âge en âge,
Les vertus qu'à son sang léguèrent ses aïeux.

Au pays lusitan, sur la Lena Charmante,
C'est ton Mosteiro, célèbre Batalha.
Où chaque pierre implore et chaque fleuron chante,
Vers Santa Maria de la Victoria.

Batalha, la Bataille et la gloire en son temple,
Depuis que sur les corps de ses preux inconnus
Le Portugal s'incline e médite l'éxemple
Qu'on pourrait suivre un jour, qui sait? les temps venus.

O Dr. Lucien-Graux é um dos espiritas mais operosos. Muito há a esperar da continuïdade da sua acção inteligente e dedicada.

A Causa espirita bem precisa de obreiros do fino quilate do Dr. Lucien-Graux.

A edição é do autor.

F. R.

HIPÓTESES METAPSÍQUICAS, pelo *Dr. António Lôbo Vilela*. Edição da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas. 1940. 135 pág.

O Investigações Psíquicas em meter ombros à sua pirita e bem andou a Sociedade Portuense de Vilela escreveu uma obra de alto interêsse esnosso douto colaborador Dr. António Lôbo edição, não obstante a crise do papel, que dificulta, cada vez mais, a procura do livro.

«Hipóteses Metapsíquicas», como se depreende do seu título, é a análise comparada de quási todos os métodos usados pelos investigadores dos fenómenos supra-normais. Mas esta análise, feita com mão de mestre, demonstra invulgar equilíbrio e espírito crítico que resiste a todos os embates, quer de materialistas, quer de agnósticos.

Depois da magnífica «Introdução», que vai desde o mesmerismo à metapsíquica, passando por Deleuze, Velpeau e Charcot, expõe nove hipóteses, a saber: *Hipótese da fraude, dos movimentos musculares, telérgica, telepática, teleplástica, da ruminação, criptestésica, da prosopopese* e, finalmente, a *espirita*, terminando o volume com um vocabulário de termos técnicos usados em Espiritismo e metapsíquica.

Pelo conteúdo especial do livro e pela categoria do seu autor, aconselhamos todos os leitores a requisitar «Hipóteses Metapsíquicas» à nossa redacção ou ao Centro Espiritualista Luz e Amor, que farão a remessa à cobrança, para qualquer parte do Continente e Ilhas Adjacentes.

# NOTICIÁRIO

## Jornais e revistas

Continuam a afluir à nossa redacção jornais e revistas, portugueses e estrangeiros, todos de proveitosa leitura e demonstrativos do interêsse que o Espiritismo desperta no mundo.

Chegaram mais os seguintes órgãos:

*La Revue Spirite*, decano das revistas espiritas, fundada em 1858 por Allan Kardec e actualmente dirigida por Huber Forestier; *Jornal Espírita*, esplêndido quinzenário de Porto Alegre, dirigido pelo nosso velho amigo Dr. Paulo Hecker; *La Revue Spirite Belge*, de Liège, dirigida por J. Lhomme; *Alvorada de Uma Nova Era*, de S. Paulo, revista quinzenal dirigida por António J. Trindade; *Alifar* e *Boletim de la Agrupación Estudiosa «Camilo Flammarion»*, revistas de orientação doutrinária, de Buenos Aires; *A Reincarnação*, órgão da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, *O Pharol*, de Niterói, quinzenário dirigido por Cleveland de Sousa Lima, e *Região de Leiria*, semanário noticioso, literário e recreativo, que insere alguns artigos de propaganda espírita.

A todos estes paladinos, os nossos afectuosos cumprimentos de boas-vindas.

## Excursão a Cabo Ruivo

A notícia da 3.ª Reünião de Confraternisação que o Centro Espiritualista Luz e Amor promove no dia 2 de Junho (Domingo) com um passeio à Quinta do Medlicot, em Cabo Ruivo, despertou o maior interêsse e simpatia, por se reatar, assim, mais uma das velhas tradições do Centro.

A inscrição continúa aberta até ao dia 15 de Maio, devendo os consócios que desejam tomar parte na excursão fazer, desde já, as suas inscrições, pois torna-se necessário saber, até àquela data, se o número de excursionistas permitirá mandar reservar uma carruagem.

Só se aceitam pedidos que venham acompanhados de 5$00 por pessoa, quantia que compreende a inscrição e o preço dos bilhetes de ida e volta, em caminho de ferro. Devem, portanto, os consócios que já nos enviaram a primeira daquelas verbas, remeter-nos os restantes 2$50.

Em tempo competente serão enviados a todos os inscritos o distintivo de excursionista, para mais fácil e rápida identificação, assim como instruções sôbre hora e local de concentração, horário de combóios e programa a executar.

## Diplomas de Sócio

Está iniciada a distribuïção de diplomas aos sócios residentes em Lisboa. Para os da província, oportunamente faremos a remessa pelo correio, e o custo dos diplomas (2$00) será cobrado na mesma ocasião em que o forem as cotizações.

## Transcrições

O grande semanário *Mundo Espírita*, do Rio de Janeiro, transcreveu o artigo «Perseverança», de António Xavier, publicado no n.º 2 de *Estudos Psíquicos*. Também *O Trabalho*, de Vizeu, transcreveu, do mesmo número, «Um caso inesperado de fotografia espírita» e «A obsessão e a sua cura», com palavras amáveis para o nosso Director. Finalmente, *Região de Leiria*, transcreveu, ainda do mesmo número, «O espírito da rainha Astrid materializado em Copenhague».

Gratos pela deferência.

## Solidariedade

| | |
|---|---|
| De um dador de sangue ..... | 50$00 |
| Joaquim do Nascimento Sardo ..... | 2$50 |
| Total ..... | 52$50 |

## Caixa de Propaganda

| | |
|---|---|
| Transporte ..... | 91$00 |
| De um dador de sangue ..... | 50$00 |
| Total ..... | 141$00 |

## Programa dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor a realizar em Maio e Junho, às 15,30, na Rua do Salitre, 149, 1.º andar

Dia 19 de Maio — Inauguração da nova sede e conferência de Manuel Tavares, intitulada «Médiuns e Fraudes».

Dia 2 de Junho — Passeio à Quinta do Medlicot, em Cabo Ruivo.

Dia 23 de Junho — Conferência realizada por Artur Levy Gomes, intitulada «Karma».

## Bilhetes de Identidade

A-fim-de lhes poderem ser fornecidos os bilhetes **de identidade, cuja distribuïção se iniciará em Maio,** rogamos a todos os nossos consócios o obséquio de nos enviarem duas fotografias de formato adequado.

O custo do bilhete de identidade é de Esc. 1$00, e a sua apresentação tornar-se-à obrigatória em tôdas as reüniões do Centro, a partir de Julho do corrente ano.

Tal como sucedeu com o diploma, presidirá à execução do bilhete de identidade, um equilibrado gôsto artístico a que se alia uma exacta noção da sua finalidade.

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestigio do Espiritismo — Pela União Fraternal da Família Espirita

| Secretário | Director e Proprietário | Editor |
|---|---|---|
| José Joaquim Gaita | Isidoro Duarte Santos | Pedro C. Dias de Sousa |

ANO 1.º — LISBOA, MAIO-JUNHO DE 1940 — N.º 5

# AS PROVAS DA IMORTALIDADE

pelo Dr. A. Lôbo Vilela

NUMEROSOS argumentos (1) têm sido apresentados a favor da imortalidade, embora muitos dêles só sejam válidos para quem já crê implìcitamente nela. Os argumentos dos teólogos fundam-se quer na natureza da alma humana (simples e espiritual), quer nos atributos de Deus (sabedoria, bondade, justiça, santidade) e por isso carecem de valor para quem se não identificar com aquêles conceitos.

No entanto, examinaremos sumàriamente êstes argumentos:

1) **Argumentos intrínsecos:**

a) *Simplicidade da alma:* a alma humana, sendo simples, não pode destruir-se por dissolução dos seus elementos. (Êste argumento encontra-se já no *Fédon* de Platão).

b) *Espiritualidade da alma:* a alma humana, sendo espiritualista, é intrìnsecamente independente da matéria e não pode destruir-se pela dissolução desta.

c) *Desejo de imortalidade:* (2) o desejo de imortalidade é um claro indício de que a imortalidade existe. (Argumento *a-posteriori*).

2) **Argumentos extrínsecos:** Se o aniqüilamento fôsse possível, só poderia ser produzido por uma causa externa e transcendente, isto é, por Deus, e isso estaria em contradição com os seus atributos:

a) *a sabedoria:* porque representava a destruïção da sua própria obra que assim teria sido inútil;

b) *a bondade:* por nos fazer vislumbrar uma felicidade ilusória;

c) *a justiça:* por não permitir as devidas compensações e sancções morais (3).

d) *a santidade:* por faltar um estímulo eficaz à prática da virtude.

O argumento de Descartes que se funda na substancialidade da alma, é pouco consistente. Duns Scot — o doutor subtil — pen-

(1) Alberto, o Grande, apresenta-nos 36 na sua obra *De natura et origine animae*, I, 2.

(2) «Os seres dotados de inteligência desejam naturalmente existir sempre, e um desejo natural não pode existir em vão.» Tomaz d'Aquino, «*Summa Theologiae*», I, 75, § 6.

(3) Rousseau escreve: «Ainda que não houvesse outras provas a favor da imortalidade da alma além dos triunfos dos malvados e das perseguições dos bens, isso bastava para me desfazer tôdas as dúvidas. Esta nota tão dissonante na harmonia universal forçar-me-ia a concluir que com a morte não acaba o homem todo, antes tudo reentra na ordem.»

sava que a imortalidade não podia ser demonstrada pelas *luzes da razão* e por isso fazia dela um artigo de fé.

Há, porém, um conjunto de argumentos que não implicam quaisquer hipóteses acêrca da natureza da alma humana nem dos atributos divinos, e que, por isso mesmo, têm maior valor demonstrativo. São êsses argumentos que nos propomos ennumerar agora de uma forma esquemática :

1 — *O desejo de imortalidade* é um impulso natural em nós ao qual é legítimo atribuir um sentido realista, dada a sua intensidade e indestrutibilidade, independente do juízo que possa fazer-se da sua possível satisfação. Isto mostra que êle não resulta de uma particular interpretação metafísica.

2 — *O culto dos mortos e a crença nos espíritos,* são factos que, pela sua universalidade, constituem valisos argumentos a favor da imortalidade.

3 — *A actividade espiritual transcende a actividade orgânica* e é portanto legítimo supor que não dependa essencialmente desta.

4 — *O sentimento da individualidade,* que subsiste através-de incessantes mutações, implica um princípio de permanência necessàriamente independente do organismo físico que está em constante transformação.

5 — *O psiquismo humano pode manifestar-se durante a vida independentemente do organismo físico,* como por exemplo nos fenómenos telepáticos e metagnómicos : nada impede, portanto, que sobreviva à morte orgânica.

6 — *A simples possibilidade do conhecimento progressivo* requere que haja um *substractum* permanente que permita a transmissão e a acumulação sucessiva e contínua da experiência através das diferentes gerações, pois a experiência é, por natureza, pessoal e intransmissível. Esta necessidade é tão imperiosa que os materialistas têm imaginado as mais variadas teorias da hereditariedade para explicarem certas transmissões. De outro modo, a experiência de uma geração seria inaproveitável para outra, por lhe ser inacessível. Concebe-se assim a vida como um fracasso de desenvolvimento indefinido de potencialidades latentes.

7 — *A desigualdade inicial de tendências e aptidões,* singularmente manifesta nas «crianças prodígios», são uma forte presunção a favor da preexistência.

8 — *A necessidade* que o sentimento de justiça nos impõe *de haver um sistema adequado de recompensas e de sanções,* para restabelecer o equilíbrio moral com a vida no mundo, só pode ser satisfeita com a sobrevivência. Não se invoca, evidentemente, um atributo divino, mas um sentimento humano, como não se vislumbra uma justiça divina, voluntária, porém, automàticamente regulada por um mecanismo de reacção correspondente aos actos praticados por cada um.

9 — *A desigualdade de condições em que decorre a vida dos humanos* e que a simples sobrevivência não pode explicar, implica a necessidade moral da preexistência.

10 — *As experiências de regressão da memória,* fornecem a prova experimental da preexistência.

11 — *Os casos de identificação dos espíritos de defuntos* constituem a prova experimental da sobrevivência.

# PRINCÍPIOS DOUTRINÁRIOS DO ESPIRITISMO

Pelo Dr. Gustave Geley

*No nascimento, o Espírito toma posse de um organismo novo para dar continuïdade ao seu progresso.*

*

*A memória dos estados precedentes, fica mais ou menos latente, durante cada encarnação, para reaparecer após a morte, tanto mais extensa, quanto mais evoluído fôr o indivíduo.*

*

*O perispírito é o princípio intermediário entre a matéria e o Espírito, cuja finalidade é tríplice :*

*Manter indestrutível e intacta a individualidade ;*
*Servir de substracto ao corpo físico, durante a encarnação ;*
*Constituir o laço de união entre o Espírito e o corpo físico, para a transmissão recíproca das sensações de um e das ordens do outro.*

*

*A Alma conserva intacta a sua individualidade, mercê da sua união indissolúvel com o organismo fluídico, chamado corpo astral ou perispírito, que evolue com ela.*

# CRÓNICA

## De Carlos Imbassahy

DR. CARLOS IMBASSAHY

*O Dr. Carlos Imbassahy, redactor-correspondente de* Estudos Psíquicos *no Brasil, é um dos mais valiosos paladinos da Causa, em terras de Santa Cruz. Antigo director da Federação Espirita Brasileira, actualmente secretário do* Reformador, *órgão da mesma Federação, e do grande semanário* Mundo Espirita, *os seus artigos notáveis honram quási tôdas as publicações espiritas estadoais e caracterizam-se por elevado espirito crítico, aliado à mais bela tolerância. Nunca a sua pena revidou ataques. Limitou-se, apenas, a aparar golpes dirigidos à Doutrina, com serenidade e boa disposição, e a dar, em troca, verdadeiras lições de Espiritismo aos adversários, que podia, fàcilmente, amachucar, com a superioridade da sua dialética, se não preferisse demonstrar que as ideas devem discutir-se, em obediência às normas da boa educação.*

*Os seus livros «À Margem do Espiritismo» e «O Espiritismo à luz dos factos» dão idea exacta do seu talento e das suas possibilidades. Quem quiser responder aos nossos detractores, adquira estes livros, pois nêles encontrará elementos indispensáveis a tão difícil tarefa.*

Estudos Psíquicos *tem, assim, mais um companheiro de trabalho, disposto ao sacrifício, pondo a sua inteligência ao serviço do nosso programa e provando, com a sua presença,a necessidade do intercâmbio espirita luso-brasileiro.*

---

*Realmente, é quási de espantar, senão de assombrar, o ocupar-se alguém de assuntos que não rastejem pela trivialidade das secções mundanas, que não tragam o virus das paixões que envenenam a alma e perturbam os organismos, que não contendam com um interêsse subalterno, que não representem uma tentativa ao erário.*

*Raro é o publicista que perde suas horas com os altos ideais da humanidade.*

*O de que se cuida é ùnicamente do assunto do dia, momentâneo, fugaz, que desaparece com o pôr-do-sol, para dar lugar a outro, que surge no dia seguinte com o astro luminoso. Não há uma idea, não se defende um princípio, não se atinge um fim.*

*E quando algum artigo se ressente de impetuosidade, quando se nota nele calor e veemência, não é nunca um grande ideal que se colima; o que está em jôgo é uma questão minúscula, eivada de partidarismo, é um caso de interêsse privado, é uma competição de nomes que, em vez de levar a grandes empreendimentos, conduz às lutas sem glória, a intrigas sem intermitência, a rancores sem tréguas, a revoltas sem bandeira.*

*Assim foi que sobremaneira nos impressionaram, certa vez, duas colunas de «O País», onde o sr. Ribeiro Gomes dizia que o internacionalismo é hoje uma idea vitoriosa, entre as almas privilegiadas, que sabem aliar o sentimento de um coração à potência de um cérebro. Falo de internacionalismo, como de confraternização entre os povos, sem a acepção que se costuma dar ao vocábulo.*

*Não conheciamos o sr. Gomes Ribeiro.*

*Melhor apresentação não poderíamos ter, que a leitura do seu artigo, onde se percebe, através da forma trabalhada, um dêsses espíritos que buscam sempre as alturas, fugindo à triaga das paixões terrenas.*

*O articulista comenta e enaltece a fundação do «Círculo Ibero-Americano» que, «num gesto largo de visão aquilina, começa por declarar que não lhe prendem as asas questões de carácter político ou religioso. Respeita muito a religião para trazê-la ao recinto profano de um grémio cultural e despreza suficientemente a política, para não infectar o ambiente com suas discussões bravias e ódios estéreis».*

*Os artigos daquele «Círculo» que chamaram a atenção do ilustre escritor foram os que despertaram a nossa e devem despertar a de todos os que ainda sonham para o género humano dias mais felizes: o combate às guerras de conquista; a união dos povos, a propaganda da paz; a abolição da comemoração de datas que recordem batalhas e feitos guerreiros; a restituïção dos trofeus; o perdão das dívidas de guerra.*

*O combate à guerra de conquista já é um grande passo. Passo maior ainda será o combate a tôdas as guerras, a tôdas as lutas armadas, a tôdas as sedições, a todos os fermentos revolucionários, a tudo aquilo que conturbe a felicidade dos povos, a tudo que seja causa de intranqüilidade e temores, a tudo que acarrete perda de vida e de bens, a tudo que contribua para a lágrima, para o luto, para a dor.*

*Parece incrível que tantos séculos se tenham passado sôbre a face do planeta e que ainda hoje sejam poucos os que combatem a guerra, os que se insurgem contra a guerra, os que só vêm na guerra uma fonte de calamidades.*

Bella matribus detestata, *dizia Horácio. Não só das mãis, mas de todos aquêles que possuem um ente caro, um ente que se pode perder em agonias terríveis, deve ser ela, a guerra, detestada.*

*Basta que nos lembremos que êsse ente caro, a serviço de uma pátria guerreira, de um govêrno belicoso, está no dever de matar, possua embora sentimentos delicados, tenha uma alma votada, apenas, ao bem do seu semelhante. E está no dever de morrer, quando a vida lhe sorri nos deslumbramentos da natureza, nos atrativos da arte, nos fulgores da juventude, quando o retém ao mundo a lembrança de um pai, o amor de mãi, as carícias da espôsa, o beijo dos filhinhos.*

*E êle marcha, contra sua vontade, contra sua consciência, contra os ditames do seu coração, impelido por um patriotismo convencional, sem às vezes saber o que vai defender, por que vai guerrear, ou de que vai morrer.*

*E atira-se contra um irmão, filho, como êle, do mesmo pai, Criador de tudo, procura ferir de morte a êsse irmão, sem o conhecer, faz-lhe mal sem ter-lhe ódio, será a causa da sua ruína, da sua desdita, inutilizá-lo-á para sempre, sem nunca dêle haver recebido uma ofensa, uma agressão, o menor sinal de hostilidade. Ou é o outro quem o fere, a punhal, a tiro, ou o submerge no fundo escuro das águas, ou o deixa soterrado com a explosão das minas, ou o ensurdece com o estampido dos canhões, ou o estonteia com a fumarada das bôcas de fogo, ou o cega no envolvimento dos gases asfixiantes, ou o dementa no horror, no torvelinho da peleja.*

*¡Soberbo quadro para os Estados Maiores! Mas as chagas, ao ferido, ninguém lhe linimenta, as dôres ninguém lhe tira, os membros estropeados ninguém os recompõe, a vista ninguém lha esclarece, a vida, ninguém lha restitue.*

*Se sobrevive mutilado, onde quer que seja, é um indesejável. ¿Lucraria, mesmo, a Pátria, com sua perda, ou a de milhares, ou a de milhões de outros filhos?*

*Que o digam os exemplos da História. Que o diga a Babilónia, a Pérsia, a Macedónia, a Grécia, Roma, o Império de Carlos Magno ou a França de Bonaparte, ou a Alemanha de Guilherme II; que o digam todos êsses estados poderosos de ontem e de hoje, monumentos de fôrça, de vaidade, de arrogância, de insolência, que todos tombaram, que todos se desfizeram, que todos pagaram caro a sua soberba e tirania, como hão de tombar, como hão de se humilhar, pelos tempos fora, os que não quiserem compreender que a verdadeira fôrça, que a verdadeira felicidade, só residem nas lutas do progresso, nos labores da paz, nas acções do bem.*

*¡Grandioso programa o do «Círculo Ibero-Americano!» É o esquecimento de antigos ódios e rivalidades internacionais.*

*Pretende êle apagar da memória das nações as velhas inimizades, assim como se apa-*

m/gme/40

# EMBUSTOSOFIA

pelo Coronel Faure da Rosa

Surgem as apócrifas comunicações de espíritos-guias, em mensagens superabundantemente parvas, tendenciosas, que só podem impressionar os tímidos, ou os que não conhecem o Espiritismo na sua portentosa grandeza, na sua pujança e na sua acção excelentemente confortadora...

Mas, se, de um lado, é a ignorância que impera, de outro — o mais grave — é a má fé que se evidencia, com objectivos indecorosos de lesar os incautos...

Seria um crime da parte de quem conhece a doutrina, deixar de apontar as mazelas que por aí se verificam...

*Eduardo Leite de Araújo*

(*«Mundo Espirita»*, de 23-IX-1939, Rio de Janeiro).

NA América como na Europa.

Luigi Pirandello, em «O falecido Matias Pascal», apresenta uma sessão espirita adrede preparada por um charlatão. Nessa sessão, sem luz, emquanto os namorados aproveitam a escuridão para se beijarem e tatearem, o charlatão, director da sessão, bate na amante — que é a médium — por ela se recusar a trapalhice de maior monta, e serve-se da fraqueza mórbida dum irmão valetudinário para se apoderar de doze mil liras.

A crença espirita é ali representada pela personagem do romance Anselmo Paleari, que tem uma concepção muito sua e muito original da vida humana: ao contrário das árvores — diz êle — os homens têm o triste privilégio de se *sentirem viver* com a bela ilusão que daí resulta. Quere dizer, os homens podem objectivar o seu sentimento interior da vida, que é imutável e varia segundo os tempos, o caso e a sorte de cada um.

Êsse sentimento da vida era, para Anselmo Paleari, como uma lanterninha que cada um tivesse acêsa dentro de si. A esta concepção filosófica — a de Paleari — deu Pirandello o nome de *lanterninhosofia*, ou seja a sabedoria das *lanterninhas*.

As tais lanterninhas que, segundo Paleari, cada um de nós tem dentro de si, presumo eu que deverão dar mais ou menos luz, por mais ou menos tempo, consoante a natureza da construção da *lanterninha* de cada qual e a qualidade e quantidade de óleo que a alimente.

O mistificador, êsse, devia dispor dum bom lanternão, cheio de óleo, forte, potente, que ofuscava as anémicas lanterninhas dos crédulos papalvos. Se acontecia a médium não manobrar em conformidade com as suas instruções, o charlatão dava-lhe com o *lanternão* nos queixos, que é como quem diz que lhe pespegava um sôco que a deixava amolgada durante um bom bocado.

É a estoutra filosofia — a do embuste — que eu chamo *embustosofia*, ou seja a *sabedoria do embuste*, cuja doutrina anda muito espalhada e é praticada em todo o mundo por criaturas de ambos os sexos, que se dizem *médiuns*. Persuado-me que, entre nós, os *médiuns* que mais abundam são os diplomados na *embustosofia*.

Há médiuns profissionais, isto é, médiuns que vivem do exercício da sua simulada mediunidade, que meia dúzia de néscios apregôa como verdadeira. Uns têm ordenado estipulado; outros arrecadam um tanto por cabeça, e há ainda uma outra classe — os que mais alardeiam sinceridade — que, apenas, recebem *presentes, lembranças e convites para almoços, jantares, chás,* convencidos de que ouro é o que ouro vale e que, assim, dá menos nas vistas.

À semelhança da sociedade chique que tem

---

*gam no coração dos homens, ao despontar das alvas, as cicatrizes que lá haviam deixado as paixões da mocidade.*

*¡Grandioso programa!*

*Ainda é muito cêdo para que o admirem os homens que hoje atravessam a vida, preocupados com a sua materialidade. Mas ficará para a admiração dos pósteros, tal como as maravilhosas descobertas da ciência ou as grandes inovações da arte, que passaram despercebidas ou se viram alvejadas pelo ridículo, ao tempo em que foram incluídas no património da humanidade.*

os seus chás dançantes, a sociedade de crendeiros num falso espiritismo, tem os *chás das mesas falantes*, que, no fim de contas, também dançam, e de tal maneira as fazem dançar, que as mêsas mais parecem dobadouras.

Mas onde o embuste é mais freqüente e retumbante, é nos *médiuns de pseudo-encorporação*, se bem que para exibições desta natureza seja necessário dispor de qualidades histrónicas. Como, porém, as plateias habituais dêstes espectáculos não são exigentes, nunca há pateada.

Havia uma médium — mulher interessante, por sinal — que uma vez por outra, praguejava como um carrejão, talvez por assim supor que mais fàcilmente seria acreditada. Em outras ocasiões, atirava êste lembrete aos espectadores, com um ar de grande convicção: «Vocês são todos uns parvos!» Percebia-se logo que — neste caso — ela dizia uma verdade que não carecia de ser averiguada.

São *médiuns* dêste jaez que *conseguem* que alguns santos de mais nomeada sejam *guias* dos seus grupos. Sessões houve em que os *santos-guias* faziam aparecer... nada menos que Jesus Cristo e a Virgem Maria!

A variedade mais fértil da *embustosofia* brota do sistema da *parceria embustosófica*. Dois espertalhões — em regra são espertalhonas — associam-se para a exploração lucrativa das suas mistificações mediúnicas: uma colhe informações, pormenores, acêrca de determinado defunto, parente ou amigo dum dos freqüentadores das sessões; a outra — a que tem de exercer as funções de médium — faz a narrativa dramatizada com os gestos peculiares do defunto que ela diz encarnar.

E, assim, governam a vidinha à custa dos... parvos, como dizia a outra médium, com muita razão.

É claro que êstes *lanternões* da aldrabice só conseguem alumiar os grupos, onde os seus componentes sofrem de ignorância crassa e de estupidez natural.

São êsses aldrabões, admirados por público tão ignaro, que desacreditam o Espiritismo.

As comunicações de real transcendência são raras, porque raros são os médiuns de categoria. Na maioria dos casos, as sessões são duma pobreza de confranger. E quanto à demonstração científica dos fenómenos espíritas, já Aksakof notara que a banalidade das comunicações e a pobreza intelectual do seu conteúdo; o *carácter mistificador e mentiroso da maior parte das manifestações;* a credulidade, a admiração e entusiasmo irreflectidos de muitos espiritas, e, emfim, *a fraude*, não fazem, senão agravar as dificuldades do problema.

Conta o Dr. Charles Richet (*Traité de Metapsychique*, pág. 580) que desde que as irmãs Fox procuraram tirar proveito das suas faculdades mediúnicas, por tôda a parte, mas especialmente na América do Norte, o Espiritismo foi considerado por certos indivíduos, como mina de lucros fartos e inesgotáveis. Em tôda a parte a credulidade do público tentava a cupidez dos trapaceiros.

Houve sessões públicas, onde se davam representações espiritas pagas, como em qualquer teatro ou circo. Em cena, apareciam fantasmas que, aproveitando-se da ingenuïdade infantil dos assistentes, desciam do estrado para se fazerem reconhecer por alguma infeliz mãi, convencida de que recuperara o filho perdido naquele maquiavélico fantoche.

Abriram-se lojas, onde se mercadejavam fotografias *espíritas*. Ia-se a um ou outro fotógrafo que, pegando num cliché, apresentava ao cliente a imagem fotográfica de feições vagamente definidas, onde o cliente crédulo acabava sempre por encontrar o que procurava.

Fotógrafos e médiuns dêste quilate constituïram-se em parceria *embustosófica* para realizarem sessões, nas casas de gente endinheirada, mediante retribuïção avultada.

O perigo da experimentação supranormal está na fraude. Mas, visto que assim é, necessário se torna tomar tôdas as precauções possíveis contra tal descaro, para o que é indispensável rodear o médium duma vigilância apertada, rigorosa e constante.

Há, porém, fraudes inconscientes, porque oitenta por cento dos sensitivos que editam automàticamente «mensagens transcendentais», não são médiuns, mas *pseudo-médiuns:* isto é, sensitivos hipnóticos no comêço da fase da desagregação psíquica, com a emergência duma forma insípida de automatismo, forma que dá lugar a interferências sugestivas e auto-sugestivas ou ainda a imposições de espíritos inferiores.

Mensagens transcendentais que não se apoiem em excelentes provas de identifica-

ção, não são de aceitar. Na maior parte, as comunicações espiritas vulgares são compostas de lugares comuns, de respostas sem interêsse, de raciocínios cujo valor não excede as faculdades normais do médium, ou, ainda não passam de absolutas banalidades.

Diz Léon Denis que quem quiser praticar o Espiritismo deve, primeiramente, estudar a teoria; depois, convém que possua um conjunto de qualidades raras vezes reünidas no mesmo indivíduo: perfeito equilíbrio nervoso, sangue frio, ponderação, prudência, juízo seguro, espírito crítico, cauteloso e sério.

«Se a curiosidade, a frivolidade, a brincadeira se misturarem nessas experiências, aquêles que assim procederem serão vítimas de espíritos ligeiros, ainda muito agarrados à matéria e que pairam nos planos mais próximos da terra.

«O Espiritismo não deve ser julgado pelas experiências das *mesas falantes*, mas pelas investigações feitas em todos os países, por sábios ponderados e de boa fé».

As comunicações apócrifas reconhecem-se com relativa facilidade pela redacção defeituosa e certas minúcias reveladoras de embuste.

O objectivo essencial do Espiritismo — escreve Léon Denis—é a prova experimental da sobrevivência da personalidade humana. É, pois, necessário provocar as provas e, depois de obtidas, coordená-las e investigar cada uma de-per-si.

A investigação deve ser auxiliada por um contrôlo rigoroso e metódico. Todos os factos, venham donde vierem, devem ser passados pelo crivo dum exame imparcial, precavendo-nos, assim, dos perigos da credulidade fácil e das afirmações prematuras.

A acção do Espiritismo tem que exercer-se em todos os domínios: experimental, doutrinal, moral e social.

A fé mística — diz Edmond Wietrich — jàmais precisa de argumentos : ri-se dos obstáculos, salta tôdas as barreiras e ignora até a própria evidência. Os crendeiros da *embustosofia* estão nestas condições.

O desarranjo psicológico que se nota em muitos espiritas, não é um fenómeno particular do Espiritismo, pertence a todos os fanáticos ; *é a triste conseqüência do desprêso das leis rígidas de observação e experimentação, que devem presidir a tôda indagação desinteressada.*

*Há, infelizmente, muitos espiritas, ou que julgam sê-lo, que procuram mobilizar o invisível em serviço dos seus interêsses materiais.* É por isso que há tanto industrial da *embustosofia.*

O problema de estabelecer a identidade dum espírito que pretende comunicar connôsco, não é tão simples e fácil como pode parecer à primeira vista.

«O médium, o verdadeiro médium, nada tem dum ser sobrenatural ; é um reservatório de fôrças físicas que exerce uma actividade psíquica imanente.

«As revelações dos médiuns àcêrca de assuntos dêles desconhecidos e dos assistentes, algumas vezes, até, desconhecidas de todos os sêres vivos que não podiam ter assistido ao desenrolar dos acontecimentos revelados — quando se trata de pormenores levados para o túmulo por um morto — precipitam a nossa razão num abismo sem fundo». Assim comentou o Dr. Engénio Osty a descoberta dum cadáver, que debalde tinham procurado, e as circunstâncias em que se deu o desaparecimento do defunto que ninguém podia suspeitar. E acrescentava : «É êste um facto preciso e típico em que a orígem informadora do médium não é verosímil que tenha sido o pensamento transmitido por nenhum ente vivo. Um médium descobrir o rasto dum morto já é coisa fantástica; mas reconstruir, em estado de transe, o último acto do drama da sua vida e a tragédia da sua morte, quando drama e tragédia se desenrolaram longe de todos os olhares, — excita de tal maneira a sua sensibilidade, que a razão fraqueja...»

Só os verdadeiros médiuns e verdadeiramente potentes, produzem manifestações supranormais dêste quilate, que levaram sábios metapsiquistas, como o Dr. Osty, a sentir fraquejar as suas convicções anti-espiritas.

Os outros, os falsos médiuns, formados na escola da *embustosofia* são *verdadeiros criminosos.* O que é preciso é escorraçá-los do Templo, como Jesus fêz aos vendilhões.

**ATENÇÃO**

**Rogamos a tôdas as publicações com quem permutamos o favor de tomarem nota da nossa nova redacção :**

**Rua do Salitre, 149, 1.° — LISBOA**

# O Espiritismo e a Igreja Anglicana

(Depoïmento do autor, no «Inquérito» da Comissão nomeada pelo Arcebispo de Cantuária, para estudar os fenómenos espiritas)

**Tradução do inglês pelo Dr. Sebastião Elviro Martins**

por Ernest W. Oaten

*Ernesto W. Oaten, director de* The Two Worlds, *semanário espirita de Manchester, quis dar-nos o prazer da sua colaboração, oferecendo-nos o depoïmento que fez, na presença da «Comissão de Inquérito aos fenómenos espiritas», nomeada pelo Arcebispo de Cantuária, a que nos referimos na «Crónica Estrangeira». Êste depoïmento desassombrado produziu a maior impressão nos meios anglicanos a que se dirigia e demonstrou, mais uma vez, a lealdade do Velho Combatente que, durante muitos anos, esteve à frente da Federação Espirita Internacional.*

*Como êste estudo é também, autobiográfico, dispensamo-nos de mais extensa apresentação, visto que o leitor fará idea nítida do nosso distinto colaborador, mesmo sem auxílio de palavras, com as quais pudéssemos fazer ressaltar o seu indiscutível valor moral.*

*Aquela revista esplêndida, profusamente ilustrada, mantém colaboradores e redactores especiais em várias partes do império britânico. Assim, os seus leitores andam, fàcilmente, ao corrente do movimento espirita mundial.*

*Ernesto W. Oaten publicou há pouco um interessante livro de memórias, intitulado «What remember me...» e que obteve bom êxito de livraria. Nesta obra, conta muitos fenómenos a que assistiu, durante cêrca de quarenta anos de experimentação espirita e que foram publicados, primeiramente, na sua revista.*

*A fotografia que publicamos foi oferecida a Estudos Psíquicos, com amável dedicatória, que agradecemos ao notável publicista.*

ERNEST W. OATEN

## A racionalidade do Espiritismo

«A Religião atrai — a Igreja repele». Assim disse o Arcebispo Lang, há alguns anos, num importante congresso. Se essa afirmação é verdadeira, deve haver uma razão para isso.

Há uma acentuada tendência para ignorar a opinião da Igreja, quer nos assuntos espirituais, quer nos seculares. ¿Qual a razão? Creio que devido à sua atitude conservadora para com o progresso científico contemporâneo. Basta citar, ao acaso, como ela encarou a astronomia de Copérnico, a descoberta geológica, etc.

Há quási um século, Darwin apresentou ao mundo boquiaberto a sua teoria da evolução. A Igreja impugnou-a, porque desmentia, superficialmente, a *criação especial.*

Esta disputa verificou-se exactamente na época em que se começava a educar as massas e a oposição da Igreja não se podia ocultar, como nas primeiras controvérsias.

Hoje, a teoria da evolução (com algumas modificações) mantém-se firme e inabalável, e tôda a gente sabe que a Igreja não tinha razão.

A confiança pública vai-se transferindo gradualmente da Igreja para a Ciência, por esta descobrir no-

vos horizontes e revelar as leis da natureza. Agora as leis da natureza são as leis de Deus. Os homens vão compreendendo que só pela observação daquelas leis se podem descobrir os desígnios de Deus. Por conseqüência, a Verdade, agora, encontra-se melhor no laboratório, que na Igreja e na Bíblia. Além disso, creio que a Ciência se inclina, com certa firmeza, para a interpretação superfísica da vida e dos seus nobres objectivos.

A evolução centralizou os pensamentos dos homens no materialismo. É, creio, mais do que uma coïncidência, o Espiritismo ter vindo ao mundo quási simultâneamente com as teorias da evolução. Considero êste incidente como um esfôrço necessário, para manter o equilíbrio entre os postulados antagonistas do materialismo e do Espiritismo.

Tudo o que o Espiritismo afirma é baseado na investigação, na experiência e no conhecimento, e não na tradição e na teoria. Quaisquer que sejam as teorias que os espiritas adoptem, baseiam-se sempre, em geral, na experiência e na observação. Desde que Drummond escreveu *«A Lei Natural no Mundo Espiritual»*, reconheceu-se, de facto, que as leis que determinam o crescimento do corpo, não são necessàriamente antagónicas ás que determinam o crescimento da alma.

O Espiritismo, agora, como ciência, não pede a ninguém que creia ; — diz simplesmente : *«experimenta tu mesmo, e que as tuas próprias conclusões determinem a tua convicção»*. Creio que o Espiritismo é a primeira tentativa para aplicar o método científico à investigação da natureza espiritual do homem, à actualidade do mundo espiritual e à natureza da vida no Além.

## Provas irrefutáveis da sobrevivência

Os fenómenos dos Evangelhos são lugares comuns das sessões espiritas. O racionalismo refutou os milagres, escalpelizando a Igreja, mas o Espiritismo restaurou-os como factos psíquicos.

Eu mesmo, — que em rapaz, como corista, freqüentei tanto tempo, aos domingos, a escola para instrução religiosa—, que fui educado mais ou menos sob a influência directa do Dr. Percival (Director principal do Colégio de Clifton, e mais tarde Bispo de Hereford), eu mesmo, cheguei aos dezanove anos sem ter a convicção de que há uma vida além da morte. Orava, lia, mas as minhas dúvidas subsistiam. Os meus superiores espirituais ladeavam tôdas as minhas preguntas e asseguravam-me que a dúvida era uma ofensa a Deus. Desta sorte tornei-me agnóstico, como o são hoje dezenas de milhares de homens.

Não obstante, eu argüia : «Se não há nenhuma vida além desta, então é porque se trata dum caso de filosofia moral e não religioso, visto que tôdas as religiões têm como objectivo máximo a ventura da humanidade e o cumprimento dos desígnios de Deus numa vida futura».

Os meus pensamentos, entretanto, giravam à volta desta pregunta : ¿«Há uma vida no Além ?» É esta a base fundamental. A existência e a natureza de Deus são os cumes do templo espiritual, e por isso a mim parece-me inversão da lógica argumentar como o Arcebispo de York, quando afirma que *«a vida eterna está contida na própria concepção de Deus»*.

Os homens não podem começar a construír as catedrais pela pedra que fecha a cúpula, mas sim pelos alicerces.

Eu fui cauteloso — pois assisti a muitas sessões espiritas em muitos lugares — e nenhum médium com quem trabalhei era profissional. Comecei com um grupo familiar, que se reünia semanalmente, em minha casa.

As provas obtidas foram maravilhosas. Lutei contra a convicção. Supus e inventei tôdas as explicações para interpretar estes fenómenos, sem os atribuir aos espíritos desencarnados. Assisti a perto de mil sessões em cinco anos, durante as quais testemunhei pràticamente tôdas as fases dos fenómenos psíquicos, antes de me dar por vencido. Agora mesmo posso mencionar 60 % dêsses fenómenos, devidos a causas materiais e morais ; 20 % oferecem explicações alternantes, mas pelo menos 20 % *impelem* um homem honesto a adoptar a hipótese espiritista.

Hoje, *sei* que há uma *vida futura*, porque mantive milhares de autênticas conversações com as personalidades que habitam no Além. Tôdas as minhas faculdades intelectivas se combinam para corroborar o facto.

As minhas próprias faculdades psíquicas desenvolveram-se gradualmente, de modo que posso agora, freqüentemente, ver, ouvir e sentir a presença das almas desencarnadas.

Como Swedenborg, até fui bafejado com a graça de vislumbrar os clarões da outra vida; e emquanto a minha missão me liga à aprendizagem terrestre, espero todos os dias pela conclusão do meu trabalho. A Vida não tem terrores, mas apenas deveres. A Morte não infunde temor; simplesmente nos prepara para tão glorioso acontecimento.

Afianço-vos que a personalidade persiste, sob condições próprias ao seu desenvolvimento e manifestação. As experiências mostram que o espírito, mesmo encarnado na terra, possue vestuário (perispírito) para se poder manifestar na outra fase da vida. As histórias dos fantasmas dos vivos mostram a possibilidade do homem aumentar as suas actividades no espaço. As aparições e os fantasmas das pessoas vivas têm sido vistas, ouvidas e fotografadas, longe do local onde os seus corpos estavam situados.

Mas os fantasmas dos moribundos e dos que morreram há muito tempo, apresentam exactamente as mesmas características dos fantasmas dos vivos.

A projecção do *duplo*, quer dum modo esporádico, quer por intenção, demonstra a existência de um corpo natural e espiritual, como diz S. Paulo. Os fenómenos telepáticos, que tenho comprovado em centenas de sessões experimentais, correm parelhas com mensagens telepáticas semelhantes ás das pessoas finadas — muitas delas verídicas e até proféticas — recebidas em sonhos, visões, e muitas vezes em estado normal. Em resumo : — não é o homem transformado e exaltado que existe além do túmulo — mas precisamente o cunho da personalidade que nós dizemos morta.

O Amor é um laço mais forte que a Morte, e o facto mais natural do mundo é o do homem solicitar a mulher e esta um filho. Quando a morte os separa, o amor atrai os corações unidos. Nem a ignorância dos sábios, nem os anátemas da Igreja podem separar os que se amam. A personalidade que, na terra, procurou sempre o bem estar do objecto da sua afeição, continuará a viver ainda para além da Morte. Há milhares de pessoas nesta e na outra vida, cuja felicidade seria exaltada se tivessem a certeza de que essa

comunhão é uma realidade. Muitas pessoas dignas, que transpuseram o limiar do astral, estão ansiosas por transmitir, aos vivos da Terra, alguns conhecimentos baseados no que lá observaram, porque encontram sempre meio de o fazer.

## Em face do problema — Comunicação impressionante

Tenho visto, com freqüência, entrar o sábio zeloso na sala de sessões, disposto a escalpelizar os fenómenos psíquicos — orgulhoso da sua ciência e convencido da sua habilidade — e muitas vezes o vi também sair vencido e esmagado. A sua atitude, mais do que o seu objectivo, humilha-se perante os factos. Porém, raras vezes, em face da morte, tenho visto almas atribuladas, esmagadas pelo sofrimento e humilhadas pelo desamparo, que não tenham encontrado uma resposta ao seu apêlo.

Robert Blatchsfort, durante os cinqüenta anos que consagrou ao estudo do determinismo, em vão procurou uma resposta à mais antiga interrogação do mundo; mas quando sua espôsa desencarnou e apareceu alguém que o amava, disposto a responder ao seu apêlo, estabeleceu-se ràpidamente a comunicação. O pórtico do amor surgiu das duas margens do rio da morte, e onde falhou a inteligência triunfou o amor!

É como procurar a salvação — a atitude mental é tudo.

Não julgueis que os sofredores são crédulos. Em geral não o são. O problema, para êles, é tão importante, que não admitem que os ludibriem.

Tôdas as coisas implicam um prolongamento do nosso estudo sôbre a natureza e as possibilidades da personalidade humana — o único problema que a todos os outros sobreleva, e acêrca do qual o mundo é lamentàvelmente ignorante. ¿Quem o ajudará a resolvê-lo? ¿A Ciência ou a Igreja? Segundo os resultados obtidos até agora, o futuro depende da Ciência.

A comunicação de que vos falo é possível, e foi, sem dúvida, estabelecida. A Igreja pode discutir esta tese: «*¿É legal? ¿e se é legal é boa?*» A Igreja pode arguïr, mas não deterá a maré avassaladora.

Há sessenta anos, Sir William Crookes disse: «A expansão do Espiritismo na Inglaterra apoia-se em milhares de habitações, nas quais um ou mais membros da família é médium».

Hoje, devem existir muito mais de 20.000 lares nêste país, onde a família se reüne semanalmente (sem médiuns profissionais ou estranhos) a-fim-de se pôrem em comunicação com os seus parentes finados. O antigo costume do culto dos penates está quási extinto, mas o grupo espirita familiar substituïu-o.

¿Quais são os efeitos do Espiritismo? Vi um homem dissoluto e dissipador mudar por completo a sua vida, em conseqüência de uma mensagem recebida de sua falecida mãi. Conheci uma mulher que, farta de lutar pela vida e que recorrera ao veneno para lhe pôr termo, entregou a droga ao médium, que lhe dera uma comunicação de seu pai.

A primeira mensagem que recebi no meu próprio grupo familiar, abalou-me profundamente e alterou-me as perspectivas.

Eu era jovem — um aprendiz — e com pouco dinheiro no bôlso. Trabalhava num grande estabelecimento com uma multidão de homens. Eles jogavam nas corridas e eu seguia-lhes o exemplo, derretendo nelas todos os meus vintens. Meus pais, freqüentadores da igreja regular, como meu tio, sentaram-se em volta da mesa. Meu avô comunicou-se. Eu era o seu neto favorito — pois tinha sido seu guia, quando a vista se lhe obscurecera.

Meu avô provou a sua identidade, nome, morada, a firma em que trabalhára, data da sua morte, cemitério em que foi enterrado, a idade, a sua igreja paroquial, a igreja em que se tinha casado, o nome do pároco que o casou, os nomes de suas irmãs e irmãos, o nome de solteira de sua mulher, assim como a primeira residência após o seu casamento. Alguns dêstes factos eram-me desconhecidos, só mais tarde verificados.

Depois de provada a sua identidade, preguntei:

— «Tem alguma mensagem?»

— «Tenho.»

— «Para quem?»

— «Para Ernesto.»

— «Qual é a mensagem?»

— «Pára com o jôgo! Êle quási me arruïnou.»

Tôdas as pessoas da minha família ficaram boquiabertas. Meu avô insistiu que o penalizava vêr-me jogar. Desde então, nunca mais apostei em cavalos.

## Uma prova irrefutável

Ernesto Marklew, Membro do Parlamento, fêz há pouco tempo, na sala dos Comuns, esta declaração:

«*Não hesito em afirmar que tudo o que sou, tudo o que tenho e espero possuir, devo-o ao Espiritismo*».

Quando êle era rapaz, perdera-se, como muitos homens, nos caminhos tortuosos duma vida miserável. Pois bem, depois de entrar em contacto com o Espiritismo, tão grande foi a sua transformação, que seu pai — homem escrupulosamente religioso, prègador durante trinta anos como chefe metodista Wesleano — ficou de tal modo admirado com a mudança do filho, que aquêle se informou àcêrca dos princípios filosóficos que tanto o haviam impressionado. Como quási sempre acontece, a investigação convenceu-o, pelo que se tornou pùblicamente adepto do Espiritismo.

As pessoas, fóra das esferas espiritas, não podem compreender a naturalidade, a certeza e a rialidade da presença dos espíritos. Não querem crer que o mundo espiritual pode vir a ser, para aquêles que possuem faculdades mediúnicas, tanto uma parte das suas vidas normais, como seus companheiros de trabalho ou vizinhos com paredes meias.

Há três anos, emquanto eu e minha mulher tomávamos chá, numa terça-feira à noite, vimos meu pai, que morreu em 1911. Disse-me que fôsse ver minha mãi, porque ela estava prestes a reünir-se-lhe. Naquela época, estava ela a gozar umas férias no Condado de Warwick — a-pesar-de residir habitualmente em Bristol. Escrevi então a meus irmãos residentes nesta cidade, contando-lhes o teor da mensagem de meu pai. Se nossa mãi falecesse fóra do seu domicílio, teríamos de transportar o cadáver para Bristol, a-fim-de nesta cidade lhe fazermos o funeral. Isso tornar-se-ia dispendioso para uma família de operários. Meu irmão estudou o problema durante o fim de semana, assim como a melhor maneira de o resolver, tomando para isso as disposições necessárias. No sábado seguinte, visitei minha mãi e verifiquei que estava bem de saúde. Lanchámos, tomámos chá e cavaqueámos

um pouco; seguidamente despedi-me dela, pensando que meu pai se devia ter enganado.

Na quarta-feira seguinte à tarde ela adoeceu e desencarnou na quinta-feira de manhã. O nosso aviso tinha sido tão útil, que nenhum de nós perdeu um momento. Graças ao aviso, resolvemos um problema imprevisto. Depois do funeral, a nossa família reüniu-se — a única vez que nos juntámos — e minha irmã, que vivia apenas à distância de alguns metros da nossa mãi, lamentou-se, porque, como estava habituada a vê-la regularmente durante tantos anos, sentir-lhe-ia a falta. Meu pai manifestou-se imediatamente, e disse:

—«Não sejam egoistas; agora sois todos crescidos. Tivestes-la na vossa companhia durante vinte e cinco anos; agora, é a minha vez».

Meus senhores: — ¿Que mérito pode ter esta conversa se, a-final, centenas de pessoas obtêm experiências semelhantes, tôdas as semanas?

## A verdade permanece

Quando interessadamente falais àcêrca da comunhão espiritual, nós não argüimos; ¡sorrimos! Viveis num campo de concentração, construído por vós próprios e ilaqueado pelos dogmas. Desconheceis o grande, o belo mundo invisível, e não ousais confiar em vós mesmos para o explorar! Os discípulos não encontraram nenhuma dúvida em aceitar o testemunho de Pedro, Tiago e João, quanto à transfiguração do Cristo, sòmente porque *êles* acreditavam. Conheço a causa dos vossos temores. Receais que a nova ciência possa fazer sossobrar o vosso firme e secular ancoradouro; que a Nova Revelação possa significar o abandono das bem estabelecidas e experimentadas tradições religiosas.

Foi êsse o vosso receio quando surgiu o darwinismo. Mas a verdade prevalecerá, com o vosso consentimento ou sem êle.

Pertence tanto á Igreja, como ao cientista, descobrir a nova verdade. Ninguém, a não ser um louco, crê que todo êsse reino foi revelado.

O Espiritismo pode provar, sem sombra de dúvida, que a vida persiste após a morte. Milhares de crentes abandonam a Igreja, porque ela apenas lhes exige que creiam. Hoje, a crença sem provas é considerada como superstição e credulidade, ou como forma de auto-sugestão. A Igreja nunca forneceu qualquer notícia, quanto á natureza da vida que todos nós havemos de viver. Se esta vida é uma escola prática, uma aprendizagem, então é-nos absolutamente essencial conhecer o tipo daquela, para que nos preparamos; e suponho que as únicas pessoas que sabem qualquer coisa àcêrca do mundo espiritual, são as que lá vivem: tudo o mais é simples conjectura.

Podem não ser capazes de nos revelarem muitos segredos concernentes á natureza daquela vida, (porque a nossa consciência deve reagir de acôrdo com a nossa experiência e ambiente); contudo, por pequena que seja a informação obtida, sempre é melhor do que uma simples conjectura. A Igreja tem apresentado quadros de vida inútil, de completa monotonia, que se opõem à reflexão. Ela não sabe nada àcêrca do tipo da vida que nos espera, porque o mundo espiritual não é uma representação de títeres glorificados, mas «*a vida abundante*», onde as necessidades reais dos nossos irmãos oferecerão oportunidades de utilíssimos sacrifícios.

A vida neste planeta, não obstante a rapidez com que exprimimos as ideas, é um lento e sonolento rastejar, comparado com a intensa actividade que teremos, quando nos libertarmos dêste envólucro de matéria terrestre.

## Afirmação de fé

Entre os espiritistas, nota-se um movimento religioso cada vez mais acentuado, que pode ser desigual e indisciplinado, mas está completamente integrado nas suas bases fundamentais.

Quando, há 26 anos, assisti ao Congresso da União Espirita Nacional, havia cêrca de 110 igrejas filiadas e outras tantas não filiadas. Hoje, há 512 igrejas dentro da União, e quási mil de fóra. Podeis preguntar: ¿Não há lugar para os espiritas dentro da Igreja? Deixai que vos diga que quási todos nós estamos de fóra, porque fômos perseguidos e expulsos. Eu era corista, secretário da sociedade de temperança, secretário auxiliar duma associação de socôrro mútuo, professor duma escola dominical, e disseram-me simplesmente que «*desde que eu tinha negócios com o demónio, dispensavam os meus serviços, porque podia contaminar os crentes*».

¡Pois bem! Nunca vou onde não sou chamado. Fui um dos que teve de constituir a sua própria igreja, sob o patrocínio dos espíritos, e nunca me arrependi disso, se bem que a liberdade tenha as suas responsabilidades.

Sou espírita há quarenta anos, e durante êste tempo nunca tive um momento de dúvida sôbre o amor e desígnios de Deus ou a realidade de qualquer outra religião.

O Espiritismo respondeu a tôdas as preguntas solicitadas pela minha inteligência e satisfêz as súplicas do meu coração. Rehabilitou a Bíblia, e tornou-a um documento humano compreensível. Transformou Jesus Cristo — considerado como místico, mentor e terrível inspirador, que viveu há dois mil anos — numa fonte de energia e inspiração actual e dinâmica, e numa alma humana, sábia e experimentada; num irmão mais velho, cuja influência ainda se espalha pelo mundo, impregnada de amor; que conhece, mas que nenhum caso faz de credos, raças ou igrejas e apenas sabe as necessidades da alma humana. Dêste modo, o Cristo pertence tanto á vossa Igreja como ao primitivo adorador do sol. Êle não necessita da vossa adoração, mas de vidas puras que lhe sigam as pègadas. Não é o Seu nome, mas o Seu espírito, que importa.

Não obstante a afronta da Igreja, a perseguição da lei, as idéas erróneas, os risos escarninhos do ignorante e o desprêzo do sábio oficial, o Espiritismo está ràpidamente a moldar e a preparar o pensamento dos homens para a vida futura.

## A Comunhão com o mundo espiritual

Nada nos pode frustar a vitória, porque temos a mais importante realidade dêste mundo e os exércitos do céu estão detrás de nós.

Finalmente, desejo pôr em evidência um facto mais importante. Não necessito de me referir aos vários postulados dos diferentes ramos do Cristianismo —

Romano, Grego, Anglicano e dissidentes. Não há nenhuma probabilidade de acôrdo entre êles. A esperança do mundo chegar a ser completamente cristão de nome é tão remota como a conversão do mundo ao Islamismo ou ao Budismo.

Contudo, num recente congresso em Glasgow, assisti a uma reünião internacional, na qual tôdas as crenças se reüniram, apoiadas numa base fraternal. Cristãos, não só ministros ordenados como leigos de muitas denominações, fraternizaram com Budistas, Brâmanes, Muçulmanos, Judeus, Yogis — todos os credos e côres ali reünidos, acordaram numa base comum: a comunhão com o mundo espiritual. Nas comunicações com os habitantes dêsse mundo, não curamos das diferenças de religião ou ritual, que são consideradas como idiosincrasias mèramente pessoais: na outra vida, elas nada pesam, e só têm valor quando influenciam e determinam a conduta e o carácter.

Tempo virá em que uma religião universal suplantará tôdas as diferenças de credos, e o Espiritismo oferece uma ampla base para essa religião, no facto demonstrável da sobrevivência humana e da imortalidade, bem como a comunhão entre todos os mundos; um autêntico progresso. Somos filhos do Único poder criador. Todos nós encontraremos a verdadeira pátria, quando a experiência nos tiver disciplinado e desenvolvido a aptidão necessária para nos aproximarmos de Deus.

O Espiritismo é de origem divina. Podeis retardar o seu progresso, mas não podeis frustrar o seu êxito verdadeiro!

Sempre que qualquer religião atingiu o seu auge de progresso sob o ponto de vista da sua origem e do influxo do poder espiritual, mais fraca e mais corrupta se tornou. O Espiritismo moderno é uma revelação contínua, que renova a sua inspiração diàriamente e ganha fôrças, mediante um contacto constante com a fonte eterna.

A Igreja tem empregado todos os esforços para entravar o nosso progresso. Tem usado a sua influência no Parlamento, nos tribunais, na sociedade e através da Emissora Nacional Britânica, para nos afastar, humilhar e reduzir ao silêncio.

### Certeza de imortalidade

Meus senhores, não nutrimos contra vós qualquer má vontade. O tempo é ilimitado e a verdade é invencível. Houve uma época em que teríamos aceitado o vosso auxílio para deter a onda do materialismo. Hoje, se aceitardes as nossas realidades, estender-vos-emos a mão da amizade, mas não será fácil esquecer que esperastes a hora da vitória, antes de reconhecerdes os nossos postulados.

De boa fé vos asseguro que não nos interessam as questões doutrinárias, as definições de Deus, que devem ser, nêste caso, especulativas e incertas, ou consideradas como hipóteses muito discutíveis de salvação. Mesmo as questões históricas são de importância secundária. Não podeis viver eternamente do passado. O facto é que os nossos pés assentam num caminho que conduz ao porvir. «*As veredas da glória sòmente nos guiam ao túmulo*».

¿Que se avista no Além? ¿O húmido, escuro e medonho rio, ou a fronteira que nos mostrará a eterna manhã? O espírita respondeu a esta pregunta e demonstrou as suas afirmações em milhares de volumes. Essas afirmações não fôram, nem poderão ser refutadas. Em conjunto, as suas conclusões são *esmagadoras*. Nós *viveremos* nesse mundo. ¿Qual é a natureza dessa vida? O treino e a aprendizagem neste planeta expiatório devem ter alguma relação com a nossa adaptação futura.

Asseguro-vos que, quando transpuserdes a fronteira, nenhuma importância terá o facto de haverdes pertencido a esta ou àquela comunhão; se fôstes Romano ou Anglicano, Metodista ou Salvacionista, Cristão, Muçulmano ou Judeu. Qualquer crença pode ser justificada, desde que apresente os frutos do carácter e da rectidão da justiça — o amôr, a honra, a virtude e a generosidade.

Não obstante, tendes de continuar a viver, e o vosso ponto de partida, lá, é continuação do que terminou aqui. O túmulo não é o *términus*, mas o entroncamento, onde mudareis de via, para continuardes uma eterna jornada.

O universo de Deus não está dividido em compartimentos estanques. A glória da vida maior pode agora mesmo penetrar nas neblinas dêste mundo, precisamente porque o amor de Deus abraça tôda a vida; e assim o amor humano, pálido reflexo do Seu protótipo cósmico pode transpor os umbrais da morte.

## A VONTADE

A vontade é inseparável de qualquer manifestação da existência. Na vontade essencial do sêr, reside o princípio da sua individualidade. A vontade é a própria essência da vida, porque só ela permite a afirmação duma existência e garante o seu triunfo. O instinto de conservação e o de crescimento manifestam-se imperiosamente em todos os sêres: — a vontade de manter e a vontade de aumentar. O desenvolvimento da vontade implica o alargamento de horizontes e de domínio do sêr. A vontade, limitando-se, produz a representação. Não há fenómenos que não sejam volitivos, o que não impede que a vontade que os produziu seja inconsciente. As fôrças da Natureza que se consideram brutas são manifestações grandiosas de Vontades superiores, cujos limites não cabem dentro das nossas faculdades representativas. Por isso, nos parecem inconscientes.

*D. Lôbo Vilela*

## AS VIAS DO PROGRESSO

O caminho ascensional da grande humanidade, com as suas alternativas de vida corporal e de vida espiritual, não é, por assim dizer, mais do que um vagaroso *purificador*. As primeiras estâncias, onde o mal domina em proporções espantosas, são *infernos*; as estâncias um pouco mais adiantadas, como a da terra, onde o mal domina ainda, mas onde as alegrias se entrelaçam com as dores, são *purgatórios*; as estâncias mais elevadas, onde o bem domina, podem chamar-se *paraísos*, mas paraísos progressivos que são, apenas, a entrada da verdadeira Jerusalém, onde, cercado da falange de espíritos vitoriosos, o Pai nos espera.

*P. V. Marchal*

# Terceira reunião de confraternização

## PASSEIO A CABO RUIVO

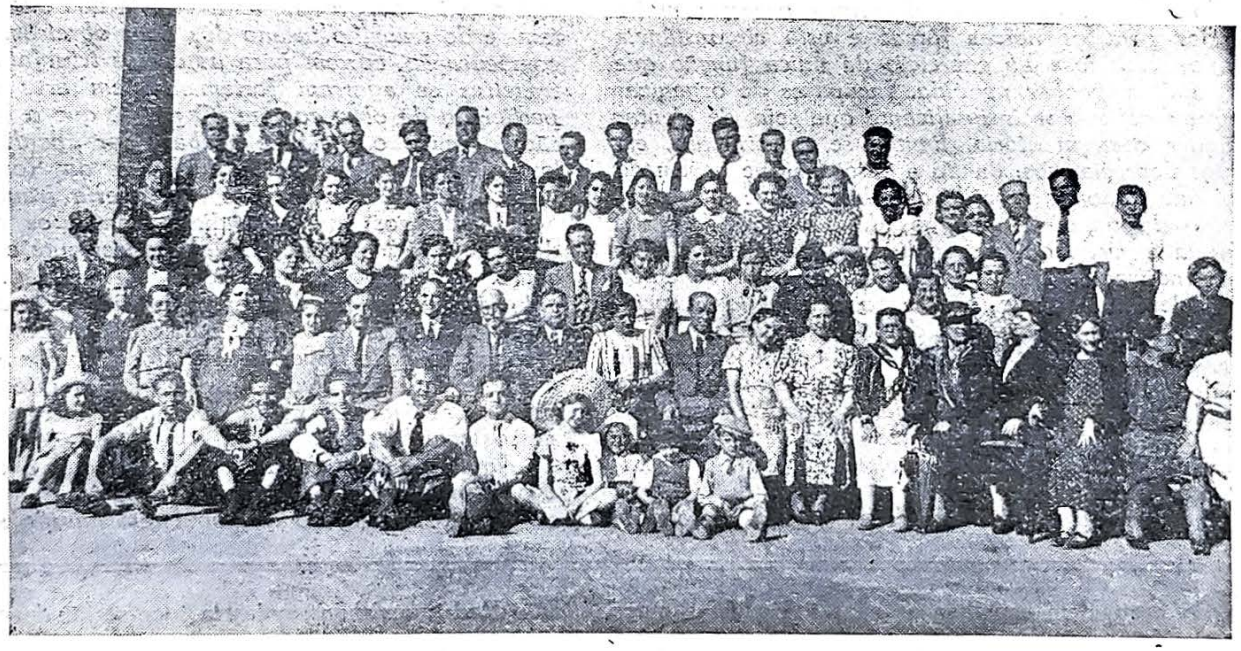
CONFORME estava anunciado, realizou-se, no dia 2 de Junho corrente, a excursão à Quinta do Medlicot, em Cabo Ruivo, feliz iniciativa da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor.

Nos anais desta colectividade, que tão denodada e proficientemente vem lutando *pelo progresso e prestígio do Espiritismo* e *pela união fraternal da família espirita*, o facto inscreve-se em letras de oiro, pelo sucesso, além de tôda a espectativa, a que o reatamento desta antiga tradição deu lugar.

Cêrca de oitenta excursionistas participaram dêste memorável passeio, onde as notas dominantes foram a alegria, a boa disposição e a ordem. Nenhum dos inscritos faltou à hora assinalada para a partida, e às dez e cinqüenta o combóio pôs-se em marcha, levando a nossa carruagem. Meia hora depois estávamos em Cabo Ruivo. A manhã apresentava-se magnífica e prometia uma jornada encantadora. Foi com manifesta satisfação que os excursionistas chegaram à Quinta do Medlicot e se dirigiram ao terraço donde se disfrutava um panorama admirável do Tejo e suas margens.

Pouco depois, o Presidente da Direcção do Centro, Sr. Tenente Isidoro Duarte Santos, proferiu breves palavras justificativas do passeio que se realizava, pondo em relêvo que só em ambientes de tão grande simpatia e boa disposição se pode conseguir a desejada fraternidade da família espirita. Terminou fazendo votos por que êstes passeios tenham seqüência e em todos, como nêste, reine sempre o mesmo espírito optimista e a sã alegria de viver.

Seguiu-se o almôço, e a avaliar pelo apetite de alguns Confrades, os ares de Cabo Ruivo, são excelentes... Aqui também dominou a boa camaradagem, esforçando-se cada um por que os outros participassem um pouco do seu farnel. O pior foi quando o professor naturista, Sr. Inglês Tavares, cuja apresentação foi feita em termos elegantes pelo nosso Confrade Pereira Serra, ergueu a sua voz autorizada para criticar o regime omnívoro e defender com calor, com factos e com sólidos argumentos, o regime de que é esforçado paladino há mais de vinte anos. A lição aproveitou a muitos, certamente, e houve até quem se tivesse felicitado por as palavras do ilustre professor terem sido proferidas depois do almôço. O professor Inglês Tavares foi, no final, muito aplaudido, e aqui deixamos consignado todo o nosso agradecimento pela bondade que teve em acompanhar-nos e pelos ensinamentos que nos ministrou.



OS EXCURSIONISTAS NO TERRAÇO DA QUINTA DO MEDLICOT

O Secretário Geral do Centro, Sr. Dr. Pedro Dias de Sousa, retomando as considerações feitas pelo orador que o antecedera, proferiu algumas palavras de apôio às teorias e práticas naturistas, louvando a coragem com que os seus adeptos enfrentam os motejos dos que não comungam nas suas ideas e suportam com estoica resignação as perseguições de que por vezes são alvo por parte dos médicos alópatas. Essa coragem e essa resignação, só têm paralelo com a coragem e a resignação de que dão provas os espiritas,

# Notas & Comentários

## Resposta aos «críticos»...

*De vez em quando, chegam até nós peregrinos comentários acêrca da existência ou não existência do Centro E. Luz e Amor, como entidade integrada no movimento espirita português. Segundo certos «críticos», «isto» não tem viabilidade, porque os seus dirigentes andam às turras, em quisílias constantes, e acabarão por liquidar a obra que, a-final, nunca passou de mero simulacro.*

*Êsses «críticos» falam, mas não entendem, nem se entendem. Falam por falar, como a cigarra canta, por cantar. Julgam os demais pela própria bitola.*

*Com efeito, os nossos objectivos parecem muito grandes para as nossas fôrças e esta circunstância leva os «críticos» ao exercício da única função que podem desempenhar na vida. Incapazes de organizar qualquer coisa, por insignificante que seja, de alentar qualquer obra meritória, limitam-se a «criticar», em termos depreciativos, dando a entender que bebem do fino, que estão no segrêdo dos deuses, que têm o exclusivo do vaticínio que lhes dá a pedra filosofal... ¡Fauna espúria, que nunca ligou o nome ao mínimo empreendimento, que nunca incitou e movimentou ideas elevadas, dando-lhes forma e levando a sociedade a traduzi-las, na vida de relação!*

*A êstes «críticos», respondemos com a serenidade de quem trabalha, de quem vive intensamente o seu Ideal, de quem deseja consolidar o baluarte, para que não venha a sofrer os embates da adversidade, nem as contingências da traição,muitas vezes mais próximos do que se julga.*

*Se «isto» não tem viabilidade, di-lo o número de associados inscritos até hoje, di-lo o acolhimento verdadeiramente lisongeiro desta revista, em que colaboram personalidades eminentes, portuguesas e estrangeiras, que a impõem à consideração de adeptos e simpatizantes, de adversários e até de inimigos.*

*Não basta «criticar», senhores «críticos», porque a crítica sem base tem duração efémera. Para que a crítica tenha utilidade, é necessário que seja construtiva, que oriente e forneça directrizes, que demonstre, emfim, competência e boa intenção de seus autores. Só assim poderemos aceitá-la, só assim respeitaremos as suas conclusões.*

*Mas os «críticos» a que nos referimos pertencem a outra estirpe, cultivam a crítica-maledicência e sentem agonias ao presenciar a vitória dos outros. Afastam-se do trabalho insano dos bons obreiros, mas, em compensação, correm para os carros triunfais, a cujas trazeiras se agarram fortemente, em ares de quem participou da obra comum. O pior é que o seu vozeirão... imita o latão e acabam por apanhar com o* lanternão, *no dizer facêto de Faure da Rosa, a respeito de certa médium que não queria fraudar...*

*Quanto aos «mal-entendidos» entre os dirigentes desta casa, é idea que faz rir piedosamente e que descobre o joguinho dos «críticos» em questão. Alguma coisa haviam de inventar para a sua «crítica»...*

*Aqui, não há «mal-entendidos», simplesmente porque os não pode haver, onde todos trabalham sinceramente e de mãos dadas, esquecendo o interêsse próprio, para só pensarem na Causa, que merece todos os nossos sacrifícios.*

*Aqui não reina o arbítrio, visto que a tolerância é o móbil dos nossos actos.*

*O que aqui há, o que aqui tem havido sempre, é*

---

quando pretendem espalhar as suas ideas. Mas umas e outras hão de triunfar, porque ambas trazem em si a Verdade que, cêdo ou tarde, brilhará aos olhos de todos.

E transitando para a anunciada palestra espiritualista, o orador, vibrante de entusiasmo que a todos se comunicou, fêz uma calorosa defêsa da doutrina e moral espiritas, incitou os presentes à sua prática e defêsa, escudados pelos ensinamentos de Jesus Cristo, o maior apóstolo da maior Verdade que os homens jàmais possuïram. Terminou, pedindo a todos os presentes que, reünidos em torno da bandeira do Centro Espiritualista Luz e Amor, trabalhem afincadamente pelo seu engrandecimento, que é o da Causa em que todos comungamos.

Seguiu-se a recitação de poesias e anecdotas, a cargo das senhoras D. Elisabeth Valdez, D. Ivone de Sousa, D. Judite de Carvalho Caetano, sr. António Antunes e Dr. Pedro Dias de Sousa. O professor de guitarra Alberto Lima, tocou com geral agrado alguns trechos de óperas e música clássica.

A tarde declinava, mas o dia, sempre formoso, convidava a ficar. E ficámos, para ouvir o Capitão Estêvão Rodrigues numa palestra joco-séria, de profundos conceitos filosóficos e que terminou com a recitação de três belos sonetos de sua autoria, dedicados ao Centro Luz e Amor. Pena foi que o nosso Confrade, por estar padecendo duma constipação na laringe, não pudesse ter tirado do seu esplêndido trabalho o partido que merecia.

Estava cumprido o anunciado programa e a conversação generalizou-se, confraternizando-se, na verdadeira acepção da palavra. Rapazes e raparigas organizaram, então, uma dança de roda e a Quinta foi percorrida, alegremente, ao som de cantares e folguedos.

Aproximava-se a hora da partida e todos lamentavam não poder recomeçar aquêle dia inesquecível. E para que dêle ficasse memória, tirou-se a fotografia que ilustra esta página.

Com a mesma ordem e a mesma disposição, se fêz o regrêsso a Lisboa, e ainda, durante o trajecto, a alegria foi esfusiante e comunicativa. Na *gare* do Rossio, os excursionistas demoraram-se, por largo tempo, a conversar, manifestando tôda a sua satisfação pelo êxito do passeio.

*união indestrutível, na qual reside todo o nosso triunfo. O que aqui há, o que aqui tem havido, é amor à Doutrina e renúncia a tudo o que represente egoismo individual. O que aqui há, o que aqui tem havido, é ordem e disciplina e vontade firme de vencer. Pode haver discussões, no sentido elevado do termo, inerentes ao dinamismo que subordina todos os nossos actos. O que não há, é... dissenções.*

*Fiquem-se com esta, os senhores «críticos»...*

## Esplêndida vitória

Mundo Espirita, *de 16 de Março, deu-nos uma grande consolação, demonstrando ser o órgão mais dinâmico e profícuo de quantos conta o Espiritismo, em terras do Cruzeiro. Na realidade, não há facto retumbante ou actividade associativa que êle deixe de acompanhar, com aquêle senso prático tão característico, apanágio do seu director e nosso estimado consócio, Dr. Henrique Andrade. Todo o movimento espirita lhe fornece motivos de ótima propaganda, a ponto de muitas sociedades o considerarem seu órgão oficial. Eis um triunfo bem raro em Espiritismo, demais a mais tratando-se de jornal independente, subordinado, apenas, ao critério do seu legítimo responsável. Mas que êsse critério tem sido do melhor, prova-o, sem dúvida, o oitavo aniversário da sua existência, que há pouco comemorou, em 4 de Abril último.*

*A vitória, porém, que desejamos assinalar, é doutro género e dá-nos a certeza de que, emquanto houver brasileiros, a Causa terá seus naturais paladinos e desentranhar-se-à em frutos de grande sabor moral.*

*Dentre as muitas campanhas de* Mundo Espirita, *uma houve que lhe mereceu e merece a mais desvelada atenção: a campanha pró-Hospital Espirita, objectivo máximo da Associação Espirita «Obreiros do Bem», presidida pelo nosso distinto consócio sr. Agostinho Pereira de Sousa, que, ainda não há muito tempo, doou à mesma colectividade o prédio e o vasto terreno que o circunda, à Rua Santa Alexandrina, 181, onde a referida colectividade tem a sua sede e o «Ambulatório Allan Kardec.»*

*Ao ter conhecimento da doação, pela leitura de* Mundo Espirita, *um assinante de Minas, que pediu não divulgassem o seu nome, dirigiu-se àquela redacção, a-fim-de obter mais pormenorizadas informações àcêrca do assunto. Depois de atendido, declarou que desejava concorrer com certo donativo e, para isso, solicitava a presença na mesma redacção da Directoria da «Obreiros do Bem», em tal dia e a tais horas. Satisfeita a formalidade, expôs em breves palavras o prazer que sentia, auxiliando a construção do Hospital, e entregou, por intermédio de* Mundo Espirita, *um cheque visado de 60 contos, pouco mais ou menos 90 contos, na nossa moeda.*

*É esta a grande, esplêndida vitória do órgão mais dinâmico e profícuo de quantos conta o Espiritismo, em terras do Cruzeiro.*

*¡ Honra, pois, ao* Mundo Espirita *e ao seu Director !*

## Confraternização

*«A união faz a fôrça», é velho aforismo que ainda não perdeu a mínima parcela do seu valor intrínseco. Está posto à prova desde os primeiros alvores da humanidade. Nas pequenas, como nas grandes coisas, só a verdadeira união, baseada no interêsse comum, consegue vencer obstáculos e dificuldades que pareciam insuperáveis. Assim foi sempre e assim será,* per omnia seculae...

*Vem isto a-propósito da excursão que o Centro Espiritualista Luz e Amor promoveu a Cabo Ruivo, no dia 2 de Junho corrente e que ficará memorável, emquanto houver quem vibre e sinta, ao contacto de belos empreendimentos. Podemos afirmar que o passeio de confraternização constituiu êxito estrondoso que estávamos bem longe de calcular, tal foi a harmonia e o entusiasmo que reinaram em tôdas aquelas almas, dispostas à permuta de ideas e de sentimentos, em atmosfera de franca espiritualidade. Eram oitenta almas a vibrar no mesmo anseio evolutivo, esquecidas, momenteneamente, das misérias terrenas. Velhos, crianças, adolescentes, adultos em idade madura, todos souberam confraternizar, sob a bandeira branca do Centro, que atrai para a sua sombra todos aqueles que se dispuzeram a lutar contra as imperfeições humanas e por um mundo mais elevado.*

*Se o êxito não tivesse sido, realmente, notável, não teríamos recebido cartas lisongeiras, aspirando a novo passeio do mesmo género. Descansem, porém, os impacientes, que a próxima excursão será maior ainda do que a primeira e reünirá elementos que faltaram a esta. Tudo se fará a seu tempo, «pelo progresso e prestígio do Espiritismo» e «pela união fraternal da família espirita». E se, desta vez, congregámos oitenta e tantas almas, em alegre convívio, sem notas discordantes, é bem possível que, na nova excursão, se duplique a parada e que os efeitos do empreendimento sejam ainda mais flagrantes que os de hoje.*

*É preciso extinguir a lenda do desconhecimento recíproco dos espiritas portugueses e semelhante objectivo só pode alcançar-se por meio de passeios e festas de confraternização, em que os preconceitos brilhem pela ausência e um só Ideal perdure e irmane os nossos corações.*

*I. D. S.*

## AOS ESPIRITAS

O Espiritismo dirige-se aos que não crêem ou que duvidam e não aos crentes que têm fé e a quem essa fé é suficiente; êle não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adoptar as nossas, e nisto é conseqüente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por êsse motivo, não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas para converter às nossas ideas o clero, de qualquer comunhão que seja. Repetiremos, pois, a todos os espiritas: acolhei com solicitude os homens de boa vontade; oferecei a luz aos que a procuram, porque com os que crêem não sereis bem sucedidos; não façais violência à fé de ninguém, muito mais quanto ao clero, que aos seculares, porque semeareis nos campos áridos; ponde a luz em evidência, para que a vejam os que a quiserem vêr; mostrai os frutos da árvore e dêles dai a comer aos que têm fome e não aos que se dizem saciados.

*Allan Kardec*

# Fenomenologia metapsíquica

pelo Dr. Rodrigo Sanz

(Tradução de I. D. S.)

## IV

25. — Não são menos variadas e pasmosas as vidências de passado: quer as de passado *próximo*, como a pêrda, horas antes, de um broche, por uma senhora, na rua; quer as de passado *distante*, de lugares ou edifícios, tal como eram há cem anos; quer as de passado *remoto* e, por vezes, remotíssimo, qual a de um grupo de homens, vestidos de peles e armados de chuços que subiam uma encosta (como teve a médium e vidente inglesa *Rosemary*, numa paragem agreste de Inglaterra). Evidentemente, que, nestas últimas, não costuma haver maneira de comprovação positiva.

Quero referir a primeira destas vidências, relatada por Geley, acêrca de Estêvão Ossowiecki, engenheiro polaco que, de 1921 a 23, foi objecto de experiências rigorosas.

Certa manhã, uma senhora de Varsóvia perdeu na rua o broche de ouro do seu vestido; e, visitando, na tarde do mesmo dia, o médium Ossowiecki, que não conhecia, contou-lhe o sucedido. A resposta foi imediata:

— Minha senhora: o broche está em casa, na sua caixinha. É redondo, com uma pedra, e sei que a senhora tem por êle grande estima.

Mas a descrição era de outro broche que a senhora guardara na mesma caixinha. E assim lho comunicou.

— Bem — respondeu Ossowiecki —; então, mostre-me algum objecto referente ao broche.

— O broche prendia, aqui, êste vestido.

Ossowiecki pôs os dedos no lugar que lhe foi indicado e disse, pouco depois:

— Vejo-o, sim. É oval, de ouro, antigo, uma recordação de família. Podia desenhá-lo. Tem duas partes que encaixam, como dedos entrelaçados.

— É verdade — disse a senhora.

— Perdeu-o um tanto longe daqui, na rua tal, esquina tal (a uns quatro quilómetros de distância).

— Realmente, passei por lá esta manhã...

— E vejo que um homem de bigode preto, modestamente vestido, o encontra e o guarda... Será difícil rehavê-lo.

No dia seguinte, de tarde, um irmão desta senhora disse-lhe em casa:

— O teu broche já apareceu. O sr. Ossowiecki telefonou-me agora mesmo, dizendo que to entregará àmanhã, em casa de sua irmã.

E, com efeito, Ossowiecki entrega-lho no dia seguinte, dizendo:

— Ontem de manhã, ao entrar num Banco, olhei para um homem que estava no vestíbulo, a quem reconheci como o mesmo que tinha achado e guardado o broche na rua. Dirigi-me a êle: — «O sr. encontrou ontém, em tal sítio, um broche de ouro». — «Sim, — respondeu, admirado —. Como sabe você isso?» Contei-lhe tudo e disse-me que já pensava em publicar um anúncio na imprensa. E entregou-me o broche.

O relato original é subscrito pela senhora e seu irmão: ela, filha dum magistrado do Supremo Tribunal da Polónia; êle, engenheiro.

26. — Nesta vidência, há uma parte inteiramente misteriosa e, até hoje, sem explicação plausível. Se Ossowiecki descreveu, exactamente, o broche perdido — bem como o outro, que a senhora costumava guardar na mesma caixinha — devia tê-lo feito por comunicação mento-mental, entre êle e a senhora mencionada, que, nessa ocasião, ou pensava, ao mesmo tempo, nas duas joias, ou oferecia, inconscientemente, a representação delas ao vidente, o qual captava na memória íntima da senhora a qualidade dos dois objectos... Mas que Ossowiecki *visse* o indivíduo achar o broche perdido, em tal sítio de tal rua, com tal viveza e exactidão, que o pudesse reconhecer no dia seguinte no vestíbulo dum Banco, é coisa que escapa à nossa percepção. ¿Quem era aqui a alma *metaplasmante*? ¿A de quem achou o broche? Mas, então, ¿como se pode estabelecer comunicação mento-mental *com ausente desconhecido*?... Não será impossível, pois isso parece que *teve de suceder*, em duas experiências com Pascal Fortuny, no Instituto Metapsíquico de Paris; mas o *cômo* é que ninguém o sabe... ¿Deveremos, então, supôr que a alma daquela senhora *estava inteirada por vidência própria*, absolutamente inconsciente, do lugar em que o objecto foi perdido, bem como do achado feito pelo homem de bigode preto e modesto vestuário e que Ossowiecki captou esta informação na mente inconsciente da própria senhora? De qualquer forma que tentemos a explicação, a dificuldade e o mistério continuam a persistir.

27. — Temos, finalmente, as vidências *de futuro*, ou *predições*, que, sem dúvida, são as mais difíceis de

explicar e que levaram muitos escritores a dizer que o fenómeno supranormal *está fóra do tempo,* conceito mais compreensível do que aquilo que pretende fazer compreender. Uma coisa é um facto de *àmanhã* poder ser averiguado pelos seus antecedentes de hoje e outra muito diferente é que um vidente *presenceie* hoje o facto de àmanhã, o que é absurdo. O futuro é susceptível de *previsão,* ou com rigor, ou com probabilidade, segundo a sua natureza; é o que faz o vidente de futuro: *prevê,* com certeza ou com probabilidade portentosas, mediante penetração supranormal do encadeamento de causas e efeitos, motivos e resoluções. O seu *poder de previsão* não pode explicar-se; mas o seu pretenso *poder de visão actual do que ainda não é,* ou seja de converter o futuro em presente... isso não é inexplicado, mas contraditório, verbalista e imprudente, das nossas tentativas de explicação. *Não há nada no Cosmos fora do tempo,* embora haja muitas coisas fora das nossas *medidas* de dia, hora, mês e ano.

28. — É costume dividir as predições em *pessoais,* ou do futuro de uma pessoa, as quais abundam, e *colectivas,* ou de futuro social, que escasseiam. No livro «O Conhecimento Supranormal» (1922), e no livrinho «Uma faculdade do conhecimento supranormal» (1926), ambos do Dr. Osty, Director do Instituto Metapsíquico de Paris, se relatam e estudam casos notabilíssimos. Extraírei um — realmente duplo — referente ao futuro do próprio Osty, e outro de predição histórica, envolta noutras pessoais.

29. — Em Maio de 1912, quando Osty ainda não podia pensar em servir hospitais ou ambulâncias militares, uma vidente de Paris, em sessão metagnómica, predisse-lhe novo aspecto de suas ocupações, que teve início dois anos depois. A vidente falava-lhe, como se lhe descrevesse as actividades na própria ocasião.

— «O sr. habita numa pequena cidade do centro de França. Vejo a sua casa numa pequena praça. Mas o sr. tem a secretaria num grande edifício, onde lhe passam pelas mãos muitíssimos papéis, provenientes de outra secretaria contígua, onde trabalham muitos homens: O sr. olha para os papéis e devolve-os em seguida. Outras pessoas que vêm de fóra trazem-lhe mais papéis. O sr. lê-os, escreve e devolve-os. ¡ Que quantidade de papéis !...»

Com efeito, desde Agôsto de 1914, a ocupação diária de Osty, em cêrca de dois anos, foi dirigir um Hospital, onde o fatigava muito a copiosa papelada.

Em 29 de Julho de 1916, Osty recebeu ordem ministerial de encorporação na reserva sanitária de Gray, cuja principal função era distribuir médicos, segundo suas aptidões, para as vagas produzidas no Exército. E ao passar em Paris, no dia um de Agôsto, teve nova sessão com a mesma vidente, que lhe disse:

— «Actualmente, o sr. muda de ocupação. Vai a uma cidade ribeirinha... Parece que lhe fazem preguntas e que, segundo a sua resposta, se dita qualquer disposição. Um grupo de senhores resolve alguma coisa a seu respeito.

«A povoação a que o destinam tem parte alta, antiga e imunda, e parte baixa, onde viverá e trabalhará. É povoação pequena...

«A casa em que trabalhará dá para uma praçazita. Parece um antigo convento, de escadaria muito larga, de madeira, com grandes patamares. Num dêles, uma porta comunica com duas salas contíguas, de teto alto. O sr. trabalhará no primeiro andar.

«E quando sair da secretaria para a sua vivenda, atravessará a pequena praça e irá a uma casa não muito velha, com árvores à porta, donde se vê um rio próximo. O sr. viverá no rés-do-chão.

«Não estará ali muito tempo: talvez dois meses. Será transferido inesperadamente.»

...E Osty precisa o que, realmente, se passou:

— «Em 3 de Agôsto, apresentei-me em Gray (nas margens do Sena). O médico adjunto à direcção da reserva inquiriu das minhas preferências. E no dia 8 recebi ordem para a Ambulância $^{7}/_{76}$ de Moyen (Meurthe e Mosela), para render o Dr. R., destinado mais ao interior.

«Em 9 cheguei a Moyen, vila de uns mil habitantes, composta de parte alta, de ruas sujas, e parte baixa, limpa e de melhores edificações, onde estava a ambulância, num antigo casarão, do tipo das escolas congreganistas de campo, afastado cêrca de quarenta metros do caminho e enquadrado, lateralmente, por casas.

«Subi à secretaria, por ampla escadaria de madeira. Num largo patamar, havia uma porta, com o rótulo: «Ambulância $^{7}/_{76}$». «Entrei numa grande sála, de teto alto», que era depósito de macas, caixas de medicamentos, etc. «Uma sala contígua servia de escritório ao chefe dos médicos, a quem me apresentei».

O médico informou-o de que a ambulância estava reduzida áquilo que tinha visto: «há um mês que aqui estamos — disse-lhe — a vigiar apenas a construção duns barracões para hospital de evacuados».

E Osty acrescenta: «Verosimilmente, a ambulância $^{7}/_{76}$ era, então, a única do Exército que podia adaptar-se às predições da vidente. Fiquei assombrado e pedi que me levassem ao quarto onde devia alojar-me, para vêr se as predições continuavam a cumprir-se.»

O quarto ainda estava ocupado pelo Dr. R.; e Osty pernoitou na parte alta da vila. Mas, no dia seguinte, foi o próprio Dr. R. que o conduziu ao aloja-

mento no primeiro andar duma casa nova (não no rés-do-chão). Duas filas de árvores separavam a casa do caminho e a uns cem metros corria o Mortagne.

As semanas passavam, esperando-se que terminasse a construção de barracões. E os médicos da reserva ultimavam os planos de distribuïção de salas e de organização de serviços. Houve, porém, um incidente: um inspector do Exército organizou um processo, devido a certa infracção do chefe dos médicos: houve papelada, sanções... e o pessoal médico foi transferido e Osty destinado a outro grupo sanitário, em 25 de Setembro, após quarenta e seis dias da sua chegada.

Osty termina assim: «Nêste prognóstico deslisaram só dois pequenos erros: uma pequena praça, em vez de um grande pátio e um rés-do-chão, em vez de primeiro andar.

30. — O outro caso foi relatado pelo Dr. Tardieu e publicado em 1915 nos *Annales des Sciences Psychiques*. Foi, igualmente, transcrito por Richet, no seu *Tratado de Metapsíquica*.

— «Em Julho de 1869, deu-se uma predição, testemunhada por muitos que ainda vivem e cuja veracidade garanto, pela minha honra.

«O meu amigo Léon Sourel estava empregado como físico no Observatório de Paris. Vivíamos, então, em comunicação diária. Introduziu-me nos meios científicos e por seu intermédio fui um dos quatro fundadores do Observatório de Montsouris.

«No meio da conversação, Sourel ficava, muitas vezes, como que adormecido com os olhos abertos, e fazia predições, que se cumpriam rigorosamente. Eu não prestava grande atenção a êstes estados do meu amigo, que me pareciam sonambúlicos.

«Mas em 23 ou 24 de Julho de 1869, fêz-me uma predição que durou mais de duas horas e que me causou profunda impressão.

«Andávamos a passear na Avenida de Luxemburgo e êle falava e olhava para o alto, parando a intervalos. E chegou ao ponto em que declarou:

— «¿Mas, que é isto?... ¡Isto é a guerra!... ¡Estás nos *bulevares*!... ¡És chefe no Exército!... ¡Contas dinheiro na estação do Norte!... Agora, estás no combóio com muita gente... Aulnoy... Hirson... Mesières... ¿Onde vais tu?... ¡A Sédan!... ¡Ah que batalha!... ¡Quantos perigos não corres!... ¡Oh, pátria minha, que desastre!...»

«Parou, a chorar. E começou a andar e a falar:

— «¡Estás no cêrco de Paris!... ¡Eu sou oficial superior!... ¿Quê, quê?... ¡Morro aos três dias!...»

«Pareceu despertar e preguntou-se:

— «Morro... morro..., mas de quê?»

«E Tardieu respondeu num gracejo, como quem não acredita.

«Recaíu em estado de hipnose e repetiu:

— «¡Morro no cêrco! ¡Ao terceiro dia!... ¡Oh, meu Deus, minha mulher está grávida dum filho que não conhecerei!...»

«Chora, novamente, e acrescenta:

— «Mas tu olhas por êles!... ¡Que bom que és!...»

«Continua a descrever os desastres do assédio. Depois, diz:

— «Julgavas ficar em Paris, como médico. Mas voltas à província e dedicas-te à política... Casas-te... tens filhos... Mas, não esqueças os meus, nem minha mulher... ¡Ah, pobre amigo, como sofres! ¡Tua mulher agonisa! ¡Ânimo, ânimo!...

«E prossegue, anunciando, largamente, o desenvolvimento da vida de Tardieu, até que, chegando a determinado incidente científico, muda de assunto e grita, inopinadamente:

— «¡Outro desastre, ainda, para a Pátria!... ¡Oh, acaba-se a França!...»

«Chora, uns minutos. De súbito, ergue os olhos para o céu e exclama, como inspirado:

— «A França salva-se! ¡Vai até o Reno!¡Oh, pátria minha, o mundo admira-te!»

E termina o acêsso de vidência.

Tardieu resume assim o cumprimento das predições:

No dia 27 de Agôsto de 1870, saio de Paris à frente de três ambulâncias, como cirurgião-chefe da 8.ª da Cruz Vermelha. A emoção nos *bulevares* era indescritível. Mando dois médicos fazer colecta nos *kepis* para os feridos: desde a Ópera até à estação Norte recolhem 36.000 francos. Ao entregá-la, conto o dinheiro na estação e recordo a predição de Sourel.

«Já no combóio, os meus médicos preguntam-me aonde vamos. Respondo que passaremos Anlnoy, Hirson, Mezières, para chegar a Sédan.

«Logo vos contarei uma predição que me fizeram: dentro de dez ou quinze dias, voltaremos a Paris.»

«Em 31, chegamos a Racourt. O Exército francês desfila pelo nosso pôsto. O prussiano acampa nos arredores. Desde as dez da noite que conto aos médicos a predição de Sourel, dizendo-lhes que, após a derrota do dia seguinte, volveremos a Paris, que será sitiada».

«Quando voltávamos a Paris, Sourel visitou-me em Arcueil. Os meus companheiros conheceram-nos e disseram entre si: «Veremos se o nomeiam oficial superior e morre ao terceiro dia».

«Em Novembro, Sourel é nomeado Comandante Auxiliar de Engenheiros. Quinze ou vinte dias depois, é atacado de varíola e vem a falecer ao terceiro dia, deixando a espôsa grávida de três meses. A citada ambulância ficou aterrada.

«É claro que protegi os órfãos do meu amigo. Ter-

# Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

## Dezassete formas materializadas numa sessão à luz vermelha

*The Two Worlds* referiu-se largamente às curiosas e extraordinárias sessões que a senhora Helen Duncan realizou, em fins de Setembro de 1939, na igreja espirita National Causeway Lane, de Leicester. A conhecida médium de materialização despiu tôda a roupa que trazia e envergou um vestido preto, prèviamente examinado por três senhoras da assistência e, a seguir, por todos os presentes. E logo que entrou no gabinete, caiu em transe à vista de todos.

Entretanto, o seu guia *Albert Stwart* pedia, em voz directa, que aumentassem a luz. Satisfeito o pedido, saíram do gabinete dezassete formas materializadas revestidas de branco, algumas delas contrastando com a robustez física da médium. Suas vozes eram de tons diferentes: fortes, claras, fracas e brandas.

Uma criança de 13 anos entrou em conversação com seu tio. Chamou-o pelo nome de baptismo e disse-lhe que era inteiramente feliz e que não desejava voltar á Terra. Depois, veio outro espírito que declarou ser irmã dum assistente; e como alguém lhe observasse que devia ter saído pelo meio do resposteiro e não pela porta lateral, respondeu imediatamente:

— Cuide de si e não se preocupe com os outros. Gastei muito tempo para cá chegar. Eu é que sei o que me convém.

E dirigiu-se para seu irmão, a quem tratou carinhosamente. Êste ficou emocionado, exclamando:

— É a mesma pessoa, tem as mesmas maneiras como tinha, quando estava entre nós. Se alguém lhe queria impôr isto ou aquilo, mandava-o bugiar...

Apareceu também uma forma materializada, fácil de identificar, em virtude da cicatriz que apresentava no rôsto.

Depois, surgiu do gabinete o irmão dum assistente que disse em tom facêto:

— ¡Escutai! Todos temos dois olhos, bôca, nariz... e o que não serve a uns, serve a outros.

E, batendo no peito, acrescentou:

— Só disto é que não podeis duvidar.

Realmente, as pancadas produziram ruído surdo na caixa toráxica.

Outra forma materializada foi beijar a irmã, que estava presente e notou o calor dos lábios da entidade manifestante.

Pouco depois, veio uma forma branca, com um filho nos braços. Foi logo reconhecida por uma antiga colega. Morrera de parto.

Após outras manifestações, o Guia pediu a uma senhora que se aproximasse da luz vermelha. Ao mesmo tempo, a forma de sua irmã saíu do gabinete, encostou-lhe a cabeça ao ombro e apoiou-se-lhe nos braços. Esta senhora notou-lhe a rigidez da cabeça e disse-lhe:

— Deus te abençôe, amiga.

Ao que a forma respondeu, abruptamente:

— Admiro-me de que me chames amiga.

Todos verificaram a perfeita semelhança das duas irmãs.

Agora, aparece um jovem, que vem conversar com certo amigo, a quem diz, em tom alegre:

— Antes do meu falecimento, não era espirita, ainda o não sou e não tenho tenção de o ser.

O amigo explicou, então, que haviam tido conversações acêrca de Espiritismo, sem o menor resultado.

Finalmente, veio «Peggy», espírito de criança que é guia dêstes trabalhos e ao qual uma pessoa disse:

— Gosto do teu nome.

---

minado o cêrco, voltei a Auvernia e fui nomeado para o Conselho Geral de Puy-de-Dome. Nêste cargo, fiz votar a criação do Observatório de Puy-de-Dome e logrei que o Conselho apoiasse o meu requerimento à pensão do Estado para a viúva de Sourel.

«Casei em 1874. Minha mulher, que sofria dum quisto hidático, agonisou lentamente, durante seis anos, deixando-me duas filhas.

«Em 1912, chegou a realização do episódio de carácter científico que Sourel me havia anunciado 43 anos antes».

E Tardieu, julgando iminente a nova guerra anunciada para a França, preveniu os seus familiares e amigos. Em Abril de 1914 comunicou ao Professor Richet todos os prognósticos de Sourel e, a pedido de Richet, relatou-os por escrito, com destino aos *Annales des Sciences Psychiques*. As circunstâncias da Guerra impediram a publicação até Agôsto de 1915, época em que a sorte da França era, ainda, indecisa.

31. — E aqui terminamos esta pequena resenha. Dizemos pequena, porque só a conceituação e agrupamento dos fenómenos supranormais em sujeito vigil, ou pessoa acordada, pode bem encher um volume.

Ferrol, 8 de Novembro de 1938.

— É porque tua irmã se chama Peggy, — respondeu a entidade.

— É verdade, disse a dama em questão.

— Mas o meu nome é Margarida.

— E minha irmã também.

«Peggy» falava com acento escossês e entreteve-se algum tempo a brincar com o reposteiro.

E assim terminou tão notável sessão, após uma prece cantada pela voz clara e bela do guia Albert.

## O ex-ministro inglês Hore-Belisha simpatiza com o Espiritismo

É o que se depreende do editorial do *Psychic News*, relativo a 20 de Janeiro do ano corrente.

O jornalista Collie Knox, do *Daily Mail*, conversou com Hore-Belisha e ouviu do estadista as seguintes palavras: «A morte não nos arrebata, inteiramente, os entes queridos, que estão sempre connosco, para nos ampararem na marcha, levantando-nos, quando caímos desfalecidos».

Há, porém, um homem que narra coisas interessantes acêrca de Hore-Belisha. É o famoso médium curador W. T. Parish, de East Sheen. Êste médium lutava com grandes dificuldades para acomodar no seu quarto doentes que o procuravam e só havia um terreno na região que lhe podia servir, a-fim-de poder ampliar o consultório. O dono do terreno era Hore-Belisha, que não estava disposto a vendê-lo. Contudo, Parish não desanimou. Falou com êle e ficou animadíssimo. Havia apenas uma dificuldade: A mãi do ex-ministro talvez não aprovasse a idea, com receio de que a construção dum santuário de curas lhe roubasse a paz de que tanto necessitava.

O médium falou com *lady* Hore e tôdas as objecções desapareceram. Mais ainda: Em face do entusiasmo de Parish, entusiasmou-se também e pediu-lhe que lhe reservasse uma cadeira especial, para quando ela quisesse ir ao Santuário, a orar e meditar.

Pouco depois, desencarna a boa velhinha. Na véspera do entêrro, Parish saíu com a espôsa para o campo e encontrou Hore-Belisha, que regressava de automóvel a casa. Êste parou e convidou os cônjuges a acompanhá-lo. Foram. Ao chegar a casa, o ex-ministro introduziu-os no quarto onde estava o caixão.

— Êste era o quarto dela — exclamou.

E apontando para um gato:

— ¡É extraordinário! Ela adorava, profundamente, êste gato e eu não sou capaz de o manter fora do quarto.

Em seguida, volta-se para o médium:

— Parish: faça uma prece.

E manteve-se de pé, emquanto êste, controlado pelos próprios guias, fazia tocante invocação.

No final, Belisha agradeceu e declarou que nunca tinha experimentado coisa tão bela, em tôda a sua vida.

Passado algum tempo, Hore-Belisha ofereceu ao Santuário uma linda estátua de bronze.

— Minha mãi pensava muito nisto — disse êle a Parish —. Sei que ela gostava que você a conservasse aqui.

Um dia, visitou o Santuário e preguntou onde estava a cadeira de sua mãi. Sentou-se nela e orou em silêncio. E quando Parish lhe disse que o espírito de *Lady* Hore era visto na cadeira, muitas vezes, pelos clarividentes que visitavam o Santuário, Belisha ficou de-veras comovido.

O curador contratou, como jardineiro, um antigo quinteiro de Belisha. Pouco tempo após a desencarnação de *Lady* Hore, o jardineiro contou a Parish que tivera um sonho curiosíssimo: vira a mãi do ex-ministro e passeara com ela em tôrno do jardim. Ela tinha nas mãos bolbos de tulipa e narcisos e dizia que os queria plantar ali.

— Foi tão claro êste sonho — acrescentou —, tenho dêle impressão tão nítida, como das conversas consigo.

— Isso não foi sonho — respondeu Parish —. Foi uma experiência psíquica. Vá contar o caso a Belisha.

O jardineiro contou o caso e Hore-Belisha ficou impressionadissimo.

O ex-ministro visitou o Santuário três ou quatro vezes e sempre orava em silêncio. Tomou tão grande interêsse pelas curas lá realizadas, que sentia enorme satisfação ao ouvir falar no êxito obtido.

Uma vez, levou consigo uma visitante:

— Gostava que a senhora visse o Santuário — disse êste.

— Mas nós não temos tempo... Está o taxi à espera...

A-pesar disso, estiveram ali duas horas.

Doutra vez, o ex-ministro e Parish passeavam no jardim do Santuário, discutindo os grandes problemas da vida. Hore-Belisha tinha o braço sôbre o ombro do médium. De-repente, parou e disse:

— ¡A-final, parecemos dois monges a passear no jardim do mosteiro!

Belisha estava admiradíssimo com as curas de Parish e desejava ser útil a um homem que há muitos anos vive como um santo.

— ¡É admirável o que você tem feito! — disse-lhe um dia o ex-ministro.

Parish declara que Hore-Belisha tem sido muito seu amigo e que, nas visitas ao médium, esqueceu, inteiramente, a sua posição social. E conclue:

— Éramos como dois irmãos.

## A obra do Espiritismo

*O Clarim* de 30 de Março último trouxe-nos notícia auspiciosa que bem demonstra como o Espiritismo avança, em terras brasileiras.

O Centro Espirita Isménia de Jesus, de Santos, resolveu um dia construír a *Casa dos Pobres*, destinada a socorrer os necessitados. A princípio, todos julgaram utópico semelhante empreendimento, o que não obstou a que os ânimos se exaltassem, trabalhando afincadamente na consecução do belo e grandioso objectivo. E como o homem põe e Deus dispõe, o sonho transformou-se em realidade. O prédio está construído, na Rua Campos Melo, 312, e a sua inauguração realizou-se às 20 horas do dia 3 de Março.

Em Fevereiro passado, o património da *Casa dos Pobres* eram *sete contos de reis*. ¡ Hoje, é superior a *duzentos e cinqüenta contos*!... ¡ Vejam lá se a vontade não consegue verdadeiros, autênticos milagres!

Actualmente, o edifício tem as seguintes dependências: um grande vestíbulo, à entrada, com duas salas de cada lado, isto é, quatro, ao todo. Numa, está a secretaria e a tesouraria; noutra, a sala de espera e a biblioteca; na terceira, a sala de passes para ho-

mens; na quarta, a sala de passes para senhoras. Tôdas as salas têm iluminação apropriada, pia e água encanada.

Ao lado do vestíbulo, há um quarto reservado para pedidos de assistência dos Guias. A seguir, há um salão de 300 metros quadrados, fortemente iluminado, com enormes vidrais no teto. Tem 800 poltronas e destina-se à assistência das sessões. Pouco adiante, em plano mais elevado, está a parte destinada, pròpriamente, às sessões, que mede cêrca de 100 metros quadrados e servirá também de palco para espectáculos teatrais, exclusivamente espiritualistas, que o Centro Isménia de Jesus deseja levar a efeito. Ao lado do palco, está um gabinete destinado ao estudo de fotoplasmas, isto é, para fotografar espíritos e revelar as chapas.

Na parte superior da frente do edifício, há várias dependências, a saber: sala para reüniões da Direcção, gabinete de assistência dentária, banheiro e gabinete sanitário, dois dormitórios, copa e cozinha.

A *Casa dos Pobres* possue, além disto, uma vasta área de terreno, da Rua Campos Melo à Avenida Conselheiro Nebias, aumentada com uma parte lateral, há pouco adquirida, que permitiu a ligação daquelas duas artérias.

Mas, não é tudo. Em Junho devem ser construídos os pavilhões. Um, ficará com frente para a Rua Campos Melo e será nele instalada uma farmácia, além da oficina de costura e artes para mulheres desamparadas e para as que se queiram regenerar e a lavandaria e residência para as mesmas. Outro, no centro do terreiro, destinar-se-á ao internamento de obsediados, cuja assistência é já feita, com grande aproveitamento, pelo Centro Isménia de Jesus. O terceiro, que deve ser construído na mesma época, terá a frente para a Avenida Conselheiro Nebias e destina-se a menores abandonados.

Quanto à parte relativa às consultas psíquicas, estas continuarão a fazer-se no prédio principal, estando em estudo a instrução, o gabinete de estudos metapsíquicos e a parte destinada à água magnetizada para a cura dos doentes, não esquecendo o depósito para distribuïção de alimento e roupa e um albergue para os desamparados.

Todos os louvores que pudéssemos tecer a esta obra notabilíssima, ficariam muito aquém de tão formosa realidade. Por isso, limitamo-nos à transcrição dos nomes dos actuais dirigentes do Centro Isménia de Jesus, á frente dos quais se encontra a senhora D. Maria Máximo, como Presidente:

Dr. Mário de Alcântara, *vice presidente;* António J. Martins, *1.º tesoureiro;* J. de Melo Franco, *2.º tesoureiro;* Prof. João B. Fonseca, *1.º secretário;* Emílio Casasco, *2.º secretário,* além dum Conselho Deliberativo e Fiscal, composto de doze membros, que tem como Presidente o sr. António Ferreira Pinto e como secretário o sr. Otelo M. Marques.

¿Como pode morrer o Espiritismo, se, dia a dia, êle é exaltado por obras desta natureza?

## «¡Meu filho está salvo!...»

*La Revue Spirite Belge*, de Abril, insere uma carta interessantíssima, subscrita por Chapelle, Rue du Centre, Sprimont, narrando a odisseia dum filho de 15 anos, condenado pela medicina e salvo de terrível operação, graças ao Espiritismo, que lhe deu a cura.

Merece a pena contar o caso. Em 15 de Novembro de 1938, o sr. Chapelle internou o filho num hospital de Liege, após dois anos de tratamento infrutífero de albuminúria. Ao cabo de cinco dias de observação, a radiografia acusou a existência dum *cálculo* na base do rim esquerdo e em forma de pirâmide quadrangular, com cêrca de 15 milímetros de lado, o qual se encontra em poder daquele senhor, à disposição de quem o quizer ver. As análises provaram, também, que o doente nunca sofrera de albuminúria.

Veio a primeira operação em Novembro de 1938, seguida de mais duas, motivadas por um abcesso e uma série de *cálculos,* que se haviam formado, novamente, no mesmo rim.

O pobre rapaz sofria, terrivelmente: Urinas viscosas, purulentas, nauseabundas, febre de 39 a 41 graus, quinze dias em jejum quási absoluto, diminuïção de 9,5 kilogramas de pêso... Por cima de tudo isto, os cirurgiões a insistir com nova operação, por causa dos *cálculos,* acusados por outra radiografia. E o mais interessante é que não garantiam a vida do enfêrmo. Quere dizer: o rapaz estava condenado pela medicina.

Nesta altura, o sr. Chapelle foi ter com a senhora C..., médium curadora de Sprimont, que iniciou o seu tratamento em péssimas condições, mas cujos resultados eram animadores, tendo a febre desaparecido, quási inteiramente.

Com a expulsão diária de *cálculos* pelas vias normais, a cura aproximava-se, a passos rápidos. Havia, apenas, uma dificuldade, porque um *cálculo* se fixara na uretra, a quatro ou cinco centímetros da bexiga. E o sr. Chapelle começou, outra vez, a desanimar... E percorreu vários especialistas e vários médiuns... Os primeiros diziam que era necessário nova operação. Os segundos, diziam que não, pois o *cálculo* saïria, como os precedentes. Quatro meses passaram, sem que o *cálculo* se deslocasse um milímetro, até que tiraram uma última radiografia. Embora o *cálculo* não estivesse deslocado nenhum outro se formara.

É consultado mais um especialista, o qual, de radiografia na mão, deu um sôco na mesa, afirmando que o *cálculo* jámais saïria pelas vias naturais.

— Não me desconcertei — escreve o sr. Chapelle — e pedi-lhe que esperasse oito dias. Depois se trataria da operação, a não ser que houvesse qualquer mudança no estado do doente.

— Bem, — respondeu o médico — esperemos até á próxima sexta-feira, porque tenho a certeza de que não me engano.

A radiografia fôra tirada em 12 de Agôsto de 1939; em 20, a médium Moureau, da União Espirita Belga, declarou que, ao cabo de quatro ou cinco dias, se notariam grandes melhoras, pelo que não seria preciso tratar do rim operado.

Entretanto, outros médiuns cuidaram do doente; e, no dia 25, ás 16 horas, sobreveio uma crise profundamente dolorosa, que durou até ás 3 horas do dia 28. Sete horas e meia depois, o *cálculo* era expulso da bexiga, sem a mínima dôr. Era ovóide, tinha nove milímetros de diâmetro e dezasseis milímetros de comprimento.

As predições da senhora Moureau realizaram-se, em absoluto. Poucos dias depois, apareceu um grande abcesso, do tamanho dum ovo de galinha, no sítio das operações. A família, porém, nada receava, tal era a sua fé, pois estavam certos de que a cura sobreviria. E com o auxílio de alguns médiuns, a cura afirmou-se, ao fim dum mês.

— Meu filho está salvo — diz, alegremente, o sr. Chapelle —. Retomou os seus estudos, após um ano perdido, estuda melhor e ficou sob a protecção dum médium. Tem boa saúde e pesa 60 kilogramas.

Perante factos desta natureza, nada valem palavras, por mais eloqüentes que sejam. O Espiritismo é o grande bálsamo das dores físicas e morais da humanidade sofredora. Os factos são os maiores propagandistas desta Doutrina de regeneração e salvação. Estudai-o, crentes e descrentes, que o proveito será vosso.

## O «relatório» da Igreja Anglicana

Como prometemos, voltamos ao assunto relativo às investigações feitas àcêrca dos fenómenos espiritas, por uma comissão de altas figuras da Igreja Anglicana, perante as quais depuseram muitos escritores e investigadores da especialidade, entre êles, Ernesto W. Oaten, director de *The Two Words*, o bem conhecido semanário espirita de Manchester.

Aproveitamos o ensejo para rogar aos leitores que leiam o depoimento dêste ilustrado confrade, que vai publicado noutro lugar desta revista, pois só assim poderão fazer idea nítida da questão que durante tanto tempo apaixonou a opinião pública londrina.

O *Psychic News* de 2 de Março intitula assim o seu artigo: ¿ «O Primaz levantará o interdito? O relatório da Igreja e o Espiritismo. Mais revelações» e informa que a notícia referente à circunstância da maioria da Comissão haver decidido que o Espiritismo era verdadeiro produziu inúmeros comentários da parte de quási tôda a imprensa. Assim, o Arcebispo de Cantuária disse ao *Daily Telegraph* que a notícia do *Psychic News* era ilegal e errónea. O *Evening Standard* inseriu a seguinte declaração do presidente da Comissão, Bispo de Bath e Wells: «A posição, agora, é delicada e incerta e só ficará esclarecida com novas investigações», acrescentando que a publicação do relatório era inoportuna, por divergirem as opiniões de alguns membros.

Segundo o *Daily Mirror*, anunciou-se «oficialmente» que o relatório da maioria não aceitava, por completo, o Espiritismo. «Espera-se — continua o jornal — que, em vista desta revelação, o relatório seja publicado.»

O *Sunday Dispatch* disse: «ainda que o relatório não reconheça o Espiritismo como verdade, favorece, alguns aspectos do conceito espirita».

E o *Psychic News* continua:

«A-pesar dos comentários do Arcebispo de Cantuária e do Bispo de Bath e Wells, as nossas afirmações não podem ser postas em dúvida. Dissemos que nove dos doze membros da Comissão deram o seu voto favorável ao Espiritismo. Actualmente, há oito, visto o escritor Evelyn Underhill, que aceita, mais ou menos, a doutrina espirita, ter deixado o lugar para que fôra nomeado, depois de submeter as suas conclusões ao Arcebispo de Cantuária, na primavera de 1939, após dois anos de pacientes e sistemáticas investigações da Comissão, que ouviu testemunhas, examinou a evidência dos fenómenos e assistiu a sessões espiritas. Depois de tudo isto, imprimiram o relatório e apresentaram-no ao Primaz, ao Arcebispo de York e a todos os bispos diocesanos. Todavia, o Primaz não permitiu a publicação dos resultados a que chegou a sua comissão».

Eis alguns nomes dos signatários da maioria:

Dr. William Brown, célebre psicólogo.

Dr. W. R. Mathews, Deão da Igreja de S. Paulo.

Cónego H. Anson, Mestre do Templo.

Cónego L. W. Grenstead, de Oxford, capelão-examinador do Arcebispo de York.

P. E. Saudlands, o bem conhecido K. C.

A senhora Gwendolen Stephenson.

Bispo de Bath e Wells.

Êste último presidiu à Comissão e disse que o relatório não era publicado, em virtude da divergência existente. Pois êle próprio assinou com a maioria, cujo parecer foi redigido pelo cónego Grensted.

«Embora escrito sob o ponto de vista da Igreja, e notando-se, aqui e ali, uma ou outra nota de *prudência*, é um lúcido e expressivo documento, confirmando os postulados espiritas, — afirma *Psychic News* —, acrescentando:

— A linguagem toca, por vezes, as raias da eloqüência. Cita provas da sobrevivência obtidas pela mediunidade e inclue um depoimento do Juiz do Tribunal de Apelação, cujo testemunho é notável.

No parecer da maioria, é de tôda a conveniência uma aliança entre o Espiritismo e a Igreja, que levaria, certamente, a uma interessante «renascença regiosa».

Maurice Barbanell, que é o autor do artigo, diz que estes factos não podem ser desmentidos, porque êle próprio leu o relatório da Comissão, que nada sabe, àcêrca das apregoadas «investigações ulteriores».

Efectivamente, o Dr. Mathews protestou em público contra o «engavetamento» do relatório, declarando que as conclusões a que se chegou revelaram que algumas pessoas haviam encontrado na mediunidade «a confirmação da sua fé cristã e maneira de trocar o agnosticismo pela crença».

O cónego Anson verificou, numa sessão pública, que o Espiritismo é «a explicação científica da fé cristã e a fé na sobrevivência».

— ¿ Que farão, agora, os bispos? — pregunta Barbanell. ¿ Que dirá o Bispo de Liverpool?...

Êste último, não só recomendou o livro do Rev.º C. L. Tweedale ao clero da sua diocese, como ainda escreveu a êste conhecido escritor espirita:

— Agora, devemos deixar agir o fermento.

O Dr. Pollock, bispo de Norwich, proclamou que «a evidência do Espiritismo está demasiadamente espalhada, sendo aceita por grande número de pessoas sensatas, para que se note apressada rejeição; e os homens de ciência habituaram-se a encarar os fenómenos com serenidade e pronunciam-se a favor da sua verdade indiscutível».

O Bispo de Chelmsford afirmou, por sua vez, que «a evidência do Espiritismo não pode desprezar-se».

O Dr. Hensley Henson, há pouco ainda Bispo de Durham, recomendou, também, ao clero da sua diocese, as «Conversações com o Invisível», do Rev.º H. T. Lovejoy.

O Bispo de Grantham é favorável ao Espiritismo.

O Bispo de Lincoln recomendou aos candidatos à ordenação que estudassem «O Repto do Espiritismo», escrito pelo Rev.º S. Maurice Elliot, que, junto do Dr. Underhill, se aliou, desde o início, ao Arcebispo de York, reclamando êste inquérito.

Barbanell conclue, assim:

— A decisão do Primaz de «engavetar» o relatório, deixa perplexos cêrca de 15.000 pastores anglica-

nos, muitos dos quais compreendem que a publicação dêle seria a maior derrota do materialismo.

No próximo número, continuaremos a acompanhar *Psychic News*. E, embora não alimentemos esperança alguma, quanto à publicação do «relatório», é com sumo prazer que verificamos a existência de inúmeros cultores do Espiritismo, nas fileiras anglicanas.

## Um caso de intoxicação psíquica

O Dr. Inácio Ferreira, abalisado director do Sanatório Espirita de Uberara, ao qual se têm acolhido tantos e tantos enfermos do corpo e do espírito, continua a publicar esplêndidos artigos na *Revista Internacional do Espiritismo*, intitulados «Novos Rumos à Medicina», que estão a causar ótima impressão nos inúmeros leitores daquela magnífica revista.

Desta vez, o ilustre médico psiquiatra trata de um caso muito raro de intoxicação psíquica que não pôde ser inteiramente normalizado no Sanatório, devido a preconceitos de família.

O paciente era um belo rapaz de 25 anos, habituado aos trabalhos de lavoura, absolutamente saúdável, desprovido de vícios e com boa hereditariedade. Há coisa de cinco meses, começou a sentir-se indisposto, queixando-se, ora das pernas, ora de calafrios pelo corpo e de uma *coisa esquisita* na garganta. Como emmagrecesse sensìvelmente, levaram-no ao médico, sem resultado. Depois de recorrerem a curandeiros, procuraram um médium receitista, que os aconselhou a dirigirem-se ao Sanatório Espirita de Uberara, onde o Dr. Inácio Ferreira o examinou, indicando o seu internamento.

O rapaz não comia e pouco dormia. Sentia a tal *coisa esquisita* e não tinha apetite. O organismo estava deshidratado. As chapas radiográficas eram negativas.

Como não havia lesões orgânicas, procurou-se o *factor invisível*. E encontrou-se. O doente sofria, devido a irradiações maléficas e inconscientes duma entidade recém-desencarnada, vítima de tuberculose pulmonar, e que se julgava ainda na Terra, pelo que se deixou atrair pelos fluidos do rapaz. Os fluidos recíprocos adaptaram-se e o encarnado começou a sentir, então, o mal inexplicável.

Eis como o douto médico expõe-se a questão:

«Atacado por uma tuberculose; com os pulmões solapados por êsse mal que, inexoràvelmente, fazia definhar o seu organismo; acompanhando, em vida, a sua consunção lenta, já desesperançado dos recursos da medicina oficial, à qual, naturalmente, sempre recorrera, desencarnou-se vitimado por essa moléstia.

«Nesse período de transição continuou a intoxicação da sua desesperada cura. Atraído pelos fluidos dêsse paciente, que é médium sensitivo, e sintonizando seus fluidos com os do encarnado, que possuía a volição em grau menor que a sua vontade, inconscientemente lhe transmitia tôda a intoxicação do seu perispírito, tôda a sua mágua, tôda a sua desesperança. Daí, um corpo moço, sem lesão característica, ver-se dum momento para o outro, definhando, resistindo a tôda a medicação terrena.

«É o corpo material sofrendo a intoxicação do próprio espírito do paciente, vitimado pela volição inconsciente dum desencarnado, fazendo o papel de verdadeira sanguessuga. É a própria intoxicação psíquica.

«Nas mãos de pessoas desconhecedoras dessas questões, reputadas inverosímeis, continuaria essa actuação e, em breve, o paciente seria vitimado pela tuberculose que, a princípio *psíquica*, se transformaria, com o tempo, em real, visto todo o organismo conter os bacilos de Kock que vivem em vida latente, à espera dum enfraquecimento orgânico, e então se despertam para a sua acção lenta e faltal. Seria uma vítima da própria ciência».

Após quinze dias de internamento do doente, o Dr. Inácio Ferreira conseguiu organizar o seu trabalho, auxiliado por médiuns desenvolvidos, ouvindo, assim, mais uma dessas histórias «factos desenrolados na vida material duma existência, estampados no psiquismo e a torturarem com a vaga lembrança de alguém para cujo lado o enfêrmo corria, quando liberto, e de quem vivia distanciado pelo véu da matéria...»

Comunicou-se o espírito duma rapariga, a contar a sua vida e a dizer que não compreendia como se tinha aproximado do pobre rapaz, contaminando-o com seus fluidos e transmitindo-lhe a doença que ela tivera em vida. E concluía, dizendo que, noutra existência, aquêles dois espíritos haviam sido muito amigos, razão, talvez, por que se procuravam mùtuamente, sem atinar com a causa que os fazia aproximar um do outro.

Um médium vidente descreveu o espírito, como sendo de rapariga morena-clara, de cabelos pretos e semblante tristonho.

Ambos viviam em permanente nostalgia, que foi contaminando a matéria do paciente, enfraquecendo-a, a ponto dos implacáveis bacilos encontrarem o *habitat* necessário à germinação. Quere dizer: o espírito obsediado transmitiu suas toxinas ao corpo. E assim se engendrou um *tuberculoso psíquico*.

Ao cabo de duas semanas, quando o médico entrevia já sintomas de cura, a família do rapaz, que era católica e não queria deixá-lo num sanatório espirita, levou-o consigo. O espírito obsessor fôra afastado, mas o espírito do enfêrmo *permanecia intoxicado*.

O espírito da rapariga voltou a manifestar-se, derramando copiosas lágrimas e rogava que tivessem piedade do rapaz, que sofria muito, *pois o sofrimento dum tuberculoso confrange o coração mais empedernido*... Finalmente, contou que, noutra existência, estiveram ligados por grande simpatia, mas não conseguiram unir os seus destinos, em virtude de oposições de família, pelo que ela, desesperada, se lançou no suïcídio. Êle, por seu lado, seguiu-lhe o exemplo, abandonando, assim, a vida terrena.

— ¡Tenham piedade! — clamava o espírito. ¡Salvem-no! ¡Salvem-no!... ¡Êle precisa de viver!...

E o Dr. Inácio Ferreira continuou os seus trabalhos a distância e acompanhando sempre a marcha da doença do pobre enfêrmo, cujas melhoras eram lentas, mas contínuas, até que ficou, inteiramente, restabelecido.

Aí fica o resumo dum caso bem raro de *intoxicação psíquica*. Meditem nêle todos os que se interessarem pelos problemas do espírito e vejam a quantos perigos está sujeita a humanidade sofredora.

---

Todo o efeito tem uma causa. Todo o efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

*Allan Kardec*

# BIBLIOGRAFIA

CONSELHOS AO MEU FILHO, pelo *Dr. Inácio Ferreira*, com um prefácio de Leopoldo Machado.

O Dr. Inácio Ferreira, nesta sua nova modalidade de evangelizar as pequenas almas em botão, atinge plenamente o seu objectivo.

Trata-se de um pequeno, mas substancioso livrinho, onde o autor, em 20 pequenos capítulos, demonstra as verdades do Espiritismo, quási sem se dar por isso...

A literatura infantil brasileira fica assim enriquecida com mais um volume esplêndido, sob todos os pontos de vista.

Numa prosa simples e, por vezes, dialogada, adaptada aos pequenos cérebros, o autor expõe tôda a moral cristã, de molde a insuflar na alma dos pequeninos os bons princípios que norteiam a nossa doutrina que, na Pátria do Evangelho, se desenvolve prodigiosamente...

*Conselhos ao meu filho* é, por tudo isto, um livro admirável para os nossos filhos, pela linguagem sã e princípios salutares que encerram as suas páginas.

S. E. M.

MATERIALIZAÇÕES MINÚSCULAS, por *Ernesto Bozzano*. Tradução e apêndice do Dr. Francisco Klörs Werneck — Rio de Janeiro.

O autor apresenta seis casos de materialização e dez ilustrações a elas referentes, entre as quais figura a da célebre «Katie King», obtida — como é sabido — pela médium Florence Cook, sendo experimentador o Dr. William Crookes.

No apêndice, o tradutor refere algumas das materializações obtidas nas sessões espiritas dirigidas pelo experimentador do Canadá Dr. T. Glen Hamilton. A fotografia de uma destas materializações é a de Raimundo, filho de Oliver Lodge.

F. R.

SEMENTEIRA CRISTÃ, por *Clóvis Tavares*; 2.º livro de leitura para as escolas espiritas. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira.

DEVEM-SE ao autor várias publicações de educação espirita, uma das quais é dedicada aos encarcerados. Clóvis Tavares é professor na *Escola Jesus Cristo* e, conforme nos elucida o operoso espiritista Leopoldo Machado nas suas palavras de abertura, são do autor os planos de uma série de livros escolares para os alunos da sua escola. Êste *2.º livro de leitura* é oferecido, entre outros, às crianças do Brasil e de Portugal. Está dividido em quarenta lições, curtas, tão simples quanto claras, para que, certamente, sejam fàcilmente assimiladas pelas tenras inteligências a que se destinam: Pequenos contos, lendas bíblicas, biográficas... em todos dando realce à acção de bem-fazer, à Bondade, ao Amor cristão. Cada uma das lições é seguida dum vocabulário em que se dá o significado das palavras, presumivelmente, desconhecidas das crianças, de um exercício e de indicações adequadas de versículos dos Evangelhos e dos livros de Kardec e de Léon Denis, a-fim-de o professor poder discretear sôbre o tema dado de cada lição, que fecha com a transcrição dum pensamento de educadores, como Pestalozzi e Montessori e filósofos, como Marco Aurélio. É um livro fundamentalmente cristão, em que se prèga sempre a moral cristã: horror ao vício e amor à virtude.

Desvanece-nos sobremaneira a oferta às crianças de Portugal. Oxalá que, em breve, as crianças de Portugal tenham uma escola onde possam conhecer todos os benefícios dos ensinamentos dêste livro.

F. R.

HÁ DOIS MIL ANOS (romance de Emmanuel). Obra psicografada por *Francisco Cândido Xavier*. Edição da Federação Espirita Brasileira.

ESTE livro, que reconstitue uma época da antiga Roma, no tempo de Jesus-Cristo, é ao mesmo tempo uma auto-biografia de Emmanuel, que nesses remotos tempos do paganismo foi o senador Públio Lentulus, descendente da orgulhosa «Gens Cornélia». Foi recebido mediùnicamente pelo famoso médium Francisco C. Xavier, no Grupo de Estudos Espiritualistas, de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais.

Nas suas páginas admiráveis, perpassam todos os costumes, vícios, preconceitos políticos, sociais e religiosos daquela época histórica. Emmanuel, porém, pregunta: «*Que são dois milénios, Senhor, no relógio da Eternidade?*» E de facto assim é.

Nesta obra mediúnica, o que mais nos emociona são as descrições da evangelização do Nazareno, na Palestina; as suas prédicas nas margens do Tiberíades; o entusiasmo das populações da Galileia pela palavra vivificadora de Jesus; as suas curas maravilhosas; a sua prisão, e, finalmente, a sua condenação infamante exigida pela intolerância farisaica do Sinédrio de Jerusalém. Outro passo importante é aquele em que se evidencia a alma torva e acomodatícia de Pôncio Pilatos perante o dilema em que se viu envolvido.

Neste belo romance, há ainda muitas outras figuras dignas de menção. Além da personagem central, avulta também Lívia, espôsa do ex-senador, pela sua fé inquebrantável na doce e consoladora doutrina do Mártir do Gólgota. Essa fé, a que Emmanuel dá tanto realce, é, de facto empolgante pela sua simplicidade e admirável espírito de sacrifício.

Outro ponto culminante dêste belo repositório mediúnico é o encontro do Cristo com Públio Lentulus, em Cafarnaum, onde o senador romano estanciava então por causa da doença de sua filhinha.

A pág. 74, deparamos com estas palavras de Jesus:

«Pastor das almas humanas, desde a formação dêste planeta, há muitos milénios venho procurando reünir as ovelhas tresmalhadas, tentando trazer-lhes ao coração as alegrias eternas do reinado de Deus e de sua justiça!...»

Belas e profundas palavras que deviam ecoar em todos os corações.

«*Há muitos milénios*», notai todos vós, misoneís-

# Por êsse mundo...

A Biblioteca da Federação Espirita Brasileira possua cêrca de sete mil volumes de obras doutrinárias e doutros géneros e todos os dias é franqueada ao público.

— Segundo o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, o *Trinity College*, de Cambridge, resolveu criar uma cadeira de Espiritismo, cujo proprietário é o Professor Broad, presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres.

— O Dr. Humberto Torres continua a apelar para a generosidade dos espiritas brasileiros e sul-americanos, no sentido de minorar a angustiosa existência dos confrades espanhóis, expatriados em França. A Federação Espirita Brasileira remeteu-lhe há pouco um cheque de 3.800 francos.

— O nosso amigo e colaborador, prof. Leopoldo Machado, realizou, ultimamente, novo ciclo de conferências doutrinárias no Estado de S. Paulo. Em Guaratinguetá, falou no Salão Nobre da Perfeitura, o que provocou veemente protesto do vigário local, que, em seis violentos sermões, procurou em vão destruir os argumentos do conferencista.

— J. l'Homme, Presidente da União Espirita Belga, afirmou na Assembleia Geral daquela colectividade estar convencido de que, se em todos os grupos espiritas, fôsse lida e comentada uma página do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, dar-se-ia um grande passo na propaganda e na evolução de todos os adeptos.

— Sob o título «Moribundo que anuncia o seu fim», publicou há pouco a *Revue Spirite*» uma carta de L. M., narrando que na noite de 30 de Setembro para 1 de Outubro de 1939, vira em sonho determinada pessoa de família, muito pálida, demonstrando grande sofrimento e metida numa espécie de saco negro e sem braços. L. M. despertou cheia de mêdo e tomou nota da hora: eram quatro da manhã. Efectivamente, em 6 de Outubro, um filho de L .M . anunciava a morte da pessoa em questão, precisamente em 29 de Setembro, ás 8 da manhã, numa clínica de Besançon, em virtude duma operação urgente. A autora da carta crê tratar-se dum caso de premonição.

---

tas, que a *Rabi* da Galileia *tenta reünir as ovelhas tresmalhadas*... Que esta bela obra mediúnica contribua para essa reünião, são os nossos votos veementes.

Após a leitura dêste romance, a nossa alma sente-se reconfortada e quási que liberta do envólucro material a que transitòriamente está sujeita. Uma grande lição é o que êle nos dá, porque nos põe em evidência a superioridade da moral cristã sôbre a pagã, artificiosa e materialista.

Por tôdas estas virtudes, aconselhamos aos nossos leitres êste excelente romance, por ser o tipo de literatura mais atraente para quem não se inclina muito para a leitura dos tratados volumosos.

S. E. M.

— Na linha Maginot, há muitos grupos espiritas, aos quais *The Two Worlds* se refere, num artigo, publicado em Janeiro último. Êsses grupos pertencem ao Corpo Expedicionário Britânico, que se encontra em França, desde o início da guerra europêia.

— O Dr. Hettinger defendeu uma tese de doutòramento na Universidade de Londres, na qual demonstrou a verdade da psicometria.

— Gabriel Gobron escreveu em *La Revue Spirite Belge* um belo artigo, profligando a *indústria* dos vaticínios, tão espalhada na imprensa inglêsa.

— *Jornal Espirita* informa que o Hospital Espirita de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, vai construir novos pavilhões, o primeiro dos quais terá cem salas e custará 600 contos. 300 já foram cobertos por subscrição espirita. Êste hospital será, no género, o maior do mundo. Cem compartimentos destinam-se, principalmente, às curas espiritas.

— A guerra está a prejudicar fortemente a propaganda espirita. *Ali del Pensiero*, *La Ricerca Psichica* e *Mondo Occulto* foram obrigados a suspender a publicação, devido á falta de matérias primas.

— O sr. Andrew Roberts, que esteve paralítico durante quarenta anos e sofreu dezassete intervenções cirúrgicas nos hospitais de Liverpool, encontra-se, finalmente, restabelecido, mercê do tratamento espirita. Hoje, pode andar muitos quilómetros por dia, sem auxílio de muletas, nem bengala. Assim o afirma *The Two Worlds*.

— *Psychic News* conta que numa sessão de voz directa, realizada em Taukerton, com o auxílio do médium John Webber, se obteve excelente prova da sobrevivência. Uma entidade falou com a senhora Dunsford, dizendo chamar-se John Edward Stead, irmão do grande jornalista W. T. Stead, de quem aquela senhora tinha sido secretária particular. O espírito do sogro da senhora Dunsford falou por voz directa e materializou a mão, que imediatamente foi reconhecida pela falta da parte do dedo indicador.

— «Eu te prometi que voltaria» — disse uma voz, chamando pelo nome da senhora Dunsford.

Esta promessa tinha sido feita pouco antes, através dum médium que ignorava esta projectada sessão.

— Desencarnou em Chicago, a directora da revista *The Occult Digest*, sr.ª Effa E. Danelson. A revista não volta mais a publicar-se.

— A Liga Espirita do Brasil, que mantém quatro escolas de ensino primário gratuito, com cêrca de 500 alunos, inaugurou há pouco um ambulatório médico, destinado a todo o público em geral, sem distinção de raça, côr ou nacionalidade. ¡ É assim que o Espiritismo afirma o seu valor !

— A «Sociedade Propagadora do Espiritismo», da presidência do fogoso paladino Jarbas Ramos, acaba de iniciar uma série de conferências, a primeira das quais será realizada pelo escritor Zoláquio Diniz.

— A Rádio de Londres anunciou há meses que algumas tribus indianas deixaram de usar o símbolo da

# DOS MÉDIUNS

pelo Dr. Pedro Dias de Sousa

A primeira e a mais importante das dificuldades com que, geralmente, depara o experimentador ao pretender iniciar o estudo prático do fenómeno espirita, é com a falta de um *bom médium*.

Fazer funcionar um Grupo Experimental em regime definitivo sem se dispôr de um médium ou médiuns verdadeiramente dignos dêsse nome e à altura da missão que são chamados a desempenhar, ou, pelo menos, não se procurar, constantemente, aperfeiçoar e mesmo substituir aquêles que não satisfaçam a estas condições, é condenar, de antemão, êsse Grupo, a uma morte certa.

Ao fim de uma ou duas dúzias de sessões de resultados nulos ou insignificantes, onde nada prende e emociona os assistentes, onde poucos ensinamentos colhem e nenhum progresso espiritual conseguem, começa o tédio a invadi-los, lentamente, e as deserções, sob os mais variados pretextos, principiam, pouco a pouco, a verificar-se.

E embora se recomece vinte vezes o trabalho de reorganização, procurando congregar novos elementos que satisfaçam as condições aconselhadas (1), se essas reorganizações esquecerem o problema dos médiuns, vinte vezes se desorganizará o Grupo, insatisfeitos os seus componentes, e arrastados para onde lhes consta se conseguem melhores resultados, ou, o que é pior ainda, dispersando-se e perdendo o interêsse pelo Espiritismo.

Isto é muito vulgar, infelizmente; e tão vulgar que não temos conhecimento de que exista, entre nós, nenhum Grupo verdadeiramente integrado nos altos princípios da Doutrina e dando à Causa o rendimento que deveria dar.

* * *

Geralmente, quem resolve dirigir um Grupo Experimental, reüne meia dúzia de pessoas, arranjadas *ad hoc*, aceita o primeiro indivíduo que lhe aparece dizendo-se possuïdor de qualidade mediúnicas, e vá de fazer *sessões* a torto e a direito, sem ordem, sem método, sem disciplina, sem curar mesmo de saber se essa pessoa, pelas suas qualidades morais, estará ou não à altura de servir a Causa com a seriedade, a elevação e o desinterêsse com que é míster servi-la. A ignorância, a insconsciência, o desrespeito pela Doutrina chegam, às vezes, até ao ponto de se aceitar médiuns cuja vida bastante acidentada sob o ponto de vista moral, é conhecida dos componentes do Grupo.

Trabalhando nestas condições, que resultados se pode esperar? Banalidades, embustes, mistificações, orientações erradas, embora tudo se apresente revestido duma linguagem aparentemente elevada.

Quem escolhe ou aceita o encargo de dirigir um Grupo Experimental não pode perder de vista que o primeiro dever que lhe incumbe é uma sã, racional e equilibrada propaganda da Doutrina Espirita e da sua fenomenologia, as quais não poderão ser feitas se os

---

cruz gamada, a pretexto de haver sido profanada por um país que fêz da mesma cruz emblema de destruïção.

— Desencarnou o Dr. Crandon, marido da célebre médium «Margery».

— Como todos sabem, a orientação dos pombos correios continua a ser um mistério indecifrável. Segundo o *New York Times Magazine*, as experiências provaram que aquela orientação é perturbada, quer obstruindo o ouvido às aves, quer obrigando-as a passar em zonas de emissão de ondas curtas.

— Em Jatahy-Goyaz, Brasil, acaba de fundar-se uma agência, com o fim de angariar assinaturas para revistas e jornais espiritas, brasileiros e estrangeiros. A agência é dirigida pelo confrade sr. Osório de Assis, que trabalha sem remuneração alguma.

— Foi inaugurada a Rádio Piratininga (P. R. H. 3), que funciona em 483,9 metros (620 kc.), no Estado de S. Paulo. A direcção desta emissora, é composta pelos seguintes confrades: Dr. Romeu Campos Vergal, Pedro de Camargo *(Vinicius)*, Floriano Peixoto Costa, Odilon Negrão, Romeu do Amaral Camargo e D. Benedito Galvão, em conjunto com a União Federativa Paulista.

— A Liga Espiritualista Cristã «Greater World» compõe-se de 585 igrejas filiadas, com a população de 23.000 sócios e publica uma revista semanal, com suplementos em francês e alemão.

I. D. S.

(1) São as seguintes: *a)* Perfeita comunidade de vistas e de sentimentos; *b)* Simpatia e benevolência recíprocas; *c)* Exclusão de todo o sentimento contrário à verdadeira caridade Cristã; *d)* Desejo de se instruir e aperfeiçoar pelo ensino dos bons espíritos, e de aproveitar os seus conselhos; *e)* Concentração e silêncio respeitoso durante as comunicações com os espíritos (Vidé, no n.º 2 desta Revista — «Organização e Funcionamento dos Grupos Espiritas Familiares»).

seus esforços não se orientarem no sentido de conseguir que os médiuns que trabalham sob o seu contrôlo, sejam tanto quanto possível, *bons médiuns* (1).

Portanto, quem não disponha de um médium já experimentado e de confiança e queira fazer Espiritismo com honestidade, procura descobrir e desenvolver uma mediunidade e nunca lança mão do primeiro que lhe aparece dizendo-se médium.

Essa descoberta e desenvolvimento só poderá conseguir-se com relativa facilidade e segurança se o Grupo estiver preparado convenientemente para isso, pois o desenvolvimento da mediunidade exige processos e ambiente inteiramente diferentes dos exigidos por outro género de trabalhos.

É evidente que não procede como argumento em contrário o facto de haver excelentes médiuns formados à margem de quási tôdas as condições apontadas: êsses, bem poucos, aliás, constituem a excepção. O que nos deve interessar, porém, é a regra, e essa nos diz e nos demonstra que um médium verdadeiramente à altura da sua missão não pode formar-se nem desenvolver-se num ambiente de ignorância e de atrazo moral.

À pesquisa e desenvolvimento da mediunidade não é indiferente o grau de preparação moral, intelectual e científica dos componentes do Grupo, pois êsse tríplice conjunto facilita e garante os resultados.

* * *

O desenvolvimento de médiuns é tarefa a que quási todos os experimentadores se abalançam, mas em que raros, raríssimos, colhem resultados satisfatórios, umas vezes por falta de conhecimentos próprios, outras por pouca tenacidade, outras ainda por insuficiência de condições de ambiência, e quási sempre, por estas razões tôdas juntas.

O Grupo Experimental que melhores garantia oferece para um regular desenvolvimento de mediunidades, será aquêle em que o seu director esteja convenientemente preparado para o exercício do seu delicado cargo e os componentes instruídos e convictos do papel que ali são chamados a desempenhar.

Sabido que o ambiente mais favorável ao desenvolvimento da mediunidade é aquêle em que a concentração seja perfeita, indispensável se torna conseguir que os componentes do Grupo saibam concentrar-se convenientemente, e mantenham, tanto quanto possível constante e homogénea essa concentração, durante todo o tempo que durar a sessão. É êsse o seu papel, a sua obrigação, e é mister cumpri-la com escrupuloso cuidado.

Não devem, portanto, fazer parte de um Grupo que esteja desenvolvendo mediunidades, senão pessoas bastante experimentadas e cuja curiosidade já satisfeita foi substituída por uma convicção forte e sincera.

Pode acontecer que logo nas primeiras sessões se revele, por pequenos indícios, alguma das mais freqüentes mediunidades: a escrevente ou a da encorporação. Ao director do Grupo incumbe, então, graduar e orientar no melhor sentido essas faculdades e, sem perder de vista o constante aperfeiçoamento da concentração, deve iniciar, imediatamente, a educação da vontade do médium que se revela, a-fim-de o habituar ao conhecimento e contrôlo dos espíritos que dêle se abeiram, ensinando-o a defender-se daquêles cuja presença lhe possa ser prejudicial.

Só em casos especiais e com prévia autorização do Guia espiritual, o director do Grupo poderá empregar o magnetismo para favorecer o desenvolvimento de qualquer mediunidade, ou para provocar o seu aparecimento, visto que, ao contrário do que geralmente se pratica e aconselha, o médium deve adoptar uma atitude activa, de domínio próprio; doutra forma, a sua vontade será obliterada por fluidos magnéticos extranhos e não poderá, portanto, exercer convenientemente o seu contrôlo.

---

(1) Segundo Allan Kardec os *bons médiuns* dividem-se em: *Médiuns sérios,* todos os que se servem da sua faculdade para o bem e para tudo quanto é útil; julgam profaná-la servindo-se dela para divertir os curiosos e indiferentes, ou para futilidades. *Médiuns modestos,* aquêles que se não vangloriam com as comunicações que recebem, por muito boas que sejam: consideram-se extranhos a elas e não se julgam ao abrigo das mistificações. Longe de fugirem aos conselhos desinteressados, solicitam-nos. *Médiuns devotados,* os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando necessário, sacrificar os seus gostos, hábitos, prazeres, tempo, e o próprio interêsse material, em benefício de outrém. *Médiuns seguros,* os que, além da facilidade de execução, merecem mais confiança, pelo seu próprio carácter, natureza elevada dos espíritos que os assistem, estando, por isso, menos expostos a serem enganados.

---

Padre cristão é uma denominação contraditória: o objectivo histórico para o qual tende o cristianismo é a abolição de qualquer sacerdócio interpôsto entre o homem e a verdade.

*Chevalier Le Clement de St.-Marcq*

Pode-se descender, por graus quási insensíveis, desde a criatura mais perfeita até à matéria mais ínfima, desde o animal mais bem constituído até o mineral mais bruto.

*Buffon*

Nada nasce do nada. Tôda a acção presente tem as suas raízes no passado.

*Darwin*

# Vocabulário de metapsíquica

pelo Dr. A. Lôbo Vilela

**Absefalésia** — Insensibilidade às queimaduras. O médium Home pegava em brazas e punha-as sôbre a cabeça ou na palma da mão, segundo o testemunho de Wallace. Sinónimo de *apiropatia*.

**Aeromância** — Processo adivinhatório que se baseia na direcção do vento.

**Aerosoma** — Têrmo empregado por Lancelin para designar os corpos psíquicos do homem, mais ou menos equivalente a *perespírito* ou *corpo etéreo*.

**Alectromância** — Processo adivinhatório que se funda no vôo das aves.

**Apport** — Passagem da matéria através da matéria. Verifica-se êste fenómeno, quando qualquer objecto material aparece ou desaparece de um recinto completamente vedado, por meios supranormais.

**Asinápsia** — Designação atribuída por Bret aos fenómenos metérgicos produzidos sém contacto, mas por meio de um instrumento visível, como por exemplo a escrita produzida por uma forma ectoplásmica.

**Assombramento** — Aparição ou qualquer outra manifestação metapsíquica ligada a determinado local onde se produz periòdicamente.

**Aura** — Nuvem mais ou menos luminosa que envolve todos os corpos e designadamente o corpo humano, a que Reichenbach deu o nome de *corpo ódico*, e que parece ser constituída de radiações etéricas em que se reflecte a actividade psíquica. As colorações das auras deram lugar a notáveis investigações por parte de Leadbeater.

**Autoscopia** — Têrmo empregado por Féré para exprimir a faculdade que certos sujeitos sonambúlicos apresentam de verem os seus órgãos internos (autoscopia interna de Du Potet) ou os de outros indivíduos (autoscopia externa de Sollier).

**Bicorporeidade** (ou bilocação) — Aparecimento simultâneo do mesmo indivíduo em dois lugares distintos. Foram factos desta natureza que contribuíram para a canonização de António de Pádua e Afonso de Ligório.

**Cartomância** — Adivinhação pelas cartas de jogar.

**Catalepsia** — Um dos três estados que, segundo Charcot, caracterizam o «grande hipnotismo». Abolição da sensibilidade e da motilidade.

**Catoptromância** — Adivinhação por meio de espêlhos ou de uma bola de cristal. Parece que o espêlho ou a bola de cristal têm por função excitar as faculdades supranormais *(criptestésia* ou *metagnomia)* ou provocar alucinações verídicas, isto é, que correspondem a factos autênticos.

**Clariaudiência** — Percepção nítida de palavras e sons, produzidos fóra das condições normais de audição.

**Clarividência** — Percepção de objectos ou de acontecimentos em condições que a tornam inexplicável por processos normais. Os antigos magnetizadores, que foram os primeiros a observar êste fenómeno, davam-lhe também os nomes de *lucidez* e *dupla vista*. Veja-se *criptestésia*.

**Coliminar** — Têrmo proposto por Hyslop, equivalente ao *supraliminar* de Myers.

**Correspondência cruzada** — Mensagem supranormal obtida por diferentes médiuns, cada um dos quais obtém parte dela que por si só não forma sentido e precisa da outra parte para se tornar inteligível.

**Criptestésia** — Faculdade que, segundo Richet, permite adquirir conhecimentos supranormais. Sensibilidade oculta. Richet distingue várias formas de criptestésia: *pragmática*, que corresponde à *metagnomia táctil* de Boirac (veja-se *hilognósia); espiritica* equivalente à *metagnomia espiritica* de Sudre.

**Cripto-estésia** — Têrmo criado por Flournoy *(«Esprits et Médiuns»)* para designar a sensação que se não converte em percepção, mas fica registada na memória subconsciente *(criptomnésia)*. Não confundir com a *criptestésia* de Richet.

**Criptestésia pragmática** — Designação proposta por Richet em substituïção do termo *psicometria*, para exprimir a percepção do que há oculto nas coisas. Veja-se *metagnomia*.

**Criptografia** — Escrita directa, isto é, escrita que se produz por via supranormal, como por exemplo, a que se tem obtido em ardósias unidas e seladas.

**Criptomnésia** — Nome pelo qual Flournoy designa a memória subliminar de Myers. Compreende tudo o que passou pelo sensório sem afectar a consciência e tudo o que chegou a ser consciente mas se esqueceu. Veja-se *metamnésia*.

**Criptopsiquia** — Têrmo empregado por Boirac para designar os fenómenos em que «parece manifestar-se uma acção inteligente, uma acção psíquica, sem que, entretanto, o sujeito em que ela se manifesta tenha, em qualquer grau, consciência de exercer essa acção». Binet emprega êste termo para designar os fenómenos espiritistas.

**Diapsiquia** — Designação atribuída por Boirac aos fenómenos de *telepatia*.

**Duplo** — Reprodução etérica dos corpos físicos. Perespírito. Para os egípcios todos os sêres vivos, bem como os objectos inanimados, tinham o seu *duplo*. «O duplo de uma cadeira ou de um leito é verdadeiramente uma cadeira ou um leito para o duplo de um homem» (Maspero: *Lectures Historiques*, pág. 155).

**Ectoplasma** — Substância de côr branca ou acinzentada, plástica, dotada de grande mobilidade, com que se produzem as materializações de entidades metapsíquicas.

**Ectoplasmia** (ou *ectoplastia)* — Nome pelo qual Richet designa as materializações fantasmáticas. Myers emprega o têrmo *ectoplásia*. Veja-se *teleplastia*.

**Electricidade animal** — Designação dada pelo Dr. Pététin ao magnetismo animal.

**Electro-dinamismo vital** — Hipótese formulada pelo Dr. Philips (Durand de Gros) para explicar os efeitos magnéticos.

**Encorporação** — Apropriação do organismo físico do médium por uma entidade metanóica. Possessão.

**Endometaplásia** — Têrmo proposto por Bret para designar os fenómenos de *transfiguração*.

**Escotografia** — Impressões metapsíquicas obtidas em películas fotográficas. (Scatcherd).

**Escrita automática** — Escrita produzida inconscientemente. Também se lhe dá o nome de escrita mecânica. Bret criou o têrmo «*metagrafia*» para a designar.

**Escrita directa** — Veja-se *criptografia*.

**Espiritóide** — Têrmo empregado por Boirac para qualificar os fenómenos que parecem produzidos por espíritos.

**Estados hipnóticos** — Charcot (escola da Salpétrière) distingue, no «grande hipnotismo», três estados característicos: letargia, catalepsia, sonambulismo. Bernheim (escola de Nancy) nega a lei dos três estados, atribuindo estes a sugestão.

**Estigma** — Fenómenos cutâneos produzidos por sugestão. Algumas religiosas apresentam os estigmas da paixão de Cristo e chegam a exsudar sangue pelas mãos.

**Exteriorização da sensibilidade e da motricidade** — Experiências efectuadas por Rochas e confirmadas por outros experimentadores, entre êles o Dr. Joire.

**Fôrça psíquica** — Nome dado por Crookes ao magnetismo animal. O Dr. Baréty chama-lhe *fôrça nêurica radiante;* o Dr. Morselli designa-a por *fôrça bio-dinâmica;* o prof. W. Barret dá-lhe o nome de *fôrça ecténica*.

**Frenologia** — Sistema imaginado por Gall que procura conhecer as faculdades e aptidões, através da conformação do crânio.

**Freno-hipnotismo**—Tentativa efectuada por Braid para associar o hipnotismo à frenologia.

**Glossolália** — Têrmo criado pelo prof. Flournoy para designar o automatismo vocal articulado duma linguagem de fantasia, tal como a «linguagem marciana» de Helena Smith.

**Hidroscopia** — Percepção de correntes de água subterrâneas e de filões metálicos. Rabdomância. Forma especial de hilognósia.

**Hiloclastia** — Têrmo empregado por Sudre para designar «acções que se passam numa escala muito pequena, molecular ou talvez corpuscular, como no caso de certos *raps* interiores e na dissociação da matéria».

**Hilognósia** — Percepção de corpos inacessíveis aos sentidos, ignorados ou perdidos. Têrmo equivalente a *psicometria, metagnomia, telestésia, criptestésia, clarividência, lucidez, dupla vista*. (Veja-se *hiloscopia*).

**Hiloscopia** — Têrmo criado por Boirac para designar os «fenómenos em que a matéria parece exercer, sôbre sêres animados, principalmente sôbre sêres humanos, uma acção que não parece completamente explicável pelas suas propriedades físicas ou químicas já conhecidas e que parece, por conseqüência, revelar nela uma fôrça irredutível a tôdas as que a ciência tem estudado até agora». Compreende os fenómenos de percepção de correntes subterrâneas *(rabdomância);* a influência dos ímans sôbre os sujeitos hipnóticos, reconhecida pelos antigos magnetizadores e pela escola de Charcot; a influência dos metais, estudada pelo Dr. Burcq com os nomes de *metaloscopia* e *metaloterapia*, etc.

**Hipotaxia** — Designação atribuída por Durand de Gros ao hipnotismo.

**Hipóteses metapsíquicas** — *Hipótese alucinatória:* atribue a alucinações as supostas percepções *supranormais* como a visão de fantasmas e a audição de vozes ou ruídos como os que se produzem em casas assombradas. — *Hipótese das coïncidências fortuitas* (com que Vaschide pretende explicar os casos de telepatia) considera que entre a aparição e o facto a que ela se refere não há nenhuma relação de causalidade mas de mera coïncidência. — *Hipótese da desagregação psicológica:* sustenta que as personalidades múltiplas observadas nos histéricos e nos médiuns são devidas à formação de centros psíquicos adventícios que, por circunstâncias ocasionais, tomam um desenvolvimento considerável e revestem o aspecto de novas personalidades. — *Hipótese da latência* (imaginada por Gurney e Myers) pretende explicar pela acção telepática dos moribundos as manifestações póstumas dêstes; suponha-se então que as impressões transmitidas pelo moribundo ficavam latentes durante algum tempo no espírito do percipiente, antes de tomarem a forma de alucinação. — *Hipóteses dos movimentos musculares inconscientes:* (proposta por Chevreul) consiste em supor que o movimento das mesas ou da vareta adivinhatória (de que os vedores se servem para descobrirem toalhas de águas subterrâneas) é devido a concentrações musculares inconscientes. — *Hipótese dos resíduos:* (imaginada por Gurney para reforçar a hipótese telepática) segundo a qual há uma certa base de manifestações físicas que sobrevive temporàriamente à morte do corpo e seriam êsses resíduos que produziam os fenómenos telepáticos relativos a pessoas falecidas muito tempo antes, de modo a invalidar a hipótese da latência. — *Hipótese da ruminação:* (proposta por Dingwall) pretende explicar os fenómenos de materialização supondo que o médium esconde no estômago ou no tubo digestivo as imagens e objectos que aparecem nas sessões e regorgita no momento próprio, voltando depois a ingorgitá-los. — *Hipótese telemnésica* (Hyslop): atribue as informações de carácter supranormal a uma leitura feita pelo percipiente no subconsciente de pessoas afastadas com as quais esteja em «relação psíquica». — *Hipótese telepática:* consiste em admitir que as aparições fantasmáticas são devidas à transmissão de pensamento do cérebro do agente ao cérebro do percipiente e não correspondem a nenhum fenómeno de natureza objectiva. — *Hipótese teleplástica* segundo a qual os fantasmas são produzidos pela acção plasticizante do pensamento do médium ou dos assistentes exercendo-se a distância. — *Hipótese telérgica* supõe que os fenómenos físicos da metapsíquica são produzidos por uma fôrça (a que têm sido dados diversos nomes: psíquica, bio-dinâmica, nêurica radiante, ecténica, ódica, magnética) que se exterioriza do médium e provàvelmente dos assistentes. — *Hipótese telestésica* consiste em supôr que o homem é dotado de uma sensibilidade especial (criptestésica) que lhe permite receber sensações ou adquirir conhecimentos a distância sem ser por intermédio dos órgãos normais dos sentidos, e sem que a fonte de informações seja o subconsciente de outras pessoas.

**Icnognósia** — Têrmo proposto por Bret para designar o conhecimento supranormal que se obtém por contacto de um objecto que tenha qualquer relação com o acontecimento a que se refere. Equivalente a *psicometria* (Buchanan e Denton), *criptestésia pragmática* (Richet), *metagnomia táctil* (Sudre).

**Ideoplastia** — Designação dada por Durand de Gros à impressão produzida pelas ideas nos sonâm-

# A evolução e o pensamento criador

por Seravat

NO plano Astral existe tôda a fôrça que nos faz agir. Essa fôrça está em nós. O ar, ou fluido imponderável de que vivemos, é o mesmo. Os cambiantes que se reflectem em nossa volta, são os mesmos que vêm marcar em nossas volta, as notas do nosso procedimento. Sucede, porém, muita vez que a evolução da matéria animal prejudica a visão do corpo astral. Para que se possa comprovar a existência do mérito alcançado pela alma anexa ao corpo físico, torna-se mister exteriorizá-la. Existem côres, que se alteram com a aproximação dos gases que se evaporam pela epiderme e, assim, repito, só por meio da exteriorização do corpo astral vós podeis obter uma demonstração verdadeira da vossa evolução anímica.

Sondai o terreno em que haveis de construir, tirai dêle o que puder ser causa de ruína e não vos preocupeis com demonstrações teóricas. A análise deve ser prática. Fazei a reacção química dos gases efervescentes que penetram no vosso organismo, fazendo o precipitado com a acção vital do vosso pensamento. Radiografai-vos, perante a vossa consciência. Rasgai fundo as vestes que foram manchadas, e, cobri-vos com o manto purpúreo tingido pelo sangue que corre das feridas dos vossos adversários! É assim que podereis formar os delicados matizes com que em volta do vosso corpo astral se forma a auréola que vos adorna. Nós vivemos lutando contra a má vontade de muitos que nos rodeiam e pretendem retardar os nossos passos. Sòmente aquêle que já é puro e se encontra, por êsse motivo, livre da matéria ponderável, pode viver na quietação e gozar a paz do Justo.

Formas diáfanas e resplandecentes de luz vêm até nós. Essas formas, às quais, com razão, chamamos entidades superiores, são Pensamentos criados pela Vontade Omnipotente. Êles dão-nos um pseudónimo ou um nome conhecido entre nós, para prender a nossa atenção e satisfazer o nosso desejo, e ainda para que possamos assimilar.

A realidade, porém, dessas demonstrações, é a criação espontânea dessas formas. A emissão de fluido etéreo faz-se através dessas criações e a sua acção vibra no cérebro do passivo. Nestes casos, a comunicação invisível é directa. O cérebro é iluminado e fortalecido e reproduz. Deixa de ser influenciado pelo Pensamento que a êle se anexou, e passa a ser pôsto em acção pelo fluido que é estável e penetra quando quere.

A luz do espírito manifesta-se actuando sôbre a inteligência do homem. Corpos celestes se dispõem por forma a dirigir a corrente fluídica e a torná-la mais ou menos intensa, segundo o grau de evolução daquêle a quem é dirigida. Todo o trabalho do homem na absorção dos fluidos etéreos consiste ùnicamente numa concentração profunda. Então o livro da sabedoria natural se abre ante sua inteligência e as palavras escritas nessas páginas vão gravar-se no cérebro que as colige e reproduz. Os pensamentos que flutuam no espaço que medeia estre os mundos habitados e o fluido etéreo, são os matizes de que se serve o Grande Arquitecto para o movimento cadenciado de tôdas as fôrças de que é composta a parte efervescente da matéria constitutiva da Natureza. Cada um dêsses pensamentos, segundo o seu grau de evolução ou densidade, actua sôbre uma dessas fôrças. São numerosas as gradações dêsses pensamentos, ou almas, cuja existência é oriunda duma dessas fôrças.

Os átomos concretizados pela fôrça etérica tomam formas diversas, e são modeladas pela fôrça que conheceis e denominais «o Poder da Vontade». Essa fôrça é que mais de perto vos acompanha e aquela de que tendes a faculdade de dispor em mais alto grau.

O corpo astral agrega a si os gases em efervescência, envolve-se nêles, condensa-os pelo poder da sua vontade, e dá-lhes a forma que quere.

O seu poder, porém, é limitado e variável. Quanto mais rarefeita é a matéria em evolução, mais leve e diáfana é a forma criada. Cada pensamento age por si próprio e a sua evolução é mais ou menos rápida, consoante a fôrça de que êsse pensamento dispõe. A intervenção do Poder Omnipotente faz-se pela mesma forma que é feita em vós.

Preparai, pois, as vossas almas, e exemplificai. É pelo exemplo que deveis moralizar. Cada um de entre vós, dentro da sua própria casa, pode ser um instructor e um guia.

Caminhai desassombradamente por entre a multidão dos que sofrem e alivial-os. Em tôda a parte o podeis fazer. Todos os momentos vos são favoráveis. Tudo o que em vossas almas conceberdes de Bom e de Belo servirá de armamento ao vosso corpo astral. Todos os vossos coloridos, todos os vossos matizes irão adornar e servirão para atrair e envolver em seus cambiantes as almas daqueles que buscam a Luz e a Verdade.

---

bulos. Ochorowickz empregou êsse têrmo para exprimir «a realização fisiológica de uma idea». Modernamente, dá-se ao têrmo «ideoplastia» um sentido mais lato, exprimindo qualquer acção plástica do pensamento sôbre a matéria. Bret propõe o têrmo *ideoplásia,* que considera mais adequado.

**Karma** — Têrmo sanscrito, que exprime a lei de causalidade psíquica e estabelece o mecanismo da justiça imanente.

**Letargia** — Estado caracterizado pela abolição dos sentidos. Uma das fases da hipnose, segundo Charcot.

**Levitação** — Elevação de um corpo no espaço, sem contacto aparente, ficando suspenso, como se estivesse subtraído à acção da gravidade.

**Licantropia** — Faculdade que se atribue a certos feiticeiros de se transformarem em lôbos. Lobis-homem.

*(Continua)*

# NOTICIÁRIO

## Estudos Psíquicos e a Imprensa

Damos, a seguir, mais algumas referências à nossa revista, feitas pelo quinzenário *Vítimas da Guerra*, de Lisboa, e *A Reïncarnação*, de Porto Alegre.

De *Vítimas da Guerra*:

«Recebemos a visita da publicação que, sob o título de *Estudos Psíquicos*, e com colaboração de nomes ilustres nos vários sectores da vida social portuguesa, é órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor.

«O presente número (2, relativo a Novembro-Dezembro de 1939), com 32 páginas de texto dividido por 19 epígrafes gerais, deixou-nos uma excelente impressão de agrado absoluto, após ter-nos atraído a atenção e interêsse e o lermos inteiramente, sendo certo que tal facto tem seu significado especial, se se levar em conta que nem dispômos de muito tempo, nem estamos iniciados nos estudos da especialidade, de que só vagamente tínhamos notícia. Agora, sinceramente confessamos apresentarem-se-nos como dignos de meditação e estudo.

«Boa apresentação gráfica, formato elegante, redacção, exposição e revisão cuidadas do texto, variedade de assuntos, dentro do especial sector doutrinário a que se dedica, só temos louvores a endereçar à nossa amável visitante, com a qual *Vítimas da Guerra* permutará com prazer e vantagem, endereçando os melhores cumprimentos ao seu pessoal efectivo de redacção, srs. Isidoro Duarte Santos, director e proprietário, e Dr. José Joaquim Gaita, secretário, e a um dos colaboradores que também o é do nosso jornal e na própria revista a que nos estamos referindo verificamos ser ali tão apreciado, como em *Vítimas da Guerra* — o nosso distinto camarada sr. coronel Faure da Rosa, pessoa de preclaras virtudes e amiga, a quem supomos dever a gentileza de ter promovido a permuta, com que em todos os sentidos temos a ganhar e que, por isso, agradecemos».

De *A Reïncarnação*:

«Iniciou a sua publicação em Lisboa, Portugal, mais um órgão espirita denominado *Estudos Psíquicos*, órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor.

«Esta revista de estudos científicos obedece à orientação dos confrades srs. Isidoro Duarte Santos, José Joaquim Gaita e Pedro Dias de Sousa.

«Temos sôbre a mesa o n.º 1, que trás belíssima matéria e desenvolvido noticiário».

A êstes dois órgãos, os nossos agradecimentos e votos de longa vida.

## As nossas Conferências

Realisou-se, no dia 25 de Fevereiro, na Sede da Sociedade Teosófica, a conferência intitulada «As materializações de Katie King», a que, por lapso, nos não referimos no último número.

Foi conferente o Dr. Pedro Dias de Sousa, que fêz acompanhar de projecções luminosas a sua elucidativa exposição.

— O Presidente do Conselho Fiscal, Sr. Manuel Tavares, realizou, no dia 19 de Maio, na nova Sede do Centro, uma conferência a que deu o título de «Médiuns e Fraudes». Depois do seu interessante trabalho, o conferente demonstrou pràticamente que a fraude espirita assenta, principalmente, em fenómenos de ilusionismo e de prestidigitação, os quais não resistem aos mais elementares processos de contrôlo.

## Subscrição pró-Séde

Os donativos continuam a afluir. A fé dos espiritas portugueses está connôsco. Registamos mais os seguintes donativos:

| | |
|---|---|
| Transporte do número anterior... | 1.650$00 |
| J. Vendrell... ... ... ... ... ... ... | 600$00 |
| Dr. José Joaquim Gaita ... ... ... | 120$00 |
| Dr. L. F. L. P. ... ... ... ... ... | 120$00 |
| Custódio Rodrigues ... ... ... ... | 70$00 |
| D. Maria dos Milagres Carvalho | 50$00 |
| D. Elisabeth Valdez ... ... ... ... | 50$00 |
| José Augusto Gonçalves ... ... | 60$00 |
| F. H. S. F. ... ... ... ... ... ... | 100$00 |
| Produto da subscrição aberta pela nossa irmã D. Maria Ivone de Abreu, entre Confrades e simpatizantes da Doutrina Espirita: | |
| Francisco Andrade ... ... ... ... | 30$00 |
| Fernando Nunes ... ... ... ... ... | 20$00 |
| D. Maria Ivone de Abreu ... ... | 20$00 |
| Henrique Horta ... ... ... ... ... | 30$00 |
| Cordato Batalha Neto ... ... ... | 5$00 |
| D. Beatris Marques Pereira ... ... | 5$00 |
| D. Júlia Branco ... ... ... ... ... | 20$00 |
| Artur Levy Gomes ... ... ... ... | 7$50 |
| Total ... ... | 2.957$00 |

## Jogos florais espiritualistas

Fazendo parte do programa a executar, em 9 de Novembro p. f.º, por ocasião da inauguração oficial da nova Sede, realiza o Centro E. Luz e Amor «Jogos Florais Espiritualistas», a que podem concorrer, com trabalhos inéditos, todos os poetas e prosadores espiritas portugueses e brasileiros. As produções, em prosa e verso, mas de acentuado cunho espiritualista, serão assinadas com pseudónimo e enviadas à Sede do Centro, até ao dia 15 de Outubro, em sobrescrito fechado, com a seguinte indicação: «Jogos Florais Espiritualistas de 1940». Acompanhará êste sobrescrito um outro *fechado e lacrado*, contendo o nome e morada do concorrente e exteriormente, além do pseudónimo, a mesma anterior indicação.

O júri, composto pela direcção do Centro, atribuirá

alguns prémios e os trabalhos premiados serão publicados em *Estudos Psíquicos*, segundo o espaço disponível.

## Nova Séde

A inauguração oficial da nossa Sede só terá lugar no dia 9 de Novembro p. f.°, para que essa solenidade coïncida com a do primeiro aniversário do regresso à actividade do Centro Espiritualista Luz e Amor e com a 5.ª Reünião de Confraternização da Família Espirita. O programa será publicado, oportunamente.

## Passeio à Trafaria

No dia 4 de Agôsto (domingo), o Centro E. Luz e Amor realizará um passeio à Trafaria. A inscrição é de 5 escudos por pessoa e pode ser feita na sede do Centro, ou por intermédio do nosso confrade sr. Amorim.

## Sessões experimentais

A partir do dia 13 de Outubro, o Centro E. Luz e Amor dará comêço às sessões experimentais, *sendo a abertura dos trabalhos às 21,30 prefixas*. Como a admissão é *exclusivamente* reservada aos sócios e estes devem ser portadores do cartão de identidade, lembramos a todos aquêles que ainda o não possuem a conveniência de nos enviarem, *com brevidade*, duas fotografias de modêlo adequado.

## Caixa de propaganda

Foram recebidos mais os seguintes donativos:

| | |
|---|---|
| Transporte ... ... | 141$00 |
| Do confrade A. J. Amorim ... ... ... | 54$00 |
| De A. B. C. G. ... ... ... ... ... ... | 2$50 |
| D. Micaela da Conceição ... ... ... | 5$00 |
| D. Leonor da Costa ... ... ... ... | 2$50 |
| Saldo do passeio a Cabo Ruivo ... | 27$20 |
| Total ... ... ... ... | 232$20 |

## Valioso donativo

De F. M. G., Rio de Janeiro, recebemos em devido tempo, por intermédio dum amigo residente em Lisboa, a quantia de 3.157$00 escudos, destinados ao Centro Espiritualista Luz e Amor e à revista *Estudos Psíquicos*. Muito e muito agradecidos.

## Juventude Espírita

Do passeio a Cabo Ruivo, a que nos referimos noutro lugar, nasceu a idea da formação dum grupo, composto de confrades de ambos os sexos, cujo objectivo é fazer a propaganda do Ideal por todos os meios ao seu alcance e angariar sócios para o Centro E. Luz e Amor e assinantes para a nossa revista. Êste grupo já apresentou o seu Regulamento à Direcção do Centro, o qual será apreciado convenientemente. Pelo significado moral dêste empreendimento e pelo entusiasmo que lavra entre a juventude do Centro, é de esperar que grande número de sócios venham ingressar nas nossas fileiras. *Audaces fortuna juvat...*

## Grupos Familiares

Podem funcionar na Sede do Centro, de acôrdo com o respectivo Regulamento, os Grupos Familiares que o solicitem à Direcção.

## Férias

De 31 de Julho a 12 de Outubro decorrem as férias do nosso Centro, não havendo nêsse espaço de tempo quaisquer trabalhos.

## Programa dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor, a realizar em Julho, às 15,30, na Rua do Salitre, 149, 1.° D.

*Dia 14* — Conferência pela sr.ª D. Dinah dos Santos Lima, intitulada «Como eu compreendo a solidariedade».

*Dia 28* — Conferência pelo sr. Óscar de Abreu Leitão, intitulada «A sobrevivência da alma».

## Pela imprensa espírita

O grande e popular semanário *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, publicou em 4 de Abril um número especial, comemorativo do seu oitavo aniversário e extensivo ao aniversário da desencarnação de Allan Kardec. Nêsse número, colaboraram, em lugar de relêvo, o director, o secretário e o editor desta revista, bem como o Dr. Sebastião Elviro Martins e Manuel Tavares, como homenagem do Centro E. Luz e Amor e de *Estudos Psíquicos* a *Mundo Espirita* e ao Mestre Allan Kardec. O Director daquele jornal antecedeu a nossa colaboração com palavras amáveis que revelam a profunda estima e simpatia que lhe merece a nossa modesta obra.

A *Mundo Espirita*, as nossas felicitações e sinceros agradecimentos.

## Mudanças de residência

Pedimos a todos os estimados assinantes o favor de nos enviarem o enderêço, sempre que mudem de residência, a-fim-de não sofrerem interrupção na remessa da nossa revista.

## Transcrições

*O Trabalho*, de Viseu, transcreveu, da nossa «Crónica Estrangeira», as seguintes nótulas: «Médico que ausculta um espírito materializado», «Uma sessão chinesa», «Anúncio de reencarnação confirmada pelos factos», «Sessão curiosa: a cada um o seu chapéu», «O Espiritismo regenera» e «O caso do médico incrédulo», contado pelo nosso colaborador sr. coronel Faure da Rosa, no seu artigo «Balzac e os fenómenos supranormais».

Gratos pela deferência.

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestigio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

| Secretário | Director e Proprietário | Editor |
|---|---|---|
| José Joaquim Gaita | Isidoro Duarte Santos | Pedro C. Dias de Sousa |

ANO 1.º LISBOA, JULHO-AGOSTO DE 1940 N.º 6

# A FALÊNCIA DO MATERIALISMO

por Isidoro Duarte Santos

I

QUANDO penso nas nossas especulações científicas e nos resultados a que nos levam raciocínios e deduções, não posso esquecer a nefasta obra do materialismo que, em certas épocas da história, tomou de assalto estabelecimentos de ensino, laboratórios e academias, fazendo tábula rasa de tudo o que nos legaram os sábios e filósofos da antigüidade.

Em todos os tempos houve distinção entre espírito e matéria, em todos os tempos o mundo das ideas representou papel preponderante no embróglio das hipóteses defendidas por diversas escolas que pretenderam explicar o fenómeno biológico.

Desde Sócrates, que estabeleceu a existência da alma pelo raciocínio, até os enciclopedistas que se deixaram arrastar pelas ideas de Locke, ¡que série enorme de tentativas, no sentido de arrancar a verdade à sua torre de marfim !...

A alma humana foi objecto de estudos vários e por vezes contraditórios, segundo a índole dos pesquisadores.

Platão admite a preexistência da alma e Aristóteles a sua imortalidade. Epicuro crê na alma, mas não hesita em reduzi-la a simples composição atómica, que morre com o corpo. Zenon ergue uma barreira entre a sensação das ideas gerais e os sentidos. Os neoplatónicos vão mais além, porque não só afirmam a preexistência, como admitem a necessidade da reencarnação.

Após a Idade-Média, a Igreja começa a impor os seus dogmas. A *razão* dos antigos é agora substituída pela fé e ¡ ai daquele que reaja, que esboce a mínima tentativa de regresso !

Mas o progresso é incessante e não respeita os artifícios, nem os preconceitos da civilização. E, assim, Bacon cria a ciência indutiva. Procura o conhecimento pela observação.

Mais tarde, surge Descartes com o seu *cogito, ergo sum,* sôbre o qual edifica um sistema filosófico que destrói tôdas as teorias opostas à existência e espiritualidade da alma.

*Penso ; logo, existo.* Esta afirmação transforma-se em axioma. É impossível negar o pensamento, que verificamos, à medida que se exerce.

Bacon e Descartes deram orígem a duas escolas. Dum lado, enfileiram Bossuet, Fénelon, Mallebranche e Spinosa ; do outro, Hobbles, Locke e Gassendi.

Emquanto Hobbles só admite a sensação como orígem das ideas, Locke opõe-se a Descartes, no tocante às ideas inatas e funda a psicologia.

Depois, aparece Leibniz, como traço de união entre as duas escolas, mas é infeliz na tentativa, porque o sistema que defende não lhe sobrevive.

A luta, depois estabelecida, entre a escola eclética e a escola materialista, dá orígem a que esta última estude o corpo humano e pretenda impor o pensamento, como atributo da matéria.

Emfim, foi grande a série de indagações realizadas por muitos sábios, sem que, jàmais, chegassem a concluir qualquer coisa evidente e definitiva.

Há, portanto, duas questões que se levantam perante a consciência universal, em forma de interrogação :

¿ Existe o espírito, como entidade independente da matéria ?

¿ Espírito e matéria constituem aglomerado ou combinação química, insusceptíveis de análise ?

* * *

Há que reconhecer a perícia, a meticulosidade com que os materialistas medem e pesam todos os fenómenos físico-químicos que se exercem na máquina humana, passando-os ao cadinho de cómodas teorias.

Não há dúvida. Trabalham afanosamente, suam e tressuam e abanam a cabeça, em meneio olímpico, em tácita afirmação, segundo a qual nada mais existe, senão matéria. Matéria, matéria e matéria. Só identificam factos reconhecidos pelos sentidos, os cinco pobres sentidos que localizam a percepção, restringindo-a, tanto quanto a sua ciência lhes permite.

Alma, é coisa que nunca encontraram, nas suas excursões pela carne.

Pelo menos, Broussais assim o declarou, peremptóriamente :

— Dissequei muitos cadáveres, sem nunca poder encontrar a alma.

E com esta afirmação rotunda, cheirando a *magister dixit*, julgou deixar o mundo boquiaberto.

Se entendesse alguma coisa da ciência da alma, saberia que o mundo não se assombra por tão pouco.

Buscar a alma no cadáver é o mesmo que pescar trutas a bragas enxutas.

E chamam lunáticos aos espiritualistas, só por que estes admitem a existência de coisa tão... problemática, imponderável e invisível. Esquecem-se, porém, de que perderam a autoridade, desde que admitiram coisa, igualmente, problemática, imponderável e invisível, a que chamam *vida* e cuja definição nos deixa indiferentes, pela maneira vaga como é expressa.

## ¿Que é a Vida?

Dizia Laugel : «A química contenta-se com palavras, sempre que não pode penetrar na essência dos fenómenos. ¿ De que assunto se preocupa ela, sem cessar? Da afinidade. ¿Não está aí, acaso, uma fôrça, igualmente, hipotética ? A química deixa à fisiologia a ideia de vida e recusa ocupar-se dela. Mas, a idea, em tôrno da qual se desenvolve a química, ¿ apresenta, porventura, alguma coisa de mais real ? Semelhante idea é, freqüentemente, impossível de depreender-se, não só na sua essência, mas, também, nos seus efeitos. Pode, na verdade, meditar-se um instante acêrca das leis de Bertholet, sem que se note estar-se em face dum mistério impenetrável ? Nas experiências que lhes serviram de alicerce, as reacções químicas foram arroladas entre as condições de ordem puramente estática e independentemente das afinidades pròpriamente ditas; entretanto, no fenómeno da combinação, isto é, nessa atracção que precipita os átomos à função, mesmo desagregando-os dos compostos que os retinham, ¿ não existe, porventura, assunto para confundir o espírito ? Quanto a mim, penso que, quanto mais se estudam as ciências em sua metafísica, mais se pode ficar convencido de que esta nada tem de inconciliável com a filosofia mais idealista. As ciências analisam as relações, incumbem-se de medir, descobrem. mesmo, as leis que presidem o mundo dos fenómenos ; porém, nenhum problema existe, por mais humilde que seja, que as não coloque em face de duas ideas, a respeito das quais o método experimental não tenha infe-

rência : em primeiro lugar, a essência da substância modificada pelos fenómenos, e, em segundo lugar, a *fôrça* que provoca essas modificações. Conhecemos e vemos, sòmente, as exterioridades, as aparências ; a verdadeira realidade, a realidade substancial e a causa, ignoramo-las.»

¿ Que vem a ser a vida ? ¿ Qual o sábio que no-lo pode dizer, sem eufemismos, nem ambigüidades ?

¿ Qual a sua especificação ?

Os efeitos é que êles analisam, os efeitos é que êles perscrutam ; mas a causa, a fôrça que põe a matéria em movimento, essa, escapa-se-lhes, como peixe seguro pela cauda...

¿ Que é que preside os fenómenos biológicos ? ¿ Que é que ordena, harmoniza, equilibra o sêr organizado ? ¿ Qual o agente que dirige a cicatrização duma ferida, que faz nascer a unha no dedo esfacelado, que reconstitue as papilas digitais, após a destruïção da epiderme ?

Não há nada mais simples. Esse misterioso artífice, verdadeiro operário de sete ofícios, é o *princípio vital.* Aqui está outro *invisível* que o materialismo chama em seu auxílio, nos momentos psicológicos.

Mas a situação é pouco invejável. ¡ Não acreditam na alma, porque nunca a *dissecaram,* e inventam o princípio vital, muito mais abstracto do que a alma !

Combatem realidades com ilusões.

## A circulação da matéria

Moleschott diz que a circulação da matéria é a alma do mundo. E acrescenta que a fôrça é inseparável da matéria. Uma, não pode existir sem a outra. A matéria é que preside tudo. Do mundo orgânico é que sai o mundo espiritual. Alma, Deus, vontade, sensibilidade, são miragens sem sentido. Quando muito, podem ser modificações da matéria.

Isto diz Moleschott, tido e havido como grande mestre na matéria. O seu livro «La Circulation de la Vie» é considerado um evangelho e as suas opiniões, em forma de parábola, são máximas intangíveis a que se não pode arrebatar um til.

Moleschott não tem razão. A mais leve meditação, o raciocínio mais ligeiro, demonstram que o seu erro está ao alcance de tôdas as inteligências. Basta apreciar o conjunto que nos rodeia, para ver que a matéria sofre modificações incontáveis, sujeitas, sempre, a leis absolutamente lógicas. Verificamos logo a existência duma fôrça directriz que orienta os menores movimentos e à qual tudo obedece, invariàvelmente. A contemplação do céu, em noites estreladas, o movimento dos astros, o fluxo e refluxo das marés, o germinar das plantas, emfim, tudo nos indica a verdade dessa fôrça inteligente, sem cuja direcção o mundo seria um caos informe.

¿ Quem empunha a batuta mágica que manda florescer, ao mesmo tempo, tôdas as plantas da mesma espécie e coordena as necessidades de cada indivíduo ?

A circulação da matéria pode, sem dúvida, chamar-se a alma do mundo, no sentido de que o movimento é vida, efeito de energia criadora, visto manter a vida material do planeta em eficiência progressiva.

Mas, pregunto eu: ¿Quem dirigiu e dirige a evolução geológica, dando à Terra as propriedades inerentes às necessidades e condições da vida universal ?

Se me dissessem que é a Natureza, nada teriam adiantado, excepto se a natureza de que falam fôsse aquilo a que chamamos Deus, fóco gerador de tôdas as coisas. E, então, passaria a haver duas naturezas : uma, de matéria bruta, sujeita às leis da inércia, e outra, criadora e impulsionadora, a que tudo obedeceria. Era questão de dialética, de argumentação engenhosa. Mas semelhante argumentação seria falha de base científica.

O pior é que o Universo é feito de matéria comum, e os grandes sábios da físico-química, como Laplace, Newton e d'Alembert, afirmam que os corpos em repouso não podem deslocar-se por si mesmos e que, entregues a si mesmos, repousarão, eternamente, no estado de movimento ou repouso uniforme.

Ouçamos Laplace :

«Um ponto em repouso não pode transmitir a si mesmo o movimento, visto que não dispõe de raciocínio que lhe faça preferir o movimento, quer para êste, quer para aquele lado. Solicitado por qualquer fôrça e, depois, entregue a si mesmo, move-se, constantemente, de modo uniforme, na direcção dessa fôrça, sem experimentar nenhuma resistência, o que equivale a dizer que a sua fôrça e direcção de movimento ou de repouso, corresponde ao que se denomina *inércia,* que é a primeira lei do movimento dos corpos.»

Ouçamos, também, Cláudio Bernard :

«A matéria, *qualquer que seja*, apresenta-se, sempre, desprovida de espontaneidade e nada engendra; só exprime, por meio de suas propriedades, a idéa de quem criou a máquina que funciona. De maneira que a matéria organizada do cérebro, que manifesta fenómenos de sensibilidade e inteligência, características do sêr vivente, não tem do pensamento e dos fenómenos que ela manifesta mais consciência que a matéria bruta duma máquina inerte, dum relógio, por exemplo, no que se refere à consciência dos movimentos que executa ou da hora que indica; assim, também, os caracteres tipográficos e o papel não têm consciência das ideas que reproduzem.»

Isto bastará para pôr em dúvida as afirmações de Moleschott. Mas êste ilustre químico tem opiniões muito curiosas acêrca do princípio pensante, pois afirma que, no interior dos corpos, se executam movimentos incessantes da matéria e variadíssimas transformações, acrescentando que os factos justificam, plenamente, a *suposição* de que o corpo renova a maior parte das suas substâncias, ao cabo de vinte ou trinta dias e que até o ar que respiramos muda, a cada instante, a composição do cérebro e dos nervos.

Então, se o corpo se renova ao fim dum mês, se o próprio ar que respiramos altera, constantemente, a composição do cérebro, ¿como podemos nós conservar, após tantos anos, a lembrança do que fizemos em criança? Eu tenho a consciência e a certeza de que sou o mesmo indivíduo que era há vinte anos, a-pesar das vicissitudes, dos sofrimentos por que tenho passado, no decorrer da existência. ¿ Como poderá Moleschott explicar êste fenómeno?... ¿ Onde é que reside a memória do que fomos?

Idéas como as de Moleschott, não podem continuar a correr mundo, sem o mais exemplar correctivo. Se fôssemos, apenas, mero agregado molecular, ¿ de que serviriam as leis morais e como explicaríamos as tendências para o bem e para o mal? Não haveria possibilidade de regeneração, visto que tal circunstância estaria dependente da nossa disposição orgânica. Tão sòmente.

¡ Parece incrível que ainda haja gente culta que tome a sério a ciência dêstes mestres! Não há direito de seguir tal escola, sob pena de se abdicar do próprio raciocínio. Se até o ar que respiramos altera a composição do cérebro, segue-se que devemos mudar todos os dias, visto que todos os dias respiramos alguns milhares de vezes...

O homem não é, tal, simples máquina, a que o pretendem reduzir os senhores materialistas. Máquinas com vontade própria, senso moral e presciência, dotadas de livre-arbítrio e responsabilidade, eis uma coisa que nunca vi.

## O cérebro e o pensamento

Vê-se que as teorias do químico holandês são tudo quanto há de menos razoável e que existe uma idea directriz em todos os fenómenos naturais. Se a fôrça fôsse atributo da matéria, as pedras e os metais deviam poder deslocar-se por si mesmos, sem que agentes exteriores lhes transmitissem movimento. E o contrário é que se vê. Um corpo permanece no estado em que se encontra, depois de cessar a fôrça que o moveu. O mesmo diremos, no tocante ao universo. Êste acha-se em movimento, em virtude de se manter ainda a fôrça que o impulsionou. Como vemos, as verdades materialistas são fáceis de contestar e o mais elementar raciocínio nos leva a concluir pela existência de dois princípios independentes entre si: Fôrça e matéria.

Mas o grande argumento dos materialistas, com o qual enchem as velas pandas do seu orgulho, é o seguinte:

— O cérebro é o órgão por onde se manifesta o pensamento; logo, o pensamento é produzido pelo cérebro.

Acêrca do mesmo tema, escreveu Carlos Vogt:

«Todos os observadores chegarão, por séries de raciocínios lógicos, à opinião de que as propriedades designadas pelo nome de *actividades da alma*, são apenas funções da substância cerebral; e, para me exprimir de modo mais grosseiro, direi que o pensamento é, pouco mais ou menos, para o cérebro, o que a bílis é para o fígado e a urina para os rins.»

Haeckel afirmou que a actividade espiritual era uma função do cérebro, governada por fenómenos mecânicos; e Metchinikoff não teve pêjo de dizer que a noção de aniquilamento total se tornou corrente, aceita pela maioria das pessoas ilustradas.

¿ Como é que o tangível pode gerar o intangível?

Aqui é que está o busílis. O materialismo

tem necessidade de fazer derivar o pensamento do cérebro, para evitar incongruências desastrosas. Para isso, concorreram os próceres da físico-química, com tôda a veemência das suas erradas e prematuras conclusões.

Eis, como Cabanis tenta explicar esta complicada mecânica :

«Percebemos que as impressões chegam ao cérebro, pela intervenção dos nervos. Nesse momento, acham-se isoladas e sem coerência. Logo que o órgão entra em acção, actua nas impressões e reflete-as depois, transformadas em ideas, que a linguagem da fisionomia, dos gestos, ou dos sinais da palavra e da escrita manifestam, externamente, donde concluímos, com a mesma segurança, que o cérebro digere, de certo modo, as suas impressões e faz a secreção do pensamento.»

E Moleschott, o impagável Moleschott, acrescenta que o pensamento é um fluido, como o calor e o som : É — diz êle — um movimento, uma transformação da matéria cerebral e a actividade do cérebro é propriedade do mesmo, tão necessária como a fôrça, por tôda a parte inerente à matéria, com seu carácter essencial e inalienável.

E conclue : É tão impossível que não pense um cérebro perfeito, como é impossível que o pensamento possa ligar-se a matéria diferente da do cérebro.

Estes sofismas estão, hàbilmente, apresentados e repousam sôbre induções preconceituosas, fàcilmente compreensíveis...

Evidentemente : se o cérebro estiver enfêrmo, a alma não poderá servir-se dêle, pela mesma razão que o violinista não poderá servir-se do violino, se lhe faltarem as cordas. Mas se puserem o violino em estado eficiente, o músico arrancará dêle as mais suaves melodias. Depreende-se existir íntima relação entre o cérebro e o pensamento, como entre o músico e o violino, sendo estultícia pretender que o cérebro produza o pensamento e o violino a melodia.

Longet, o fisiologista, ergue-se, para aplanar o terreno e esbater a questão, como vamos ver :

— «Ninguém põe em dúvida a solidariedade entre os órgãos sãos e a inteligência sã; porém, esta dependência naturalíssima não é tão absoluta, que se não depare com numerosos exemplos que parecem enfermar êste princípio. Crianças depauperadas surpreendem, às vezes, pela precocidade da inteligência e pela extensão do espírito. Velhos decrépitos, conservam, intactos, o juízo, a memória, o fôgo do génio, o ardor da coragem...

Pode chamar-se a isto *movimento de retirada*. E outra coisa não pode fazer o materialismo, em face dos variadíssimos fenómenos que o Espiritismo, dia a dia, apresenta, à consideração dos verdadeiros sábios.

Confundir o órgão com a função, como faz Moleschott, é critério erróneo e indigno dum sábio da sua categoria.

Felizmente, são os próprios materialistas que repelem as ideas falsas de Cabanis e Vogt. Vejam o que diz Büchner, grande autoridade no assunto :

— «A-pesar do mais escrupuloso exame, não podemos encontrar analogia entre a secreção da bílis ou da urina e o processo pelo qual se forma o pensamento no cérebro. A urina e a bílis são matérias palpáveis, ponderáveis e visíveis ; ainda mais : são matérias excrementícias que o corpo empregou e repeliu. Pelo contrário, o pensamento, o espírito, a alma, nada têm de material, nem são, em si mesmos, substâncias, mas sim encadeamento de fôrças diversas formando unidade, efeito do concurso de muitas substâncias dotadas de fôrça e de qualidades.

«Se a máquina feita pela mão do homem produz efeitos, põe em movimento o seu mecanismo ou outros corpos; vibra um golpe, indica a hora ou coisa semelhante, êsse efeito, considerado em si mesmo, é, portanto, coisa essencialmente diferente de certas matérias excrementícias que êle mesmo produz, talvez, durante essa actividade.

«Dessa maneira, o cérebro é o princípio manancial, a única causa do espírito e do pensamento ; mas não é, por isso, o órgão da secreção. O cérebro produz alguma coisa que não é expelida e que não tem duração material, mas que se aniquila por si próprio, no momento da produção. A secreção do fígado e dos rins verifica-se com inconsciência, independentemente da actividade superior dos nervos e produz matéria palpável. A actividade cerebral não se manifesta sem a nossa consciência completa e não segrega substâncias, mas fôrças. Tôdas as funções vitais, a respiração, a pulsação do coração, a digestão, a secreção dos órgãos excrementícios, verificam-se durante o sono, como no estado de vigília; mas as manifestações da vida acham-se suspensas no momento em que o cérebro,

sob a influência de circulação mais lenta, fica imerso no sono».

A-final ¿ em que ficamos, srs. materialistas ? ¿ É secreção ou não é secreção, o pensamento ? Não, não é secreção e tem orígem em diversas fôrças que formam unidade. É um efeito, puro e simples, do cérebro... como acaba de dizer o grande Büchner.

Preguntamos, outra vez : ¿ Como pode o tangível gerar o intangível ? ¿ Como pode o material geral o imaterial ? Se o pensamento é fôrça que emana do cérebro, voltamos à teoria errónea de Moleschott e entramos num círculo vicioso.

Não. Felizmente, não sucede assim. O cérebro não segrega o pensamento. De contrário, equivaleria a dizer — como escreve Cláudio Bernard — que o relógio produz a hora ou a idea do tempo.

## A divergência dos materialistas

O que aí fica, demonstra, claramente, a falência do materialismo, que nada sabe, absolutamente nada, acêrca das relações entre o cérebro e o pensamento.

¿ Quais as células, onde êste último reside?

¡ Silêncio tumular ! ¡ Apareça algum sábio que seja capaz de responder a esta pregunta !...

¿ Onde reside a memória ? Venham todos os fisiologistas procurar-lhe o esconderijo e não se esqueçam de trazer seus arsenais de cadinhos e ampolas.

¿ Onde reside a consciência ?...

Richet responde por todos os fisiologistas sinceros, com o pêso da sua enorme sabedoria :

— «Todo o nosso luxo bibliográfico é mentiroso. Esta riqueza oculta indigência profunda. A fisiologia cerebral é-nos profundamente desconhecida e tão oculta, como a função respiratória, antes de Lavoisier. Espera, certamente, alguma inteligência genial que venha resolver o problema, tão misterioso, hoje, como há dois mil anos, da relação entre o cérebro e o pensamento, função do cérebro.

«A incerteza é mais profunda, ainda, se nos referirmos à estrutura microscópica. Aqui, ignorância total, absoluta. Descrevem-se formas, camadas sobrepostas ; encontra-se na célula uma organização complicada. Os admiráveis métodos de Golgi e de Ramon y Cajal fizeram-nos reconhecer factos curiosos, novos, importantes. Mas estes factos são, apenas, de ordem anatómica. Não trazem esclarecimento algum, quanto à função da célula nervosa. Arriscando-me a parecer atrazado, dir-vos-ei que, quanto à fisiologia e quanto à psicologia, não estamos mais adiantados com os trabalhos contemporâneos do que estávamos no tempo de Malpighi, o primeiro que descreveu células nervosas. ¿ Que importa ao fisiologista a extraordinária complexidade da célula nervosa, com suas dendrites, arborescências, ramificações, corpúsculos, se êle não conhece o uso destas partes ?»

Êste, ao menos, foi sincero. Sacrificou o orgulho à verdade dos factos, chamou às coisas pelos seus nomes, dentro, já se vê, do campo fisiológico.

A transcrição, que fiz, de Richet, contrapõe-se à farronca de Haeckel, no seu livro «As Maravilhas da Vida» :

— «Entre as pessoas que se dizem cultas — escreve — há milhares de fiéis que se deixam enganar pelas prestidigitações dos espiritas e de seus médiuns e que acreditam, de bom grado, em coisas incríveis : espíritos batedores, mesas giratórias, escritos psicográficos, materializações de pessoas mortas e até psicografias de espíritos...

«Tais são as fantasias grosseiras que encontram guarida, não só em indivíduos ignorantes, como em pessoas instruídas e até em certos naturalistas de imaginação exaltada. Foi em vão que numerosas observações mostraram que tôdas estas operações falaciosas repousam num embuste propositado, numa verdadeira trapassa ou numa ilusão. O velho provérbio tem, sempre, cabimento: «o mundo quere ser enganado».

Com efeito, se o mundo não quisesse ser enganado, não ousaria Haeckel escrever semelhantes monstruosidades. Isto não parece do fundador do monismo, tão irrisório e tacanho é o *método científico* apresentado.

Para se manter na posição de sábio, Haeckel deveria fazer auto-crítica e ponderar as palavras que, na sua bôca, têm a importância duma verdadeira lição, tal a repercursão que o seu nome atingiu, no campo materialista.

Mas, não ! A sua catilinária toca as raias do absurdo e põe em risco muito sério a reputação doutros sábios, que lhe seguem nas pègadas.

# MAIS ACADEMIAS...

## Crónica de Leopoldo Machado

Prof. Leopoldo Machado

Mais um paladino que surge em *Estudos Psíquicos*, a erguer o estandarte espirita e a demonstrar que aplaude a nossa obra e se dispõe a auxiliá-la. Leopoldo Machado é o verdadeiro dinamismo personificado. Professor e director dum gimnásio modelar, escritor, conferencista, dramaturgo, polemista, em tôda a parte afirma, alto e bom som, a sua inquebrantável fé nos destinos do Espiritismo. O que não sabemos é como êle consegue desdobrar-se, multiplicando a actividade, escrevendo assiduamente em muitos jornais e revistas e aproveitando as suas férias para organizar ciclos de conferências pelo interior do Brasil. Um dos maiores eventos da sua vida de propagandista foi, sem dúvida, a sensacional polémica, que manteve com o padre Jacob Slater, formado em duas ou três faculdades, e que terminou com a vitória de Leopoldo. O tribuno teve ali a sua verdadeira consagração. Não há recanto brasileiro onde os seus artigos não apareçam. ¡ Grande obreiro e grande carácter, grande alma e grande amigo ! Os detractores do Espiritismo jàmais encontraram Leopoldo Machado fora do quarto de sentinela. A sua vigilância é constante e os seus golpes são vibrados a tempo, principalmente contra doutrinas velhentadas e erróneas.

Eis, em breve súmula, os traços psicológicos do nosso colaborador de hoje.

---

*«O saber não ocupa lugar», é velho rifão. E a ciência é, também, uma revelação de Deus, que no-la envia, a-fim-de que, por meio dela, tornemos menos árdua e mais suave a vida, na carne e na Terra.*

*Bençãos e louvores para tôda sabedoria, que é, ou deve ser, função precípua das academias !*

*Assim, quanto mais academias, de onde saia a sabedoria que beneficie o homem e a ciência que identifique a Terra, melhor!*

*Prova-se, entretanto, que nem sempre as academias colimam sua altíssima finalidade; que as maiores revelações científicas têm partido do estudo isolado, através-de experiências individuais. Muitas, até, se atiraram e se atiram contra princípios desta mesma ciência, contra revelações desta mesma sabedoria. Bernheim, Servet, Harvey, Pasteur, Janet, Edison e tantos, foram negados por academias. Na em que Bernheim quis demonstrar a influência e o efeito do magnetismo animal, negou-se-lhe a palavra, para concedê-la a outro sábio, a-fim-de demonstrar — imaginai — que, pelos palpos, seria fácil distinguir a aranha-macho, da fêmea!*

*¡E vão-se, também, criando, por aí a-fora, academias para diplomar profissões e profissionais, os mais extravagantes! Já existem academias de divorciados, de tiros ao alvo, de cozinheiras, de mendigos. . .*

*Surge, agora, entre nossos vizinhos do Plata, uma academia originalíssima, que se dispõe a ensinar normas e regras de uma pro-*

fissão árdua e dificílima: a Academia dos Roleteiros. É uma academia «que se destina aos aspirantes à profissão de jogador, para figurarem nos quadros de funcionários de grandes casinos».

¡Fundou-a uma altíssima figura, talvez a mais importante de Monte Carlo, — diz a notícia —, o general Pierre Polotvsoff! «Nada mais natural, — diz, ainda, a notícia, — do que a formação de técnicos para viver do jôgo». E evoca-se, até, o nome e a projecção do grande Pascal para os créditos da academia de jogadores profissionais, que se está criando em Mar del Plata, cuja notícia vem ilustrada a cliché de jogadores, em redor de grande mêsa e diante de montes de fichas...

Em dias do ano findo, vimos um camelot apregoar, no Largo de S. Francisco, altissima voce uma obra colossal, ao preço reles de 600 réis: a Arte de Ganhar no Jogo. Lendo, agora, a fundação de tal academia, pusemo-nos a pensar: ¿porquê uma academia para ensinar aquilo que se pode aprender num livro de 600 rs.?

Nós, felizmente, não jogamos. Nem por distracção, com amigos. Estamos, até, com o critério japonês, a respeito de jogar com amigos. Ninguém joga, senão para ganhar. ¡Deixa de ser amigo aquêle que nos convida para ganhar o nosso dinheiro!

A Academia de Roleteiros se propõe a preparar os mais maneirosos de nossos inimigos, porque aquêles que nos levam o cobre, dando-nos a ilusão de que vamos ganhar muito.

Não cremos seja esta a missão das academias, embora, no dizer de Jean Finot, não se criasse, ainda, a mais necessária, de tôdas elas: a academia que ensinasse a Felicidade.

Essa academia, sendo, incontestàvelmente, a de mais premência, conseqüentemente a mais importante de tôdas elas, é a que — ¡ai, de nós! —, entretanto, nunca se fundará. ¿Pois não é, até, um axioma, que «a felicidade não é dêste mundo?» Não pode ser, portanto, das suas academias...

Já se falou e já se escreveu sôbre a necessidade de uma academia espirita, de que saíssem prègadores a diplomas, bacharéis em Espiritismo (¡já os há, tantos, por aí, sem academias!), fazedores de Espiritismo. ¡Misericórdia! ¡E ai do Espiritismo, que seria, naturalmente, a sua dogmatização, a sua sectarização, a sua humanização!

¡O Espiritismo não carece, ao nosso vêr, de academias próprias, mas de penetrar — ¡isto, sim! — nas academias, a-fim-de que nelas se estude a mais séria das ciências, a Ciência da Imortalidade; a mais forte das filosofias, a Filosofia do Espírito; a mais dôce das religiões, a religião do Amor!

Muito não faz, que a revista francesa Nature, lamentava a apatia manifestada pelas Universidades contra o Espiritismo. Que é a mesma atitude que sempre revelaram, através dos séculos, por tôdas as descobertas importantíssimas. O prof. William Mc Dougall, talvez influenciado pela revista, entrou a estudá-lo, então, na Universidade de Carolina do Norte. Telegrama recentíssimo nos diz que, na velha Albion, acaba o Espiritismo de transpor os umbrais de uma Universidade...

¡Bravos! Um bom sinal, de vez que o Espiritismo não pede, como ciência que é, senão que o estudem em tôda a parte, principalmente nas academias e universidades!

¡Para emprestar brilho e importância às universidades e academias!...

# O SURDO DE NASCENÇA

Pelo Dr. Santiago Argüello

Era um pobre surdo. Um surdo tal, que nenhuma vibração auditiva, por intensa que fôsse, podia chegar a lhe impressionar os sentidos. Surdo; totalmente surdo. Surdo de nascença.

Como jàmais ouvira, não pôde nunca saber o que é ouvir.

E aconteceu que certa vez viu um homem que preguntava e respondia diante de um aparêlho telefónico. Abriu os olhos desmesuradamente e, assombrado, disse de si para si:

— ¿Com quem falará êsse homem?

O surdo quis então experimentar por si mesmo. Pegou no fónio auditivo, encostou-o à orelha e aplicando os seus lábios ao transitivo ou bucal, formulou uma pregunta.

Como era natural ,não pôde ouvir resposta alguma. Interrogou de novo, e, pela segunda vez, nada escutou.

Um sorriso contraiu-lhe levemente os lábios. Malicia de sábio fulgurou em suas pupilas.

E fulminou implacável:

— ¡Aquêle homem é um farsante ou um louco!

E afastou-se, sorrindo.

Pensem os sábios que sorriem ante as vozes profundas que, por surdos, não chegam a escutar, naquele outro surdo de nascença que, certa vez, sorriu como êles, falou como êles, e inapelàvelmente declarou farsante ou louco o homem do telefone.

(De *Evolución*, de B. Aires).

# «INFANTILISMO PSÍQUICO»

pelo coronel Faure da Rosa

O sr. dr. Abel Salazar, na crítica que faz ao opúsculo *Hipóteses Metapsíquicas* (1) do dr. Lobo Vilela — há pouco editado pela *Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas* — considera «caídos no mais desconcertante *infantilismo psíquico* os homens de ciência autênticos e conhecidos» por acreditarem na sobrevivência da personalidade, na imortalidade da alma e quejandos «produtos da ingenuïdade humana»; e — o que é mais — nem sequer consente que de tal *queda* escapem aquêles que procuram explicar alguns dos fenómenos supranormais como devidos, exclusivamente, ao animismo. Metapsíquismo e Espiritismo... tudo trapaça. Metpsiquistas e espiritistas, todos uns... néscios.

Não há ninguém que não tenha a sua devoção. A do sr. dr. Abel Salazar é a sua incredulidade, que faz dêle um fervoroso *crente* da... sua descrença.

O dr. Lobo Vilela diz no citado opúsculo *Hipóteses Metapsíquicas,* a p. 116, que «pretender ainda hoje negar a realidade e a importância dos fenómenos chamados espiritas, é uma atitude de ignorância injustificável». O dr. Vilela, di-lo, fundado na opinião de vários homens de ciência — pares, pelo menos, do sr. dr. Abel Salazar — entre êles Boirac de quem transcreve as palavras com que abre um capítulo sôbre o «Estudo científico do Espiritismo» — numa obra recompensada pela Academia das Ciências — palavras das quais reproduzo as que reputo essenciais para o caso de que trato: «Que tais factos assinalados por esta aperência (*a da intervenção de sêres inteligentes)* se produzem efectivamente, e que é possível observá-los, descrevê-los, classificá-los, etc., eis um ponto que já hoje não é possível contestar...»

Não sendo de admitir ignorância no sr. dr. Abel Salazar, mas não refutando este senhor aquelas afirmações — a do dr. Vilela e a de Boirac — é de presumir que o douto crítico não tenha chegado à p. 116 do opúsculo, por muito antes se ter sentido enfastiado com tanto «infantilismo psíquico». E fundamento esta minha presunção na circunstância do sr. dr. Abel Salazar, logo no cabeçalho do seu artigo crítico, dizer que a edição é do «Centro de Estudos Metapsíquicos», quando na parte inferior da capa se lê em tipo graúdo: «Edição da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas». Ora, quando logo à entrada, o sr. doutor lê o que lá não está... ¿que é que não teria acontecido a mais de meio caminho da jornada das 131 páginas?...

Um espiritista ou um metapsiquista que cometesse tal êrro e caía logo no «infantilismo psíquico»; mas praticado pelo sr. dr. Abel Salazar, só se pode atribuir a maturidade ou *madureza... psíquica.*

Por «infantilismo psíquico», deve-se entender, creio eu, credulidade infantil ou de criança, o que não é mais que uma variante alongada da «ingenuïdade» que sábios materialistas e não materialistas atribuem aos seus parceiros néo-espiritualistas.

Podem os homens de ciência ser da categoria de Crookes, que descobriu o tálium e o estado radiante da matéria e inventou o espectroscópio, o fotómetro de polarização e o microspectroscópio; podem ser da categoria de Richet que descobriu a seroterapia e a anafilaxia; podem ser da categoria de Oliver Lodge, Morselli, Myers, Morgan, Hyslop, Lombroso, William Jaures, Ochorowicz, Bozzano... professores de universidades, que nenhum dêles deixa de ser acoimado de *ingénuo, lorpa* ou *papalvo*... O sr. dr. Abel Salazar inclue-os, depreciativamente, na lista dos «Crookes», dos «Richets»...

Tôdas as profissões liberais têm fornecido espiritistas convictos: matemáticos, físicos, químicos, astrónomos, naturalistas, escritores, jornalistas... Não faltam, até, homens de Estado que tenham tido a coragem de proclamar a sua crença no Espiritismo: Gladstone, Balfour, Lincoln.

Tudo isto é *infantilismo,* no dizer do sr. dr. Abel Salazar. Tudo criançadas... ¡Que portentosas crianças!

Mas, criança era Mozart que, aos 4 anos, tocava uma sonata e aos 11 compunha duas óperas. Beethoven, a quem chamavam o «deus da música», aos 10 anos distinguia-se pelo seu talento musical de executante. Paganini aos 9 anos era aplaudido num concêrto em Genebra. Meyerbeer, aos 6 anos, dava concertos. Liszt, virtuoso excepcional desde a mais tenra infância, aos 14 anos compunha uma ópera. Rubinstein, aos -- anos, causava a admiração de quem o ouvia pela sua virtuosidade no piano. Pepito Ariola, aos 3 anos e meio, tocava e improvisava, ao piano, diferentes árias, sem conhecer as notas, sem saber ler nem escrever. Pascal, aos 13 anos, achava as trinta e duas primeiras proposições de Euclides e publicava um tratado de secções cónicas. Heinecken, aos dois anos e meio,

(1) *O Diabo* de 8-6-1940, p. 2.

fazia exame de história antiga e moderna. Willy Ferreros, aos quatro anos e meio, dirigia a orquestra das Folies Bergères, em Paris. Ampere, aos quatro anos, e Truman Safford, aos cinco, faziam cálculos mentais...

A lista podia ser dobrada ou triplicada, tanto na música como na pintura, tanto nas ciências como nas letras.

¿Que é a alma da criança? ¿De que intuïção é capaz? — Preguntava o dr. E. Lenglet na conferência que fêz em Paris em 25 de Maio de 1937.

«É tão capaz nas crianças como nos adultos. Nalgumas (e *é êste o caso das crianças prodígios*) os dons que a alma manifesta, desde a mais tenra idade, permite-lhes tomar contacto com o imperceptível do mundo; ao passo que em outras crianças, menos fadadas ou sem mais dons que os vulgares, a alma está fora dêsse mundo do qual nada as penetra, excepto o perceptível sensorial. Numa palavra: a intuïção é previlégio de uns; em outros, o único meio de aprenderem o conhecimento não ultrapassa a percepção sensorial.

«Mais tarde, quando chega a adolescência, o psiquismo profundo desenvolve-se paralelamente ao psiquismo comum, mas continua a ser da mesma qualidade, do mesmo poder: a um pertence a ciência intuïtiva do universal, a outrém o conhecimento das aparências imediatas e das regras do raciocínio e da lógica que lhes estabelecem as relações, a coordenação, a medida.

*Daí a diferença tão profunda das esferas do conhecimento; daí o facto de os puros racionalistas se esforçarem por encontrar a explicação do intuitivo pelo dedutivo e de ficarem àquém da esfera do conhecimento supranormal sem sequer pressentirem a sua existência.*»

(Isto acontece, em parte, ao sr. dr. Abel Salazar; e digo em parte, porque o sr. doutor não faz o mínimo esfôrço «por encontrar a explicação do intuitivo pelo dedutivo»; para êle não existem fenómenos supranormais, não há, portanto, que explicá-los: o que há são, apenas, *manigâncias* dos seus produtores e *infantilismo* dos que acreditam).

«Nenhum dêsses agentes humanos da revelação do extrasensorial — afirma Lenglet — pode ser compreendido por aqueles que acreditam, ùnicamente, no conhecimento, filho imediato do perceptível e do racional dedutível que suficientemente o expliquem.

«É por esta razão que tantos escritores crêem ver no sensitivo, no médium, uma espécie de doença, às vezes, uma alucinação quási sempre.

«No estado actual dos nossos conhecimentos científicos é impossível explicar a relação que se estabelece entre os sêres metagnomos, ou médiuns, e a parte do universo que não é acessível aos nossos sentidos; *mas esta relação existe, seja ou não percebida, entre o universal e o hominal.*

«¿Com que intensidade se estabelece?...

Se os efeitos aparentes desta penetração provam a sua realidade, o seu valor, porém, é que não é possível discernir; mas mostram quanto é variável e diferente, dum para o outro, a capacidade que têm, os videntes e os inspirados, de entrar em contacto com a esfera supranormal.»

Para o professor William James, tôda a doutrina nova atravessa três estados: no primeiro, atacam-na, declaram-na absurda; no segundo, admitem que é verdadeira, mas insignificante; por fim — no terceiro estado — reconhecem a sua importância, e os seus ex-adversários reivindicam a honra de a ter descoberto.

O Espiritismo continua a ser tratado como *doutrina nova* a-pesar-de ser tão velha como o mundo. Quanto a esta *doutrina nova*, o sr. dr. Abel Salazar ainda está no primeiro estado; não creio que venha a acabar no terceiro, mas nada pode assegurar que não chegue ao segundo.

Quando os Curie afirmavam ter descoberto o rádio, os químicos, fieis aos seus princípios, concluíam: «Não há pêso atómico, não há rádio.» E, a-final, havia rádio.

¿Que admira que tanto os sábios materialistas como os ignorantes ateístas, ainda hoje se riam dos fenómenos espiritas?... Sábios e ignorantes, ¿não se riram de Galvani e não lhe chamaram mestre de dança de rãs?... A ciência oficial, ¿não se recusou, a princípio a reconhecer a verdade da queda dos aerólitos, a verdade do gramofone, do injector Giffard e das teorias microbianas?...

Os materialistas, quando falam de Metapsíquica, Parapsicologia, factos supranormais, Espiritismo, só aludem a casos falhados ou, sem êle, o facto é que omitem os fenómenos de realidade incontestada.

É curioso observar que acontece, precisamente, o contrário com as operações laboratoriais ou cirúrgicas: omitem ou esquecem as de mau resultado e dão o maior relêvo às que tiveram bom êxito. Entretanto, as más operações não podem invalidar as boas, sejam elas de que natureza forem.

Vou referir os percalços por que passou um filósofo ateísta de grande nomeada, emérito trocista de tôda a mediunidade, uns dois ou três mêses antes de morrer.

A *Revue Scientifique* de 8 de Agôsto de 1931, inseria um interessante artigo. O seu autor, depois de lembrar que «as grandes invenções têm, muitas vezes, por ponto de partida a verificação de fenómenos muito simples» narra o seguinte: «Por várias razões, desde

alguns anos adquiri o hábito de dormir de noite numa poltrona. Tendo, por vezes, necessidade de saber as horas exactas, conservo comigo o colete com o relógio de algibeira, cuja corrente fica prêsa a uma das casas. Ora, quási todos os dias verifico, ao acordar, que a corrente se contrai, muitas vezes, em vários pontos, de maneira que forma uma espécie de nós muito fortes. O número de nós é variável dum dia para o outro e, habitualmente, muito maior de noite. A insónia, as preocupações e outras influências, aumentam o número de nós.»

Em seguida, o autor demonstra que nenhuma fôrça física conhecida pode explicar o fenómeno: nem a luz, nem a electricidade; nem o pêso, nem o calor. Apenas lhe resta «invocar a influência duma fôrça biológica desconhecida» emanada do próprio portador da corrente. *Como nunca se sabe até onde uma investigação nos pode levar, não devemos hesitar em tomar um caminho desconhecido, embora tal caminho seja, apenas, um modesto atalho.*»

E, depois de algumas considerações acêrca do limite dos nossos conhecimentos actuais, o autor conclui:

*«Entrevê-se hoje que o universo está cheio de fôrças desconhecidas cuja descoberta virá, talvez, mudar a vida dos povos e, sobretudo, as ideas filosóficas que servem de base a tôdas as nossas concepções.»*

Êste artigo é assinado por... Gustave Le Bon!

Sim, senhores: Gustave Le Bon, o autor de *Croyances et Opinions*, obra em que esmaga com tôda a fôrça da sua ironia, entre outros, os espiritas e até os investigadores metapsiquistas, sábios também, entretanto, os quais, não se mostraram hesitantes em «tomar um caminho desconhecido» embora seja, apenas, um «modesto atalho»; e isto muito simplesmente porque os metapsiquistas compreenderam que «o universo está cheio de fôrças desconhecidas», das quais puderam observar certas manifestações perturbadoras e cujo determinismo procuram descobrir.

Aquilo que outros viram, as experiências que fizeram, isso não valia um caracol aos olhos de Gustave Le Bon — que nada de semelhante tinha visto e que nem sequer julgara necessário experimentar... Mas, um dia, a corrente do seu relógio torce-se ou adquire nós, duma maneira insólita, emquanto êle dorme... e eis que Gustave Le Bon, pressentindo uma *fôrça desconhecida*, vê aí o ponto de partida para investigações fecundas!...

Nada há melhor, a-final, que cada um certificar-se com os seus próprios olhos.

Seja como fôr: ou o fenómeno observado por Gustave Le Bon (1) tem uma causa mecânica natural e a precipitação do autor em falar duma «fôrça desconhecida» faz sorrir — sobretudo os *colegas* ateístas que o atiram logo para o «infantilismo psíquico» — ou se trata, efectivamente, da acção duma «fôrça desconhecida», caso em que teríamos de admitir que Gustave Le Bon — êle, o negador contumaz da mediunidade! — era médium!... E isto, realmente, seria duma ironia formidável.

Se, um dia, vem a acontecer o mesmo ao sr. dr. Abel Salazar... muito se há de rir quem ainda por cá andar!...

(1) Gustave Le Bon faleceu em Novembro de 1931. O seu último livro — *Bases scientifiques d'une Philosophie de l'Histoire* — é anterior a publicação do seu artigo na *Revue Scientifique*.

# AVISO

**Com êste número, termina o prazo das primeiras assinaturas, referentes aos n.os de Setembro-Outubro de 1939 a Julho-Agosto de 1940.**

**Rogamos, por isso, a todos os assinnates o obséquio, que muito agradecemos, de nos remeterem a importância da nova assinatura (n.os 7 a 12), a-fim-de nos evitarem onerosas despesas de cobrança que sobrecarregam muito o nosso orçamento. As remessas poderão ser feitas em vale de correio e só, excepcionalmente, em estampilhas postais de 40 centavos.**

**Fazemos êste pedido, porque a medonha crise que nos assoberba ameaça aumentar cada vez mais, não permitindo fazer previsões acêrca do futuro desta revista.**

**Há apenas um meio de resistir às contingências: aumentar o número de assinantes e fundar o «Grupo de Amigos de ESTUDOS PSÍQUICOS». Doutra forma, tôda a nossa obra ruirá, por nos ser materialmente impossível arrostar com as tremendas despesas que paralisam as mais decididas vontades.**

**Esperamos, todavia, enfrentar a nova jornada que vai principiar, difícil, cheia de escolhos, em virtude da carência do papel e das matérios primas correlativas, mas que será vencida, se todos cumprirem o seu dever de espiritas. Para vós apelamos, estimados leitores, certos de que fareis a maior propaganda de ESTUDOS PSÍQUICOS, indicando nomes de novos assinantes e fazendo-a circular o mais possível entre os vossos familiares e os vossos amigos.**

**Aqui fica o nosso agradecimento.**

# Notas & Comentários

## ¿Espírita ou espirita?

*Há grande divergência na pronúncia dêste vocábulo, importado do francês* spirite *e que Allan Kardec teve que «inventar» para indicar os adeptos da nossa doutrina, de que foi codificador. Na verdade, nenhum dos termos* espiritual, espiritualismo, espiritualista, *se adaptavam ao sentido desejado. A doutrina espirita, ou dos espíritos, exigia vocábulo especial, já que os três, acima mencionados, eram insuficientes, por razões óbvias.*

*É* espiritualista *aquêle que segue a filosofia, baseada na existência de Deus e da alma humana. É* espirita *aquêle que segue a doutrina do Espiritismo, baseada nas relações do mundo material com os espíritos, ou seres do mundo invisível.*

*Foi, pois, para evitar confusões, que se criaram* espiritismo *e* espirita. *E se Allan Kardec forçou a adaptação do latim* spiritus, *os tradutores brasileiros desta palavra fizeram outro tanto, influenciados por Kardec: esqueceram o* espiritista *e escreveram* espírita *(esdrúxulo), tradução imprópria de* spirite, *talvez por analogia com* espírito, *dando a impressão de se tratar dum feminino dêste último vocábulo ...*

*Parece-nos que não deve usar-se a forma esdrúxula, quer atendendo à base histórica, quer ao étimo francês, que tem acento grave:* Spi-ri-te.

*De resto, o assunto já foi estudado por vários filólogos e dicionaristas. Cândido Figueiredo grafou* espirita, *com acento na penúltima sílaba. O mesmo fizeram Moreno, Torrinha e outros. António Morais Silva grafou* espírita *no léxico, mas no texto do seu dicionário preferiu o grave ao esdrúxulo.*

*A-propósito, transcrevemos o que um confrade nosso escreveu no* Diário da Manhã, *do Rio de Janeiro, relativamente ao facto de se passar a usar* espirita, *ao lado de* espiritista :

«*Sucederia o mesmo, se tivéssemos criado um derivado de* espírito *com o sufixo* ita, *tão legítimo em português, como* ista, *porque se teria, naturalmente, simplificado o radical, com a supressão da consoante final* t, *em conflito com a sílaba* ta *do sufixo, tal como sucedeu, sistemàticamente, nos nomes abstratos em* dade, *ao se lhes adjungir o sufixo* oso, *ex.:* caridade *e* caridoso. *Compare-se, também,* venda *em vez de* vendida, *e o popular* simplíssimo, *em vez de* simplicíssimo *(forma latina* simplice). *Poucos empréstimos a línguas estrangeiras oferecem tão rigorosa coincidência com as leis da pronúncia e da morfologia vernácula. O que se não pode admitir, porém, é que o vocábulo seja deturpado por um êrro grosseiro de acentuação».*

*Emfim, o caso aí fica, sujeito à rectificação dos filólogos. Leigo, que somos, na matéria, não pretendemos, de modo algum, debicar nas leis fonéticas, limitando-nos a pôr o problema tal como se apresenta à consideração das pessoas estudiosas, pouco afectas a confusões.*

*Assim, de bon vontade publicaremos o que os doutos a tal respeito nos enviarem, na mira, já se vê, de servir a Causa e o idioma. Porque* Estudos Psíquicos, *ao propagar o Espiritismo, deseja fazê-lo com elevação, com honestidade literária e científica. Só desta maneira terá direito à consideração do público a que se destina, procurando servi-lo, em vez de enganá-lo...*

## As curas espíritas

*A cura psíquica ou espírita, sobretudo quando a medicina terrena é insuficiente para debelar o mal, representa um dos maiores factores de desenvolvimento e repercussão da doutrina. Em face de acontecimentos iniludíveis, flagrantes de realidade, que dominam a dúvida e levam ao convencimento absoluto, não há palavras que valham, por mais eloqüentes, por mais persuasivas, por mais fogosas que sejam. O facto é aliciante, exerce influência definitiva no espírito dos que procuram a verdade, através da especulação científica, friamente ordenada.*

*As teorias são belas. O pior é o facto, que surge inopinadamente, destruindo, num segundo, a suposição de meses, até de anos. E assim como desilude os crentes de certos postulados metafísicos, destruindo a fé, matando a esperança, desilude, igualmente, os fazedores de sistemas, para a manutenção dos quais é necessário lançar mão de novos processos de cultura.*

*Há dias, ouvimos um céptico perorar acêrca de curas espíritas. E era vê-lo, receoso e envergonhado da sua antiga relutância, com vontade irresistível de confessar a própria inferioridade, à espera duma palavra nossa, que o libertasse do jugo asfixiante! Não, que o facto sacudira-o, empolgara-o, lançara-lhe em rôsto o orgulho de falsa indução filosófica, porque as suas palavras, altamente significativas, não conseguiram encobrir os receios ideológicos que brutalmente o despenhavam no resvaladouro onde se amalgamam todos os negativismos que obscurecem a verdade e perturbam a consciência humana.*

*¿Como pudera êle obter, em meia dúzia de dias, o que a medicina lhe não dera, numa dúzia de anos? ¡Mistério impenetrável!...*

*A medicina fizera tudo o que estava ao seu alcance. O corpo somático era pasto de fôrças invisíveis que zombavam das especialidades farmacêuticas, das injecções de óleo canforado, das aplicações diatérmicas. O manicómio seria o remate duma calvário inexprimível, se o* acaso *não tem vindo em auxílio da pobre e inerme vítima. Êsse* acaso *era um grupo espirita, onde obsessores de respeito tiveram de confessar suas proezas e dispor-se a abandonar o reduto. Abandonaram-no. A cura obteve-se, sem medicamentos, sem dietas, sem nada. A limpeza psíquica levou as correntes nervosas ao curso normal. E, cessada a causa ... cessou o efeito.*

*As curas espíritas escudam-se em factos incontro-*

versos, em realidades que brilham, como a luz do sol. Nada as abala, nada as obscurece, nada compromete o seu prestigio inofuscável.

## Juventude Espirita

O último passeio a Cabo Ruivo foi a primeira grande demonstração de solidariedade que envolveu na mesma alegria espiritual algumas dezenas de confrades que trabalham pelo progresso incessante do Centro Espiritualista Luz e Amor. Já o dissemos no número transato. Já o dissemos e o resultado exerce-se de maneira brilhante.

A «Juventude Espirita» tem fim utilíssimo e oportuno que se adapta inteiramente às necessidades actuais da propaganda que empreendemos. O seu programa deixa entrever a finalidade do núcleo que se formou sob o patrocinio do Centro, para fortalecer as bases que mantêm o baluarte cada vez mais forte.

Pelo Regulamento, que publicaremos brevemente, os leitores avaliarão dos méritos da emprêsa, farão cálculos acêrca da viabilidade ou inviabilidade da acção do núcleo e concluïrão, certamente, por reconhecer que o futuro pertence aos jóvens, cheios de coragem e de esperança, e não aos velhos, gotosos e abúlicos, vergados ao pêso dos anos.

¿É preciso trabalhar? A «Juventude Espirita» trabalhará, cheia de fé, alegre, prazenteira, incansável, aproximando-se de novos e velhos, descrentes e simpatizantes, na mira, nunca descuidada, de trazer associados, de interessar o maior número na obra do Centro, embora pese a certas almas boas que o consideram múmia prehistórica ou cinza cadavérica...

A «Juventude Espirita» trabalhará sem descanso no conseguimento dos objectivos que presidiram à sua formação. Já tem provas no seu activo, já mostrou de quanto era capaz. O passeio à Trafaria é obra sua. Ela o promoveu, ela o delineou, apoiada na Direcção do Centro, ciente de que teria a aprovação de todos nós, que desejamos consolidar o que se fêz num ano de propaganda e que demonstra bem o que se fará, em futuro não muito longínquo, se, ao lado da «Juventude Espirita», outros núcleos vierem a formar-se, como é de prever, porque o Luz e Amor irá sempre desdobrando a acção, como batalhador que não se rende, como vanguardista que procura aperfeiçoar a tarefa realizada, em vez de estratificar na contemplação de pretensos atributos, como certos rebentos peregrinos, efémeros produtos da egolatria.

A «Juventude Espirita» deu um passo em frente e quere ser forte. Faz muito bem. Que seja alegre e forte, pois dos tristes e fracos... não reza a história.

Que seja alegre e forte; e, quando sentir algum desânimo, saiba reagir, que a sua missão é grandiosa; saiba apelar para as fôrças de que dispõe, não esquecendo que a vida é movimento e que o progresso é feito de trabalho contínuo. Assim apetrechada, poderá fazer frente ao que der e vier e aguardar, tranqüilamente, o seu triunfo.

## Sanatório espirita

O Espiritismo não cessa de espalhar a Boa Nova da salvação material e espiritual. Vai a tôda a parte dar testemunho de si, dos seus frutos saborosos, das suas realizações, dos seus empreendimentos. Funda escolas, albergues, hospitais, casas de regeneração.

O Clarim, de Matão, traz-nos a notícia duma obra de vulto, devida ao Espiritismo. É o Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, que se encontra em pleno funcionamento, «sob a competente direcção do confrade César Bianchi, coadjuvado por abalisados facultativos e companheiros de ideal». Magnificamente instalado em local saudável, êste sanatório tem, actualmente, cinqüenta obsidiados em tratamento, que ali se acolheram por não encontrarem alivio na medicina, nem consolação nas religiões mundanas. Estes desgraçados não são espiritas. «Pertencem a seitas dogmáticas — continua a notícia — o que eleva sobremaneira a doutrina espirita, que tanto ampara o crente, como o descrente; o rico, como o pobre; o preto, como o branco, não olhando, portanto, à posição social do indivíduo, nem indagando da sua crença».

Em virtude das enormes despesas originadas pelo o tratamento dos obsediados, que já atingiram número muito elevado, êste estabelecimento de caridade acaba de lançar um apêlo aos corações bem formados, no sentido de obter os recursos necessários à continuação da sua obra filantrópica.

¿Quantos obsediados não há por êsse Portugal fora, abandonados pela medicina, entregues a si próprios e às influências terriveis que os consomem?

Se os espiritas portugueses quisessem, se soubessem querer de verdade, há muito que teriam um Sanatório à semelhança dos que existem no Brasil, votados ao bem da Humanidade. Seria a obra mais importante de quantas poderiam realizar-se neste cantinho do mundo, de clima acolhedor e suave.

Outros obsediados há, também, que morrem, lentamente, nos manicómios, sob tratamentos inadequados que produzem lesões orgânicas incuráveis. Êste processo de cura dá, quási sempre, resultados negativos e contraproducentes. Os médicos sabem-no; mas persistem nos seus métodos, que consideram infaliveis. Vão mortificando as vitimas indefesas, vão-nas torturando, de dia e de noite, exigindo o que elas não podem dar, atirando-as para a morte ou para a verdadeira loucura, e ficam tranqüilos e satisfeitos com a sua obra. Cumpriram o seu dever — declaram —. ¡Triste dever, triste missão a de subtrair os enfermos ao tratamento, ao único tratamento que lhes devia ser ministrado!...

¿Quando teremos, em Portugal, um sanatório espirita?...

I. D. S.

---

Sem esperar o veridicto definitivo da ciência, eu confesso que acredito na objectividade dos fenómenos espiritas.

*Rev. Mainage*

Afirmo-me espirita, porque tive que aceitar os fenómenos como realidades.

*Oliver Lodge*

Sou de opinião que não há mesmo necessidade de demonstrar que todos os planetas são habitados, porque negá-lo seria absurdo.

*Em. Kant*

# LUZEIROS

(Tradução de I. D. S.)

por Ernesto Pérez Méndez

*O presente conto é o primeiro da série intitulada «Luzeiros», que o médium recebeu há dois anos e que o autor espiritual dedicou a Caridad Pérez Aguirre, filha do nosso querido colaborador, tinha ela, então, doze anos de idade. ¡ Que exquisito perfume não rescende esta mimosa página mediúnica !*

Rosália tinha onze primaveras. Era muito bondosa e estava num jardim a contemplar as flores. Tôdas lhe pareciam bonitas e pensou em colher umas poucas, para oferecer um ramo a sua mãi.

Com tal propósito, aproximou-se dum rosal e escolheu uma rosa das mais belas.

— Esta é muito linda — monologou — e tem a côr dôce e agradável. É de aroma delicado. Vou colhê-la.

E dirigindo-se para a flor:

— Lamento ter que separar-te das tuas companheiras ou irmãs.

E continuando a monologar:

— Pode ser. Se assim é, não devo colhê-la, porque sofrerá e as suas irmãzinhas estranharão. ¿ Que fazer?

A criança afastou, automàticamente, as mãos do rosal e voltou a contemplar as flores, em atitude enlevada.

— ¡ Ah, meu Deus ! ¿ Será possível que as flores sintam? Não pode ser. É loucura e extravagância da minha parte. Esta idea faz-me sofrer e desistir de oferecer um ramo de flores a minha mãi. ¡ Gosta tanto delas !

Rosália afastou-se do rosal, um tanto preocupada. Depois, sem voltar os olhos, abandonou o jardim, precisamente na altura em que Margarida, sua companheira do colégio, ia em direcção oposta e lhe pôs a mão na frente.

— ¿ Pode saber-se aonde vais?

— ¡ Ah, és tu, Margarida !

— ¿ Porque andas sem olhar para diante? ¿ Não tens mêdo de tropeçar?

— Estou um tanto preocupada.

— ¿ Porquê?

— Sucedeu-me uma coisa muito rara e estranha.

— ¿ Que foi? ¿ Que foi?

— Estava no jardim, a contemplar as flores...

— ¡ Não digas mais ! E Manolito meteu-se contigo. ¡ É tão mau e travêsso !

— Não é isso, Margarida. Lembrei-me de colher um ramo para oferecer a minha mãi...

— E Manolito não deixou.

— Não é isso, mulher.

— Então, dize lá. Alguma coisa má se passou.

— Ia colher uma rosa muito bonita e, quando estendi a mão para a roseira, tive mêdo.

— ¿ De quê?

— Pensei que ia fazer mal.

— ¡ Que atrocidade ! ¿ Enlouqueceste, Rosália?

— Supus que a rosa sofreria e que as outras flores também sofreriam.

— Pois claro, mulher. Sofreriam, sofreriam muitíssimo. Morreriam de pena. ¿ Então não sabes que as flores são insensíveis, que foram feitas para nosso recreio?

— Sim, sim. Sei tudo isso. A-pesar-de tudo, não me atrevi a cortá-la. Confesso que me faltou a decisão.

— Volta-te, que eu as côlho. Não sejas tão sensível. Naturalmente, não comes, para não causar dano...

— Não é isso. Disse-te o que senti, porque mo preguntaste e não queria enganar-te; mas logo te avisei de que era muito raro e estranho o que me acontecia.

— O que não posso explicar é o haveres desistido de levar o ramo de flores a tua mãi, sòmente por essa doidice. Olha, volta-te e colheremos dois ramos: um para tua mãi e outro para a minha.

— Ora... Já é muito tarde.

— ¿ Para onde ias tu?

— Para casa.

— ¿ Tens alguma coisa que fazer?

— Não.

— Pois, então, volta ao jardim. Não tens outro remédio, senão obedecer-me.

— Se tens empenho nisso...

— Claro que sim. Vamos às flores. Gosto da idea de oferecermos flores às nossas mãis. Causamos-lhes tantas arrelias, que as devemos desagravar com beijos e com flores.

— É verdade — rematou Rosália.

E as duas crianças lá foram para o jardim, de braço dado, risonhas e contentes...

Mal tinham dado alguns passos, notaram que um garoto corria, velozmente, para elas, com um pássaro na mão.

— ¡ Olhai, olhai ! — disse o garoto. — ¡ Que pássaro tão bonito !

— ¿ Quem to deu, Manolito? — preguntou Margarida.

— Apanhei-o eu.

— ¿ Como?

— Apanhei-o, quando êle entrava no ninho. Pus-lhe a gôrra em cima.

— Se calhar, magoaste-o, — disse Rosália.

— Não, não... Por isso... não sei...

— Parece que se queixa.

— Está mas é a cantar. Há de ser muito cantador.

— Não, Manolito. Êle não canta; chora.

— Estás doida. Os pássaros não choram.

— Nem cantam, quando os tratam mal e os engaiolam. Êsse piar não é de gôzo; é de sofrimento. Olha: de vez em quando, diz: «pio, pio.»

— É o seu canto.

— ¡ O seu pranto ! ¡ Pobrezinho ! ¡ Muito mal lhe deves ter feito !

— Nenhum.

— Muito. Assim no-lo diz o seu pranto. ¿ Não é verdade, Margarida?

— O passarito impacienta-se e tenta defender-se com o bico, responde a outra menina.

— É natural — diz Manolito —. Faz tudo isso, porque quere escapar. Mas não sai daqui. Os meus dedos são muito fortes.

— Não o apertes, — suplica Rosália.

— ¡ És muito ingénua ! ¿ Então, não vês que é para o impedir de escapar ?

— ¡ Olha, olha, como abre o bico !

— ¡ Solta-o, que o afogas !

— Não quero. Nêle mando eu.

— Dou-te uma peseta, se o soltares, diz Rosália.

— Venha ela.

— Toma. Dá cá o passarinho.

— Aí o tens. É teu.

— Obrigada. ¡ Pobrezinho ! Está meio morto...

— Sopra-lhe entre asas. Verás como revive.

— É verdade, Rosália. Já tenho visto fazer reviver outros pássaros.

— Já está reanimado. Agora, vou soltá-lo. Mas toma cuidado, Manolito. Não o tornes a apanhar... Seria grande pecado. O passarinho já não é teu. Posso fazer dêle o que eu quizer.

— Solta-o, que eu vou gastar a peseta que me deste por êle. Se os pagas todos assim, vou apanhar outros.

— Não tenho dinheiro e espero que não apanhes mais. Vou soltá-lo. À uma... às duas... às... às três!...

E deixou o passarinho em liberdade, o qual iniciou um grande vôo.

As três crianças contemplávam-no, entusiasmadas. Olhavam-se alegremente, sem esboçar palavra. Finalmente, Margarida rompeu o silêncio.

— ¡ Contente que êle vai !...

— Mas eu fico com a peseta. Vou gastá-la. ¿ Quereis vir comigo ?

— Obrigada. Eu e Margarida temos que nos ir embora.

— Vamos àquela confeitaria, que é perto.

— Não, não, obrigada.

— Ide-vos. Se não aceitais, melhor. Comerei todos os doces, à conta do passarinho.

— E do bom coração de Rosália, replicou Margarida.

— Também, também ; mas ela não largava a peseta, se eu não lhe desse o pássaro. É muito agarrada...

— ¿ Porque dizes isso ?

— Já o tenho observado muitas vezes. E a moeda que me deu o indica : Brilha mais do que o sol.

— Está limpa de a ter no bôlso, disse Rosália.

— Naturalmente. ¡ Deve ter em teu poder um par de anos !

— Não, não. Dois meses.

— ¿Vês, como és agarrada ?

Nêste momento, aproximou-se um velho, de aspecto humilde e dirigiu-se-lhes, com voz dôce e tom persuasivo :

— Estive a observar a vossa boa acção e venho felicitar-vos. Sou o eterno pastor das aves do parque. Há muitos anos que as guardo, durante o dia, e as vigio, durante a noite. Em criança, fui muito mau e deshumano para com elas. Matei muitas e engaiolei outras. Tinha mau instinto e comprazia-me em persegui-las à pedrada. Minha boa mãi castigou-me muitas vezes por causa disso e ameaçava-me, com freqüência. Mas, nem castigos nem ameaças conseguiram modificar os meus péssimos instintos e passava os dias a correr atrás dos inofensivos animais.

«Assim passaram os anos. Cresci, sem me preocupar com os livros, porque todo o tempo era pouco para perseguir as aves. Cheguei, mesmo, a pagar multas, impostas pelas autoridades.»

As três crianças prestavam muita atenção ao velho e Manolito esqueceu-se de ir gastar a peseta.

Ao verificar a sensação que a sua história produzia neles, o velho aproveitou a ocasião para lhes incutir na alma a semente dos bons sentimentos.

— Diga-me, senhor, — preguntou o garôto—, ¿ Agora já não gosta de apanhar passarinhos ?

— Não, rapaz. Pelo contrário; hoje, castigo o menino que os apanhe ou martirize. Converti-me em defensor dêles.

— ¿ E porque mudou assim ?

— Um dia, vi, numa roseira, um pássaro muito bonito, amarelo e vermelho, e senti grande desejo de o apanhar. E com tanta fôrça me lancei sôbre a planta, que fiquei com a cara e as mãos cheias de espinhos. A dor que me produziram as picadas foi espantosa. Gritei de dor e de raiva, ao ver que o pássaro tinha fugido e eu ficára cheio de sangue. Depois, levantei-me, como pude, e dirigi-me a casa, onde minha mãi me curou, com amorosa solicitude. Uma vez terminado o curativo, e à medida que as dores se acalmavam, o rosto de minha santa mãi adquiria cada vez maior severidade. E disse-me, então, com gesto amargo :

— Meu filho, o que te sucedeu foi um castigo merecido. Não esqueças que Deus é muito bom e que vela pelos passarinhos, que também são obra sua. Tu és muito cruel para com os inocentes animaizinhos, mata-los sem compaixão, sem ver que deves respeitar a vida dos animais, que não te causam dano algum.

«Os pássaros têm o seu sentimento próprio, o seu afecto e os seus amores. Os pais querem muito aos filhinhos. Tratam-nos e dão-lhes de comer, até que êstes estejam em condições de o fazer por sua conta.

«Mais duma vez levaste a dor e a desolação aos seus ninhos, em virtude da tua inconsciente crueldade. E muitas vezes, querido filho, a minha alma estremecia de amargura, ao pensar que um dia, ao deitar-me, poderia encontrar a tua cama vazia, mercê de algum malfeitor que te roubasse, para te martirizar ou matar. Esta idea cruel enlouquecia-me e murmurava: se isto sucedesse, matava-me, porque não podia suportar tamanha dor.

«Minha boa mãi impressionou-me tanto, que não pude conter as lágrimas, que me brotavam dos olhos. Abracei-me a ela e prometi-lhe que nunca mais faria mal a nenhum pássaro, nem a outro animal qualquer.

«Minha mãi ficou muito impressionada. Estreitou-me ao peito e verifiquei que estava contentíssima.

— Bem hajas, filho, — disse ela —. Tenho fé em ti e espero que mudes de rumo.»

As três crianças preguntaram-lhe, então, com impaciência infantil, o que se tinha passado depois, isto é, se êle tinha cumprido a palavra.

E o velho continuou, com gesto de amargura :

— Assim passaram os anos. Fui crescendo, sem prejudicar as aves, até que cheguei aos vinte anos. Um dia, circulou pelo povo a notícia, segundo a qual se havia declarado na nação uma guerra civil e que os milicianos andavam pelas aldeias à procura de todos os môços úteis. Não sei por que rara associação de idéas, pensei em minha mãi e nos inermes passarinhos. Muito preocupado, fui a casa e, à entrada, encontrei vários milicianos que me procuravam, a-fim-de ir para a guerra.

«Pedi-lhes que me deixassem ficar ali até à noite, para me despedir de minha mãi, ao que êles acederam. Entrei, então, em casa; mas, ao contemplar minha bondosa mãi, que estava na cosinha a fazer o jantar, não tive ânimo de lhe dar a notícia.

«Decorreu o dia, sem que eu tivesse coragem de lhe contar o sucedido. À noite, fechado no meu quarto, escrevi-lhe uma carta a contar-lhe tudo. E depois de beijar o seu retrato muitas vezes e escondê-lo no peito, saí, pé-ante-pé, para que ela me não sentisse... Abandonei o povoado, para me juntar aos milicianos, como lhes havia prometido, «pelas cinzas do meu defunto pai.»

— ¿ E depois ? ¿ E depois ? — preguntaram todos.

— Minha mãi não pôde suportar a desgraça. Faltou-lhe coragem e fêz o que me tinha dito, quando me ralhou por eu martirizar os pássaros, no dia em que eu caí na roseira.

— Suïcidou-se.

— ¡ Ah, que barbaridade !

— Sem dúvida, — disse o velho —. Ao entrar no meu quarto e depois de ler a carta, deu-lhe um ataque de nervos e suïcidou-se.

«Como me encontrava longe dela, não pude acompanhá-la na dolorosa agonia.

« ¡ Muito devia ter sofrido, a pobre, separada de seu filho e sem ter quem a tratasse !... Ao lembrar-me do triste fim de minha mãi, sinto agonias de alma. Foi há quarenta e nove anos e nem um só dia deixei, ainda, de evocar o acontecimento. Ao recordar o sucedido, a minha alma enche-se de amargura.

Os meninos ficaram impressionadíssimos e deixaram assomar aos olhos algumas lágrimas de dor, as quais Manolito tentava disfarçar, por lhe parecer que o chorar não era próprio dos homens.

— Não choreis, meus filhos, — disse o velho. Basta que eu sofra. E por isso, dou por terminada a minha história.

— ¡ Por Deus ! — exclamou Rosália.

— ¡ Peço-lhe que continue ! — suplicou Margarida.

— Diga-me, cá — inquiriu Manolito —. ¿ Que tem isso que ver com os pássaros ?

— Tem muito, meu rapaz. Para que avalieis, vou dizer-vos o que me contaram, quando eu regressei a casa, depois de terminar a guerra, de que não quero falar, porque melhor será que nada saibais dessa grande desventura humana. Ao regressar a casa, contaram-me o triste fim de minha santa mãi. E eu surpreendi-me, a orar, de joelhos, no logar onde repousaram os seus restos mortais. O chôro não me deixava rezar, nem fixar a mínima idea.

«Quando serenei, pude observar que, na sepultura, havia flores de almendro, facto que chamou a minha atenção, pois não podia calcular quem era a alma piedosa que, na minha ausência, se lembrava do sêr que eu adorava e ao qual devia tudo na vida.

«Interpelei o guarda do Campo Santo. Êste respondeu-me, com cara de admirado :

«— É surpreendente o que acontece na sepultura de sua mãi. Quási todos os dias, os pássaros lá vão colocar flores.

«Cheio de assombro e sem poder conter-me, voltei a chorar.

«O guarda tranqüilizou-me, então, e advertiu-me de que o meu pranto podia espantar as aves que se dedicavam á humana faina de trazer flores para a campa de minha mãi.

«Com efeito, não tardou a aparecer um, com um raminho de almendro no bico.

«Não podeis imaginar a grande alegria que experimentei, ao vê-lo. Naquele momento, pensei, maduramente, no fino sentimento das aves e no muito que lhes havia feito sofrer. Jurei, então, a minha mãi que não tornaria a maltratar pessoa alguma e que dedicaria a vida a proteger os pássaros.

«Aqui está por que me chamam o pastor dos passarinhos. Foi por isto que me acerquei de vossês, com o propósito de repreender êste menino...»

E dirigindo-se a Rosália, concluiu :

— ...O que tu evitaste, com humana intervenção.

Manolito, mofino e preocupado, devolveu a peseta a Rosália, que a recusou imediatamente, propondo-lhe que a gastasse em alpista, para os pássaros do jardim.

# A GUERRA

pelo coronel J. A. Costa

*«Aquêle monstro», como o padre* ***António*** *Vieira a denominou, que nos preocupa e sobressalta, porque a todos atinge,* ***directa ou indirectamente****, que atrás de si só* ***deixa ruínas*** *e lágrimas e que, como ainda diz Vieira, quanto mais come e consome, tanto* ***menos se farta****, é fruto do egoísmo dos homens,* ***é, principalmente****, obra criminosa dos «Sem Deus», que, desconhecendo ou desprezando a obra de Jesus, «sempre andam buscando distúrbios», inventando motivos que lhes sirvam de pretexto aos brutais e indignos processos de esmagamento e absorção. Daqui, as guerras injustas a que temos assistido.*

*Sem sairmos da ensangüentada Europa, ¡ quantos crimes, quantas monstruosidades não têm sido cometidos ? !*

*Se uma moral elevada guiasse os passos dos homens, não teriam as nossas almas de confranger-se ante as cenas de crueldade e horror, cujos relatos são, dia a dia, postos ante os nossos olhos atónitos.*

*Com boa vontade e bom entendimento e lealdade nos processos, o Mundo chegaria para todos.*

*Se a guerra actual terminar, como tanto desejamos, pela vitória cristã, abençoados serão todos os sacrifícios daqueles, a quem a guerra foi imposta, porque o materialismo e o egoísmo dos «Sem Deus» terão experimentado um rude golpe.*

*De desejar é que fique bem afirmada a supremacia do Espírito sôbre a matéria e a da Moral sôbre o Crime.*

# Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

## A obra da Sinagoga espirita «Nova Jerusalem»

Esta secção não se criou sòmente para a divulgação dos fenómenos espiritas e metapsíquicos, mas para registar tôdas as obras sociais que por êsse mundo se erguerem, à sombra acolhedora do Espiritismo. Hoje, cabe a vez à obra da Sinagoga Espirita «Nova Jerusalém» e Cosinha dos Pobres, fundada e mantida em S. Paulo por um português de extraordinária actividade, que há mais de vinte anos se dedica ao míster de bem-fazer. Chama-se António J. Trindade e dirige a *Alvorada duma Nova Era*, revista quinzenal que se publica na mesma cidade, há cêrca de oito anos, como órgão da Sinagoga.

Tem sido, realmente, notável a assistência prestada por esta instituïção aos pobres de S. Paulo e doutras regiões brasileiras, pois dá de comer a quantos ali acorrem e fornece medicamentos gratuitos aos que dêles necessitam.

Esta instituïção gastou mais de mil contos nos últimos 24 anos de existência, sem contar o juro do capital invertido. Doutro modo, as despesas de assistência iriam a perto de dois mil contos.

Segundo a mencionada revista, que temos presente, o número de refeições até agora distribuídas sobe a mais de um milhão e o número de consultas dadas, nos seus gabinetes, ultrapassam cento e vinte e oito mil.

As receitas aviadas andam, também, à roda de sessenta mil. Para se imaginar o que teria sido a actividade da Sinagoga, basta dizer que tempo houve em que eram precisas quatro pessoas para atender os necessitados. E se fôssem só os necessitados que ali acorressem...

Emfim, estamos em presença duma obra enorme, altamente significativa, devida a um português do Brasil, a um português de lei que tem sabido honrar o Ideal e a Pátria, em terra distante e amiga.

A título de informação, diremos também que o Sanatório para tuberculosos, em construção em Suzano, próximo de S. Paulo, e cuja *maquette* deixa entrever a grandeza do monumento, é devido ao mesmo batalhador incansável, a quem *Estudos Psíquicos* saúda, com muita e muita satisfação, fazendo votos pelo prosseguimento da sua obra admirável.

## Os animais domésticos sobrevivem

Assim o afirma *Sir* Ernest Bennett, no seu último livro, intitulado «Apparitions and Haunted Houses — A Survey of Evidence», editado pela casa Faber and Faber, de Londres.

*The Greater World* transcreveu alguns passos do capítulo consagrado às aparições de animais. Por que se trata de matéria interessante, trasladamos para aqui a transcrição daquela revista.

«A maioria dos casos de aparições de animais publicados pela *Society of Psychical Research* é referente a cães e a gatos. Por isso, vamos citar a aparição do fantasma dum gato de estimação, observada por quatro pessoas, e que comprova a realidade do facto:

«Minha irmã tinha um gato chamado *Smoky*. Era um belo exemplar de tipo persa, côr azulada, muito interessante no tamanho e no aspecto. Não havia na localidade outro gato que se lhe assemelhasse. Na primavera de 1909, adoeceu, vindo a morrer em Julho do mesmo ano. O jardineiro enterrou-o e plantou uma dália na cova do pobre bichano.

«Antes de morrer, *Smoky* tinha sido mordido por um cão e ficara com as costelas partidas e muito côxo. Êste desastre é que motivou o seu fim prematuro.

«No dia 6-7-909 (têrça-feira) eu e minha irmã estávamos a almoçar. Eu lia uma carta em voz alta, de costas para a janela, à esquerda de minha irmã. De repente, vi-a assustada, de olhar fixo na janela.

«— ¿Que tens? — preguntei.

«— Está ali o *Smoky*, a passear na erva.

«Precipitámo-nos para a janela e vimos o gato, com aspecto de muito doente, o pêlo eriçado e o olhar esgaseado, a coxear, cêrca de três a quatro metros de nós. Minha irmã chamou-o, mas êle não deu por isso. Depois, correu atrás dêle, chamando-o pelo nome. Eu fiquei à janela e vi-o voltar para baixo e seguir por uma vereda, em direcção ao jardim. Minha irmã correu, novamente, atrás dêle. *Smoky* não se voltou, nem deu pelo nome. Por fim, perdeu-o de vista, entre os arbustos.

«Dez minutos mais tarde, minha irmã e uma amiga nossa que vivia connôsco viram o gato outra vez atravessar uma sebe, frente à janela. Minha irmã seguiu-o de novo, mas não conseguiu apanhá-lo. Meia hora depois, foi visto pela criada, a atravessar a cozinha. Quis dar-lhe leite; êle, porém, desapareceu para não mais ser visto.

«Falámos no caso a todos os visinhos. Ninguém o vira, nem a êle, nem a qualquer gato da mesma raça. Chegámos a julgar que a sua morte fôra devida a confusão do jardineiro. Êste ficou tão indignado com a suspeição, que arrancou a dália e desenterrou o corpo do *Smoky*.

«O caso foi testemunhado por quatro pessoas: B. J. Green, H. L. Green, Miss Smith e Katheleen B. (a criada).

«Quando o viram, pela última vez, dirigia-se êle para a porta do quarto, onde vivera, durante o in-

verno e a primavera. O mais curioso é que nenhuma pessoa de casa viu *Smoky;* e, ao correr atrás dêle, minha irmã viu-o correr, inclinado para o lado, como fazia, antes de morrer».

Casos dêstes contam-se às dezenas, em tôdas as partes do mundo, não sendo lícito duvidar da sobrevivência dos animais, principalmente daqueles que ocupam os mais altos lugares na escala zoológica, como cães, gatos, cavalos, etc.

## Fenómenos no momento da morte

*Constancia*, de Buenos Aires, relatou um caso bem curioso de aparição que podia ser fàcilmente incluído na esplêndida monografia do professor Bozzano, intitulada «A crise da morte». Por isso o transcrevemos, em tradução livre, devido à exigüidade do espaço.

«A-pesar da morte ser muito vulgar, cada indivíduo apenas assiste a reduzido número de mortes, não tendo, portanto, do caso experiência muito segura e concludente. Por outro lado, só em casos raros se pode ver o *duplo,* ignorando-se ainda o verdadeiro motivo dessa dificuldade.

«Para perceber o *duplo,* não é necessário dispor-se da clarividência, nem que a percepção tenha origem na vontade do moribundo. O caso que se vai narrar foi garantido por dois médicos. Um dêles jàmais estudara semelhantes fenómenos, nem neles acreditava não obstante saber que alguns dos seus familiares já haviam sido testemunhas de coisas idênticas.

«O Dr. Janzieres residia na Rua J., com a mãi e dois irmãos. Sua mãi estava gravemente enfêrma e o quarto em que vivia comunicava com outro. Um dia, lembrou-se de abrir a porta de comunicação entre os dois compartimentos, a-fim-de contemplar os filhos, mas fatigou-se e quis fechar, novamente, a porta. Momentos depois, produziu-se o fenómeno. Embora o tempo estivesse calmo, tanto a porta do quarto, como outra que dava para um corredor, abriram-se bruscamente, aparecendo uma sombra humana, baixa, abatida e curvada, os braços cruzados no peito. Trazia um véu acizentado e, pelo corpo e estatura, parecia a mãi do Dr. Janzieres. Quando chegou à porta do corredor, desapareceu. As portas cerraram-se ao mesmo tempo, tal como se haviam aberto.

«Os três filhos da senhora Isnard experimentaram sensações de angústia, assim como um amigo que os acompanhava. Os quatro indivíduos dirigiram-se ao quarto da doente. Esta estava adormecida. Lembraram-se imediatamente de histórias de aparições, que se produzem antes da morte de certas pessoas. O próprio Dr. Isnard verificou que a sombra aparecida tinha perfeita semelhança com sua mãi.

«Dez dias mais tarde, a doente falecia».

O autor da notícia acrescenta que esta cena tem sido contada milhares de vezes, podendo garantir-se que muitas vezes o moribundo exterioriza o seu *duplo,* ou *corpo etérico.*

Um *duplo,* mesmo vagaroso e transparente, é — diz êle — uma garantia de sobrevivência. E acrescenta :

— Alguns testemunhos de enfermeiras são verdadeiramente impressionantes. Existe uma que, no fenómeno da morte, vê repetir-se, sempre, a mesma cena. Sôbre a cabeça do moribundo, vê formar-se uma massa gasosa que acaba por adquirir a forma humana daquêle que acaba de morrer.

E termina :

— Não se pode duvidar de que apenas somos uma pequena parte do que existe e de que determinados sêres têm a visão mais extensa. Há um grande mundo invisível em torno de nós e cujo descobrimento será muito lento, visto que a natureza possue desconcertante habilidade para nos ocultar o que deseja manter em segrêdo.

## A Cruzada Espirita Suburbana

Nos subúrbios do Rio de Janeiro, em Engenheiro Leal, há uma grande agremiação espirita que em 19 de Maio último comemorou o décimo quinto aniversário da sua fundação. É a bem conhecida *Cruzada Espirita Suburbana,* cuja obra de assistência é verdadeiramente admirável.

É com maior prazer que extraímos da *Revista Esrita do Brasil* os elementos desta notícia, por entendermos que tôda a propaganda que se fizer, acêrca de agremiações congéneres, só eleva e dignifica o Espiritismo.

O Presidente da Direcção da *Cruzada* é o operoso confrade Mário de Almeida, antigo jornalista e criador de tão formoso empreendimento.

Para fazer idea do progresso realizado, basta ver que, desde 1925, estabeleceu e mantém as seguintes filiais na zona suburbana : Cruzada Espirita Vila Rosal, Cruzada Espirita Fluminense, Cruzada Espirita do Areal, Cruzada Espirita Honório Gurgel, Cruzada Espirita Coelho da Rocha, Cruzada Espirita Belford Rôxo, Cruzada Espirita José Bulhões, Cruzada Espirita do Xerém, Cruzada Espirita Nazaré, Centro Espirita Dias da Cruz, Cruzada Abrigo Velhice Desamparada e Orfanato Cruzada Espirita Suburbana.

Além destas filiais, a Cruzada já adquiriu o prédio da sede social, o prédio do Abrigo e Orfanato, outro próximo dêste último, sede do Hospital e Maternidade, o prédio onde está instalada a Cruzada Espirita Fluminense, o prédio do Centro E. Dias da Cruz, o prédio da Cruzada E. Vila Rosal. Possue, também, dois lotes de terreno na Rua Coelho Neto e na Rua Marechal Hermes e um campo com 200.000 metros quadrados, em Tinguá, Rio do Ouro, proveniente de doação feita pelo Ministério da Agricultura, que reconheceu os elevados fins desta entidade, a qual vai instalar neste terreno um Abrigo-Colónia para menores.

Sustenta, além disso, quatro escolas mixtas gratuitas.

Tôdas as filiais mantém serviço gratuito de assistência e ambulatório e uma Caixa Funerária, destinada a atender todos os associados.

O Abrigo da Velhice Desamparada é outro empreendimento digno do maior louvor, bem como a Casa de Saúde «Allan Kardec», há pouco inaugurada. É um prédio modernissimo ,com aparelhamento novo e apropriado e situado num local dos mais saüdáveis.

A Casa de Saúde — diz a *Revista Espirita do Brasil* — é obra destinada a engrandecer as organizações sociais do Brasil. É realização digna de justos ecómios, porque tem salas confortáveis, com tôdas as comodidades necessárias.

É interessante notar que as salas da Casa de Saúde têm como patronos os *Cruzados* que mais se distinguiram.

À Cruzada Espirita Suburbana e em especial ao seu Presidente Mário de Almeida e a sua Ex.ma Es-

pôsa, apresenta *Estudos Psíquicos* os seus sinceros cumprimentos, fazendo votos pelas prosperidades de tão bela agremiação.

## Como certo espírito evitou uma execução judicial

*The Greater World* tem sido precioso auxiliar destas páginas, que procuramos tornar o mais interessantes que nos é possível. Agora, por exemplo, escasseiam os elementos necessários, em virtude da guerra europeia, que dificulta a navegação e impede os jornais estrangeiros de chegarem, regularmente, ao seu destino. Temos, porém, esperança de que tudo se normalizará, como convém. Até lá, tenhamos paciência.

*The Greater World* dá-nos, pois, um relato digno de registo. Um tal Reid era proprietário agrícola de Bowland, no sul da Escócia, e fôra perseguido judicilmente, por causa de uma dívida que lhe atribuíam os antigos donos das terras. Reid estava convencido da legalidade e injustiça da demanda, julgando que seu falecido pai havia comprado aquelas terras. Fizeram-se pesquisas nos documentos deixados pelo falecido, bem como entre pessoas que, com êle, haviam negociado, e nada se encontrou que pudesse garantir a defesa da causa, a ponto tal, que o pobre sr. Reid estava resignado ao pagamento dos dízimos exigidos. Para isso, resolveu ir a Edimburgo tentar um acôrdo. Deitou-se a pensar no caso, muito preocupado com a demanda, e teve o seguinte sonho, na verdade, curioso e edificante.

Sonhou com o pai, que lhe preguntou por que estava tão preocupado. E o sr. Reid contou o motivo do seu aborrecimento, dizendo que o que mais lhe custava era pagar aquela enorme soma, quando estava certo de que não era devida, embora não tivesse provas em contrário.

— Tens razão, meu filho, — respondeu o pai. Eu saldei os dízimos que te exigem. Os papéis respectivos estão nas mãos de Fulano, procurador aposentado, residente em Inveresk, nas proximidades de Edimburgo, a quem me dirigi naquela altura, por uma questão particular. Depois, nunca mais tratou dos mens negócios.

«É possível que êle tenha esquecido circunstância tão antiga; mas podes avivar-lhe a memória, dizendo-lhe que, ao pagar-lhe a conta, foi difícil trocar uma peça de ouro portuguesa e resolvemos ir a uma taberna gastar a diferença em bebidas.

Reid despertou, fortemente impressionado. Levantou-se e foi a Inxeresk, em vez de se dirigir a Edimburgo, onde encontrou a pessoa com quem falara em sonho. Sem lhe contar o sucedido, preguntou-lhe se não se recordava de ter feito um negócio com seu falecido pai. A princípio, a pessoa indicada não se lembrava de tal negócio; mas, quando ouviu falar na moeda portuguesa, imediatamente se fêz luz no seu espírito e foi procurar os papéis, que fàcilmente encontrou.

E aqui está como o sr. Reid pôde ir a Edimburgo salvar a situação. Com a apresentação dos documentos, ganhou a causa que estava em risco de perder.

---

A revelação do Espiritismo é o maior acontecimento dos tempos modernos.

*E. W. Oaten*

# GABRIEL GOBRON

O Dr. Gabriel Gobron, redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em França, acaba de nos escrever, comunicando a triste odisseia que o vitimou, após a invasão de Rethel pelas tropas alemãs, as quais arrasaram oitenta por cento das habitações desta cidade, tão flagelada pelos bombardeamentos. Embora de pé, a casa do nosso amigo não pôde fugir às inexoráveis regras que as invasões impõem aos povos invadidos. E todo o recheio foi sacrificado... Gobron seguiu na onda de fugitivos, acompanhado da espôsa, três malas de mão para jornada, Deus sabe de quantos dias... Encontra-se no «*Centre d'accueil des réfugiés de L'Absie (Deux-Sèvres) — França,* e pede-nos que informemos disto os seus correspondentes portugueses, brasileiros, espanhóis e sul-americanos. Aí fica satisfeito o seu desejo.

Lamentamos, profundamente, a sorte da França e de seus filhos, que atravessam a maior provação da sua história de séculos. Lamentamos, igualmente, a sorte de Gobron, amigo querido, a quem muito admiramos, pela inteligência do seu espírito e pela bondade do seu coração.

A uma e outro, os protestos da nossa estima e da nossa solidariedade.

# ASSEMBLEIA GERAL

No dia 7 de Agôsto corrente, realizou-se a Assembleia Geral do Centro Espiritualista Luz e Amor, para prestação de contas da gerência de 1939-1940, tendo sido apresentado o relatório da Direcção, sôbre o qual recaiu um voto de louvor proposto pelo Conselho Fiscal, de cujo parecer extraímos os seguintes parágrafos:

«As contas que nos foram apresentadas pela Direcção constituem um documento equilibrado, em que se manifesta uma perfeita actividade administrativa, honesta e produtiva.

«Verificada tôda a documentação e os respectivos lançamentos no livro «Caixa», declaramos ter encontrado tudo em boa ordem e confirmamos o saldo positivo de 1.364$51, tendo sido a receita de 9.047$35 e a despesa de 7.682$84. Êste saldo é tanto mais apreciável, quanto é certo que, além da despesa feita com êste primeiro ano de propaganda, os fundos do Centro sofreram um rude golpe com a instalação definitiva da sua sede.»

Segundo o relatório da Direcção, o Centro começou a reorganização em 22-6-939 com 22 associados e terminou-a em 30-6-940, com 435.

Falaram diversos oradores, sempre dentro das verdadeiras normas associativas, e encerrou-se a sessão, após uma prece de agradecimento aos Guias tutelares do Centro.

---

*No próximo número:*

*«Como eu compreendo a solidariedade», pela sr.ª D. Dinah dos Santos Lima.*

# Quarta reünião de confraternização

## Passeio à Mata da Caparica

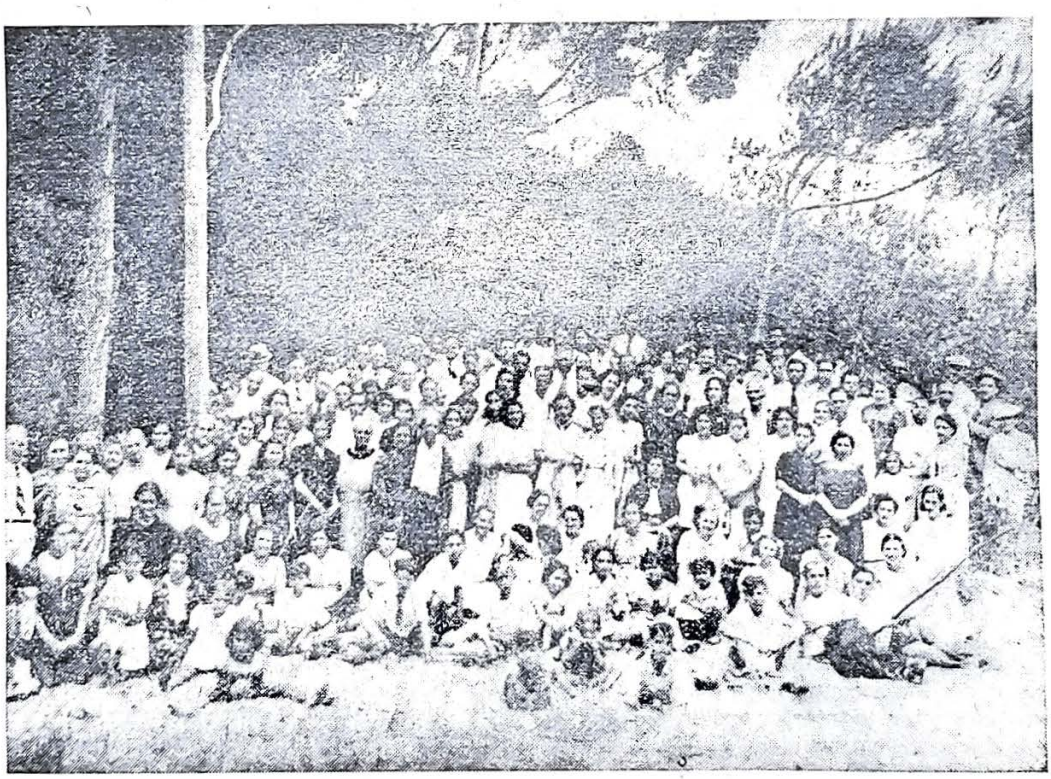
CUMPRINDO o seu programa de aproximar entre si os espiritas portugueses, levando-os a estreito e íntimo convívio, o Centro Espiritualista Luz e Amor realizou a sua quarta festa de confraternização, em 14 de Agôsto de 1940.

Foi esta a primeira festa do Centro, cuja iniciativa e organização estiveram a cargo da Comissão de Proganda «Juventude Espirita», nascida em boa hora, pelo entusiasmo despertado nos excursionistas à Quinta do Medlicot, em Cabo Ruivo.

vam no Cais das Colunas, com destino à Trafaria. A mesmo hora e com igual destino, embarcavam em Belém os restantes, da parte ocidental.

A viagem fêz-se sem incidente e logo nos vapores as conversas se generalizaram e o convívio se estabeleceu. Da Trafaria para o local do acampamento, fêz-se o trajecto a pé e esta pequena caminhada constituiu um passeio higiénico, entre o pinhal e o mar, benéfico para a saúde e para o apetite.

Ficaram todos maravilhados com o local, mata



Grupo de excursionistas na Mata da Caparica

Tanto na escôlha do programa, como do local de acampamento, a «Juventude» foi, na verdade, felicíssima, e o seu incansável e activo animador — Eduardo Matos — demonstrou, exuberantemente, as suas extraordinárias qualidades de realizador, não se poupando a esforços, para que tudo resultasse harmónico e perfeito.

O preço módico da inscrição contribuiu para reünir cêrca de 250 pessoas em franca camaradagem, pois todos ficaram satisfeitos e ansiosos por festas semelhantes.

Como sempre, o programa foi cumprido. Às 7,40, os excursionistas da parte oriental da cidade embarca-

frondosa de eucaliptos, pinheiros e altos arbustos, situada a meio caminho da Trafaria e da Costa, um verdadeiro paraíso, onde os corpos repousam tranqüilamente e as almas sentem a influência do ambiente natural, que predispõe para a solidariedade e o amor do próximo.

No acampamento formaram-se grupos, segundo as afinidades. Comeu-se, riu-se e brincou-se alegremente, em bela harmonia e boa disposição, como é timbre das nossas reüniões. Alguns foram banhar-se à Praia e outros ficaram no acampamento, fascinados pela amenidade do majestoso cenário.

Recebeu-se a visita de alguns amigos da provín-

cia, entre os quais o sr. Tenente Fernando da Silva Caetano, de Alter do Chão e nosso estimado assinante.

Pouco depois, iniciava-se o programa, com palestras de vários confrades.

O Presidente da Direcção do Centro, Tenente Isidoro Duarte Santos, agradeceu a comparência de todos os presentes e exaltou o valor das festas de confraternização, entre espiritas e não espiritas, pois é através delas que muitos ficam conhecendo os fins humanos, generosos e altruistas do Espiritismo e se resolvem a alinhar nas nossas fileiras. Foi assim — afirma — que se formou em Cuba a *Confederacion Espiritista,* organismo florescente e grande fóco de propaganda. Esta prática tem sido, igualmente, seguida noutros países, sobretudo no Brasil, formosa pátria em que algumas federações espiritas foram consideradas de utilidade pública. Espraiou-se, depois, em várias considerações, estimulando o entusiasmo da juventude em prol da consolidação do Centro e terminou por agradecer o auxílio prestado à Direcção, nesta fase difícil que é necessário vencer, por todos os meios ao nosso alcance.

A palestra do nosso confrade foi sucinta, clara e expressiva e agradou plenamente aos numerosos ouvintes.

A seguir, falou o Secretário Geral, Dr. Dias de Sousa, que se dirigiu, principalmente, aos não-espiritas que se associaram ao passeio, pois é confraternizando que melhor nos podem conhecer e tomar contacto com a nossa Doutrina, dentro da qual há resposta para tôdas as dúvidas que torturam a humanidade. Em abono desta afirmação citou nomes de sábios notabilíssimos que vieram estudar o Espiritismo com intuitos inconfessáveis e se tornaram depois seus adeptos fervorosos. Teve, também, palavras de incitamento para os componentes da Juventude Espirita, tendo as suas palavras produzido magnífica impressão.

O Dr. José Gaita, que se lhe seguiu, disse algumas palavras acêrca de «A vida na natureza». Em seu entender os excursionistas vieram para viver um dia livremente, longe do bulício da cidade, e o melhor conhecimento que podiam ter da vida na natureza era aproveitarem estas poucas horas para folgar, sem preocupações, nem rancores. Em local tão aprazível, era bom viver a vida o melhor possível e procurar que dêste dia de liberdade nos ficasse grata memória.

O nosso Vice-Presidente teve o condão de abrir o caminho ao confrade Eduardo Matos que falou a respeito do significado da festa, concitando todos à alegria comunicativa, pois onde há alegria e boa disposição, há vontade de trabalhar e de viver.

Todos aplaudiram estas palavras finais, dando-se, em seguida, início ao restante programa, que constou de declamação de poesias, anecdotas, jogos, etc., etc., além da rifa duma jarra que coube ao confrade António Castanheira de Moura.

Passava das 20 horas quando começou a debandada. Levantou-se o acampamento e os excursionistas foram partindo em grupos para o Cais da Trafaria, à espera do vapor que os conduzisse a Lisboa, certamente pesarosos por ter sido tão breve êste belo dia de confraternização espirita.

# FALAM OS SÁBIOS

**De Amicis,** professor na Universidade de Nápoles:

«Eu próprio posso, depois de ter assistido a estas diversas experiências (com Eusápia Paladino), afirmar, sem reticências, a realidade dos fenómenos observados».

* * *

**Professor Challis,** da Universidade de Cambridge:

«As provas (da realidade dos fenómenos psíquicos) têm sido tão abundantes e completas, têm vindo os testemunhos de tantas fontes independentes entre si e de um número tão considerável de assistentes, que é forçoso ou admitir as manifestações tal como no-las representam, ou renunciar à possibilidade de certificar um facto, qualquer que seja, mediante um depoimento humano». (Russell Wallace — *Le Moderne Spiritualisme).*

* * *

**Russell Wallace,** naturalista insigne, presidente da Sociedade Inglêsa de Antropologia:

*«Até à época em que me encontrei pela primeira vez em presença dos factos do Espiritismo, eu era incontestàvelmente um céptico filosófico... Era um materialista tão perfeito e tão convicto, que não podia nêsse tempo encontrar lugar no meu pensamento para a concepção duma existência espiritual... Todavia, os factos são coisa obstinada... Êles me convenceram. Êles me forçaram a aceitá-los como factos, muito antes que pudesse admitir a explicação espiritualista. Não havia então «no meu sistema de pensamento» lugar em que aquilo pudesse acomodar-se. Mas, gradualmente, um lugar se fêz». (Le Moderne Spiritualisme).*

* * *

**Dr. J. Hyslop,** professor na Universidade de Columbia (Estados Unidos3:

«Não existe outra explicação racional dos factos senão a hipótese da sobrevivência da alma; as provas acumuladas que convergem em seu favor são por tal forma perentórias que não hesito em declará-las em tudo equivalentes, senão superiores até, às que confirmam a teoria da evolução». *(Contacts with the other World,* pág. 328).

* * *

**De Victor Hugo:**

«Evitar o fenómeno espiritista é fazer bancarrôta da verdade». — *(Les Génies).*

# Por êsse mundo...

— Assumiu o cargo de 1.º secretário da Federação Espirita Brasileira o Dr. Ubaldo Ramalhete Maia, ex-deputado federal pelo Estado de Espírito Santo e acérrimo defensor das ideias espiritas.

— *La Revue Spirite Belge,* de Liége, inseriu no seu número de Abril a seguinte legenda: «*Fazendo preces pela paz, pedimos que triunfe a Justiça, o Direito, a Liberdade. Que aquêles que defendem estes princípios sejam unidos, disciplinados e desinteressados.*» De nada valeram heróicas virtudes, perante a brutalidade do Anticristo, senhor do mundo. Mas a hora da justiça soará. A árvore que não der bom fruto, será arrancada pela raíz.

— Os jornais espiritas brasileiros incitam todos os adeptos a recencear-se e a declarar nos boletins a sua crença religiosa.

— Realizou-se, há pouco, na Argentina, o «Dia do Livro Espirita», que obteve grande êxito.

— Segundo o *Psychic News,* a política actual de Roosevelt deve atribuir-se à influência do espírito de Abraão Lincoln.

— O Dr. Rauschning, ex-Presidente do Senado de Dantzig, autor do célebre livro «Hitler disse-me...», está convencido de que o chanceler alemão é fortemente obsediado por fôrças tenebrosas. Com efeito, só uma obsessão total dêste género pode levar alguém à destruïção sistemática, nada respeitando e permitindo que a aviação metralhe implacavelmente os fugitivos, desprovidos de meios de defesa.

— Num artigo publicado na *Revue Spirite* e intitulado «La noble gaieté rabelaisienne», o Dr. Léon Perin conclue, afirmando que a mediunidade de Rabelais se afirma claramente no Capítulo XCIII de «Pantagruel», em que se relata um desdobramento de personalidade «que podia muito bem ser a dêle».

— A Federação Espirita Brasileira, foi obrigada a aumentar o preço dos livros editados pela sua Livraria, em virtude da situação criada pela conflagração europeia, que atingiu, sèriamente, as matérias primas daquela indústria.

— O *Clarim,* pela pena do seu director, José da Costa Filho, insurge-se (e com razão) contra certos *presidentes* de centros espiritas que têm a coragem de cobrar *dez milreis* pelos «passes» aplicados nos incautos que lhes chegam às mãos. E acrescenta: «Muitos dêles, segundo nos afirmaram, compraram, por êsse meio, casas para serem alugadas». Vendilhões, que estão a pedir azorrague...

— Na Fazenda Garcia, (cidade de Salvador, Brasil) há uma médium de extraordinários poderes curadores. Chama-se Anália e é visitada, ininterruptamente, por indivíduos de tôdas as classes sociais, que procuram alívio para seus males. — «As minhas curas — disse ela — têm causado reboliço; mas estou disposta a operar na própria delegacia (esquadra de polícia), para que todos vejam. Qualquer investigador, doente da garganta, é por mim operado, na presença das autoridades, logo que esteja nas condições. Praticarei uma intervenção, como as que tenho feito, assistidas até por médicos». Verdadeira revolução na arte de curar.

— Em Belo Horizonte, acaba de fundar-se a União das Sociedades Espiritas Mineiras, que tem por fim congregar o maior número de Centros do Estado de Minas Gerais. Esta União prestará, aos filiados, tôda a assistência moral junto das autoridades, garantindo o funcionamento dos mesmos e pugnando pelo direito efectivo de reünião, que a lei permite a todos os credos religiosos.

— Continua a propaganda a favor do *Hospital Espirita de Nicteroi,* destinado a receber pobres e estropeados.

— A *Cruzada Espirita Suburbana* vai iniciar brevemente a construção de um pavilhão especial para tratamento de obsediados, onde os doentes de quaisquer associações espiritas poderão ser tratados pelos médiuns das mesmas, com seus próprios métodos de trabalho. O Rio de Janeiro ficará, assim, com um estabelecimento especializado para cura de obsessões.

— No dia 1 de Maio último realizou a 13.ª Assembleia da *Liga Espirita do Brasil,* sendo eleitos os novos directores desta importante sociedade, na qual estão filiadas muitas agremiações espiritas.

— Em São Carlos, Brasil, os espiritas iniciaram forte campanha, no sentido da construção dum Albergue Nocturno, no terreno anexo ao Centro Espirita «Maria de Jesus». Já contam com importantes donativos.

— *Jornal Espirita,* de Pôrto Alegre, continua a propaganda a favor do Hospital Espirita daquela cidade, o qual está a ser ampliado, a-fim-de poder albergar algumas centenas de enfermos. Ficará sendo o maior hospital espirita do mundo.

— A *Sociedade de Estudios Psicologicos «Hacia la Perfeccion»,* de Buenos Aires, ampliou, há pouco, o programa da sua acção cultural e beneficente, passando a denominar-se *Associacion de Cultura Integral y Beneficencia «Hacia la Perfeccion».* Além da beneficência, pretende criar cátedras de artes e trabalhos manuais; de filosofia e sociologia; de conhecimentos da personalidade humana, de moral e higiene; realizar, periòdicamente, representações teatrais e concertos; fomentar o gôsto pela boa leitura; criar aulas de estudos especializados e socorrer os necessitados.

— As «Crónicas de Além-Túmulo», de Humberto de Campos e recebidas, psicográficamente, por Francisco Cândido Xavier, acabam de ser traduzidas em castelhano.

— Alguns espiritas londrinos pretendem substituir a palavra *Espiritismo* por *Gnosticologia.* ¿Que dianho será gnosticologia?... Há casos tão supinamente estranhos, que, nem depois de os vermos, os podemos acreditar...

I. D. S.

# UM CASO EXCEPCIONAL

*O que se vai ler é, na verdade, um caso excepcional. Veiculado pelo* Reformador, *do Rio de Janeiro, órgão da Federação Espírita Brasileira, estamos certos de que se trata de narração verídica, tanto mais que o seu autor, nosso confrade sr. Joaquim de M. Monteiro, não omitiu o nome das pessoas que intervieram no acontecimento. Esses nomes estão arquivados naquela Federação. Figuram aqui, apenas, as iniciais, no intuito louvável de poupar essas pessoas a vexames bem compreensíveis.*

*O sr. Monteiro declarou ao* Reformador *que não tomava o Espiritismo a sério e só êste facto lhe abriu os olhos para a compreensão da verdade espírita.*

*O caso passou-se em Portugal, no ano de 1939. Segue o relato:*

O meu casamento estava marcado para o dia 3 de Fevereiro do ano corrente (1939). Era um enlace de amor. A noiva, minha prima em segundo grau, gentilíssima jovem de 22 anos, adornada de tôdas as graças, tanto físicas, como morais, fôra criada e educada comigo. Conheciamos bem os nossos caracteres e a família fazia gôsto no casamento.

No dia 31 de Janeiro, ao cair da noite, fui levar-lhe o veu de noiva, que eu lhe quisera oferecer. Estavam na sala sua mãi, sua irmã, a ama que a criara e a quem ela votava profundíssima amisade cheia de ternura, a sr.ª D .Maria do C. P. O. e seu marido, o Dr. A. O., distinto médico, seus vizinhos e padrinhos de baptismo.

— ¡ É lindo! exclamou a minha querida M. Já tenho tudo pronto para a minha partida!...

— ¡ Tanta pressa tens de me deixar, querida filha! disse, pesarosa, sua mãi.

M. olhou-a com certo pesar e disse:

— Forçoso é dizer-te o que se vai passar, boa mãizinha. Vou partir, sim; mas, para uma viagem, da qual jámais se volta.

— Outra visão que tiveste — acudi eu, deveras aborrecido. — O Espiritismo deu-te volta à cabeça e isso muito me enerva.

Minha noiva fitou-me demoradamente e disse, tomando-me da mão:

— A minha partida fará com que tu te convenças da grande verdade. Fixa na memória o que te vou dizer. Devo morrer, daqui a três dias. O véu que acabas de dar-me servirá para me cobrir o rosto!

— ¡ Cala-te! — rogou-lhe a mãi. — ¿ Que disparates são esses?

— Não são disparates, mãizinha. ¡ Prepara-te para ficares sem a tua filha!... ¿Esperem um pouco, sim?

Chamou a ama e foi com ela para o quarto, onde se demorou alguns instantes, emquanto nós na sala lhe comentávamos as palavras. Havia já longos meses que eu sustentava com ela porfiada polémica sôbre as doutrinas espíritas, de que se tornara adepta entusiasta, o que me incomodava imensamente.

Ao cabo de alguns momentos, voltou M. à sala com o seu vestido de noiva, que, naquele mesmo dia, chegara da modista. Encaminhou-se para mim, tomou-me o braço e levou-me para defronte de um grande espêlho, ao mesmo tempo que me dizia, baixinho:

— Quim, é êste vestido que quero levar para a sepultura. Não consintas que o meu corpo vá para o nosso jazigo. Quero que a terra se aconchegue aos meus restos.

Nessa ocasião, tive a impressão nítida de que as feições se lhe cavavam, transformando-se-lhe o rosto lindo numa máscara lívida, cadavérica.

— ¡ Tilinha, peço-te que não digas tolices! — supliquei-lhe, muito impressionado.

— Eu, por minha vez, peço-te que nestes três dias me não deixes um só instante.

— ¿ Sabes o que isto quere dizer? — preguntou o Dr. A. de O., muito séria e gravemente. — É a imaginação desta pequena, cheia de nervos, prestes a tomar estado.

— ¿ Nervos, padrinho? ¡ Como estás enganado! E, com isso, demos outro rumo à conversação.

* * *

Naquela mesma noite, tive um sonho que muito mal me fêz. Vi a Tilinha, vestida de branco, a dizer-me:

— ¡ Vou deixar-te, Quim! ¡ Vou deixar-te dentro de três dias!

Acordei, banhado em suores frios. Eram cinco horas da manhã. Atribuí o sonho às palavras que ouvira à minha noiva, na véspera. Às 9 horas, fui à sua casa. Já me esperava e as suas primeiras palavras foram:

— Esta madrugada fui prevenir-te da minha próxima partida e te sugeri a idea de me vires ver, cêdo. É que tenho ainda muito para te dizer. Não me deixes um instante, sequer. Quero-te junto de mim, até ao último instante da minha vida! Amo-te do fundo de minha alma; mas, estava escrito que não seriamos um do outro ainda desta vez! ¡ Paciência, Quim! ¡ Resigna-te, meu querido amigo!

Fiquei tão sucumbido, que não lhe pude responder coisa alguma. Ela, todavia, não estava triste, tanto que tocou e cantou e me pediu que a acompanhasse ao violino, nalgumas peças de Beethoven, Mozart, e Bizet, seus autores predilectos. Era uma pianista distintíssima, de uma virtuosidade admirável. De vez em quando, tornava ao Espiritismo e eu, então, lhe dizia:

— Cala-te com essa música... Prefiro a de Mozart.

Passaram-se assim dois dias. Naquele em que ela dizia que se iria dêste mundo, preguntei-lhe, a gracejar:

— ¿ É hoje que morres, Tilinha?

— ¡ Sim... pelas 15 horas! — replicou ela, serenamente. Peço-te que cumpras tudo que te pedi e que não tive coragem de pedir à mamã.

— ¡ Está bem! — retruquei, sempre a troçar —.

Queres ir com o vestido de noiva, o véu... e exiges ir para a terra fria e, em paga, prometes aparecer-me. ¿ Não é isto ?

— Perfeitamente e muito te agradeço o cumprimento dessas minhas disposições.

Faltavam 15 minutos para as 15 horas, quando ela me disse :

— Manda chamar já os meus padrinhos e dizer à mamã e à minha querida ama que venham. Vai também buscar minha irmã, e com muito cuidado dispõe-na para o golpe que vai sofrer... Ela é muito nervosa.

* * *

— Meus queridos amigos, vou partir daqui a instantes... Não me lamentem... Não chorem por mim... Estava escrito que ainda desta vez eu não seria a espôsa feliz do nosso Joaquim... Virei vê-los.

Ficou imensamente lívida.

— Mas, ¿ que sentes, Tilinha ? — preguntou o doutor.

— Descansa, amiguinho. Não sofro coisa alguma. Morro de uma hemorragia interna.

— Quero morrer encostada ao teu coração... Até breve... ¡ Não digo adeus !

Às 3 horas em ponto, deixou o mundo.

* * *

No dia seguinte, fui acompanhá-la à sepultura, vestida de noiva e coberta com o aludido véu, conforme pedira. Ao transpor o portão do cemitério, senti grande pêso no braço direito. Voltei o rosto nessa direcção e pareceu-me ver um vulto. Experimentei uma impressão indefinível, ao mesmo tempo que ouvi distintamente esta frase :

— Não te assustes... Sou eu.

Sòmente me retirei quando o coveiro lhe lançou sôbre o corpo gentil a última pá de terra e cravou no chão a estaca com o número de ordem. Nem um só instante deixei de sentir no braço aquele pêso. À saída, um braço me circunvolveu o pescoço, ao mesmo tempo que uns lábios depunham nos meus prolongado beijo.

Contei tudo nessa mesma tarde, quando fazia companhia às minhas primas, que estavam inconsoláveis. O dr. O., pensativo, disse :

— Minha mulher, que está aqui presente, viu, assim como eu, uma forma branca muito encostada a ti. Essa forma esteve até ao fim da cerimónia e só te deixou no portão do cemitério.

Quási um mês depois, estava eu, certa noite, às 22 horas do dia 1 de Março, no meu gabinete, quando ouvi uma pancada discreta na porta semi-cerrada. Julgando fôsse alguma das minhas criadas, disse : — Pode entrar.

Calcule-se o meu espanto, ao ver diante de mim, ainda mais linda do que quando na terra, a minha querida e sempre lembrada M., que morreu nos meus braços, dizendo que nunca deixaria de me ter amor. Levantei-me, sem sentir o menor temor. Dir-se-ia que esperava aquela visita. Ela caminhou para mim de mãos estendidas e exclamou :

— ¡ Quim, aqui estou ! ¿ Acreditarás agora no que te afirmei ser verdade ?

Senti o seu abraço... seus beijos... ouvi-lhe a voz, um tanto velada, é certo, porém, qual eu a conhecia. Tomou-me a mão direita e levou-me até à secretária.

— ¡ Pega no lápis ! — disse ela—. Vais escrever...

Sentei-me e ajeitei uma fôlha de papel de carta, que tirei da gaveta. Eis aqui o que escrevi, com a sua mão colocada sôbre a minha :

*«Querido Joaquim: É numa fôlha de papel de carta que te escrevo, porque, na verdade, é uma carta e, desta vez, da parte a que chamam — outro mundo... — Sou eu, a tua querida M., aquela que na Terra foi tua prima e tua noiva ; aquela que não cessou de te amar e que te pede resignação e coragem. Rogo à mamã e à Veva que não me apoquentem com as suas lágrimas. Não morri, Quim, estou viva e bem viva. Sou feliz. ¡ Oh ! muito feliz ! Tenho pago bem caro um êrro que tu e eu cometemos há muitos anos na Terra, onde já fômos três vezes em dura expiação! Já três vezes fomos noivos e sempre a morte nos apartou. Na próxima encarnação, realizaremos o nosso desejo, a-fim-de completarmos o nosso ciclo, que será honroso. Por estes dias, aparecer-te-ei, para te comunicar que tenciono, com a ajuda dos bons amigos do mundo real, fazer, a bem da minha vontade, umas visitas à querida mamã, à Veva, à minha boa ama, aos meus excelentes padrinhos e bem assim à nossa criada M. G. Até breve, Quim, até breve. Tua amiga de sempre — M.»*

No dia 3 do mesmo mês. Passeando pelo meu jardim, vi aparecer aquela que eu chorava sentidamente e com vera saüdade. Disse, beijando-me :

— Previne-os, para que, hoje, às 22 horas, me esperem em casa da mamã. Até logo, Quim.

E desapareceu, repentinamente. Não fôra sonho, nem alucinação, porquanto um cãosito, Mope, que eu tenho, ladrou e arremeteu contra a aparição. Uma das minhas criadas, ao almôço, disse-me, apreensiva e com modos esquisitos :

— ¡Era bem bonita aquela môça, com quem o senhor estava há pouco, no jardim ! ¿Como é que ela entrou, sem nós darmos por isso ?

— Era a minha prima M. que me apareceu — respondi tranqüilamente e sem me importar com o espanto da minha velha criada que, por um triz, deixava caír a chocolateira com o chocolate.

De-pressa, porém, se recompôs, tanto que me disse, imediatamente :

— Na verdade, era a sua figura... ¿ Como é que não reconheci aquela boa menina ? ¡ Não me admiro que ela apareça, porque era um anjo e sòmente os anjos é que nos aparecem !...

— Se a Ermelinda a quiser ver melhor, vá logo à casa de minha prima Isabel, a quem vou já prevenir.

* * *

Às 22 horas estávamos todos, sem excluír a Ermelinda. Batiam as horas no relógio da sala de jantar, quando a Maria Gertrudes, criada de minha prima, caiu desmaiada sôbre um divan. Instantaneamente apareceu M., que me tomou a mão e me levou à secretária, onde escreveu, por meu intermédio :

*«Não toquem na Maria Gertrudes. ¡ Ela vai servir de muito ! Tapem-lhe o rosto com um pano verde, por causa da luz. Substituam as lâmpadas eléctricas por outras de menos intensidade, não por minha causa, mas porque ela não poderá suportar a luz. — M.»*

Assim se fêz e a aparição disse, em voz que todos os presentes ouviram: — Estejam calmos. Passados alguns instantes, deu uns passos e tomou a minha mão. Dirigiu-se à sua mãi, a quem abraçou e beijou, ternamente.

— Não chores, mãizinha. ¡ Eu sou feliz... muito feliz!

Abraçou e beijou a irmã, a Veva, o Dr. A. de O. e a espôsa dêste, a ama que a criara com muito carinho e amor e à qual disse:

— Obrigada, querida amiguinha, por todos os teus cuidados.

— ¡ Amiga, não sou anjo!... Todavia, fiquei e fico muito sensível às tuas boas palavras. Continúa a cuidar do Quim, que é muito teu amigo!

Em seguida, dirigiu-se ao doutor e lhe preguntou, sorrindo e batendo-lhe amigàvelmente na mão direita:

— ¿ Então, caro padrinho e grande materialista, ainda não estás convencido? Faz muita falta, nas Faculdades de Medicina, uma cadeira de Psicologia Experimental.

E deu uma grande risada, acrescentando:

— ¡ Não te zangues comigo, padrinho! ¡ Longe de mim a idea de te arreliar! Vem cá, perto de mim.

Sempre com a minha mão presa à sua, encaminhou-se para o médico. A luz de duas lâmpadas de quinze velas iluminava perfeitamente a cena. A aparição lhe estendeu a mão pequenina:

— Toma-me o pulso... ¡ Bem!... Encosta o teu ouvido ao lado esquerdo do meu peito. ¿ Ouves o coração?... ¡ Ouves, sim, padrinho, e muito bem! Agora, ausculta-me o pulmão direito... ¿ Parece um fole de ferreiro, não?... ¿ Terás coragem de relatar o que viste e sentiste? Assim o espero.

— Quereria ver uma impressão digital — *pensou* o doutor.

Apenas acabara êle de formular em mente êsse desejo, eis que M. me leva outra vez à secretária e, tomando da minha mão, escreveu:

*«¡Ah! incrédulo padrinho! ¿Queres então a minha impressão digital? Li no teu pensamento êsse desejo, que vou satisfazer imediatamente. Quim, vai buscar a almofada de tinta do teu carimbo de borracha e papel fino, visto que preciso acabar de convencer a êste nosso bom amigo...*

Cumprida a ordem, a aparição, completamente materializada e com uma nitidez impressionante, curvando-se sôbre a mesa, molhou o dedo no *tampom Pelikan* e fêz a impressão do seu dedo. E voltou a escrever, por meu intermédio:

*«Vai buscar o meu bilhete de identidade e que se destinava a documentar o processo do nosso casamento. Está na gaveta esquerda do meu toucador, dentro de uma sobrecarta larga, de côr azul. É preciso que êste nosso amigo fique convencido, repito.»*

Verificou-se que a impressão digital era perfeitamente igual à do bilhete de identidade.

— Estou vestida com as roupagens do Além, disse ela. Agora, olhem...

E ràpidamente apareceu vestida de noiva, mas sem o véu. Eu, então, preguntei-lhe, mentalmente:

— ¿E o véu?

Ainda não acabara de formular em pensamento essa pregunta, M. se dirigiu a mim, dizendo:

— ¿ Queres ver o véu que me dêste? ¡ Ei-lo!... E, dizendo isso, agitou, com a mão que conservava livre, o véu com que fôra sepultada um mês antes.

Houve breve silêncio. De repente, ela se dirigiu ao padrinho e disse, respondendo a um pensamento que êle tivera, mas que não exteriorizara:

— Sim, podemos mudar de traje, quando isso nos convém. Vou mostrar-me com o vestido que trajava, quando agonizei.

Vimo-la envolta numa espécie de chama e, de súbito, apareceu com um gracioso vestido alfaiate, de côr azul, que estreara poucos dias antes de morrer. Em seguida, com a mesma rapidez, se mostrou vestida de noiva e, logo depois, com as vestes com que aparecera.

* * *

Posteriormente, várias vezes me tem aparecido essa querida morta. Seus conselhos, cheios de bondade e ternura, têm sido o melhor bálsamo para a minha imensa dor. Já apareceu mais cinco vezes nas nossas reüniões. Há dias, disse-me, pela escrita:

*«A nossa médium está doente e temos de suspender as sessões por algum tempo. Mas, como tens a faculdade de me ver, dar-te-ei a consolação da minha visita, porque te quero amparar e fortalecer quanto possa.»*

De facto, a querida alma me aparece amiüdadas vezes, fazendo-se sempre anunciar por uma ligeira pancada na minha face ou no meu ombro direito. Anunciou-me a morte de um amigo, duas horas antes do trespasse. Nesse momento, tomou-me as mãos e disse:

— Vamos orar por êle!... ¡Bem precisa dêsse auxílio, coitado!...

Preguntando-lhe eu quando me iria juntar ao seu Espírito amado, respondeu:

*— Não tenhas pressa. Tens ainda de cumprir a tua missão de marido e de pai. Saberei aconselhar-te, quando chegar o momento. Todavia, posso informar-te do seguinte: quando, por três vezes seguidas, me vires vestida de noiva e a dizer-te: é chegado o momento, prepara-te para vires ter comigo. Verás, porém, ainda, muitas desgraças sôbre êsse pobre planeta!... Sê caridoso, ama aos desgraçados, socorre-os e ampara-os com conselhos de amigo e de irmão. Perdôa a má vontade e as injúrias. Não te vingues de quem te fizer mal, ou tentar fazê-lo. Pensa em mim com a mesma ternura de sempre. Acompanha com a tua amizade minha pobre mãi e irmã, que se não resolvem a ver, na minha partida do mundo, o cumprimento do destino que busquei, de acôrdo com o meu Guia. Chama-as à razão, porque suas lágrimas me perturbam imensamente.*

* * *

Cumprindo o desejo de M., que me pediu divulgasse estes factos, publico-os, a-pesar-de tudo e de tôdas as ameaças de pessoas pouco esclarecidas, que já têm vexado inocentes, aproveitando-se das suas posições.

## AS CURAS DO ABADE DE REMELHE

De *O Século* de 12 de Abril último, transcrevemos a seguinte notícia de Barcelos:

# BIBLIOGRAFIA

50 ANOS DEPOIS (romance de Emmanuel). Obra psicografada por *Francisco Cândido Xavier*. Edição da Federação Espírita Brasileira.

ÊSTE romance admirável é a continuação, até certo ponto, do «Há dois mil anos».

A figura central, agora, não é o ex-senador Públio Lentulus Cornélio, reencarnado no escravo Nestório, mas o espírito sublime de Célia, que Roma canonizou.

Nota-se, contudo, a mesma efabulação e a mesma preocupação de nos ilustrar acêrca das leis eternas de causa e efeito, ou, como disse Jesus Cristo, de a cada um segundo as suas obras.

As personagens movimentam-se no mesmo ambiente da Roma pagã, no reinado do Imperador Élio Adriano, já no II século da nossa era.

Note-se que, a-pesar da benevolência daquele imperador, ainda os cristãos continuam a ser considerados conspiradores do Império e a servirem de gáudio aos espectadores do Circo. O Cristianismo, não obstante essas perseguições sangrentas, continua a sua propaganda intensa do Evangelho e conquista para as suas fileiras adeptos em massa. É o que nos demonstram os capítulos dêste romance de Emmanuel.

Desta sorte, assistimos a uma revolução moral imensa e profunda, em que os ídolos pagãos perdem a sua ascendência, para a cederem à doutrina do Nazareno, que se sacrificou pela humanidade sofredora.

É comovedora e emocionante a descrição daquela época remota, na qual o martirológio cristão é edificante e contagioso.

As catacumbas continuam ainda a ser o cenário, onde se desenrolam as cenas patéticas das conversões espontâneas.

Nestório, que neste romance se apresenta como escravo, liberto por Helvidio Lucius, é agora um apostolo fervoroso e eloqüente, cuja convicção na doutrina do Cristo conquista e arrebata as multidões dos sofredores de tôdas as categorias sociais. Não são já os escravos e os pobres habitantes dos bairros da Suburra e do Esterquilínio, que acorrem às prédicas cristãs; são também os ricos e orgulhosos senhores do patriciado que, torturados por sofrimentos morais, buscam na religião que desponta um alívio para as suas angústias flagelantes.

* * *

A figura central, porém, é a de Célia, cuja alma consubstancia os princípios evangélicos, na sua simplicidade cândida e pura.

A análise que Emmanuel faz dêsse espírito superior, é, de facto, inigualável. Através dela, compreendemos melhor a sublime doutrina do perdão e da renúncia. A figura de Nestório apaga-se para dar realce à de Célia, a filha de Helvídio Lúcius e Alba Lucínia.

Recomendamos aos leitores, especialmente aos que constituem a *Juventude Espírita* do nosso Centro, esta obra literária magnífica, para compreenderem melhor os fins da nossa peregrinação planetária. É a forma prática de se aperceberem da doutrina espírita por um processo simples e ameno.

É possível que Emmanuel, no transcurso da sua ascensão espiritual, tenha animado mais algumas per-

---

BARCELOS, 11. — Na freguesia de Remelhe, a cinco quilómetros desta cidade, fala-se muito, dêsde há tempos, no poder que o abade da mesma freguesia possue para curar tôdas as doenças. Tal fama tem ali atraído, dos mais distantes pontos do País, em busca de lenitivo para os seus males, centenas de doentes desiludidos da medicina. Aos domingos chegam a postar-se nas proximidades da residência paroquial, junto à igreja da freguesia, mais dum milhar de pessoas, que se deslocam em automóveis e camionetas e que, pacientemente e cheias de fé, aguardam a vez de serem recebidas pelo sacerdote.

A acção dêste resume-se em tocar simplesmente os enfermos ou a receitar-lhes medicamentos da sua limitadíssima farmacopeia vegetal: chá de loureiro por êle preparado, para os doentes do fígado, etc. Outras vezes, por exemplo, para os que padecem dos rins, manda atar à cinta um cordel fornecido por êle próprio.

Hoje, como nos dias anteriores, algumas dezenas de homens, mulheres e crianças, encaminharam-se para a casa do pároco, dando a idea duma romaria. Entre as pessoas que para ali se deslocaram, contavam-se a sr.ª D. Bernardete Ribeiro de Almeida Govina, de Vila do Conde, com um filho de cinco anos, Francisco Almeida Govina, que há mais de dois anos sofria dum curvamento pronunciado da espinha, que mal lhe permitia mover-se, pois afirma-se que, quando regressou de Remelhe, a criança estava curada. O sacerdote limitara-se a pegar na criança ao colo. O caso dêste pequenito é referido por tôda a gente, com espanto.

Também de Vila do Conde foi procurar o «padre de Remelhe», a sr.ª Angela Leal Coutinho Loureiro, de 51 anos, doente duma perna, há cêrca de três semanas. Sentiu dôres horríveis, em conseqüência duma flebite, que o médico diagnosticara. Foi ela própria que nos contou haver sido recebida pelo abade, que, depois de a ter tocado, dirigindo-lhe palavras de confôrto, a mandou rezar no templo da freguesia. Quando se levantou, finda a oração, as dôres tinham passado, embora o inchaço da perna continuasse.

Além dêstes, citam-se centenas de casos de cura completa de pessoas que sofriam de variadíssimas doenças.

No desejo de atender tôda a gente que o procura, o sacerdote dá consultas até alta madrugada, sendo freqüente conservar-se a pé até às 3 e 4 horas. A-pesar-de ser ainda novo — pois pouco mais tem de 30 anos — denota certo abatimento físico, talvez em conseqüência do excesso de trabalho. É abade da freguesia de Remelhe há cêrca de ano e meio.

sonagens além das de Públio Lentulus e Nestório, para que atinja a espiritualidade de que agora disfruta. Por isso, seria interessante que êle nos contasse, pela mesma forma, em romances subseqüentes, a biografia dessas personagens. Essa colecção teria um valor inestimável e formaria um dos maiores sustentáculos da nossa doutrina redentora. Com ela, constituïríamos um código prático da teoria reencarnacionista, que alguns sectores do Espiritismo ainda não aceitam...

Dados os recursos literários dêsse belo espírito, e a proba e inconcussa mediunidade psicográfica de F. Cândido Xavier, não é de admirar que em breve tenhamos êsse conjunto biográfico.

S. E. M.

ROMA E O EVANGELHO, por *D. José Amigó y Pellicer*, 4.ª edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira.

ROMA E O EVANGELHO é um livro já muito conhecido pelos espiritas da velha guarda, mas que, pelo seu repositório de verdades insofismáveis, ainda é considerado como *vade mecum* dos que perfilham as nossas doutrinas.

O volume é dividido em três partes.

A primeira, demonstra a razão por que os componentes do *Circulo Cristiano Espirita* de Lérida enveredaram pelo caminho da investigação, que os levou à sua profissão de fé espirita; a segunda, dá-nos essa demonstração baseada nas 34 comunicações ou ensinos dos Espíritos, que robusteceu a crença dos investigadores; a terceira, filia o Espiritismo cristão nos textos dos livros sagrados, interpretando-os em espírito e verdade.

Também nesta última parte encontramos três testemunhos valiosos sôbre o Espiritismo: do abade Almignana, Alfred Russel Wallace e de Victorien Sardou. E para o volume fechar com chave de ouro, publica ainda o célebre discurso do Bispo Strossmayer no Concílio Ecuménico de Roma, em 1870, presidido por Pio IX, no qual aquêle Bispo escalpelizou a infalibilidade papal, e demonstrou, com dados históricos, que «o episcopado de S. Pedro e a sua residência em Roma se devem classificar no número das lendas mais ridículas!»

São estes os assuntos que enfeixam esta bela obra espirita. Pela forma desassombrada e viril como a matéria está exposta, merece leitura atenta, porque ela valoriza os nossos postulados perante os contraditores do sector católico.

Diz-nos o tradutor, no seu prefácio, que os membros do supracitado Círculo eram padres ilustrados que, «não podendo conciliar a estreiteza da doutrina romana com a extensão da obra traçada por Deus, sentiam que algo de humano precisava ser removido — e que o Espiritismo devia ser, por ventura o motor de tal depuração».

¡Assim pudessem falar muitos sacerdotes do rito católico! Mas, não; a disciplina e as situações criadas ao abrigo das regalias usufruídas pelo clero, não são de molde a esperar-se do mesmo qualquer gesto semelhante ao dos padres de Lérida. É por isso que a atitude assumida pelos associados do Círculo Cristiano é de louvar pela forma corajosa como enfrentaram o anátema de Roma. Isto sucedeu há perto de 70 anos, quando o Espiritismo dava os seus primeiros passos, sob o aspecto científico.

*Roma e o Evangelho*, a-pesar do título, não é um livro demolidor, na acepção do termo; é antes um farol no meio das trevas dogmáticas. A-pesar-de impugnar as bases da fé cega e defender a fé raciocinada, não o faz com truculências de forma; pelo contrário, defende as suas idéas com nobreza e correcção, sempre baseado na caridade cristã. E a prova está neste passo, que transcrevemos da pág. 237:

«Se alguém chegar a supôr que escrevemos por ódio à classe sacerdotal, nós lhe perdoaremos e dêles nos compadeceremos; os membros dessa classe são, como os outros homens, nossos irmãos, e amamo-los a todos».

Em tôda a prosa do livro não se vislumbra qualquer apreciação ao catolicismo, que não seja feita dentro dos moldes da correcção e do amor pela verdade.

*Roma e o Evangelho* é, pois, um livro admirável que merece ser lido pelas novas gerações espiritas, porque o assunto que ventila é sempre palpitante e actual.

S. E. M.

AMOR, VIDA E EVOLUÇÃO, por *Fernando da Cruz Ferreira*. Conferências de divulgação neo-espiritualista realizadas no Pôrto, Coimbra e Lisboa, nos anos de 1939 e 1940.

OPÚSCULO de 104 páginas de texto em que o autor coligiu os seus últimos trabalhos de divulgação espirita. A abrir, o Director desta revista, Isidoro Duarte Santos, escreveu «Duas palavras» de incitamento, para que a produção continue.

O simples enunciado das quatro conferências patenteia a importância dos assuntos tratados: *Amor, Vida e Evolução; a Lei da Reencarnação através das antigas religiões e filosofias; O Espiritismo através das Escrituras Sagradas, e a Lei da Reencarnação através da Biblia Sagrada.*

Tôdas estas conferências se baseiam em ensinamentos bíblicos que o conferente mostra conhecer sem hesitações.

Cruz Ferreira é um espiritista dedicado e trabalhador incansável que não se tem poupado a nenhum esfôrço, seja de que natureza fôr, para projectar a luz da doutrina espirita e para «fazer bem sem olhar a quem», como mandam as regras cristãs.

A edição é do autor.

F. R.

EÇA DE QUEIROZ PÓSTUMO, por *Fernando de Lacerda*.

A Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira publicou, em separata, as mensagens de Eça de Queiroz, do Além, recebidas pelo médium português Fernando de Lacerda, dispersas pelos quatro volumes de «No País da Luz», as quais vêm acrescidas de duas outras mensagens recebidas pelo médium brasileiro Francisco Cândido Xavier, a última das quais tem a data de 6 de Dezembro de 1934. Estas duas últimas mensagens não desmerecem das que as antecedem.

A produção mediúnica de Francisco Cândido Xa-

# Vocabulário de metapsíquica

pelo Dr. A. Lôbo Vilela

**Lucidez sonambúlica** — Percepção supranormal. (Veja-se *clarividência).*

**Macrocosmos** — O Universo considerado como organismo vivo.

**Magnetismo animal** — Expressão empregada pela primeira vez pelo jesuíta Kircher, para designar uma espécie de energia emitida pelo corpo humano e que produz efeitos fotoquímicos, terapêuticos, mumificadores, etc. Fluido magnético. *Od* (Reichenbach).

**Magnetografia** — Impressão produzida na película fotográfica pelo fluido magnético.

**Magnetómetro** — Aparelho inventado pelo abade Fortin para medir a intensidade do fluido magnético.

**Materialização** — Fenómeno que consiste na passagem a um estado sensível, por um mecanismo desconhecido, de uma matéria anteriormente subtraída à acção dos sentidos. Corporificação de entidades metanóicas. O caso mais célebre de materialização completa foi a de *Katie King.*

**Médium** — Indivíduo particularmente dotado para servir de intermediário entre os espíritos e o mundo físico. Conforme a natureza dessa aptidão, assim o qualificativo que se lhe junta: *médium auditivo, médium vidente,* etc. Para os fisiologistas, esta designação deve ser substituída pela de *automatista.* Os metapsiquistas materialistas, desde que não admitem a existência dos espíritos, não aceitam a necessidade de um mediador e por isso preferem empregar a expressão «sujeito metapsíquico».

**Metabiose** — Designação proposta por Bret para os efeitos orgânicos ou biológicos produzidos sôbre qualquer organismo vivo, por meios supranormais.

**Metacromática** — Música supranormal directa.

**Metacinésia** — Deslocamento de objectos sem contacto *(telecinésia)* ou cujo contacto é insuficiente para os produzir *(paracinésia).*

**Metafonia** — Voz directa, produzida por entidades metanóicas (Bret).

**Metafotismo** — Luzes metapsíquicas (Bret).

**Metaglóssia** — Mensagem oral de entidades metapsíquicas, obtida por meio dos órgãos vocais do médium.

**Metagnomia**—Nome empregado por Boirac, equivalente à *criptestésia* de Richet, à *panestésia* de Wasielewsky, á *telestésia* de Myers e à *metagnósia* de Bret. Sudre reconhece o carácter especial dos fenómenos espiritas a ponto de os incluir numa classe àparte, a da «metagnomia espirítica».

**Metagnomia táctil** — Expressão equivalente à psicometria de Buchanan e do Dr. Denton.

**Metagnósia** — Veja-se *criptestésia* e *metagnomia.*

**Metagrafia** — Têrmo empregado por Bret para designar a *escrita automática.*

**Metamnésia** — Resíduo mnésico que, segundo os metapsiquistas materialistas, sobrevive por algum tempo à morte orgânica, constituindo a fonte de informação a que os médiuns recorrem para tomarem conhecimento dos factos ocorridos com o falecido (Bret).

**Metanoísmo** — Encarnação ou encorporação espiritista, possessão. (Veja-se *prosopopese).*

**Metanóico** — Relativo ao *metanoísmo.*

**Metaporese** — Têrmo empregado por Myers para designar as acções supranormais que se exercem sôbre a estrutura atómica da matéria.

**Metaplásia** — Materialização de espíritos de vivos, bilocação, impressões mentais produzidas sôbre a película fotográfica.

**Metapsiquia** — Transmissão do pensamento, telepatia.

**Metapsíquica** — Têrmo criado por Richet para designar a «ciência que tem por objecto os fenómenos mecânicos ou psicológicos devidos a fôrças que parecem inteligentes ou a potências desconhecidas, latentes na inteligência humana.

**Metapsiquismo** — Designação dada por Bret ao elemento supranormal do homem e dos animais. Equivalente à *fôrça psíquica* de Crookes, à *fôrça ecténica* do prof. Thury, ao *od* de Reichenbach.

**Metapsiquista** — O que se dedica ao estudo da metapsíquica.

**Metarsismo** — Elevação no ar, de qualquer corpo produzida por meios supranormais (Bret).

**Metasoma** — Corpo astral, perispírito, aura psíquica (Bret).

**Metatesis** — Têrmo empregado por Hartmann, equivalente a «metarsismo».

**Metempsicose** — Doutrina hindu, segundo a qual as almas transmigram de uns corpos para outros, em harmonia com as suas necessidades de aperfeiçoamento e as condições impostas pelo *Karma.*

---

vier, tanto em verso como em prosa, é já monumental: *Parnaso de Além-túmulo; Crónicas de Além-túmulo; Cartas de Uma Morta; Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho; Há dois mil anos; Novas mensagens de Humberto de Campos; 50 anos depois,* e, agora, *Eça de Queiroz póstumo.*

A capa é ilustrada com a fotogravura da estátua erigida a Eça de Queiroz: «Sob a nudez forte da Verdade, o manto diáfano da fantasia».

O livro termina com umas páginas de comentário, sob o título — «A glória estilística de Eça de Queiroz», elaboradas pelo distinto escritor espirita Almerindo Martins de Castro.

A crítica à prodigiosa obra mediúnica de Fernando de Lacerda está feita há muito tempo. O acrescentamento das duas mensagens, relativamente recentes, recebidas pelo grande médium Francisco Cândido Xavier, igualam as precedentes, como dissemos, no encanto do estilo, na ironia fina e no sarcasmo apropriado ao assunto.

Felicitamos a *Livraria Editora* por mais esta edição.

F. R.

**Metergia** — Têrmo criado por Bret para designar a acção supranormal que pode apresentar três tipos: *metideogenia, metacinésia, metabiose*. Veja-se *telergia*.

**Metestésia** — Designação dada por Bret à sensação produzida por um fenómeno metapsíquico de natureza material.

**Meteter** — Nome dado por Myers ao meio próprio dos fenómenos telepáticos.

**Metideogenia** — Nome dado por Bret à produção de formas materializadas. Ectoplasmia (Richet), aparição.

**Moldagem** — Molde de gêsso que reproduz mãos, pés ou o rosto de fantasmas materializados e se obtém através de um negativo produzido em parafina. O processo operatório consiste em pedir à entidade materializada que meta a mão ou o pé numa tina com água quente, tendo parafina fundida em suspensão. Quando se retira do vaso, a mão ou o pé fica coberto de uma delgada capa de parafina que toma consistência em contacto com o ar, e fica oca pela desmaterialização da forma que a produziu. Enchendo com gêsso a luva assim obtida reproduz-se a forma ectoplásmica inicial.

**Monição** — Advertência que ocorre acidental e sùbitamente a pessoas no estado normal, a respeito de qualquer acontecimento, passado ou presente. Quando se refere a acontecimentos futuros diz-se premonição.

**Monoideísmo** — Idea fixa.

**Música transcendental** — Expressão empregada por Bozzano para designar a música que se ouve em certas ocasiões, como por exemplo em câmaras mortuárias, sem que seja produzida por nenhum instrumento. Veja-se «metacromática».

**Necromância** — Arte adivinhatória que tem por base a invocação dos mortos.

**Neurodinamómetro** — Aparelho inventado pelo Dr. Planat para medir a fôrça nêurica ou magnética.

**Nous** — Nome pelo qual Platão designava o espírito.

**Objectivação de tipos** — Nome dado por Richet aos fenómenos que consistem em fazer desempenhar um determinado papel a um sonâmbulo, por meio de uma sugestão conveniente.

**Obsessão** — Acção persistente, geralmente perniciosa e com carácter de idea fixa, exercida por um espírito sôbre uma pessoa sem conseguir, aliás, apossar-se-lhe do corpo, como na possessão.

**Ochema** — Designação dada por Platão ao veículo do espírito. Corresponde ao *ocheumata* dos neo-platónicos, ao *corpo astral* dos teósofos e ao *perespírito* dos espiritistas.

**Od** — Nome dado por Reichenbach à *fôrça psíquica* (Crookes).

**Oniromância** — Arte de interpretar os sonhos.

**Oráculo** — Palavra que exprime, quer as mensagens transcendentais que as Pítias transmitiam, quer o local onde essas mensagens se obtinham, quer ainda os deuses a quem se atribuíam. O oráculo de Apolo Pítico, em Delfos, era considerado o mais célebre da antigüidade.

**Palingenésia** — Doutrina, segundo a qual as almas passam por diversos corpos para se aperfeiçoarem e depurarem. Transmigração das almas; reencarnação.

**Panestésia** — Designação dada por Wasielewski à *clarividência* ou *lucidez* dos antigos magnitizadores. *Metagnomia* (Boirac); *criptestésia* (Richet); *metagnósia* (Bret).

**Pamnésia** — Têrmo criado por Myers, equivalente a *pantomnésia* (Richet) e *criptomnésia* (Flournoy).

**Panspermismo** — Doutrina que admite que em tôda a parte há germes orgânicos que aguardam condições favoráveis para se desenvolverem.

**Pantomnésia** — Nome proposto por Richet «para indicar que a memória não esquece nada e tudo o que impressiona os nossos sentidos fica registado no cérebro inconsciente».

**Paracinésia** — Têrmo proposto por J. Maxwell, equivalente a *paraquinésia* e a *telecinésia* (Arsakoff).

**Parapsíquica** — Têrmo proposto por Boirac para designar a ciência a que Richet chamou *metapsíquica*.

**Paraquinésia** — Têrmo empregado por Maxwell para designar os deslocamentos de objectos com ligeiro contacto do médium, quando êsse contacto não é suficiente para os produzir.

**Pêndulo explorador** — Instrumento de que se servem alguns rabdomantes para descobrirem nascentes subterrâneas.

**Perispírito** — Envólucro do espírito, de natureza semi-material, que o corporiza. Têrmo equivalente ao *mediador plástico* de Cudworth, ao *arqueu* de Van Helmont, ao *evestrum* de Paracelso, ao *ocheumata* dos neo-platónicos e ao *ochema* de Platão. Lancelin chama-lhe *aèrosoma* e Bret designa-o por *metasoma*.

**Personalidades** — Entidades metanóicas que se revelam quer no sonambulismo *(personalidades sonambúlicas)*, quer no transe mediúnico *(espíritos)*. As personalidades sonambúlicas podem ser produzidas por sugestão, ou corresponder a uma fase regressiva da vida do próprio sujeito, que assim revive uma época já passada *(ecmnésia)*.

**Personificação** — Produção de personalidades metapsíquicas. Objectivação de tipos *(Richet)*.

**Pluralização** — Produção ectoplásmica de entidades metanóicas que se manifestam independentemente e simultâneamente com o médium.

**Pneumatofonia** — Mensagem verbal produzida directamente pelos espíritos. Psicofonia.

**Pneumatografia** — Escrita directa. Criptografia.

**Polimorfismo** — Personificações subconscientes, objectivação de tipos por sugestão.

**Polinoísmo** — Manifestação simultânea de várias personalidades que não revestem formas ectoplásmicas, pelo que difere da «pluralização» (Bret).

**Polipsiquismo** — Conjunto de elementos psíquicos que, segundo Mackensie, forma uma personalidade efémera, à qual atribue os fenómenos supranormais de carácter subjectivo.

**Possessão** — Domínio irresistível exercido sôbre o organismo do sujeito, por uma entidade metanóica hóstil.

**Pragmagnósia** — Têrmo proposto por Bret para designar o conhecimento supranormal.

**Prana** — Fluido vital.

**Precognição** — Conhecimento antecipado de factos. Premonição.

**Premonição** — Veja-se *precognição*.

**Preságio** — Sinal que serve para adivinhar o futuro; conjectura que êsse sinal sugere.

**Profecia** — Predição das coisas que vão acontecer.

**Progeneração** — Têrmo que Myers opõe a *degeneração*.

**Prognósia** — Conhecimento antecipado do futuro.

**Promnésia** — Recordação de factos de que se tomou conhecimento, antes de se terem produzido (Myers). Dêste modo, a promnésia consta de duas fases: 1.ª — premonição de determinado acontecimento; 2.ª — lembrança de se ter sonhado o facto, quando êle se realiza (Bret).

**Prosémia** — Revelação de um acontecimento futuro. Sinónimo de *premonição, precognição, prognósia.*

**Prosopopese** — Têrmo empregado por Sudre para designar «tôda a modificação brusca, espontânea ou provocada, da personalidade psicológica». Compreende os fenómenos de divisão e alteração da personalidade produzidos por sugestão ou de carácter patológico, possessão e incarnação.

**Psicagogo** — Sacerdote que procedia à invocação dos mortos, nos mistérios gnósticos.

**Psicode** — Têrmo proposto por Thury, equivalente ao *od* de Reichenbach. A *fôrça ecténica* que, segundo Thury, produz todos os fenómenos telequinéticos, não é mais do que a exteriorização do psicode.

**Psicodinamia** — Têrmo empregado por Boirac para designar os «fenómenos em que um sêr animado parece agir sôbre outros sêres animados *(psicodinamia vital)* ou sôbre a matéria bruta, *(psicodinamia material),* por intermédio de uma fôrça *sui generis,* distinta de tôdas as fôrças conhecidas, ainda que análoga às fôrças radiantes ou circulantes, tais como o calor, a luz, a electricidade e o magnetismo». Magnetismo animal.

**Psicofonia** — Manifestação metanóica, produzida através dos órgãos vocais do médium.

**Psicofotismo** — Luzes que acompanham as aparições ou quaisquer fenómenos luminosos de carácter supranormal.

**Psicognósia** — Conhecimento supranormal (Bret).

**Psicografia** — Mensagem supranormal obtida por escrita mecânica ou semi-mecânica (Kardec).

**Psicomância** — Têrmo equivalente a *necromância.*

**Psicometria** — Têrmo criado por Buchanan, pseudónimo da espôsa do geólogo norte-americano Denton, para designar os fenómenos que obteve de reconstituição de païsagens das épocas remotas da evolução terrestre, cujas descrições eram evocadas pela observação e pelo contacto de fragmentos de terrenos daquelas épocas geológicas. Embora a imaginação tivesse desempenhado aqui um papel preponderante, o certo é que outros sensitivos têm conseguido reconstituir fielmente certas cenas passadas, limitando-se a tocar em objectos que com elas se relacionam. Richet propõe para estes fenómenos o nome de *criptestésia pragmática.* Na psicometria é freqüentemente incluída também a *clarividência* e a *lucidez.*

**Psicopatia** — Têrmo empregado por Boirac para designar os «fenómenos que têm essencialmente por ponto de partida uma certa modificação tanto do estado mental como do estado nervoso dos sujeitos em que se produzem, e que consistem ora na exaltação ora na inibição anormais das faculdades psicológicas ou das funções vitais».

**Psicoplásia** — Materialização de entidades metapsíquicas, moldagens transcendentais, fotografia espírita.

**Psicorragia** — Nome proposto por Myers para designar os fantasmas de vivos.

**Quiromância** — Arte adivinhatória que pretende interpretar as rugas das mãos.

**Rabdomância** — Faculdade que têm certos indivíduos de perceberem veios de água, ou jazigos minerais subterrâneos. Uma forma de *metagnomia.*

**Rabdomante** — Sujeito que possue a faculdade da rabdomância.

**Radiações psíquicas** — Emanações relacionadas com a actividade mental e impulsionadas pela vontade, susceptíveis de impressionar a chapa fotográfica.

**Raios rígidos** — Designação dada por Ochorowicz aos filamentos ectoplásmicos que servem de veículos dos fenómenos de *metacinésia* e *telecinésia.* Notzing chama-lhes *eflorescências rígidas;* Morselli dá-lhes o nome de *neoplasmas,* e Botazzi de *membros mediúnicos.*

Raios V — Raios atribuídos ao fluido vital, pelo coronel Darget e pelo Dr. Baraduc.

Raps — Ruídos supranormais.

Reencarnação — Regresso do Espírito à vida corporal. Palingenésia. Segundo a doutrina reencarnacionista, as almas aperfeiçoam-se, atravessando sucessivas fases de encarnação e de desencarnação, e diferem umas das outras, não na sua essência, mas no seu grau de desenvolvimento, como frutos da mesma árvore em diferentes estados de maturação. Dêste modo, o problema do mal encontra uma solução compatível com os atributos de Deus e a vida póstuma é uma fase de evolução e não um estado último e definitivo que dependa dos acontecimentos de uma vida única e breve.

**Regressão da memória** — Fenómeno que consiste em fazer retrogradar a consciência do sujeito de modo a fazê-lo reviver fases anteriores da sua vida, e remontar até além do nascimento. As experiências de Rochas têm sido verificadas e confirmadas por muitos outros experimentadores.

**Ruminação** — Hipótese imaginada por Dingwall para explicar os fenómenos de materialização produzidos por Marta Béraud (Eva Carrière) e que consiste em supor que o médium esconde no estômago ou no tubo digestivo as imagens e os objectos que aparecem nas sessões e regorgita no momento próprio, voltando depois a ingorgitá-los.

**Sarcosoma** — Designação dada por Lancelin ao corpo físico.

**Sonambulismo** — Estado especial em que se manifestam faculdades supranormais.

**Sonâmbulo** — O indivíduo que apresenta sintomas de sonambulismo.

**Subconsciente** — Departamento psicológico mais ou menos obscuro, formado por sensações que não chegam a converter-se em percepções e por outras que deixaram de ser conscientes. O subconsciente implica uma sensibilidade especial *(criptestésia)* e uma memória que regista as impressões colhidas por essa via *(criptomnésia).*

**Subliminar** — Têrmo proposto por Myers para designar a actividade subconsciente, que produz certos fenómenos supranormais. Além do subliminar, Myers admitia mais dois departamentos psicológicos que eram o *supraliminar* e o *inconsciente.*

**Su ormal** — Tudo aquilo que ultrapassa os limites do normal. Fenómeno que parece transgredir as leis conhecidas, ou que, pelo menos, se apresenta com carácter pouco vulgar.

# NOTICIÁRIO

## «Estudos Psíquicos» e a Imprensa

A bela revista brasileira *Novo Horizonte*, editada no Rio de Janeiro, pelos discípulos de «António de Aquino», teve a gentileza, que muito agradecemos, de transcrever integralmente o artigo do nosso Director, intitulado «Carta aos irmãos do Brasil», publicado no n.º 3 desta revista. O coronel sr. Júlio Gaertner, director daquela publicação, faz acompanhar o artigo de interessantes considerações, as quais terminam com os seguintes períodos, que gostosamente transcrevemos:

«Da nossa modesta revista «Novo Horizonte». luz fraquíssima em nosso Brasil, agradecemos a expansão carinhosa da vossa carta e enviamos aos irmãos portugueses o abraço espiritual da corrente de António de Aquino, almejando, como vós pensais, a união mais sólida, a confraternização espírita — Portugal e Brasil — para os nossos dias, a-fim-de prepararmos o ideal maior, de confraternização dos homens do nosso planeta, no fim do actual século. Assim como existe também no Ideal Divino — a fraternidade dos espíritos, nas muitas moradas da casa do Pai, onde a Pátria é una, para todos os seres. Saüdações na vossa comemoração centenária. Abraços e vibrações sinceras, sob o Amor único de Deus, para o Bem, é o que desejamos aos irmãos de Além-Mar».

Esta revista teve a espontânea amabilidade de inserir um anúncio de *Estudos Psíquicos*.

Agradecemos também «A psicologia dos Lusíadas» e «A Cachoeira dos Pirilampos», que o seu director nos enviou, com amável dedicatória.

— *Vitimas da Guerra* voltou a referir-se à nossa revista em termos que bem demonstram o alto apreço em que é tida *Estudos Psíquicos*. Eis o que ecreveu em seu número de 1-8-940 e cujas palavras nos servem de forte incentivo:

«Recebemos os n.os 3 a 5 desta interessantíssima publicação, à qual já fizemos a merecida referência, quando da visita dos primeiros números. Após a leitura dêstes três últimos números, só temos que confirmar o que anteriormente escrevemos. Texto variado e instrutivo, não sòmente para quem queira dedicar-se ao estudo dos assuntos psíquicos, mas também para quem apenas pretenda distrair o espírito e aumentar a sua cultura intelectual. Os nossos agradecimentos, pela remessa, ao ilustre director e proprietário, o nosso distinto camarada sr. tenente Isidoro Duarte Santos.

## As nossas conferências

No dia 21 de Abril realizou o Presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos, a conferência «A influência do Espiritismo no progresso». Esta conferência substituiu a que devia realizar no mesmo dia o confrade Fernando da Cruz Ferreira, do Pôrto, e que não pôde comparecer por motivo de doença.

No dia 23 de Junho, o sr. Artur Levy Gomes realizou a conferência intitulada «Karma».

No dia 14 de Julho, coube a vez à antiga secretária do Centro, Sr.ª D. Dinah dos Santos Lima, com o tema «Como eu compreendo a solidariedade». Foi a primeira vez que uma senhora usou da palavra no

---

**Telemnésia** — Têrmo criado por Hyslop para designar a percepção supranormal, quando o percipiente vai buscar os elementos ao subconsciente de pessoas afastadas. Difere da *telestésia*, porque nesta e percepção a distância parece ser directa, isto é, não se socorre do subconsciente de nenhuma outra pessoa.

**Telepatia** — Têrmo criado por Myers para designar «a comunicação de quaisquer impressões de um espírito a outro, independentemente dos sentidos». Transmissão do pensamento, de sensações e de imagens em que o sujeito desempenha um papel passivo.

**Teleplasma** — Nome empregado por Schrenck-Notzing para designar o *ectoplasma*.

**Teleplastia** — Têrmo empregado por Schrenck-Notzing, equivalente aos têrmos: *ectoplasmia, ectoplastia, ectoplásia.*

**Telepsiquia** — Têrmo criado por Boirac para designar os «fenómenos em que a acção psicodinâmica se exerce a grandes distâncias sem intermediários visíveis». Abrange a *telepatia* (telepsiquia passiva) e a *telestésia* (telepsiquia activa).

**Telequinésia** (ou telecinésia) — Deslocamentos supranormais de objectos, sem contacto.

**Telequinetoscópio** — Aparelho inventado por Price para comprovar os deslocamentos de objectos.

**Telergia** — Têrmo criado por Myers para designar a fôrça material que intervém na telepatia. Sudre deu a esta palavra um sentido mais lato aplicando-a a quaisquer efeitos mecânicos, físicos e químicos da fôrça psíquica. Nesta acepção abrange os fenómenos de *telequinésia* e de *hiloclástia.*

**Telestésia** — Têrmo criado por Myers para designar as percepções por via supranormal quando a fonte do conhecimento é o próprio espírito do percipiente. Equivale à expressão *telepsiquia activa,* de Boirac.

**Tiptologia** — Mensagem transcendental obtida por meio de pancadas.

**Transfiguração** — Modificação fisionómica que se observa em certos médiuns quando se manifesta neles uma entidade metanóica.

**Vidência** — Faculdade que têm certos indivíduos de perceberem formas e objectos normalmente invisíveis. Os indivíduos em estado sonambúlico apresentam freqüentemente esta faculdade.

**Voz directa** — *Metafonia.*

**Xenoglóssia** — Uso de uma língua que se não aprendeu e que se não conhece em condições normais, segundo a nomenclatura de Richet.

**Xenonoísmo** — Aparições espontâneas de fantasmas de defuntos.

nosso Centro e pode dizer-se que o fêz com raro brilho, despertando imenso interêsse nos ouvintes.

A fechar o ciclo de conferências dêste ano espiritualista, falou o sr. Abreu Leitão, no dia 28 de Julho, acêrca de «A sobrevivência da Alma».

## Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, somos forçados a deixar para o próximo número a «Subscrição pro-Sede», «Caixa de Propaganda» e «Auxílio a *Estudos Psíquicos*», bem como 10 páginas já compostas, do que pedimos desculpa aos nossos colaboradores.

## Jogos florais espiritualistas

Chamamos a atenção de todos os confrades e leitores para o que, sob esta epígrafe, se diz no n.º 5 de *Estudos Psíquicos*. Novamente os convidamos a remeterem as suas produções, em prosa e verso, até o dia 15 de Outubro p. f.

## Transcrições

A *Revista Internacional do Espiritismo* transcreveu as seguintes nótulas da nossa «Crónica Estrangeira»: «O Espiritismo regenera» e «Uma sessão chinesa».

*A Reincarnação*, por sua vez, transcreveu o artigo «Perispírito», do nosso colaborador Manuel Tavares, além de alguns ecos da secção «Por êsse mundo...». Gratos, pela deferência.

## Emblemas do Centro

Dando satisfação aos desejos de grande número de confrades, o Centro E. Luz e Amor porá à venda, no dia da inauguração oficial da sua sede, um artístico emblema, que deverá ser usado por todos os sócios. O seu preço é de 5$00.

## Sessões experimentais

Como foi anunciado no número anterior, só os sócios munidos de *bilhete de identidade* poderão assistir às sessões experimentais, que terão início no dia 13 de Outubro, às 21,30 prefixas.

## Água mole em pedra dura...

O Espiritismo alastra e contagia... Depois do magnífico semanário *O Trabalho*, de Vizeu, onde o nosso estimado confrade e amigo Ângelo Lameiras Fernandes mantém uma Secção permanente de Espiritismo, na qual tem transcrito quási todos as nótulas da nossa «Crónica Estrangeira», aparece *Vítimas da Guerra*, quinzenário lisbonense, vigorosamente dirigido pelo sr. coronel M. de Campos Rêgo. Êste belo jornal, cuja linha admirável o tem imposto à consideração dum público exigente e numeroso, abriu uma *secção cultural* redigida pelo nosso colaborador Faure da Rosa, que tanto tem elevado *Estudos Psíquicos*, com a sua colaboração esplêndida e criteriosa. O primeiro artigo intitula-se *O inverosímil... «acreditável»* e ocupa três colunas e meia do jornal. O caso do usurário, passado com Axel Munthe e contado por Faure da Rosa, é tão flagrante e elucidativo, que prometemos transcrevê-lo, no próximo número desta revista.

Ângelo Lameiras Fernandes e **Faure da Rosa, leis** dois nomes a quem a Causa deve altos e inestimáveis serviços!

## «Estudos Psíquicos» e as colectividades espiritas

O nosso confrade sr. Francisco Costa, presidente do Grupo Espírita Paz e Caridade, de Aveiro, teve a bondade de nos escrever, comunicando a organização definitiva dêste grupo, naquela cidade ribeirinha, acrescentando esperar que, «no futuro, se estabeleça o intercâmbio entre as nossas duas agremiações e que pleno acolhimento seja feito aos nossos associados, portadores do respectivo bilhete de identidade, pois igual acolhimento será prestado por nós aos nossos irmãos que visitem esta cidade ou desejem assistir aos nossos trabalhos».

Termina por comunicar: «por nossa decisão, é o Centro Espiritualista Luz e Amor considerado sócio honorário do nosso Grupo».

A esta desvanecedora carta já foi respondido, como convinha, agradecendo tão espontâneo gesto de confraternização.

*Estudos Psíquicos* está a estudar a maneira de alargar a sua expansão, tornando-se órgão, não só do Centro Espiritualista Luz e Amor, como, também, dos Centro e Grupos espiritas que no-lo solicitem. Com um pouco de vontade, poder-se-á atingir o interessante objectivo que temos em vista, mediante comum apôio, entre a revista e as agremiações espiritas, disseminadas pela província e que não têm possibilidade de fundar órgãos que defendam e propaguem os seus trabalhos práticos e doutrinários.

## Ofertas de Livros

A Biblioteca do Centro E. Luz e Amor foi há pouco enriquecida com duas belas ofertas de livros. Uma do Dr. António J. Freire e outra da Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro.

Ambas são valiosas e muito contribuïrão para o fortalecimento desta colectividade, cujos associados poderão deliciar-se na leitura de obras excelentes.

A oferta da Fundação Marieta Gaio foi feita por intermédio do nosso Delegado Geral no Brasil, sr. José Carlos de Chelmicki Afflalo, a quem o Centro deve os mais assinalados serviços e compõe-se de cêrca de cem volumes ricamente encadernados.

Aos dois oferentes, apresentamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

---

**Ler no próximo número o primeiro artigo do interessante estudo do Dr. Sebastião Elviro Martins: «Espiritofobia Protestante».**

# Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

| Secretário | Director e Proprietário | Editor |
|---|---|---|
| José Joaquim Gaita | Isidoro Duarte Santos | Pedro C. Dias de Sousa |

ANO 2.º — LISBOA, SETEMBRO-OUTUBRO DE 1940 — N.º 7


# A FALÊNCIA DO MATERIALISMO

por Isidoro Duarte Santos

II

OS sábios físico-químicos que mencionei no último artigo afirmaram que o pensamento era fenómeno subjectivo que só poderia exercer-se por meio das células cerebrais. Mas a telepatia (transmissão do pensamento, de sensações e de imagens, em que o sujeito desempenha função passiva) está integrada no quadro da moderna psicologia. Todos os sábios, desde Frederic Myers a Charles Richet, a reconhecem como autêntica. Nas próprias universidades se têm feito experiências telepáticas, em cursos de psicologia experimental.

O pensamento transmite-se de cérebro a cérebro, com incrível rapidez, sem necessidade de condutores materiais. Esta verdade está superabundantemente demonstrada em milhares de factos, controlados por cientistas de reputação mundial.

O cérebro é receptor e emissor de vibrações, correspondentes às sensações recebidas e aos pensamentos formulados; e, embora as sensações sejam por êle exteriorizadas, todos nós as localizamos noutra parte do corpo.

Se tivermos dôr de cabeça, quebrarmos um braço, ou torcermos um pé, é nessas regiões que sentimos a dor e não no cérebro. Da mesma forma, localizamos fora de nós as sensações de som ou de côr, e não nos nervos respectivos.

— «Os sons vibrantes dum grande sino — escreve Flammarion, apoiado em Taine — parecem-nos vibrar muito longe e muito alto no ar; um apito de locomotiva parece-nos cortar o ar a cinqüenta passos, à esquerda. A localização, mesmo longínqua, é ainda muito mais nítida para as sensações visuais. Vai isso a tal ponto, que as sensações de côr parecem-nos destacadas de nós; não mais percebemos que nos pertencem; cuidamos que fazem parte dos objectos. Acreditamos que a côr verde, que nos parece aplicada a três pés de nós, sôbre esta poltrona, é uma das suas propriedades; esquecemos que ela só existe na nossa retina, ou, antes, nos centros sensitivos, aos quais se transmite a vibração da mesma retina. Se ali a procurarmos, não a encontraremos; em vão procuram os fisiologistas provar que o abalo nervoso que motiva sensação de côr tem início na retina, como o que provoca a sensação de contacto começa nas extremidades nervosas da mão ou do

pé; em vão nos mostram que o éter, vibrando, fere a extremidade do nosso nervo óptico, como o diapasão, que vibra, abala a superfície da mão: não temos a menor consciência dêsse contacto na retina, mesmo quando dirigimos nesse sentido tôda a nossa atenção. Emfim, a côr, de modo algum reside no objecto, nem nos raios luminosos que êle irradia; está na excitação da retina».

¿Que admira, pois, que a transmissão do pensamento e a sugestão mental sejam factos incontroversos, de que a ciência não pode mais duvidar?

E assim como as ideas fazem vibrar as moléculas cerebrais, também a vibração destas moléculas origina sensações e ideas, por vezes tão fortes, que provocam terríveis efeitos fisiológicos.

O Conde de Rochas conta um caso muito frisante, no seu livro «Les forces non definies». Havia num colégio certo porteiro que atraíra o ódio dos estudantes que vigiava. Estes apoderaram-se um dia do pobre homem, fecharam-no num quarto escuro e simularam um julgamento em forma. Relataram todos os crimes que lhe atribuíam e disseram que só podiam ser expiados pela morte, mediante decapitação. Trouxeram o machado e o cêpo. Colocaram êsses instrumentos no meio da sala e declararam ao condenado que só tinha três minutos para se arrepender. Decorrido êsse tempo, vendaram-lhe os olhos e obrigaram-no a ajoelhar-se, com o pescoço descoberto, diante do cêpo. Acto contínuo, bateram-lhe fortemente na nuca com um guardanapo molhado, dizendo-lhe, a rir, que se levantasse. Com surprêsa de todos, a vítima não se mexeu. Sacudiram-no e tomaram-lhe o pulso: estava morto.

Também o Dr. Charles Richet contou na *Revue des Deux Mondes* que, tendo, um dia, seu pai, de submeter um doente a determinada operação de cálculos, êste morreu de mêdo, precisamente quando o cirurgião traçava, com a unha, sôbre a pele, a linha da incisão.

Mas a telepatia, — dizíamos nós, — fêz carreira nas experiências de Myers, de Ochorowics, de Dussart, de Richet, de Darieux, de Carrel, que documentaram, largamente, os seus trabalhos e provaram a realidade do fenómeno, tão natural como o do telefone, desde que dois cérebros estejam em sintonia. Já ninguém se admira da transmissão do pensamento, nem da influência que o ímã exerce na limalha de ferro, nem dos efeitos indutivos do primário duma bobina sôbre o secundário, ao introduzi-la num circuito fechado. Há, mesmo, fenómenos bem mais admiráveis, tais como a análise espectral duma estrêla, a milhões de quilómetros de distância, e as perturbações magnéticas causadas pelas comoções solares.

Ninguém se admira, também, da sugestão mental, visto seus efeitos serem do domínio público.

## Os fenómenos psíquicos e o invisível

¿Por que motivo, então, costumam os sábios desprezar o estudo dos fenómenos psíquicos e espiritas e opôr, até, barreiras intransponíveis à sua divulgação?

Em meu entender, todo o fenómeno é digno de estudar-se. Explicá-los, sem método, nem *criterium*, ou relegá-los para o campo do maravilhoso, como se não merecessem um minuto de atenção, é tão imprudente, como julgar o equilíbrio planetário pelo fuzilar dum relâmpago ou pelo fluxo e refluxo das marés.

Se uma ou outra personalidade sai da rotina, arrostando com os motejos, com a zombaria dos monopolizadores da ciência e pretende observar os factos, sem prevenções, sem ideas formadas, logo mil obstáculos se erguem ameaçadores e o pobre homem só tem dois caminhos a seguir: ou faz como William Crookes, afirmando, altivamente, a realidade dos fenómenos, ou segue o exemplo de Galileu, que abjurou suas ideas acêrca da rotação da terra, para não ser entregue à Inquisição.

A índole das investigações psíquicas afasta, geralmente, a atenção dos sábios, habituados à experimentação puramente material, na floresta das leis físico-químicas. A aventura pelo *invisível* ou pelo *inhabitual* é coisa que os não tenta, a-pesar do universo obedecer a leis igualmente invisíveis, como a atracção, e exercer todo o seu movimento no oceano de *éter*, em que está mergulhado.

— Se eu pudesse reproduzir os fenómenos à vontade, não duvidaria de admiti-los, cientìficamente, — declaram êles, confundindo *observação* com *experiência*. Estes fenómenos *observam-se, apreciam-se*, e ninguém, por mais sábio que seja, os pode relegar para o campo da físico-química.

São semelhantes aos da meteorologia e da

astronomia. *Observa-se* uma aparição, como se observa uma aurora boreal. *Observa-se* a deslocação de objectos sem contacto, como se observa um eclipse do sol ou o arco-íris. *Observa-se* a escrita automática, como se observam os fenómenos vulcânicos.

Observai, pois, senhores materialistas, e deixai-vos de ideas obsoletas, nunca invocando, para firmeza de vossas teses, a opinião de mestres prehistóricos.

Ninguém negue sem provas, por mais incoerente e inexplicável que seja o fenómeno. Negar, por sistema, é refinada ignorância, para não dizer loucura.

Quási todos os grandes fenómenos da natureza se devem a fôrças invisíveis. O vapor de água, o calor, a electricidade, os raios infra-vermelhos, são invisíveis.

A comparação de William Crookes, acêrca da provável ligação entre os fenómenos do universo, demonstra bem a pobreza dos nossos sentidos físicos. Tanto a nossa vista, como o nosso ouvido, estão adaptados para receber movimentos vibratórios reduzidos, para aquém e para além dos quais há muita vida a exercer-se em extarordinária potencialidade criadora.

Segundo o quadro de Crookes, o som mais baixo corresponde a 32 vibrações por segundo e o mais alto a 36.000. O diapasão normal *(lá)* corresponde a 435 vibrações por segundo.

Depois de 36.000, há uma região desconhecida, que vai até à região dos fenómenos eléctricos, correspondente a um bilião, setenta e três milhões, setecentos e quarenta e um mil, oitocentas e vinte e quatro vibrações por segundo. A seguir, uma nova região desconhecida, até atingir a da luz, compreendida entre 400 triliões (luz vermelha) e 756 triliões (luz violeta). Depois, vem nova zona desconhecida, que precede a dos *raios X*, cujas vibrações vão de

288.230.376.151.711.744

a

2.305.843.009.213.693.952.

A seguir, nova região desconhecida...

¿Quem pode traçar limites ao conhecimento? Tudo o que sabemos, é relativo. Por isso, quando negarmos, devemos ser cautelosos e prudentes.

É preciso desconfiar dos nossos sentidos, que nos enganam a cada passo.

Ouçamos Flammarion :

— Vemos o sol, a lua e as estrêlas a girar em torno de nós: é falso. Sentimos a terra imóvel: é falso. Vemos o sol erguer-se acima do horizonte: êle está abaixo do horizonte. Tocamos corpos sólidos: não há corpos sólidos. Ouvimos sons harmoniosos: o ar não transporta mais do que ondas silenciosas. Admiramos os efeitos da luz e das côres que fazem viver aos nossos olhos o belo espectáculo da natureza: em realidade, nem há luz, nem côres, mas sòmente movimentos etéreos, obscuros, que, influenciando o nosso nervo óptico, nos dão as sensações luminosas. Queimamos um pé no lume: é no cérebro que reside a sensação da queimadura. Falamos de calor e de frio: no universo não há calor nem frio, mas só movimento. Como se vê, os nossos sentidos enganam-nos, acêrca da realidade. Sensação e realidade são coisas diferentes.

O magnetismo e a electricidade, são, igualmente, fôrças invisíveis, que ninguém definiu ainda.

Preguntai a um sábio porque é que o pau de lacre friccionado atrai o papel. Não saberá responder. A ciência apenas tem classificado efeitos e deduzido leis transitórias.

— Nem a cabeça mais genial que a humanidade tenha conhecido, jámais compreendeu o mais simples fenómeno físico, — diz o Dr. Alberto Seabra.

Na verdade, o invisível é a base da Física. Invisível é o éter, o átomo, o electrão, e só os seus efeitos são levemente apreendidos. Quanto ao resto, tudo é nebuloso, incompreensível. O papel da ciência é *prever*, pelo conhecimento das relações constantes entre os fenómenos. Mas, daí a negar certos fenómenos, lá porque ainda não foram enquadrados nas leis conhecidas, vai enorme distância, que nenhum estudioso de bom senso se atreveria, levianamente, a franquear.

¿Porquê, pois, semelhante reserva ante factos analisados e comprovados por homens eminentes, como Crookes, Wallace, Richet e Carrel?

¿Havemos de deitar abaixo à Física, só porque apareceu hoje um fenómeno inexplicável? Tôdas as fôrças que existiam continuam a existir. Nem por isso foram derrogadas.

## Miopia intelectual

A miopia intelectual é de todos os tempos e já Lemierre dizia que há muitos indivíduos que tomam o seu horizonte pelos limites do mundo.

Assim parece. Contam-se às centenas os casos típicos de *sábios* que blasonaram dos progressos obtidos por incansáveis investigadores. Damos alguns exemplos, que correm mundo nas obras de outros sábios, invulneráveis ao preconceito. Veremos certas almas cândidas negarem terminantemente o *inverosímil*, o *inexplicável*, o *inhabitual*, como se alguma coisa compreendessem dos segredos do universo, semelhantes a dois peixes que se pusessem a discretear a respeito da composição atómica do chumbo.

Sabe-se que Ptolomeu classificou de *ridícula* a teoria do movimento da terra e que Anaxágoras foi perseguido por ensinar que o sol era maior do que o Peloponeso.

Quando Du Moncet, em 1878, apresentou o fonógrafo de Edison à Academia das Ciências de Paris, um tal Bouillaud, saturado de cultura antiquada, precipitou-se sôbre o representante do inventor americano e gritou, agarrando-o pelo pescoço:

— ¡Miserável! ¡Não seremos ludibriados por um ventríloquo!...

Seis meses depois, o mesmo Bouillaud declarava que, após maduro exame, apenas notara um caso de simples ventriloquia, pois «não se podia admitir que um vil metal pudesse substituir o nobre aparêlho de fonação humana». Para êste conspícuo académico, o fonógrafo era pura *ilusão acústica*.

A decomposição do ar, devida a Lavoisier, assombrou muitos sábios equilibrados, a principiar no químico Baumé, que se revoltou contra o novo processo de análise, estribado em que «os elementos ou princípios dos corpos têm sido reconhecidos e confirmados pelos físicos de todos os tempos».

Mas o próprio Lavoisier, no relatório que apresentou à Academia, acêrca da queda dos aerólitos, declarou, rotundamente, que não podiam cair pedras do céu:

— ¿Se não há pedras no céu, como quereis que elas caiam na terra?

Pois a Academia pôs-se ao lado de Lavoisier e os pobres meteoros tiveram que cair sem licença da douta agremiação, o que podia transformar-se em caso sério...

Os peripatéticos do tempo de Galileu afirmavam que o sol não podia ter manchas e a Academia de Paris negou a existência da faísca eléctrica. Galvani foi apodado de mestre de dança de rãs, quer pelos sábios, quer pelos ignorantes. Contudo, sabia que tinha descoberto uma grande fôrça da natureza.

Harvey teve a mesma sorte, com a descoberta da circulação do sangue. E Jouffroy e Fulton não foram afortunados com a invenção que tornou possível a aplicação do vapor à navegação.

Com os caminhos de ferro, deu-se caso idêntico. Engenheiros houve que pretenderam demonstrar que as locomotivas rodariam sempre no mesmo lugar. Arago chamou a tal meio de locomoção «essa loucura do conhecimento» e disse que «dois trilhos de ferro paralelos não dariam fase nova aos brejos da Gasconha».

Thiers também os motejou e Proudhon declarou, enfàticamente, «ser opinião banal e ridícula pretender que os caminhos de ferro pudessem servir à circulação das ideas».

O grande físico Babinet, do Instituto de França, negou a eficácia do cabo submarino transatlântico.

— O único meio de ligar a Europa à América — dizia — é franquear o estreito de Bearing, a não ser que se queira passar pelas ilhas Féroe, pela Islândia, pela Groenlândia ou pelo Labrador».

Thomaz Young, um dos autores da teoria ondulatória da luz (o outro é Fresnel), foi ridicularizado por *lord* Broughan e a Sociedade Real de Londres recebeu com explosões de hilaridade o relatório de Franklin, acêrca do pára-raios.

Augusto Comte, introdutor da filosofia positivista e fundador da escola moderna, limitava a astronomia à ciência do seu tempo. Por isso, escreveu:

— Concebo a possibilidade de estudar a forma dos astros, suas distâncias e movimentos; mas nunca poderemos conhecer a sua composição química.

Pois, em 1862, cinco anos após a sua morte, surgia a análise espectral que permitia conhecer a composição química dos astros e classificava as estrelas, segundo a sua natureza química...

## A guerra ao invisível

As utopias de ontem são possibilidades de hoje e serão realidades de amanhã.

Há fenómenos físicos que parecem estar fora de tôdas as leis e nem por isso os sábios os desprezam.

Eis o que escreve Flammarion, a respeito dos fenómenos do raio :

— «Aqui, por exemplo, o raio bate numa pessoa que se inflama, como um braçado de palha ; ali, reduz mãos a cinzas, deixando as luvas intactas ; solda os elos duma corrente de ferro, como no fôgo duma forja e ao lado mata o caçador, sem fazer disparar a arma que êle trazia consigo. Funde um brinco sem queimar a pele, despe alguém sem lhe fazer o menor dano, ou, então, contenta-se em lhe tirar o calçado ou o chapeu ; fotografa no peito duma criança o ninho que ela tirava da árvore fulminada ; doura as moedas de prata duma carteira de metal, galvanizando-a, inteiramente, sem que o seu possuïdor seja atacado ; desfaz, num instante, um muro de dois metros ou cai em castelo secular ou paiol de pólvora, sem causar explosão».

¿ Já viram maior capricho das leis físico-químicas ? E, no entanto, êste fenómeno tem preocupado inúmeros sábios, desde Franklin a Oliver Lodge, sem que o relegassem ao plano das fantasmagorias, indignas de figurar nos trabalhos de laboratório.

* * *

Não há razão para tanta guerra ao invisível.

Como se vê, a ciência conhece efeitos, não causas. Às vezes, parece firmar-se em rocha inamovível ; a rocha, porém, rápido se muda em gêlo que o calor dissolve. E lá se vai por água abaixo a esperança, que levou anos e anos a alimentar. Consagra-se, agora, uma verdade científica ; a-final, daí a pouco, verifica-se ter sido mera aparência, puro simulacro.

E neste ritmo avançam as ciências, quando pretendem remontar às causas.

O verdadeiro sábio não deve ser dogmático. Mais vale duvidar daquilo que se estuda, do que negar o que se não compreende.

Haeckel fêz mais do que isso. Negou sem estudar. Julgando impor-se ao mundo culto, atraíu o ridículo. Haeckel tinha mêdo do Espiritismo e por isso o combateu, com extrema violência. Não o estudou : combateu-o. Eis tudo.

O resultado é evidente. Sábio que combate o que não estudou ou estudou mal, é pseudo-sábio, é charlatão. Se Haeckel tivesse estudado a lição, quando se referiu à nossa doutrina, não teria dado tamanho estenderête.

— «Os fisiologistas — diz Carl du Prel — são, mesmo, obrigados a pensar que, por mais incrível que seja um fenómeno, há de, forçosamente, basear-se numa lei da natureza, porque têm o dever de ser francos inimigos do milagre. Por isso, se os fisiologistas tomassem a sério a sua missão, seriam os mais assíduos freqüentadores das sessões espiritas, porque, justamente por não serem milagres, os factos que lá se observam devem ser produto de física desconhecida. Tais sessões deviam interessá-los no mais alto grau; nelas poderiam estudar numerosíssimos fenómenos que lhes enriqueceriam os conhecimentos, ampliando-lhes os desígnios científicos. O fisiologista que deixa de freqüentar tais sessões tapa o caminho, em seu próprio domínio.

«Os factos são tanto mais instrutivos, quanto menos quadram às nossas teorias. O Espiritismo, êsse, é que não cabe nelas — razão de sobra para estudá-lo. É êrro temê-lo. Não é o sobrenatural que êle contém, mas o transcendente. Não encontraremos nele milagre algum, mas apenas causalidade desconhecida. Nada de misticismo, mas tão sòmente o inexplorado. Nada de metafísico, mas simplesmente metafísica».

Sem dúvida. Êles deviam ser os primeiros a freqüentar os nossos trabalhos práticos, a analisar os nossos métodos, a estudar os médiuns e os fenómenos psíquicos. Estou certo de que prestes rectificariam suas opiniões, como sucedeu aos sábios, a quem Haeckel atribuíu imaginação exaltada...

¡ Exaltados Richet, Crookes, Wallace, Lombroso e de Rochas !... ¡ Exaltados estes homens, que iniciaram o estudo dos fenómenos, mergulhados em cepticismo !... ¡ É ter em demasiada conta o senso próprio, para assim julgar o senso dos outros !... Faz lembrar a frase de Lemierre, a que há pouco fizemos referência.

Para Haeckel e seus acólitos, todos os nossos trabalhos e as nossas conclusões repousam em hipóteses. Não é verdade. Mas,

ainda que o fôsse, não faríamos mais do que seguir o método materialista, quando estuda e define os átomos, cuja teoria é pura hipótese.

¡ A ciência sabe lá o que é um átomo !... ¿ Quem já o mediu ou pesou ? ¿ Quem já o lobrigou, sequer ?...

Neste ponto, tôdas as deduções materialistas são, inteiramente, subjectivas, com menos verosimilhança do que as conclusões a que levam os fenómenos psíquicos.

O que ficou exposto demonstra que matéria e espírito são coisas independentes, que o cérebro não segrega o pensamento, como afirmaram e afirmam muitos sábios materialistas, e que o mundo visível é minúscula partícula do Universo.

Falta-nos, contudo, provar que o espírito sobrevive à desagregação da matéria e que o mundo psíquico deve observar-se com *aparelhagem* diferente da que exigem as experiências biológicas.

É o que tentarei fazer no próximo artigo, ciente de que só o Espiritismo científico consegue levantar uma ponta do véu que separa os dois mundos. Será sério golpe vibrado no materialismo, que tem seus dias contados, que não corromperá outra geração, que não mais desmoralizará a mocidade que desponta, como promessa radiosa, tão necessária ao progresso do mundo.

Veremos onde fica a ciência clássica e onde começa a física transcendental, cheia de fenómenos, cuja bizarria iguala, senão ultrapassa, o maravilhoso efeito do raio. Veremos quão grande é o campo, onde o chamado *sexto sentido* exerce a sua extranha actividade, apreendendo as vibrações do ignoto, que nos dão a certeza da continuação da vida, após a morte do corpo, e da comunicação entre os *mortos* da terra e os *vivos* do Espaço.

É necessário alargar o âmbito das concepções humanas e nada aceitar que não tenha passado pelo cadinho da razão. Por outro lado, não devemos levar o rigorismo ao ponto de exigir que tudo seja explicado, antes de ser admitido. Lembremo-nos da advertência de Shakespeare, no primeiro acto do «Hamlet» :

*There are more things in heaven and earth, Horatio,*
*Than are dreams in your philosophy.*

# Desencarnou Oliver Lodge

O Espiritismo acaba de perder um dos seus maiores pioneiros : Oliver Lodge, o eminente cientista, fundador da física moderna e autor de obras admiráveis, em que o fulgor do seu talento se espraia, pleno de luminosas florescências.

Desencarnou em 22 de Agosto último, na idade de 89 anos, sem que a lucidez o abandonasse. Durante trinta anos, os últimos trinta anos da sua existência terrena, escreveu inúmeros trabalhos de refôrço às suas ideas espiritas. Podemos, mesmo, dizer que se entregou, quási exclusivamente, ao estudo científico das manifestações psíquicas, enfrentando, com o pêso da sua enorme autoridade intelectual, a crítica ignorante travestida de sábia.

A morte de seu filho Raimundo foi a causa da sua conversão ao Espiritismo, o que não quere dizer que, antes disso, muito antes ainda, não tivesse estudado e meditado e experimentado.

«Raimundo, ou a Vida e a Morte», é a profissão de fé de um sábio que despreza preconceitos e afirma desassombradamente a sua inabalável convicção. Os diálogos entre o cientista chumbado à matéria e o espírito dum filho querido que se librara às regiões siderais, são qualquer coisa de impressionante que os mais cépticos e renitentes não podem ler, sem vacilar.

É-nos impossível, nesta breve notícia, redigida à última hora, fazer o necrológio dum homem extraordinário que prestigiou a ciência e engrandeceu a humanidade, refugiado sempre em modéstia incomparável. A nossa homenagem será feita brevemente, nestas colunas, e ver-se-à, então, a que alturas ascendeu êste «varão assinalado».

*Sir* Oliver Lodge nasceu a 12 de Junho de 1851, em Pentkull, Staffordshire e cursou a *Grammar School* de Newport e o *University College,* de Londres. Além de muitas obras científicas, consagradas em todo o mundo, escreveu a «Evolução Biológica e Espiritual do Homem», «Porque creio na Imortalidade Pessoal», «A Realidade do Mundo Espiritual», etc., etc.

Em 1891, foi eleito presidente da Secção de Matemática e Física da British Association e sete anos mais tarde era condecorado com a medalha Rumeford da Royal Society. Em 1900 assumiu a presidência da Sociedade Física de Londres e, de 1901 a 1904, dirigiu a Sociedade de Investigações Psíquicas. Em 1903 exerceu o magistério na Universidade de Oxford. Em 1914 era presidente da British Association e em 1919 condecorado com a medalha da Royal Society of Arts. Feito cavaleiro em 1902, por Eduardo VII, recebeu o grau de doutor em ciências por sete universidades : Oxford, Cambridge, Toronto, Vitória, Liverpool, Sheffield e Adelaide. Além disso, era doutor em leis pelas quatro universidades escocesas.

Eis, em breve síntese, quem foi o paladino que acaba de desencarnar, em demanda do plano espiritual.

*Estudos Psíquicos* curva-se reverente ante a memória de *Sir* Oliver Lodge e faz votos para que o seu luminoso espírito continue a interessar-se pelo nosso movimento. Se êle quiser, muito poderá fazer em prol da causa espírita mundial, de que foi estremo e convicto defensor.

# MILAGRES

pelo Coronel Faure da Rosa

O homem, desde que adquiriu a noção do divino, habituou-se a apelar para o milagre, pelo menos nos transes mais angustiosos. E tal noção deve o homem tê-la adquirido logo que pôde e soube usar do raciocínio. Faça-se o que se fizer, jámais será possível arrancar-lha do coração.

Ter relações com a divindade, interrogá-la, pedir-lhe directamente conselhos e mercês, foi sempre o sonho de todos os tempos e em todos os países.

Os índios da América interrogavam o «Grande Espírito» ou as almas dos desencarnados por intermédio dos seus feiticeiros. A mitologia grega abunda em histórias maravilhosas onde os vários deuses se manifestavam aos mortais e guiavam os seus heróis. Em Delfos, Apolo aparecia a Pítia e revelava-lhe o futuro. Em Epidauro os sacerdotes e até certos doentes, viam Esculápio que lhes indicava tratamentos apropriados. Sócrates tinha o seu «daimon» (divindade, génio) com o qual conversava e discutia os próprios problemas metafísicos.

No Velho Testamento, Jeová dirige o seu povo por intermédio dos patriarcas e dos profetas judeus, a quem aparecia com freqüência e dava instruções. O Cristianismo também teve os seus videntes. Sem remontar a S. Paulo, que recebia revelações directas do Cristo, rara é a página da História Sagrada em que não se encontrem nomes de santos favorecidos com aparições divinas.

Diga-se, de passagem, que não era só o bom Deus que aparecia. O deus do mal também se mostrava e não poucas vezes. Durante longos anos, parece que o diabo teve grande prazer em intervir na conduta dos homens. Eram aos milhares os feiticeiros de ambos os sexos que mantinham relações com Satanaz e os seus ajudantes e que pagaram com a vida — quási sempre na fogueira — êste comércio proibido. Os próprios exorcistas discutiam com os demónios por intermédio dos possessos. A chama das fogueiras tornou Satanaz tão popular que Gustave Le Bon dizia, com a sua costumada ironia, que o «diabo era a personagem cuja existência estava mais bem demonstrada».

Deus, a Virgem e os Santos, apareciam e ainda hoje aparecem a algumas pessoas piedosas. Estas pessoas eram e são, em regra, jovens pastores dos dois sexos, como os de La Salette, em França; os de Fátima, em Portugal; os de Ezquioga, em Espanha; os de Beauring, na Bélgica. Todos êles viram a Virgem e de Ela receberam a confidência de certo segredo... semelhante na idea, diferente, apenas, na forma.

Joana d'Arc, uma das mais célebres heroínas de todos os tempos, conversava com S. Miguel, Santa Margarida e Santa Catarina. A religiosa Maria Alacoque teve a visão do Cristo. A famosa estigmatizada Catarina Emerick foi favorecida com numerosas aparições de Deus e de Santos. Santa Tereza de Ávila — mulher excepcionalmente superior — notabilizou-se não só pela sua invulgar inteligência organizadora, mas também e sobretudo, pelas suas visões, pelos seus êxtases.

Por volta do ano de 1500, a Virgem apareceu a uma pastora, chamada Anglése de Sagasen, no vale de Garaison. Muito mais próximo da nossa era, em Pellevoisin, deu-se nova aparição da Virgem que aconselhou o uso do escapulário. Uma das mais celebradas estigmatizadas, Luiza Lateau. também teve visões celestes.

Lourdes e as visões de Bernadette adquiriram reputação mundial; o mesmo está acontecendo, desde há anos, com Fátima e as visões de Lúcia.

Em França a grande maioria dos católicos tem particular fervor pela Senhora de la Salette; semelhantemente, os católicos de Portugal o ostentam por Nossa Senhora de Fátima, como os de Espanha o manifestam pela «Virgem dolorosa» de Ezquioga, e os da Bélgica não se guardam de o mostrar pela «Virgem Imaculada», aparecida em Beauring...

Cronològicamente assinalam-se as seguintes prodigiosas aparições da Virgem:

1 — 11 de Fevereiro de 1858, em França (Lourdes), à pastora Bernadette, de 14 anos de idade.

2 — 13 de Maio de 1917, à pastora Lúcia de Jesus, de 10 anos, em Portugal (Fátima).

3 — 3 de Junho de 1931, a dois pastores, irmãos, António e André, de 11 e 7 anos, respectivamente, em Espanha (Ezquioga).

4 — 29 de Novembro de 1932, produziu-se a mais recente das aparições da Virgem, em Beauring (Bélgica), desta vez a cinco pastores do sexo feminino; Gilberte Degeimbre (9 anos), Andréa (14 anos), Gilberte Voisin (13 anos e meio), Fernande (15 anos e meio), e um do sexo masculino, — Alberto, de 11 anos.

Nota-se que a preferência das aparições cabe a jovens pastores de ambos os sexos — com preponderância do feminino — os quais, segundo os crentes declaram, possuem uma alma pura e desinteressada, — explicação que não é nada abonatória das outras profissões. Os cépticos, porém, aproveitando-se da ingenuïdade da explicação, dizem que é por os pastores serem incultos e destituídos de todo o senso crítico.

Como a prioridade pertence a Lourdes, na França, cujas curas maravilhosas tiveram brado mundial, o vulgo a tôdas chama «Lourdes»: a Lourdes pròpriamente dita, em França; a Lourdes Portuguesa, em Fátima; a Lourdes Espanhola, em Ezquioga, e a Lourdes Belga, em Beauring.

* * *

Zola, no seu livro «Lourdes» apresenta Bernadette Soubirons, a pastora de Lourdes, como rapariga de «simplicidade natural... desejosa de se apagar».

No livro «Fátima» de Antero de Figueiredo, diz-se: «aquele seu modo, muito seu, natural, calmo e simples». Espíritos irmanados na objectivação de ideas, ¡quem sabe se o espírito de Bernadette não teria revivido em Lúcia!

Procissão das velas em Lourdes, procissão das velas em Fátima. Da enormidade da freqüência, em Lourdes, diz Zola: «Corpos em pilha, odor espêsso e angustiado das respirações e das transpirações; aglomeração extraordinária... Havia ali uma promiscuïdade sem nome: homens e mulheres deitados de misturada, atirados ao acaso, uns próximos dos outros, na balbúrdia do cansaço, que os esmagava, de bôca aberta, aniquilados...».

A semelhança com Fátima é flagrante. É Antero de Figueiredo quem a denuncia: «No ar espêsso de tantos bafos e emanações sujas, corta-se à faca o cheiro morno de curral, e os corpos tresandam ao ressuar do parmesão dos pés transpirados... Na casta promiscuïdade de muitos corpos de homens e de mulheres que dormem de encontro uns aos outros...»

Mais adiante, diz Zola: «A' meia noite em ponto começavam as missas que só terminavam ao meio dia...».

O mesmo acontece em Fátima: «Não param as missas, não param as confissões, não param as comunhões» (Antero de Figueiredo).

Bernadette de Soubirons, oito anos depois das aparições — em 1866 — contando, portanto, vinte e dois anos de idade, entra para o convento de S. Gildard, em Nevers, onde veio a ser Soror Maria Bernard, das irmãs de caridade de Nevers.

Lúcia de Jesus, em 1925, oito anos depois, também, — apenas com dezoito anos — entra no Instituto das Irmãs de Santa Dorotéa, em Tuy (Galiza). Mais tarde vem a ser a Irmã Dores.

E. Pascal escreve: «Sem falar de Lourdes e das suas curas milagrosas, Fátima, em Portugal, atrai numerosas multidões... Fátima possue uma superioridade sôbre Lourdes: durante as aparições, o céu apresentava sinais. Muitos dos assistentes viram o sol girar sôbre si mesmo e obscurecer... As curas que se produzem em Fátima são tão numerosas que, à semelhança de Lourdes, funciona ali uma repartição de verificações, a qual publica notáveis descrições dos milagres. A Igreja mostra-se favorável. O Bispo da diocese declara que os feitos de Fátima são dignos de fé. O Papa concede indulgências aos peregrinos (1).

Em Ezquioga (Espanha) o mesmo esplêndido resultado de assistência colossal e de curas milagrosas. Nos anos de 1932 e 1933 não era raro ver um peregrino passar da oração ao êxtase, durante o qual descrevia visões maravilhosas. Conta-se que um homem môço e robusto, Francisco Goicoecha, caiu bruscamente numa espécie de letargia, durante a qual viu a Virgem e diversos santos. Um motorista de taxis, J. Rodríguez, que conduzia turistas a Ezquioga e pelo caminho ia troçando dos peregrinos, recusou-se a subir ao lugar das aparições. Certo dia, porém, uns camaradas obrigaram-no a ir lá. Assim que chegou, caiu numa crise, a gritar que via a Madona. Um fotógrafo, também céptico, foi agitado por violentas convulsões em circunstâncias idênticas. Estas agitações foram rareando de mais em mais. Meses antes de deflagrar a guerra civil, o que mais se observava era o êxtase calmo e profundo.

E. Pascal descreve um dêstes êxtases: «Evarista, jovem de dezóito anos, tem um rôsto simpático, agradável. Dão-lhe lugar no estrado. De joelhos, como os outros videntes, Evarista reza com fervor. Ao cabo de alguns minutos entra em êxtase: olhos revirados, regidez cataléptica, insensibilidade. Pouco a pouco, o rôsto ilumina-se-lhe. Sorri. Parece embevecida diante dum espectáculo maravilhoso. Durante uma meia hora a fisionomia reflecte expressões de grandiosa beleza. A beatitude, a alegria, o contentamento, a piedade... Cada atitude, por sua vez, exprime-a com intensidade indizível. Sem exagêro, Evarista, assim, lembrava Santa Terêsa em êxtase, como se vê em Roma na igreja de Santa Maria. Se esta jovem simula, há que confessar que é uma perfeita actriz. Seria um belo quadro, aquele em que um pintor a reproduzisse em

(1) De Montelo: *Les grandes merveilles de Fatima.*

êxtase... As fotografias dão uma fraca idea da intensidade e da beleza das expressões da extática».

Bernadette, em Lourdes, durante as suas visões, também se transfigurava. Tanto em Lourdes como em Ezquioga, muitos incréus se converteram perante os êxtases sublimes de Bernadette e Evarista.

Ezquioga possue o que não há em Lourdes nem em Fátima: uma estigmatizada, Ramona Olazabal, uma linda rapariga, com 16 anos (em 1933), duma beleza rara. Ramona responde gentilmente às preguntas que lhe fazem e não opõe a menor dificuldade em mostrar a palma das mãos, onde — em cada uma delas — há uma cicatriz rosada de forma triangular. A pele que as cobre é transparente e muito fina. As feridas, mais ou menos, mantêm-se no mesmo estado. O exame mais minucioso e atento não descobre o menor indício de simulação. O caso passou-se assim: Ramona, num dos seus primeiros êxtases, teve nova visão da Virgem que, dessa vez, segurava duas espadas e lhe disse que para dar uma prova retumbante da sua presença ia trespassar-lhe as mãos. Efectivamente, duas feridas apareceram, de súbito, e o sangue correu. Muitas pessoas assistiram a êste milagre.

* * *

O dr. Maistrieux publicou um opúsculo com o título «¿Uma Lourdes Belga?... As aparições de Beauring». A Lourdes belga, porém, apresenta-se muitíssimo mais modesta: nem generalização de videntes, nem estigmatizadas, nem curas milagrosas. Isto não obsta a que a multidão acorra pressurosa para contemplar as crianças que «vêem».

Chegam a juntar-se mais de vinto e cinco mil pessoas, o que origina um esplêndido negócio para vendedores ambulantes, automóveis, caminhetas e outros meios de transporte e... de comércio.

* * *

Bernadette, que, durante as suas visões em Lourdes, conversava com os companheiros, contava, entre outras histórias, a que se referia a um escrivão da localidade que queria ver o diabo e a quem uma bruxa levara a um campo deserto, em sexta-feira santa, à meia noite. A história é curiosa.

«O diabo chegava, magnificamente vestido de encarnado. Sem tir-te nem guarte, propunha ao escrivão que lhe vendesse a alma, o que êste fingia aceitar. O diabo trazia debaixo do braço o registo em que haviam assinado as pessoas da cidade que já se tinham vendido. Mas o escrivão, malicioso, tirara do bôlso uma pretensa garrafa de tinta de escrever — que não passava de uma garrafa de água benta — e aspergia o diabo, que soltava gritos horríveis, emquanto o outro desatava a fugir levando consigo o registo. Então começava uma corrida louca, que durava a noite inteira, por montes e vales, através das florestas e das torrentes. «¡Dá-me cá o registo!» — «¡Não; não o tornarás a ver!» E isto recomeçava e não acabava nunca: «¡Dá-me cá o registo!» O escrivão, por fim, que lá tinha a sua idea, já sem fôlego, prestes a sucumbir, atirava-se para dentro do cemitério, onde o terreno era bento e donde fazia negaças ao diabo, agitando o registo, salvando, dêste modo, as almas de todos os desgraçados inscritos e assinados».

¡A puerilidade da história, serve, talvez, para mostrar como um escrivão consegue vigarizar o diabo!

* * *

A-final, ¿há milagres?... ¿Não há milagres?...

Tudo depende do significado que se quiser atribuir ao vocábulo «milagre». Se por milagre se entender que é «um facto sobrenatural, contrário às leis da natureza», eu estou convencido de que não milagres.

Mas, se lhe dermos a verdadeira significação, isto é, se entendermos que «milagre» não é mais que um efeito cuja causa escapa à razão humana, os milagres existem e encontramo-los a cada passo.

Bernard Shaw, grande cronista e cultor sistemático da maledicência, escreve acêrca de «milagres» em *Androclès et le Lion:* «Há tantas provas de terem sido feitos milagres como as há de se ter efetuado a batalha de Waterloo. Os motivos que levam a acreditar no assassínio de Pompeu são os mesmos que levam a crer na ressurreição de Lázaro. Ambos os factos foram acreditados e postos em dúvida por homens de igual inteligência. Por todos os lados topamos com milagres se se entender por milagre todo o fenómeno que não se consegue explicar. A própria vida é o milagre dos milagres. Se se entender por «milagre» o acontecimento que interrompe o curso normal da nossa experiência, milagres se realizam todos os dias. A Igreja florescente do Cristo Cientista é fundada numa multidão dêsses milagres. Ninguém acredita em todos os milagres: mas tôda a gente acredita em alguns».

Sim. Mesmo o mais convicto ateu, em momentos de angústia diante da inanidade humana para salvar o filho condenado por doença mortal, ¡quantas vezes não será assaltado pela idéa do milagre salvador!...

¡Quantas e quantas curas se operam todos aos dias pela simples aposição das mãos!... Milagres?...

A ciência oficial certifica a existência de curas reputadas milagrosas e contenta-se em enquadrá-las na *psicoterápia,* na *sugestão.*

Mas, não basta dizer: é sugestão. É necessário explicar como é que uma idéa pode transformar-se

# ESPIRITOFOBIA PROTESTANTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

I

O escritor inglês Coulson Kernahan, depois de assistir a uma única sessão espirita, publicou um opúsculo, traduzido em português com o título sugestivo «*Espiritismo — uma experiência pessoal e um aviso*», e que, a acreditar na advertência do tradutor, obteve em Inglaterra um notável êxito de livraria. Compõe-se de sete capítulos, e todos êles, como era de esperar, formam um conjunto de objurgatórias contra o Espiritismo moderno.

O facto do seu autor ser anti-espirita não nos admira, por ser protestante, mas o que nos fere é o amontoado de inexactidões acêrca das origens, métodos e finalidades do Espiritismo que êle endossa a esta doutrina, com a maior sem-cerimónia e falta de provas científicas em que esconde as suas asserções.

São pois essas afirmações levianas e indocumentadas que nós, à boa paz, vamos procurar refutar, dentro das boas normas da tolerância e da caridade cristãs para com os nossos adversários.

Não nos move qualquer animosidade contra a religião cristã reformada por Lutero, Calvino e Zwinglio. Pelo contrário, a ela deve a Europa o livre exame e o advento do racionalismo demolidor dos dogmas ortodoxos esterilizantes. A expansão da Bíblia em mais de 600 línguas e dialetos, assim como o seu preço insignificante, deve-se ao esfôrço desinteressado das Sociedades Bíblicas, com sede nas principais cidades do mundo.

De tôdas as igrejas cristãs, a que mais se aproxima dos nossos postulados, quanto à profligação das afirmações anti-científicas de Roma, é de facto a protestante.

Na Inglaterra, muitos sacerdotes das várias igrejas conhecem e praticam o Espiritismo, sem contudo abdicarem das suas crenças antigas.

No decorrer desta série de artigos que nos propomos escrever sôbre êste magno assunto, verão os nossos leitores como o Espiritismo é encarado na velha Albion.

Entretanto, há ainda um grande número de corifeus protestantes que, ou por ignorância, ou por má fé, ou por ideas preconcebidas, consideram a Terceira Revelação como peste espiritual, cujo contágio é preciso evitar a todo o transe. Essa atitude compreende-se, quando se façam afirmações categóricas e se provem com factos e argumentos irrespondíveis e incontrovertíveis. Mas não é assim que Mr. Kernahan faz no opúsculo a que se fez referência. Nos seus sete magnos capítulos não há uma citação bibliográfica; não se lê nenhum documento comprovativo dos seus pontos de vista; não analisa os factos espiritas baseados nos fenómenos transcendentes, atestados por homens eminentes e conscienciosos; não os compara nem pesa conscientemente sob o aspecto filosófico ou experimental. Emfim, assistiu a uma sessão e daí tirou tôdas as ilações. Depois desta *única* experiência chegou a êste raciocínio concludente: *¡O Espiritismo é uma fraude; o Espiritismo é anti cristão; o Espiritismo deshonra o Altíssimo perante o mundo inteiro!*

São estes aleives, postos a correr mundo, que nós, espiritas, partidários da verdade e coerentes com os princípios cristãos, não devemos deixar passar em julgado.

A nossa doutrina, desde Allan Kardec, seu codificador, tem sido objecto de críticas violentas, mas também em tôda a parte há quem revide essas diatribes, reduzindo ao silêncio os nossos opositores, com a argumentação serena que lhes fornece a eloqüência dos factos indiscutíveis. Não obstante estes tropeços, o Espiritismo sai sempre vencedor e os adeptos vão engrossando as nossas fileiras.

A-pesar-de ainda não contar um século de existência, os seus componentes contam-se por milhões em

---

em acção no sistema vegetativo. Também a certas doenças nervosas, sobretudo em mulheres, chamam «histerismo». A tal respeito, dizia Richet que chamar «histerismo» a uma coisa não é explicar a coisa.

---

*Corrigenda* — No meu artigo «*Infantilismo psíquico*» a páginas 170, 1.ª coluna, 20.ª linha, saiu *aprender*, por *apreender*.

Há porém uma mutilação na 2.ª coluna da mesma página, 38.ª linha: «...só aludem a casos falhados ou sem êle...». O que deve ser, é isto: «...só aludem a casos falhados ou a fraudes e trapaças, com propósito ou sem êle...». A composição saltou uma linha, e a revisão... também saltou.

todo o mundo. ¿Qual será o seu segrêdo expansionista? ¿Será obra de Satanás? É o que vamos ver, ao refutar as afirmações de Mr. Kernahan.

* * *

«Estou convencido de que Deus, levado por altos motivos de sabedoria e amor aos homens, fechou à chave as portas que separam esta vida da outra».

É com estas palavras sentenciosas que Mr. Kernahan começa o primeiro capítulo do opúsculo em causa.

Segundo o seu modo de ver, o Espiritismo é uma ciência, ou antes, um embuste, que quere perscrutar os segredos eternos de Deus, e por isso deve ser anatematizado...

É sempre o mesmo processo, já desmascarado pelo Dr. Carlos Imbassahy, nos seus livros «O Espiritismo à luz dos factos» e «À margem do Espiritismo». Os nossos opositores, quer da cátedra, quer do púlpito, ilaqueados pelos princípios de seita, atacam e menosprezam os factos científicos da nossa doutrina, sem os conhecer e analisar à luz dum critério desapaixonado.

Se o nosso antagonista protestante estudasse os documentos nos quais avultam os factos anímicos e espiritas, descritos por Crookes, Richet, Hodgson, Myers, Aksakof, Lombroso, Bozzano, Flammarion, Doyle, Lodge, Wallace e tantíssimos outros investigadores da Europa e da América, certamente ter-se-ia abstido de escrever o intróito supracitado.

Mas a sua asserção não é verdadeira. *Se Deus tivesse fechado à chave as portas que separam esta vida da outra,* nunca teria permitido a manifestação de tantos fenómenos, observados e controlados meticulosamente em todos os continentes, que levaram tantos cientistas de renome mundial a arrostarem com o sarcasmo dos inscientes e dos cépticos.

Podíamos aqui citar centenas de factos, que se tornaram clássicos pela evidência científica, relatados por pessoas que merecem tôda a confiança nos seus respectivos países; mas como não dispomos de espaço nem tencionamos escrever um tratado sôbre êste magno assunto, registamos apenas estes dois, que são assaz eloqüentes:

*Sir* Russell Wallace e os 33 membros da comissão nomeada pela Sociedade Dialética de Londres, para proceder a um estudo acurado do Espiritismo, eram quási todos descrentes; pois bem; terminadas as experiências, *todos* se tinham convertido à nova doutrina...

¿Quem sabe se a Mr. Kernahan sucederia o mesmo?

O Dr. Hodgson, da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, também era um *descrente* e, querendo desmascarar a médium Mrs. Piper, com quem investigou durante doze anos, *nunca* vislumbrou qualquer fraude nos seus trabalhos mediúnicos. A-pesar-da sua relutância em abandonar as suas opiniões contrárias, não pôde deixar de aceitar a hipótese espirita, em virtude da veracidade se impôr ao seu raciocínio equilibrado.

Mas tanto Hodgson como Wallace não se limitaram a negar e apostrofar a nova ciência que despontava, não; desceram dos seus pedestrais de sábios consagrados e investigaram. Só depois de pacientes e aturadas pesquizas, durante longos anos, se pronunciaram perante os seus concidadãos. ¿É assim que procede a maioria dos nossos contraditores? Não. Por uma questão de comodismo ou preguiça mental limitam-se a negar o que desconhecem, só porque, tudo quanto possa obstar às suas conveniências e interêsses deve ser excomungado e posto no Index...

* * *

«Nada há na palavra de Deus que proíba as investigações científicas. A religião lida directamente com assuntos de ordem espiritual; a ciência refere-se aos factos e leis do Universo físico».

Quanto ao primeiro período, estamos de acôrdo. Quanto ao segundo, depreendemos que o autor não quere que se confundam *assuntos de ordem espiritual* com *os factos e leis do Universo físico.* Dêste modo há um compartimento estanque entre os dois princípios: espiritual e físico.

Ora como o Espiritismo cristão é uma ciência que se baseia na observação e na experiência, reconheceu-se que, no dizer de Ernest W. Oaten, director da revista *The Two Worlds,* «as leis que determinam o crescimento do corpo, não são necessàriamente antagónicas às que determinam o crescimento da alma». Quere isto dizer que tanto as almas, como os corpos, como os mundos, estão sujeitos a uma lei universal chamada evolução. Essa lei, que hoje se mantém firme em todo o mundo científico, a-pesar-de contraditada pelas ortodoxias religiosas, foi confirmada e completada com o advento da Terceira Revelação.

Mas os corifeus protestantes, agarrados à casca da letra dos Evangelhos, não têm mais nada do que a autoridade para êles indiscutível dêsses textos, escritos para uma época tão remota, e que se não adaptam às modernas interpretações científicas. Se os lessem em espírito, como nós, chegariam a conclusões muito pró-

ximas das nossas. Para isso a Reforma do século XVI teria de se amoldar ao século XX...

Não obstante, os protestantes estão mais perto de nós que os católicos.

«O protestantismo — diz Léon Denis no seu livro «Cristianismo e Espiritismo», pág. 147 — o protestantismo, em seu culto e em suas prédicas, aproxima-se vantajosamente, é certo, da simplicidade e das concepções dos primeiros cristãos. Êle não despreza a razão, como faz o catolicismo, mas, ao contrário, respeita-a e apoia-se sôbre ela. A sua moral é mais pura e a sua organização sem fausto e aparato. Suprime a hierarquia sacerdotal, o culto à Virgem e aos santos, as práticas fastidiosas, as longas orações, os rosários, os bentinhos, todo o arsenal pueril da devoção católica.

«Entretanto, por maior que seja a obra da Reforma do século XVI, ela não poderia satisfazer as necessidades actuais do pensamento. O Protestantismo conservou, da bagagem dogmática da Idade Média, muitas coisas inaceitáveis. À autoridade do Papa, preferiu êle a do livro; mas a Bíblia, interpretada mediante o livre exame, não pode ser considerada produto da inspiração divina».

É por causa dêsse véu, ainda muito denso, que os protestantes não se aproximam mais das novas correntes espiritualistas que, como guardas-avançadas do progresso humano, investigam e profundam os porquês da Vida. E a-pesar da audácia e da curiosidade manifestadas por essas correntes, *Deus ainda não lhes fechou a porta à chave...*

* * *

> «Se Lázaro — o irmão de Marta e Maria que Jesus ressuscitou—se Lázaro e o próprio Jesus ressuscitado, tivessem contado aos homens o que viram para além daquela porta, deveria existir algures qualquer memória das suas palavras a êsse respeito. Mas de tal memória não há conhecimento. Sôbre a vida futura, nem Deus revelado em Cristo, nem o único homem a quem foi concedido vislumbrar, pelo menos, um reflexo da vida do Além, disseram o que quere que seja. ¿Poderá, então, um cristão sincero e convicto esperar que o Espiritismo o esclareça sôbre assuntos de ordem espiritual a que Jesus e Lázaro não fizeram a menor referência?»

Eis o que Mr. Kernahan, no fim do primeiro capítulo do opúsculo afirma com convicção inabalável. Conseqüências do véu...

Em primeiro lugar, devemos notar que o Espiritismo, coerente com os princípios científicos, não admite milagres, porque êles derrogariam as leis naturais, eternas e imutáveis. É aqui que está o êrro dos nossos contraditores dos vários sectores religiosos.

Lázaro não podia dizer nada da vida que vislumbrou, porque simplesmente estava em catalèpsia e não *morto,* quando o Cristo o *ressuscitou.* O mau cheiro, que a todos os que presenciaram a *ressurreição* parecia ter, era proveniente do mal de pele de que sofria. É isto o que nos diz João, o Evangelista, nas suas «Novas Elucidações do Quarto Evangelho», cap. XI.

Ouçamo-lo:

«Se Jesus tivesse querido, explicar-lhes-ia qual o motivo da *ressurreição;* mas teria também de elucidá-los sôbre outros *mistérios* que êles não conheciam, e, o que é mais, não compreenderiam nem podiam suportar; o que se daria, porém, mais tarde quando se tivessem tirado dos arcanos da ciência os estudos e os factos do sonambulismo, magnetismo, etc., verdadeiros precursores da Revelação Espirita».

Êste passo de João, obtido mediùnicamente no Centro Espírita de Braga, esclarece-nos como êste *milagre* foi possível...

Para compreender esta explicação é implicitamente necessário que se creia na comunhão dos vivos e dos mortos, e nós já nos esquecíamos de que a maioria dos protestantes repudia êsse *embuste...* Seja como fôr; a razão e a lógica, indicam-nos a aceitar esta hipótese explicativa, porque ela se harmoniza com os conhecimentos científicos inerentes à tal comunhão...

Quanto à pregunta feita por Mr. Kernahan, remetemos os nossos leitores para o Evangelho de João, cap. XVIII, 33-36-37, onde, em resumo, Jesus afirma que «não nasceu e não veio a êste mundo senão para dar testemunho da verdade».

Pela resposta que Jesus deu a Pilatos, compreende-se que êle se refere à *vida futura,* àquela em que todo o cristão crê forçosamente, mas que para muitos não passa de uma crença sem bases racionais e lógicas. Essas bases, quem as veio esclarecer pelos factos foi exactamente o Espiritismo moderno. Se Mr. Kernahan e os seus adeptos as estudassem, ficariam deslumbrados com a descoberta. Porém, o véu...

* * *

O Espiritismo tem inimigos em todos os sectores da grande colmeia, que se chama Sociedade. São os

materialistas, os agnósticos, os católicos, os protestantes... Por tôdas estas correntes laicas e religiosas êle tem sido combatido à *outrance*. Não obstante, êle segue impávido a sua rota e cada vez engrossa mais as suas fileiras. ¿Porquê? Porque os princípios em que se apoia são racionais; mais do que isso: são divinos, porque tem atrás de si os mensageiros de Jesus, seus embaixadores.

Há portanto uma grande diferença, quanto à parte filosófica e experimental, entre êle e o Protestantismo. O Espiritismo é dinâmico; o Protestantismo é estático. O Espiritismo, surgindo depois do racionalismo, demonstrou que não há razão para que a ciência esteja divorciada de Deus. Por isso proclamou a ciência e a religião princípios convergentes e harmónicos, destinados a completarem-se e irmanarem-se para o bem e progresso da humanidade.

O Espiritismo, como ciência, investiga, observa e experimenta. Como não admite *dogmas* nem *milagres*, nunca disse a última palavra.

O Protestantismo extrai dos 66 livros da Bíblia tôda a fé de que se nutre, mas lê-os demasiadamente à letra. É êsse o seu mal. No entanto, como a Igreja Reformada se compõe de variadíssimas seitas, algumas delas admitem já os princípios espiritualistas, e muitos bispos anglicanos, na Inglaterra, aconselham obras espiritas aos seus párocos.

Se os adeptos da religião reformada aceitaram os postulados espiritas, que são, na sua essência, a sobrevivência da personalidade humana após a morte física e a comunhão entre os habitantes do mundo visível e os do mundo invisível, a humanidade terá dado um grande passo no seu aperfeiçoamento moral.

Tudo parece encaminhar-se para êsse fim. Quando o relatório da comissão nomeada pelo Arcebispo de Cantuária fôr publicado e aceito pelos seus sequazes, o Espiritismo transmutará a face do Mundo.

* * *

Vamos terminar as nossas primeiras considerações. Repetimos. Não queremos molestar os aderentes de qualquer religião, nem muito menos os protestantes.

«O homem tem tanta necessidade de uma crença, como de uma prática, como de um lar. É o que explica que formas religiosas, envelhecidas e caducas, conservem ainda os seus adeptos», diz Léon Denis no já citado livro «Cristianismo e Espiritismo».

Para se ganhar o céu não basta freqüentar os templos das inúmeras religiões do mundo. É necessário que sigamos as pègadas do Cristo, naquilo que esteja ao nosso alcance em o imitar. Como diz Ernest W. Oaten, «qualquer crença pode ser justificada, desde que apresente os frutos do carácter e da rectidão da justiça — o amor, a honra, a virtude e a generosidade».

Sendo assim, tôdas as religiões se justificam, visto tôdas serem reveladas e satisfazerem as inquietações espirituais dos seus crentes.

Segundo esta tese, que o Espiritismo respeita e segue, não nutrimos nenhuma má vontade por qualquer comunhão religiosa. Era essa atitude que nós gostaríamos de ver assumida pelos nossos contraditores da cátedra e do púlpito.

# Por êsse mundo...

— A Tenda Espirita Mirim, do Rio de Janeiro, está a construir a sua nova sede, onde já gastou 250 contos de reis. É tal o entusiasmo que reina nesta agremiação, que até os médiuns ali têm trabalhado aos domingos, removendo terras e fazendo outros serviços materiais de grande aprêço. No próximo número, referir-nos-emos, pormenorizadamente, a êste assunto.

— Na cidade brasileira de Campinas foi há meses realizada a *Campanha da Flanela*, promovida pela Associação Feminina Operárias do Bem, anexa à Associação Espirita Caminho da Verdade, com o objectivo nobilitante de preservar do frio os necessitados. Conseguiram obter 62 cobertores e 120 peças de flanela, com as quais fizeram agasalhos, por medida, indo no dia 31 de Maio último fazer a entrega, directamente, aos contemplados.

— Também a Casa dos Espiritas do Brasil, com sede em S. Paulo, comemorou em 31 de Maio último o 1.º aniversário da sua fundação, em que falaram diversos oradores, sob a presidência do Dr. João Baptista Pereira, presidente da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo. Foi filmada em todos os pormenores a interessante festividade, coisa que, pela primeira vez, se regista, nos anais do Espiritismo.

— A Liga Espirita «Greater World», de Londres, espalhou um manifesto, relatando seus fins e a declaração de fé dos associados.

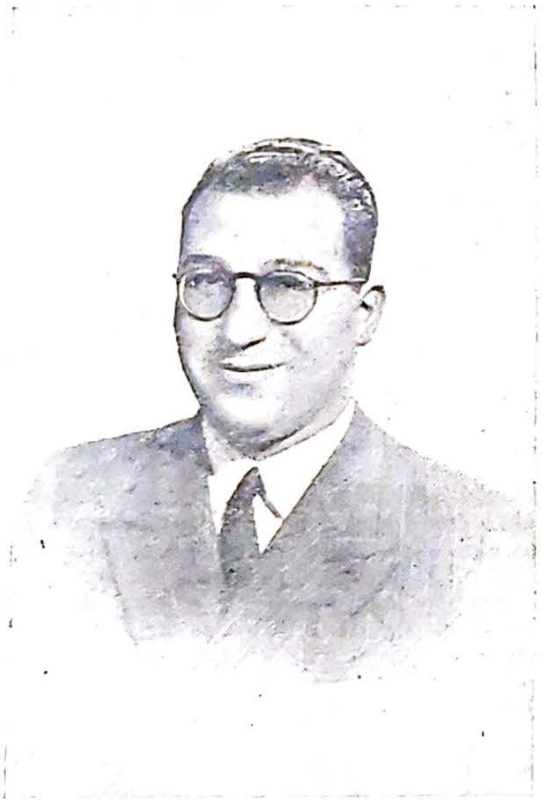
Eis a declaração dos associados: 1.º Creio em Deus, que é Amor; 2.º Aceito a doutrina de Jesus-Cristo; 3.º Creio que Deus se manifesta através do ilimitado poder do Espírito Santo; 4.º Creio na sobrevivência da alma humana e na permanência de sua individualidade após a morte física; 5.º Creio na comunhão com Deus, com seus divinos mensageiros e com as almas que vivem em condições diferentes das da terra; 6.º Creio que todos os sêres vivos, criados por Deus, são independentes e sujeitos à evolução; 7.º Creio na perfeita justiça das Leis Divinas, que governam a Vida; 8.º Creio que os *pecados* cometidos só podem ser expiados pelo próprio *pecador*, pelo poder redentor do Cristo, pelo arrependimento e pelo exercício da caridade; 9.º Esforçar-eme-ei sempre por ser guiado nos meus pensamentos, palavras e obras, pelos ensinos e exemplos do Cristo. Esta Liga tem 585 centros filiados, com 23.000 sócios. Embora discordemos do n. 8, que é reminiscência do protestantismo, publicamos esta notícia a título de curiosidade.

# DEFESA DO VALOR HUMANO NA REALIDADE ESPIRITA

(Tradução de I. D. S.)

pelo Dr. Luiz M. di Cristóforo
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Argentina

Prosseguindo na sua missão de propaganda, *Estudos Psíquicos* alarga e selecciona cada vez mais o quadro dos seus colaboradores, a-fim-de levar o público a interessar-se pelas verdades que procuramos levar ao seu conhecimento.



Dr. Luíz M. di Cristóforo

O Dr. Luiz M. di Cristóforo faz parte duma corrente científica que encara o Espiritismo sob o aspecto de filosofia humanista, tendente à implantação de novo conceito social, indispensável à compreensão do verdadeiro significado de fraternidade e justiça. Nestes termos, ninguém melhor do que êle representaria esta revista, na grande e livre Argentina.

Formado em ciências médicas pela Universidade de Buenos Aires, professor de línguas, há doze anos, em vários institutos, escritor, conferencista, pedagôgo, ensaista de têmas filosóficos e científicos, fundou a Universidade Popular de Urquiza, de que foi o primeiro reitor, sendo, actualmente, secretário do Conselho Directivo e da Reitoria da Universidade Popular de Villa del Parque.

Os seus primeiros ensaios foram publicados em *La Nota Espiritista*, cujo director lhe dispensou, então, as mais altas atenções e o distinguiu com as maiores deferências. Também colaborou, nesse tempo, em *Nuevo Ideal*, onde escreveu estudos interessantíssimos.

Além disso, tem desempenhado altos cargos na *Agrupacion «Camilo Flammarion»*, de cujo *Boletim* é redactor; na *Confederacion Espiritista Argentina*, de que é Vice-Presidente em exercício de Presidente, e no *Instituto Argentino de Investigaciones Paranormales*, de que foi Secretário Geral, sendo, ainda, pró-Secretário de redacção da grande revista *Constancia* e redactor de *La Idea*, órgão daquela Confederação.

Entre as monografias e ensaios de sua autoria, distinguem-se: «El átomo y su mundo», «El Dr. G. Geley y nosotros», «Doctrina de nuevos rumbos», «Nueva valoracion humana», «El problema de la consciência y de la moral», «Una nueva ciência y las conquistas biológicas», «En torno a la ciência», «Nueva interpretacion de viejos problemas», «Arte y filosofia», «Más allá del hombre», «Defensa del valor humano en la realidad espirita» *(de que êste artigo é ligeira síntese)*, «Humanizacion y Espiritismo, etc., etc.

Na carta que nos escreveu, declara ser, para êle, subida honra colaborar em *Estudos Psíquicos*. Não sabemos, em boa verdade, quem deve sentir-se mais honrado: se êle, o cientista eminente, se nós, modestos evangelizadores que, em competência, não podemos ir além da boa vontade.

Não é necessário grande esfôrço para reconhecer que *Estudos Psíquicos* é altamente honrado com a colaboração do Dr. Luiz M. di Cristóforo, que nos dará, em artigos subseqüentes, idea exacta de quanto sabe e quanto vale.

---

*Nas circunstâncias excepcionais que a humanidade atravessa, os idealistas são os mais directos responsáveis, ao explicar o valor de sua ideas, num derradeiro esfôrço para evitar o caos.*

*É necessário compreender que, — acima de tudo, — o que interessa ao homem, é o Homem, com maiúscula, visto que, na actualidade, o que se ventila é, essencialmente, uma profunda questão humanista. Eis, por que é grave o compromisso que nós, espiritas, contraímos, neste momento, em virtude da enorme significação humanista que, em nossa opinião, contém a escola espirita.*

O têma da nossa época, que para Ortega y Gasset consiste no advento das massas, numa nova modalidade de acção que implica nova razão de ser, radica em nós, — mais que em sua verificação dubitativa — a noção mais ou menos exacta que temos da angústia e da crise moral que é apanágio dos homens de hoje.

Esta noção nova das coisas é que dá origem às enormes interrogações que se levantam. ¿Pois, não é de desesperar o que o homem tem feito do homem? Bardaieff, essa grande consciência dilacerada, pregunta se acaso não caminhamos para nova e representativa idade média.

Maritain fala-nos, com muita pena, acêrca da chamada guerra santa, que, de forma alguma, justifica o que, em nome de coisas respeitáveis, se pratica com os homens e com determinados princípios. Russel, traz-nos as achegas da sua sempre estimada cooperação, tratando, com habitual competência, das várias significações e dos conflitos que se erguem entre a ciência e a religião. Mas eis que Von Horvath denuncia flagelo de consciência numa juventude sem noção de Deus, nem de nada; e um mundo sem ideas definidas, — acrescentaríamos nós, recordando Mann, em sua egrégia advertência dirigida à enfêrma Europa, numa lição duplamente magnífica, que todo o mundo deve recolher. Tem-se a noção de que êste período quebra a regra normal da história contemporânea. Com efeito: à vida, paixão e morte dos instintos, especificação natural de primitiva fase humana, sucedeu longo quarto de hora de nascimento e plenitude dos sentimentos deshumanizados, no tocante a tôda consideração fora da parcela material que reconhecia e sustentava. Êste é o desequilíbrio actual proveniente da luta entre o homem e as ideas.

Dada a nossa condição de espiritas, semelhantes factos incidem nos nossos considerandos a respeito do homem e seu destino mediato e imediato.

É preciso explicarmo-nos: o que está em jôgo é a condição humana e, depois, — ou talvez por isso mesmo — a condição espirita. Quando esboçamos a defêsa da cultura, a-fim-de acelerar o conteúdo humanista da civilização, por cima do espírito mecanicista que a informa — e a sufoca, — somos coerentes com os princípios fundamentais da doutrina espirita no tocante à condição «sine qua non» do próprio Espiritismo.

É que a fase humana é meia doutrina e qualidade prévia que condiciona e incide na outra metade que a constitúe, por assim dizer, experimentalmente, nos mil e um cambiantes da variada índole da fenomenografia espirita, novo verbo para humanidade igualmente nova.

Baseadas nestas considerações, surgem, então, as atitudes, na luta sem quartel entre democracia e totalitarismo, entre cultura e barbárie, entre inteligência e civilização dum lado e regressão e obscurantismo do outro. Algumas são inauditas e outras demasiado eloqüentes; a atitude do religioso e do «chauffeur» com seu vício: a velocidade, único vício novo para os nossos dias, tudo isso nos faz meditar, relativamente ao futuro da humanidade.

¿Valerá a pena lutar para mantê-la, nos tipos que já lhe conhecemos? Ou, pelo contrário, sôbre o miradouro angustioso e claudicante de Unamuno, sôbre o esperançoso desejo de Einstein e a interrogação de Ramón Fernández que leva ao pessimismo, ¿temos, acaso, nós, espiritas, valores capazes de levar os homens à emulação de acções construtivas?

Ter pelas ideas todo o respeito que merecem, e usar, ao mesmo tempo, da máxima intolerância, no que respeita à manutenção dos nossos princípios doutrinários, é pôr em evidência a crise moral do nosso tempo. Nota-se, no homem, falta de direcção superior. A lição actual é tremenda: basta contemplar o panorama que nos apresenta o mundo dos nossos dias: destruïção na Europa e no Oriente. Por tôda a parte ondas de sangue rubro e palpitante, direitos postergados, a ordem e a lei embrulhadas em míseras necessidades e propósitos que em vão querem dissimular, adoptando termos e conceitos nobres que, ou permanecem esfarrapados, ou alteram o seu clássico valor humano.

Nós sabemos que existe uma lição atrasada: é o Espiritismo incompreendido, é a tese imortalista que serve de medianeira à nova ciência, é o novo sentido humano assente em lógicas bases de compreensão, de fraternidade e de justiça. Claro está que recordamos Malraux, quando exprime: «Quanto maior é uma causa, maior é o abrigo que ela oferece à hipocrisia e à mentira».

# O Mundo está ficando louco

Crónica de Leopoldo Machado

O mundo está ficando louco! ¡Eis o brado de agonia que da *Psychiatric Foundation*, de Washington, repercute pelo mundo inteiro! Para o dr. Harry Sullivan, presidente da associação médica norte-americana, trata-se de uma «esquizogrenia quási inconcebìvelmente terrível, porque exprime a grave desordem mental de uma era». Esquizogrenia que está dominando o mundo, no século em que o mundo dispõe, cientificamente, de quási tudo para viver calmo e em perfeito juizo! ¡Não lhe faltam especialistas e técnicos para nada, absolutamente para nada!

Para o manifesto da *Psychiatric Foundation*, é a própria civilização e progresso do mundo que o está arrastando à loucura colectiva. Não vimos aí—embora se trate de uma alta sociedade de medicina e da maior democracia do mundo — o Espiritismo apresentado, como se vê por cá, feito o factor desta loucura. Ou, mesmo, um de seus factores.

¿Haverá êrro na afirmação do dr. Sullivan?

Uma análise ligeira da situação do mundo levará o leitor menos psicólogo à exacta compreensão do que se afirma.

A guerra é, para êle, a maior manifestação de loucura colectiva. E também para nós. E a maior porção do mundo já está, podemos dizer, em guerra, ¡Quási 1.800.000.000 almas, dos 2.200.000.000 que devem povoar a Terra, já estão em armas! ¡Em quási 95.000.000 de kms², dos 140 milhões de que consta a litosfera, já se briga! Quere dizer que mais de 70 % da humanidade está em luta. E luta que vai influindo, dolorosamente, nos 30 % restantes. ¡E a guerra está apenas no seu comêço!

Sáia-se do terreno da guerra, que é a morte, para o da vida. ¿Que vemos aí? Valorizar-se, apenas, aquilo cuja valorização nos prova uma revelação de loucura colectiva. Cem milhares de pessoas afluíram ao estádio da última loucura de *box* que se realizou nos Estados Unidos, ansiosos de verem dois homens a se esmurrarem mùtuamente, canalizando, assim, para os empreiteiros da luta e os lutadores, verdadeiras fortunas. E a tais lutas, dá-se o nome de *arte nobre!* Vimos, há dias, num dos mais populares vespertinos cariocas, um tipo de fera humana, de bôca escancarada, com uma falha de dente, que parecia estar uivando ódios ou vinganças terriveis. ¡Era um *boxeur* russo, que estava sorrindo, apenas, de satisfação, para sua multidão de *fans!* Que, nos tempos dos cézares romanos, o povo corresse aos circos de Roma, para aplaudir gladiadores em luta, compreende-se... ¡Em nossos dias, em que o número de diversões, ao alcance de tôdas as bôlsas, toca ao infinito: em que já se conhece e se devia sentir a fôrça do Cristianismo, só por loucura é que se pode justificar isto!

Basta ver, de resto, as multidões que se acotovelam, num louco desperdício de energias nervosas, nos *estádios*, a *torcerem*, loucamente, para que uma bola passe ou deixe de passar, por baixo de um trapézio de madeira, a par do barulho que, pela rádio e pela imprensa, se faz de tanto; basta ver-se, no mês mais quente do ano, porque êste de Fevereiro abrasado, quási uma população inteira aos pinotes nas ruas, entregue à religião de Mômo; basta ver a celeuma que se faz em torno de qualquer figura do *ecran* que aporta a plagas estranhas, para não se duvidar, e nem precisar-se de mais provas da insanidade humana, colectiva, da época.

Paulo de Mantegazza classificou o século das luzes de século nevrótico. E o dr. Sullivan apresenta-o de um nervosismo exagerado, raiando à esquizogrenia, que é, diz-se no manifesto, «uma doença da juventude, caracterizada por uma fenda entre o raciocínio e a emoção, a que se dá o nome de «*rachadura na alma*». ¡Só pode ser fenda psiquica, e problemática, por cima, é claro! ¡Velhos de alma jovem, é óbvio, para as sensações de guerra e as futilidades! E contra essa espécie de esquizogrenia, diz o manifesto do dr. Sullivan, quási não se conhece remédio, visto como «a cultura ocidental está ainda na sua fase juvenil» para tanto. E «a Terra, — continúa afirmando o dr. — não possue hospícios para as nações esquizogrénicas».

¡Entretanto, é dentro dessa cultura ocidental na sua fase juvenil que se vai apontando o Espiritismo como fazedor de loucos! Êle que é, para os que, bem e cientificamente, o estudam, a única psiquiatria capaz de pôr termo a tal situação de angústia, a curar, talvez, tal esquizogrenia!

¡Se «os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos», como escrevera Augusto Comte, são êsses *mortos* — os espíritos atrasados — que, nesta hora de confusão e perturbação em tudo, estão descendo à Terra — que é, para tôdas as religiões, um vale de lágrimas — contribuindo dalorosamente para esta situação de esquizogrenia colectiva, dominante! Para pôr-lhe côbro e obstar-lhe a marcha ascencional, só a fôrça e a lógica e a prática dos Evangelhos

# COMO EU COMPREENDO A SOLIDARIEDADE

por Dinah Santos Lima

I

A palavra solidariedade vem do latim *solidus* e, por isso, se nós fôssemos capazes de lhe dar a devida interpretação e cumprimento, ou seja, exemplificar uma reciprocidade de sentimentos elevados e uma mais perfeita divisão dos bens terrenos, seríamos sólidos, ou melhor ainda, seríamos verdadeiramente solidários, o que equivale a dizer que olhar-nos-íamos como irmãos, que é aquilo que simplesmente somos.

Jesus-Cristo, quando elevou ao Pai, a quem obedecia, a sua prece tão dolorida: «Senhor, perdoai-lhes, que êles não sabem o que fazem», foi solidário, não no crime, mas no castigo, com os soldados que o insultaram e lhe chegaram aos lábios ressequidos pela dor, uma esponja embebida em fel e vinagre.

Nesse transe de indiscritível tortura, foi ainda em misericórdia que o seu pensamento envolveu os algozes. A essência da sua prece fez com que, do Céu à Terra descesse sôbre o espírito dêsses soldados, a caridade divina.

E Êle, essa figura excelsa que, para nós, representa tudo quanto de belo podemos encontrar na existência, visto que só por meio da sua voz divina conhecemos a verdade viva, a fé, o amor racional e a tolerância, amparou com a sua prece os desgraçados soldados que, cêdo ou tarde, lavariam a nódoa que o insulto e a deshumanidade haviam feito nas suas próprias almas.

Êle sabia-o e, por isso, falou assim.

* * *

Vinte séculos são decorridos e, pensando bem sôbre aquilo que não vimos — ¿quem o sabe? — e o que vimos hoje, salvo o desenvolvimento material, parece-nos, numa visão rápida dos factos, que, intrìnsecamente, a humanidade continua sendo a mesma.

¿Porque sejam utópicos os nossos anseios de evolução? Não. ¿Porque seja vão e inútil todo o nosso esfôrço pela vitória do bem? Também não. Mas, simplesmente, porque muitos são os que se esquecem de que não pode haver progresso, duma maneira geral, e, muito menos, evolução sem que cada um procure estabelecê-los em si mesmo e de que não nos deve acompanhar outro interêsse, nem devemos extrair dêsse progresso outro benefício, que não seja a nossa própria evolução.

Só assim começaremos servindo o progresso social.

Brotará então na nossa alma um grande entusiasmo, cheio de alegria, pela finalidade que demos à nossa vida.

Com todo o carinho amaremos a nossa obra, constatando os nossos próprios progressos, os nossos trabalhos de auto-sugestão e doutrinação, a facilidade com que nos corrigimos e, por fim, o gôsto de nos governarmos.

¡Que prazer inefável não sentimos quando, ao perscrutarmo-nos, reconhecemos que já não fazemos hoje o que éramos capazes de fazer há um mês ou há um ano!

Quando verificamos que outros fazem e aceitam aquilo que nós podíamos também fazer e também, como êles, auferir os proventos que êles auferem, ¡que amor não sentimos por aquela fôrça superior que nos elevou acima do nível de tantas baixesas que saturam o Mundo!...

Adejar sôbre a lama em que está ainda embebida grande parte da alma da humanidade e não se deixar conspurcar por tanta subserviência é um atributo raro, que se situa, sòmente, entre aqueles que muito têm sofrido, quer no plano material, quer no plano moral e no espiritual.

Procedendo assim, reparamos que o caminho que percorremos é bastante solitário e que apenas nos acompanha a triste mas consoladora compensação de encontrar nos poucos companheiros aquela afinidade

---

interpretados em espírito e verdade, que não através de religiões sectaristicas. ¡E muita oração e vigilância! Oração, de molde a propiciar a iluminação dessas fôrças inferiores da Espiritualidade. E vigilância, a-fim-de não cairmos em tentação. ¡De não cairmos na tentação para que o mundo está resvalando!

*Rio de Janeiro.*

do espírito que irmana as almas e as transporta acima do vulgo, êsse vulgo que curva a espinha em permanente beija-mão ao vil metal e aos preconceitos sociais, alguns bem deprimentes.

* * *

Para facilitar a nossa auto-evolução, basta que nos rodeemos de uma inexpugnável muralha de bem com o mínimo de brechas, susceptíveis de ser penetradas pelo mal. *¿E o que é o mal?* É tudo quanto repugna à nossa consciência; *é qudo quanto nós fazemos aos outros mas que não queremos que nos façam a nós.*

*É imprescindível que tenhamos a coragem de nos afastar de muita coisa má que a civilização nos impõe como boa,* ou então seleccioná-la, em conformidade com os imperativos da nossa consciência. E, mais tarde, quando realmente soubermos o que queremos, podemos considerar-nos como bons auxiliares da obra de Deus e encaminhar a humanidade para uma vida, mais solidária e mais humana.

Então, a nossa alma sentir-se-á penetrada por um poder mais alto que o poder dos homens, o qual nos concederá a felicidade de contribuir para que a Suprema Causa triunfe, — a Bem da Humanidade.

* * *

*A afirmação de que um homem pode descuidar os seus deveres morais para contribuir para um fim geral* — diz-nos Leon Tolstoi, na «Correspondência» — *é errónea.*

O mesmo seria dizer que um ferreiro deve descuidar-se do seu trabalho e encarregar-se da direcção da oficina.

Não. Não é isso. Ambas as coisas devem realizar-se simultâneamente, e é bem que assim seja, e só desta maneira se consegue a harmonia desejada.

Continua falando Tolstoi:

*Para cumprir a vontade de Deus é necessário a um tempo: a razão e o amor, a verdade e o bem.*

*«É preciso que a razão seja carinhosa e que o amor seja racional.*

*«O fruto da actividade do espírito é a verdade, o resultado da actividade do amor é o bem.*

*«Mas para que dêem fruto é necessário que estas duas actividades concordem: o bem surgirá apenas do amor, contrastado pela verdade, e esta brotará ùnicamente da actividade da razão que adora o bem».*

Tudo quanto Leon Tolstoi diz, não está certo, está certíssimo.

¿O que é a vida sem a missão de bem-fazer?

¿De que nos serve viver, sem um incentivo de real beleza que nos permita esvoaçar do mundo do imponderável, o mundo da Idea, para a Terra que tudo nos pode dar e tudo nos daria, se não estivessemos possuídos do mais absoluto negativismo pela nobreza do espírito?

¿Viver para comer, para dormir, para os gozos materiais, efémeros e transitórios? Não. Viver, sim, mas para sentir, sentir para amar, desdobrando o nosso amor em mil facetas de luz.

¿E depois?

Polinizá-la, expandi-la, dar forma a essa luz ingénita que guardamos e defendemos acima de tudo e contra tudo.

Não deixar morrer nem esfacelar essa centelha divina que acarinhamos e que transformámos, com os nossos mil sacrifícios diários, no poder que nos confere a auto-evolução, e nos leva a combater eficazmente o egoísmo.

Por isto mesmo é que aquêles que, pela sua condição interna, são insaciáveis de fraternidade, se enervam com o poderío dêsse vampíro.

Êsses, na sua ânsia de evolução, querem galgar o espaço, penetrar o impenetrável e desvendar os mistérios do ser e do não ser, com o fim de estrangular o mal e de conseguir que, dum jacto, o sol nasça para todos.

¡Aspiração sublime! ¡Maravilha potentosa da estrutura humana, bem humana, que quere que todos saibam o que nós sabemos, que sintam o que nós sentimos.

Mas, ¡quão difícil é a realização desssa aspiração sublime!

A evolução não se faz aos saltos; progride sempre; mas é lenta como a acção do mar.

¿O que é que lima as arestas da rocha, senão o mar? ¿O que é que transforma a pedra bruta e disforme, agreste e selvagem, numa renda frágil de arabescos inconcebíveis? Ainda o mar. O mar que, no seu ruminar lento mas constante, nos seus afagos bravios mas caricíosos, vai dominando a matéria bruta. E num trabalho milenário, levado a efeito inconscientemente, obedecendo a um Chefe desconhecido e cumprindo um programa ignorado, vai realizando a obra do progresso, fazendo com que duma rocha bruta e disforme, agreste e selvagem, surja, um dia, uma flor humílima, gerada duma seiva inesgotável, que beijará uma nova rocha...

* * *

A evolução e o progresso, são leis irrevogáveis que ninguém pode negar e de que ninguém pode duvidar.

Entretanto, como a sua execução é lenta, todos aquêles que vêem cair, diàriamente, os seus irmãos

mais novos, que não sabem ou não podem defender-se, quereriam vêr fazer-se, dum jacto, tudo aquilo que há-de fazer-se, sim, mas só com o rolar vagaroso e calmo dos séculos sem fim.

A-pesar-disso, em abôno da verdade, devemos repetir convictamente, porque os Evangelhos já no-lo ensinam e porque tudo no-lo indica, que os tempos são chegados.

E, se assim é, temos o dever de desenterrar das cavernas do materialismo grosseiro, que pretende sufocar o Mundo, as atitudes solidárias, únicas, talvez, que têm plenos poderes para mudar a face às sociedades humanas.

¿Porque não daremos à nossa Idea a plasticidade indispensável, até que ela chegue à realidade?

É preciso cultivarmo-nos bem e cultivarmo-nos muito.

Não estacionar ,não emmudecer perante os sistemas imobilizantes do definitivo que oferecem o grande perigo de emparedar a mais livre entre as mais livres faculdades do homem, — o pensamento.

Ao abraçarmos qualquer filosofia ou religião, devemos sempre evitar de cair no êrro de as supormos irrevogáveis e inatingíveis pela dúvida. O que hoje nos parece bom, amanhã pode ser substituído pelo melhor, que é inimigo do bom. Contentar-se com uma certeza sôbre qualquer credo, seja qual fôr o seu aspecto, é negar a evolução.

Quem assim julgar os problemas, estagnou, do que se pressupõe, que apodreceu.

Parar não é progredir, é adormecer. E o sono é irmão gémeo da morte.

Nós não queremos o repouso eterno, que é anti-progressivo; queremos a vida, a actividade geradora, a fonte indispensável e inexaurível que há de auxiliar a auto-evolução.

* * *

Diz-nos Tolstoi, ainda na sua «Correspondência»:

*«Nada impede mais o movimento que uma forma determinada, que a atenção fixa em si mesmo, a consciência de alcançar certo grau.*

*O parar junto à meta, o isolamento no deserto e a vida comunal podem ser temporàriamente necessários aos homens, mas como fórmula perpétua constituem uma falta e uma loucura evidentes.*

*Viver vida pura e santa junto à meta ou na comunidade, não deve ser, porque o homem está privado de metade da vida, da comunicação com o mundo, sem a qual a vida carece de objectivo.*

*Para viver sempre assim é necessário enganar-se a si próprio, pois que é evidente que é tão impossível viver só ou em um grupo de santos em meio de um mundo que vive na violência e na luxúria, como separar por um processo químico um círculo de água pura de um rio lamacento.»*

Daqui se deduz:

1.º — Que devemos trabalhar para a nossa evolução;

2.º — Que devemos fazer evoluir os nossos irmãos; dar-lhes de graça o que de graça recebemos e, para isso, se tanto fôr preciso, descer a tôda a profundidade da dor sem nos deixarmos tragar por ela.

Aplico aqui, também, uma linda frase do grande poeta índio Rabindranath Tagore: «tudo o que existe vibra com a vida, porque saiu da vida.»

¿Como podemos nós, que estamos cheios de vida, vibrar com a inacção? Só a inércia é contrária ao progresso e só o dogma é contrário à evolução.

O dogma, porque é inexplicável e incompreensível, é estático, é imitativo da verdadeira morte, a morte do espírito!

A vida, porém, só vive da inovação, e a inovação é sempre a forma que um insatisfeito tem, de manifestar a sua aspiração para uma finalidade melhor.

¡Que insípida não seria ainda mais a vida, se não nos aguilhoasse esta ambição constante do saber e da verdade!

Sem esta ânsia que nos transforma em escravos da nossa própria Idea, ¿onde poderíamos viver, sem cair no marasmo da inércia?

As flôres sacodem-se para que exalem maior perfume e a nós, para que se viva, sacode-nos esta aspiração de atingir o Inatingível — a perfectibilidade — verdadeiro sonho de Ícaro que nos atrai para o Céu, para, em seguida, nos despenhar, em queda dolorosa, sôbre as trevas da nossa ignorância.

Mas, emfim, ao menos, Lá, num vislumbre mágico, o espírito absorve a luz, a fôrça, o dinamismo poderoso e orientado que lhe permite cortar a terra em tôdas as direcções, atravessar tôdas as fogueiras, sem se deixar deminuir nem inutilizar.

¿E quem melhor do que o espírita pode fazer tudo isto?

¿Quem melhor do que o espírita, pode conhecer quanto é oportuno o ser bom? ¿Não bebemos nós o elixir da longa vida, quando mergulhámos na essência dos Sermões da Montanha?

Impõe-se, mas com alma, que se queira ser bom.

* * *

Porque é preciso evoluir e porque a corôa da auto-evolução é fazer evoluir os outros, é que aquêles que já possuem um pouco de luz, a devem colocar bem alto para alumiar o caminho aos viandantes transviados — tantos apenas por ignorância e por fraqueza—.

Muito embora ninguém possa duvidar de que a evolução também se faz na razão directa da qualidade

# UM ALTO TEOREMA

(Tradução de I. D. S.)

pelo Dr. Rodrigo Sanz

O escritor mexicano Alfonso Reys — o *caçador*, como, geralmente, assina os seus trabalhos — deixou-nos o precioso «Diálogo de mi ingenio y mi conciencia», em que descreve um pesadelo. Eis aqui um extracto:

«Era eu mesmo, mas esbelto e subtil: rôsto sorridente, olhar fogoso, voz sonora, cheia, e andar ligeiro, que mais parecia vôo de ave, do que calcurrear de humano.

«Eu ia também ao lado, mas obeso e lento; rôsto largo, olhar vago, fala grossa e áspera.

«E o último e definitivo *eu*, que eu não via nem sentia, mas que me explicava as aparições do sonho, disse-me: — «Aquêle é o teu espírito; esta é a tua consciência. Tua alma reparte-se por ambos; e, assim, não é raro que, em meio do riso, chores, e, em meio do pranto, sorrias».

«Os três falaram, sucessivamente.

— «¡Para mim, as flores! — exclamou o espírito, em voz de clarim —. As flores e as campainhas, os perfumes da Arábia, o riso varonil, a solidão completa, a vida livre do viandante! Por minha causa, há uma bandeira de gala no seio da criação. Por minha causa, passa o meu senhor horas amáveis, de dia e de noite, que ardem no fiozito azul do tabaco ou se diluem com os torrões de açúcar, nas chávenas de café.

— «¡Para mim, os cardos! — gemeu, em surdina, a consciência —. Os cardos e as campainhas fúnebres, o sabor da cinza, o pranto da aflição, o suor da fadiga, o rápido selar dos cavalos e a fuga trágica, no frio do amanhecer! Por minha causa, flutua, em partículas, uma árvore de mostarda, no seio da criação! Por minha causa, passa o meu senhor horas cruéis, que esfriam o amor, emquanto cresce o farol gelado da inteligência, que consome, sem acalentar!»

«E disse-me, depois, o terceiro *eu*:

—«Quando acreditas na seriedade da vida, a tua consciência avança, como operário que se aproxima da oficina, de fronte erguida e braços desnudos. Então, o teu espírito, que, em estrutura, supera a tua consciência, assoma sôbre o ombro do operário, e sugestiona-te, de modo que a vida te pareça um miserável formigueiro... Se te dispões a rir, impedir-to-á a consciência. E assim vives, juntando teus risos às tuas lágrimas, em satisfação do espírito e da consciência, dois lôbos esfaimados que se disputam o domínio de tua alma».

«Nisto, sucedeu uma coisa que sempre me conturba: notei que o meu espírito era homem e a minha consciência mulher; que aquele a cortejava e que esta se rendia, chorando.

«Exaltei-me e comecei a gritar:

«— ¡Insensato! ¿Que sabes tu de suas lágrimas ou entendes de suas penas? ¿Que hás de engendrar em suas entranhas fecundas, tu, que és, apenas, o sorriso do conhecimento, a opinião do espírito acêrca da n...

---

e da quantidade dos espíritos que baixem até nós, o que é inegável é que, a-pesar do seu avanço e realidade comprovados, se alguém me preguntasse: «Se hoje Deus nos enviasse novamente o Divino Mestre, ¿como seria Êle recebido?» eu responderia: exactamente como da última vez: ¡com perseguições, com insultos, com o martírio e com a morte!

E do mesmo modo que há 2.000 anos, se Cristo voltasse a êste mundo, na Galileia ou na China, teria de proceder à expulsão dos mercadores do templo, teria de condenar os fariseus que faziam retinir as suas moedas nas arcas às portas das sinagogas e teria muito quem o injuriasse por curar ao sábado. Seria, igualmente, repelido por perdoar às Marias Madalenas e por acompanhar com gente da mais humilde proveniência e de misteres despresíveis. ¿Mas, porquê? ¿Porque a gente do povo é humilde e simples?

Talvez; mas para Êle, ela valia mais do que tôdas as riquezas das gentes poderosas e, tanto assim, que foi entre ela que Êle quis nascer, viver e morrer. Foi para ela que viveu e foi por ela que morreu, sobretudo por ela.

Não esqueçamos, porém, que essa massa anónima, resignada e sofredora, num carinho feito de êxtase e compreensão, foi quem teve coração bastante grande para O amar, sem exibicionismo; inteligência bastante profunda para O compreender e abnegação e desprendimento para O exemplificar e seguir.

Galvanizada por Ele, essa massa anónima, rude e insignificante, fêz prodígios, que nós, hoje, nem pàlidamente imitamos.

¡Triste é que se verifique que, após dois séculos de metamorfose, ela continua vivendo na ignorância dos princípios básicos da vida!...

téria ?... E tu, néscia vulgar que acreditas em duendes, ¿ que entendes ou conheces de seus risos e alegrias ? Tu, que és, apenas, o amargo da vontade, a desesperação da matéria ante o espírito, ¿ que poderás aproveitar da sua semente ?... ¿ Que união é esta e que monstro de duas cabeças ofereceis ao meu exaltado arbítrio ?»

«E detive-me, a tremer, porque aquêles dois fantasmas, varão dotado de asas e fêmea armada de navalha, se reproduziam em larga geração de gnomos, todos parecidos comigo mesmo...

«Ao abrir os olhos em sobressalto, ainda me chegavam palavras do sonho. E vi, claramente, que o espírito dizia à consciência, significando ético entusiasmo que ela lhe despertava : — «Teu colo é como a Tôrre de David, que foi edificada para exemplo : mil escudos de valentes caíam dela.»

«E a consciência requebrava o espírito, significando a embriaguez vital que êle lhe infundia :

— «Teus olhos vermelhos de vinho, teus dentes brancos de leite.»

* * *

Aparte as belas imagens e frases expressivas, eis aí uma fina e profunda observação psicológica, que apresenta, não já a nossa manifesta dualidade interior, quando dialogamos connôsco próprios, mas também a forçosa trindade que então produzimos e somos, porque um terceiro *eu* é muda testemunha que, no final do diálogo, ou em suas interrupções evidencia a nossa trina companhia, durante o monólogo em colóquio.

É que tôda mente reproduz a Trindade Divina, em sombra e movimento (e pela nossa podemos convencer-nos da outra), porque tôda mente tem *re-flexão* ou *volve sôbre si,* em acto consciente, tomado como objecto um acto próprio.

No acto reflexivo, *acompanhamo-nos;* e com tão revelante companhia, que em conversação interior nos tratamos *por tu,* quando estamos em atento exame, apertada indecisão ou evocando plácidas memórias. Cem vezes no mesmo minuto nos devemos ter surpreendido em tais cogitações, ora torpes ou perspicazes, ora tímidos ou animosos, ora serenos ou aflitos ; e teremos, certamente, verificado que o *eu* perspicaz, animoso ou sereno, censurava ao outro a sua torpeza, timidez ou aflição.

Esta última dualidade consciente aparece sempre, de modo natural e inevitável, quando *nos vemos,* como podemos ver-nos, que é *num acto* nosso interior. É facto que tem de dar-se em qualquer mente e com nitidez nas mais desenvolvidas, porque é próprio da mente agir sôbre si mesma, com a maior imanência vital, a que chamamos reflexão ou cogitação... E como do pensar e mentalizar é que provém o ser, a que chamamos *pessoa,* semelhante dualidade produz o efeito de *duas pessoas num indivíduo,* de outro *eu* que sou eu mesmo e a quem trato por *tu.*

Mas também já nos devemos ter interrompido nessa conversação interior, surpreendidos pelo *monólogo dialogado* que ela representa ; pelo menos, ao terminar o colóquio, teremos reparado com estranheza no que acabava de suceder-nos. E então, com maior surprêsa ainda, poderemos começar a ver que um terceiro *eu,* precisamente o que agora se estranha, se surpreende ou se ri, presenciava silenciosamente o colóquio, sem ser o *tu,* nem o *eu* que nele vinham envolvidos. Essa testemunha que não dizia nada, mas que estava ali, porque aparece a dar conta, razão e juízo do que presenciou, é a terceira pessoa que, naturalmente, inevitavelmente, aparece com nitidez em tôda a mente desenvolvida, no seu acto genuíno e característico de *re-flexão* ou *con...sciência...* É que, em tôda reflexão mental bem definida, há, por necessidade : quem *vê* um acto próprio, quem é *visto* como objecto dêle e quem *vê que se vê* nele. Pouco importa que o terceiro *quem* não se manifeste até o fim, ou permaneça sem mostrar-se, emquanto meditam os outros dois, pois concorre e presencia, visto que, no final ou em qualquer interrupção, se mostra sabedor.

* * *

Pois agora *transportemos essas notas* — como se diz em Música — à clave divina. Esforcemo-nos em concebê-las na Mente *de um só acto,* sem sucessão, nem possibilidade de mudança... E, de maneira inevitável, compreenderemos que essa Mente, *vendo o acto,* há de ser justamente um *Quem* que plenamente se vê, um *Quem* que plenamente é visto, um *Quem* que plenamente vê que se vê; e com relevância tão grande, que as três pessoas serão contínuas e *indestrutíveis,* realíssimas e *essenciais,* como co-agentes integradores do acto divino; de tal modo que Deus *não pode deixar* de estar ali, *em trina companhia de si mesmo.*

Êste altíssimo conceito filosófico parece que procede da filosofia alexandrina e neoplatónica e que dela foi tomado pelos Padres da Igreja ecuménica, na altura em que êles, como organizadores da Cristandade, formularam os seus dogmas, pois o primeiro dêles é o da Trindade Divina.

Nos séculos de grande cultura teológica, qualquer europeu letrado sabia expor êste conceito, com palavras e ideas fáceis e precisas. Bem simples é a exposição, como se vê, se a auxiliarmos com a observação psicológica do que nos sucede todos os dias, e com a

# Campanhas sociais do Espiritismo no Brasil

por Ismael Gomes Braga

*O Prof. Ismael Gomes Braga, que hoje inicia a colaboração nestas colunas, é uma estranha organização posta ao serviço do Espiritismo. Activíssimo, jovial e comunicativo, levou a sua mocidade a propagar o Esperanto, de que ainda é acérrimo cultor. Depois, aportou à Seara Espírita e aqui trabalha afanosamente, apresentando os dois ideais entrelaçados no mesmo ramo, que a sua alma aberta oferece, generosamente, a quem o lê.*

*Durante muitos anos, espalhou artigos por quási todos os jornais espíritas, brasileiros e estrangeiros, já traduzindo monografias de Bozzano, já organizando secções especiais, em que dava a conhecer o movimento espírita mundial.*

*Hoje, faz parte da Federação Espírita Brasileira, como director da Secção de Esperanto, aberta há pouco tempo, mas já prometedora dos mais belos frutos. A êle se deve «Esperanto sem Mestre», Esperanto-Modêlo», «Manual Completo de Esperanto», «Primeiro Manual de Esperanto», «Método de Esperanto» e «¿Veterano?», editados por aquela agremiação.*

*O presente artigo, assim como outros que se seguirão, está há muito à espera da sua fotografia, para ser publicado. Como ela ainda não chegou, devido à dificuldade das comunicações postais, aí vai o artigo.*

*Ismael Braga é sincero e velho amigo e por isso dispensa qualquer cerimónia da nossa parte. Bem sabe que o apreciamos e estimamos e tratamos como se fôsse da casa.*

---

QUEM se dê ao trabalho de ler as velhas colecções de *Reformador*, dos anos de 1883 e seguintes, perceberá que a primeira campanha dos espiritistas no Brasil foi pela abolição da escravidão. Seguindo caminho oposto ao dos agitadores de massas, os nossos irmãos daquele tempo falavam ao coração dos senhores de escravos, fazendo-os sentir a injustiça do regime e a necessidade de uma abolição pacífica, cristã, que evitasse o derramamento de sangue em guerra civil, facto já então tristemente verificado na América do Norte.

Graças aos céus, a abolição se consumou em 1888 sem perturbação alguma da ordem, com uma simples assinatura da Princesa Isabel, a Regente do Império, que se tornou ídolo do povo sòmente por haver assinado êsse Decreto que entrou para a História com o nome de Lei Áurea.

Novas campanhas foram iniciadas pelos pensadores espiritistas, sempre pelo mesmo processo da persuasão, da palavra dirigida ao coração e contrária a tôdas as formas de violência, mesmo a das palavras rudes. E novos resultados vêm sendo obtidos em tôdas essas pelejas do cérebro e do coração.

Assistência social, alfabetização das massas, liberdade de cultos, oficialização da medicina homoepática, etc. São pugnas em que sempre esteve empenhada a imprensa espírita brasileira. Muito pouco nossa imprensa tem-se preocupado com os fenómenos espíritas, se compararmos nossos jornais com os de alguns outros países. Parece que aceitamos quási sem discussão a fenomenologia tôda, para passarmos imediatamente à aplicação prática da doutrina decorrente dos fenómenos.

A obra espírita, rialmente grandiosa no Brasil, vai sendo de carácter social, de colaboração com o Estado, na solução dos problemas de assistência pública. Nesse sentido, o movimento espírita brasileiro ocupa posição de relêvo no mundo todo, talvez única no pla-

---

idea ontológica do que é a *Mente* e a sua reflexão. É, certamente, um verdadeiro *teorema*, demonstrável por contradição da negativa, ou redução ao absurdo, que é a mais segura e apodítica demonstração.

* * *

O Espiritismo, que em tôda a parte busca a verdade e dela necessita em Teodiceia, bem pode tomar e apropriar-se dêste teorema, tal como fica formulado, que é como se oferece, evidenciável ou demonstrável.

O Espiritismo é Ciência nos actos psíquicos observados e comprovados, positivamente; mas tem que ser, também, Filosofia que sintetize os factos e que supra as lacunas da Ciência, no ainda não observado e comprovado, ou no não observado e comprovável por sentido e experiência. E isto em Física, Biologia e Ontologia, em Psicologia, Moral, Cosmologia e Teodiceia.

Nunca esqueçamos que a primeira tese espírita é puramente filosófica: *há Deus*, e que esta tese deve conter o mais elevado conceito que a mente humana pode formar e evidenciar da Mente Divina.

neta, pelo espírito de colaboração com as autoridades e com as outras escolas religiosas. Convém notar que o Espiritismo no Brasil é essencialmente religioso, fundamentalmente cristão.

Sendo êsse aspecto social, de confraternização dos homens e dos povos, a característica essencial do Espiritismo no Brasil, e conservando-se fiel sempre à mesma e Alta Direcção no Mundo Superior, muito seria de pasmar que ao iniciar-se a actual guerra apocalíptica, não se achassem já todos os espiritistas brasileiros empenhados em uma peleja forte pela fraternidade universal, como é a campanha dos esperantistas; mas estão, graças a Deus, todos — todos, sem uma única voz de oposição até o momento em que escrevo estas linhas — interessados na pugna pró Esperanto, e o estão há alguns anos.

Em muitos pontos há diferenças de opinião e divergências entre os espiritistas brasileiros, na questão do Esperanto; porém, mercê de Deus, todos estão absolutamente concordes, todos os jornais, desde o venerando *Reformador* com seus 58 anos de vida útil, até os recém-nascidos «Arauto da Fé» e «Síntese», em cujos primeiros números vieram artigos ardorosos em favor do Esperanto, como movimento salvador da humanidade.

O *Primeiro Congresso de Jornalistas e Escritores Espiritas,* realizado em Novembro de 1939, no Rio de Janeiro, em cuja Comissão Organizadora não havia um único esperantista, cogitou logo de uma tese a favor do Esperanto e convidou os esperantistas a colaborar. A *Hora Espirita Radiofónica,* ao elaborar seu programa de trabalho, incluiu o Esperanto para tôdas as irradiações. A nova estação paulista, Rádio Piratininga — PRH 3 — fundada por espiritistas, antes de lançar seu primeiro programa no éter, convidou os esperantistas da Paulicéia a colaborar, dando-lhes meia hora por dia para divulgação do Esperanto.

A êsse entusiasmo pelo Esperanto, repetimos, não se opõe uma única voz no Brasil inteiro; há unanimidade absoluta e, confessemos, incompreensível do ponto de vista humano, pois que em todos os sentidos as opiniões dos pensadores costumam divergir, travando-se discussões.

Sendo eu um dos mais antigos trabalhadores do Esperanto nas rodas espiritistas brasileiras, nunca me pude explicar a causa dessa harmonia de vistas. No entanto, muito recentemente, a explicação me foi dada espontaneamente por Emmanuel, o Guia que tem escrito livros preciosíssimos pela mão de Francisco Cândido Xavier. Mandou-me êsse Grande Espírito uma carta, pelo correio, esclarecendo que a obra não é humana, só de encarnados, que está sendo superentendida do Alto e que o triunfo será indiscutível. A união de vistas não está na Terra, desce já preparada do Mundo Espiritual Superior por inspiração a todos os trabalhadores da Seara.

Há, pois, um trabalho no Alto que produz seus efeitos nos espiritistas brasileiros, levando-os a se tornarem adeptos da causa dos esperantistas.

Depois dessa missiva de Emmanuel, têm aparecido em nossa imprensa comunicações em prosa e verso, de elevados Espíritos, recebidas por diferentes médiuns, alguns desconhecidos do autor destas linhas ou inteiramente anónimos. Dentre êsses anónimos e desconhecidos, um remeteu aos jornais espiritas um poema de Castro Alves que vamos reproduzir aqui. É o seguinte:

## QUANDO EU VOLTAR...

CASTRO ALVES
**(Poema mediúnico)**

Quando eu voltar a ser doce criança
Enchendo a casa de alvorôço e risos,
Colhendo rosas, cravos e narcisos,
A palmilhar da Terra o bom carreiro,
Hei de encontrar a Língua da Esperança
Entrelaçando irmãos no mundo inteiro!...

Quando eu voltar ao Orbe velho e amigo
— Negro abismo dos erros e das dôres,
Palco de lutas mil e mil temores,
Onde tanto sofri... mas amei tanto...
Hei de trazer — ¡ por Deus! — junto comigo,
O bálsamo que enxuga todo o pranto,
Quando eu voltar ao Orbe, velho e amigo!...

Quando eu voltar a ter matéria nova
— Moldável cêra em santas mãos plasmada, —
Eu crescerei já palmilhando a estrada
Da Verdade e do Amor do Cristianismo!
E hei de, então, jovem, são, nessa áurea prova
Triunfante, demonstrar que o Espiritismo
É a Doutrina Cristã que se renova!

Quando eu voltar à Terra tenebrosa
Em cuja treva, audaz, firme, mergulho,
Hei de ensinar que é Ignorância o orgulho,
Egoísmo, ódio, ciume e crueldade!
Mostrarei, que tem prova dolorosa
Quem abusa da Lei da Liberdade!
Quando eu voltar à Terra tenebrosa...

Quando eu voltar à Escola da aflição,
Trarei no olhar a Luz do Evangelho
E um Mundo Novo surgirá do Velho,
Porque eu virei nas asas da Verdade!
Numa das mãos trago o Esperanto — a União,
Na outra, o Espiritismo — a Caridade...
E o Evangelho a cantar no coração!...

Se a paciência da Redacção desta Revista mo permitir, em outro número apresentarei trechos de outra mensagem mediúnica acêrca da missão do Esperanto, na esperança de que os nossos irmãos da gloriosa Lusitânia conservem as predições para ulterior verificação.

# A CARIDADE

pelo Dr. José Gaita

A Caridade é a primeira das virtudes.

Ao contrário da Fé e da Esperança que são sentimentos subjectivos, de interêsse individual, a Caridade é universalista, o seu objecto está fora do indivíduo: é o amor do próximo, o desejo de lhe ser útil e ampará-lo, material e espiritualmente, para que não pereça à míngua e não se desvie da rota cristã. Dessas três excelsas virtudes, só a Caridade é, verdadeiramente, a negação do orgulho e do egoísmo; só ela encerra em si tôdas as outras virtudes — «humildade, benevolência, justiça, indulgência e tolerância»; só Ela é, emfim, absolutamente altruísta!

Na Fé e na Esperança há sempre implícita alguma coisa do egoísmo, do amor próprio; há sempre o pensamento do eu, a preocupação de satisfazer os próprios desejo e interêsses.

Quere dizer, há nelas uma actividade interesseira, movida pela intenção de alcançar qualquer recompensa. Por isso mesmo, sem Caridade, de nada servem a Fé e a Esperança.

Para se ser cristão, é indispensável ser-se caridoso, tendo Fé e Esperança e praticando activamente a Caridade.

Assim pensava São Paulo. Diz êle aos Coríntios ao falar-lhes da suprema excelência da Caridade:

«Mesmo se eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse Caridade seria como o metal que soa e o sino que tine».

«Ainda que tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e tôda a ciência, e mesmo que tivesse tôda a Fé, de maneira tal que transportasse montanhas, se me faltasse a Caridade nada seria».

«E ainda que desse aos pobres tôda a minha fortuna, e entregasse o meu corpo para ser queimado, nada disso me aproveitaria se não tivesse Caridade».

«A Caridade é sofredora, é benigna; não é invejosa; não trata com leviandade, nem se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interêsses, não se irrita, nem suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade».

«A Caridade nunca falha; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta».

«As três virtudes permanecem: a Fé a Esperança e a Caridade; porém a maior delas é a Caridade. (I Aos Coríntios, XIII, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 13).

E, como ensinou Allan Kardec, a Caridade está ao alcance de todo o mundo; do ignorante e do sábio, do rico e do pobre, do feliz e do desgraçado, porque é independente de tôda a crença».

Realmente, sem o sentimento da Caridade, os progressos sociais alcançados no melhoramento das condições de vida da imensa legião dos desherdados e dos infelizes caídos em desgraça, jámais seriam possíveis. Foi o sentimento da Caridade que conduziu à abolição da escravatura, êsse tráfico deshumano e odioso de passadas eras; foi a Caridade que forjou o estabelecimento da liberdade de consciência, e a igualdade de todos os homens perante a Lei, como sempre o foram perante Deus; foi pela Caridade que se criaram misericórdias, hospitais, creches, albergues, asilos e tôdas as instituïções cujo fim é preservação e defesa dos homens e dos animais.

A beneficência particular é filha da Caridade.

A própria Assistência Pública só poderá vir a ser estabelecida em bases justas que não deprimam os beneficiários, isto é, só se tornará um direito, essa aspiração latente e viva dos homens de hoje, deixando de ser esmola ou favor, quando nela estiver bem impressa a acção da Caridade. Só assim ela será prestada sem ostentações, sem vaidades, nem reclamos nos jornais, em cumprimento da palavra do Mestre que manda dar com a «dextra», às escondidas da «sinistra».

Quando o Universo fôr dominado pela Caridade, jámais serão possíveis as guerras, êsse nefandos flagelos da humanidade, essas sombras negras desta civilização luminosa dos nossos dias.

A guerra é a negação da Caridade, é um produto do egoísmo e do orgulho humanos. ¡Quem sentir pulsar dentro de si os nobres atributos da Caridade, há-de ter compaixão e misericórdia pelos seus semelhantes, sejam êles de que raça fôrem, tenham a côr que tiverem; nunca poderá ordenar o seu extermínio, procurando transformar grandes países cheios de vida e alegria em imensas necrópoles funerárias!...

O homem caridoso é bom, é pacífico e tolerante. Tem amor ao próximo, a quem procura evitar todo

o sofrimento, o pranto, a fome, a morte!... Eis porque a felicidade dos homens e das nações reside na prática da Caridade, e não na de actos de violência, — a sua negação.

«*Fora da Caridade não há salvação,* exclamou o eminente codificador do Espiritismo, interpretando à luz da sua viril inteligência, da sua razão esclarecida, com uma lógica irrefutável e o auxílio dos mensageiros do Além os textos evangélicos.

De facto, de tôdas as máximas de que as religiões fazem depender a salvação dos mortais é esta a única que não é sectária, nem exclusivista; é esta a única que se baseia «num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus o acesso à felicidade suprema», qualquer que seja a sua crença ou o seu culto. Esta máxima adoptada pelo Espiritismo como regra, mostra a pureza da sua essência cristã. Portanto, como recomenda Kardec, o espirita deve submeter todos os seus actos ao exame da Caridade, e a consciência lhe responderá: não só ela o impedirá de fazer o mal, mas o conduzirá à prática do bem. Não basta uma virtude negativa, é míster a existência duma virtude activa.

Para não fazer o mal são suficientes, quási sempre, a inércia e a negligência. Mas, para se fazer o bem, é indispensável haver actividade e diligência, concretizadas na prática de actos em benefício do próximo.

O protòtipo do homem caridoso é o bom samaritano ao prestar socôrro ao infeliz que fôra saqueado e ferido pelos ladrões na estrada de Jerusalém a Jericó. Emquanto o padre e o levita, que o haviam encontrado antes, passaram de largo e não o socorreram, o samaritano condoeu-se dêle, atou-lhe as feridas, nas quais derramou óleo e vinho, e pondo-o sôbre a sua cavalgadura levou-o para uma estalagem e cuidou dêle. No dia seguinte, tendo de seguir viagem, deu dinheiro ao hospedeiro para tratar o ferido e disse-lhe: cuida dêste homem e tudo que de mais gastares eu te pagarei na volta (Lucas, X, 25 a 37).

Êste acto de Caridade, esta acção prática de amor ao próximo, salvou o bom samaritano. Misericordioso, como êle foi, compassivo e generoso, como êle se mostrou, terá de ser o homem para merecer a salvação. «Vai e faze da mesma maneira», disse o Mestre ao doutor de lei que lhe preguntou como havia de proceder para herdar a vida eterna.

Por conseqüência, a Caridade é uma virtude imprescindível para se ser espirita, discípulo de Jesus.

O homem prudente ama o Pai e o Filho, fazendo bem ao próximo. Lê, medita e pratica o que está escrito nos Evangelhos. A experiência própria lhe há-de ensinar ser absolutamente certo que «*Fora da Caridade não há salvação!*»

# Por esse mundo...

No dia 2 de Junho último, subiu à cena, no Teatro República, do Rio de Janeiro, a peça «Seja tudo pelo amor de Deus», em benefício da Associação Espirita Obreiros do Bem e cujo produto se destina a auxiliar a construção do Hospital Espirita, que aquela agremiação empreendeu e em breve será um facto, mercê do concurso de várias entidades que ao Espiritismo se dedicaram, inteiramente.

— No Centro Amor e Caridade, de Limeira, Estado de S. Paulo, Brasil, acaba de se fundar a Associação das Damas Espiritas de Caridade, cujo fim é fazer enxovais para as crianças pobres recennascidas, enxovais que constarão de roupinhas e agasalhos em abundância, que serão entregues às mãis pobres que recorrerem a esta entidade.

— Segundo noticia *O Clarim*, de Matão, *Bahia-Espirita* festejou o seu primeiro aniversário com um número especial, de escolhida colaboração. Êste jornal, com quem permutamos, há muitos meses que não é recebido na nossa redacção. Congratulamo-nos com o triunfo do bem redigido mensário da Cidade de Salvador e apresentamos os nossos cumprimentos as seus directores, Pedro Serra e Alfredo Miguel.

— Desencarnou em Cuba o velho espirita D. José Cepero y Avila, membro do Contro Rosendo, de Matanzas, e fundador do Grupo Francisco de Paula, em cujas agremiações gozava de grande estima e admiração.

— Na sede do Grupo Espirita Fé, Esperança e Caridade, Entre Rios, Brasil, realizou-se uma interessante *Semana Espirita*, em que falaram os seguintes propagandistas: Dr. Henrique Andrade, «As provas da verdade nas manifestações espiritas»; Dr. J. C. Moreira, «A religião dos homens e a religião de Deus»; Prof. Maria José de Oliveira, «Onde se fundarão os alicerces da Sociedade Cristã»; Prof. Leopoldo Machado, «Os fundamentos filosóficos, religiosos e científicos do Espiritismo»; General Manuel Aripe de Faria, «A marcha ascencional do Espiritismo»; Humberto Alexandrino de Aquino, «O espírito da crise que atormenta o homem» e Manuel Quintão, «A missão do precursor».

— Acaba de fundar-se a Federación Municipal Espiritista de Matanzas, resultante da Sexta Concentração Nacional Espiritista de Cuba, realizada em Havana, em 29, 30 e 31 de Março último.

«Estimulamos os espiritas da provincia de Matanzas — escreve *Rosendo* — e, em geral, todos os outros, para que se inscrevam nos grupos locais, que, por seu turno, devem nomear um Delegado e um Suplente à Federação Municipal. Incitamos, igualmente, as Federações Municipais para que designem um Delegado e um Suplente à Federação Provincial. E uma vez constituídas as Federações Provinciais, devem estas nomear três Delegados e respectivos suplentes à Confederação Nacional, que se reünirá em Outubro p. f., na vizinha capital de Santa Clara».

Sob o govêrno de Baptista, o Espiritismo encontra facilidades extraordinárias que nos apraz registar, em contraste com a perseguição acintosa que o oprime noutras regiões que se jactam de civilizadas. Sinais dos tempos...

I. D. S.

# Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

## Um monumento de fé

Foi assim que *Mundo Espirita* intitulou a auspiciosa notícia da inauguração da «Fundação João de Freitas», em Juíz de Fora, no dia 5 de Maio último. Na realidade, não pode haver maior monumento de fé cristã e espirita do que esta obra admirável que acaba de ser entregue, solenemente, àquela cidade, representada pelo Prefeito, na pessoa do seu representante, sr. Augustus Gribel. O Espiritismo realiza, dêste modo, uma acção social intensa, em colaboração com o govêrno brasileiro.

Há tempos, um grupo de sócios da «Casa Espirita» resolveu fundar uma associação de amparo aos velhos, a que se deu o nome de Abrigo João de Freitas. Chegaram a comprar terreno para o efeito. Com a desencarnação de D. Eugénia Braga, que dirigia o empreendimento, houve um compasso de espera, até que outros confrades resolveram ampliar a primitiva sociedade, denominando-a «Fundação João de Freitas» e criando um departamento para viúvas com filhos menores. Adquiriu-se terreno mais amplo, em substituïção do antigo, e a primeira pedra foi lançada em 13 de Outubro de 1935. Nessa data, os directores planearam uma construção com oito pavimentos, os quais seriam concluídos nos oito ou dez anos seguintes. Pois, em cinco escassos anos realizou-se a obra, mobilaram-se os pavilhões, proveu-se a alimentação, forneceram-se remédios e médicos aos moradores que afluíam, à medida que se construía cada pavilhão.

Actualmente, abriga 120 pessoas: 36 velhinhos dos dois sexos, 54 crianças e 30 viúvas.

No 2.º pavimento estão instaladas a Casa da Directoria, a portaria, o gabinete médico, o gabinete dentário e o salão de prelecções. No rés-do-chão, está a lavandaria, com maquinismos apropriados, garagem para a camioneta de entregas e o salão de barbeiro.

À direita, está a «creche» para as crianças, cujas mãis trabalham na lavandaria, estão o pavilhão para velhos do sexo masculino, 5 casas para viúvas com filhos, banheiras de água quente, filtro, cozinha e refeitório para 120 pessoas.

À esquerda, onze casas para viúvas com filhos menores. Ao fundo, dormitório para velhinhas e ampla varanda, com ràdiofonia.

Tôdas estas edificações dão para ampla rua ajardinada, calçada a paralelipípedo e provida de bancos de cimento armado. Ao centro, tem a «Praça da Harmonia».

Além de tudo isto, possue grande horta, em que trabalham os asilados, além de padaria, destinada a fornecer tôda a instituïção.

Pelas gravuras que *Mundo Espirita* dedica ao acontecimento, vê-se que estamos em presença dum autêntico bairro, cheio de luz e de alegria.

— ¿Como se conseguiu emprêsa tão importante?— preguntarão os leitores, admirados.

Aí é que está o segrêdo. Os espiritas brasileiros dispõem de varinhas de condão que, ao mais leve toque, fazem surgir verdadeiros «monumentos de fé», nessas abençoadas terras da *Pátria do Evangelho*.

Êste é um dêles, pleno de amor, novinho em fôlha, onde os desvalidos encontrarão o confôrto que lhes faça esquecer as amargas horas da existência.

## Usurário que se enforca

Como prometemos, vamos transcrever o interessante caso do usurário derrubado por mão invisível, passado com o escritor inglês Axel Munthe e narrado por Faure da Rosa no seu artigo «O inverosímil... acreditável», publicado no número de 1-8-940 de *Vitimas da Guerra*.

«Axel Munthe — médico de fama mundial, autor de «Le Livre de Saint-Michel» — dá conta dum caso muito mais extraordinário no seu outro livro «Hommes et Bêtes» : qualquer coisa parecida com uma intervenção fantasmática, o que — para muita gente— é de pôr os cabelos em pé. Eis o caso :

«A família Salvatore tinha sido despedida do compartimento que ocupava, por não poder pagar a renda. O senhorio já tinha declarado que arrendara o quarto desde o dia imediato. O Dr. Munthe, que tratava gratuitamente o filho doente, preguntou à mulher de Salvatore para onde iriam morar. A desolada mãi respondeu que não sabia.

«O senhorio — um ricaço avarento — era useiro e vezeiro em actos dêstes : à menor falta de renda e sempre que a lei lho consentia, punha os inquilinos na rua e apoderava-se do pouco que os infelizes possuíam, a título de indemnização. O Dr. Munthe queria conhecê-lo para enriquecer os seus estudos acêrca da natureza humana. Pelo caminho, o guia que lhe ensinava a morada do senhorio disse-lhe que êle era «molto rico»; que além daquêle prédio onde estavam os Salvatore, possuía uma grande casa na visinhança. Nada disto surpreendeu Munthe, porque sabia que o senhorio exercia a mais lucrativa das profissões: usurário dos pobres.

«Um velho mal vestido e de aspecto repelente veio abrir a porta com precaução. Depois de atento exame, mandou entrar o Dr. Munthe. Explicado o motivo da visita, o doutor pediu moratória para pagamento da renda, alegando que Salvatore estava no hospital e o filho sofria de doença grave; e classificou de deshuma-

namente cruel a severidade dêle, senhorio, com os pobres.

«O usurário preguntou-lhe quem era. Que era amigo da família — respondeu o doutor. Então o senhorio, com um sorriso escarninho, retorquiu que a melhor maneira de provar a amizade era pagar imediatamente a renda em dívida.

«Munthe sentiu o sangue afluir-lhe à cabeça. Contudo, pôde conter-se e ouviu, ainda com calma aparente, a série de doestos que o usurário dirigia aos italianos daquele bairro, que — dizia êle — não passavam dum bando de salteadores; não mereciam ser tratados como criaturas humanas; o Salvatore bebia tudo o que ganhava; um outro roubara-o em dez francos numa renda que não pagara; todos êles mereciam a miséria em que viviam — concluiu.

«O Dr. Munthe compreendeu que nenhum rôgo, nenhuma súplica comoveria aquêle usurário que se gabava de possuir cinqüenta mil francos em dinheiro e de ter começado a vida sem nada.

«Facto singular e muito triste: o homem que da miséria sobe à riqueza é, habitualmente, cruel para os pobres. Era de esperar o contrário; mas, infelizmente, a regra geral é esta.

«As invectivas do usurário fizeram com que o Dr. Munthe perdesse o domínio que tinha em si, e, como costumava acontecer-lhe, foi mais longe do que queria. A princípio, o usurário respondia desdenhosamente e com mais injúrias; mas, pouco a pouco, foi esmorecendo até se calar. O doutor falou durante um quarto de hora, sem interrupção. Disse-lhe que aquêle dinheiro sugado aos desgraçados era prova dum egoísmo sem nome; que a dívida dêle, usurário, aos pobres, era muito maior que a dos pobres a êle. E, apontando para o crucifixo que pendia da parede, disse-lhe: «Se a justiça divina existe na Terra, a vingança há de atingi-lo inexoràvelmente. Nenhuma súplica poderá poupá-lo ao castigo, porque a sua vida está manchada do mais negro dos pecados: a crueldade com os pobres».

«— ¡E tome cuidado, velho vampiro! — gritou-lhe, com voz ameaçadora —. Êsse dinheiro deve-o aos pobres, mas você deve-se ao diabo, que não tardará a vir exigir-lhe o rendimento».

«Munthe parou subitamente, porque o usurário contraíu-se na cadeira, *derrubado por mão invisível*, e, pálido como um cadáver, olhava para Munthe, cheio de terror.

«A maldição que eu acabava de pronunciar — escreve Axel Munthe — ressoava-me aos ouvidos como um sonido que eu não reconhecia e pareceu-me que mais alguém estava no quarto».

«No dia seguinte de manhã, o doutor voltava ao quarto dos Salvatore. Emquanto observava a criança doente, ouvia o que ia contando a mãi do pequeno.

«O senhorio viera na véspera, quási à noite. Sentara-se num banco, onde ficara muito tempo sem dizer nada e sem se mostrar zangado. Por fim, disse que não se inquietasse ela com a renda, que poderia pagá-la mais tarde. Ao partir, deixou sôbre a mesa uma moeda de cinco francos para comprar qualquer coisa para o doente.

«Na rua, o senhorio encontrou um outro inquilino, também despedido, que já tinha a cama num carro de mão, pronto para a partida, a quem disse que podia continuar no quarto.

«Pelas investigações da polícia, soube-se, depois, que o usurário, contràriamente aos seus hábitos, passara a noite no café ao lado, e o porteiro do prédio declarou que, ao vê-lo, quando o senhorio recolhia a casa, lhe pareceu que êle estava ébrio.

«Como o usurário vivia completamente só, e, ou fôsse por mêdo ou por avareza, era quem fazia todos os trabalhos domésticos, ninguém sabia o que se tinha passado. Contra o costume, o quarto dêle ficara iluminado tôda a noite. Quando, de manhã, viram que a porta se conservava fechada, suspeitaram de qualquer coisa anormal e chamaram a polícia.

«O corpo ainda estava quente, quando o despenduraram; mas o médico da polícia declarou que devia ter morrido algumas horas antes.

«Não se conseguiu descobrir o motivo por que se enforcara. Tudo o que se sabia era que um estrangeiro estivera na véspera, à tarde, em casa do usurário e que houvera discussão violenta entre ambos. Ninguém na casa vira o estrangeiro e ninguém sabia quem fôsse».

## «Surge et ambula»...

*La Revue Spirite Belge*, de Março último, relata um belo caso de cura, obtido pelo médium J. Delbrouck, de Charleroi. Êste médium é muito conhecido, devido às maravilhosas curas que tem realizado, mercê da faculdade, que possue, de deter as doenças. Antes da invasão da Bélgica, trabalhava em radiestesia e chegou a verificar que o pêndulo não se torna indispensável àquelas experiências, por ser apenas amplificador das vibrações humanas.

Esta revista publica duas cartas do enfêrmo: a primeira e a última, que limitam o início e o fim do tratamento. Vale a pena transcrever os dois documentos, tão grande é o significado que revestem.

Eis a primeira carta, dirigida ao médium em questão:

Sr. Delbrouck: Vi o vosso nome na Revista e Madame Moureau, de Liège, aconselhou-me que me dirigisse a si. Ora, em Junho de 1937, em seguida a um esfôrço, senti dores no lado direito e o médico que me tratou diagnosticou, sucessivamente, lesão muscular, nevralgia intercostal, inflamação renal, inflamação da bexiga, do fígado, da vesícula biliar, do apêndice, dos intestinos. Receitou-me calmantes. Em Março de 1938, baixei ao hospital civil de L... para observação. Os professores da Universidade acharam o meu caso muito bizarro e abandonaram-me, julgando que eu não viveria mais de três meses. Como as dores se agravassem, dirigi-me, nos fins de Maio, a outro médico, que diagnosticou fraqueza nervosa em ligação com os rins e fraqueza da medula espinal devida à grande dose de calmantes que ingerira, receitados pelo outro médico. Embora as dores abrandassem, o médico não conseguiu fortificar-me os nervos das pernas (sobretudo, da direita) e tenho que recorrer às muletas para me deslocar, a muito custo, em casa.

«Tenho a impressão de que a demora do meu restabelecimento é devido a má influência e por isso desejava os vossos conselhos, o vosso auxílio pessoal, e o dos médiuns do vosso grupo que me quisessem assistir nestes momentos difíceis».

M. X.

20 de Outubro de 1938.

# BIBLIOGRAFIA

MARCAS E IMPRESSÕES SUPRANORMAIS DE MÃOS DE FÔGO por *Ernesto Bozzano*, tradução de *Francisco Klörs Werneck*.

TRATA-SE duma pequena monografia do célebre autor italiano que, em 60 páginas, nos revela nove casos de marcas e impressões de mãos de fôgo, investigados pacientemente nos velhos arquivos religiosos e profanos. O primeiro sucedeu em 1654 e o último em 1835. São, portanto, acontecimentos narrados por autores que viveram muito antes do advento do Espiritismo científico, mas que, devido à minúcia com que são descritos, impelem os investigadores modernos a classificá-los como supranormais.

Todos nós sabemos como Bozzano é cauteloso e minucioso nas conclusões a que chega, antes de se pronunciar pela probabilidade da interpretação espírita dos factos por êle apresentados.

Nesta pequena colectânea — agora traduzida por Werneck — o famoso cientista italiano, depois dum atento e aturado estudo, chegou à conclusão de que a impressão de mãos de fogo é proveniente da diferença da intensidade vibratória da substância somática do organismo humano, de que se reveste o fantasma. É essa diferença de vibratilidade que provoca as impressões térmicas chamadas «calor» e «frio».

Há duas hipóteses explicativas dêste fenómeno: a naturalista e a espírita. A primeira funda-se na identidade da substância somática do fantasma e do médium; a segunda afirma que a origem da vibratilidade dessa substância é estranha ao médium. «Neste caso, diz Bozzano, ela só pode depender da natureza espiritual da entidade que se manifesta, isto é, de um sêr independente do médium». E mais adiante: «Meditei longamente, sôbre esta questão, com a intenção de achar uma outra solução, conforme a interpretação naturalista, mas não consegui concebê-la».

Eis, *grosso modo*, o conteúdo desta pequena monografia, que vem enriquecer a já vasta obra de Ernesto Bozzano.

BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO — ditado pelo espírito de *Humberto de Campos* e psicografado por *Francisco Cândido Xavier* — Edição da Federação Espírita Brasileira.

ESTE pequeno livro, de pouco mais de 200 páginas, é um verdadeiro monumento literário. A sua contextura é original e atinge dois objectos: dá-nos uma síntese maravilhosa da história do país nosso irmão e defende a tese do Cristo ter transplantado a árvore do seu Evangelho para a Pátria do Cruzeiro.

São estas as palavras do Senhor, dirigidas a Helil

---

Segue a segunda carta:

Sr. L'Homme: Em referência à vossa carta de 10 do corrente, julgo desnecessário explicar-vos o meu estado, antes de recorrer aos bons ofícios do sr. Delbrouck, que vos deve ter posto ao corrente de tudo.

«Quando me dirigi àquele senhor, estava paralítico das pernas, dos intestinos e da bexiga. Suportei intoleráveis sofrimentos. Êste irmão disse-me que o meu sangue estava intoxicado e que era indispensável fazer lavagem aos rins, bebendo muito, para urinar muito. Falou-me também, na esperança da cura, o que muito contribuiu para manter o moral elevado.

.....

Ao cabo de quinze dias, comecei a urinar mais fàcilmente e as dejecções eram menos dificultosas. Pouco a pouco, comecei a sentir as pernas. O meu regime continuou quási o mesmo, mas o sr. Delbrouck juntou-lhe frutos e legumes cozidos, queijo, carnes sanguinolentas, destinadas à formação das vitaminas, e o meu estado melhorou constantemente.

«Actualmente, ando sem muletas, nem bordão, e levanto pêsos de 50 quilos, embora ainda experimente grande dificuldade de me baixar e depressa perca o fôlego, o que é, talvez, devido ao período de inacção forçada e à minha enorme nutrição: peso cêrca de 100 quilos, contra 72, há dois anos. O perímetro torácico aumentou 15 centímetros e a cintura 25. Ultimamente, tenho sofrido dum tumor anal, cuja natureza ignoro. ¿Será fístula, abcesso, nascido purulento? O caso é que eu desejava correr em bicicleta, para emmagrecer e adquirir resistência, de forma que pudesse retomar a minha ocupação de carteiro. O primeiro médico que me havia tratado (e que me encontrou uma dúzia de doenças) declarou ser uma fístula, que necessitava de ser operada; mas eu não tenho nenhuma confiança nêle.

«Estava à espera do Congresso para falar do meu caso, pois nessa altura já estaria completamente curado e livre dêste tumor. A minha presença teria servido de prova. Todavia, se entenderdes que pode ser útil à matéria da revista, podeis fazer o que vos aprouver.

.....

«Rendo vibrante homenagem ao sr. Delbrouck, que põe as suas brilhantes faculdades à disposição dos doentes que necessitam do seu auxílio. Graças ao seu zêlo e à sua dedicação desinteressada, já conseguiu melhorar muitos enfêrmos, considerados em estado desesperado.

X.

19 de Janeiro de 1940.

*La Revue Epirite Belge* informa que o nome e o endereço do seu correspondente são conhecidos da respectiva Direcção, que atesta a verdade dos factos.

Esta notícia é intitutlada: «Onde a ciência falha, o Espiritismo realiza milagres... — Um paralítico que retoma o gôsto pela vida».

Assim é, com efeito. Comprovam-no os inúmeros casos de doentes abandonados pela medicina e que no Espiritismo encontram remédio para seu mal. O médium Delbrouck, restabelecendo o signatário destas duas cartas, parafraseou o Cristo na cura do paralítico: *Surge et ambula...*

— o Infante de Sagres — depois de ter escolhido aquele portentoso território para nêle frutificarem as suas doutrinas:

— «Para esta terra maravilhosa e bemdita será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e amor. No seu solo dadivoso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal».

A tese, como se vê, poderá parecer arrojada e inverosímil para os profanos da nossa doutrina redentora; mas, analisados os factos posteriores a esta *ordem*, tudo nos leva a aceitá-la como verdadeira.

Um dos motivos mais flagrantes para a sua aceitação, é o facto histórico do Brasil ter mantido intacta a sua unidade geográfica e linguística, a-pesar-das dificuldades insuperáveis com que o minúsculo Portugal muitas vezes teve de enfrentar.

Êste e outros factos, magistralmente expostos e desenvolvidos pelo autor, e decorridos sob a égide protectora das caravanas espirituais de Ismael, reforçam a verosimilhança da tese supracitada.

Humberto de Campos justifica ainda o seu ponto de vista com argumentos convincentes, dignos de ponderação. Citemos dois dêles, ao acaso: Num, demonstra e exalça a protecção divina; noutro, e talvez o mais aceitável para os leigos em Espiritismo, afirma que Portugal, «através de três longos séculos, embora preocupado com as suas fabulosas riquezas das Índias, pôde conservar, contra flamengos e inglêses, franceses e espanhóis, a unidade territorial de uma pátria com 8.000 km² e 8.000 km. de costa marítima. Nunca houve um exemplo como êsse em tôda a história do mundo».

E a seguir:

«É que a mão do Senhor paira sôbre a longa extensão e sôbre as suas extraordinárias riquezas. O coração geográfico do orbe não se podia fraccionar».

* * *

Em trinta capítulos, que se lêem com agrado crescente, o autor faz-nos desfilar perante a nossa retina espiritual tôda a maravilhosa história da Terra de Santa Cruz.

Primeiro, é o desembarque de Cabral e a sua gente, recebida em terra «como irmãos muito amados»; depois, o Nazareno confia a Ismael a Pátria do Cruzeiro, que se desentranha em riquezas materiais e espirituais, com os missionários, enviados por D. João III, para a colonização. Em seguida, surgem os negros da costa africana, cooperando durante quási três séculos na formação do bloco étnico brasileiro.

Segue-se depois, após a colonização, a invasão holandêsa, com o desembarque de Maurício de Nassan em Pernambuco, em 1637.

Temos seguidamente a Restauração de Portugal e a expulsão dos estrangeiros expoliadores.

E o desfile não pára. Através da tela histórica da Pátria do Evangelho, o autor aviva-nos tôdas as peripécias dos primórdios da maioridade dum grande e formoso país.

Já em pleno século XVII admiramos o arrojo inaudito dos bandeirantes, sob o comando de Fernão Dias, desbravando e civilizando as regiões inhóspitas do interior.

E depois é o fracasso de Du Clerc, vingado por Duguay Trouin, enviado ao Rio por Luiz XIV.

Outro evento demonstrativo da ganância e da falta de escrúpulos dos católicos, é a benção dêstes lançada aos navios negreiros, que transportavam da costa da Guiné os desditosos habitantes da África, para engrossarem os cabedais dos esclavagistas.

Depois é o aparecimento do nativismo e a condenação de Bekman, seguida da inconfidência mineira, já em pleno reinado de D. Maria I, também com o suplício de Tiradentes.

E o autor, que só termina a sua descrição admirável com o 15 de Novembro de 1889, vai-nos deliciando com a sua prosa fluente. Conta-nos a fuga de D. João VI e o abuso da lei das aposentadorias, no Rio de Janeiro, e põe em foco José Bonifácio como patriarca da independência, culminada pelo célebre grito nas margens do Ipiranga.

E finalmente, em síntese rápida, conta-nos a abdicação de D. Pedro I e exalta as qualidades magníficas de D. Pedro II, especialmente como impulsionador da cultura nacional e promulgador da *«lei do ventre livre»*, como objectivo da extinção gradual da chaga social da escravatura. E a fechar, avulta a fundação da Federação Espírita Brasileira, a casa veneranda de Ismael.

Eis, em poucas palavras, o conteúdo dêste pequeno livro mediúnico, prefaciado por Emmanuel, já muito nosso conhecido pela sua vasta obra ditada do mundo invisível.

S. E. M.

---

# O ESPAÇO

Para figurarmos, tanto quanto nos é possível, com as nossas acanhadas faculdades, a infinidade do espaço, suponhamos que, partindo da terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do universo, com a velocidade prodigiosa da faísca eléctrica, que percorre milhares de léguas por segundo, apenas acabarmos de deixar êste globo, tendo percorrido milhões de léguas, achar-nos-emos num lugar donde a terra nos aparece sob o aspecto duma pálida estrêla. Um instante depois, seguindo sempre a mesma direcção, achamos-nos na direcção das estrêlas longínquas que, da vossa estância terrestre, mal distinguis; e daí, não sòmente a terra se perde inteiramente para as nossas vistas, nas profundezas do céu, mas ainda o vosso próprio sol, com todo o seu esplendor, se eclipsa, pela extensão que nos separa dêle. Animados sempre com a mesma velocidade do relâmpago, atravessamos sistemas de mundos, a cada passo que avançamos na imensidade, ilhas de luz etérea, vias estelíferas, paragens sumptuosas, onde Deus semeou os mundos com a mesma profusão com que semeou as plantas nos prados terrestres. Ora, há apenas alguns minutos que caminhamos e já centenas de milhões de léguas nos separam da terra, milhares de mundos passaram sob as nossas vistas, sem que, em realidade, tenhamos avançado um só passo no universo.

Se continuarmos, durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago*, nada mais teremos adiantado.

Eis o que é o espaço.

(Das comunicações assinadas por *Galileu* e insertas na *Génesis*, de Allan Kardec, sob o título de «Uranografia Geral»).

# Notas & Comentários

## O nosso primeiro aniversário

*Faz um ano que* Estudos Psíquicos *saiu do prelo e cumprimentou o público espirita. Vinha hesitante, como quem apalpa o terreno que pisa, embora escudado em programa dignificante, talvez um pouco arrojado pela substância nova que continha. Sabia que iria travar luta difícil e fazer grandes sacrifícios para se manter, em virtude de certos factores que se opunham tenazmente ao nosso caminhar sereno e progressivo. Sabia, também, que era grande a indiferença dos espiritas portugueses e que, por êsse motivo, mais difícil se apresentava, ainda, o nosso empreendimento. E sabia outras coisas mais, que não vale a pena ennumerar aqui, pois que o dia de hoje é de plena satisfação e alegria de viver.*

*O seu primeiro número deixou muita gente emocionada. ¿Mais outra revista? — cogitavam almas distantes, como que despertadas de sonolência, a que haviam chegado, mercê de várias circunstâncias. Mais outra revista, não.* Uma revista, — *se dão licença, — a revista que se impunha, no momento em que foi lançada...*

*E os assinantes começaram a afluir, curiosos, ávidos, expectantes. E a um número seguiu-se outro número... e a uma promessa cumprida seguiu-se nova promessa... E as cartas que recebiamos traziam-nos amparo, lenitivo e incitamento. Chegavam de Lisboa, da província, das ilhas, de Espanha, de França, de Inglaterra, de Itália, do Brasil... Das nossas colónias também vinham pedidos de assinatura. Emfim, o esfôrço dispendido era compensado, relativamente, demais que não éramos exigentes em matéria de esperanças, por conhecermos a aridez do terreno em que lançavamos a boa semente.*

*Ao carácter da revista impunha-se a nomeação de redactores-correspondentes, nos países em que o Espiritismo era mais cultivado. E surgiu o Dr. Rodrigo Sanz, em Espanha, o Dr. Gabriel Gobron, em França, o Dr. Carlos Imbassaby, no Brasil, o Dr. Luiz M. di Cristóforo, na Argentina... O primeiro, cêdo abandonou o seu pôsto, vitimado por terrivel doença, que estoicamente suportou, até os derradeiros instantes. O último, acaba de chegar, espontaneamente, disposto a preencher lacunas existentes e a trabalhar com denodo, para que o Ideal aumente em luz e em prestígio.*

*Os amigos estiveram presentes, nas horas de apuro financeiro, porque os mil exemplares de tiragem que a revista teve que suportar impunham sacrifícios de grande monta. E, sem querer amesquinhar outros amigos valiosos que nos deram provas de generosidade, não podemos deixar de apontar um nome que, para nós, representa mais do que um amigo:* **José Carlos de Chelmicki Afflalo,** *do Rio de Janeiro, a quem se deve, em grande parte, a existência, não só de* Estudos Psíquicos, *como, também, do Centro Espiritualista Luz e Amor. Verdadeiro puritano de inconcussa honestidade, apagando-se, para que só ressalte o triunfo do Ideal que o acalenta, é a austeridade personificada. Delegado Geral no Brasil e sócio honorário da nossa agremiação, Chelmicki Afflalo é parêde mestra do edifício que estamos a construir. Devíamos-lhe estas palavras de justiça e de gratidão. Que nos perdõe, se vamos ferir a sua modéstia.*

*Faz um ano que aqui nos abalançámos à tarefa de vulgarizar a Doutrina, enfrentando obstáculos de tôda a ordem, absolutamente convencidos de que a posição que ocupamos é a única que poderiam ocupar os que trabalham em* Estudos Psíquicos.

*Vamos entrar em novo ciclo de propaganda, com a mesma fé, a mesma tenacidade, a mesma esperança de vencer. Os leitores não abandonarão a nossa obra, que, sendo modesta, não deixa de se impor à boa cultura, segundo nos dizem cartas de pessoas entendidas no assunto. Se assim é, se* Estudos Psíquicos *vale alguma coisa, como instrumento cultural, há motivos fortes para continuar no mesmo rumo. É o que faremos, certos de que seremos novamente auxiliados por todos aqueles que nos auxiliaram no ano decorrido, aos quais apresentamos as nossas saüdações e os nossos agradecimentos.*

## 2.º Congresso Espirita Português

*O órgão da Federação Espirita Portuguesa insere no seu número de Julho-Agôsto uma local acêrca do 2.º Congresso Espirita Português, idea que agitámos nestas colunas e que vemos agora aproveitada por aquela colectividade.*

*Diz a citada local:*

Logo que termine o estado calamitoso da guerra em que se encontra a maior parte das nações da Europa, tenciona a Federação Espirita Portuguesa levar a efeito, em Lisboa, o 2.º Congresso Espirita Português.

Até lá, entendeu o Conselho Superior Deliberativo e a Comissão Técnica desta colectividade que, encontrando-se mergulhados em cruciante dor os nossos irmãos das nações beligerantes — dor a que inteiramente nos associamos — não se devem promover realizações desta ordem. O momento é de inteira solidariedade moral para com os que sofrem e de profunda concentração de auxílio espiritual.

*Achamos estranho que se venha anunciar um duvidoso acontecimento, cuja realização é condicionada por outro acontecimento, ainda mais duvidoso: o termo da guerra europeia, que se desenrola em tantas e variadas frentes de combate. Lá que a Federação queira assumir atitudes, reivindicando para si a promoção de congressos que podem, igualmente, ser promovidos por qualquer colectividade, bem está, pois de bom grado cedemos a nossa vez a quem demonstra tão boa vontade de trabalhar. O que não compreen-*



Nº 1, Set/Out/40 - ano 2º

# NOTICIÁRIO

## Jornais recebidos

Entraram nesta redacção dois interessantes quinzenários, com os quais gostosamente permutaremos.

*A Vida Social*, de Leça do Bailio, é dirigida por Mariano Pereira e insere escolhida colaboração, além dum magnífico suplemento de quatro páginas dedicadas ao naturismo e secções de colonialismo e esperantismo, que muito enriquecem o bem redigido quinzenário.

*Pensamento*, do Pôrto, Rua Sá da Bandeira, 331, 3.º, sala 11, é dirigido pelo Dr. António Augusto da Silva Tavares e excelentemente colaborado por nomes que se afirmam prometedores.

Às duas publicações, apresentamos os nossos cumprimentos.

## Grande oferta de livros

O Centro Espiritualista Luz e Amor acaba de ser distinguido com um donativo importante, por parte da Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro. Além do muito que esta agremiação nos tem feito, ofereceu-nos agora o pagamento integral do nosso débito à Livraria da Federação Espírita Brasileira, na importância de cêrca de mil e quinhentos escudos.

Não sabemos como agradecer o gesto filantrópico da prestante Fundação, a cujos destinos preside o nosso estimado consócio sr. Manuel Jorge Gaio, auxiliado pelo nosso Delegado Geral no Brasil, sr. José Carlos de Chelmicki Afflalo, aos quais apresentamos os nossos melhores cumprimentos de gratidão.

## Transcrições

A *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, Brasil, transcreveu, no seu número de Maio último, «A confissão de Richet» e «Anúncio de reencarnação confirmada pelos factos», publicados nos números 1 e 3 de *Estudos Psíquicos*.

## Redactores correspondentes

É com o maior prazer que levamos ao conhecimento dos leitores mais um redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos*, desta vez na grande cidade de Buenos Aires. Trata-se dum eminente cientista, cuja operosidade excede tudo o que se pode imaginar. Êste facto é tanto mais lisongeiro para esta revista, quanto é certo o Dr. Luiz M. di Cristóforo — assim se chama o novo redactor — ter vindo espontâneamente ocupar um lugar à nossa mesa. A seu pedido, enviámos alguns exemplares de *Estudos Psíquicos* à Biblioteca da *Agrupación Estudiosa «Camilo Flammarión»* (com o *Boletim* da qual passámos a permutar) e pedimos-lhe um artigo, a-fim-de promover o intercâmbio espi-

---

*demos, por mais raciocínios a que submetamos o espírito, é a não oportunidade do congresso, no actual momento internacional.*

*Os congressos espiritas e espiritualistas só podem contribuir para o bem da humanidade, só podem alvejar a paz do mundo. São paradas de fôrças assestadas contra o Mal, das quais só pode e deve resultar a união das almas afins, a coesão das fileiras em que militamos.*

*É absolutamente necessário realizar o 2.º Congresso Espirita Português. Esta é a grande verdade. A dilatação anunciada, apenas encobre desígnios incompreensíveis. ¿Que terá a guerra dos outros com o congresso em questão? ¿Não se realizaram já alguns congressos em Lisboa e Pôrto, desde que a guerra eclodiu? ¿E deixaram, porventura, de se discutir e estudar as questões apresentadas?*

*Os espíritas lusitanos querem falar uns com os outros em público, a-fim-de restabelecer a confiança no futuro da Causa e apresentar reivindicações naturalíssimas e normas de orientação que é forçoso introduzir no nosso movimento. Por isso, reclamamos o Congresso, em nome de milhares de adeptos que não estão dispostos a deixar morrer a idea que emitimos em* Estudos Psíquicos, *certos de que da sua materialização depende a sorte do Espiritismo, neste recanto da Europa ocidental.*

*Se os nossos irmãos estrangeiros estão «mergulhados em cruciante dor», — como diz o citado órgão, — mais razão existe para a realização do Congresso. Quanto mais não fôsse, serviria para elevação de pensamentos em holocausto ao progresso espiritual dos povos malavindos e jámais em detrimento de quem quer que fôsse.*

*Venha, pois, o 2.º Congresso. Venha, quanto antes, como satisfação aos inúmeros desejos que o reclamam.*

I. D. S.

## ATENÇÃO

No próximo dia 10 de Novembro, às 15 horas, realizar-se-á na Sociedade Teosófica, Rua Passos Manuel, 20, cave, a 5.ª Reünião de confraternização, comemorativa do 1.º aniversário do regresso à actividade do Centro E. Luz e Amor.

Haverá sessão solene, em que falará o Presidente da Direcção do Centro e o consócio sr. Coronel Faure da Rosa, seguindo-se alguns números de canto, música e declamação.

No mesmo dia, às 21 horas, proceder-se-á à inauguração oficial da Sede na Rua do Salitre, 149, 1.º, D.to, com sessão solene, imposição do emblema aos sócios presentes e leitura das poesias premiadas nos Jogos Florais Espiritualistas.

Os sócios poderão ser acompanhados das respectivas famílias.

rita luso-argentino. Pois êste ilustrado confrade respondeu-nos em carta amabilíssima, nela explanando conceitos que estamos muito longe de merecer.

Diz êle, em certa altura da sua carta:

«Vi *Estudos Psíquicos* na Agrupación e fiquei encantado. O simples facto de poder colaborar daqui para ela e para o seu director, conforme seu amável convite, escrevendo, representando-a, sendo o seu redactor-correspondente na República Argentina, tal como o é em Paris o colega e erudito Gobron, é honra que me esforçarei por merecer».

Temos, pois, mais um esforçado pioneiro ao nosso lado. Isso nos anima, por verificar que os maiores vultos do Espiritismo mundial acompanham, carinhosamente, a nossa obra. ¡Assim pudéssemos nós corresponder, em eficiência, à honra que tão doutos luminares nos têm conferido!

## Emblemas do Centro

A partir de 10 de Novembro próximo, estarão à venda na sede do Centro, ao preço de 5 escudos, os emblemas destinados aos nossos associados. Quem os requisitar pelo correio, deverá remeter 6 escudos, em vale postal ou estampilhas de 40 centavos.

## Inauguração dos trabalhos práticos

No dia 13 de Outubro corrente, pelas 21,30, foram abertos os trabalhos práticos do Centro E. Luz e Amor, a que assistiram muitos associados. Durante a meia hora destinada a prelecção e leitura de textos, o Dr. Pedro Dias de Sousa, na qualidade de director de sessão, expôs os motivos que levaram a Direcção do Centro à realização de sessões experimentais gerais, ao contrário do que estava estabelecido. A seguir, foi lido o Regulamento dos mesmos trabalhos, tendo-se iniciado a sessão propriamente dita, que foi encerrada às 23,30.

## Programa dos trabalhos do Centro a realizar em Outubro, Novembro e Dezembro, na Rua do Salitre, 149, 1.º

Dia 27 de Outubro, às 21,30 — Sessão experimental geral.

Dia 3 de Novembro, às 15 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «O fenómeno espirita».

Dia 10 de Novembro, às 21 horas — Inauguração oficial da Sede, imposição do emblema e leitura das poesias premiadas nos Jogos Florais Espiritualistas.

Dia 17 de Novembro, às 15 horas — Conferência pelo Dr. Sebastião Elviro Martins, intitulada «O Problema da Morte».

Dia 24 de Novembro, às 21,30 — Sessão experimental geral.

Dia 1 de Dezembro, às 15 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Alguns aspectos do mundo astral.

Dia 8 de Dezembro, às 21,30 — Sessão experimental geral.

Dia 15 de Dezembro, às 15 horas—Conferência por Isidoro Duarte Santos, intitulada «O Espiritismo e a Juventude».

## Auxílio a «Estudos Psíquicos»

| | |
|---|---|
| Transporte ..... | 2.365$00 |
| Capitão Manuel Joaquim Pires, de Évora | 8$00 |
| Joaquim M. M. Marques Júnior, do Pôrto | 10$00 |
| José A. Pais de Carvalho, de Mesquitela | 24$00 |
| Total ..... | 2.407$00 |

## Caixa de Propaganda

| | |
|---|---|
| Transporte ..... | 232$20 |
| Parte do saldo do passeio à Mata da Caparica ..... | 132$60 |
| Parte do produto líquido da rifa de uma jarra oferecida pela Sr.ª D. Bárbara Colaço Guerreiro ..... | 45$60 |
| A. B. C. G. ..... | 2$50 |
| Total ..... | 412$90 |

## Solidariedade

| | |
|---|---|
| Transporte ..... | 52$50 |
| Bernardo Corrêa de Almeida, em intenção do espírito de sua saüdosa espôsa, D. Amélia do Carmo Assunção de Almeida ..... | 10$00 |
| Parte do saldo do passeio à Mata da Caparica ..... | 132$60 |
| Total ..... | 195$10 |

## Subscrição pro-Sede

| | |
|---|---|
| Transporte ..... | 2.957$00 |
| J. Vendrell ..... | 600$00 |
| Eugénio P. Antunes ..... | 100$00 |
| Parte do produto líquido da rifa de uma jarra oferecida pela Sr.ª D. Bárbara Colaço Guerreiro ..... | 45$60 |
| Eduardo Fernandes de Matos ..... | 20$00 |
| Total ..... | 3.722$60 |

## A REENCARNAÇÃO

Não houve, jámais, crença mais bela, mais justa, mais pura, mais moral, mais fecunda, mais consoladora e, até certo ponto, a única que não é odiosa e a menos absurda de tôdas.

*Maeterlink*

## OS FENÓMENOS DO MAGNETISMO

Estamos tão longe de conhecer todos os agentes da natureza, que não seria próprio dum filósofo negar os fenómenos ùnicamente por serem inexplicáveis, no actual estado dos nossos conhecimentos. O que nos compete é examiná-los escrupulosamente e determinar até que ponto é preciso multiplicar as observações ou as experiências, a-fim-de obter uma probabilidade superior à razão que se pode invocar, para os não admitir.

*Laplace* (a propósito do magnetismo animal)

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

Secretário
José Joaquim Gaita

Director e Proprietário
Isidoro Duarte Santos
Gerente—Maria Gonçalves Duarte Santos

Editor
Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º LISBOA, NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1940 N.º 8

# ANIVERSÁRIOS

por Isidoro Duarte Santos

*Os aniversários que nesta data comemoramos são prova evidente de quanto vale a união ao serviço de qualquer ideal, muito embora as dificuldades se multipliquem e os recursos não correspondam à grandeza dos nossos planos.*

*Um ano de vida associativa, cheia de iniciativas e de propaganda, roubando às horas de descanso todos os minutos disponíveis para a construção da obra que se idealizou, representa esfôrço respeitável que nem todos os trabalhadores poderão, fàcilmente, avaliar. Não vos admireis, pois, de que estejamos em festa, de que demonstremos imenso prazer nesta hora de expansão fraternal, de que desejemos comemorar o acontecimento com certo relêvo, reünindo algumas memórias do passado que parecem mergulhadas em mar distante, encoberto pela neblina do tempo. Não vos admireis, porque estes dias são como pedras brancas no caminho longo e sinuoso que se vai palmilhando, de dia e de noite, sem intermitências,nem fadiga espiritual.*

*Os aniversários são motivo de júbilo, quando a obra é humana, quando o seu alvo paira acima das materialidades, das terrenas frioleiras, tanto em voga no mundo. A nossa obra é dêsse género. Não cura de mundanismos, de interêsses individuais, sempre destrutivos, sempre funestos, em causas que tendem à integral conquista do homem. A nossa obra, simples e modesta, dirige-se às almas e procura aliciar pela inteligência. Aqui reside o motivo do nosso trunfo. Não queremos gloriolas vãs e efémeras que trazem germes negativistas, incompatíveis com os surtos grandiosos das nossas aspirações. Queremos tranqüilidade de espírito, garantia de trabalho fecundo, certeza de atingir os cumes, a que conduz o Ideal Sagrado que nos impulsiona, na marcha para o Futuro.*

* * *

*Um ano decorreu sôbre a acção de meia dúzia de almas cheias de vontade. Um ano decorreu sôbre mil ansiedades, mil vicissitudes, vividas intensamente e enfrentadas com espírito de sacrifício, só comparado à fé inabalável dos que se aventuraram a faina tão árdua de erguer um Centro Espirita, desenterrando-o das cinzas do pretérito, onde jazia, e trazendo-o para a luz meridiana do século, com espírito novo, pleno de seiva criadora.*

*Momentos houve, em que as energias pareciam quebrantadas, exaustas, e o desânimo se apoderava dos lutadores. Não vos admireis desta revelação oportuna. É verdade o que vos dizemos. A intriga, a calúnia, a inveja, o ciúme, trabalharam, afanosamente, no sentido de alterar o ritmo do nosso esfôrço metodizado e as ameaças eram flechas ervadas dirigidas ao baluarte que estávamos erguendo. Vivemos momentos de angústia e sofremos em silêncio tudo o que entenderam fazer em prejuízo moral do Centro Luz e Amor. Em troca, fazíamos preces pelos nossos maldizentes e impetrávamos o auxílio do Alto, que, aliás, nunca nos faltou, mesmo nos momentos mais difíceis.*

*A coragem acompanhou-nos sempre, como Cirineu inquebrantável. A ela devemos o êxito da faina empreendida. A cada golpe vibrado, respondíamos com um passo em frente, olhos no engrandecimento da Causa, dispostos a todos os sacrifícios para dignificar a Doutrina Espírita. É a viagem prosseguia, em passo acelerado... Os peregrinos juntavam-se às nossas falanges e o arroio transmudou-se em rio caudaloso, prestes a entrar no oceano... ¡Como nos é grato recordar essas horas inesquecíveis!...*

*O edifício avolumava a olhos vistos e os cavouqueiros continuavam a cuidar-lhe dos alicerces. E cada pedra nova era promessa de consolidação, era certeza de vencer...E cada obreiro que espontaneamente acorria, vinha impregnado de crescente entusiasmo, disposto a animar os que se encontravam na trincheira...*

*Hoje, o Centro Espiritualista Luz e Amor está em pleno uso dos meios que o conduzirão aos seus objectivos.*

* * *

*Êste duplo aniversário, parecendo vulgar e simples, é, todavia, de significado diferente dos demais aniversários. Comemorar uma data é, geralmente, recordar o caminho andado e fazer votos pela continuação da obra, segundo o programa estabelecido. Mas o nosso aniversário, além de consistir nessa comemoração usual, comum a tôdas as festas semelhantes, marca o início de nova caminhada, com desígnios mais vastos, com intenções definidas, adequadas às necessidades da verdadeira propaganda.*

*É preciso chamar os centros e grupos espíritas da província e levá-los a participar da nossa cruzada, a interessarem-se pela difusão de seus próprios trabalhos práticos nas colunas de* Estudos Psíquicos. *Porque um centro deve pôr em acção tôda a sua vontade, no sentido de atrair o maior número de adeptos, de concitar a atenção dos indiferentes e neutralizar os manejos dos adversários. Centro ou grupo que estratifique, que se deixe paralisar em face do comodismo geral ou parcial dos seus membros, entra no círculo das fôrças negativas, incapazes de acompanhar o progresso comum, que devemos auxiliar na medida das nossas possibilidades.*

*Os centros e grupos espíritas não podem circunscrever-se, não podem limitar-se à sessãozinha habitual, onde o guia se entretém em colóquios mais ou menos verosímeis; devem aproximar-se de Deus pela ciência e pelo amor. Devem, sobretudo, dar prioridade aos trabalhos demonstrativos da existência do espírito, como individualidade perene, bem como da sobrevivência, problemas de ontem, de hoje e de sempre, cuja solução representará o maior passo no campo dos conhecimentos humanos.*

Estudos Psíquicos *será o porta-voz de todos os centros e grupos espíritas que no-lo solicitem, estribados em fundamentos racionais, isto é, que pratiquem a doutrina, subordinados às regras preconisadas pelos investigadores de são critério. Àquêles que pratiquem Espiritismo* intuïtivo, *orientados, apenas, pelos chamados* guias, *a quem obedecem sem raciocinar, não poderemos, infelizmente, dar o nosso apôio espontâneo e desinteressado, porque o lema desta revista é* prestigiar o Espiritismo e concorrer para o seu progresso incessante, *dentro de normas elevadas que se imponham a todos: adeptos, simpatizantes e adversários.*

* * *

*O aniversário do Centro congloba o aniversário da revista. São duas entidades que trabalham paralelamente, que vivem do Ideal e para o Ideal, que se norteiam pelos mesmos princípios, que se aquecem ao mesmo fôgo sagrado que irradia dos nossos corações em festa.*

Estudos Psíquicos, *que nasceu modestamente e modestamente pretende viver, adqui-*

riu personalidade e responsabilidade próprias e não deseja afastar-se do programa que traçou, a não ser para o ampliar, para o tornar mais efectivo, de efeitos mais salutares.

Nesta arena, todos os bons espiritas poderão terçar armas leais, todos poderão erguer a voz em defêsa dos nossos postulados.

Êste primeiro ano de existência demonstra que se pode fazer propaganda útil, que se pode defender uma ideologia, sem atacar ninguém, sem usar de fraseologia duvidosa que ennegrece as ideas, sem recorrer a processos capciosos, indignos de pensadores firmes e honestos.

Estudos Psíquicos tudo fará para que a família espirita portuguêsa volte a interessar-se pela doutrina.

Publicará o relato dos fenómenos que os núcleos espiritas trouxerem ao nosso conhecimento, desde que tenham o contrôlo de pessoas idóneas, devidamente esclarecidas. Numa palavra: esforçar-se-à por demonstrar a inteireza e superioridade do Espiritismo, sem amesquinhar outros credos, igualmente dignos de respeito.

Não se trata de coisa nova. Trata-se de alargar a influência dum órgão de propaganda, pela penetração constante de ideas sãs e regeneradoras nos grandes e pequenos aglomerados humanos.

Uma revista deve ser popular, deve viver com o leitor, deve auscultá-lo e guiá-lo e sugerir-lhe pensamentos elevados.

— A verdade vos fará livres — disse o Nazareno.

É em busca dessa verdade, que Estudos Psíquicos exerce o seu mister, que trabalha afanosamente, a-fim-de cumprir a sua missão.

Assim o tem reconhecido a plêiada de colaboradores que nos acompanham desde os primeiros tempos. Assim o tem reconhecido um sem número de confrades e amigos que de longe nos enviam saüdações entusiásticas, em palavras de fé que não esquecem mais. Assim o têm reconhecido até os indiferentes que sabem compreender a eficácia dos nossos métodos.

* * *

Êste número de Estudos Psíquicos demonstra bem o interêsse e o carinho que a sua orientação tem despertado nos centros e grupos espiritas portugueses.

Do norte ao sul, de leste a oeste, há milhares de corações amigos que vibram connôsco e se dispõem ao combate leal, para que a Causa não morra e os bons elementos se não dispersem.

¡Estudos Psíquicos estará sempre convôsco, prezados irmãos! Veïculará as vossas aspirações, propagará os vossos alvitres e relatará os vossos trabalhos. Será vosso órgão, já que nasceu para unificar tôda a família espirita, afastando e destruindo os germes dissolventes que provocam a sizânia. Podeis contar com o seu apoio incondicional, com o seu conselho amigo, com a sua vigilância rigorosa. Fazemos questão de auxiliar as agremiações que vivem ignoradas e quantas delas produzindo obra de grande valor. Assim é que se deve fazer propaganda, assim é que se deve prestigiar a Doutrina que norteia os nossos passos.

Não é semeando ventos que se firmam ideas e, principalmente, ideas regeneradoras e salvadoras. É semeando paz, é interessando uns e outros no trabalho comum.

Estudos Psíquicos, o Centro Espiritualista Luz e Amor e os demais centros e grupos representados nesta cruzada espirita, saberão construir obra meritória e duradoira, que fique, pelos tempos fora, a atestar o esfôrço e a boa vontade dos seus elementos.

Eis, porque é de festa o dia de hoje. Eis, porque a nossa fé é cada vez mais forte. Eis, porque a esperança que sentimos é cada vez mais justificada.

## CHARLATANISMO

...Repetimos o que temos dito noutra emergência: É preciso colocar o charlatanismo fora da Lei e gritar, do cimo dos telhados, as excelências do Espiritismo. Quem se abalançar a esta emprêsa bem merecerá da sociedade.

Temos que rehabilitar a palavra, profanada por tantos energúmenos, sem responsabilidade moral, nem intelectual. Porque o Espiritismo é uma doutrina excelsa, mais que suficiente para regenerar os maus e trazer os cépticos ao bom caminho.

Propaguemo-lo sem desfalecimentos e não deixemos de auxiliar as autoridades no saneamento que é necessário fazer-se, quanto antes.

Apontar os hipócritas é salvar os fracos que não têm coragem para afastar as péssimas sugestões... E o Espiritismo não pode continuar à mercê duma súcia de ambiciosos que lançam mão dos mais vergonhosos expedientes para conseguir os seus fins duvidosos.

*I. D. S.*

(De *O Mensageiro Espirita*)

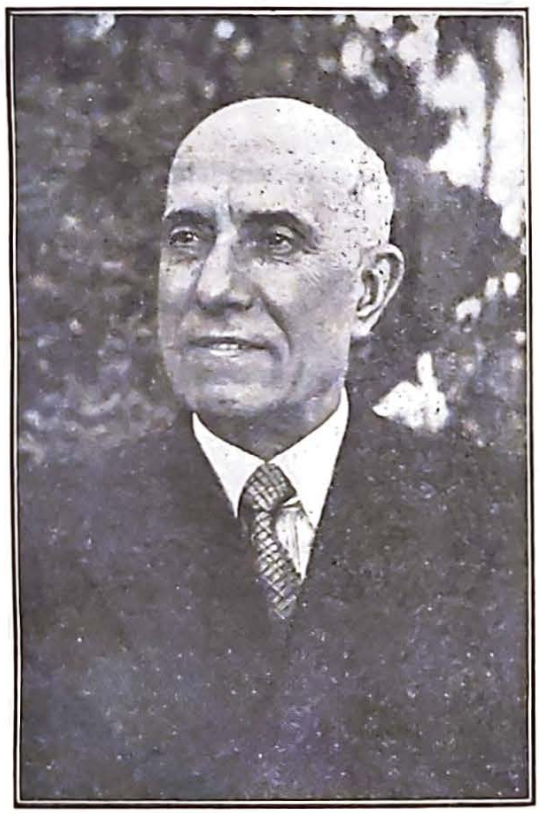
N/Dez/40

# O FACTO ESPIRITA

pelo coronel Faure da Rosa

I

PAUL Courquin, numa notável conferência que, há anos, efectuou na *Maison des Spirites*, em Paris, disse que há quem considere o Espiritismo uma religião, mas que tal opinião não aquece nem arrefece. O que importa é que os espiritistas não aceitem o facto espirita sem o discutir. De contrário — se tudo aceitarem sem raciocinar — irão cair nos dogmas



Coronel Faure da Rosa

em que se baseiam tôdas as religiões. E, então, cedo ou tarde os espiritistas terão que submeter-se à autoridade dos sacerdotes da nova religião e à dos novos «doutores» da lei espirita. Serão mais uns tantos rebanhos de cegos a apascentar por «cegos condutores de cegos».

O raciocínio humano não pode ser considerado objecto de simples ornamento. Temos o dever de o utilizar, sem que tenhamos o direito de o subordinar, servilmente, ao pensamento alheio.

Para bem compreender a produção do fenómeno espirita é preciso — antes de mais nada — conhecer a diferença entre *personalidade* e *individualidade* (1).

Tôda a criatura humana tem duas consciências distintas, — explica Aksakof: a *consciência interior*, que é individual, e a *consciência exterior*, que é sensorial. A personalidade de cada um de nós, resultante da consciência exterior, não pode identificar-se com o *Eu*, que pertence à consciência interior. Por outras palavras: aquilo a que comumente chamamos *nossa consciência*, não é o mesmo que o nosso *Eu*. Há que distinguir a *personalidade* da *individualidade*. A pessoa resulta do organismo, e o organismo não é mais que o resultado temporário do princípio individual transcendental. A experimentação, tanto sonambúlica como hipnótica confirma esta asserção. Logo que a personalidade, ou a consciência exterior, adormece, outra coisa surge: *outra coisa* que pensa e quere, que não se identifica com a personalidade adormecida; antes tem maneiras próprias, maneiras caracteristicas de se manifestar. Para nós é uma individualidade que não vemos, que não conhecemos. Mas ela, essa *outra coisa* que surge, conhece a pessoa que dorme e até recorda acções suas, pensamentos seus.

É êste núcleo interior, êste princípio individual que sobrevive ao aniquilamento do corpo físico. Tudo o que pertence à personalidade terrestre, não é mais que um caso de memória. É esta a chave da compreensão do facto espirita.

«Ora, se o indivíduo transcendental que reside no espírito — escreve Aksokof — se manteve unido ao corpo durante a manifestação fenomenal — como se verifica — é lógico admitir que, depois da desagregação do corpo, a mesma manifestação possa renovar-se por intermédio dum organismo humano acessível às impressões de ordem transcendental».

Por outras palavras: as comunicações dos desencarnados são possíveis, quando a faculdade mediúnica de certos viventes na Terra se ajusta à capacidade psíquica do desencarnado.

As manifestações do Além que tenham por fim o reconhecimento, a identificação da personalidade ter-

(1) *Aksakof: Animisme et Spiritisme*, p. 535.

restre do manifestante, só são realizáveis por um esfôrço de memória que reconstitua os modos da personalidade terrestre.

Note-se, porém, que êsse esfôrço vai-se tornando de mais em mais dificultoso, porque a recordação da personalidade terrestre deve, com o decorrer do tempo, ir-se apagando cada vez mais. Isto significa que a individualidade persiste e que a personalidade desaparece.

«É por êste motivo que a identificação dos espíritos comunicantes é de capital importância para o Espiritismo: é a sua pedra de toque. É por êste motivo que os casos provados de espíritos comunicantes identificados, são muito raros. Por êste motivo, resulta que tais casos são mais ou menos defeituosos ou não contêm senão alguns passos merecedores de aprêço — verdadeiramente característicos — passos que a memória evoca com o único fim de identificar a personalidade. É ainda por êste motivo que se explica que casos dêste género se reportem a uma época mais ou menos próxima da morte. Finalmente, é também por êste motivo que as comunicações mediúnicas não podem dar-nos nenhuma noção razoável, nem do mundo espiritual nem dos seus habitantes.

*«Nós não podemos fazer a menor idea do mundo transcendental.* Devemos ter sempre presente esta verdade.»

Aksakof entende que, se recebermos uma comunicação mediúnica que forneça elementos indubitáveis da personalidade comunicante, temos o direito — depois de eliminar tôdas as causas de êrro possíveis — temos o direito de atribuir a comunicação à origem a que a própria comunicação afirma pertencer.

«Na realidade, nós não sabemos nada de concreto do que seja um «espírito», quer o espírito seja aquêle que acreditamos animar o corpo, quer seja o que acreditamos sobreviver-lhe. A concepção vaga que temos dum «espírito», vem-nos duma outra causa de confusão que se manifesta, quando se trata de Espiritismo: a idea que nós fazemos de tempo e de espaço condiciona, involuntariamente, a própria idea dum «espírito». Nós aceitamos como lógico que um espírito exista fora do tempo e do espaço, e, ao mesmo tempo, damos-lhe um corpo, uma forma; isto é, damos-lhe atributos que dependem, necessariamente, do espaço e do tempo».

À primeira vista, parece uma contradição flagrante. A crítica vale-se até dessa contradição aparente para troçar da doutrina espírita e das suas manifestações.

Como, porém, um espírito não pode deixar de ser uma entidade individual dotada de inteligência e de vontade, fàcilmente se compreende que desde o momento que a entidade se manifeste de novo no plano terrestre, necessàriamente também, tem de se revestir da forma humana terrestre.

Quando o facto espírita fôr aceito, a filosofia deverá concluir, não que existe um mundo *sobrenatural* constituído por indivíduos *sobrenaturais*, mas que há um mundo de percepções transcendentais pertencente a uma forma de consciência também transcendental.

* * *

Os biologistas de todos os credos afirmam e demonstram o facto da evolução.

É conhecida a têse defendida pelo Espiritismo: «Da rocha ao verme e do verme ao homem». Contentemo-nos com a rocha como causa primeira, e, assim mesmo, já é alargar muito os limites da inteligência humana.

Os milhões de anos que teriam decorrido para atingirmos a apregoada civilização de hoje, é averiguação que, por ora, pelo menos, não cabe nas possibilidades do homem.

«Os mais recentes trabalhos de sábios investigadores dizem que os restos humanos fossilizados da época quaternária encontrados numa caverna do Vale do Neander (Prússia), provam a existência duma raça humana primitiva a que deram o nome de Neanderthal. Mais tarde, encontraram-se esqueletos completos desta mesma raça em Le Moustier, no sul da França, donde derivou o nome de homem «mousteriano». Outros restos da mesma raça foram encontrados em Gibraltar (Espanha), em Krapina, na Áustria, e na Palestina, o que demonstra, evidentemente, — deduz MacBride — que esta raça teve grande expansão (1).

«Dêstes fósseis concluiu Huxley que o homem Neanderthal era o meio termo desconhecido entre o homem e o macaco, mas os esqueletos completos de Moustier mostraram que os fémures eram curvos, o que indica que os homens mousterianos não se mantinham completamente direitos».

Aparece, depois, num rio de Java (Índias Neerlandesas), o «Pithecanthropus», e na China foi encontrado o homem fóssil — o «Sinanthropus Pequinensis» — o qual tinha notáveis afinidades com o de Java.

A descoberta original dos fragmentos dos maxilares do Sinanthropus deve-se ao Dr. Davidson Blake, que foi quem deu o nome de «Sinanthropus Pequinensis» a êsse representante de mais uma antiqüíssima espécie de família humana que, presume-se, tenha vivido há mais de um milhão de anos (2).

---

(1) *E. W. MacBride: Sôbre a evolução.*

(2) *«The Illustrated London News»;* Londres, 9 de Janeiro de 1937.

Nada se sabe acêrca da alimentação do homem primitivo de Java — o Pithecanthropus; mas alguma coisa se conhece do Sinanthropus.

Encontraram-se instrumentos de pedra, cinzas, fragmentos de restos de comida dêstes antiqüíssimos habitantes das cavernas. A sua habilidade técnica revela-se nas lascas de quartzo, outros tantos instrumentos que serviam para cortar e polir. As cinzas arrumadas a um lado da caverna, provam que já, então, usavam o fôgo e que a mulher de Pequim preferia juntá-las a varrê-las para o exterior. Nêsse montículo de cinzas fizeram-se várias descobertas: Pedaços de lenha mal queimada foram identificados com plantas semelhantes, ainda hoje existentes nas regiões do Norte da China e em outras terras de clima frio e sêco. Os ossos indicam que assavam pedaços de carne. Havia também grande número de sementes ou cascas de sementes, semelhantes a ervilhas, circunstância que parece indicar que o homem primitivo já conhecia a alimentação frugívora.

A embriologia veio, a-final, demonstrar que o homem descende do corpo duma criatura muito semelhante ao macaco. Porque a criança, antes de nascer, tem, indiscutivelmente, o princípio de uma cauda, e, quando nasce, os braços são tão compridos como as pernas. Os punhos são fortes, ao passo que as pernas são fracas e curvas; as plantas dos pés, arqueadas para dentro, são absolutamente incapazes de sustentar o pêso do corpo. Quando a criança começa a andar — cêrca de um ano de idade — tôda a sua atitude se assemelha, de modo surpreendente, à de um macaco superior. As pernas ainda estão arqueadas, o passo é vacilante e os braços fazem ângulo recto com o tronco, como os braços de uma balança. De facto, a criança de um ano poderia quási dizer-se uma larva de macaco. (MacBride).

A-pesar-de tudo, os sábios entendem que o Sinanthropus, ou o homem de Pequim, não deve considerar-se como antepassado directo do *homo sapiens*. Preferem considerá-lo representante de um tipo colateral.

«Não obstante o seu andar cambaleante» — escreve Mac Bride — é fora de dúvida que os homens primitivos fabricavam utensílios e enterravam os seus mortos com os instrumentos de que se serviam em vida. Todos os antropologistas concordam que tal costume implica a crença na sobrevivência da alma após a morte do corpo.

«É incontestável — conclue MacBride — que a crença na realidade da sobrevivência da alma é uma parte fundamental da equipagem mental humana; e, assim, tem sido desde o princípio. Embora ocasionalmente suprimida, essa crença, lá está sempre no subconsciente, profundamente oculta nos recessos do nosso ser».

# UM ANO

por Manuel Tavares

É já decorrido um ano, depois que o *Centro Espiritualista Luz e Amor* reabriu os seus braços para acolher em seu seio os homens de boa vontade que acreditavam, e acreditam ainda, ser possível realizar a união fraternal da família espirita portuguêsa, manter o prestígio do Espiritismo e continuar o progresso do mesmo.

Um ano — mesmo na vida terrena — é um pequeno espaço de tempo que passa quási despercebido, quando, dentro dêle, não houve um acontecimento invulgar a assinalá-lo.

Êste aniversário, porém, pelo êxito obtido com a reabertura do nosso Centro, pelo número de sócios até agora inscritos, pelos trabalhos nele realizados, tais como: conferências de estudo e de propaganda, passeios de confraternização, festas culturais, sessões espiritas gerais e de grupos autónomos, pela inauguração de sede própria, pela expansão da revista *Estudos Psíquicos*, pelo prestígio que ela tem adquirido, não só no continente, mas também no estrangeiro, pela *élite* de várias personalidades que nela têm colaborado, pelo auxílio financeiro que em ocasiões difíceis inesperadamente surge, pelo grupo de verdadeiros amigos que o Centro conseguiu cativar, em virtude do profícuo trabalho realizado até agora, por isto tudo, dizíamos, êste aniversário não pode passar despercebido a quem se interessa pelo Espiritismo e muito menos ao próprio Centro Espiritualista Luz e Amor.

É que se torna difícil fazer-se tanto em tão pouco tempo. Só um auxílio invisível poderá justificar o esfôrço dispendido para tal fim e êsse auxílio não lhe teria sido certamente dado, se não tivesse havido boa vontade, sinceridade e desinterêsse material por parte dos que têm empregado êsse esfôrço.

«Pelos frutos se conhece a árvore».

Os frutos colhidos até ao presente têm sido bons e é por isso que o Centro Espiritualista Luz e Amor, bem como o seu porta-voz, estão neste momento em festa, comungando em espírito com todos os nossos irmãos em crença, oferecendo a todos, sem distinção de espécie alguma, o seu mais fraternal abraço e dirigindo-lhes o seu mais veemente desejo de **Paz** e **Saúde.**

---

Aquêle que consagra a vida ao aperfeiçoamento espiritual não pode estar descontente, porque o que êle deseja está sempre em seu poder.

*Pascal*

# Espiritofobia protestante

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

II

NO nosso primeiro artigo da série que nos propusemos escrever acêrca do opúsculo publicado pela Livraria Evangélica, de Lisboa, intitulado «Espiritismo — uma experiência pessoal e um aviso», tradução de Eurico de Figueiredo, analisámos o conteúdo do primeiro capítulo. Continuemos a nossa tarefa através da sua prosa protestante, para nos elucidarmos como Mr. Kernahan encara os problemas psíquicos, hoje tão discutidos em todo o mundo, mas também muito deturpados pelas conveniências e interêsses ocultos duns *tantos sábios*...

No segundo capítulo, Mr. Kernahan conta-nos como se lhe proporcionou a ocasião de assistir à *única* sessão espirita, e descreve-nos as impressões lá colhidas.

A-pesar da entidade manifestante lhe ter provado certos factos particulares que só êle conhecia, nada disso o convence da realidade espirita e, com o comodismo vulgar de todos os inscientes e orgulhosos de ciência balôfa, relega todos os fenómenos observados na sessão para o *reservatório* justificativo de tudo o que se não sabe explicar: o subconsciente e a telepatia.

São dêle estas palavras:

«Os factos eram do meu conhecimento particular, e o médium teve conhecimento dêles por um fenómeno de transmissão de pensamento».

Como se vê, é uma maneira cómoda e *viável* de negar os fenómenos, ainda que a sua verosimilhança seja indiscutível. Mas êsse processo já tem barbas brancas... Já o empregavam os antigos professores de latim: quando não conseguiam decifrar certos passos mais difíceis de qualquer clássico da literatura latina, saíam-se bem da dificuldade, declarando enfàticamente: *grecum est*...

O subconsciente e a telepatia, ou a transmissão de pensamento, é para os nossos contraditores a mesma tábua de salvação.

Em vão Myers, Podmore e Gurney se esforçaram por demonstrar na sua bela obra «O fantasma dos vivos» mais de 1600 casos telepáticos, onde se provou a interferência dos espíritos desencarnados na sua manifestação. Debalde Camilo Flammarion no seu livro «O desconhecido e os problemas psíquicos», coligiu e classificou mais de mil fenómenos semelhantes. Em tôdas essas pacientes e laboriosas investigações, os seus autores não encontraram outra solução que não fôsse a existência dos espíritos. Myers não hesitou em declarar: «O método espirita é, de si mesmo, necessário e verdadeiro».

Mr. Kernahan, porém, não entende assim, porque o preconceito religioso o inibe de perscrutar além do dogma imposto pela sua Igreja. Pertence aos obstinados, aos incrédulos renitentes, para os quais nenhuma demonstração científica pode suplantar a letra dos 66 livros canónicos da Bíblia...

¿Mas que nos admira isso? Mais típico é o que nos diz Flammarion no seu livro precitado: «¿Não possuimos nós, em nossas bibliotecas, uma obra publicada em 1806 expressamente contra o movimento da Terra e na qual o seu autor declara que jàmais poderá admitir esteja êle a girar como um capão assado no espêto?»

Mr. Kernahan pertence a esta espécie, felizmente rara, de sábios cristalizados na sua orgulhosa ciência... de trazer por casa.

## Os comentários de Mr. Kernahan

Prossigamos na nossa viagem... protestante, através do opúsculo do nosso contraditor, para apreciarmos as lindas paisagens com que êle nos vai deliciar, nas suas *inspiradas* páginas.

O capítulo III dedica-o aos comentários que a célebre sessão lhe sugeriu. Julgávamos que os fenómenos observados e considerados quási supranormais pelo autor, o vencessem, embora o não convencessem. Mas não. Não obstante nessa *única* sessão ter-se materializado o espírito do poeta alemão Henri Heine, com tôdas as probabilidades de crédito, visto o nosso contraditor protestante descrever todos os detalhes da sua fisionomia, esta prova não é convincente. O preconceito permanece superior ao facto.

Mas para que os nossos leitores possam apreciar bem os argumentos do nosso anti-espirita, vamos dar-lhe a palavra:

«Apresso-me a acrescentar que a estranha face (de H. Heine) foi vista, e as palavras ouvidas, não só por mim mas por todos os presentes, incluindo o meu pai. Se assim não fôra, seria levado a crer então, e crê-lo-ia ainda hoje, que aquêle rosto seria nem mais nem me-

nos do que o *resultado de ter projectado na escuridão qualquer recordação de Heine jazida no esquecimento aparente da minha subconsciência*».

O grifo é nosso.

Cá temos o subconsciente como suprema explicação do inexplicável... ¡ Como se fôra possível materializar espíritos por intermédio do subconsciente ! Afirmar tais dislates não nos admira ; o que nos espanta é a sencerimónia e a convicção com que se fazem estas afirmações sem pés nem cabeça e como há pessoas, de certa cultura, no século XX, que acreditem nelas sem se certificarem da sua veracidade.

Aksakoff, Crookes, Richet, Lombroso e tantos outros investigadores descreveram meticulosamente, nos seus livros, o resultado das suas pesquisas, testemunhadas por outros sábios, com tôdas as cautelas, para evitar as probabilidades de fraudes conscientes ou inconscientes. Crookes, por exemplo, compatriota de Mr. Kernahan, no seu livro «Factos Espiritas», conta-nos pormenorizadamente como obteve a materialização de Katie King, por intermédio de Florence Cook ; êsse livro é bem conhecido na Inglaterra e nos outros países, pois está traduzido nas línguas europeias. É impossível que Mr. Kernahan o não conheça ou não tenha ouvido falar nêle, porque a evidência dos fenómenos obtidos por aquêle insigne cientista, durante mais de três anos, foram tão concludentes e reais, que ninguém de bom senso e espírito desempoeirado, ao falar de materializações de espíritos desencarnados, o pode ignorar, pelo menos como elemento de comparação e contrôlo científico.

Se Mr. Kernahan o lêsse e estudasse, veria confirmada a técnica da materialização do poeta H. Heine, e não teria a infelicidade de atribuir ao subconsciente um facto tão transcendente. Porém o véu...

## Mr. Kernahan reïncide...

> «O Espiritismo pretende ser uma nova revelação, mas, na verdade, como revelação, seria difícil a meu ver encontrar-se coisa mais antiga, menos original, do que as mesas a andar à roda, as penas a escrever por si, as adivinhações do que está dentro dum saco, ou dentro de uma caixa fechada, as próprias aparições e desaparições — emfim, habilidades sôbre que tôda a gente está já farta de ler, ou de ouvir falar».

Assim sentenceia Mr. Kernahan do alto da sua cátedra, usando e abusando do argumento já velho e revelho da fraude, das circunstâncias fortuitas, da mistificação, das habilidades... ¡ Fracos e inconsistentes argumentos estes sem base científica nem mesmo teológica !

Tôda a prosa do terceiro capítulo afina por êste diapasão. Em todos os períodos esvurma o ódio incontido contra o fenómeno espírita, procurando apoucá-lo, amesquinhá-lo, achincalhá-lo com as suas sentenças apostróficas e de fulminante condenação. Porém, o Espiritismo, cônscio do seu valor, resoluto na sua determinação inabalável de caminhar para a frente, sorri-se da raiva impotente dos seus mesquinhos adversários e vai deixando sulcos cada vez mais profundos nas consciências dos sábios e dos corifeus religiosos.

Porque é preciso acentuar que querer manietar o progresso das ideas é totalmente impossível. Não pode haver barreiras para o espírito investigador e ávido de luz. De vez em quando é necessário dar balanço às noções e refundi-las em novos moldes ; se um facto científico vem destronar preconceitos enraïzados, ¿porque não os devemos banir ? A utopia de ontem tornou-se hoje realidade. Isto nas ciências da evolução ; mas se está demonstrado que esta se estende aos problemas psíquicos, ¿porque estacionar no marasmo a que nos querem condenar as ortodoxias ?

O Espiritismo e as novas correntes espiritualistas afins lutam exactamente contra esta inércia esterilizante.

Os factos até agora obtidos são tão evidentes e palpáveis, primando pela precisão científica, que pouco a pouco vão demolindo a muralha da incredulidade e dos preconceitos ridículos, ainda defendidos em nome de princípios já caducos e bafientos...

É assim que dia a dia a Terceira Revelação vai conquistando para o seu seio adeptos sinceros e prestimosos em todos os campos da actividade humana. Hoje um pastor, amanhã um padre, no outro dia um escritor, noutro ainda um médico, um professor ou um filósofo, todos se engolfam no estudo dos fenómenos, encarando-os sob o tríplice aspecto : científico, filosófico e religioso. Porque o Espiritismo é tudo isto ; abrange todos os conhecimentos acumulados pelas gerações dos séculos pretéritos e prepara os surtos para as gerações porvindouras, indicando-lhes a rota segura para o Pai.

Além disso, o Espiritismo não está ilaqueado por qualquer espécie de dogma ou preconceito, porquanto, no dizer de Allan Kardec, «marchando com o progresso, não será jàmais excedido, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em êrro sôbre um ponto, êle se modificará sôbre êsse ponto, se nova verdade se revelar, êle a aceitará.»

¿ Que filosofia ou religião dá esta garantia ? Por isso os seus adeptos se contam por milhões e no III milénio ela conquistará o mundo. Nenhuma outra possue as qualidades para poder assimilar os princípios em que se baseiam tôdas as outras religiões.

«Tempo virá, diz Ernest W. Oaten, em que uma

religião universal suplantará tôdas as diferenças de credos, e o Espiritismo oferece uma ampla base para essa religião, no facto demonstrável da sobrevivência humana e da imortalidade, bem como a comunhão entre todos os mundos, um autêntico progresso.»

## «Solemnia verba...»

Mr. Kernahan, depois de divagações e suposições inconcebíveis acêrca dos factos espiritas que observou na *única* sessão a que assistiu, perorando sempre, afirmando que «o mundo dos espíritos não é mais do que uma série de múltiplas personificações realizadas por uma meia dúzia de *espíritos-actores,* todos êles trabalhando sob uma direcção única», demonstra bem o espírito de seita de que está infelizmente imbuído. Já não é assim que pensam muitos chefes das várias igrejas inglêsas. A antipatia espirita predomina no seu espírito, obscurecido pelas directrizes teológicas impostas pelos «Institutos» de Calvino e os «Comentários aos Gálatas» de Martinho Lutero, os principais inspiradores e codificadores do Protestantismo do século XVI.

A influência dêstes dois paladinos da Reforma foi nefasta para a evolução lógica da doutrina simples do Cristo. E senão comparemos:

Diz Lutero:

«Dizer que a fé é nada, quando não vem acompanhada pela caridade, é uma doutrina diabólica e blasfema. Todos êsses legisladores e moralistas são amaldiçoados».

Vejamos agora a contradição desta estranha doutrina, em Lucas, XIV, 13-14:

«Mas quando deres algum banquete, convida os pobres, os aleijados, os côxos e os cegos; e serás bem-aventurado, porque êsses não têm com que te retribuir; mas ser-te-à isso retribuído na ressurreição dos justos.»

Afirma ainda Lutero:

«Aquêle que diz que o Evangelho exige obras para a salvação, é pura e simplesmente um mentiroso.»

Comparemos a contradição desta assertiva gratuita, em Paulo, I, Coríntios, 13-3:

«E se eu distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada disto me aproveita.»

Estes passos do Evangelho são mais que suficientes para demonstrar que a fé só é profícua, acompanhada das respectivas obras de misericórdia e de generosidade. «Fora da caridade não há salvação», disse o patriarca do Espiritismo moderno; logo, só a fé cega e ilógica, sem uma finalidade espiritual intrínseca, de nada serve para a salvação da nossa alma, sujeita à lei da causa e efeito.

Estas incongruências dos campiões reformistas, aceitas como inspirações do Espírito Santo e portanto irrevogáveis e eternas, só tiveram o condão de deturpar e desvirtuar os princípios puros do Cristianismo primitivo, em que tudo era simples e solene.

Por isso a Reforma pouco ou nada influiu para o progresso espiritual da humanidade; em conseqüência, os crentes desertam das igrejas protestantes e vêm engrossar as nossas fileiras. ¿ E porquê ?

Responde-nos Robert Dale Owen, pastor protestante norte-americano, no seu livro «Região em litígio entre êste mundo e o outro», pág. 108:

1.° — «Porque seus princípios fundamentais foram colhidos em duas das Epístolas de S. Paulo e não nos ensinos do Cristo;

2.° — Porque a teologia dos reformadores, como a do romanismo, não se coaduna com a natureza de uma ciência progressiva;

3.° — Porque essa teologia não tem recursos para, nos tempos actuais, corrigir os costumes hodiernos e concorrer para a civilização da humanidade.»

É isto o que nos revela um pastor protestante norte-americano, que se não sentiu bem dentro do colête de fôrças dos dogmas, e por isso rompeu com todos êles para comungar nas verdadeiras ideas cristãs, à luz meridiana da fé raciocinada, e sem peias de qualquer espécie.

Mas, não é só êste ex-discípulo reformista que nos faz esta revelação grave. Outro reverendo inglês, J. Ernest James, Presidente da União Congregacional da Inglaterra e Gales, expôs à Assembleia o movimento decrescente da comunidade, conforme a versão do «Psychic New», de Londres:

«Edifícios que foram construídos cincoenta anos atrás, agora são excessivamente grandes. Freqüentemente, vemos prédios com capacidade para 1.000 a 1.500 pessoas assentadas, apresentarem agora congregações de 100 assistentes».

¡Em compensação, compare-se o incremento da assistência nas sessões espiritas, especialmente no Brasil, onde as salas de conferências se tornam insuficientes para conterem completas avalanches de assistentes!

Eis por que muitos dos dirigentes responsáveis das várias comunidades religiosas inglêsas, se voltam para os estudos psíquicos, nos quais encontram o *x* dêste problema capital...

## Considerações finais

Já demonstrámos, com argumentos e factos, sobejamente conhecidos, os erros dos nossos adversários protestantes, com os documentos sinceros doutros ex-pro-

testantes. Mas há mais, muito mais. A fonte é inexgotável e chega para dessedentar todos os sedentos de conhecimento e luz daquela luz que ilumina os espíritos, em vez de os obumbrar.

Se os nossos contraditores dêste sector religioso seguissem à risca o que Paulo recomenda: «Junta à tua fé a virtude e à virtude o conhecimento», mas o conhecimento desapaixonado e despretencioso, imparcial e livre do espírito de seita, como já o fizeram tantos outros seus sequazes, talvez considerassem o Espiritismo, não como um inimigo, intruso e concorrente desleal; mas sim um irmão mais novo, desejoso de contribuír para o esclarecimento de tantos pontos obscuros que a interpretação do Evangelho ainda apresenta aos exegetas de tôdas as Universidades de teologia.

Senhores reformistas, segui o exemplo dos vossos confrades e estudai os fenómenos psíquicos, se quereis evitar a debandada dos crentes do vosso rito.

¿Porque não imitais o Trinity College, da Universidade de Cambridge, que resolveu criar uma cadeira de Espiritismo, regida pelo professor Broad, da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres? ¿Não seria preferível, a manterdes essa atitude falsa do negativismo estéril e contraproducente para as vossas igrejas?

Arripiai caminho quanto antes, senão o romanismo absorver-vos-à.

Diz Robert Owen, no seu livro supracitado, que o Catolicismo está ganhando terreno na Inglaterra e na América do Norte. E afirma:

«No decurso de trezentos anos, de 1570 a 1870, observa-se que o Protestantismo tem sempre retrogradado. No começo dêste período, havia na Europa uma esmagadora maioria protestante, e, no fim de três séculos, contam-se dois católicos para cada protestante. Mesmo entre nós (norte-americanos) presentemente, o número de católicos e protestantes cresce, mas, se atendermos à proporção dêsse aumento em cada um dos credos, veremos que, se continuar a ser o mesmo, no fim de um terço de século, os católicos romanos suplantarão os protestantes nos Estados Unidos.»

¿Serão necessários argumentos mais convincentes para os asseclas de Lutero, Calvino, Zwinglio, Knox, etc., reconsiderarem e estudarem êste problema máximo da sua existência futura?

A razão por que o Arcebispo de Cantuária nomeou a célebre comissão de bispos anglicanos para estudarem os nossos postulados, não deve andar longe desta ameaça que paira sôbre os destinos da Igreja inglêsa.

Os trinta e nove artigos da «Profissão de Fé» aprovados na Inglaterra em 1562, por imposição da Raínha Isabel, e que os sacerdotes anglicanos são obrigados a assinar no momento em que recebem ordens ou um curato paroquial, tornaram-se insuficientes e obscuros para o espírito positivo das novas gerações da velha Albion.

Hoje querem saber por que se crê nisto ou naquilo. Estamos muito distanciados dos séculos trevosos da Idade Média e até mesmo das claridades espirituais da Renascença.

Em vez da fé passiva, dogmática e ilógica dos tempos idos, em que tantos mártires foram imolados às estúpidas e fanáticas ortodoxias, o cristão do século XX prefere a fé activa e racional, dinâmica e consciente, que o Espiritismo preconisa e defende como condição imprescindível do progresso espiritual da humanidade futura.

Por isso aconselhamos aos adeptos de todos os ritos protestantes sigam o exemplo dos seus mentores ingleses e tomem como divisa estes conselhos basilares de Léon Denis:

«Dilatai os vossos horizontes; procurai o que aproxima as almas e não o que as divide. Não lanceis o anátema sôbre os que não pensam como vós, porque para vós mesmos preparareis cruéis decepções na outra vida. Que a vossa fé não seja exclusivista, nem intolerante.»

Alegrar-nos-ia imenso ver Mr. Kernahan assumir esta atitude, a atitude do verdadeiro cristão, sem nos querer impôr a verdade exclusivista da sua igreja decadente...

## O PRINCÍPIO DA RAZÃO SUFICIENTE

Os acontecimentos actuais têm com os precedentes uma ligação fundada sôbre o princípio evidente de que nada pode começar a existir, sem uma causa que os produza. Êste axioma, conhecido por *princípio da razão suficiente*, é extensivo às acções mais insignificantes. A vontade mais livre não pode dar-lhe origem, sem motivo determinante, porquanto, sendo exactamente iguais tôdas as circunstâncias de dupla posição, se ela agisse, apenas, sôbre uma delas, tal escôlha seria efeito sem causa. Seria, — como diz Leibniz, — o cego acaso dos epicuristas. A opinião contrária é ilusão do espírito que, perdendo de vista as razões fugazes do desígnio da vontade, nas coisas mínimas, se convence de que ela é determinada por si mesma, sem motivo algum. Devemos, pois, encarar o estado presente do universo como efeito de seu estado anterior e como a causa do que vai seguir-se. Uma inteligência que conhecesse tôdas as fôrças da natureza e a situação exacta dos sêres que a compõem; se, além disso, fôsse suficientemente vasta para submeter êsses dados à análise, abrangeria na mesma fórmula, tanto os movimentos dos maiores corpos do universo, como os do mais ligeiro átomo: nada existiria de incerto para ela e o futuro e o passado estariam presentes a seus olhos. Na perfeição que soube dar à astronomia, o espírito humano oferece um frágil esbôço dessa inteligência.

*Laplace* (Essai analytique sur les probabilités)

# RECORDANDO

por Maria Velêda

QUEM disse que «recordar é viver duas vezes», afirmou uma grande, indiscutível e consoladora verdade.

Um dos atributos mais preciosos, dos dois mais excelsos com que a Divindade brindou o Homem, consiste na faculdade de recordar, de reviver pelo pensamento as horas felizes, ou meditar sôbre os êrros cometidos, na firme disposição de os reparar.

D. Maria Velêda

Pela recordação, evocamos a meninice, a mocidade, e sentimo-nos, embora momentâneamente, transportados a épocas em que tudo à nossa volta eram risos, cânticos e ilusões.

Faz-se no deserto da nossa alma cansada de sofrer um oásis de efémera ventura: — árvores reverdecem e cobrem-se de flores; arômas suavíssimos espargem-se no ar; velhas músicas esquecidas desdobram-se em alegres ou melancólicas ondas de harmonia.

Depois... a realidade empolga-nos; os cuidados imanentes subjugam-nos; mas — ¿que importa?! — recordaram-se emoções perdidas e tornamos a viver algumas das horas mais impressionantes do passado.

A velhice é a época da vida mais propícia ao prazer de reconstituir sonhos que nunca foram mais do que rápidas, meteóricas visões; e a branca fada da saüdade entorna sôbre o nosso coração dolorido um bálsamo estranho, de uma pureza tôda imaterial.

¡Felizes os que sabem, os que podem recordar!

Eu pertenço a êste número; e não trocaria as maiores opulências, nem mesmo — se possível fôsse — o regresso à juventude, pelo encanto de que me sinto possuída, quando revejo o caminho percorrido e faço desfilar, num cortêjo luminoso, algumas das mais lindas e poéticas recordações do tempo que lá vai...

Assim, foi-me grato o convite que recebi da ilustre Direcção de *Estudos Psíquicos* para colaborar em o seu número especial, comemorativo do renascimento do Centro Espiritualista «Luz e Amor», a cuja fundação se encontram ligadas algumas esperanças que alimentei em época não muito distante — esperanças que, em parte, me iludiram, mas das quais, a-pesar-de tudo, tenho tantas... tantas saüdades!...

Foi por volta do ano de 1914. Eu tinha ingressado nas fileiras espiritas, amparada no braço amigo do ardente apóstolo das ciências psíquicas, que foi o venerando general Viriato Passaláqua. As minhas primeiras leituras, as minhas primeiras experiências realizaram-se sob a sua direcção e o seu avisado conselho.

Como todos os iniciados em qualquer doutrina, eu encontrava-me sequiosa de conhecimentos, abrasava-me na ânsia de saber, de descobrir os segredos do Além, entrando em comunicação com as entidades misteriosas, que sentia pulular em meu derredor, — umas vibrantes de alegria, outras mergulhadas em tristeza profunda e no desespêro mais alucinante. Conhecê-las, falar-lhes, confundir a minha alma com a sua, — tal foi o desejo mais intenso por que me apaixonei então. E, como não podia deixar de ser, sucedeu-me o que sucede a todos os neófitos, qualquer que seja a sua cultura: — procurei satisfazer a minha sêde do desconhecido, tomando parte nas denominadas «sessões experimentais».

Devo confessar em abono da verdade, que a minha espectativa sofreu diversas e pungentes decepções; mas os conhecimentos bebidos nas melhores fontes e



N.º 8, Nov/Dez/940
ano 2º

o desejo cada vez maior de ilustrar-me, animaram-me a proseguir, sem que me sentisse influenciada pela ignorância e fanatismo de certos experimentadores, — antes tirando partido de tudo quanto se me deparava.

Senti, então, imperiosa necessidade de organizar um grupo constituído por pessoas absolutamente sinceras e que laços de simpatia unissem entre si.

Desta maneira nasceu o «Grupo das sete». Como o seu nome indica, éramos sete irmãs em ideais as componentes do mencionado grupo. Número simbólico, talvez êle contribuísse bastante para os resultados que depois alcançámos.

Dessas sete senhoras, algumas ainda vivem. Eram: D. Maria da Madre de Deus de Almeida Deniz, em casa de quem nos reüníamos, D. Emília Marques, D. Maria Emília de Carvalho Gonçalves, D. Maria Augusta Setas, D. Emília Bähr Ferreira, (as duas últimas já falecidas) e, finalmente, quem estas linhas escreve.

Reüníamo-nos *as sete*, pontualmente, tôdas as semanas, em dias e a horas certas. Não havia entre nós o mínimo atrito, a mais leve desinteligência. A nossa Fé era inabalável; infinito o nosso desejo de progredir. Tivemos as mais belas, as melhores sessões que ainda conheci. Quando os trabalhos finalizavam, era como se uma onda de Luz e Amor nos envolvesse em sua bênção celestial. Espíritos superiores baixavam até nós, dando-nos os mais proveitosos alvitres, os mais altos ensinamentos.

Os excelentes resultados obtidos fizeram-nos ambicionar outros cometimentos. De facto, ¿não seria egoísmo nosso limitarmos a tão diminuta assistência a audição das comunicações que nos vinham sendo dedicadas?!

E, com assentimento do Guia «Luz e Amor», convidámos algumas pessoas conhecidas no meio espírita para uma reünião, que efectivamente se realizou, em casa da irmã D. Madre de Deus.

Dessa reünião nasceu o Grupo, que começou logo funcionando sob a égide do Guia, seu patrono, constituídos os seus corpos gerentes por senhoras, de que fizeram parte as componentes do extinto «Grupo das Sete».

As sessões que, até então, tinham sido limitadas à assistência das suas fundadoras, desenvolveram-se e modificaram-se, perdendo o carácter de exclusivismo que as distinguia. Foram admitidos sócios de ambos os sexos, e inciaram-se desde logo pequenas mas interessantes festas artísticas e de propaganda espiritualista.

Funcionava o Grupo Espírita «Luz e Amor» desde o ano de 1916, sendo numerosos os seus adeptos, — e tanto que foi necessário fazer-se um desdobramento das sessões experimentais, por grupos que trabalhavam separadamente em casa de diferentes associados. Impunha-se a transformação do grupo numa agremiação de mais larga envergadura — e assim sucedeu. Do número 10 da revista «O Futuro» correspondente aos meses de fevereiro a maio de 1923, transcrevemos o seguinte :

## «LUZ E AMOR»

«O grupo espírita que, sob a designação acima tem funcionado em Lisboa, desde 1916, constituíu-se recentemente em asociação devidamente regularizada, com o título de Centro Espiritualista «Luz e Amor». Tomaram esta resolução os irmãos dirigentes do referido agrupamento, inspirados no desejo de tornar mais proveitosos os seus trabalhos e de reünir em sua volta outros irmãos a quem a difusão das ideas espiritualistas interesse e que queiram reünir-se para espalhar em todos os sentidos a *Luz e o Amor*».

Autorizados pela entidade oficial competente, os estatutos, que tinham sido aprovados em reünião de Assembleia Geral, no dia 15 de Abril de 1923, o Centro começou imediatamente desenvolvendo a sua actividade.

Em 20 de maio e 29 de junho do mesmo ano, reazaram-se duas brilhantes festas de propaganda, nas quais se fizeram peditórios, cujo produto reverteu em benefício do «Albergue das Crianças Abandonadas» e do «Albergue dos Inválidos do Trabalho». Outras festas se realizaram depois, com êxito e brilhantismo sempre crescentes.

Em outubro de 1924, apareceu o primeiro número da revista «A Asa», órgão oficial do Centro, sendo o seu principal objectivo a preparação de um Congresso Espírita, para melhor e mais homogénea organização das ciências psíquicas, em Portugal.

Obedecendo a tais intuitos, promoveu o Centro uma reünião magna, em que se fizessem representar diferentes agrupamentos congéneres, e que se realizou em 11 de janeiro de 1925, no Ateneu Comercial.

Nessa reünião ficou deliberado que o 1.º Congresso Espírita Português se efectivasse no mês de maio seguinte, o que a Direcção do Centro, *constituída exclusivamente por senhoras* (digo-o com não escondido desvanecimento) levou a efeito, não se poupando aos maiores esforços, sacrifícios e canseiras, e sendo auxiliada por alguns irmãos cheios de boa vontade e devoção pela causa.

O Congresso, que excedeu em importância tudo quanto se tinha previsto, marcou, indiscutìvelmente, o primeiro triunfo do Espiritismo em Portugal.

De então por diante, a estrêla do Centro começou de empalidecer; e, poucos meses decorridos, pareceu extinguir-se por completo...

Fica assim historiada a largos traços a vida pri-

**REMINISCÊNCIAS**

# CONFISSÃO

pelo Dr. Alfredo Mota

¿POR que rifei eu a filosofia com que fui criado nesta minha pátria? Depois de ter atingido e praticado o lugar de 1.º assitente da Faculdade de Medicina do Pôrto, tive a intuïção de pedir a minha demissão e ir ao Brasil experimentar a minha profissão de clínico com os conhecimentos adquiridos na minha escola-mãi e com esta prática tive bastas contrariedades, até que me relacionei com um dentista de origem patrícia e diplomado no Rio, já falecido e que foi nos últimos anos presidente dum centro espirita. Assisti a várias sessões que eliminaram parte da minha ignorância e fui lendo os livros que êle me emprestava, até me tornar espirita convicto, momento em que fiquei crente em Deus, coisa que não conseguira desde criança, a-pesar da prática católica.

Deísta de observação estimulada, conviria notar que a homeopatia batia freqüentemente na alopatia e chegou um dia memorável em que um colega brasileiro, que me não conhecia, me chamou ao telefone e pediu uma conferência para um cliente que estava muito mal com uma cistite hepática supurada e que se negava a deixar-se operar, emquanto o seu médico quando entrou no Rio, a não viu e deu o seu conselho. A cliente morava agora a cinco léguas da capital, em Madureira.

Combinei com o colega ir vê-la na manhã seguinte e, sem lisonja para o assistente brasileiro, disse a tôda a família que a operação era inadiável e absolutamente precisa. Ouvi tôda a família a chorar e voltei para o Rio. Não mais pensei no caso, até uns quinze dias depois em que fui procurado no consultório por uma filha da doente, mãi de mais filhos, que me ia pagar a conferência.

— ¿Então, sua mãi melhorou?

— Nem logo, nem nunca, porque família amiga nos aconselhou a chamar médico homeópata e êste, sem uma beliscadura, pô-la completamente boa, sendo hoje uma pessoa feliz e contente.

Fiquei encavacado com o que ouvi e, ao sair do consultório, fui comprar o «Organon da arte de curar», de Samuel Hahnemann.

Perdi a noite em leitura e poucos dias depois já estudava matéria médica homeopática e ofereci aos clientes tratamento alopático e homeopático.

Mas os resultados das primeiras experiências eram tão evidentes, que em pouco tempo deixei de dar a escolher o método de tratamento. Era médico homeópata exclusivo, o que tenho sido sempre, desde que regressei a Portugal, abandonando no Brasil o ganha-pão único que tenho tido — a clínica alopática. Aqui há oito anos, nunca fiz senão homeopatia e alguns crentes nela tenho conseguido, embora o meio seja impróprio, pela onda de materialismo que envolve a maioria da população portuguêsa.

E objectam-me muitos: ¿porque relaciona homeopatia com Espiritismo?

Porque fui para aquela por intermédio dêste. Se não tivesse sido, primeiro, espirita, ainda hoje receitava drogas alopáticas. Ainda mais: se sou hoje naturista, prática do vegetarismo alimentar, é porque também modifiquei a minha ciência higiénica. A evolução é capaz de me levar ainda mais longe...

Para não cansar os leitores, continuarei nos números seguintes, ficando assente, desde já, que sou espirita homeópata e vegetariano à custa de sacrifício feito da minha docência na Faculdade de Medicina do Pôrto, para onde entrei por unanimidade de votos do corpo docente.

Espinho, 17 de Novembro de 1940.

---

mária do Centro Espiritualista «Luz e Amor», que vejo gostosamente, tal como a *Fénix*, renascer das próprias cinzas...

Tendo-lhe dado outrora o melhor da minha dedicação e da minha energia, felicito-o pelo seu regresso à actividade, fazendo ardentes votos pelo seu maior desenvolvimento e progressos espirituais.

**NOTA** — Já depois de composto o presente artigo, soube que D. Maria da Madre de Deus, a quem atrás me refiro, desencarnou. Que o seu espírito paire nas regiões da Luz!

# Considerações sôbre o perispírito

pelo Dr. A. Dias Pratas

APARENTEMENTE e materialmente encaradas que sejam as coisas, apresenta-se o homem como uma unidade, quando o certo é que, após cuidadosa análise, se descobre nêle uma dualidade: — a sua personalidade e a sua individualidade —. A primeira é definida pela sua estrutura e contextura físicas; a segunda pela sua estrutura e contextura psíquicas. Uma é de ordem puramente material, a outra é de ordem espiritual. Eis porque é mais fácil conhecer a personalidade do homem do que a sua individualidade sendo esta de tal forma obscura que, como regra, nem o próprio se conhece a si mesmo. É dessa ignorância em que quási todos nos encontramos, que resultam para nós tão grandes e irremediáveis desgôstos e tão freqüentes desastres na vida.

Se todos nos conhecêssemos a nós próprios e, conseguido que isso fôsse, nos déssemos ao trabalho de estudar os nossos semelhantes, para chegarmos a conhecê-los, muitos desastres, muitas tristezas, muitas dôres se evitariam, podendo todos viver sem atropelamentos desnecessários, conseguir, emfim, aquilo a que todos aspiram: — *a felicidade* —.

Infelizmente, assim não acontece. Já porque não nos conhecemos a nós próprios, — e por isso não evitamos aquilo que deveriamos evitar —, já porque o nosso semelhante não nos interessa, procuramos, com fins egoístas, orgulhosos ou de soberba, ocultar dos outros aquilo que intimamente sentimos, desviando-nos do bom caminho, — aquêle que o amor ilumina e que a caridade com a macieza do veludo atapeta —, para enveredarmos pelos cascalhosos atalhos do ódio, donde se sai com os pés magoados, feridos e ensangüentados.

* * *

Prosseguindo nesta orientação analítica do homem, chegaremos à conclusão de que somos, como em várias obras da especialidade se demonstra, constituídos, fundamentalmente, por um ternário: — corpo, perispírito e espírito —. O corpo e o perispírito constituem a personalidade do homem; um, — o corpo —, no campo terreno, e o outro, — o perispírito — no campo astral. O espírito é, emfim, o que individualiza o sêr; é aquilo a que vulgarmente se chama o nosso *Ego*.

O corpo, sendo de natureza material, é constituído pelos mesmos elementos cósmicos do meio em que vive; e assim é que não encontramos, pela análise química da matéria que compõe o nosso organismo, elemento algum, metálico ou metalóidico, que não tenha representante no globo que habitamos. Nem sequer lhe faltam os fluidos electro-magnéticos que percorrem a terra e a nossa atmosfera.

Êste simples facto é mais do que suficiente para rebater um dos argumentos propostos pelos que se opõem a admitir a habitabilidade dos mundos e que se resume no seguinte: — as esferas cósmicas não possuem tôdas as condições de vida indispensáveis à sua habitabilidade —.

Êste argumento baseia-se num êrro, qual o de crêr-se que todos os sêres da criação hajam de ter, corpòreamente, a mesma composição e, como tal, hajam de exigir as mesmas condições de vida. Ainda aqui se denuncia o orgulho do homem na sua pretenção de colocar-se na cúpula da criação, quando, na verdade, está muito longe de atingi-la, pois que, para isso, necessita de caminhar, ainda, durante muitos milénios na trajectória da perfeição.

Se, como dissemos, o corpo possue químicamente os mesmos componentes do meio em que habita, variarão êles de mundo para mundo, de glôbo para glôbo, consoante a composição dêstes. As condições de vida serão, pois, diferentes para cada um dêles. Como assim, se o homem terreno não pode habitar os outros astros, não impede isso que nêles possam existir outros sêres e outras humanidades que se distingam da nossa pela constituïção química e física dos seus tecidos, órgãos e aparelhos.

A título de hipótese, aceitemos como real, por exemplo, a habitabilidade de Neptuno, e admitamos que a sua humanidade seja tão egoísta como a nossa, isto é, que julgue ser o seu planeta que monopoliza as condições de vida exigidas pelos organismos viventes. Para os seus habitantes todos os restantes planetas do sistema solar seriam portanto, simples verbos de encher, sem utilidade alguma prática na grande obra do Omnipotente. Entretanto, se até nós chegasse notícia de tais pontos de vista, rir-nos-íamos na nossa pequenez, visto verificarmos, «de visu» que também a Terra é habitada e não só Neptuno, como, segundo a hipótese proposta, os seus habitantes, orgulhosamente, pretenderiam. «Mutatis mutandis», encontramo-nos nós nas mesmas condições de não podermos afirmar a deshabitabilidade dos outros astros pelo facto de não podermos viver nêles com a organização física que nos

é própria e adaptada à constituïção físico-química do nosso planeta. De resto, já o próprio Cristo o afirmou, quando nos disse «haver muitas moradas na casa do Pai» (João, XIV-2).

¿ Que moradas serão essas ? ¿Não serão todos os astros que sulcam o espaço infinito ? ¿ Ou pretender-se-à reduzir a obra infinita de Deus ao minúsculo grão de areia que habitamos ?

A obra de Deus é infinita ; e, como infinita, infinito haverá de ser o número dos globos habitados, o número das moradas que o Grande Arquitecto do Universo desde sempre criou, cria e eternamente criará, com o fim de proporcionar a evolução de todos os sêres, e, como assim, a daquêle que mais directamente nos interessa : — o homem —.

Perante isto, fàcilmente se compreendem as diferenças que possam existir de glôbo para glôbo, de mundo para mundo, sob o ponto de vista das suas aptidões para receberem esta ou aqueloutra ordem de sêres, relativamente à sua natureza física e ao seu adiantamento espiritual. E assim, é que, fazendo o nosso planeta parte do grupo de moradas ainda bastante atrazadas, não se presta a receber na sua humanidade elementos que ultrapassem um certo grau de evolução, a não ser em casos muito excepcionais, — tal é o caso de Jesus-Cristo —, por motivo de qualquer missão especial a exercitar entre nós, com o fim de nos instruir e encaminhar, no intuito de nos facilitar a visão da luz, de que necessitamos para nos depurarmos e evoluirmos.

É assim que, em séries de desencarnações e reencarnações nêste ou noutros planetas, consoante o número de graus que tenhamos conseguido vencer na escala do progresso espiritual, chegaremos ao cume da escada de Jacob, onde encontraremos a felicidade real que, no nosso planeta, ou na sua atmosfera, jàmais conseguiremos gozar, pois que a Terra, sendo, como é, uma das moradas de provações, lágrimas e dôres, constitue, ainda, uma das primeiras «étapes» a transpor na longa trajectória... — ¡ e que longa trajectória !... — da evolução da nossa ascese para Deus.

* * *

A personalidade do homem, — dissemos acima —, é constituída pelo corpo, no campo terreno, e pelo seu perispírito, no campo do astral. Esta afirmação autoriza confusões que é indispensável desvanecer, porquanto poderá permitir o êrro de supor-se que o Espírito se encontre revestido só pelo corpo, durante a sua permanência na Terra.

Para corrigirmos desde já êsse erróneo conceito, impõe-se de momento esclarecer que o homem encarnado é basilarmente constituído por um ternário, cujos elementos, desde o mais grosseiro ao mais quintessenciado, são : — O corpo, o perispírito e o espírito —. O perispírito é companheiro inseparável do espírito, quer antes, quer depois da desencarnação, outro tanto não acontecendo ao corpo que, companheiro provisório, ou, melhor, transitório daqueles, se vê por êles abandonado em determinado momento da vida, sendo êsse fenómeno que caracteriza aquilo a que vulgarmente damos o nome de morte.

Não se julgue, porém, pelo que acaba de expor-se, que o perispírito entre na constituïção do homem como simples modêlo do seu corpo ; que, emfim, aquêle seja totalmente envolvido por êste. Não ; a substância perispirital insinua-se, penetra em todos os órgãos, em todos os tecidos, em tôdas as células do corpo, actuando assim, como intermediário entre êste e o espírito, em tôdas as suas partes, em todos os seus elementos, — ainda os mais simples —, por forma a aproveitar tôdas as suas funções na exteriorização das manifestações do espírito. Interpenetrando tôdas as partes componentes do corpo, interpenetra também as suas camadas mais superficiais, gerando, assim, em tôrno do corpo, uma auréula de coloração e brilho próprios, cuja diversidade, de criatura para criatura, obedece ao desnível intelectual e moral que marca a posição de cada um, na intérmina e íngreme escada do seu progresso espiritual, auréola que, não sensibilizando a vista física normal, é, entretanto, visível para certas criaturas dotadas dos dons da mediunidade vidente. São estes médiuns, os médiuns videntes, que nos informam da sua existência, verificável, de resto, por várias experiências, entre as quais as de exteriorização da sensibilidade que diversos magnetizadores têm repetido, com êxito igual.

É à noção da existência dessa auréola, a que se convencionou dar o nome de *Aura,* que se deve a inspiração da Igreja, ao contornar a cabeça das imagens dos seus santos com um círculo luminoso, conhecido pelo nome de *resplendor.*

Demonstra êste facto, que o perispírito não é uma criação do Espiritismo, mas sim um componente do homem, conhecido já desde velhos tempos ; e tanto que, para não falarmos de épocas mais remotas, se descobre a noção da sua existência, em muitos versículos da Bíblia, como poderemos verificar:

Folheando o Evangelho de João, encontramos, na resposta de Jesus a Nicodemos, simbolizado o perispírito no termo *água,* o que obedece à noção que nessa época se ligava aos quatro elementos da natureza, — Água, Terra, Fogo e Ar —, que eram considerados os dominadores do mundo, resumindo-se nêles as fontes da vida e das transformações de tudo quanto existe.

Segundo essas noções, a Água era o princípio gerador dos sêres, a fonte originária dos corpos vivos. É nesta acepção que Jesus, respondendo a Nicodemos, se utiliza do têrmo *Água* pela forma como se apresenta no seguinte diálogo (João, Cap. III) :

*«E havia entre os fariseus um homem, chamado Nicodemos, principe dos judeus.*

*«Êste foi ter de noite com Jesus, e disse-lhe: Rabbi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não fôr com êle.*

*«Jesus respondeu, e disse-lhe : Na verdade, na verdade te digo que aquêle que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.*

*«Disse-Lhe Nicodemos : ¿ Como pode um homem nascer, sendo velho ? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãi, e nascer ?*

*«Jesus respondeu : Na verdade, na verdade te digo que aquêle que não nascer da Água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que nascido do Espírito é espírito.*

*«Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quere, e ouves a sua voz; porém não sabes donde vem, nem para onde vai ; assim é todo aquêle que é nascido do Espírito.*

*«Nicodemos respondeu, e disse-Lhe : ¿ Como se pode fazer isto ?*

*«Jesus respondeu, e disse-lhe : ¿ Tu és mestre de Israel, e não sabes isto ?»*

Nestas respostas, visa Jesus avivar em especial a doutrina reencarnacionista que Nicodemos tinha o dever de conhecer, visto ser mestre de Israel. Foi por tal motivo que Jesus, admirando-se da sua ignorância, expressa na sua pregunta: «¿como se pode fazer isto?», respondeu, dizendo : «¿ Tu és mestre de Israel, e não sabes isto ?»

Foi para confirmar esta verdade, — a do reencarnacionismo—, que o Nazareno-Jesus, fazendo distinção entre o que era carnal e o que era espiritual, disse que *todo aquêle que não nascesse da Água e do Espírito,* ou, seja, do perispírito e do espírito, — mostrando assim que o Espírito e o *princípio gerador dos sêres* são companheiros inseparáveis —, todo aquêle que não nascesse, *repetimos,* da Água e do Espírito, não poderia entrar no reino de Deus. Nestas palavras, confirma ainda Jesus quão verdadeira é a noção que o Espiritismo proclama acêrca do agente que o Espírito utiliza para formar o corpo em que terá de reencarnar. Êsse agente é o perispírito, ou, segundo o simbolismo de Jesus, a água, como princípio gerador dos sêres, como fonte de orígem da matéria viva, isto é, da carne que o Espírito haverá de utilizar na Terra para exteriorizar as suas faculdades, ou, seja, tôdas as manifestações de vida expressas pela dinamização e pelas vibrações celulares do corpo que o perispírito manipulou.

Como vemos, pois, foi Jesus quem, com a sua autoridade divina, veio reavivar e confirmar a remota crença no perispírito, e, como assim, a concepção do ternário humano, — *corpo, perispírito* e *espírito* —, que o Espiritismo perfilhou e que já na antigüidade constituía doutrina assente e seguida pelos adeptos iniciados em todos os ramos das chamadas *Ciências Ocultas.* E tanto essa convicção se radicou no primitivo Cristianismo, que não deixaram de apregoá-la os Apóstolos de Jesus, como, por exemplo, João e Paulo, o que pode testemunhar-se com o que ambos êles escreveram nas suas Epístolas. Assim é que, aproveitando-se do têrmo *Água* no mesmo sentido acima referido, se lê o seguinte na 1.ª Epístola de João (V-6 a 8):

«Êste é Jesus Cristo que veio com a *água* e com o *sangue ;* não com a água sòmente, senão com a água e com o sangue. E o Espírito é o que dá testemunho que o Cristo é a verdade.

«Porque três são os que dão testemunho no céu : o Pai, o Verbo e o Espírito Santo ; e estes três são um.

«E três são os que dão testemunho na terra: o espírito, a água e o sangue ; e estes três são um.»

Claramente se vê definido aqui o ternário de que vimos tratando : — 1.°) o *Espírito,* 2.°) o *perispírito,* simbòlicamente expresso na *água,* e 3.°) o *corpo* que na palavra *sangue* se traduz.

E assim é que, sendo três os que dão testemunho de Deus : — o Pai, o Verbo e o Espírito Santo —, assim também são três os que dão testemunho do homem na terra : — o *Espírito,* a *Água* e o *Sangue* —, ou, sejam — o Espírito, o perispírito e o corpo —.

Confirmando esta noção do ternário humano, escreve mais explicitamente Paulo na sua 1.ª Epístola aos Tessalonicenses (cap. V, v. 23) :

«E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo ; para que todo o vosso *espírito* e *alma,* e *corpo* sejam conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus-Cristo».

Pelo exposto creio ter sido claramente demonstrada a conclusão acima enunciada e que vem a constituir o fêcho dêste modesto artigo: — o perispírito não é fruto de qualquer fantasia que o Espiritismo arquitectasse, — como pretendem alguns dos seus adversários —, mas sim uma componente real do ternário humano, cuja existência foi insofismavelmente confirmada por Jesus, — reavivando assim uma crença remotíssima e posteriormente apregoada pelos Seus Apóstolos em tôdas as igrejas, durante o árduo período da sua afanosa propaganda.

DO ALTO

# O NOSSO ANIVERSÁRIO

por Reper-Siam

*NESTA data feliz, não podia deixar de trazer também a minha palavra, que mais não fôsse, para estímulo dos que trabalham.*

*Do que foi a obra realizada durante o ano transcorrido, não me compete a mim dizer, visto que de longa data vinha preparando o caminho e os instrumentos. Muito menos me compete dar parabéns a quem os merece, pois não está no meu ânimo tecer elogios a quem quer que seja. Calar-me, porém, não seria possível, porque o regosijo era grande e o empreendimento é dos que requerem muito e muito sacrifício.*

*Para nós, que nos encontramos do lado de cá, tudo o que represente sacrifício tem dobrado valor, porque só assim as almas podem ascender aos páramos da justiça e do amor.*

*O dia é, realmente, de festa para todos; mas é necessário que o vosso entusiasmo não estratifique, que a vossa coragem não cesse. De resto, o futuro espera-vos, êsse futuro que será ainda mais difícil que o passado. O futuro espera-vos com as vossas energias retemperadas, com o vosso ânimo mais fortalecido. Se até aqui se exigiu muita coragem, arrôjo mesmo, daqui em diante é indispensável muita prudência, muita fé e muito trabalho. Só o trabalho pode construir obras como aquela que acabais de alicerçar. Todavia, para edificar não basta boa vontade. É preciso mais, muito mais. É preciso trabalhar afanosamente, agir com sacrifício da própria vida.*

*¿Que valem os interêsses particulares perante a grandeza duma Causa nobre e justa? ¿Que valem desculpas, muitas vezes descabidas, quando se trata de dignificar o mais belo ideal que peitos humanos jàmais albergaram?*

*Nada, meus irmãos. Só pelo lado espiritual o mundo entrará na lógica e no bom caminho. Não será com legislações mais ou menos avançadas, com punições mais ou menos rigorosas, que os homens aprenderão a trilhar o caminho de Jesus. Será com o desenvolvimento do eu espiritual, com o conhecimento da vida do Além, com o conhecimento, emfim, do verdadeiro sentido da vida. E só uma religião como a espírita poderá levar o homem a tal conhecimento. Tentem, embora, alguns afastar o Espiritismo do seu lado moral e religioso, que nunca o conseguirão, porque todo o ser necessita dum abrigo, duma doutrina e nenhuma como a espírita o pode consolar e levar a compreender a Divindade. É, pois, religião, no verdadeiro significado da palavra. Não têm razão aquêles que não admitem o Espiritismo religioso. Não têm razão os que apenas reconhecem o Espiritismo científico, que trata, exclusivamente, dos fenómenos que o impõem à consideração dos pesquisadores.*

*O futuro do Centro Luz e Amor está marcado e nada conseguirão aquêles que alguma vez tentaram opor-se ao seu triunfo, à sua marcha para a frente. O entusiasmo dos seus reorganizadores não tem limites e saberá acudir a tôdas as necessidades, embora seja tormentoso o caminho a percorrer.*

*Tanto daqui, como daí, a fé é cada vez maior e sempre crescente a vontade de trabalhar. Dêste lado, em que o panorama se apresenta duma maneira surpreendente, vemos quão belo é o futuro da nossa agremiação. Nem o ambiente de escuridão e pânico que envolve a Terra, nem a má vontade dalguns, nem o comodismo de tantos, conseguirão desfazer o que estava escrito nos Anais do Espiritismo Português. São modestos e pouquíssimos os obreiros de tão grande obra, mas nem sempre os melhores pertencem às primeiras filas, quere dizer, nem sempre a posição que se ocupa corresponde ao trabalho realizado.*

*Agora, é cada um cumprir como manda a lei: pegar no bordão e na sacola e não olhar para trás. A época é propícia a empreendimentos desta natureza, pois os homens nada mais têm para seu refúgio, além da certeza duma justiça divina, neste mundo espiritual que os aguarda. E só o Espiritismo pode mostrar a certos homens esta verdade. Só o Espiritismo, sob os seus três aspectos, pode convencer o homem acêrca do seu verdadeiro destino. Só o Espiritismo pode espalhar a luz necessária e encaminhar o homem para a perfeição espiritual e para Deus.*

---

A consciência religiosa do homem não é imutável; transforma-se constantemente, esclarece-se e purifica-se de mais em mais.

*Tolstoi*

# LOUVADO SEJA DEUS

pelo Dr. Dá Mesquita

Presidente da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas

*Se o Espiritismo é uma Religião, santa Religião é êle, que nos faz amar a Deus, e nos faz amar os nossos semelhantes e tôdas as criaturas.*

Dr. Dá Mesquita

*Religião é êle, que só prega o bem e nos manda detestar o mal.*

*Religião é êle, que nos ensina que a Alma tem o dever a cumprir, amanhã e sempre, de tornar-se tão pura, que possa ingressar no seio de Deus.*

*Religião é êle, que nos ensina que o corpo é apenas um vestuário que envelhece e se putrefaz, e que no coval se vai reduzir a alimento doutras criaturas.*

*Religião é êle, que não nos aterroriza com a morte, antes nos diz que sejamos bons para podermos ainda, depois de desencarnados, amar e proteger os entes queridos que Deus nos confiou e que deixámos ainda sôbre a Terra.*

*¡Louvado seja o Espiritismo, que nos ensina a erguer louvores a Deus, em cânticos que sòmente o coração sabe dizer!*

*¡Louvado seja Deus!*

# NOVO ANO

UM ano mais que finda e um ano mais que começa; e nesta repetição, começo e fim de anos, vão-se estes sucedendo com tal precipitação, que nos perturba a rapidez com que passam. É que mês a mês, dia a dia, cada um de nós, quando certa idade nos atinge, começa a sentir os desgostos que êles nos causam, quási, por assim dizer, sem darmos por isso.

Acaba um ano e começa outro, marcando presentemente esta data, uma éra de tristes episódios provenientes da má conduta dos homens, que a ela presidem, no que diz respeito à orientação e direcção dos povos. Sob o domínio da soberba, do orgulho e do egoísmo, há 16 meses que se desenrola no mundo o desolador espectáculo de recíprocas desinteligências das quais resultou a avassaladora hecatombe que tem sepultado milhares de vítimas, com o sangue das quais se tem regado quási tôda a Europa e grande parte da Ásia e da África.

Homens e monumentos, obras de arte de incalculável valor, tudo tem sossobrado sob o poder da fôrça bruta, inteligente e conscientemente manobrada pela ambição dos dirigentes e mandantes, gastando-se nisto tão fabulosas somas que, se fôssem melhor aplicados, teriam já extinguido absolutamente a miséria de todo o mundo.

E, a par dêste esfôrço material dispendido pelas nações, ¿quantas quebras de carácter e dignidade não o tem acompanhado? ¿quantas vilanias, quantas degenerescências morais não se tem verificado?

Mais um ano que passa... ano de tão tristes recordações... ¿Que nos reservará aquêle que se lhe sucede? Prouvera a Deus que nele se iluminassem de viva luz os espíritos de todos os homens, que o bom senso, emfim, os desviasse do errado caminho que têm seguido.

Ao comemorar-se, pois, mais um aniversário do Centro Luz e Amor, aproveitemos essa hora solene, unidos todos os Espiritas num mesmo pensamento de confraternização, para elevarmos a Deus as vibrações de nossos espíritos, transmitidas em fervorosas preces de amor, em harmoniosos hinos de cordura e pacificação, no ardente desejo de que, despertas as almas de todos, a paz se restabeleça no mundo, para bem de tôda a humanidade.

Coimbra, 10-12-940.

*Centro Espírita «Luz»*

# TOQUE DE CLARIM

por J. Vendrell i Mercadal

ESPIRITAS:

Um palpitante e bem significativo exemplo do poder da fé e do entusiasmo, aliada à mais persistente actividade, podemos vê-lo na grande obra que meia dúzia de espiritas fizeram, quási sem recursos materiais, contando ùnicamente com a sua boa vontade e interêsse pela expansão da Doutrina: a revivificação, em menos dum ano, do Centro Espiritualista Luz e Amor, que, desde há muito, estava na inactividade. sem sócios, nem dirigentes, e hoje se encontra em plena actividade, com mais de 500 associados e com sede própria em sítio central. Além disso, fundou-se também esta revista, a qual, tanto pela apresentação, como pela riqueza da colaboração, valorizada, não só pelos mais prestigiosos nomes portugueses, senão por muitos dos melhores estrangeiros, mereceu e continua a merecer as mais lisongeiras referências da imprensa congénere mundial.

Nesta obra dos dirigentes do nosso Centro está a demonstração palpável do poder da vontade e da coordenação do trabalho. Conseguida a união duma pequena parte da família espirita portuguesa, nota-se bem a diferença entre o entusiasmo actual e a situação caótica e desoladora dos últimos anos, em que tanto se fez sentir a falta duma entidade que coordenasse, dirigisse e animasse os esforços e a vontade de tantos elementos que desejavam o progresso da Causa.

Felizmente, espíritos iluminados, homens de têmpera antiga, batalhadora de ontem, de hoje e de sempre, souberam, a tempo, travar e aniquilar a vaga de descrença, em virtude duma falsa doutrina que tinha levado o nosso ideal à desorganização, ao marasmo e ao ridículo.

Escutai, pois, prezados irmãos espiritas:

Quem tem um ideal, deve lutar por êle, a-fim-de se tornar merecedor do triunfo que anela. Assim, o espirita convicto não deve limitar-se a contemplar os os seus confrades que trabalham. Temos que desenvolver o máximo de actividade. Não basta inscrevermo-nos como sócio dum centro espirita. Não basta estudar nos livros dos mestres. É necessário partilhar, com o esfôrço próprio, dos trabalhos do centro ou grupo a que pertencemos. Devemos dar a conhecer em tôda a parte e em qualquer ocasião as luzes da Verdade Espirita.

Apelamos para todos. Não basta dizer: sou espirita; não basta dizer: sou cristão; é necessário prová-lo com obras. E só propagando a doutrina e fazendo obras de Amor e Caridade demonstraremos que somos espiritas verdadeiros.

Sacrifiquemos alguns centavos tôdas as semanas para auxiliar as despesas e propaganda do Centro E. Luz e Amor. Demos o nosso óbulo à Comissão de Beneficência. Auxiliemos a Causa, conseguindo novos assinantes para *Estudos Psíquicos*.

A obra realizada pela nossa Direcção foi titânica e é nosso dever unir fileiras em torno dela. Todos unidos e convictos da ideologia, seguros do nosso raciocínio espirita, integrados, cada um, no seu justo valor, de modo a poder desempenhar acção profícua, desfaremos os obstáculos que se oponham à marcha triunfante do nosso Ideal.

¡Convertamos num facto a completa e total união

## ESTUDOS PSÍQUICOS

Estudos Psíquicos *é o nome duma importante revista doutrinária europeia, editada em Portugal e que já se tornou muito familiar no meio espirita brasileiro. Muito nos tem impressionado a orientação dêsse brilhante órgão da imprensa portuguesa, pois* Estudos Psíquicos *é uma revista completa no seu género: doutrinária, é imparcial; orientadora, prima por muito cuidado na preferência dos assuntos, o que a torna mais atraente ainda. Como órgão informativo, é dos que, no Velho Mundo, trazem mais vasto noticiário, especialmente do Espiritismo no Brasil. Sentimos não dispor de maior espaço para dizermos a respeito de* Estudos Psíquicos *o que deve ser dito sôbre tão notável publicação de além-mar.*

*(Da* Revista Espirita do Brasil, *de Julho de 1940).*



n.º 8, Nov/Dez.º/940
ano 2º

dos espiritas de Portugal! Esqueçamos personalidades, tôdas elas insignificantes, em face da grandiosidade da Causa. Sacrifiquemos divergências teóricas, para podermos conjugar os nossos esforços. Lutaremos em vão, se lutarmos sob o influxo de paixões e preconceitos.

O Espiritismo não impõe crenças em dogmas intangíveis, nem obriga a determinados processos. Apenas aconselha a pesquisa da Verdade, e, quem a procura, não pode confinar-se a sectarismos, porque ela é ilimitada.

Se bem que, por espírito de tolerância, não devamos tolher a menor liberdade de pensamento, é lógico, porém, que nos esforcemos para que a Doutrina não seja deturpada por abusos de seita ou pela ignorância. Bem unidos, podemos, desde já, atenuar e, num futuro próximo, extinguir de vez, o triste espectáculo que aos olhos profanos apresenta a nossa desunião, bem como as nossas divergências doutrinárias e de sistemas. Há muitos grupos isolados e dispersos, *fazendo Espiritismo a seu modo* e lançando-nos no ridículo, prejudicando a Causa e criando essa falsa opinião, formada pelo público ignorante, que nos considera fanáticos ou mentecaptos.

Unificados, com um Centro vigoroso, forte de recursos, podemos dar batalha e levar a exemplificação a todos os cantos de Portugal. E a Verdade triunfará. O fulgor dos seus raios penetrará em todos os corações e o Espiritismo português ficará ao nível do das outras nações.

Espiritas: ¡Unamo-nos e trabalhemos! ¡Não percamos tempo; pois, empregando-o mal, não exercemos bem a vida!

Espiritas: ¡Formemos uma só vontade, um só pensamento, uma só disciplina, e o Espiritismo, que é a Verdade, triunfará, porque a Verdade sai sempre vitoriosa!

Trabalhemos com afinco e entusiasmo pelo bem da Humanidade. Onde quer que esteja um espirita, deve estar um propagandista. Onde quer que estejam dois ou três, deve formar-se um grupo. Onde estejam cinco ou seis deve fundar-se um centro. E, em qualquer circunstância, todos êles devem manter-se em perfeito contacto, organizando conferências, trabalho e propaganda.

Queremos partilhar das vossas dificuldades e dos vossos entusiasmos, para que, àmanhã, possamos, todos juntos, compartilhar do triunfo definitivo.

As páginas desta revista foram-vos oferecidas para vosso porta-voz. O Centro Espiritualista Luz e Amor vos espera, com braços fraternais bem abertos.

Multipliquemos ao máximo o número de centros e grupos espiritas em Portugal, pois, sendo bem orientados e trabalhando com fé e persistência, por mui modestos que sejam, serão novas fontes de propaganda e novos baluartes da futura vitória. Quanto mais propaganda, maior quantidade de semente espalhada; e nós, espiritas, incumbidos, como estamos, da disseminação do puro Cristianismo, devemos semear os frutos que do ensino espirita recebemos.

Espiritas: ¡Unamo-nos e trabalhemos juntos, abrindo os nossos corações à Esperança e à Fé. Com ânimo e sem desfalecimentos, tudo conseguiremos, visto que as grandes obras só parecem impossíveis, emquanto não estão realizadas!

¡Formemos uma só fôrça e, com valentia, com convicção, bem documentados e preparados, enfrentemos as dificuldades que surgirem! ¡Só de nós depende alcançar a vitória, mais tarde ou mais cêdo!

Espiritas: ¡Fronte erguida! ¡Corações ao Alto!... ¡O nosso rumo é em frente! ¡O Futuro é nosso!...

# GRUPO ESPIRITA PAZ E CARIDADE, DE AVEIRO

*Dêste prestante grupo, ao qual nos ligam as mais justificadas simpatias, recebemos a seguinte carta, que muito agradecemos:*

Aveiro, Dezembro de 1940

Sr. Isidoro Duarte Santos
LISBOA

Meu prezado Confrade

O Grupo Espirita Paz e Caridade aceita e agradece a oferta de *Estudos Psíquicos* para seu porta-voz. Não podia o Centro Espiritualista Luz e Amor comemorar o seu aniversário com maior grandeza.

Os componentes dêste Grupo são todos muito humildes e pouco cultos; mas alguém que por esta terra andou, deixando rasto brilhante e que, agora, por aqui paira, nos anima, dizendo:

— Ninguém se incomode por não ser doutor.

O Grupo Espirita Paz e Caridade é grupo curador e, pelo porta-voz que lhe é oferecido, há-de fazer sentir ao generoso povo da nossa linda terra portuguesa a protecção que Deus dá aos humildes, quando êles se esforçam por conservar a sua moral sempre pura. E que tôdas as vezes que a Graça Divina cai sôbre êle, os seus componentes, ao retirarem-se, em paz, para suas casas, vão repetindo as palavras de Jesus, segundo o Evangelho:

— Graças te dou, a ti, Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos.

Com um abraço que encerra o maior desejo dêste Grupo pelas prosperidades do Centro Espiritualista Luz e Amor, se subscreve

O Director do Grupo Espirita Paz e Caridade
EDUARDO PINHO DAS NEVES

# OUTRA VEZ NA TERRA

(1.º Prémio dos Jogos Florais Espiritualistas de 1940, organizados pelo Centro Espiritualista Luz e Amor)

*Achei-te, novamente, entre os humanos —*
*meu primeiro, meu santo e único amor!...*
*¡Encontrei-te de novo... há tantos anos,*
entre as neves de tanto desamor!...

*Como benção de Deus, que em graça abunda,*
*procuraram a minha soledade*
*— como um raio de sol que tudo inunda —.*
*os teus Livros de amor e de bondade:*

*Os Livros em que vasas da tua alma*
*o ensino mais alto, a fé mais pura*
*que brandamente a febre nos acalma,*
*os teus Livros, poemas de ternura!*

*Quando te ouvi desde o primeiro instante*
*— mesmo através de um transparente véu —*
*conheci logo o teu amor constante,*
*meu doce Amigo, oh doce Amigo meu!*

*Depois, ao ver-te em naves sacrossantas,*
*lembrando uma figura medieval,*
*¡li em teus olhos tantas coisas, tantas!...*
*a ressurgir da lousa sepulcral...*

*Vão correndo através do mar da vida*
*as ondas irrequietas da paixão,*
*cruzando, numa ânsia mal contida,*
*— gulf-stream de sangue — o coração.*

*Senti-me prêsa ao meu passado. Ainda*
*procurei duvidar. Tempo perdido:*
*Entre saüdades numa esperança linda...*
*e neste belo sonho eu hei vivido.*

*Mas ouve, amor, eu neste amor abranjo*
*da existência a castidade plena;*
*a pureza da alma de um arcanjo,*
*a lirial candura da açucena.*

*Como as asas que batem lá nos ares,*
*deixando ouvir uns ideais queixumes;*
*como incenso queimado nos altares,*
*como as rosas trocando os seus perfumes:*

*Como em plácido mar a onda verde,*
*ou como a núvem branca em céu de estio,*
*vai a outra buscando — e não se perde —*
*levada em amoroso desvario:*

*Como alvissimo lírio em chão de abrolhos,*
*como o sangue vertido sôbre a cruz,*
*como o pranto que a virgem tem nos olhos,*
*como as lágrimas santas de Jesus.*

*¿Há quantos anos, dize, tens buscado*
*o teu antigo amor retribuído?!...*
*êsse amor do martírio assinalado,*
*nos espaços astrais de onde hás descido?...*

*Oh meu Amado, atende, eu julgo amar-te*
*na terra e lá no Céu — ¡que estranho amor! —*
*Esta glória que eu tive de encontrar-te*
*compensa a vida inteira imersa em dor.*

*Depois, adormecido num profundo*
*sonho ideal, que me transporte Além,*
*como eu chorei quando deixaste o mundo,*
*chora por mim quando eu fugir também.*

*E mais tarde, buscando outra guarida*
*nos jardins divinais e perfumados,*
*¡seremos num amor, numa só vida,*
*fachos de luz, guiando os desgraçados!...*

*EMÍLIA POMAR DE SOUSA MACHADO*

# ALMAS DO OUTRO MUNDO...

A filosofia que não receia comprometer-se no exame de tôda a espécie de questões fùteis, sente-se, em geral, muito embaraçada, quando encontra certos factos de que não poderia, impunemente, duvidar e nos quais não poderia crer, sem se tornar ridícula. É o caso dos contos de almas do outro mundo. Com efeito, não há censura a que a filosofia seja mais sensível, do que a de credulidade e adesão às superstições vulgares. Os que se enfeitam, de barato, com o nome e relêvo de sábios, motejam de tudo o que é inexplicável. É isso que faz com que as histórias de almas do outro mundo sejam sempre escutadas e bem acolhidas na intimidade, e desmentidas, impiedosamente, em público. Podemos ter a certeza de que jámais uma academia de ciências escolherá semelhante matéria para concurso, não porque algum dos seus membros se persuada da futilidade e da mentira de tôdas essas narrativas, mas simplesmente porque as leis da prudência põem sábios limites a semelhantes questões. As histórias de almas do outro mundo encontrarão sempre crentes secretos e serão sempre objecto, em público, de incredulidade de bom tom. Quanto a mim, a ignorância em que estão acêrca da forma pela qual o espírito entra neste mundo e dêle sai impede-me de negar a verdade das narrativas em curso. Por uma reserva que pode parecer singular, permite-me pôr em dúvida cada caso em particular, sem deixar de os acreditar no seu conjunto.

*Emmanuel Kant*

# A propósito de um aniversário

pelo Coronel Faure da Rosa

PENSAR, todos pensam: uns bem, outros mal. Nem podia deixar de ser assim, porque tôdas as manifestações da vida são cheias de contrastes. Hoje, duvida-se até que haja criaturas que não pensem, ou, pelo menos, que não tenham sensibilidade, desde que o fisiologista hindú, Jagadis Bose, demonstrou que os próprios metais apresentam sintomas de fadiga, de «surmenage»; desde que os próprios metais se tornam inertes depois de um repouso muito prolongado; desde que o frio intenso os deprime, os faz caír em letargia; desde que se sabe que até adormecem e acordam.

Singular, mas verdadeiro. São as provas laboratoriais que o asseveram.

O pensamento, a idea, surge ao homem sem se saber como, e, quando se julga possuí-la, sente-se, pelo contrário, que é a idea que se apodera da gente. A idea persegue-nos a todo o instante, obceca-nos. Então, é necessário que a acção subseqüente a aqueça, a levante, a ponha de pé, a-fim-de não a deixarmos arrefecer, de evitarmos — como acontece aos metais — que venha a caír em letargia demorada, donde, nestes casos, raras vezes acorda.

Os homens que puseram de pé a idea do renascimento do Centro Espiritualista «Luz e Amor», nunca sentiram aquêle frio intenso que conduz os metais à letargia. O Centro aí está, cada vez mais cheio de vitalidade sã e activa.

Subjectivamente, o Centro «Luz e Amor» é uma manifestação reencarnacionista; objectivamente, é o traço de união entre os velhos e os novos estudiosos do Néo-espiritualismo.

¿Que importa o desdém de uns e a arrogância de outros?

A tolerância da nossa doutrina, manda-nos ser indeferentes a uns e a outros; o que não quere dizer que aceitemos o estéril conformismo. Nós bem sabemos que só o esfôrço próprio nos melhora, nos faz progredir. Lutar, lutar sempre. A primeira luta é a que temos de travar connôsco, para conseguirmos que o espírito se sobreponha à matéria. Só assim conseguiremos ser tolerantes, sem sermos conformistas; só assim conseguiremos dar exemplos úteis. E, para educar, nada há como o exemplo... exemplo que venha de «cima», dos mais adiantados, ou que julgam sê-lo, para que os que estão «debaixo» possam ver com um leve levantar de olhos.

A obra existe. Saibamos continuá-la e que as gerações vindouras saibam continuá-la e melhorá-la.

# CENTRO E. LUZ E AMOR

pelo Dr. António J. Freire

A todos aquêles que, sincera e dedicadamente, se interessam pelo progresso do Espiritismo, não poderia ficar despercebido o 1.º Aniversário do *Centro Espiritualista Luz e Amor*, na sua nova fase de oportuno ressurgimento por que está passando actualmente.

Trata-se de um antigo Centro espirita a que estão ligadas as mais gloriosas e inesquecíveis tradições, sobressaindo pela sua transcendência e capital importância: O 1.º Congresso Espirita Português (Maio de 1925); e a fundação e organização da Federação Espirita Portuguesa (1926), realizações intimamente estruturadas na sua actividade, iniciativa, influência e prestígio.

Desejo, pois, aproveitar esta feliz oportunidade para prestar a devida homenagem aos actuais dirigentes do *Centro Espiritualista Luz e Amor* por terem sabido honrar, na mesma linha de continuïdade, as gloriosas tradições dêste Centro, facultando-lhe tôda a sua dedicação, actividade e inteligência num admirável e invulgar espírito de sacrifício, imprimindo-lhe um bem orientado e moderno dinamismo, digno de todos os louvores e aplausos.

Merece-me especial referência o seu órgão oficial — *Estudos Psíquicos* — uma das melhores revistas neo-piritualistas editadas em língua portuguesa, cujos triunfos se contam pelos números aparecidos, iniciando agora o seu segundo ano de publicação. A vulgarização e propaganda desta revista por parte dos espiritas portugueses, *independentemente de qualquer filiação associativa*, parece-me constituir um dos melhores serviços prestados ao nosso Ideal, devido à proficiência, carinho e espírito crítico que presidem à sua orientação científica e cristã. A época calamitosa e catastrófica, que conturba e dilacera a Humanidade num mar de sangue e de lágrimas, de destruïções satânicas e de angústias cruciantes, impõe um revigoramento e intensificação de propaganda neo-espiritualista. A dor, assim como as vicissitudes dos Mundos e das Almas, só podem ser, lógica e racionalmente, compreendidas à face dos ensinamentos neo-espiritualistas, no seu complexo de causas e efeitos, ligando na mesma linha de continuïdade cada vida presente às vidas passadas e às vidas futuras, através dos princípios básicos e luminosos do *reencarnacionismo* e do *karma*. A propaganda e vulgarização dêstes princípios neo-espiritualistas, sem o auxílio dos quais seria incompreensível a Vida e a Evolução, no seu duplo aspecto — Vida-forma, Espírito-matéria — constituem, à hora que passa,

# SEARA EVANGÉLICA

por Henrique Magalhães

(Representante de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro)

## A falibilidade dos homens

EM cada século, o progresso científico renova a sua concepção acêrca dos mais importantes problemas da vida.

Raramente, os verdadeiros sábios são compreendidos por seus contemporâneos. Se as contradições dos estudiosos são o sinal de que a ciência evolue sempre, êles atestam, igualmente, a falibilidade humana e a fraqueza e a inconsciência dos seus conhecimentos.

Dizem os adeptos da Escola Materialista que o pensamento religioso é uma utopia. Tal afirmativa carece de fundamento, e, se formos examinar o passado, verificamos que todos os sistemas e as grandes reformas sociais apoiaram-se nas religiões. Aí residem as bases fundamentais de todo o edifício pretérito das instituïções.

Nenhuma teoria científica, nenhum programa de reedificação, podem roubar ao mundo a idea de Deus e da imortalidade do sêr, inata no coração dos homens. As ideologias novas também não conseguirão eliminá-la. A religião viverá entre as criaturas, instruíndo e consolando, como um sublime legado do Criador.

Necessário, porém, é fazer selecção de religião e religiões. A religião é o sentimento divino que prende os homens ao Criador. As religiões são organizações dos homens, faliveis e imperfeitas, como êles próprios. A verdadeira religião, é edificada na humildade e sabedoria divinas. Esta imprime ao homem a tolerância e o saber, edificando dentro de cada um a sua própria luz, pelo esfôrço realizado.

Aquelas, as religiões dos homens, têm suas raízes nas grandezas da Terra. As suas bases firmam-se nos dogmas, e as instituïções políticas formam a sua cúpula. A intolerância faz parte do seu todo, e julgam-se, cada uma de per si, senhoras absolutas da verdade. Os que têm outras ideas religiosas, segundo o seu conceito, são réprobos.

E assim levam-se guerreando mutuamente, sempre em campos opostos, esquecendo-se de que o Deus que umas e outras adoram é o mesmo, Pai de todos e de tôda a humanidade.

É mesmo uma incoerência, a religião dos homens.

— ¡Oh irmãos, que confiais na Providência Divina: do portal de claridades do Além-Túmulo, os nossos irmãos maiores descem dos espaços siderais e estendem-nos suas mãos fraternas, convidando-nos ao banquete. Suas palavras correm sôbre o mundo, como um sôpro poderoso de verdade.

A morte não existe e o espírito é a única realidade imutável da existência. Tôdas as Babilónias do passado jazem no pó dos tempos, com as suas glórias reduzidas a um punhado de cinza; mas, dentro do Universo, mil laços nos unem. Sôbre as ruínas, sôbre os escombros das civilizações mortas e dos templos desmoronados, nós viveremos eternamente.

Uma justiça soberana, íntegra e misericordiosa, preside aos nossos destinos. Na terra ou no espaço, unamos os nossos esforços pelo bem colectivo. Guardemos connôsco o sagrado património das crenças, porque, acima das coisas transitórias do mundo, há uma Sabedoria Integral e uma Ordem Inviolável. Lutemos, pois, com destemor e coragem, porque Deus é justo e a alma é imortal. Tomemos por bússola, nessa luta árdua mas gloriosa, a verdadeira religião, aquela que teve suas raízes na antiga Jerusalém.

Nem todos os materialistas, por mais sábios que sejam, nem os grandes senhores da terra, nem poder algum, poderá impedir a disseminação dessa religião, pois que ela emana de Deus. Aconchegai-vos a ela,

---

um dever indeclinável para todos os neo-espiritualistas dignos dêste nome.

Só uma espiritualização racional e científica da Humanidade poderá atenuar e esclarecer a tremenda catástrofe que a tortura e dilacera no ciclo presente.

Intensificar num mesmo ritmo acelerado bem compreendido e melhor orientado, a propaganda espirita é um dever cristão.

O Espiritismo é, indubitavelmente, pelos seus princípios cristãos e bases científicas, moldadas no método positivo clássico, o instrumento ideal para a regeneração moral e espiritualização da Humanidade, impondo o triunfo decisivo do Cristianismo, *em espírito e verdade*, quer pela inteligência quer pelo coração.

Novembro 1940.

nº 8, ano 2º

Irmãos meus. Ela é a árvore da vida, e essa árvore é portentosa; os seus ramos estendem-se até ao Infinito.

Seu nome é Evangelho, e seu tronco, Jesus Cristo. Abrigai-vos à sua sombra, oh vós, que vergais ao pêso dos erros. Ela refrescará a vossa fronte, dando-vos alento e coragem para proseguirdes na vossa jornada dolorosa, mas que, com os séculos, transformar-se-á em jornada gloriosa.

## «Seja o maior dentre vós, o servo do seu irmão»

> «Os reis dos gentios dominam sôbre êles. Mas, não sereis vós assim. Seja o maior, dentre vós, o que serve a seus irmãos». — Lucas, cap. 22. —

¿Quem de nós outros quere servir aos seus irmãos? ¿Qual de nós quere ser o menor? Todos emudecem, porque todos querem mandar e ninguém quere servir. Todos têm direitos, mas ninguém quere ter deveres. Todos querem ser grandes, das grandezas do mundo. Se somos chamados para uma função qualquer, logo queremos galgar os últimos postos.

Para isso conseguir, não trepidamos, muitas vezes, em intrigar os nossos companheiros, e, em sentido inverso, adulamos os potentados.

«Seja o maior entre vós, o que serve a seus irmãos.» — Os homens riscaram essa palavra dos seus corações. Todos querem ser maiores, não segundo os ensinos do Cristo, e sim, segundo as leis dos homens. Como, porém, as leis dos homens são falhas, eis que essas grandezas redundam em contrário daquilo que queremos ser, e desmoronam, como a casa construida em cima da areia. Esta, vem a enchurrada, leva a areia, e a casa é arrastada pela torrente. Aquelas, as grandezas do mundo, quando a morte vem, leva-as, junto com a matéria e com esta são sepultadas. E o espírito do homem entra pobre e pequeno, na vida espiritual. Pobre de sentimentos, de resignação e de humildade.

Por todos quererem ser grandes, segundo as leis da terra, há dissídios entre os homens; há ódios e rancores; há divisão em tudo e em tôda a parte. Assistimos estarrecidos à divisão nos lares; divisões na sociedade; divisões entre os povos, tendo por causa as grandezas do mundo.

Vemos, contristados, divisões, mesmo nos lugares santos, que são todos aquêles onde se prega o Evangelho, tendo por causa êsse espírito de grandeza. Há ovelhas, que se dispersam, mesmo em centros espiritas, tendo por causa a divisão no seu próprio seio. E essa divisão é causada, sempre, por êste julgar os seus direitos feridos, por aquêle julgar que tem direito a ocupar cargo maior. Entretanto, Jesus disse: — «Seja o maior entre vós, o que serve a seus irmãos».

¿Quem quererá servir a seus irmãos? ¿Quem quererá ser grande, segundo as leis do Cristo? Tu, leitor amigo, possues os meios de chegar a êsse fim, tão desjado por todos, mas por todos desprezado.

Em ti dormita uma centelha de luz, à espera da tua bôa vontade, para elevar a sua chama até aos pés do Altíssimo.

Procura, amigo, ser grande, não dos poderes da terra, que traem as nossas consciências, mas, sim, grande de sentimentos bons. Desenvolve, irmão meu, êsses sentimentos com humildade, preferindo ser pequeno na terra e servir aos teus irmãos.

Serve o pobre de sentimentos, com um conselho altruísta. Serve o grande da terra, dando-lhe um exemplo de desprendimento. Serve o orgulhoso, dando-lhe um exemplo de humildade. Serve o egoísta dando-lhe o exemplo da renúncia. Procura os cargos menores, para que Deus te dê o maior galardão. Procura ter deveres e despreza os direitos.

A procura dos direitos embrutece as almas; o cumprimento dos deveres eleva os nossos espíritos. Deveres a cumprir, sempre deveres, deve ser o nosso lema.

Dever de perdoar; dever de ir à mansarda, ao barração, à cabana, assistir o necessitado e o doente. Dever de elevar a moral do que, estando à beira do abismo, está prestes a suïcidar-se, dando-lhe coragem e despertando as suas fôrças adormecidas, para que reaja e vença a sua fraqueza. Dever de vestir o nú; dever de recolher os velhinhos que não têm lar; dever de humildade.

Quem procura os deveres, despreza os seus direitos, porque o dever, em si mesmo, é altruismo, é abnegação, é caridade, é sentimento, é bondade, é desinterêsse. Procura, irmão, ter direitos no Céu, cumprindo os deveres na terra.

Quem procura os deveres, ajunta; quem quere que prevaleçam os seus direitos, espalha. Quem procura os deveres, constrói; quem busca ter direitos, destrói. Quem procura fazer valer os seus direitos, quere brigas, questões ou guerras; o que procura os deveres, quere Paz. Paz na consciência, Paz no espírito, Paz entre os homens.

«Quem quizer ser o maior, seja o servo dos seus irmãos».

Que assim seja.

*Rio de Janeiro*

---

Tinha-me rido, como muita gente, do fenómeno espírita, mas o que tomei pelo riso de Voltaire, não era mais que o riso do idiota, bastante mais freqüente que o primeiro.

*Eugénio Bonnemere*

# UM ANO DE PROPAGANDA

## INAUGURAÇÃO DA SEDE DO CENTRO E. LUZ E AMOR

CONFORME fôra anunciado no número 7 desta revista, no dia 10 de Novembro de 1940, às 15 horas realizou-se no salão de conferências da Sociedade Teosófica a sessão comemorativa do 1.º aniversário do regrêsso à actividade do Centro Espiritualista Luz e Amor. No mesmo dia, às 21 horas, procedeu-se à inauguração oficial da sede do Centro, na Rua do Salitre. Tanto a reünião da tarde, como a da noite, foram muito concorridas e decorreram num ambiente de franca simpatia e de verdadeira camaradagem, que deram a todos, mais uma vez, a certeza da grande utilidade destas reüniões para o estreitamento das relações entre os membros da já numerosa família espirita. As salas estavam à cunha. Pena é que a incompreensão de alguns confrades mais eivados de preconceitos os leve a não confraternizarem connôsco, não obstante estarem filiados noutras agremiações espiritas. Estamos, porém, certos de que as trevas se dissiparão e, na hora própria, hão-de responder à chamada, vindo até nós com o abraço fraternal, símbolo da forte união e solidariedade que devem ligar os arautos da revelação das revelações.

Quem se sentir espirita pelo coração, há de concordar que só da união de todos os espiritas portugueses pode resultar um bloco homogéneo de vontades que postas ao serviço da espiritualização dos homens, muito há de contribuir para o aniquilamento do materialismo e do êrro, e, conseqüentemente, para o estabelecimento da Paz na Terra.

A sessão da tarde, realizada no salão da Sociedade Teosófica, foi presidida pelo Dr. José Joaquim Gaita na qualidade de representante da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Pôrto, secretariado pelos confrades D. Emília Marques, e D. Dolores Cirera i Vendrell.

Feita a concentração prévia, emquanto o secretário geral lia a prece que servira para a inauguração dos trabalhos do Centro relativos ao ano de 1939-1940, descritos no n.º 2 da nossa revista, o presidente da mesa abriu a sessão e agradeceu à Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor a honra de ter concedido à agremiação sua representada a presidência desta reünião, dando assim mais uma prova da sincera amizade com que a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas é acolhida no seu seio.

A Sociedade Portuense congratula-se com os progressos do Centro Espiritualista Luz e Amor, faz votos pelas suas futuras prosperidades e mais uma vez oferece o seu desinteressado concurso para a tarefa ingente de firmar em bases sólidas a agremiação lisbonense que regressou à actividade numa curva trágica da história do mundo, num momento em que o desânimo abatia os mais fortes paladinos da doutrina, e as condições materiais de muitos obrigavam a evitar as mais pequenas despesas. Lamenta a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, não lhe ser possível fazer-se representar por uma delegação dos seus filiados, mas pode afirmar que se não há a presença corporal, há a espiritual, pois, no momento em que nós confraternizamos, os pensamentos dos espiritas da capital nortenha encontram-se com os nossos próprios pensamentos no Alto, e connôsco suplicam pela Paz da humanidade, e fazem votos pelo progresso do Espiritismo.

Em seguida, falou o Presidente da Direcção, acêrca da obra do Centro, do entusiasmo das primeiras horas, dos primeiros revezes sofridos, da fé que pairava em todos os corações, acalentados pelo desejo ardente de chegar ao fim da jornada.

Recordando as conferências realizadas, disse que elas eram a afirmação incontroversa da vitalidade da obra que ali se comemorava. Lembrou as festas de confraternização, a alegria sã que reinou em tôdas elas os pedidos de inscrição que afluíam de tôda a parte...

— Quando mais tranqüilidade parecia haver no trabalho empreendido — exclamou — eis que novas dificuldades surgem, com estigmas de ameaças e perseguições. Mas o nosso espírito familiar incitava-nos: — «Nada de temores. O caminho é em frente. Orai pelos vossos inimigos e trabalhai sem receio. O triunfo pertence àqueles que mais puras armas usarem. Não vos niveleis com os que pretendem o vosso aniquilamento».

«E novo impulso fazia avolumar a nossa obra e nova esperança enchia as nossas almas inquietas, sedentas de harmonia espiritual...

«Só em Novembro, vieram 90 associados. Era a consagração do nosso esfôrço desinteressado e útil, era a prova irrefutável de que estávamos no bom caminho».

Falou de *Estudos Psíquicos* e dos seus colaboradores, da projecção que o órgão do Centro tem mantido desde o primeiro número, das cartas de incitamento que recebe, tanto de Portugal, como do estrangeiro... dos donativos oferecidos, pondo em relêvo o nome do grande amigo do Centro, sr. José Carlos de Chelmicki Afflalo, do Rio de Janeiro, figura veneranda, cuja inteireza moral faz lembrar os puritanos de outras eras.

E pondo na sua palavra comunicativo entusiasmo, declara:

— A bola de neve que iamos rolando, à custa de esfôrço constante, já não cabia numa sede provisória. Era necessário alargar o espaço, era necessário uma séde própria, onde pudéssemos reünir o maior número de adeptos, dispostos a lutar intensamente pelo ideal do nosso coração.

«E a séde foi um facto, porque soubemos querer, porque porfiámos na objectivação dessa idea permanente.

«Mas, agora, temos que olhar para o futuro. O que está feito nada é, comparado com o muito que nos compete fazer. Entrámos no campo dos trabalhos práticos. Que os sócios formem grupos, muitos grupos, para desenvolvimento da mediunidade, para obtenção de curas físicas e psíquicas e para investigação dos fenómenos.

«É preciso estudar muito, para experimentar conscienciosamente.

Terminou, afirmando que a Direcção está pronta



n.º 8, Nov/Dez.º/940 ano 20

a auxiliar os grupos que se organizarem, aconselhando a união colectiva para que o Espiritismo em Portugal deixe de ser planta exótica e se transforme num roble frondoso que nos cubra a todos.

Assim terminou o confrade Isidoro Santos a sua pequena mas agradável exposição.

Sobe ao estrado o confrade Sr. Coronel Faure da Rosa, a cuja voz autorizada e persuasiva a assistência presta silenciosa atenção, encantada pelos conceitos morais e filosóficos expendidos pelo orador. As suas palavras giraram à volta da tolerância e amor do próximo que devem ser praticados pelos espiritas.

Em abôno da sua prática lê e explica a parábola do bom samaritano, concluindo por aconselhar a leitura cotidiana dos Evangelhos e a meditação nos seus ensinamentos, por ser o melhor processo de curar as dôres morais e a única forma de o homem chegar à perfeição de amar o próximo como a si mesmo.

Segue-se-lhe o confrade Manuel Tavares que num belo improviso falou na excelência da doutrina espirita que nos obriga a ser bons e a não fazer aos outros o que não queremos que nos façam.

Praticar o Bem é a melhor forma do crente revelar a sua convicção espirita.

Finalmente, é dada a palavra ao confrade Vendrell, que lê um pequeno discurso, com o entusiasmo, sinceridade e convicção de quem sabe que labora em boa terra na vinha do Senhor.

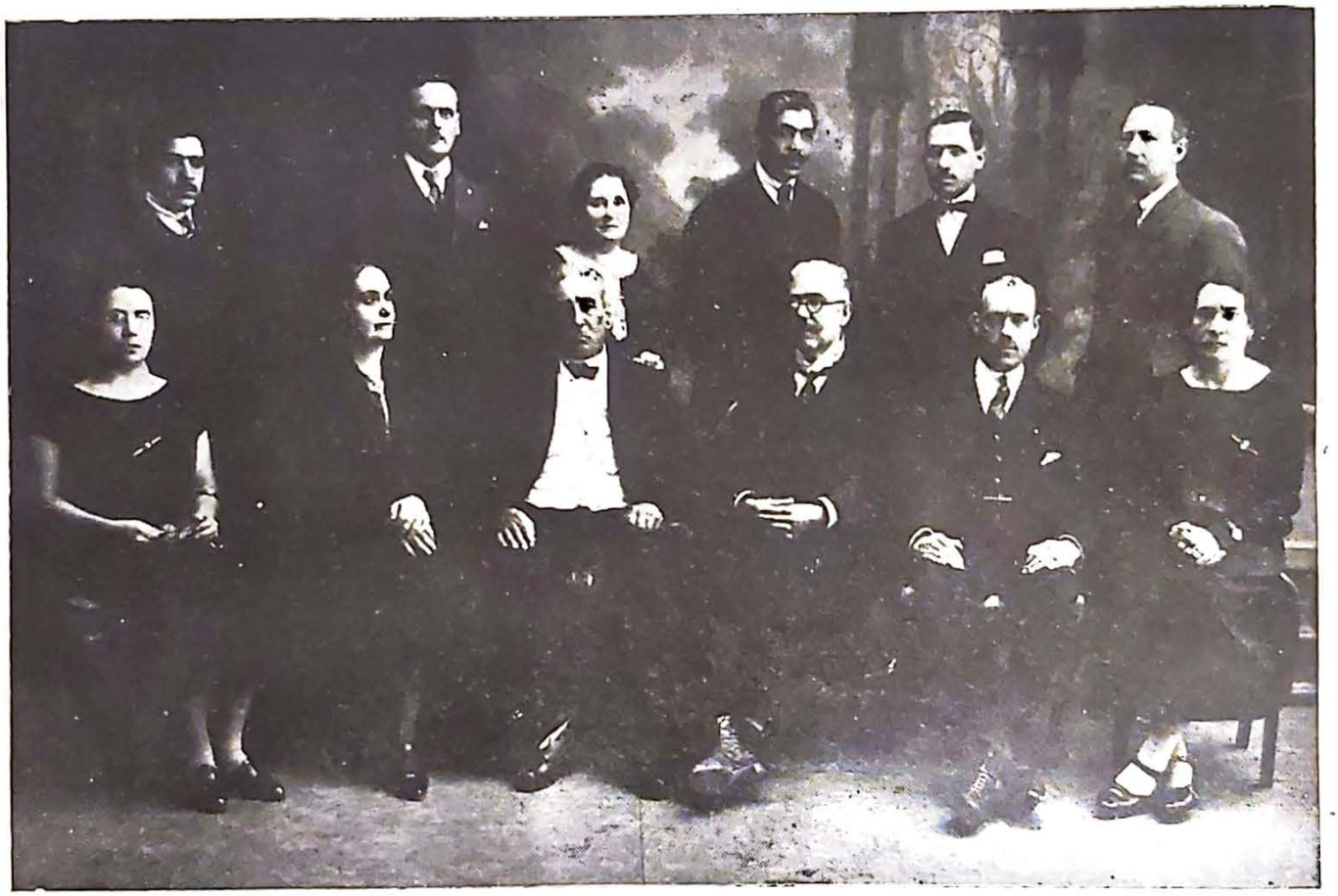
Referindo-se aos jogos florais espiritualistas, à Juventude Espirita e aos esforços da Direcção no sentido de elevar e prestigiar o nosso Centro, teve palavras de incitamento para todos:

—¡Cantemos a poesia da vida, com as mais belas estrofes, — exclamou. Cantemos e propaguemos a elevada moral cristã! Demos livre saída ao impulso romântico que todos nós possuimos no íntimo da alma. Êste romanticismo nos fará sonhadores e estes sonhos criarão em nós um ideal regenerador que nos porá em mais estreito contacto com Deus.

«Unamo-nos todos, sem receios, nem restricções de qualquer espécie! Que cantem os poetas, que discursem os oradores, que escrevam os mestres. Formemos um único pensamento e uma única fôrça. Só unidos e bem equilibrados poderemos dizer como Arquimedes: — «Dai-me uma alavanca e um ponto de apôio e eu levantarei o mundo!». Essa alavanca é a doutrina espirita e o ponto de apôio é a caridade.

Com estas palavras entusiásticas terminou a primeira parte desta festa comemorativa.

A segunda parte foi preenchida pela leitura das



ALGUNS MEMBROS DOS PRIMITIVOS CORPOS GERENTES DO «LUZ E AMOR»

*Da esquerda para a direita — 1.ª fila:* D. Dinah Santos Lima, D. Maria Veleda, General Passaláqua, Horácio Inglês Tavares, José M. Pereira Bravo, D. Elisa S. Lima. *2.ª fila* — Ant.º Mendes da Silva, Capitão A. M. da Silva Flores, C. Carinha, João José Alves e António J. Corrêa.

poesias premiadas nos Jogos Florais Espiritualistas de 1940 e por recitações dos confrades Dr. Dias de Sousa e capitão Estêvão Rodrigues.

O júri, constituído pelo Presidente, Vice-presidente e secretário geral da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, conferiu prémios a três produções e menções honrosas a quatro.

O primeiro prémio coube à poesia «Outra vez na Terra», subscrita por *Leimia*, pseudónimo da ilustre poetisa, decana dos escritores espiritas portugueses, D. Emília Pomar de Sousa Machado. O segundo foi atribuído à poesia «Fé e Esperança», subscrita por *Ralfis*, pseudónimo do sr. Luiz Filipe Lôbo de Aguilar, confrade de Luanda.

Com o terceiro foi premiada a poesia intitulada «Contos da minha conta», da autoria do confrade capitão Estêvão Rodrigues, trabalhador activo da seara espirita, que se encobria sob o pseudónimo de *Lumen*.

As quatro menções honrosas couberam às poesias «Luz e Amor», «O teu ódio», «À Noite» e «Estrêlas», subscritas respectivamente, por Francisco Ventura, do Cadaval; Torcato Cardoso Ferreira, de Almeirim, e as duas últimas por Manuel de Sousa, de Silves.

Abertos os envelopes lacrados, onde se guardavam as identidades dos autores das poesias premiadas, eram estas lidas pelo confrade Secretário Geral e a tôdas a assistência dispensou fartos aplausos.

Seguiu-se o confrade Estêvão Rodrigues que disse uma poesia de sua autoria e o confrade Dr. Dias de Sousa, com a poesia «A Lágrima», de Guerra Junqueiro.

Feita a concentração final, foram encerrados os trabalhos, eram 19 horas.

À noite, às 21 horas, procedeu-se à inauguração oficial da sede na Rua do Salitre, 149, 1.º-D, com uma sessão solene, imposição do emblema do Centro aos sócios e nova leitura das poesias premiadas nos Jogos Florais Espiritualistas.

A mesa foi constituída sob a presidência do confrade Isidoro Santos, secretariado pelos confrades J. Vendrell e José A. Pais de Carvalho, assinante n.º 1 da revista *Estudos Psíquicos*, o qual se deslocou de Mesquitela, onde reside, para assistir a esta bela sessão.

Feita a concentração preliminar, o presidente abriu a sessão, pronunciando algumas palavras alusivas ao

OS MEMBROS DOS CORPOS GERENTES ACTUAIS

*Da esquerda para a direita — 1.ª fila:* D. Maria G. duarte Santos, Dr. José Gaita, Isidoro Duarte Santos, Dr. Elviro Martins, M. Tavares, Dr. Dias de Sousa, D. Maria Ivone de Abreu; *2.ª fila:* João J. Alves, A. da Silva Teixeira, Eduardo Matos, José Augusto Gonçalves, António Alexandre; *3.ª fila:* Silva Tavares, Rufino A. Lopes Bragança, J. Vendrell, A. Castanheira de Moura, Custódio Rodrigues e José Pereira Serra.

# JORNADA VITORIOSA

pelo Dr. Pedro Dias de Sousa

DECORREU, com a maior felicidade e o mais absoluto sucesso, o primeiro ano de trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor, na nova fase da sua existência.

Farol que voltou a brilhar por entre as trevas do materialismo e do êrro; baluarte novamente erguido para a propaganda e defêsa do Espiritismo Cristão, o Centro Espiritualista Luz e Amor correspondeu, inteiramente, ao que dêle se esperava, retomando e mantendo intacta a sua posição de guarda-avançada do movimento Néo-Espiritualista português.

O programa traçado em Novembro de 1939 cumpriu-se sem uma falta, mercê da dedicação de muitos, do apôio e incentivo que de tôda a parte nos chegavam e da confiança que aos espiritas portugueses mereciam aquêles que se encontravam à frente dos destinos do Centro.

A luta foi de todos os dias, mas todos os dias, também, descia sôbre nós o auxílio dos nossos Amigos do espaço, a retemperar-nos as fôrças, a aclarar-nos o entendimento, a encher-nos os corações de fé e ensinando-nos a perdoar.

A luta foi árdua, mas não há quem possa, com verdade e com justiça, através dêstes doze meses passados, apontar-nos uma só atitude contrária aos mandamentos da Doutrina, dizer que agimos, uma única vez que fôsse, em prejuízo da Causa, ou acusar-nos de não termos procurado conseguir, por tôdas as formas, o necessário prestígio do Espiritismo e a desejada união da família espirita.

A nossa obra está patente e é já apoiada por quinhentos espiritas, quinhentas almas que conhecem a elevação dos propósitos que nos movem e reconhecem a necessidade da nossa actuação dentro do movimento espirita português.

Êste triunfo indiscutível, esta vitória fulminante, ¿ não poderão constituir para aquêles que teimam em adulterar a nossa obra, as provas decisivas de que a existência do Centro Espiritualista Luz e Amor preenche uma lacuna dentro do Espiritismo português?

* * *

Já iniciámos outra fatigante jornada; já nos pusemos a caminho para enfrentar e vencer, maiores e mais difíceis obstáculos, se necessário fôr; vamos pôr à prova, uma vez ainda, a nossa dedicação pela Causa, o nosso empenho em fazê-la conhecida e respeitada.

Partimos para nova jornada, cheios de fé e de esperança, amparados cada vez mais fortemente, pela consciência dos verdadeiros espiritas portugueses, pois em tôrno da bandeira do Centro Espiritualista Luz e Amor agrupam-se hoje, além dos seus quinhentos associados, mais alguns Centros e Grupos Espiritas de diferentes pontos do país.

Tal como a que passou, esta nova jornada será também vitoriosa, se nos mantivermos, serenamente, no caminho que traçámos, se soubermos continuar merecendo a simpatia e o aplauso de quantos nos acompanharam até aqui.

Ergamos, pois, todos aquêles que estamos empenhados nesta Cruzada de ressurgimento, os nossos corações para o Alto, ergamo-los para os Guias Tutelares do Centro, para os nossos Amigos do espaço; ponhamo-nos em comunicação com Êles através dos nossos pensamentos e mostremo-nos agradecidos pelo auxílio que nos tem sido dado. Mostremo-nos, também, merecedores de continuarmos nesta trincheira, batendo-nos em defêsa do Espiritismo, contribuindo, assim, com a nossa quota parte, para o triunfo, entre os homens, da sublime doutrina de Jesus.

---

acto, dizendo que a sessão que ia realizar-se tinha para nós um elevado significado, pois comemorava a inauguração oficial da nossa casa, do nosso refúgio espiritual, onde todos, sócios e não sócios, teriam carinhoso acolhimento. E agora, que tínhamos conseguido um dos maiores objectivos colimados, era dever de todos não afrouxar na propaganda, para que a auréola do Centro fôsse cada vez maior, para que a sua projecção ultrapasasse os nossos próprios desejos.

Foi dada, em seguida, a palavra, ao Secretário Geral do Centro, Dr. Pedro Dias de Sousa, que principiou por dizer que visto já haver uma sede própria, tornava-se míster prestigiá-la e trabalhar pelo seu engrandecimento. E nenhuma forma lhe parecia mais asada do que o estudo da Doutrina, para nos tornarmos perfeitamente conscientes da fé que abraçámos e aptos a defendê-la e propagá-la.

Recomendou, também, a formação dos grupos experimentais, de acôrdo com as indicações dos mestres do Espiritismo, demonstrando, mais uma vez, que é nesses pequenos círculos que os resultados da experimentação são mais satisfatórios.

O Presidente fêz o convite à concentração final, depois do que encerrou os trabalhos de tão memorável reünião, fazendo votos pela realização de muitas festas semelhantes e por uma freqüência cada vez maior. Só assim — concluíu — demonstraremos amor ao Centro e à Causa.

# Mensagem mediúnica de «Emmanuel» sôbre a Missão do Esperanto

por Ismael Gomes Braga

*Em artigo anterior prometíamos aos nossos caros irmãos d'Além-Mar transmitir-lhes uma comunicação do Guia Emmanuel. Alguns trechos dessa obra mediúnica não interessam fora do Brasil e serão suprimidos aqui, ganhando-se dessa maneira espaço para alguns comentarários que nos parecem oportunos.*

*A mensagem foi recebida em cinco ou seis minutos, na sessão pública do Grupo Espirita «Luiz Gonzaga», em Pedro Leopoldo, no dia 19 de Janeiro de 1940, pelo médium Francisco Cândido Xavier. O presidente da sessão substituia as fôlhas escritas por outras em branco, sôbre as quais corria cèleremente o lápis do médium. Éramos vinte e tal pessoas na sala de sessões fartamente iluminada. O trabalho correu no mesmo ritmo, do início ao fim, sem uma única hesitação.*

*Começa assim:*

«No amontoado de transformações do mundo, não são poucos os núcleos de organização espiritual que se instalam na Terra, com vistas ao porvir da humanidade. Se por tôda a parte observamos o esboroamento das obras humanas, renovando-se o caminho da civilização, contemplamos também êsses exércitos de operários das edificações do futuro, como se fôssem os obreiros de um mundo novo, dispersos nas estradas terrestres, reajustando as suas directrizes. São êsses, sim, os operários do progresso divino, empunhando o alvião formidável da fé, confiando, acima de tudo, n'Aquêle que constitue a luz dos nossos destinos. No acervo dêsse aparelhamento de energias renovadoras, com vistas ao milénio vindouro, quero referir-me ao Esperanto, abraçando fraternalmente o nosso irmão que se constituiu em pregoeiro sincero da sua causa, obedecendo àquêle determinismo divino das tarefas recebidas nas luzes do plano espiritual.

«Jesus afirmava não ter vindo ao planeta para destruir a Lei, como o Espiritismo não surgiu, na sua feição de Consolador, para eliminar as religiões existentes. O Mestre vinha cumprir os princípios da Lei, como a Doutrina Consoladora vem para restauração da Verdade, reconduzindo a esperança aos corações nesta hora tôrva do mundo em que todos os valores morais do orbe periclitam nos seus fundamentos, em face das doutrinas de violência que embriagaram o cérebro desta civilização, como um veneno amargo adulterando as energias de um corpo envelhecido.

«O Esperanto, também, amigos, não vem destruir as línguas utilizadas no mundo, no intercâmbio dos pensamentos. A sua missão é a tarefa superior da união e da fraternidade, a caminho da unidade universalista. Seus princípios são os da concórdia e seus apóstolos são igualmente companheiros de quantos se sacrificaram pelo ideal divino da solidariedade humana, nessas ou naquelas circunstâncias.

«A Língua Auxiliar é um dos mais fortes brados de fraternidade que ainda se ouve em nosso planeta, empobrecido de valores espirituais neste instante.....»

*Aqui, suprimimos um longo trecho que presumimos não interessar aos nossos amigos lusitanos. Depois, prossegue Emmanuel:*

«...Entretanto, a grande Europa, aquela entidade materna e sublime que cooperou no aperfeiçoamento humano, que instruiu e educou, elevando o espírito do mundo, essa não tem advogados, não possue uma única voz que externe os gemidos de seu coração dilacerado, porque as fronteiras dividiram todos os seus filhos, como largas divisões de areia e de aço, transformando-a naquele deserto triste de corações, onde não existe a fonte do amor, reconfortando as almas. Sim, nesta hora, o Esperanto é uma fôrça que promete a união e a harmonia, pela facilidade a se estabelecer na troca dos valores universais pelo pensamento em forma universalista. ¿Sonho? ¿Propaganda pelas palavras? ¿Novo movimento para criar um interêsse económico? Tôdas essas suposições poderão ser aventadas pelos espíritos desprevenidos. Mas sòmente pelos desprevenidos que aguardam a adesão geral para expressarem a sua cómoda preferência. Os que buscam, todavia, a luz da sinceridade para o exame de todos os assuntos, saberão encontrar no movimento esperantista essa claridade renovadora que, em realizações sagradas, desde agora, esclarecerá, mais tarde, as ideas do mundo, fazendo ressaltar a nobreza de seus princípios, orientados por aquela fraternidade que nasce do pensamento divino de Jesus para tôdas as obras da evolução humana.

«O Esperanto é a lição da fraternidade. Aprendamo-la para sondar, na Terra, o pensamento daquêles que sofrem e trabalham noutros campos. Com muita propriedade digo «aprendamo-la», porque somos também os companheiros vossos que, havendo conquistado a expressão universal do pensamento, vos desejam o mesmo bem espiritual, de modo a organizarmos na Terra os melhores movimentos de unificação.

«Deus é venerado pelos homens, através de línguas numerosas que se constituem das seitas e das religiões, tôdas tendendo ao maravilhoso plano da unidade essen-

cial. Copiemos êsse esfôrço sábio da natureza divina e marchemos para a síntese da expressão, embora a diversidade dos processos com que exprimis os pensamentos. Todo êsse esfôrço é o da fraternidade legítima e, rogando a Jesus abençoe os trabalhos e as esperanças do nosso irmão presente, santificando os seus esforços e o de seus companheiros na mesma tarefa que lhes foi deferida pelas energias espirituais, deixo-vos a todos os meus votos de paz, aguardando para nós todos, discípulos humildes do Cristo, a bênção reconfortante de seu amor.

EMMANUEL.»

*Como se vê dessa mensagem, os Espíritos do Senhor, que baixaram à atmosfera do nosso planeta para preparar a nova civilização, propugnam pelo Esperanto, e só assim se compreendem as grandes vitórias do movimento esperantista, a despeito de todos os obstáculos que têm surgido.*

# CAMINHO ERRADO

*O órgão da Federação ataca o Centro Espiritualista Luz e Amor, por intermédio do sr. Costa Carinha, cuja carta a hipotéticos consulentes é característica da mania da perseguição que atormenta aquêle prezado confrade.*

*Lamentamos que as paixões desorientem os homens, a ponto dêstes perderem a compostura que devem a si próprios e ao Ideal que dizem servir.*

*Como* Estudos Psíquicos *não é campo para lutas estéreis, pode o sr. Carinha verrinar à vontade, que não lhe responderemos. A nossa obra é construtiva, não se compadece com polémicas entre confrades e muito menos entre agremiações espíritas. De resto, não é a êle que compete averiguar da legalidade ou ilegalidade dêste Centro.*

*A melhor resposta que podemos dar ao seu arrazoado é êste número da nossa revista e o facto de os principais Centros e Grupos espíritas de Portugal acabarem de formar à nossa volta, como sentinelas vigilantes do Espiritismo lusitano. Aqui trabalha-se e prestigia-se a Causa. Aqui não há tempo para ataques e questões de* lana caprina.

*Pedimos aos leitores uma prece pelo sr. Carinha, que tanto sofre, acorrentado aos seus fantasmas vingadores. Que o seu espírito seja iluminado, que os Guias se amerceiem do seu estado de alma e lhe proporcionem a necessária reacção, em holocausto ao muito que lhe falta progredir ainda, para entrar no plano onde se aprende a compreender a verdadeira justiça.*

*Assim seja.*

# Dr. António Lôbo Vilela

Lamentamos que o nosso eminente colaborador Dr. António Lôbo Vilela se encontre no Brasil e não possa dar a êste número de *Estudos Psíquicos* a sua valiosíssima contribuïção mental, tão apreciada de todos os leitores. Não queremos, todavia, deixar passar êste aniversário sem prestar ao mestre e amigo a homenagem que merece, não só pelo seu passado de infatigável obreiro da Causa Espírita, como pela inteireza de carácter que o distingue, numa sociedade enfêrma e quási desmoralizada.

DR. ANTÓNIO LÔBO VILELA

António Lôbo Vilela vai ficar surpreendido ao ler estas linhas simples a emmoldurar a sua fotografia, que conseguimos obter, ao cabo de porfiados esforços que êle desconhece e desconhecerá sempre.

Podemos assim fazê-lo participar do nosso convívio, tão querida é a sua presença e reclamada a sua colaboração.

Oxalá que êle volte em breve às nossas colunas, com os ensinos que admiravelmente o caracterizam e o elevam no conceito de todos os leitores estudiosos.

Que a sua modéstia nos perdõe estas palavras a sublinhar o grande abraço de simpatia que daqui lhe enviamos, com votos de saúde e progresso material e espiritual.

# ¡VENCER!...

pelo Dr. José Gaita

¡A vida é eterna luta!... Foi das grandes convulsões geológicas, a gigantesca luta dos elementos que deram origem ao nosso planeta, que a vida surgiu na Terra. Desde a Génese do Mundo que, lutar para viver, é a condição necessária dos seres vivos, tanto dos mais ínfimos micróbios, como dos maiores mastodontes. Por isso, o homem tem o dever sagrado de não recusar o seu concurso para manter o dinamismo da vida cujos alicerces assentam no conjunto das actividades de todos e estas são constituídas pelo trabalho de cada um.

¡Trabalhar é lutar e lutar é viver!

Por êste raciocínio lógico, quem trabalha, luta; por conseqüência, vive. Mas, se para viver, basta trabalhar, dar o esfôrço indispensável e suficiente para se manter o equilíbrio social, mesmo sem entusiasmo, sem vontade, sem inteligência, como simples autómato, para vencer, para criar uma personalidade que se imponha à consideração dos semelhantes, é absolutamente necessário criar uma vontade tenaz e duradoira, forjar um estado de alma que sinta prazer na luta pela vida, que disponha o indivíduo a enfrentar todos os sacrifícios, e a resistir a tôdas as vicissitudes, com paciência e firmeza de ânimo inquebrantáveis. Como diz Júlio Payot, «A causa de quási tôdas as nossas faltas de bom êxito, e de quási tôdas as nossas desgraças é uma única: é a fraqueza da nossa vontade; é o nosso horror pelo esfôrço, principalmente pelo esfôrço duràvel».

Assim, para se triunfar, para se ser feliz nos empreendimentos, é fundamental combater persistentemente a moleza, a apatia e mandriice próprias, estados de alma que tornam o indivíduo incapaz de qualquer esfôrço perseverante.

A vitória é sempre daqueles que puseram ao serviço dela a sua vontade disciplinada, com orientação definida, e que souberam querê-la com persistência e tenacidade.

Tal qual como os indivíduos, também as colectividades precisam de lutar com esfôrço sempre crescente, com uma vontade forte e duradoura para conquistarem «um lugar ao sol», para serem úteis e dignas de viver. É que a alma das colectividades é constituída pela alma dos seus dirigentes e dirigidos; as suas volições colectivas são o reflexo das volições individuais dos seus associados. Por isso, uma sociedade é forte e cria personalidade, se fôr forte a vontade dos seus membros, se jámais vergar a vontade dos seus directores. É êste o caso do Centro Espiritualista Luz e Amor, quer na fase da constituïção, quer na do seu regresso à actividade associativa.

Constituído e dirigido por senhoras, o C. E. L. A. soube impor-se à consideração de crentes e profanos pela elevação dos seus fins, pela honestidade dos seus trabalhos, pela tolerância e amor da sua nobre missão. Venceu tôdas as dificuldades na sua luta ingente contra o meio social hóstil às manifestações e trabalhos de carácter espirita.

Prosperou e progrediu de tal forma que a êle se deve a criação do «clima social» propício à realização do 1.º Congresso Espirita Português, que lançou as bases da fundação da F. E. P. Organizada esta, a grande maioria dos sócios do Luz e Amor, ingressou na Federação, por conselho dos próprios dirigentes que viam, finalmente, atingida a princpal

## ESTUDOS PSÍQUICOS

*De Portugal nos vem às mãos, já no seu 5.º número, essa nóvel e magnífica publicação, órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa.* Estudos Psíquicos, *que surgiu para incentivar o progresso e prestígio do Espiritismo, é uma revista verdadeiramente digna da Doutrina que serve, tendo a garantir-lhe um radiante futuro, além do seu incansável director-proprietário sr. Isidoro Duarte Santos, outros nomes prestigiosos nas letras de além-mar, inclusivé José Joaquim Gaita e António Lôbo Vilela, êste último, no nosso conceito, uma das maiores autoridades em assuntos de psiquismo na Europa.*

*O número de* Estudos Psíquicos *que nos foi endereçado insere uma excelente crónica do nosso eminente patrício Dr. Carlos Imbassahy, ilustrada com a sua fotografia e mais colaborações de outros notáveis escritores, além de vasto e interessantíssimo noticiário com amplas referências ao movimento espirita no Brasil.*

*Muito gratos aos caros confrades portugueses, aqui formulamos os melhores votos de prosperidades à sua brilhante publicação.*

*(De* Bahia-Espirita, *de Agôsto de 1940).*



N.º 8, Nov/Dez/940
Ano 2º

aspiração dos espiritas portugueses. Todavia, prudentes e previdentes como sempre foram, com a ajuda e conselho dos mensageiros do alto, não dissolveram a agremiação: adiaram os seus trabalhos «sine die», como se lê na última acta. Não tendo sede própria, constituiram a F. E. P. fiel depositária dos seus haveres, com excepção dos livros de actas e alvará que foram confiados à guarda de pessoa idónea, talvez, na previsão de acontecimentos futuros.

Mais de uma década passada sôbre estas deliberações, os factos vieram dar-lhes inteira razão.

Lutas estéreis, autoritarismos, intolerâncias e vexames, praticados não se sabe com que reservado fim, tinham gerado a discórdia e feito a desunião dos espiritas portugueses. A coesão e a disciplina associativa, necessárias para fazer vingar a doutrna, haviam-se perdido inglòriamente. Os espiritas andavam dispersos, e sem o convivio dos confrades e sem assistência moral por meio de publicações doutrinárias de confiança, corria-se o risco de ver fanar-se o trabalho insano e a luta de longos anos em prole do Espiritismo.

Os velhos pioneiros, os que sempre se sentiram espiritas, de alma e coração, e não dos lábios, temiam êsse descalabro, e aconselharam a agir, sem demora.

Então, realiza-se algumas reüniões dos militantes espiritas mais categorizados da capital para deliberarem sôbre a orientação a seguir. Dessas reüniões saiu a Comissão encarregada de congregar os confrades tresmalhados, e de fazer propaganda intensiva do Ideal de forma a que o Espiritismo readquirisse o prestígio antigo que fazia dêle uma fôrça espiritual digna de registo.

A requerimento da entidade competente, e após as necessárias averiguações do Govêrno Civil, foi revalidado o alvará do Luz e Amor, ficando assim nas condições legais do seu regresso à actividade associativa espirita.

Com muita vontade e poucos recursos materiais, inicia a luta «pelo progresso e prestígio do Espiritismo», e «pela união fraternal da família Espirita». A luta é titânica, mas é luta de paz, luta por um Ideal de Amor e tolerância que quere que os homens se julguem todos irmãos e se amem uns aos outros, como a si mesmos, luta digna do velho Luz e Amor que remoça ao iniciar a nova pugna.

Traça um programa e o programa é cumprido através de incontáveis dificuldades, porque jámais desmorece nos seus dirigentes a vontade de vencer, e nessa aspiração desenvolvem um esfôrço renovado a cada instante.

As circulares de convite à inscrição como sócios, e o seu órgão — a revista *Estudos Psiquicos* — vão a tôda a parte aonde existe um espirita, um simpatizante espirita. E a resposta à chamada não se faz esperar. De todos os lados vêm sócios do Centro, de todo o mundo acorrem assinantes de *Estudos Psiquicos*. Ao festejar o seu primeiro aniversário de regresso à actividade, o Centro Espiritualista Luz e Amor tem já uma obra formidável que nenhuma fôrça humana poderá empalidecer, pois, como rezam os Evangelhos, não se encobre uma cidade edificada sôbre um monte, nem se esconde a candeia debaixo do velador.

O Centro E. Luz e Amor é, hoje, por direito de conquista, conquista pacífica, feita cristãmente, o arauto do movimento espirita português, ao lado da sua irmã de ideal a Sociedade Portuguesa de Investigações Psíquicas.

A prova desta afirmação, é fornecida por êste número especial de *Estudos Psiquicos* que ainda ontem era apenas seu órgão oficial, e já hoje o é de várias agremiações espiritas.

Ao Luz e Amor e a *Estudos Psiquicos* não falta o conselho amigo dos seus guias tutelares, nem a protecção dos bons mensageiros do Além. Têm uma vontade forte e persistente, capaz de resistir a tôdas as vicissitudos.

Assim, parafraseando o dito de um ilustre professor universitário, «mientras vuelve» — que é como quem diz: emquanto alguns se entretêm em obras dissolventes e inúteis, o Luz e Amor e *Estudos Psiquicos* seguem àvante, impávidos e serenos, vencendo os maiores obstáculos, cumprindo, emfim, a sua missão de prestigiar o Espiritismo e fazer a União Fraternal da Família Espirital...

# O PODER MENTAL

O conhecimento do poder mental ilumina intensamente o caminho da vida, rasgando o véu densíssimo do mistério que nos envolve, poupando-nos grandes sofrimentos, porque nos ensina a preparar deliciosas colheitas. Uma retorta tanto pode destilar perfumes, como destilar venenos. Procuremos, pois, dominar e educar os nossos pensamentos, para que possamos destilar perfumes e melhorar as condições da vida espiritual. Poderemos assim viver nos meios mais perniciosos e desagradáveis, semeando ideas puras, com calma, serenidade e alta benevolência, insensíveis ao vibrar desordenado das paixões grosseiras, como um bloco de amianto no meio das chamas.

*Dr. Lôbo Vilela*

# O QUE PENSO DO ESPIRITISMO

O Espiritismo para mim, não é uma escola filosófica, nem uma religião, nem uma ciência; é muito mais do que isso tudo: é a *simples* característica dum estado evolutivo que não pode limitarse, porque o homem progride sempre.

.....

O Espiritismo é a base sólida e indestrutível em que apoio tôdas as minhas certezas experimentais e tôda a minha fé.

.....

Penso que, num futuro muito próximo, deve ter uma expansão e preponderância mundial e, se actualmente ainda a não tem, é porque nêle, como em todos os campos da actividade humana, há sempre quem se lhe dedique por simpatia, mas sem querer tirar o esfôrço que só nasce da íntima convicção.

*Maria O'Neill*

---

A dúvida é prova de modéstia e raro tem criado obstáculos ao progresso das ciências. Não poderia dizer-se o mesmo da incredulidade.

*Arago*

# Caridade, Protecção e Luz

pelo Grupo Espirita Luz, Caridade e Protecção

CARIDADE: A máxima elevação, o veiculo que conduz à Glória, a pedra angular da obra do Mestre. Sem caridade não há elevação, não há amor, não há abnegação, porque tôdas as graças superiores assentam nessa manifestação tôda beleza e encanto, tôda espiritual e harmoniosa.

CAPITÃO VIEGAS OLIVAL

*Presidente do Grupo Espirita Luz, Caridade e Protecção*

A caridade é tolerante, paciente, contemporizadora.

Ser caridoso é ter por tudo e por todos o cuidado apurado de bem servir e estar atento para socorrer; é esquecer, é perdoar.

Ter caridade é não perder a mais pequena oportunidade de amparar, é sentir a aflição do que sofre, a tortura do doente, o martírio do descrente e consolá-los, acudir-lhes com a palavra e com a acção, com a prece e com o amparo. Implorar bons ambientes para o pobre torturado e luz para o rico, esquecido da graça que o bafejou e que êle malbaratadamente usa.

A revista *Estudos Psíquicos* é caridosa, porque através das suas colunas consola, prega a doutrina de Jesus tôda poesia, abnegação, renúncia e fé.

É caridosa, porque o Centro Luz e Amor, de que é órgão de propaganda, exerce a caridade pela propagação da santa causa espiritual e pelo amparo material aos que sofrem.

PROTEÇÃO: Aos aflitos, aos desamparados, aos infelizes. Implorar pelos esquecidos, mitigar a fome, a sêde, as dores do corpo e da alma. É uma das formas da caridade.

*Estudos Psíquicos* e o seu Centro exercem a protecção pelo amparo moral e material que prestam aos necessitados, com a prece, a concentração e as obras de caridade.

LUZ: O prémio da caridade e da protecção, aonde estas virtudes nos conduzem e que de tal forma se encadeiam, que, num todo perfeito se ligam, para uma completa harmonia.

*Estudos Psíquicos* propaga a Luz, porque é intérprete da doutrinação espiritual, concretiza o trabalho dos homens de boa vontade que, abnegadamente, se sacrificam pela causa, pondo o melhor do seu esfôrço para manter uma revista à altura das melhores no género, levando com a sua palavra, amparo, consôlo, ensinamentos e o testemunho da verdade, o que tudo é Luz.

O Grupo Espirita de Faro, Luz, Caridade e Protecção, que representa com o seu nome a trindade ideal, símbolo do crente, nesta hora em que *Estudos Psíquicos*, fiel intérprete desta trilogia de graça, marca o seu primeiro aniversário, vem dar-lhe todo o seu apôio espiritual.

¡Que Deus a ampare para maiores obras, já de si tão grandes e que aos homens que puderam realizar êste programa jàmais a Sua Luz bendita os desampare!...

Faro, Dezembro de 1940.

---

**«Estudos Psíquicos» cumprimenta tôda a família espirita portuguesa, a quem deseja boas-festas e um Novo Ano cheio de paz e progresso espiritual.**

# OS FACTOS ENTRE NÓS

*Continuando a respigar factos ocorridos entre nós, damos hoje duas interessantes narrações da autoria do nosso prezado amigo e consócio sr. João Vendrell i Mercadal e que consideramos de absoluta confiança, já pela sua forma pormenorizada, já pela indicação dos nomes e moradas das pessoas que tomaram parte nas sessões. Oxalá que os leitores que tenham conhecimento de factos semelhantes no-los transmitam, para que se desfaça a lenda de que em Portugal não há verdadeiros fenómenos de Espiritismo.*

## Espírito que comunica a própria desencarnação

Em Abril ou Maio de 1938, encontravam-se reünidas as seguintes pessoas, na minha residência da Estrada de Bemfica, n.º 405, Lisboa: minha tia D. Francisca Vendrell i Sala: minha espôsa D. Dolores Cirera de Vendrell, minha filha, o signatário e D. Maria Pinheiro, que servia de médium. Esta última, na sua vidência, descreveu um espírito que se apresentava ensangüentado, em grande agitação e ansioso por comunicar a sua morte. Além disso, a médium transmitiu as principais características do espírito comunicante, as quais não fizeram lembrar aos assistentes qualquer pessoa conhecida.

Muito insistiu a entidade no seu interêsse de se manifestar, declarando ser nosso parente e chamar-se Andrés; mas nem assim conseguimos recordar-nos, naquele momento, de que tinhamos um primo carnal com aquêle nome. Tal esquecimento justificava-se pelo facto de êle residir em Barcelona e de não o termos visto havia mais de vinte e cinco anos. E só depois de terminada a sessão é que, comentando os factos transcorridos, alguém apontou a hipótese de se tratar do meu primo Andrés, que julgávamos de saúde. Por êste motivo, esquecemos, prontamente, a comunicação.

Poucas semanas depois, veio a nossa casa D. Cármen Vendrell i Serra, irmã de Andrés, cujo espírito se comunicou. Era acompanhada pelos seus três filhos, todos fugidos à repugnante guerra que, naquela época, ensangüentava a Espanha.

Ignorando minha prima a sorte do irmão, que julgava fugitivo em França, nem nos lembrámos de lhe falar na comunicação recebida. Só mais tarde chegaram noticias de Barcelona, dizendo que o Andrés tinha sido prêso, juntamente com outros industriais catalãis, por suspeita de conspiração, mas ignorava-se onde estavam ou se tinham sido fusilados. Foi naquela ocasião que contámos a minha prima a comunicação dada por D. Maria Pinheiro.

É bom advertir aqui, que nem minha prima, nem seus filhos, sabiam qualquer coisa de Espiritismo, ignorando, portanto, a realidade dos fenómenos. Contudo, o facto relatado levou-os a assistir com interêsse às nossas sessões, realizadas com o auxílio da tradicional mesa de pé-de-galo, na falta de outro meio adequado. Nelas, revelou-se minha prima excelente médium de tiptologia, não tardando a comunicar-se o espírito de Andrés, declarando ter sido assassinado e que o seu corpo jazia insepulto no fundo duma ribanceira verde, a quatro quilómetros de Barcelona, numas ruínas de *La Rabassada*. Pedia sepultura, dizendo que seu corpo seria reconhecido por alguns papéis que tinha na algibeira do casaco.

Como é natural, esta nova comunicação impressionou, altamente, os meus primos, que, não obstante, procuraram, cuidadosamente, os fios com que tinhamos feitos mover a mêsa, bem como os furos do soalho, por onde passavam os mesmos fios... visto que, para êles, incrédulos, os inteligentes movimentos da mêsa não tinham possível explicação. Todavia, a realidade dos factos e as provas obtidas noutras sessões, levaram-os à convicção sincera e hoje são verdadeiros espiritas.

Acabada a guerra de Espanha e residindo, novamente em Barcelona, Via Diagonal, 520, 5.º, minha prima fêz procurar o corpo de seu irmão, no sitio indicado pelo espírito, e *lá foi encontrado, junto dos corpos dos outros amigos, com quem fôra prêso,* tendo sido identificado pelos papéis que o espírito referiu, além do vestuário, dentes, etc.

Termino esta narração de manifestação espirita, bem identificada e onde não cabem as teorias com que alguns pretendem explicar... o que explicar não podem, tais como telepatias, sugestões, subconsciências, metagnomias e criptomnésias, pois nenhum de nós sabia da morte de meu primo e muito menos a médium, que lhe ignorava a própria existência. Além disso, foi necessária a indicação dada, para que, não só pudessem sepultar o corpo, como verificar a morte e o local, onde o cadáver se encontrava.

É bem digno de atenção o facto de o espírito se ter manifestado a parentes residentes muito longe de Barcelona e com os quais êle não mantinha relações, mas em cuja casa apareceu poucas semanas depois à sua irmã, com quem nós, também, poucas relações mantinhamos...

## Os espíritos vêem através dos corpos opacos...

Como digo acima, minha prima Cármen Vendrell i Serra revelou-se médium de tiptologia. Animados pelos bons resultados que obtinhamos, realizávamos pontualmente duas sessões semanais, com a quási inalterável assistência de minha tia, minha espôsa, minha prima, seu filho José e o signatário destas linhas.

Entre várias entidades, comunicava-se com muita freqüência um espírito que assinava Robert Roure. Preguntando-lhe se nos podia dar uma prova de leitura em livro fechado, recebemos logo a seguinte resposta, que traduzo, literalmente, do catalão, sendo vírgulas e pontuação de minha conta:

«Ao entrar, na estante da esquerda, segunda prateleira, livro «História dum Crime, página 180, quarta linha: «Soldados! O exército francês é a guarda-avançada da humanidade».

Terminada a sessão e impacientes pela confirmação da mensagem de Roure, todos os assistentes aban-

donaram a residência de minha prima (Rua do Montepio Geral, 405, Lisboa), onde se realizára a sessão, e se dirigiram para minha casa, que era, então, na Estrada de Bemfica, 405, Lisboa. Aberta a estante referida, encontrámos imediatamente o livro indicado pelo espírito, — «História dum Crime», de Vítor Hugo, editado pela livraria Guimarãis & C.ª, desta cidade, — onde pudemos ler, na página 180 e *na quinta linha* e *não na quarta,* o trecho duma proclamação ao exército francês, sem troca de qualquer letra.

Na sessão seguinte, realizada três dias depois, pedimos nova prova à mesma entidade e a mesa soletrou a comunicação, que traduzo também do catalão, continuando a pontuação de minha conta:

«À entrada, à direita, no livro «América», página 53, linha 16: na a consecuencia de sus heridas. Dobes resultó también herido».

Depois da sessão, dirigimo-nos, igualmente, à minha residência. Pois, no mesmo sítio e ordem indicados pelo espírito, estava o quarto volume da obra «América, su Colonización e Independência», de José Coroleu, edição de Montaner y Simón, 1896, em cuja página 53, linha 16, se encontrava, exactamente, o trecho comunicado.

É digno de notar que as letras *na,* com que principia o trecho, e que nenhum sentido parecem ter, são a sílaba *na,* final da palavra *semana,* que vem da linha anterior.

Lisboa, 12 de Novembro de 1940.

*João Vendrell i Mercadal*

# OBRA MERITÓRIA

por Otílio da Silva Reis

Vice-Presidente do Centro Espirita Santa Judite
Foz do Douro

NÃO pode ser um acontecimento banal o aniversário do Centro Espiritualista Luz e Amor.

De-certo que os seus fastos e glórias não se encontram ainda sob influência duradoira da pátina dos tempos. Mas a sua obra, não sendo palpável e visível como realidade material, é, sem dúvida, uma obra de doçura e carinho, de simplicidade e de amor, brotando em catadupas e sempre em perene e franca actividade.

É uma obra de poder fecundo, onde se caldeiam os liames que temperam as energias, transformando em vida de luz, sob a unção serena e calma da fé, irradiando em torno de si o amor de que está cheia.

É uma obra humilde; é uma obra cristã, pacífica, generosa e magnânima.

Eis, porque o Centro Espirita Santa Judite — da Foz — não pode alhear-se dêste aniversário que, possivelmente, para uns, representa um quadro indelével de venturas efémeras, como, para outros, é o espectro de ilusões perdidas. Mas, para uns e outros, para todos, emfim, que lutaram vencendo ou que sentiram a derrota confrangedora das más ilusões, deve raiar sempre a mesma aurora radiante, foco imenso de onde emana a luz que ilumina a nossa razão e esclarece o nosso espírito.

É preciso, é necessário continuar a obra de sacrifício, dulcificada apenas pela alegria comunicativa que provém da exteriorização das nossas boas virtudes, queimando nas piras ardentes, criação da nossa vontade, todo o orgulho e vaidade, todo o egoismo e ambição.

E só assim acrisolados, transformando o nosso coração em altar de Jesus, nos poderemos elevar às

Othílio da Silva Reis

regiões etéreas, ao paraíso de luz, onde nos esperam aquelas almas sublimes já longe das trevas que nos cercam e já depuradas neste orbe de sombra e de lágrimas.

Inclinemo-nos para o quadrante onde se sente a verdade que se personifica em Jesus e moldemos os seus princípios na humildade glorificada para que assim a doutrina espirita seja o cadinho da nossa redenção, sempre gloriosa e sempre bela.

Sob êste signo, o Centro Espiritualista Luz e Amor continuará a sua rota na estrada ampla e infinita de um porvir maravilhoso.

3-XII-940.



nº 8, Nov/Dez/40
Ano 2º

# Notas & Comentários

## Materialismo de... «O Diabo»

«O Diabo» resolveu abrir uma secção de crítica às revistas e aos jornais, referenciando nela os artigos que lhe interessarem e ocupando-se das publicações nacionais e estrangeiras, «cujo nível justifique um cuidado exame».

A primeira revista a examinar foi Estudos Psíquicos e o primeiro artigo a analisar foi «A Falência do Materialismo», publicado no nosso número 6, relativo a Julho-Agôsto.

O crítico — que é de respeito — empunhou a clava de Hércules e arrasou em quatro linhas a nossa consabida ignorância, que «gastou o seu rico tempo arremetendo contra um materialismo grosseiro e caricatural». E declara, a seguir, que a nossa prosa «não atinge o materialismo científico actual», diferente do materialismo clássico, que chegou, dizemos nós, para dominar um século.

O Diabo ataca-nos, mas distingue-nos, ao mesmo tempo, porque reconhece o nível cultural da nossa modesta publicação. Se assim não fôra, Estudos Psíquicos não seria levada ao conhecimento do grande público, através das colunas daquêle semanário. Agradecemos-lhe a propaganda.

O Diabo ataca-nos, não por aquilo que escrevemos, mas por aquilo que deixámos de escrever, o que, para um órgão de crítica literária que deseja estar, como êle diz, à altura das suas responsabilidades, é muito significativo. Afirma que construímos um materialismozinho bastante ingénuo, à exacta medida do nosso espírito. Reconhece, todavia, que os postulados de Büchner, Molleschott e Haeckel passaram à história, foram chão que deu uvas. O materialismo científico moderno, êsse, sim, que é materialismo, fino materialismo, autêntico, verdadeiro materialismo. O outro, coitado, encheu de teias de aranhas bibliotecas e museus, tomou posse de institutos e universidades, avassalou inteligências, fêz gemer os prelos durante muitos anos e, a-final, não era materialismo: era caricatura, era simulacro... ¡Pobres gerações que se deixaram enganar, irremediavelmente, pelos materialistas de antano!

Mas, agora reparamos, O Diabo não criticou o nosso artigo. Desancar não é criticar. Desancar, sem bases científicas, dizendo que A ou B não sabe, não tem competência, é dar «exacta medida» do senso prático do crítico, seja êle qual fôr, por mais diplomas que erga no furabôlos.

Se a nossa linguagem é «imprópria de um artigo de crítica», a crítica de O Diabo é imprópria de qualquer artigo, por mais despretencioso que seja.

¿Não pretende O Diabo ser crítico dos críticos? Então, venha refutar os nossos argumentos, com os Langevin, os Jackson, os Wallon, os Prennant. Se estes ilustres próceres conseguirem deitar abaixo as prerrogativas do espírito, daremos o dito, por não dito.

Até lá, continue O Diabo a chamar-nos ignorante, que não nos dá novidade alguma. Somos ignorante, sim senhor, com muita honra. Se o não fôssemos, não escreveríamos numa pobre revista de estudos psíquicos; escreveríamos num Diabo, onde há menos doutos que doutores, onde, felizmente, todos julgam que sabem...

## A marcha do Espiritismo

Mundo Espirita traz-nos duas notícias auspiciosas que devem alegrar os nossos leitores. A primeira, refere-se à propaganda que, nos Estados Unidos, se está a fazer do Espiritismo, através de sucessivas edições das obras lançadas em França pela Biblioteca Internacional de Ciências Psíquicas de Paris.

Segundo a revista Times, de 18 de Outubro último, os livros editados na América do Norte por iniciativa do cientista prof. Hereward Carrington foram os seguintes: «Uma irradiação do Invisível», de William Barrett, professor da Universidade de Dublin; «Introdução à Ciência Psíquica», pelo prof. René Sudre; «Estudos e Reflexões dum Psiquista», pelo prof. William James, membro do Instituto de França; «Os Fenómenos Psíquicos e a Mediunidade», do prof. Schrenck-Notzing, da Universidade de Leipzig; «Raimundo», edição revista do notável cientista inglês sir Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, há pouco desencarnado; «Animismo», pela doutora Henry Sidwick, actual presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de Londres, e «A Vida depois da Morte», do Dr. J. Hyslop, prof. da Universidade de Colúmbia, além das obras de Kardec e Léon Denis, que já contam milhões de exemplares espalhados nos Estados Unidos.

«A Grande Síntese», do prof. Pietro Ulbaldi, teve ali duas edições esgotadas e o recente livro de Bozzano, «Animismo ou Espiritismo» encontra-se no prelo, devendo, brevemente, ser conhecido do grande público norte-americano.

A segunda notícia refere-se aos estudos espiritas nos meios intelectuais e científicos do Rio de Janeiro, onde há pouco se fundou o Instituto Espirita de Estudos Psíquicos, ao qual pertencem numerosas individualidades de grande relêvo no mundo intelectual e científico.

Vejamos os nomes das pessoas que assistiram às sessões preparatórias e que, só por si, são segura garantia de triunfo.

Dr. Guillon Ribeiro, engenheiro e escritor; Almirante Artur Thompson, ex-Ministro da Marinha e escritor; General Pargas Rodrigues, nome dos mais acatados nas classes militares; Dr. Óscar Cunha, prof. de Direito da Universidade do Rio de Janeiro; Dr. Saladino de Gusmão, advogado e engenheiro, membro da Accademia Carioca de Letras; Dr. Viana Júnior, prof. da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro; Dr. Parigot de Sousa, médico; Dr.

*T. Gonçalves Maia, capitão-médico; Dr. Pinto Pereira, prof. da Faculdade de Direito de S. Paulo; Dr. Azevêdo Silva, jornalista e escritor; Dr. Jacques Mongruel, médico; Dr. Osório Schlleber de Araújo, médico; Dr. Newton Tacht, médico; Dr. Fernando Dias Campos, médico; Dr. Levindo Melo, médico e jornalista; Dr. João Andrade, advogado; Dr. Genaro Lassanse, advogado; Almirante Greenhalt; Major Dr. Francisco Silveira do Prado, advogado; Coronel Dr. Lisias Rodrigues, engenheiro militar e aviador; Dr. Silvio Soares, advogado; Coronel prof. Barros Fournier; Dr. Leôncio Corrêa, jornalista e poeta, membro da Academia Carioca de Letras; Coronel Júlio Gaertner; Dr. Tomaz Girvood, médico; Dr. Carlos Inglês de Sousa, financeiro; Prof. Barroso Neto; Coronel Artur Panfiro, prof. do Estado Maior; Coronel Dr. Rodolfo Vasconcelos, engenheiro militar; Dr. Aduto de Assis; Aurino Souto; José Passos; Alfredo Félix da Silva; Dr. Otto Kumt, engenheiro; Manuel Pereira Marques; Mário Teles; Agostinho de Sousa, D. Amélia Prado, prof.ª do Instituto de Educação; D. Ester Ferreira Viana Calderon, etc., etc.*

*Há também muitos outros inscritos, tais como, magistrados, académicos, militares e inúmeros estudantes de escolas superiores que se dedicam, sinceramente, à cultura do Espírito. Tôdas essas pessoas presencearam fenómenos físicos e outros trabalhos interessantes, além de sessões doutrinárias.*

*; Marcha ou não marcha o Espiritismo, a-pesar dos* motejos das almas superiores, *aferradas ao Olimpo dum injustificável e terreno orgulho? Marcha, sim, senhores. Marcha e marchará, em crescente velocidade, em progressivos triunfos, porque a verdade da sobrevivência alanceia milhões de indivíduos, aos quais o materialismo antinatural cerceou os mais belos e justificados vôos da inteligência e do sentimento.*

## Uma conferência

*Foi a todos os títulos notável a conferência que o sr. Dr. António J. Freire realizou em 1 do corrente mês de Dezembro, na sede do Centro Luz e Amor, subordinada ao título: «Alguns aspectos do mundo astral».*

*Durante cêrca de três horas, aquêle douto confrade falou acêrca dos grandes problemas da vida e da morte, sem uma hesitação, uma reticência, antes demonstrando os mais profundos conhecimentos filosóficos.*

*Conferências destas ennobrecem e prestigiam, não só a mentalidade que as realiza, como as agremiações que as proporcionam.*

*O sr. Dr. António J. Freire, a-pesar-de afastado do movimento espirita português, continua a afirmar-se o mesmo pensador eminente, cuja elevada cultura o coloca na primeira fila dos pioneiros da Causa Espirita Mundial.*

*Pena é que mais não possamos dar da sua magnífica conferência, além do pálido sumário, inserto noutra página dêste número, a-fim-de que os leitores pudessem fazer idea do que foi a soberba lição que deixou os ouvintes encantados. É assim, com actos desta natureza, que se faz propaganda do ideal que nos anima.*

*Ao conferente, pois, os nossos sinceros agradecimentos, pelas horas de prazer espiritual que nos concedeu a todos.*

*I. D. S.*

# ESPERANÇA

Trad. de I. D. S. por Ernesto Pérez Méndez

A esperança é a eterna ilusão que, semelhante a alegre sorriso, nos convida a prosseguir, tornando-nos agradável o esfôrço a realizar para conseguirmos os nossos desejos.

O trabalho do homem necessita de ser animado de esperança. Lutar sem esperança é navegar, sem ilusão.

No luta que travamos, como exigência própria da vida e do aperfeiçoamento das faculdades da alma, a esperança é o raio de luz que dissipa as trevas e embeleza as formas, dando a sensação de que é fácil conseguir o que é preciso realizar.

O homem necessita de estímulo, que só a esperança proporciona. Lutar sem ilusão é carecer de esperança, é exercer o esfôrço sem entusiasmo e por necessidade, num ambiente de pessimismo.

A infinita sabedoria do Criador colocou nas almas os elementos do aperfeiçoamento individual, cujo principal factor é a esperança de poder lograr a nossa superação por intermédio do esfôrço que realizamos para tal fim.

O homem ocupa o primeiro lugar na Terra, lugar proeminente que lhe dá a razão, como legítimo fruto de ignoradas conquistas. Eis, por que a razão é o dom mais elevado que posuímos; e, para que o conhecimento do que temos que fazer nos não desiluda, é que a esperança actua, mostrando-nos, em seu risonho optimismo, como é fácil a emprêsa, incitando-nos a trabalhar num ou noutro sentido, para que vejamos a ilusão com visos de realidade. A esperança é o feliz pressentimento que nos leva a disfrutar, por antecipada, a realização do que anelamos e pretendemos.

O condenado à morte abriga a esperança de salvar a vida. O que sofre dolorosa enfermidade, desenganado pelos médicos, triste e abandonado num hospital, sorri em meio da sua tragédia, porque a esperança, qual brisa amena e subtil, lhe penetrou o coração, e, no seu isolamento, começa a sentir-se consolado por sentimentos que lhe invadiram a alma... As dores tornam-se menos fortes e a imaginação cria em seu redor mil e uma personagens que tudo fazem para lhe amenizar a vida.

Em seu imenso poder, Deus ilumina com a esperança os sêres torturados, afastando-os do pessimismo originado pelas dolorosas e inevitáveis contrariedades que são o verdadeiro contraste do Bem e do Belo.

---

A ciência é a luz que guia os homens nas trevas.

*Lineu*



n.º 8, Nov.º/Dez.º/40

# FILOSOFIA ESPIRITA
## NUM TEXTO DE 1583, DE FREI LUIZ DE LÉON

**Tradução de I. D. S.**

pelo Dr. Rodrigo Sanz

ENGENDROU-SE o *Quixote* num cárcere, como diz Cervantes no prólogo. E em cárcere que durou cinco anos se engendrou e teve gestação outro livro bem espanhol intitulado *Los Nombres de Cristo*, como Frei Luiz de León, seu autor insigne, dá a entender nestas linhas de introdução:

«É, pois, necessário, que os bons engenhos componham em língua vulgar algumas coisas que, nascidas ou trazidas das Sagradas Letras, substituam os livros vãos e prejudiciais que se encontram nas mãos dos fiéis, visto que não basta o que, nesse sentido, se tem feito. Sempre o julguei assim... Mas, já que a vida passada, ocupada e trabalhosa, me impossibilita de executar o meu desejo, não devo perder esta ocasião, que a injúria e a má vontade de certas pessoas me proporcionaram. Porque... a graça de Deus... e o testemunho da consciência trouxeram-me tanta paz e serenidade que, não só na modificação de meus costumes, mas também no conhecimento da verdade, vejo, agora, e posso fazer o que antes me era vedado...».

¡Notáveis palavras, estas últimas!

Finge Frei Luiz que lhe vieram à memória «certos raciocínios» que três amigos seus haviam formulado anos atrás, a respeito dos nomes atribuídos a Jesus-Cristo nas Sagradas Escrituras; e diz que, por êste têma, lhe pareceu bem empreender o seu desígnio, porque êsses nomes «são como breves hieróglifos que encerram quanto, acêrca do assunto, necessita de saber o entendimento humano».

E finge que o agostinho Marcelo, logo que terminou o curso académico, foi, no dia de S. João, passar uma semana com seus amigos *Juliano* e *Sabino* à granja que o seu mosteiro possuía, nos arredores de Salamanca; e que no dia de S. Pedro, depois do ofício divino, tendo saído os três para a horta, Sabino tirou do bôlso um papel escrito, exclamando, ao ler o título: «Achei hoje êste papel de Marcelo, que aqui apontou, com notas de lugares, dez nomes que a Escritura dá ao Cristo e desejava ouvi-lo sôbre o caso».

Marcelo, vendo-se rogado, aceita o encargo e dispõe-se a falar dêsses dez nomes. Mas adverte:

— Primeiro, convirá que... tratando as coisas desde a sua origem, vejamos o que é um nome, sua função, seu fim e de que maneiras se costuma empregar.

E fazendo sentida invocação a Deus, («¡ilumina a minha alma, de modo que a minha vontade te adore e esclarecido o meu entendimento te veja e enriquecida a minha bôca te apregõe, se não como és, pelo menos, como te podemos compreender!»), todos se calaram por um instante. E Marcelo retomou, assim, a sua exposição:

* * *

1.° — O nome é palavra breve que se substitue por aquilo de que se diz... É aquilo mesmo que se nomeia, não no sentido real que tem, mas no que lhe dá o nosso entendimento e a nossa bôca.

2.° — Porque se deve entender que a perfeição de tôdas as coisas e, principalmente, daquelas que são susceptíveis de entendimento..., consiste em que cada uma delas contenha em si as outras e em que, sendo uma, seja tôdas, se possível, porque nisto se aproxima de Deus que em si tudo contém...

3.° — Consiste, pois, a perfeição... em que cada um de nós seja um mundo perfeito, a-fim-de que, estando todos em mim e eu em todos, tendo eu o sêr de todos e todos o meu sêr, se encadeie esta máquina do Universo e se reduza a uma unidade a multiplicidade de suas diferenças, misturando, sem ficarem misturadas e permanecendo muitas, embora o não sejam... o que é avizinhar-se a criatura do próprio Deus... que em três Pessoas é uma Essência e, em infinito número de excelências incompreensíveis, é uma única e perfeita excelência.

4.° — Sendo esta a nossa perfeição, desejando cada um a sua perfeição e sendo pródiga a Natureza em prover os nossos desejos indispensáveis, providenciou nisto, como em tudo, com admirável artifício. E assim como não era possível que as coisas, tal como são, materiais e tôscas, estivessem tôdas umas nas outras, deu a cada um, além do verdadeiro sêr que tem em si, outro inteiramente semelhante mas mais delicado, com o qual estivessem e vivessem cada uma no entendimento das suas vizinhas, cada uma em tôdas e tôdas em cada uma. E ordenou que o entendimento... saísse à bôca com as palavras. E dispôs que as coisas, já que pedem cada uma o seu lugar, em virtude de serem materiais, naquele lugar espiritual pudessem estar muitas...; e ainda o que é mais maravilhoso: uma coisa ao mesmo tempo, em muitos lugares.

5.° — «Do que pode ser exemplo o que no espêlho acontece: que, se juntarmos muitos espelhos, a imagem do rosto, que é uno, reflete-se ao mesmo tempo em todos êles; e, dêles, tôdas aquelas imagens voltam juntamente aos olhos e dos olhos à alma, sem se confundirem. De maneira que, em conclusão, tôdas as coisas vivem e têm sêr em nosso entendimento, quando as entendemos e nomeamos...; e o que elas são em si mesmas razão de ser têm em nós, se o nosso entendimento e as nossas bôcas forem verdadeiras»... «Em si, são elas mesmas, e nas nossas bôcas e entendimento são seus nomes...; que o nome é como a imagem da coisa ou a coisa disfarçada o substitue por ela».

* * *

E prosseque, expondo a divisão dos nomes, em próprios e comuns... De modo que, para definir e dividir o nome, e poder mostrar logo que os comuns, que por ditado se aplicam ao Cristo, são *apropriadíssimos*, e os próprios — que conta dois — o são por maneira única, apresenta Frei Luiz não só a teoria

gramatical e psicológica do nome, senão doutrina ontológica dos sêres — substância (que são os genuïnamente expressos pelas palavras-nome); e não doutrina ontológica, se não a da lei *de perfeição* dos sêres reais finitos, a *teoria de sua evolução,* falando em linguagem moderna. Estes três parágrafos do discurso de Marcelo contêm, a meu ver, a melhor filosofia que se pode encontrar, acêrca da teoria da substância. Em todo o livro de Frei Luiz, não encontrei esfôrço mental mais pessoal e certeiro, do que êste conceito da *perfeição das coisas.*

Confesso que me senti envergonhado, quando vim a conhecer três dêsses parágrafos (2.°, 3.° e 4.°) por intermédio dum estrangeiro, o mui distinto hindu Svrami Vivekananda, que os cita e insere num dos seus trabalhos (1), como doutrina «exactamente coïncidente com a do *Nirvana* da filosofia vedanta», — diz êle... Mas muito mais gôzo senti, confessá-lo-ei também, quando, seguidamente, e conforme pude, procurei o livro de Frei Luiz que ainda não tinha lido e verifiquei que a citação de Vivekananda era de conformidade incrível, inesperadíssima, com a tese evolutiva da filosofia espirita, referente ao *quid* do progresso infinito do espírito e de todo o *sêr real,* ou substancial, que é o simples.

Se Frei Luiz vivesse hoje, seria *fundamentalmente evolucionista,* pois falava da perfeição de *tôdas as coisas,* pondo-as de modo que chegassem a ser *um mundo,* por representação do Mundo nelas.

E seria, ainda que o não dissesse, um geleiano (ou Geley seria *leonista),* porque colocava o aperfeiçoamento na *consciência crescente,* ou representação crescente do Cosmos em cada microcosmos.

E defenderia — como depois o fêz Leibniz — que todo o sêr real, ou simples, tem, pelo menos, rudimentos de consciência, ou seja de conhecimento e vontade com livre-arbítrio ou não determinação dalguns de seus actos; porquanto êle dizia que tôdas as coisas se procuram conter entre si, por via de *noção,* a que se segue *tendência.*

E se hoje vivesse, como já conheceria os espelhos periscópicos, modificaria, certamente, o seu exemplo do parágrafo 5.°; e em vez de imaginar que nos mirávamos, ao mesmo tempo, em vários espelhos planos, suporia que contemplávamos um número de espelhos periscópicos, em cada um dos quais a païsagem se reduz: o céu, com suas nuvens e suas aves, e o solo, com seus campos, árvores, casas ou pessoas, de modo que tudo parece conter-se em cada um, incluíndo os demais espelhos próximos; de tal maneira que, se os imaginarmos sensação, reflectirão tôdas as coisas, cuja luz os atinja. É o *quid* do progresso do espírito e dos seres simples ou substanciais: unificar-se, *encadeiar-se* (como diz Frei Luiz) com a Criação inteira, por representação crescente dela nêle e por vontade de servir ou tendência de simpatia para todos os sêres criados.

* * *

Uma das mais belas emoções da minha vida tive-a ao ver que a idea filosófica de Frei Luiz era substancialmente a *mesma* que tenho exposto nalguns trabalhos, servindo-me da comparação de cada espírito com um maravilhoso espelhinho periscópico, imaginando-o dotado de sensação e sentimento.

Na conferência que realizei em 24 de Agôsto de 1931 (2) no Ateneu Ferrolense, dizia eu, expondo a tese evolutiva espirita, que a Ciência tem sempre encontrado *ciclo* ou *limite* na evolução dos sêres corpóreos que tem estudado: mas que, nos incorpóreos, ou *simples,* que formam irremissivelmente os corpóreos, ou compostos, a evolução não pode ter limite, ou melhor, *máximo.* Pois, se o electrão, o agente da vida mineral, vegetal ou animal, o espírito humano ou outro superior, não fôssem, incessantemente, progressivos, o Cosmos teria limite ou máximo, ou *ciclo* também, portanto involução e perecimento; e a razão humana não pode devorar o absurdo de *energia perecida,* perdida, destruída... Logo, os sêres simples impedem um ciclo integral do Cosmos, ao aumentarem em ciência e energia, aumentando, portanto, a total.

«Logo, — inferia em sucessivas deduções — não diremos mal que o progresso do *eu* consiste, substancialmente, em crescente consciência. Porque a característica própria do nosso espírito não está no vegetativo, nem no sensitivo, mas no mental. Perante tudo, êle é *mente,* microcosmos, por representação crescente do Cosmos nêle, como em espelhinho periscópico que fixasse a imagem das coisas. Logo, nesta capacidade de representação ou conhecimento, e, portanto, de união com o Universo e sua Causa, está o seu progresso substancial; e como todo o espírito conhecerá tanto mais o seu *eu,* quanto mais conheça o *não-eu,* resultará que o seu progresso consiste, em resumo, em *crescente consciência*».

Só falta acrescentar que, em face daquela representação, o espírito se afirma com desejo de cooperar, ou seja com amor ao criado.

Noutro trabalho — êste não impresso — que remeti à Federação Espirita Espanhola, a pedido da sua Direcção e destinado ao Congresso Internacional de Barcelona, de 1934, ampliei essas ideas, acêrca da tese evolutiva espirita. Não tenho à mão o rascunho (que desapareceu, com todos os meus papeis, na minha residência de Madrid); mas as principais ampliações diziam respeito a quatro ideas (3).

1.ª — Há aumento incessante de energia no Universo. Não pode haver *destruïção* de energia, nem *conservação,* mas aumento.

2.° — Há consciência em todos os seres simples, seja qual fôr o seu grau. Até no electrão há rudimentos de *conhecimento* e de *vontade,* ou seja acto *não determinado* por actos anteriores.

3.° — Os actos livres é que aumentam a energia universal. E êste aumento explica a vontade como lei cósmica cooperante com a lei determinista. O acto livre é excepção dos actos determinados. E há lei da regra e lei da excepção.

4.° — Conseqüentemente, tudo isto deve observar-se, com grande extranheza, nos laboratórios da Alta Física: que as leis obtidas para a actividade electrónica ( e o mesmo deve suceder com a atómica e a mo-

(1) Artigo 10.° da sua colecção de escritos, tradução do inglês por Climent Ferrer.

(2) *Polémica sôbre Espiritismo,* folheto de 204 págs. La Coruña, 1933, págs. 165-71.

(3) Que constituíram o assunto duma conferência, no Ateneu Espirita de Madrid e publicada em *El Kardeciano,* do Ferrol; e que também o foram dum trabalho traduzido em português pelo Sr. Isidoro Duarte Santos, publicado nos números 1, 2 e 3 da *Revista de Espiritismo,* de Lisboa, em 1935.

# Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

## Notável acontecimento

*Mundo Espirita* de 21 de Setembro traz-nos grata notícia que nos enche de satisfação e confiança nos destinos da Causa. Trata-se da romagem de 1.500 confrades à Federação Espirita Brasileira, orientadora e propulsora do Espiritismo, no país irmão de Além-Atlântico. O caso passou-se em 15 de Setembro e excedeu a expectativa de todos aquêles que se convenceram há muito de que não há obstáculos que consigam deter a marcha da Doutrina, naquela formosa pátria sul-americana.

«¡ Que empolgante espectáculo presenceámos! — escreve *Mundo Espirita* —. ¡ Quanta vibração espiritual espalhada pela assistência invisível que a todos beneficiou, impregnando de paz todo aquêle ambiente! No calendário das tardes históricas assinaladoras das grandes realizações operadas na respeitável Casa de Ismael, certo, a tarde de 15 de Setembro de 1940 terá sempre assinalado relêvo, brilhará sempre com intensa refulgência na memória de todos que tiveram a felicidade de assistir às demonstrações de estima, respeito e solidariedade, exibidas pelos mais distintos representantes das correntes sociais que constituem a fôrça que impulsiona o Espiritismo entre nós.»

Efectivamente, o acontecimento é de natureza transcendental e revela a estima e o aprêço em que é tida a Federação Espirita Brasileira, à frente da qual se encontra o Dr. Guillon Ribeiro, paladino dos mais activos, figura respeitável que se impõe a todos, mercê de suas faculdades de trabalho, de seu talento e do fino trato que o distingue e o torna credor da simpatia de tantas almas ávidas de ascensão espiritual.

Mil e quinhentas pessoas se espalharam, naquele dia, pelos salões da Federação, à Avenida Passos, 30, vibrando de entusiasmo, comungando no mesmo sentimento, penetradas de igual desejo de progresso. E não faltaram as principais agremiações espiritas, que ali foram levar o abraço fraternal e a certeza do seu incondicional apôio à obra gigantesca da Federação, tão grande, que há muito tempo ultrapassou as fronteiras do seu país, projectando-se, como raio de luz potente, em todo o mundo culto, onde há inteligências que se dessedentaram nas obras de Kardec e seus sucessores.

Lá esteve a Liga Espirita do Brasil, representando oitenta sociedades; lá estiveram os directores da «Hora Espirita Radiofónica» e da «Hora Espiritualista», tão queridas dos rádio-ouvintes brasileiros; lá esteve a imprensa leiga e espirita, representadas por *Mundo Espirita* e *Vanguarda*; lá esteve a «Obreiros do Bem», fundadora do Hospital Espirita Pedro de Alcântara e muitas outras agremiações que afirmaram, com a sua presença, o desejo intenso de se unirem para a defesa da nossa Doutrina.

¡ Acontecimento notável, sob todos os pontos de vista! ¡ Acontecimento notável e revelador da fôrça e expansão que o Espiritismo adquiriu, no Brasil pujante, cheio de radiosas promessas.

*Estudos Psíquicos* associa-se, inteiramente, à bela homenagem prestada à Federação Espirita Brasileira, a quem saúda, na pessoa do seu ilustre Presidente.

## Extraordinária prova da sobrevivência

A prova da sobrevivência da alma humana é o principal fim de todos aquêles que se dedicam às investigações psíquicas. Pode haver outros objectivos, mais ou menos variados, tendentes a demonstrar certas faculdades da alma humana, mas nenhuma pesquisa é tão sugestiva e aliciente como aquela. E os factos são tão freqüentes, que raro é o dia em que não cheguem ao nosso conhecimento fenómenos retumbantes que o público não compreende e que os metapsiquistas procuram explicar com teorias abstrusas, ilógicas e anti-naturais. Zombam da explicação espirita e arquitetam coisas mirabolantes, esfalfando-se por demonstrar o que não tem demonstração possível.

Hoje vamos referir-nos a uma prova extraordinária, narrada pela senhora D. Anita Andrade, de Sergipe, e publicada no jornal *Bahia-Espirita*, de Maio último.

«Em Outubro do ano passado — escreve aquela senhora — e em dia que me não recordo, estando no Rio de Janeiro e indo em visita a uma amiga residente na estação de Encantado, de volta, às três horas da tarde, fui tomar o *omnibus* a uma esquina. Não me sabendo orientar e estando um tanto embaraçada, surgiu nessa ocasião um indivíduo que saía dum botequim, indivíduo de estatura regular, moreno, pálido, côr terrosa, barba intonsa e grisalha, trajando fato surrado de casimira cinzenta, sapatos gastos, aparentando uns 62 anos de idade. Dirigindo-se à minha pessoa, inda-

---

lecular) se cumprem *estatisticamente*, ou em ponto médio, mas não rigorosamente, em cada electrão. As fugas dessas leis serão os actos não determinados dos electrões, os seus actos livres, como lhes poderemos chamar.

* * *

E volto a Frei Luiz e à sua elevada mente, para o deixar, com grande veneração pela sua memória. Para o deixar e voltar qualquer dia ao seu livro, no qual talvez encontremos corroboração doutra tese espirita: isto é, a do perispírito, ou seja a de *composição* e não simplicidade da alma, que consta de espírito simples e perispírito composto.

gou se eu era sergipana e estendeu-me afectuosamente a mão, dizendo que também era sergipano. Preguntou-me se eu ia para a cidade e indicou-me o *omnibus* que eu devia de tomar. Preguntei-lhe o nome. Disse chamar-se João Cabêlo de Arrôz, ser marceneiro e ter residido em Aracajú, na Rua das Laranjeiras, 278. Como eu ficasse admirada ao ouvir o nome, repetiu-o quási ao meu ouvido, causando riso a um menino alourado que estava com êle. Indaguei se conhecia o Dr. Alípio de Mendonça. Respondeu, em voz apressurada, batendo no peito e dizendo que era muito seu amigo. Nisto, tomo o *omnibus*; e quando me virei para indagar do informador se queria alguma coisa para Sergipe, já não o vi, nem ao menino alourado. Causando-me espécie e pensando tratar-se dum amigo do Dr. Olímpio, eu, que nunca tive o cuidado de tomar notas de coisa alguma, escrevi o seu nome numa carteirinha, bem como a sua profissão e residência.

«Na cidade, encontrei o Dr. Olímpio, a quem contei o ocorrido, na presença do sr. Virgílio Mainard, funcionário federal.

«Informou-me o Dr. Olímpio que aquêle indivíduo falecera havia mais de 20 anos e o sr. Virgílio Mainard declarou que conheceu pessoalmente o sr. João Cabêlo de Arrôz, falecido cêrca de 25 anos antes, acrescentando serem inteiramente verdadeiras tôdas as minhas indicações, inclusivé manchas de roupa, e que o menino alourado era sobrinho do sr. João e igualmente conhecido. Falando a outras pessoas que conheceram o falecido, todos confirmaram as indicações. Entre outras a quem falei, cito o nome do sr. Álvaro Dias dos Santos, empregado da Perfeitura do Rio de Janeiro, que me disse ter conhecido a própria casa onde residiu João Cabêlo de Arrôz, em Aracajú, e que era a mesma por êle indicada.

Os factos apresentaram-se-me com tal nitidez que fico a pensar que aquêle indivíduo é vivo, a-pesar das informações que me foram transmitidas por pessoas absolutamente insuspeitas.

«Aracajú, 7 de Fevereiro de 1940».

Como se vê, o caso é pormenorizado e a circunstância de apontar os nomes de testemunhas fidedignas mais o impõe à consideração do público sensato.

## Soluço misterioso num casamento

O *Diário de Notícias* de 14 de Novembro publicou um artigo de Enrico Tedeschi, datado de Roma, no qual relata como certo viúvo viu a mlher morta, quando contraía segundas núpcias ,numa igreja de Milão, facto êste que intrigou tôda a gente que dêle teve conhecimento.

O noivo era engenheiro distinto, viúvo e sem filhos; a noiva, filha de abastado negociante de frutas. A igreja estava engalanada com flores, fôlhas de palma e sanefas de sêda. Muitos parentes, amigos e algumas centenas de curiosos.

O par ajoelha-se no altar. Subitamente, ouve-se, perto, um grande soluço, logo refreado. Era uma senhora nova, tôda de preto, ocultando com as mãos o rosto velado por espesso véu, parecendo aterrada.

Os noivos ouviram o soluço. Êle, principalmente, que ficou varado e cambaleante.

Entretanto, a senhora velada levanta-se do lugar, onde estava ajoelhada, dirige-se para o centro da igreja e pára na primeira fila dos convidados, silenciosa como um fantasma. E o articulista acrescenta:

— Fica ali, esperando que os noivos saiam. Estes assim fazem, visivelmente perturbados. E quando chegam, quando êle, sobretudo, chega perto dela, rápido borborinho se levanta. O noivo não pode reprimir um grito agudo. Tremia como varas verdes. E se não lhe acudissem amigos, logo acorridos a sustê-lo, ter-se-ia estatelado com uma síncope no lagêdo frio da nave. A noiva despega-se-lhe do braço e corre direita aos pais, mais branca do que o seu vestido de flor de laranjeira. Pela igreja alastra a confusão. Muita gente ignorava o que tinha sucedido. Contudo, alguém afirma que o noivo, ao aproximar-se da dama velada e ao soltar o grito, acrescentou em voz pálida: — «¡ É Ela !»

A dama misteriosa desapareceu, como núvem que o vento leva e desfaz...

A notícia correu, célere, pela cidade, chegando à casa dos pais da noiva, onde todos se encontram aterrados e sem apetite.

Amigos interrogam o noivo, o mesmo fazendo a legítima consorte.

— ¿ Quem era ?... ¿ Quem era ela ? !...

— ¡ Ela !... ¡ A minha mulher !... — responde o interpelado, como se despertasse de horrível pesadêlo.

A novos pedidos de esclarecimentos, o noivo nada mais diz, nada mais acrescenta, nada mais sabe. Excitadíssimo, só repete:

— ¡ É ela ! É minha mulher !...

A-pesar dos calmantes aplicados, continua no mesmo tom de pasmo:

—¡ É ela ! ¡ Não morreu ! Não há dúvida. Era o seu chôro, a sua voz... Eram os seus olhos...

Os parentes afirmam que não pode ser, que a primeira mulher do engenheiro morreu há mais de três anos numa aldeia da Sicília, em conseqüência de desastre de automóvel, donde êle saiu também muito ferido.

¿ Seria alguma parenta da defunta, muito parecida com ela, a ponto do engenheiro a confundir com a mulher ? A ser assim — conclue Tedeschi — ¿ por que razão teria ido essa outra senhora assistir à bôda e teria soluçado no momento mais solene da cerimónia e, depois, desaparecido como fumo, sem deixar rasto ? ¿ Um fantasma, então ? ¿ Um caso de alucinação colectiva ??

O Ministério Público mandou fazer um inquérito a instâncias do Dr. Gino Fucigna, advogado do noivo... A ver vamos, como diz o cego...

Como o fenómeno não foi, devidamente, pomenorizado e controlado, registamo-lo, a título de curiosidade.

De resto, há muitos fenómenos semelhantes, nos anais do Espiritismo; e a sua explicação é demasiado fácil, para que careçamos de gastar palavras na sua explanação.

## Um dentista e um frade...

O Brasil é um dos países que fornecem maior contingente de fenómenos espiritas. Desde o Rio Grande do Sul ao Pará, não há jornal que não tenha enchido colunas e colunas com relatos curiosíssimos de factos supranormais que deixam o materialismo em maus lençóis, impotente, como é, para dêles nos dar explicação cabal e científica.

Há tempos, o *Estado da Bahia*, jornal profano da cidade de Salvador, relatou um caso de «assombramento» localizado em dois prédios da mesma cidade. Eis como aquêle diário refere o acontecimento:

«Uma das pessoas que presenceiaram os fenómenos foi o cirurgião-dentista Hélio Cabral, a quem hoje procurámos para esclarecimentos. Trata-se de pessoa com instrução superior, menos sujeita, por isso mesmo, às influências a que está sujeito o homem do povo. E disse-nos o jovem clínico:

—«No dia 20, pela manhã, fui convidado por um amigo para verificar certos factos que se estavam passando em casa de pessoas de sua família. Aceitei o convite. Cêrca das nove horas e trinta minutos, entrei, em companhia do meu amigo e do Dr. Botas, na casa indicada. Mal púnhamos o pé na soleira da porta, ouvimos ruído na sala de jantar. Corremos ao local e vimos um despertador a rolar pelo chão.

«A-pesar do que presenceei, fiquei ainda um pouco descrente. Nesse interim, um rapaz mostrou-se um cinzeiro de metal que, devido a sucessivas quedas, estava todo amolgado. Eu e o Dr. Botas resolvemos colocar o cinzeiro dentro dum sapato que estava no quarto da alcôva. Findo êste trabalho e emquanto o meu companheiro se dirigia para o corredor, postei-me de sentinela na sala de visitas. ¡ Qual não foi o meu espanto ao ver o sapato projectado, violentamente, a grande distância, vindo os restos do cinzeiro parar a meus pés!...

«O Dr. Hélio Cabral declarou ter ficado muito nervoso, pelo que se retirou, logo, para casa. Preguntámos-lhe a que atribuía os fenómenos. O dentista respondeu imediatamente:

«— Eu sou pessoa insuspeita para falar, pois jàmais acreditei em Espiritismo ou coisas do Além. Espero verificar a origem dos mesmos, realizando um minucioso estudo das circunstâncias, a-fim-de poder fornecer uma opinião segura.»

*Estado da Bahia* resolveu ouvir também um dos frades de S. Bento:

«Fomos à Avenida Joana Angélica e lá encontrámos frei Rafael. Na palestra que entretivemos com êste sacerdote, disse-nos estar perfeitamente de acôrdo com as afirmações do Dr. Hélio Cabral. Declarou que fôra chamado para verificar os fenómenos e os mesmos se repetiram na sua presença. E, sorrindo, acrescentou:

«— Frei Basílio também aqui esteve, assim como outros sacerdotes. Quando frei Basílio transpunha a grade de entrada, um cágado que se encontrava no quintal da casa foi arremessado violentamente contra êle, por pouco não o atingindo. Eu mesmo, quási que sofri uma contusão, motivada pela queda duma escôva, que veio do telhado.

«D. Rafael afirmou que viu ainda outros objectos projectados a grande distância. Mostrou-nos um despertador e um livro de orações, bastante estragados, pelas panccadas recebidas. E finalizou, declarando que ficara admirado de presencear tais fenómenos, atribuindo-os a alguma fôrça sobrenatural e desconhecida. Disse, mesmo, que está a estudar o assunto, para mais tarde se pronunciar a tal respeito.»

Desta vez, o frade e o dentista estiveram de acôrdo perante os fenómenos insólitos que alarmaram os cidadãos pacíficos de Salvador. E ambos prometeram estudar, antes de se pronunciarem acêrca do assunto. Fizeram bem, foram sensatos, não esquecendo o prolóquio: «Saber é calar, até haver tempo de falar». Mas se êles estudarem com interêsse pelo fenómeno, não tardará muito que o dentista e o frade abandonem os instrumentos impróprios de suas pesquisas e exclamem como o padre-cura, no final de «O Melro» de Junqueiro:

— Há mais fé e mais verdade num fenómeno espirita, do que na palavrosa filosofia dalguns corifeus dêste século, que vivem a caçar utopias... fiéis à arte de ocultar o que está à vista de tôda a gente...

## Tenda Espirita Mirim

Como prometemos no último número, vamos referir-nos hoje a esta bela agremiação de largo futuro, segundo informações que nos foram enviadas do Rio de Janeiro pelo nosso representante, sr. Henrique Magalhãis.

A Tenda Espirita Mirim, cuja sede própria está em vias de acabamento, é uma das mais formosas realidades criadas pela dedicação dos nossos confrades brasileiros. Além das instalações de *O Caminho*, seu órgão oficial, possuïrá ambulatório, policlínica e hospitalização de obsediados.

Para se fazer idea da grandeza desta obra, basta dizer que a estrutura de cimento armado custou 135 contos brasileiros, além dos terrenos, que importaram em perto de 100. Não devemos de admirar-nos, se atendermos a que o edifício mede a superfície de 600 metros quadrados, com dois pavimentos: No rés-do-chão funcionarão os departamentos do jornal, cooperadoras e zeladoras, biblioteca e duas salas destinadas a ambulatórios. Total do salão: $15^m \times 44^m$. No recinto dos trabalhos espirituais, que mede $14^m \times 21^m$, trabalharão 300 médiuns. Assistência: 1.200 pessoas.

Ao fundo, atrás da mesa da presidência, guiando a obra de caridade de seus enviados, será colocada, em tamanho natural e em mármore, a estátua de Jesus. O salão tem doze portas largas, seis de cada lado, por onde a assistência saïrá em menos de cinco minutos. Ao lado do salão, há dois compartimentos destinados a consultórios médicos, os quais funcionarão durante as sessões.

No pavimento superior, há dois gabinetes, destinados ao administrador e zelador. Sôbre o salão e em volta dêle, uma galeria destinada a vestiário de médiuns. Além disto, há dependências sanitárias, instalações de altifalantes, exaustores de ar quente, bebedouros, etc.

Efectivamente, trata-se de obra monumental e o seu custo orça por 500 contos brasileiros.

É curioso registar, como já o fizemos na secção *Por êsse mundo...*, o trabalho voluntário realizado pelos médiuns desta agremiação, na faina de terraplanagem, levada a cabo nalguns domingos a tal fim dedicados.

Esta construção foi intentada, em virtude da exigüidade das salas da Tenda Espirita Mirim não comportar a numerosa assistência, calculada em 15.000 pessoas por mês. Daí a necessidade desta construção, com capacidade para acomodar cêrca de 3.000 pessoas, de forma que possam ser atendidas sem inconveniente.

¡ Grandiosa obra a dêstes generosos e caritativos pioneiros! Deus os abençoe, Deus os proteja, permitindo que o seu triunfo seja completo. São obras dêste género que impõem o Espiritismo aos olhos do mundo; são obras dêste género que servem de base à melhor propaganda que se poderá fazer, numa sociedade desorganizada e materializada.

# Efemérides do Centro Espiritualista Luz e Amor

15-4-923 — É fundado o Centro, com vinte e seis associados e com a seguinte constituïção: *Mesa da Assembleia Geral* — Pres., General Passaláqua; 1.º e 2.º secretário, respectivamente, José Alves Teixeira e Artur António da Silva. *Direcção* — Pres., Maria Veleda; 1.ª tesour., Emília Marques; 2.ª tesour., Elisa Santos Lima; 1.ª secret., Dinah Santos Lima; 2.ª secret., M. Emília de Carvalho Gonçalves; 1.ª vogal, Maria Madre de Deus Leite Denis; 2.ª vogal, Maria Augusta Belliter.

2-5-923 — Inauguração do Centro, como uma festa artística e de propaganda, a favor do Albergue das Crianças Abandonadas.

21-6-923 — Resolve-se adquirir mensalmente 60 exemplares da revista O *Futuro,* para distribuïção gratuita aos sócios.

29-7-923 — 2.ª festa de propaganda, com uma *quete* que rendeu 155$00, os quais foram entregues ao Albergue dos Inválidos do Trabalho e a um irmão necessitado.

19-10-923 — 3.ª festa de propaganda, dedicada aos espíritos de Leonor e Madrezita, com uma *quete* que rendeu 87$50, aplicados na compra de brinquedos distribuídos em 8-11-823 às crianças diftéricas do Instituto Câmara Pestana.

8-11-923 — Custeado pela Direcção, é oferecido um jantar, além de bibes, alpergatas e brinquedos, a sete crianças necessitadas.

8-12-923 — O Centro tem oito meses de existência, com cinco grupos de sessões práticas a funcionar, tendo, cada um, presidente e vice-presidente.

Janeiro de 1924 — Funda-se a Caixa de Beneficência.

16-3-924 — Reünião da Assembleia Geral, de que nasceu o Grupo Editor da revista «A Asa», constituído pelos seguintes indivíduos: José M. Pereira Bravo, Maria E. Carvalho Gonçalves, F. Conceição Bravo, M. da Madre de Deus L. Lenis, Emília Marques, Dinah Santos Lima, Amélia Grilo, Sebastião Ribeiro, Elisa Santos Lima, António J. Corrêa, Artur António da Silva, M. Rita das Dores Silva, Manuel dos Santos Caboz, J. J. da Silva Lagarto, Joaquina da Silva Lagarto, M. Martins Pedro Fernandes, João da Cruz Matos, Viriato Passaláqua, António Mendes da Silva, João José Alves, Francisco Marques Rodrigues, Carlos Quesada, Mário Machado e Luiza Ludovice.

27-4-924 — Realiza-se o primeiro passeio de confraternização à Quinta do Portinho, na Trafaria. Efectuou-se uma *quete* que rendeu 225$00, os quais foram entregues à Escola-Oficina N.º 1, à Liga de Protecção às crianças e à Caixa de Beneficência do Centro.

28-4-924 — Nomeação da Comissão de Propaganda e Relações Exteriores, composta por João José Alves, Manuel dos Santos Caboz e António José Palma.

25-5-924 — O Grupo Espirita de Ponta Delgada pede a sua filiação. Expedem-se circulares a todos os grupos do país, — primeiro toque de clarim para a organização do Congresso e fundação da Federação Espirita Portuguesa. Nomeação de sócios-correspondentes.

15-6-924 — 4.ª festa de propaganda no Asilo de Santo António de Lisboa.

18-6-924 — António José Alves, do Rio de Janeiro, é nomeado sócio-correspondente.

29-6-924 — 2.º passeio de confraternização ao Portinho.

20-7-924 — 3.º passeio de confraternização à Pena, em Sintra.

21-7-924 — Convite da União Espirita Algarvia para se enviar um conferente ao Algarve.

22-8-924 — António José Alves abre uma subscrição no Rio de Janeiro que atinge a importância de 1.025$00, os quais são depositados na Caixa Geral de Depósitos. Resolve-se fundar a revista *A Asa,* com 500 exemplares de tiragem, distribuídos gratuitamente e custeados pelo Grupo Editor.

8-9-924 — Nomeam-se sócios-correspondentes todos os directores de Grupos que responderem às circulares.

Outubro de 1924 — Sai o 1.º número de *A Asa,* com redacção na Rua do Comércio, 114, 4.º.

2-11-924 — São nomeados sócios-correspondentes e representantes do Centro: no Rio de Janeiro, Artur Rosemburg e em S. Paulo, Cairbar Schutel, director de *O Clarim.*

24-12-924 — Sessões de confraternização em todos os grupos de estudo e de trabalhos práticos.

25-12-924 — Distribuïção de bibes, alpergatas e brinquedos a 27 crianças, às quais é também oferecido um jantar.

1-1-925 — Visita ao Aljube, com distribuïção de merenda, dinheiro e vestuário às crianças que ali se encontram com as mãis.

4-1-925 — Marca-se uma reünião para 11 de Janeiro, a-fim-de se resolver se a Federação deve nascer do Congresso e se devem ser nomeadas comissões com a seguinte missão: apresentar os títulos das teses; aquisição de sede própria para a Federação; cotas com que os centros filiados devem contribuir para as despesas do Congresso; marcar o Congresso para Maio.

11-1-925 — Reünião dos Corpos Gerentes do Centro e delegados dos centros espiritas de Santarém, Leiria, Olivais, Vendas Novas, Tomar, Barreiro, Algarve, Ponta Delgada, Beja e Sociedade Teosófica, no Ateneu Comercial de Lisboa.

8-2-925 — Nova reünião, de que sairam as seguintes Comissões: *Comissão Organizadora:* General Passaláqua, Maria Veleda, Horácio H. Tavares, José M. Pereira Bravo, Dinah Santos Lima e Elisa Santos Lima; *Sub-Comissão de Têses:* Maria Veleda, Maria Madre de Deus Leite Denis e Manuel dos Santos Caboz; *Sub-Comissão pro-Federação:* General Passaláqua, Horácio Inglês Tavares e Joaquim Quintela Paixão; *Sub-Comissão de propaganda:* Augusto M. da Silva Flores, Henrique Garcia e Avelino da Silva Fernandes; *Agregados às diferentes Sub-comissões:* Maria E. Carvalho Gonçalves, António J. Corrêa, João José Alves, C. Carinha e António Mendes da Silva.

9-2-925 — A Federação Espirita Mexicana nomeia o Centro E. Luz e Amor seu sócio honorário. O Centro retribue com igual nomeação.

26-2-925 — Festa no Asilo de Santo António a favor da Caixa de Propaganda do Centro. O Centro



Nº 8, Nov./Dez./40
Ano 2º

# «Alguns aspectos do mundo astral»

Como dizemos noutra parte dêste número, o sr. Dr. António J. Freire realizou em 1 de Dezembro corrente, no Centro E. Luz e Amor, uma interessantíssima conferência, intitulada «Alguns Aspectos do Mundo Astral», à qual assistiram mais de cento e cinqüenta pessoas, na maioria estudiosos das coisas do Espírito e que têm acompanhado a nossa obra.

O conferente manteve-se à altura do seu nome e deu-nos uma verdadeira lição de mestre, em que não sabemos que mais admirar: se a sua extraordinária cultura, se a verbosidade admirável com que expôs os mais difíceis e transcendentes problemas.

Eis o sumário da conferência:

*1.ª parte* — (Generalidades):

*a)* Composição, estrutura e funções do corpo astral. Correlação da matéria astral do perispírito com a matéria hiperfísica do mundo astral. Ternário espírita e septenário teosófico.

*b)* Clarividência astral no espaço e no tempo. A 4.ª dimensão. Acção microscópica e telescópica do corpo astral. Erros de omissão e de interpretação dos clarividentes deficientemente instruídos e mal treinados. Luz e Arquivos Astrais, reflexos refractados dos verdadeiros Arquivos do Mundo Causal.

*c)* As formas-pensamentos, em especial as de carácter mento-emocional constituem poderosas baterias de acumuladores, podendo triunfar do espaço e do tempo, quando accionados por uma vigorosa energia volitiva e profunda afectividade. A acção dinâmica do pensamento-emoção tem um poder decisivo no progresso e evolução individuais e colectivos (egrégoras). O seu estudo e manipulação dão a chave de inúmeros fenómenos supranormais (telepatia, telestesia, desdobramento do duplo, etc.). A cultura e higiene do pensamento e da emotividade têm um papel preponderante nos mundos supraterrestres para cada alma humana desencarnada.

*d)* Habitantes do mundo astral: humanos (encarnados e desencarnados); não humanos (devas, elementais artificiais, espíritos da Natureza, etc.).

*2.ª parte* — (Particularidades):

*a)* Mecanismo da morte física, etérica, astral e mental. Visão panorâmica a seguir à morte física. Necessidade imperiosa das preces evitando tôda a explosão de dor e de revolta contra os desígnios kármicos e divinos.

*b)* Tendência, depois da morte etérica, para a formação do corpo duro astral (givanatano) organizado em camadas concêntricas de matéria astral pelo Elemental-do-Desejo. Necessidade imperiosa de evitar que a alma fique ligada ao sub-plano inferior do Mundo Astral pelos terríveis sofrimentos a que fica sujeita. Vencer por um esfôrço de vontade o estratagema do Elemental-do-Desejo.

*c)* Mecanimo e trajectória da reencarnação desde o Mundo Causal ao Mundo Terrestre. Função primordial dos *átomos germes permanentes* na formação dos novos corpos perispiritais para cada reencarnação. São os *átomos germes permanentes* que impõem uma linha de continuïdade, de vida para vida, para cada unidade-consciência.

*d)* Necessidade de cultivar na vida terrestre um Ideal de elevada espiritualidade, seguindo os luminosos ensinamentos de J. Cristo, a-fim-de a alma vencer as horríveis barreiras dos sub-planos inferiores do Mundo Astral onde, por vezes, há sofrimentos cruciantes. Subtilizar a alma pela prática da oração, do altruísmo e da fraternidade, deminuindo o pêso específico das matérias mais grosseiras astrais é o meio mais seguro para que, depurando assim o perispírito, possa a alma, pela lei de afinidade psíquica, ingressar nos mundos espirituais.

---

torna-se sócio daquêle Asilo com a cota mensal de 10$00 e faz-lhe o donativo de 300$00.

15-4-925 — Resolve-se aumentar a tiragem de *A Asa* para 650 exemplares.

15, 16, 17 e 18-5-925 — Realização do 1.º Congresso Espírita Português, no Ateneu Comercial de Lisboa, em que são apresentadas as seguintes teses: «O Bem, Religião da Humanidade», por Maria O'Neill; «O Aperfeiçoamento do Espírita», pelo capitão Augusto Maria da Silva Flores; «Solidariedade e não Caridade», «Relatório da Comissão Pro-Federação», «Porque se não deve confundir Espiritismo com Espiritualismo no sentido teosófico», por Horácio Inglês Tavares; «A Moral Espírita», por Joaquim Quintela Paixão; «Ciência Espírita e Moral Espírita», por José de Almeida Abrantes; «Reencarnação e suas bases», por José Francisco Cabrita; «Loucura Espírita ou seja obsessão» e «Espiritualismo e Espiritismo», pelo General Passaláqua; «Socialismo e Espiritismo», por António Henrique Garcia; «A Atitude da Ciência Perante o Espiritismo», pelo prof. Dr. Adolfo Sena; «O Espiritismo como Acção Social», por Fernand'Almiro; «¿Podem ser admitidos dogmas na Ciência Espírita?», pelo jornal «Ecos do Além; «A União dos Espíritas Portugueses», por Avelino da Silva Fernandes.

— Fazem-se representar 18 Centros e grupos espíritas de Lisboa, província e Ilhas Adjacentes, bem como a imprensa espírita do país.

— É nomeada uma Comissão de revisão dos estatutos da primitiva Federação. Esta comissão é composta pelos srs. Dr. António J. Freire, Maria Veleda, Horácio Inglês Tavares, José M. Pereira Bravo e Dinah Santos Lima. Os membros da *Junta Consultiva* são os srs. Dr. Adolfo Sena, Eurico de Castro Zuzarte, Alberto Zagalo Fernandes e Maria O'Neill.

12-7-925 — 4.º passeio de Confraternização ao Portinho.

26-8-925 — Entregam-se credenciais ao sr. Quintela da Paixão, a-fim-de representar o Centro no Congresso Internacional, a realizar em Paris, no próximo mês de Setembro.

*(Continua)*

# Por êsse mundo...

— A Sociedade Espirita Allan Kardec, de Pôrto Alegre, criou um Departamento de Assistência Dentária Infantil, mercê dos esforços do confrade sr. Capitão Roberto Pedro Michelena, grande propagandista do Espiritismo no Estado do Rio Grande do Sul. Esta obra de assistência social, onde serão tratados os dentes das crianças pobres, mereceu, logo de início, o carinho e a simpatia do comércio local, que, por intermédio de seus representantes, ofereceu àquela instituïção valiosos e importantes donativos.

A Sociedade Espirita Allan Kardec tem 42 anos de existência e nela funcionam, diàriamente, os seguintes departamentos: Assistência aos Necessitados, Farmácia Homeopática, Gabinete Dentário Infantil, Receituário, Biblioteca, Palestras Doutrinárias, Escolas de Médiuns e Passes.

— O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, de S. Paulo, comemorou em 27 de Junho último o 31.º aniversário, com uma festa magnífica, em que falaram os principais cooperadores dêste simpático movimento.

— A Federação Espirita do Rio Grande do Sul, Brasil, continua a realizar, aos sábados, palestras doutrinárias na Casa de Correcção, de Pôrto Alegre.

— O quinzenário *Aurora*, do Rio de Janeiro, resolvera suspender a publicação, em virtude de o seu director e velho propagandista, Inácio de Bettencourt, se encontrar em precário estado de saúde. *Aurora* conta 28 anos de existência ao serviço da causa espírita e chegou a atingir tiragens de 40 mil exemplares. Contudo, êste velho confrade acedeu aos rogos de *Mundo Espirita* no sentido de continuar a circular, como até aqui, em todos os Estados do Brasil. Congratulando-nos com esta resolução, cumprimentamos efusivamente os directores dêstes dois óptimos jornais.

— A União Federativa Espirita Paulista, inaugurou há tempos a Emissora Rádio Piratininga P R H 3, de 10 quilovátios e 620 quilociclos de freqüência. Esta emissora abriu há pouco o *Primeiro Concurso de Peças Rádio-Teatrais*. Os seus estúdios estão situados na Rua Conselheiro Crispiniano, 404, 1.º andar, S. Paulo.

— Na Universidade de Cambridge foi criada uma cadeira, destinada ao estudo dos fenómenos espiritas.

— Marinheiros e aviadores britânicos têm-se manifestado em sessões espiritas por «voz directa», com o auxílio da famosa médium Estelle Roberts. O marinheiro Ieginald Byrne, do porta-aviões «Courageous» e um oficial aviador morto num «raid» a Kiel deram provas de identidade que deixaram os jornalistas admirados.

— *The Two Worlds*, de Manchester, publicou interessante artigo de F. Dengate, em que se narra um episódio sucedido na Igreja Espiritualista de Southampton, na presença da médium Lily Hope, de Nova Zelândia. Emquanto cantavam um hino, ouviram nitidamente os acordes dum violino que acompanhava o canto. Terminado o último verso, a médium pediu que entoassem em surdina certa passagem de outro hino, a-fim-de poderem escutar com atenção. Pois o violino, magistralmente executado, foi ouvido por todos e o som parecia vir do alto da tribuna.

— *Revista Espirita do Brasil* prossegue no seu inquérito «¿Por que se tornou espirita?», no qual têm deposto eminentes vultos do Espiritismo brasileiro. Nos números relativos a Julho, Agôsto e Setembro, depuseram o prof. Ismael Gomes Braga, o Dr. Francisco Klörs Werneck e o escritor e académico Dr. Armando Gonçalves. É trabalho oportuno e de grande utilidade para a Causa.

— Desencarnou o padre Jacob Slater, que se tornou célebre pela sensasional polémica que manteve com o nosso colaborador Leopoldo Machado e de que êste saiu vencedor.

— Na Cidade de Astolfo Dutra foi comemorado o 4.º aniversário da Cabana Espirita «Abel Gomes» e lançada a idea da fundação dum asilo, para o qual, na reünião preparatória, dois confrades ofereceram donativos no valor de quinze contos brasileiros.

— Em Cachoeiro de Itapimirim, Brasil, existe o Asilo Deus, Cristo e Caridade que mantém um orfanato e um asilo para alienados. Dêstes, abriga mais de cem, não falando em centenas de crianças pobres que a desgraça atirou para o abismo. Dirige esta instituïção o confrade sr. Luiz de Oliveira, que é a perfeita encarnação da bondade.

— A Rádio Transmissora Brasileira P R E-3, do Rio de Janeiro, continua a irradiar, tôdas as quintas-feiras, magníficos programas, às 18 horas locais, no comprimento de onda de 1.180 quilociclos.

— A Liga Espirita do Brasil realizou, de 1 a 7 de Outubro último, a semana de Kardec, com as seguintes conferências, de homenagem ao Mestre: «Kardec como filósofo», pelo escritor Armando Gonçalves; «Kardec como cristão», pelo coronel Delfino Ferreira; «Kardec como cientista», pelo general Araripe de Faria; «Kardec e o Espiritismo prático», por Josué Gonçalves; «A obra de Kardec sob o aspecto geral», por Ismael Gomes Braga.

— *Mundo Espirita* publicou um belo número especial, dedicado à comemoração do aniversário do nascimento de Allan Kardec. Colaboração variada e escolhida, como é hábito dêste prestante e simpático semanário. Muitos parabéns e saüdações afectuosas ao seu director.

— A Confederação Espirita «Caminheiros do Bem», de Belém, Pará, vai promover um congresso espiritualista, para o que acaba de enviar circulares a todos aquêles que se interessem por êste assunto.

— Em 15 de Agôsto último completou 35 anos de existência o belo semanário espirita *O Clarim*, que se edita em Matão, Estado de S. Paulo, Brasil. Ao seu director e nosso confrade José da Costa Filho, as nossas saüdações fraternais.

I. D. S.

# BIBLIOGRAFIA

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

«MINHAS EXPERIÊNCIAS ESPIRITAS» pelo *Rev. Haraldur Nielsson* — Tradução do Dr. Francisco Klörs Werneck — Rio de Janeiro — 1940 — 119 páginas.

O professor de teologia da Universidade da Islândia Rev. Haraldur Nielsson, desencarnado em 1928, fêz três conferências intituladas «Minhas experiências espiritas», «A Igreja e as pesquisas psíquicas» e «O problema da morte», publicando-as depois num pequeno volume que obteve um êxito retumbante. Êsse sucesso literário não se restringiu à Dinamarca: galgou as fronteiras e hoje essa pequena-grande obra está vestida em cinco línguas: dinamarquês, alemão, francês, espanhol e português. A tradução para o nosso idioma, desta obra prima espirita, foi realmente um belo serviço prestado à Causa pelo Dr. Werneck, incansável paladino do Ideal que abraçou entusiásticamente há dez anos.

* * *

Na primeira conferência Nielsson dá-nos conta dos resultados das suas investigações psíquicas, durante 17 anos, especialmente com o médium Indridi Indridasson, possuïdor das mediunidades de efeitos físicos, voz directa e materialização. Foram esses fenómenos extraordinários, obtidos em Reykjavik, que converteram ao Espiritismo o Rev. Nielsson, assim como várias outras pessoas que assistiram às sessões, especialmente um médico renitente que, esmagado pela realidade dos fenómenos, confessou ao autor: «Podes estar certo da minha absoluta convicção de que os fenómenos são, indubitàvelmente, verdadeiros.»

Na segunda, refere-se ao grande interesse teórico e prático que o Espiritismo tem despertado nos países anglo-saxónicos, assim como na França e Itália. E ao citar o belo livro de sir Oliver Lodge, «Raymond», escreve: «O Espiritismo superior é parente próximo do Cristianismo primitivo.»

Na terceira e última conferência o pastor islandês desenvolve, com entusiasmo convincente, os seus pontos de vista sôbre o problema eterno da morte, indicando ao mesmo tempo os processos a adoptar para se chegar a compreendê-lo. Para isso alvitra três métodos: o estudo do sonambulismo, transe e letargia; a clarividência; a confabulação entre os vivos e os mortos. E afirma: «Para as gerações vindouras, a morte será o dócil Anjo da Luz, o grande Mensageiro do Pai Misericordioso.»

Finalmente, num postfácio, revidando os ataques da imprensa aos seus argumentos, desabafa: «Há treze anos que estou pronto a que se me retire a dignidade eclesiástica, se isto fôr da vontade do Govêrno da Islândia».

Tal é a obra e o autor dêste belo trabalho que acabámos de apresentar aos nossos leitores.

Pelas conclusões a que chegou e pela firme resolução de não imolar as suas convicções aos interesses inconfessáveis da sua Igreja, se a tanto o obrigassem, Haraldur Nielsson tem jús ao carinho e respeito de todos os espiritas.

Êste digno teólogo da fria Islândia foi um exemplo vivo do homem convicto que se não intimidou com a ameaça das ridículas e inermes excomunhões...

Viu no Espiritismo a Verdade, confirmou a sua crença na experiência e observação das factos e, depois disto, proclamou *urbi et orbi* a sua profissão de fé, afirmando que a Terceira Revelação em nada colide com o Cristianismo puro: antes o completa e dignifica à luz da verdadeira hermenêutica evangélica...

FENOMENOLOGIA MEDIÚNICA, pelo *Dr. Osmani Emboaba* — 3.ª edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1940.

ESTAMOS em presença duma tese de doutoramento em medicina, apresentada pelo autor na Faculdade de Medicina do Paraná, em 1938, reprovada pelo júri examinador.

Já outro candidato, o Dr. Marcondes Machado tivera a mesma sorte na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1922, quando dissertou sôbre a «Contribuïção ao Estudo da Psiquiatria».

O livro está valorizado com um prefácio do Dr. Carlos Imbassaby, que põe em foco os argumentos infantis dos cinco professores catedráticos examinadores da tese.

Às afirmações gratuitas e inconsistentes do Dr. Octávio da Silveira — um dos examinadores — a-pesar-de escudadas em Lapponi, Janet e Richet, Imbassaby impugna-as tôdas, especialmente as de Richet, com a análise dum texto do próprio Richet.

Quem já leu «*O Espiritismo à luz dos Factos*» conhece o processo como o nosso douto confrade brasileiro confunde e desmascara os detractores da nossa Causa.

A segunda parte consta dum prefácio do autor, onde êle refuta as asserções dos seus examinadores, e transcreve o artigo publicado no jornal *O Dia*, de 16-12-38, onde se resume a defesa oral da tese apresentada pelo examinando à Faculdade paranaense.

Segue-se por último o texto da dissertação, recheada de notas bibliográficas, prova de que o candidato profundou o assunto que se propôs dissertar.

Para documentar os resultados das suas investiga-

## AOS NOSSOS ASSINANTES

**Em breve, seguirão para o correio os recibos das assinaturas relativas ao 2.º ano de «Estudos Psíquicos». Rogamos o favor de lhes darem bom acolhimento, contribuindo assim para facilitar a nossa tarefa.**

# Auxílio aos necessitados

*A Comissão de Beneficência do Centro Espiritualista Luz e Amor, de fundação recente e composta pelas senhoras D. Dolores Cirera de Vendrell, D. Maria Santana Pinheiro, D. Maria Gonçalves Duarte Santos e D. Montserrat Vendrell y Cirera, conseguiu, em menos de quinze dias, angariar excelentes donativos, com os quais foram contemplados mais de duzentos pobres, conforme a seguir vai indicado.*

*O êxito desta iniciativa levou a Comissão a encarar a possibilidade de fundar uma* Sôpa dos pobres, *a qual funcionaria diàriamente, desde que houvesse cotizações que tal garantissem. Se se mitigasse a fome a dez ou doze necessitados, durante os 365 dias do ano, era um grande passo para efectivar a verdadeira solidariedade que todos devemos praticar, como obrigação de espiritas.*

*Aceitam-se, pois, incrições mensais, destinadas à manutenção da* Sôpa dos Pobres do Centro E. Luz e Amor, *a pôr em prática, logo que os fundos o permitam.*

Donativos obtidos pela Comissão de Beneficência

*Anónimo, 104$00; Domingos Duarte Belo, 10$00; Eduardo Matos, 20$00; Isidoro Duarte Santos, 15$00; Manuel Tavares Grêlo, 5$00; J. P. S., 5$00; A. M. Madeira, 10$00; Rufino A. Lopes Bragança, 5$00; João José Alves, 5$00; Capitão Castro Paiva, 5$00; Dr. José Gaita, 10$00; Dr. Dias de Sousa, 5$00; Custódio Rodrigues, 10$00; Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, 1.700$00; Frederico Pereira, 7$50; Adelino Pais Lopes, 10$00; donativos por intermédio de Eduardo Matos, 35$50; Ruderico 6$50; N. S. J. C., 5$00; António Alexandre, 2$50; D. Cristina Amorim, 5$00; Joaquim V. Meneses, 12$50; D. Deolinda da Cruz Sousa, 5$00; D. Ermelindo C. Cardoso Alves, 50$00; D. Joana Salazar, 5$00; Uma camponesa, 5$00; D. Maria M. C. Monteiro, 2$50; Artur E. Fernandes, 5$00; Grupo E. Luz e Amor, 20$00; Amadeu Alves Denis, 5$00; José Augusto Gonçalves, 5$00; D. Maria Pinheiro, 2$50; D. Irene dos Santos, 2$50; Caixa de Solidariedade do Centro Espiritualista Luz e Amor, 195$10; D. Emília Marques, 5$00; Henrique da Silva Horta, 10$00; Joaquim B. Dias, 5$00; Manuel F. Lavadinho Velez, 2$50; D. Isabel Serrano, 2$50; Pedro Vendrell, 2$50; José Antunes Aleluia, 50$00; D. Dolores Cirera, 10$00; D. Augusta de Brito Seixas, 10$00; donativo por intermédio de D. Maria Pinheiro, 7$50; José M. Segarra, 5$00; H. Rodrigues dos Santos, 1$00; Vasco Moita, 5$00; Óscar Leitão 2$50; Inácio Perez Martim, 20$00; H. J. C., 10$00; Coronel Faure da Rosa, 5$00; Tenente José Augusto Gonçalves, 5$00; Manuel de Sousa, de Silves, 5$00.* **Total** *2.469$60.*

Donativos prestados pela Comissão de Beneficência

*Ao Govêrno Civil de Lisboa, 15 senhas no valor de 375$00.*

*Aos jornais «Diário de Notícias», «Século», «República» e «Diário de Lisboa», 20 senhas a cada um no valor de 250$00.* **Total** *1.000$00.*

*Dois fatinhos de malha, oferecidos pela sr.ª D. Ana Colaço Guerreiro.*

*À Junta de Freguesia de Camões, 28 senhas, no valor de 180$00.*

*A cada uma das seguintes agremiações, 25$00.*

*Centro Espirita de Braga, Centro Espirita de Santa Judite, do Pôrto, Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro, Centro «Luz», de Coimbra, Centro Espirita de Beja, Grupo Espirita Paz Caridade e Protecção, de Faro, Centro Perdão e Caridade, de Lisboa, Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Pôrto, e Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo.* **Total** *— 225$00.*

*Pelos nossos pobres, 57 senhas, no valor de 689$60.*

*Total dos donativos prestados 2.469$60.*

*A todos os que concorreram para esta obra de solidariedade e em especial à Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, os agradecimentos da Comissão, em nome dos contemplados.*

---

ções psíquicas em centenas de médiuns, Emboaba juntou-lhe *fac-similes* de várias comunicações mediúnicas, obtidas em vários centros espiritas, que valorizam sobremaneira o seu estudo. Entre elas apresenta uma mensagem escrita em hieroglifos egípcios e outras cujas palavras foram escritas da direita para a esquerda, mas partindo do final da mensagem para o princípio, em francês, língua que o médium ignorava.

Por êste resumo, compreende-se fàcilmente o valor dêste trabalho, que revela estudo porfiado, conhecimentos profundos e sobretudo coragem estoica para afrontar os desdens dos *sábios* oficiais. Por tudo isto o autor merece-nos simpatia e louvor.

Como muito bem diz Imbassahy, «Emboaba imolou-se à verdade. Sacrificou-o o seu desassombro, e a glória de haver comparecido, com tôda a serenidade, diante dum tribunal que êle sabia, de antemão, incompetente, e que reconhecia, prèviamente, suspeito».

Quanto à apresentação gráfica, há uns senões a notar, para o autor corrigir em futuras edições. Queremo-nos referir ao emprêgo incorrecto dos sinais diacríticos, assim como a alguns deslises de ortografia, que já deviam estar expurgados nesta terceira edição. Lembremo-nos que existe um acôrdo ortográfico entre Portugal e o Brasil que deve ser respeitado tanto quanto possível pelos beletristas dos dois países irmãos.

---

Evitar o fenómeno espirita, fugir da atenção a que tem direito, é fugir da verdade.

*Victor Hugo*

# NOTICIÁRIO

## Publicações recebidas

Recebemos as seguintes publicações, com as quais gostosamente permutamos:

*Luz e Caridade*, de Braga; *Além*, do Pôrto; *Rosa Cruz*, de Leiria; *O Trabalho*, de Viseu; *A Vida Social*, de Leça do Bailio; *Pensamento*, do Pôrto e *Defêsa de Espinho*.

*Reformador*, *Mundo Espirita*, *Revista Espirita do Brasil*, *Alvorada de Uma Nova Era*, *O Clarim*, *Revista Internacional do Espiritismo*, *O Caminho*, *O Farol*, *Bahia-Espirita*, *Arauto da Fé*, *Novo Horizonte*, *Amor à Verdade*, *Reincarnação* e *Pensamento*, todos do Brasil.

*Rosendo*, de Cuba.

Bolletin de la Agrupación Estudiosa «Camilo Flammarion», de Buenos Aires.

## Transcrições

*A Reincarnação*, de Porto Alegre, transcreveu o artigo do nosso colaborador Dr. António Lôbo Vilela, intitulado «Classificação dos fenómenos supranormais». publicado no n.º 7 desta revista.

*O Trabalho* transcreveu a notícia que demos no mesmo número acêrca da desencarnação de *sir* Oliver Lodge e a nótula da nossa «Crónica Estrangeira»: «Como meu filho provou a sobrevivência» e a *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, transcreveu a nótula «O Espiritismo e a Igreja Anglicana», publicado no n.º 5 de *Estudos Psíquicos*.

A todos, os nossos agradecimentos.

## Grupo Espirita Léon Denis

Dêste Grupo Espirita, recebemos um pequeno artigo que nos é impossível inserir, em virtude da absoluta falta de espaço. É da autoria do sr. Abreu Leitão e nele se faz a história do Grupo, a que pertenceram ou pertencem ainda as seguintes pessoas: D. Maria Dolores Pereira, D. Maria José do Couto Machado, D. Micaela da Conceição Sara Denis, Amílcar Marques, António Bauman, Joaquim Moreira, Joaquim Pires dos Santos (já desencarnado) e Abreu Leitão, actual director.

Agradecemos os seus desejos de longa vida ao Centro E. Luz e Amor e fazemos votos para que aquêle grupo dê início aos trabalhos práticos na nossa sede.

## As nossas conferências

Como fôra anunciado, realizaram conferências na sede do Centro os nossos colaboradores e amigos srs. Coronel Faure da Rosa, Dr. Sebastião Elviro Martins, Dr. António J. Freire e o Presidente da Direcção, tenente Isidoro Duarte Santos, os quais versaram, respectivamente, os seguintes temas: «O Facto Espirita», «O Problema da Morte», «Alguns aspectos do mundo astral» e «O Espiritismo e a Juventude».

Lamentamos que a falta de espaço nos iniba de as relatar com o devido relêvo, mas é-nos inteiramente impossível, do que pedimos desculpa a conferentes e leitores.

## Auxílio a «Estudos Psíquicos»

| | |
|---|---|
| Transporte..... | 2.407$00 |
| F. M. G., do Rio de Janeiro ..... | 500$00 |
| do nosso assinante de Coimbra, sr. Braga Júnior ..... | 38$00 |
| do nosso assinante J. J. Matis Baptista, de Lagos ..... | 3$00 |
| do nosso assinante, Tomaz Domingues d'Oliveira, de Porto de Mós ..... | 2$00 |
| do nosso assinante, Manuel de Sousa Neves, de Calvos ..... | 5$00 |
| C. V. J. ..... | 200$00 |
| | 3.135$00 |

## Caixa de Propaganda

| | |
|---|---|
| Transporte..... | 412$90 |
| D. Emília Marques ..... | 5$00 |
| | 417$90 |

## Subscrição pró-sede

| | |
|---|---|
| Transporte..... | 3.722$60 |
| António Joaquim Gomes, de Cabaços ..... | 50$00 |
| | 3.772$60 |

## Programa dos trabalhos do Centro a realizar em Janeiro e Fevereiro, na Rua do Salitre, 149, 1.º

Dia 4 de Jan.º às 21.30 — Palestra.

Dia 5 de Jan.º às 21.30 — Sessão experimental geral.

Dia 12 de Jan.º às 15.30 — Conferência pelo Dr. Fred, intitulada «Origem e evolução dos planetas. Como se exerce a vida no mundo e no homem».

Dia 18 de Jan.º às 21.30 — Palestra.

Dia 19 de Jan.º às 21.30 — Sessão experimental geral.

Dia 26 de Jan.º às 15.30 — Conferência pelo sr. J. Vendrell, intitulada «O Espiritismo perante a Ciência e a Filosofia.

Dia 1 de Fev.º às 21.30 — Palestra.

Dia 2 de Fev.º às 21.30 — Sessão experimental geral.

Dia 9 de Fev.º às 15.30 — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Alguns aspectos do Espiritismo Experimental».

Dia 15 de Fev.º às 21.30 — Palestra.

Dia 16 de Fev.º às 21.30 — Sessão experimental geral.

Dia 23 de Fev.º às 15.30 — Conferência pelo Dr. Sebastião Elviro Martins, intitulada «A Reencarnação».